This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAP 4719.4

Harvard College Library

FROM

Lewis Hanke

ud
27-31

REVISTA

DO

Instituto Geographico

E

HISTORICO DA BAHIA

EM 1901

ANNO VIII N. 27

VOL VIII

PRIMEIRA PARTE

BAHIA

1901

REVISTA

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

DEZEMBRO DE 1901

ANNO VIII VOL. VIII N. 27

BAHIA
Typ. Encadernação—Empreza Editora
RUA CONS. SARAIVA — N. 38

1901

SAP 4719.4

HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
LEWIS HANKE
OCT 31 1938

REVISTA
DO
Instituto Geographico e Historico
DA BAHIA

Anno VIII Dezembro de 1901 Num. 27

O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL (*)

I

Não é novo, antes, pelo contrario muito frequentemente debatido é o objecto do presente estudo. Sobra-lhe, porém, interesse historico, exalça-o notavelmente o valor que assume na geographia nacional e, sobretudo, o recommenda a attenção sympathica que sempre logrou despertar no nosso meio litterario.

Encarando-o agóra por uma face nova, outro não é o nosso intuito, aliás despretencioso e modesto, que não o de methodisar, ou submetter a regras esse estudo linguistico que por ahi anda ao belprazer das phantasias de uns e ao desazo dos que menos familiarisados com a lingua dos primitivos habitadores desta terra a deturpam e desfeiam,

(*) Extr. da Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, pelo nosso illustrado consocio Dr. Theodoro Sampaio.

attribuindo-lhe aos vocabulos sentido e significados absurdos ou procurando interpretar aquelles já adulterados ou assimilados pela dicção vulgar por processos extranhos ás leis gottologicas que regem a materia.

Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outr'ora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifraveis.

Portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

Sim, porque si a geographia póde passar intangivel por um nome fossilisado ou cruelmente adulterado pelo correr dos annos, com a Historia já não succederá o mesmo sem damno sensivel para a perfeita comprehensão dos successos com que ella evoca as éras passadas.

Já ninguem desconhece o valor da philologia nos estudos historicos, a qual, como é sabido, explicou

as migrações dos povos, anteriores a qualquer tradição oral ou escripta.

Simples vocabulos, diz Cezar Cantú, revelam ou confirmam, ás vezes, uma circumstancia importante da Historia.

Carlos von Martius, na sua dissertação sobre «como se deve escrever a Historia do Brazil», considera a lingua dos *indios* como documento mais geral e mais significativo, e accrescenta:

«Pesquizas nesta actualmente tão pouco cultivada esphera não podem jámais ser sufficientemente recommendadas, e tanto mais que as linguas americanas não cessam de achar-se continuamente em uma séria *fusão*, de sorte que algumas dellas em breve estarão inteiramente extinctas». (*)

Quando isso não bastasse; quem é que viajando a nossa terra se não tomará de curiosidade a mais justificada e não indagará pelo significado de tantos nomes barbaros applicados aos logares, ás regiões que vae atravessando?

Quem de nós não terá, por vezes, inquirido pelo significado de tantos nomes extranhos, cuja pronunciação já corre adulterada e cujo sentido já ninguem comprehende?

E são, todavia, vocabulos doces e sonoros, longos muitas vezes, excellentes em geral como designação de logares, mas que muito perdem do seu valor por se não saber o que exprimem, o que recordam, o que nos revelam do sentir e do genio do povo primitivo que nol-os legou.

E como na America esta triste verdade se assignalou tão breve?

(*) Carlos von Martius—Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, vol. 6º, pag. 389.

No Brazil nem sequer a lingua do gentio desappareceu totalmente. Nos seus vastissimos sertões ainda vagam numerosos os representantes das nações selvagens que, outr'ora, os possuiram.

As vozes tupis se escutam ainda hoje nas margens do Amazonas, como nos campos do Paraguay e do Paraná. Mas, o esquecimento dessa lingua, que os cultores de outr'ora acharam tão rica e tão bella, lavra intenso no seio da moderna e culta sociedade que lhe desconhece o valor e atira para o ról das coisas enigmaticas e incomprehensiveis os nomes com que designa as cidades opulentas em que ora vive e prospéra.

Comtudo, nesse diluvio de esquecimento, alguns espiritos de eleição se ergueram com os seus trabalhos litterarios, pondo em contribuição os thesouros de poesia e de inspiração que se encerram nos costumes e nas scenas pittorescas da vida selvagem. Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar, cultores do *americanismo* na litteratura nacional, logram despertar entre os seus contemporaneos o gosto pelos estudos relativos á raça indigena.

Mas, si com o exemplo delles, os escriptos de Anchieta, Luiz Figueira, Montoya e Restivo lograram reviver aos esforços de abalisados cultores como Couto de Magalhães, Baptista Caetano, Barbosa Rodrigues e Mendes de Almeida, todavia o gosto por estudos deste genero se não generalisou ou tão largamente se não diffundiu que viesse a reclamar dos competentes a creação de escolas onde se aprendesse a lingua dos aborigenes, ou cursos especiaes onde se preparassem os que, para taes estudos, mostrassem predilecção.

Estudos, porém, systematicamente guiados para o fim de extirpar o vocabulario geographico de pro-

cedencia tupi, poucos cultores têm tido, bem que não raros o tenham tentado.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão foi, ao que nos consta, o primeiro a encetar taes estudos, mas fel-o tão incompletamente e sem aquella indispensavel e criteriosa analyse que a materia requeria, que as suas *Etymologias Brazileiras*, publicadas no volume 8.º da Revista do Instituto Historico, não têm outro merito que o de uma obra de iniciação.

Antes delle alguns chronistas e viajantes tentaram parcial ou isoladamente o mesmo assumpto, mas, no geral, sem resultado apreciavel. O padre Simão de Vasconcellos dá-nos, na sua Chronica da Companhia de Jesus, taes interpretações de vocabulos tupis que se chega a duvidar dos conhecimentos linguisticos do celebre jesuita.

O Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, como se verifica do seu «Diario de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790», é um dos viajantes que, com mais interesse e competencia, tractou desta materia. As suas etymologias brazileiras, constantes das notas do citado «Diario», são tão numerosas e interessantes que bem se póde consideral-o um precursor nestes estudos.

O trabalho de frei Francisco dos Prazeres si, de facto, não é tão copioso e exacto nas interpretações como o objecto comportava, é, comtudo, o unico systematisado e tal que, como diz o seu auctor: «. . .não deixará de ser de alguma utilidade, ou porque dará principio a uma obra nova, ou porque alguma coisa accrescentará a essa obra, talvez já principiada.» Tal era a importancia por elle ligada ao objecto que não só se suppunha precedido como achava que a obra por outrem emprehendida devia

ser de vulto, isto é, em *ponto grande* para usar das suas proprias palavras. O certo, porém, é que, do ponto de vista de um estudo methodico e systematisado, frei Francisco dos Prazeres Maranhão não teve predecessor como bem poucos foram os seus continuadores.

O Dr. Francisco Freire Allemão, em uma *Memoria*, publicada na Revista do Instituto Historico (tomo 45, pag. 351) em 1850, tractou do assumpto sob o titulo: «Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral brasiliana», mas, como o proprio titulo o manifesta, o seu trabalho não passava de uma investigação sem nenhum caracter de generalisação, e sem methodo, embora exhibindo erudição e conhecimento da materia.

Braz da Costa Rubim seguiu-lhe os passos com processo identico e identico resultado, como se verifica do mesmo volume da citada Revista.

O senador Candido Mendes de Almeida occupou-se da materia exhibindo criterio seguro, vasta erudição e notavel penetração nos poucos estudos que publicou sob o titulo — *Notas sobre a historia patria*, na já citada Revista. O seu irmão, o Dr. João Mendes de Almeida, era outro dedicadissimo cultor do *brazilianismo*, si assim podemos designar a materia do presente escripto, e consta mesmo que deixou a respeito obra inedita de copioso cabedal.

O general Couto de Magalhães tinha a peito e em muita conta os estudos deste genero. Varias publicações fez explicando o significado de muitas denominações geographicas de procedencia tupi, e mais recentemente, numa das ultimas sessões do Instituto Historico a que assistira, e quando apresentou o seu plano commemorativo do quarto centenario do descobrimento do Brazil, indicou, como

dos mais importantes assumptos e dos mais adequados para essa commemoração, o estudo das etymologias brazilicas, isto é, do *brazilianismo*, feito em collaboração com alguns cultores da lingua tupi que o fallecido general indicaria ou convidaria opportunamente.

Ricardo Burton, annotando a traducção da obra de Hans Staden, em 1874, enriqueceu esse livro com abundantes e preciosissimos estudos sobre os vocabulos indigenas referidos na sobredita obra.

O Dr. Frederico Hart, tão cedo roubado ás investigações scientificas de que fizera theatro predilecto o nosso Brazil, enriqueceu tambem a litteratura do *brazilianismo* com as mais eruditas e criteriosas interpretações ou contribuições.

Baptista Caetano de Almeida Nogueira, nas suas annotações á *Narrativa epistolar de Fernão Cardim*; Barbosa Rodrigues, nos seus varios escriptos sobre a lingua do gentio, são dois cultores do *brazilianismo* que se recommendam pela sua erudição, senso critico e especial criterio nas interpretações.

O trabalho, porém, de maior monta que até aqui se ha publicado sobre este objecto é, incontestavelmente, o do Dr. Carlos von Martius, trabalho publicado em annexo no *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Era o Dr. Martius, a quem tanto deve a botanica brazileira, mui versado na lingua tupi, tinha muito viajado o nosso paiz, possuia vasta erudição scientifica e os melhores elementos para um trabalho de vulto nesta questão da origem e interpretação dos vocabulos tupis usados na geographia nacional. Infelizmente não lhe pôde o illustre sabio dar o preciso desenvolvimento, nem aprofundar as suas investigações como era mister, lendo as chronicas, as relações antigas de viagem, isto é, consul-

tando o elemento historico para descobrir a verdadeira graphia primitiva dos vocabulos, muitos dos quaes, sem isso, jámais seriam explicaveis ou traduziveis no ponto de vista etymologico.

Comtudo, procuramos sempre no presente trabalho seguir os passos do naturalista bavaro. Mas, seguindo-o tão de perto quanto possivel no que respeita ao exame etymologico, preferimos o processo critico de Freire Allemão, reconhecendo primeiro a identidade do vocabulo, discutindo as suas alterações subsequentes antes de traduzil-o ou dar-lhe o respectivo significado.

Fiz, por isso, preceder o trabalho propriamente interpretativo e etymologico de uma rapida apreciação sobre o caracter da lingua tupi, a sua extensão na America, e especialmente no Brazil, as suas alterações sob a influencia do portuguez, analysando ao mesmo tempo o processo segundo o qual se deram as ditas alterações na phonetica dessa lingua.

Não presumo com isso dar a ultima palavra na questão. Mas acredito ter adiantado alguma coisa, firmando alguns principios que, no futuro, hão de servir a outros e melhores investigadores, e eliminando umas tantas obscuridades que affectam a graphia e, portanto, o significado ou sentido de não poucos vocabulos indigenas com applicação á nossa geographia. Terei, entretanto, levantado uma ponta desse véo de esquecimento que pesa sobre a memoria do povo desapparecido a quem succedemos no dominio desta terra, cujas vozes barbaras, na sua lenta e secular fossillisação, perdida a primitiva e original estructura, já não têm sentido nem expressão, designando as prosperas cidades dos novos dominadores.

II

Da expansão da lingua tupi e do seu predominio na geographia nacional

A vasta superficie que, por um exame geographico do nosso paiz, se reconhece ter sido avassallada pelo *tupi*, não póde, de modo algum, ser attribuida á força de expansão, propria da raça primitiva, que dominava no littoral e em grande parte do interior ao tempo do descobrimento pelos portuguezes.

Vastissima, na verdade, era a região por onde dominou a *lingua tupi* no novo continente; no Brazil, porém, deve-se á sua mais notavel expansão aos proprios conquistadores europeus, ás numerosas expedições ou *bandeiras* que penetraram nos sertões para descerem escravos indios, e para a pesquiza do ouro; deve-se principalmente á catechese que tornou *geral* esse idioma barbaro e o cultivou.

Occupavam, com effeito, os povos da raça tupi o littoral quasi todo, por cerca de seiscentas leguas, donde haviam expellido outros povos, sem duvida conquistadores antes d'elles, e que por sua vez tiveram de ceder diante de forças mais numerosas e aguerridas; dominavam ainda o valle do Paraná-Paraguay na sua média zona, onde se limitavam com outras nações de procedencia andina e lançavam colonias através dos valles do Araguaya, Tapajós e Madeira, alcançando o Amazonas cujo curso disputavam e partilhavam com outros povos desde a foz até grande extensão em direcção ás cabeceiras, e ainda para além das Guyanas, no valle do Orinoco, e nas Antilhas, entre os *carahibas*, se encontravam representantes delles.

Nas chapadas centraes, nas regiões de sólo mais ingrato, nos grandes valles interiores menos accessiveis quedavam-se como encurralados os povos da raça vencida que os *tupis* denominavam commummente *tapuyas*, equivalente a *barbaro* ou *extrangeiro*, como vieram a chamar *tapuytinga*, ao europeu e *tapuyuna* ao africano.

Ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados que realisaram as conquistas dos sertões é que se deve a maior expansão do *tupi* como *lingua* geral dentro das raias actuaes do Brazil. As levas que partiam do littoral a fazerem descobrimentos fallavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os proprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colonias espalhadas nos sertões, fallando tambem o tupi e encarregando-se naturalmente de fundil-o.

O portuguez era, sim, a lingua official, como ainda hoje o hespanhol no Paraguay, a lingua do commercio nos portos do littoral, nas cidades e villas de mais importancia, e no seio das familias propriamente portuguezas, mas ainda ahi apparecia o tupi, fallado pelos famulos quasi todos indios ou de descendencia india.

Nos povoados mais apartados, a catechese, iniciada e desenvolvida pelos jesuitas, ia dando á lingua barbara os fóros de um vehiculo civilisador. Fallavam os padres a lingua dos aborigenes, escreviam-lhe a grammatica e vocabulario e ensinavam e prégavam nesse idioma Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cunhatains*, filhos dos indios, mestiços ou brancos, ensinavam de ordinario o portuguez e o tupi, preparando deste modo os

primeiros catechumenos, os mais idoneos, para levarem a conversão ao lar paterno.

Até o começo do seculo XVIII a proporção entre as duas linguas falladas na colonia era mais ou menos de tres para um, do tupi para o portuguez. Em algumas capitanias como em S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, onde a catechese mais influiu, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras fallava-se entre os homens do campo a *lingua geral* até o fim do seculo XVIII. No Amazonas e no Pará ainda é commum o tupi no seio da população civilisada dos *tapuyas*, como vulgarmente ahi se appellidam os indios.

Mas, naquelles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se succediam com a obstinação das coisas fataes e irresistiveis, o tupi era devéras a lingua dominante, a lingua da colonia.

Todos a fallavam ou a comprehendiam. Parecia mesmo haver certa predilecção por ella. (*)

Saudavam-se no tupi, dizendo: *Enecoêma*, que quer dizer *bom dia*, a que respondia o interlocutor, repetindo a mesma saudação, ou dizendo simplesmente:—*Yauê*.

Ao toque da Ave Maria, o christão da America erguia-se persignando: *Santa Curuçá rangaua recê*, que quer dizer: *pelo signal da Santa Cruz* e repetia na sua lingua a oração da tarde.

(*) O Padre Antonio Vieira em 1694 escrevia: "E' certo que as familias dos portuguezes e indios em São Paulo, estão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas familias se fala é a dos indios e a portugueza a vão os meninos aprender á escola; ..." (Obras Varias, I, 249).

Adoptavam os proprios portuguezes os usos e até o fallar brazilico, preferindo as expressões tupis aos dizeres da propria lingua, em que, aliás, não faltavam vocabulos e locuções egualmente expressivas e adequadas.

Appellidavam-se muitas vezes pelo tupi (*); e tinham cantares e folguedos nesta lingua, ou num mixto comprehensivel do portuguez e do indio. A conhecida canção popular *Carangueijo andou uatá* vem desde este tempo.

Alteravam-se ao contacto dessa lingua barbara a prosodia como a sintaxe portugueza. Desappareceram as vogaes mudas ou breves e prevaleceram as graves e agudas. Os verbos tupis modelaram-se pelos do portuguez, incorporando-se em grande numero neste ultimo, como incorporaram-se os nomes de plantas, animaes, fructas e objectos de uso domestico.

Fazia-se a conquista tendo por vehiculo a propria lingua dos vencidos, que era a lingua da multidão.

As *bandeiras* quasi que só fallavam o tupi. E si por toda a parte onde penetravam estendiam os dominios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a lingua, a qual só mais tarde se introduzia com o progresso da administração, com o commercio e os melhoramentos.

Recebiam então um nome tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jámais tivesse habitado uma tribu de raça tupi. E assim é que no planalto central,

(*) Pela época da independencia voltou o uso dos nomes e appellidos de procedencia tupi. Muito conhecidos se tornaram depois os de Francisco Gê Acayaba de Montezuma, Dendê Bus, Sucupira, Japyassú, Tupinambá, Jaguaripe, Jucá, Piragibe, Cuim Atuá, Pitanga e tantos outros.

onde dominam povos de outras raças, as denominações dos valles, rios e montanhas e até das povoações são pela mór parte da *lingua geral*.

Bem poucos, na verdade, são os nomes de procedencia tapuya, conservados na Geographia Nacional, e estes mesmos nas regiões centraes onde a catechese jámais penetrou, ou se iniciou muito tarde por motivos particulares que atrazaram a conquista.

Tomando-se uma carta do paiz e examinando-a quanto ao que diz respeito ás denominações geographicas, reconhece-se para logo o predominio do tupi em toda a região littoral; nota-se que elle penetra fundo nos sertões pelo valle dos grandes rios, onde se tornou facil o accesso do lado do mar; nota-se mais que elle assignala através dos divisores das grandes bacias fluviaes o trajecto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores; reconhece-se tambem que elle persiste como vestigio indelevel da catechese, onde quer que, ou isoladamente ou seguindo uma sério de estações intermediarias, penetrou o christianismo pelo trabalho apostolico dos missionarios.

Consideremos, por exemplo, essa parte do Brazil entre o rio de S. Francisco e o Maranhão. Notamos logo no littoral e nos valles mais accessiveis e ferteis os nomes tupís em grande numero, ao lado de alguns nomes portuguezes designando os logares e os varios accidentes topographicos; no interior, porém, as denominações *tapuyas* prevalecem, designando as aguadas, e as feições mais salientes da região. As montanhas e as chapadas se designam em grande extensão pelo nome *Cariry*, do povo mais numeroso que outr'ora as possuiu. Os rios do interior, que não alcançam directamente o mar, donde lhes podia vir a denominação tupi, prevalecente

no littoral, têm nomes tapuyas: *Moxotó*, *Ororobá*, *Chocó*, em Pernambuco; *Piancó*, *Gurunhem*, *Catolé*, na Parahyba; *Mossoró*, *Seridó*, *Caycó*, no Rio Grande do Norte; *Quixeramobim*, *Quixadá*, *Quixelô*, *Quixossô*, *Quinquilerê*, no Ceará; *Jaicós*, *Gurgueia*, *Longá*, no Piauhy.

Nesta região, cujo interior reveste um aspecto mais aspero e as seccas periodicas tornam o viver incerto e atormentado, as levas dos conquistadores atravessam sem encontrar algures o que as retenha, sem descobrir uma mina cuja riqueza determine ou justifique um estabelecimento permanente, ou um sólo fertil tentando a cobiça dos aventureiros. Elles passam sem intenção de ficar.

Só o gentio adaptado ahi permanece como que protegido pela propria inclemencia do sólo.

O tupi ahi não penetra como não penetra o portuguez senão depois que o gado invadindo as catingas áridas e entranhando-se no deserto abriu as veredas e guiou o vaqueiro até as varzeas onde se assentaram as primeiras fazendas. O gentio, sem grande resistencia, submetteu-se então, e assim se explica como alguns vestigios da sua lingua perduraram nas denominações dos logares, recordando a raça dos vencidos.

Desça-se, porém, das chapadas áridas e assoladas pela secca, e procure-se mais além ou o curso do Parnahyba a Oéste, ou do S. Francisco mais ao Sul e, para logo, apparecem de novo os nomes tupis designando os accidentes geographicos.

Transpondo o S. Francisco em direcção ao Sul, penetra-se de novo numa região ingrata pela inclemencia do céo, e vae-se atravessando a bacia elevada do Vasa-Barris, antes de ganhar os trechos esparsos e mais deprimidos das chapadas bahianas que, de-

pois do salto de Paulo Affonso, depois de Canudos e de Monte Santo, levam á Itiuba, ao Tombador e ao Assuruá. Ahi, nesse trecho do patrio territorio, aliás dos mais ingratos, onde outr'ora se refugiaram os perseguidos destroços dos Orizes, Procás e Carirys, de novo apparecem, designando os logares, os nomes barbaros de procedencia *tapuya* que nem o portuguez, nem o tupi logrou supplantar. Lêm-se então no mappa da região com a mesma frequencia dos accidentes topographicos os nomes como *Pambú*, *Patamoté*, *Uaua*, *Bendegó*; *Cumbe*, *Massacará*, *Cocorobó*, *Geremoabo*, *Tragagó*, *Canché*, *Chorrochó*, *Quincuncá*, *Cochó*, *Centocé*, *Assuruá*, *Chique-Chique*, *Jequié*, *Sincorá*, *Catulé* ou *Catolé*, *Orobó*, *Mocugê* e outros, egualmente barbaros e extranhos.

Mais para o Sul, penetrando já na região mineira, entre a zona littoral e a Serra do Espinhaço, que foi o paiz dos botocudos, dos purys e de numerosas tribus *tapuyas*, já a raridade dos nomes selvagens na geographia local resalta logo. Prevalecem denominações portuguezas entre alguns nomes tupis. Difficilmente se encontrará ahi um nome *tapuya*, *botucudo*, *pury* ou *camacan*, designando um monte, um rio ou um povoado. *Jequitinhonha*, *Chopotó*, *Pujichá*, *Norek* são bem poucos vestigios da lingua dos primitivos dominadores acaso salvos do diluvio tupi ou portuguez que o bandeirante ou missionario estendeu por toda a parte.

Levando a pesquiza para as regiões do Sul, e do centro, na larga superficie pela mór parte deserta, como na mais densamente povoada, observa-se logo que o tupi é a lingua dominante na geographia. Em Minas Geraes o portuguez leva vantagem ao tupi.

No Rio de Janeiro as duas linguas se equilibram.

Em S. Paulo o predominio do tupi é quasi com-

pleto, notando-se o mesmo do Paraná para o sul até o Rio Grande, e para o centro, em direcção ao valle do Paraguay.

Rarissimas são as denominações tapuyas perdidas na grande torrente tupi-portugueza que alastrou por toda a parte. Os nomes *Chopin*, *Chapecó*, *Chancherê*, *Goyó*, *Coprè*, na região dos Coroados, dentre o Iguassú e o Uruguay; *Nioak* e alguns poucos entre os Guaycurús de Matto-Grosso; e os nomes dos rios da bacia superior do Amazonas, eis tudo o que se salvou das linguas barbaras dos tapuyas diante da invasão tupi impulsionada pelos portuguezes. Eis porque para o objecto que nos occupa não é mister discriminar as regiões que serviram de *habitat* a cada raça selvagem; basta reconhecer no tupi generalisado na geographia nacional o effeito da influencia civilisadora dos europeus.

THEODORO SAMPAIO.

Riqueza mineral do Estado da Bahia

Phenomenos geologicos e mineralogicos, especialmente na zona de Santo Amaro (*)

O *Jornal do Commercio*, o orgão mais importante sul-americano, tratou por vezes da grande riqueza mineral de Minas-Geraes, dando a esse Estado a primazia da riqueza mineral do Brazil.

Pois bem; muitos annos de estudos que fiz nas diversas zonas dos terrenos, julgados metalliferos, do Estado da Bahia em milhares de amostras de rochas, cascalhos, terras, areias e argillas, que possuo, resultados das minhas pesquizas no sul, no norte e no centro do Estado da Bahia, auctorisam-me a asseverar que a riqueza mineral da Bahia em nada é inferior á de Minas-Geraes; pelo contrario, a Bahia possue até alguns mineraes que não existem em outra qualquer parte do mundo, nem em Minas Geraes, além de diversos, mui interessantes e raros phenomenos geologicos e mineralogicos, que pertencem exclusivamente ao Estado da Bahia.

Os minerios são os seguintes:

1.º As celebres areias monazitiferas do Prado, concedidas ao Sr. Gordon, por tempo indeterminado, e cuja posse pertencia ao Estado da Bahia.

2.º Os famosos carbonatos, pedras pretas crysta-

(*) Este trabalho foi lido na sessão do *Instituto* do dia 10 de Março.

lisadas, com superior valor dos diamantes, um verdadeiro monopolio.

3.º Uma terra branca, polurenta, com descommunal peso especifico, sem cheiro, sem gosto, misturada com crystaes brancos, opacos, parecendo pertencer, pela côr e crystalisação, á familia dos «Albites», mas, devido ao seu extraordinario peso prova que é um novo metal desconhecido.

4.º Phenomenos geologicos e mineralogicos.

a) Existe no Museu do Rio de Janeiro o celebre «Bendegó», celebre meteoro, descoberto em 1784, pelo Sr. Domingos da Motta Botelho, proprietario da fazenda «Anastacio», distante cerca de 6 leguas de Monte Santo, no riacho denominado Bendegó: os naturalistas Spix e Martius examinaram esse meteoro, em 18 de Março de 1817, declarando que o peso era 17.300 libras allemães, e levaram para o museu da cidade de Munchen diversos pedaços grandes.

b) Acha-se no museu de Lisboa uma grande e volumosa pedra, que parecia ser ouro, mas, examinada, foi reconhecida ser cobre metallico nativo. Esta pedra foi descoberta em um pequeno riacho, no sitio denominado Mamocabo, pertencentes essas terras hoje ao Sr. Major Olympio Barretto; a pedra teve um peso de 304 kilos e foi remettida para o Reino pelo então juiz de direito da Cachoeira, o Dr. Manuel Silva Pereira, em 12 de Julho de 1799.

Muitas pesquizas, feitas no logar da descoberta, não deram indicios da existencia de minas de cobre, e provavelmente foi um meteorite.

c) Possuo no meu museu um curioso aerolito, que representa uma grande massa de ferro compacto, crystalino, com 150 kilos de peso, 0,^{m}68 de

altura, e 0,^{m}54 de diametro, cheio de erósões e pequenas cavidades, parecendo com escorias de ferro, e parece certo que o mineral é de origem da formação cosmica.

d) Columnas de ferro hydratadas.

Ao longo da costa da cidade do Prado, até a povoação «Pixame», existe um mui interessante phenomeno mineralogico, que espanta o viajor intelligente e bom observador, vendo levantadas, em alguns logares da costa, enormes massas de ferro carbonatado e hydratado, crystalisado, e com aspecto, mais ou menos, de columnas ou guardas, talvez para defender as enormes e ricas terras monazitiferas: parece que o levantamento das tres columnas, em pontos determinados, no começo, no centro e no fim da zona mineralogica, foi originado por mysteriosas, e por nós desconhecidas, manipulações do interior do globo terrestre, que teve o capricho de collocar o primeiro colosso no logar chamado «Tapemirim», onde começa, espalhada á flor das terras da praia, immensa camada de areias brancas, amarellas e pretas, misturadas; estendem-se até o rio de «Ouro», onde existe o segundo colosso, e deste ponto em diante começam os depositos riquissimos das minas de areias amarellas, onde se extrahem, com grande facilidade e rapidez, as areias, durante as horas da vasante, depositadas quasi na flor da terra, nas fraldas dos barreiros proximos, que têm, nestes pontos privilegiados, pouca altura; essa rica zona prolonga-se até a povoação de Curumuchatiba, deposito geral das areias extrahidas, e nos riachos Peixe Grande e Peixe Pequeno começam em grande extensão os mesmos depositos de areias amarellas, misturadas com brancas de Tapemirim, e perto do ponto «Pixame» existe o terceiro colosso. Esses enormes e possantes depositos de ferro vedam, nas

enchentes das marés, o unico transito para Santa Cruz e Porto-Seguro.

e) Crystaes.

E' digno de mencionar um curioso phenomeno, que se observa perto da cidade de «Caetité», onde uma grande zona da estrada geral é lastrada de grandes crystaes brancos, chrisolitos, aguas marinhas, triphanas e principalmente amethistas.

f) Aguas thermaes.

Têm grande valor therapeutico as celebres aguas thermaes do Sipó, perto da Villa do Soure descobertas em 1836, e opinam geralmente que as aguas, convenientemente applicadas prestam importantes serviços aos doentes, garantindo-se o seu valor therapeutico igual ás afamadas aguas de Carlsbad.

g) Lagôa Branca. (*)

Devo á gentileza d'um intelligente e distincto cavalheiro os seguintes apontamentos sobre a existencia de uma curiosa e encantada lagôa, denominada «Lagôa Secca», de fórma oval, cercada por pequenos morros de pouca altura, medindo cerca de 6 kilometros, cujas aguas são brancas, côr de leite, e da mesma côr são os peixes, as argillas e as terras visinhas; as aguas não são calcareas e nas terras e morros visinhos não existem rochas ou terras calcareas; nove kilometros distantes da primeira lagôa, existe uma segunda, denominada «Gonzaga», nas mesmas condições.

As aguas não são nocivas, e ignora-se a nascente e o esgoto dellas, provavelmente devido a olhos de agua existentes no fundo da lagôa.

O terreno é geralmente de «taboleiros». Convinha examinar as aguas das duas lagôas, que talvez possuam alguma utilidade therapeutica ou industrial.

(*) A lagôa Branca dista da cidade do Inhambupe cerca de 4 kilometros.

Historia e origem das argillas

E' geralmente conhecido que a definição exacta e completa das argillas são rochas moveis, compostas de particulas microspicas, mecanicamente misturadas, cujo volume se reduz, em muitos casos, ao das moleculas chimicas de que se compõem, e os principaes elementos são subhydrato de silica e alumina, silicatos de alumina, mais ou menos hydratádos, e algumas vezes hydrato de ferro e subhydrato de magnesia; são portanto a silica, a alumina, o ferro e a magnesia os principaes elementos que entram na composição das argillas, de combinação com a agua.

Refiro-me ás argillas européas que contêm tambem cal, ao contrario das argillas brazileiras que têm muito ferro, ora como oxydo, ora como hydrato, e consta que até hoje ninguem fez ainda estudos e analyses sobre a argilla brazileira.

E' difficilimo explicar a verdadeira origem das argillas, mas muitos geologos affirmam que a origem das mesmas é devida á terra vegetal: o geologo André Deluc conjecturou que as argillas se poderiam ter formado de fluidos elasticos, escapados do seio da terra e condensados depois, por effeito de combinações chimicas; e, por falta de melhor idéa, geologos modernos acceitam a trituração das rochas pelas aguas, o que é pouco verosimil, pois o movimento das aguas diminue as formações da argilla, visto que as dissolve e separa em suas diversas partes, segundo o peso que estas têm, e as areias no Brazil se destacam e produzem-se, como as proprias argillas, da vegetação.

As argillas vermelhas escuras, denominadas «Mas-

sapé», contêm 30 a 40 °/₀ de ferro, com o sal de bôa qualidade, e, auxiliado por agua salgada, produz um effeito hydraulico superior e mais rapido nos seus effeitos do que os cimentos artificiaes.

Empreguei essa liga, com o melhor successo possivel, nas grandes obras da rua da Montanha, na construcção das duas ruas novas na Praça do Ouro e do longo caes até ao pharol, na povoação da Barra.

O tauà e os massapés

Um surprehendente phenomeno apresentam as maravilhosas terras de Santo Amaro, que uns chamam argilla cretacea, e outros dizem — Tauá e Massapê; terras mysteriosas e nunca estudadas, que possuem elementos desconhecidos e tão poderosos que, ha mais de 400 annos, fornecem aos lavradores grandes e ricas safras, sem necessitar o arado e o humus europeu, e é de suppôr que a grande e constante fertilidade dessas extraordinarias terras é devida a desconhecidas, e por nós incomprehensiveis, manipulações dos fluidos athmosphericos.

Ainda não houve engenheiro ou geologo que soubesse explicar os reaes elementos destas terras, e a causa da maravilhosa drenagem subterranea que existe e o modo da collocação da mesma.

Não ha no mundo inteiro terras tão maravilhosas e tão mysteriosas nos seus elementos.

Exame das terras

Disse no livro que publiquei ultimamente, sobre a geologia e a mineralogia, e especialmente sobre as maravilhosas terras da zona de Santo Amaro, que

pretendia estudar o curioso e raro phenomeno dos terrenos, que, ha mais de 400 annos, produzem, sem auxilio de adubos e de correctivos, a preciosa canna de assucar. Hoje posso confirmar que esse phenomeno estende-se tambem á zona de São Francisco da Barra de Sergipe do Conde, que em parte percorri nas duas freguezias de São Gonçalo e Monte.

Ahi pude fazer algumas analyses qualitativas de terras e rochas dos engenhos Gurgaia, Santa Cruz, Vera Cruz e Engenho Novo, e por ellas, e pelo que consegui observar, posso dizer que a formação geologica das rochas da maior parte desta grande zona agricola é, na camada superior, a terra, denominada vulgarmente «massapê», producto da decomposição do «Tauá», proveniente de fragmentos de lages de um chisto argilloso, rocha molle e quebradiça, de côr cinzento-claro, composto de diversos elementos, e tem propriedades particulares, dignas de serem estudadas com muito cuidado.

Encontrei no engenho Gurgaia, em um morro de cerca de 250.00 m. de altura acima do nivel do mar, uma mina de ferro oligista, carbonatada, que mede 45.00 m. de altura, cerca de 70.00 m. de largura e cerca de 120.00 m. de comprimento, com blocos de ferro, contendo manganez, e ferro oligista, especular e compacto, de facil exploração, por se achar o mineral, aberto no cume do morro, visivel a olho nú.

As terras visinhas do morro são argillas silicosas, ferriferas, onde nascem diversas vertentes de aguas ferrogiferas, que se dirigem para o rio de Joannes, que ahi perto tem a sua nascente.

Todos os terrenos desta grande propriedade são compostos da melhor qualidade de argilla vermelho-hydraulica, denominada «massapê».

No Engenho Novo encontrei uma rocha estratificada, aberta, devido a grandes desmôronamentos, composta, em toda sua extensão e altura, de enormes depositos de chistos silicosos da formação terceira, de côr cinzento-claro, e em grande parte, na flor da terra, em completa decomposição, reduzida a terra vegetal em humus ou «Tauá», que se transforma, por sua vez, em materia argillosa.

A estructura do morro, que tem quasi 160 metros de altura e cerca de 80.00 m. de largura, é curiosissima e surprehendente, pois o morro, rachado, em tempos idos, por enormes tempestades, desde o seu cume até a flor do solo ficou dividido em duas partes iguaes, produzindo no vacuo, no fundo, um leito, formando um riacho com cerca de 6.00 m. de largura e cerca de 250.00 m. de comprimento, sendo o lateral, á direita, coberto em toda a sua altura e largura, com plantas silvestres, e o lateral, á esquerda, em completo caminho de decomposição, e a parte superior, reduzida em parte a pequenos moluculos terreos, e sendo completamente denudado, apresenta ao espantado viajor um phantastico, mas maravilhoso, panorama, representando o aspecto d'uma enorme casa industrial, com numerosas prateleiras, representadas por enormes lages de pedras cinzantas, manejada por seres invisiveis, e produzindo, dia e noite, o tão valioso e tão necessario «Tauá», origem da extraordinaria fertilidade das soberbas terras sant'amarenses.

A formação exterior do morro é um chisto argiloso silicoso, representado por enormes e extensas lages de grossura media de 0,30 m. até 0,32 m, e contei na parte visivel e metamorphisada a existencia de 30 lages, em parte em plena decomposição, em parte em bom estado, collocadas na face da rocha paralella-

mente, parecendo uma escada com os seus degráos, com a differença que, entre a capa e lapa de cada par de lages. existe uma camada de verdadeiro humus, representado por uma terra escura. fina, solta, trabalho cuja manipulação provavelmente é devida aos fluidos atmosphericos, que com o seu oxigenio e o acido azotico concedem a estas terras saes fecundantes. Parecia-me que em algum ponto destas maravilhosas terras encontraria uma drenagem subterranea, e realmente vi esse extraordinario phenomeno, que julgo devido a enorme porosidade do «tauá», mas confesso que é necessario fazer novos estudos, para mais ou menos explicar o modo curioso e engenhoso por que a grande e poderosa natureza soube construir uma maravilhosa drenagem subterranea com extraordinaria perfeição, e belleza sobrenatural.

A cata destes interessantes, difficeis e pouco vulgares estudos fez perder a um dos mais notaveis engenheiros brazileiros as suas esporas, nas traiçoeiras lamas de Santo Amaro.

E' fóra de duvida que todas as argillas conhecidas no mundo terrestre são dos mesmos principios das plantas, e parece que a origem d'ellas são as mesmas plantas, formando a terra vegetal e o proprio humus, que, por modos mysteriosos e desconhecidos em materia argillosa, denominada «massapê», podia-se denominar «argilla hydraulica brazileira».

No leito do riacho do Morro encontrou-se uma pedra calcarea, que é indicio da provavel existencia de depositos calcareos; mas este facto. por ora sporadico, não auctorisa denominar as terras em geral, «Cretaceas», conforme julgaram diversos geologos e naturalistas, principalmente por não ter

eu encontrado ainda a especie dos fosseis, que determinam a formação «Cretacea»; tive porém noticia de que existe pedra calcarea no «Bom Jardim» e no engenho Pindobeira, e, logo que seja permittido, pretendo estudal-a.

Chamo a attenção do Governo e do intelligente secretario das obras publicas sobre a riquissima zona de São Francisco, que com toda a certeza dará á estrada de ferro de Santo Amaro a renda que lhe falta, dobrando a actual receita, com pouca despeza administrativa, ligando-se a actual linha ferrea de Santo Amaro á industriosa e futurosa villa de São Francisco, e um pequeno ramal para São Sebastião, duas zonas de immensa vantagem agricola e industrial, zonas importantes e que possuem cerca de 30 engenhos, quasi todos em plena actividade, e uma relativamente numerosa população, cuja grande maioria é composta de lavradores muito laboriosos e muito instruidos.

A zona das terras de «tauá» e «massapê» é a joia mais rica que o Estado possue, e, repito o que disse, *não ha no mundo inteiro terras milagrosas similhantes.*

—

Devo ao distincto cavalheiro, o talentoso e mui estudioso engenheiro, Dr. Gonçalves Junior, a grande fineza de informar-me de curiosissimos e surprehendentes phenomenos produzidos por essas milagrosas terras, que provam, com toda a evidencia, quanto é difficil de saber o modo e a causa d'esses curiosos, mas inexplicaveis, effeitos geologicos, que mais pareceriam lendas, si não existissem os seguintes factos, que se deram na zona da linha de ferro, em 1892.

Sendo rigoroso o inverno desse anno, o intelligente e previdente engenheiro, então director, percorreu, certa manhan, o trecho de Santo Amaro a Jacuipe, afim de verificar si a linha se achava em boas condições e voltou na hora da partida do trem.

Deu ordem para o trem partir, pois que tinha deixado a linha desimpedida.

Minutos depois da partida do trem, recebe aviso de que este tinha parado no logar denominado *Catacumba*, em virtude de estar a linha desmoronada. Foi logo ao logar e qual não foi o seu espanto e admiração ao encontrar um pequeno trecho do leito arqueado, em fórma de um monticulo.

O «massapê» havia soffrido o mesmo effeito que um pão lançado em agua: inchou e cresceu de volume.

No mesmo anno, sumiu-se de repente, sem deixar o menor vestigio uma possante e profunda muralha, construida com as melhores regras da arte, pelo habil e conhecido engenheiro austriaco Julio Pinkas, no logar denominado *Catacumba*, nas proximidades dos engenhos *Macacos* e *Pindobeira*.

Um bambuzal, mandado plantar na encosta de um aterro pelo engenheiro Fernandes Pinheiro, tem sido transportado, pelo incessante e mysterioso movimento continuo dessas extraordinarias terras, para grande distancia e continúa a mudar-se para o fundo do valle do engenho *Pindobeira*, levado pelas inquietas terras em tempos chuvosos.

Julgo difficilimo explicar a causa e o modo por que as terras produzem phenomenos tão curiosos, que são grandes enigmas para o melhor geologo e naturalista e digno de graves e prolongados estudos.

Porém é certo que a classificação, dada por notaveis geologos estrangeiros, denominando-as «formação cretacea», é menos exacta, e a verdadeira existencia de antigos depositos de lenhite, em diversos engenhos, algumas minas de ferro em outros pontos, e quasi sempre acompanhada de chistos argillosos silicosos, parece, baseado na theoria geral das terras, que a zona pertence á formação terciaria e em parte tambem quaternaria; mas, saber e dizer a verdadeira e completa analyse destas maravilhosas e realmente mysteriosas terras é prematuro, pois ellas produzem phenomenos tão surprehendentes, que embaraçam o espirito do melhor investigador, e confesso que me espantou encontrar neste mundo terras que engolem muralhas e obras feitas de alvenaria grossa e cimentada, que engordam e emmagrecem ao seu bel prazer, e que mandam passear os valentes bambuzaes, sem licença de ninguem, e compromettem tambem a fama e o saber do melhor engenheiro hydraulico, que não pode vencer estas bravias e indomaveis terras.

Bahia, 1901.

HENRIQUE PRAGUER.

Francisco Telles de Menezes

ALCAIDE MÓR

SECULO XVII

E' incontestavelmente um nome de tragica tradição na historia colonial da Bahia o do temido e odiado alcaide mór Francisco Telles de Menezes.

Evoca, logo que se o pronuncia, uma época de perseguições e de vinganças, uma autoridade desmedida, um orgulho que estimulava todos os desmandos, todas as arbitrariedades.

Nobre pelo nascimento, poderoso pelas allianças de sua familia com as mais illustres e antigas da capital do vice-reino, intangivel quasi pela sua elevada posição militar e civil de alcaide-mór de uma cidade como a do Salvador, omnipotente durante o governo de Antonio de Souza Menezes, «o braço de prata», o soldado brioso das longas lutas de Pernambuco, mas sem tino politico, sem conhecimentos de administração, e sem talento para exercer o cargo para que o nomeara o regente de Portugal, D. Pedro, em 1682, tornara-se Francisco Telles de de Menezes o alvo de todos os odios e de todas as revoltas dos mais conceituados moradores e funccionorios da cidade, fatigados da sua ambição, feridos dos seus insultos, deshonrados pelas suas accusações e perseguições. Anteriormente á época da sua influencia directa nas cousas da Bahia, encontramos os vestigios do seu caracter indomavel, das suas inclinações e ambições desregradas.

E no entanto não faltavam serviços reaes a Francisco Telles; em 1652, podendo ter 18 annos, verificara praça de soldado, e daquella data á de 1665 como alferes e capitão-mór de infanteria acharase em varios recontros com os inimigos que de continuo surgião nos mares e no reconcavo da Bahia.

Não lhe faltavão até as peripecias, as emoções, os perigos e o renome de ter sido roubado e feito prisioneiro pelos piratas em 1659, quando o navio que o levava para o reino fôra subitamente atacado, saqueado e aprisionado, ficando captivo dos temiveis salteadores do mar, que o levaram para a Gallisa, onde permaneceu longo tempo prisioneiro.

De volta a Portugal, naturalmente em recompensa, D. Affonso VI, em 1664, dera-lhe uma companhia de intanteria de Presidio da Bahia, vindo logo assumir o seu commando.

Governava então o Brazil com o titulo de vice-rei, D. Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos.

Parece que não tardou muito que o então capitão Francisco Telles dósse signal de seu genio irrequieto e ambicioso. No seu espirito trabalhavam grandes paixões que explodiram finalmente na temeraria conspiração tramada para depôr o vice-rei, prendel-o e remettel-o para Portugal.

Muito poucos são, infelizmente, os dados que nos ministram as chronicas antigas, os monumentos que guarda o nosso Archivo, a tradição colhida por nossa historia.

Não sabemos tambem a data precisa da cónspiração; o certo é que de 1664, anno em que volta á Bahia, á de 1667 em que deixou o governo o conde vice-rei, Francisco Telles de Menezes auxiliado por Lourenço de Britto Corrêa, chamado o velho Queiroz, que julgo ser Antonio de Queiroz Cerqueira,

cavalleiro da ordem de Christo, capitão pago do regimento velho, e Alvaro de Azevedo que, tambem por calculos e deducções chronologicas, me parece ser aquelle de quem diz um historiador que servia bem ao rei e á republica e que por seu merecimento chegara a ser mestre de campo de um terço na Bahia, que governara interinamente com o Chanceller e Antonio Guedes de Britto, por morte de Affonso Furtado de Mendonça, a 26 de Novembro de 1675, tenta depôr o vice-rei por motivos desconhecidos.

Por mais minuciosas que fossem as pesquizas relativas aos companheiros de Francisco Telles nesta conspiração, nada de verdadeiro, de indiscutivel encontramos; na época a que nos referimos -- não figuram outros com os nomes de Queiroz e Azevedo além dos citados; e não seria de estranhar que esses fossem os cumplices do futuro alcaide-mór, pois, companheiros de armas, e numa sociedade resumida como a daquelle tempo, podiam ter-se conhecido, comprehendido e, levados pelo mais emprehendedor e ambicioso, projectassem o attentado.

Houve, porém, um traidor, o capitão Damião de Lançóes, como o chama um chronista, e por premio da revelação foi feito sargento-mór.

Francisco Telles de Menezes e seus cumplices foram immediatamente presos, seguindo aquelle para o reino na frota prestes a largar, permanecendo os outros nas prisões da Bahia.

Chegado a Portugal o principal accusado, valendo-se das suas relações e dos serviços anteriormente prestados, conseguiu a sua soltura e que o seu processo fosse archivado.

Foi então que Francisco Telles comprou a Henri-

que Henriques de Miranda a alcaidaria-mór da Bahia que a este fôra dada por D. Affonso VI, por Carta Regia de 9 de Abril de 1666, sendo approvado esse acto pela Carta Regia de 16 de Março de 1667.

Coincidiu quasi a sua nomeação com a terminação do governo do conde de Obidos, que foi substituido pelo velho e doente Alexandre de Souza Freire, em 13 de Junho de 1667.

Com este governador veio novamente Francisco Telles á Bahia, provido em um dos mais altos e importantes postos do Brazil, e do qual fez preito e homenagem em 18 de Junho de 1667, nas mãos do novo governador, como vê-se do precioso e antigo livro existente no Archivo Publico.

A nova dignidade não fez senão estimular os desejos de vingança e a altivez desmedida do nosso heroe.

No periodo que vae de 1667 a 1682, isto é, durante os governos de Alexandre de Souza Freire, do visconde de Barbacena, do triumvirato interino e de Roque da Costa Barretto pouco se ouve falar no temido alcaide-mór; apezar disso, porém, se o accusa de ter instigado um seu sobrinho a tirar represalia de um insulto que lhe fizera Antonio de Brito. E a represalia foi tremenda. De emboscada, ao dirigir-se Antonio de Brito com seu irmão para o Carmo, foram-lhe disparados varios tiros de bacamarte, travando-se lucta tenaz na qual sahiu o aggredido gravemente ferido. Foi este o prologo de um drama ainda mais sangrento,

Como era natural, sobre o alcaide-mór recahiu a censura e reprovação geral de tal attentado, principalmente porque Antonio de Brito Castro era mui liberal e geralmente estimado. Era filho do tenente-general do mesmo nome, cavalleiro pro-

fesso na ordem de Christo, cujo fôro herdou, tendo vindo como capitão na armada real, no anno de 1625, no navio «São Bartholomeu», commandado por Domingos da Camara Pinto, a «militar contra os hollandezes». Foi ainda o tenente-general, pelo seu casamento com D. Leonor de Brito, provedor, cargo que recebeu em dote, e no qual foi confirmado pelo alvará regio de 7 de Maio de 1640, tomando posse em 12 de Janeiro de 1641.

Como vê-se, era uma familia illustre e conceituada aquella que o alcaide-mór atacava directamente.

Isto dava-se pouco antes de ser nomeado governador e capitão general Antonio de Souza Menezes, conhecido por «Braço de Prata», em 1682. Começa então a influencia e intervenção fatal de Francisco Telles de Menezes nos negocios publicos da Bahia.

O governador e o alcaide-mór conheciam-se da Côrte, onde intima amisade os ligára, sentimento esse que renovaram e que serviu de base a Francisco Telles para dominar completamente o fraco governador.

Arbitro da sua vontade, com a mais requintada perversidade o alcaide-mór explorou as paixões do seu amigo em proveito das proprias, começando então a época do terror para os inimigos do poderoso valido e para todos aquelles que com elles eram aparentados.

Os mais illustres funccionarios do Estado, aquelles que pelos seus serviços ou pelo nome que usavam mereciam a consideração e a estima geral, esses foram as primeiras victimas do vingativo senhor.

André de Brito Castro, provedor da Alfandega da Bahia, e seus irmãos, principalmente aquelle An-

tonio de Brito, atacado e gravemente ferido pelo sobrinho do alcaide-mór; Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, tão conceituado, tão illustre, pertencendo a uma familia que honrava a patria, commendador da Ordem de Christo, alcaide-mór, depois de seu Pae, da cidade de Assumpção do Cabo-Frio, e a quem devia succeder no cargo de secretario de Estado, para que fôra nomeado por D. João IV; Antonio de Moura Rollim; Manoel de Barros da Franca; João Gomes Carneiro, escrivão da camara; o da fazenda real Francisco Dias do Amaral; os capitães de infanteria do Presidio, Diogo de Souza Camara e José Sanches de Elpoço; eis a principal lista dos condemnados, eis os nomes illustres dos proscriptos, dos presos, dos marcados com a cruz á tinta vermelha pelo punho do alcaide-mór.

Com a chegada do novo governador que se sabia ser intimo de Francisco Telles, o temor nascera em todos os animos; e logo que André de Brito foi privado do seu cargo, pela devaça e apparente culpa que se lhe fez; desde que Barros da Franca, vereador do senado da camara foi preso na enxovia e transferido depois para a fortaleza do Morro; desde que todos os acima nomeados foram privados dos seus cargos, escapando alguns á prisão por se terem recolhido ao Collegio dos Jesuitas, um rumor surdo de oceano encapellado começou a envolver o alcaide-mór, uma animosidade crescente e terrivel acompanhava o autor de todas essas desgraças que promettiam ir além, ferindo a todos, indistinctamente, não se respeitando o merito e os serviços nos Ravascos, a farda do exercito em Camara e Elpoço, a representação do senado da camara em Barros Franca, a magistratura suprema

no desembargador João de Couto de Andrade refugiado como os outros no collegio da Companhia, convertido em Asylo Romano, a cujas portas parou finalmente a acção governamental, a vingança do alcaide-mór.

Essa situação horrenda não podia continuar. A população toda pedia no intimo das almas um vingador, e este appareceu em Antonio de Brito Castro, aquelle mesmo que conservava como uma religião o dever da represalia, e que tinha por estimulo as cicatrises suggestivas do corpo.

Francisco Telles estava condemnado; embóra recebe avisos de amigos revelando attentados; quem se atreveria a offendel-o durante o governo de Antonio de Souza Menezes, a elle, a segunda autoridade do Estado, poderoso, nobre e temido ainda que odiado?

Póde-se dizer, porém, que o momento psychologico havia chegado; não era Antonio de Brito o assassino. Era a Bahia, pelo seu povo representado em todas as classes opprimidas que armava o braço do mais offendido e do mais forte. Insensivelmente, lentamente os successos, as vexações, os crimes, tinham preparado esse desenlace fatal, tinham marcado o dia, escolhido o momento, armado do punhal libertador a mão de um representante inconsciente talvez da vontade e da aspiração da multidão. E nada poderia salvar o alcaide-mór. No dia do crime recebe uma carta pedindo-lhe que não sahisse á rua; mostra-a ao governador, que treme por sua vida e offerece-lhe escoltas, guardas, que são regeitadas com orgulho, e altivo, e corajoso desce as escadarias do Palacio e reclina-se mudo e arrogante na sua serpentina dourada e desapparece sob as cortinas lavradas de brocado

da India. Os lacaios, levando nas vestes as cores das armas do poderoso amo, levam-no e escoltam-no, através da Praça antiga de Palacio, tão diversa do que hoje é, e encaminham-se para a rua direita atrás da Sé, onde subitamente foram atacados por oito homens mascarados que dispararam tres ou quatro bacamartes, matando um lacaio e ferindo outros.

A serpentina foi abandonada e para ella avançou Antonio de Brito que arrancara da mascara para matar, a rosto descoberto e com honra, o arrogante alcaide-mór, que procurava erguer-se e que sentiu naturalmente o sangue gelar-se-lhe ao vêr a face pallida e resoluta de seu immortal inimigo por entre as cortinas de brocado da India, que as mãos tremulas e frias de Antonio de Brito apartavam em procura do poderoso valido, em quem o vingador cravou profundamente o punhal. Levado moribundo para sua residencia falleceu na tarde do mesmo dia.

Lentamente, descoberto, acompanhado pelos seus companheiros que se conservaram mascarados, seguiu Antonio de Brito até o Collegio dos Jesuitas, onde se recolheu.

Não tardou o governador em ter noticia do inaudito attentado e á sua colera só egualou a sua dôr pela perda incomparavel do amigo carissimo.

Dominou-o, nesses momentos, o coração e, a compostura perdida, praticou actos violentos, lançando na enxovia ao secretario de Estado, o velho respeitabilissimo Bernardo Vieira Ravasco, cercando estreitamente a casa de André de Brito e o Collegio de Jesus.

Insultou e appellidou de cobardes aos seus officiaes e não sabemos o termo da explosão do seu

sentimento si a Côrte Portugueza conhecedora da situação não o fizesse substituir por D. Antonio Luiz de Souza Telles de Menezes, Marquez das Minas, em 1684.

Logo após a morte de Francisco Telles de Menezes, em 1683, o governador, querendo dar ainda uma prova de quanto lhe fôra caro o amigo que perdera, e usando das attribuições que tinham os de sua qualidade e posição, nomeou para substituir o alcaide-mór fallecido ao irmão deste, Antonio Telles de Menezes, por Carta Patente de 20 de Junho daquelle mesmo anno.

Nesse documento vê-se o desejo do governador de salientar os meritos do escolhido, procurando tornar natural a nomeação e successão na alcaidaria-mór do irmão do funccionario fallecido, destacando os seus serviços como capitão de infanteria da ordenança do districto de Paripe, na conquista do gentio do reconcavo e como soldado, alferes e capitão. Aos 30 de Junho do mesmo anno nas mãos do governador fez elle preito e homenagem daquelle alto cargo.

O Marquez das Minas, ao assumir o governo do Estado, fez soltar todas as victimas injustamente presas, acalmar os animos, restabelecer a paz.

Dizem as chronicas antigas que o infeliz Antonio de Brito andou muito tempo homisiado. Antonio Telles partira para Portugal a queixar-se do assassinato do irmão, gastando nisso os seus haveres e voltando á Bahia onde acabou mui pobre, tendo perdoado a Antonio Brito, em Portugal, a pedido de D. João de Lancastre que, em 1692, voltara do governo de Angola e que já estava indicado para governar o Brazil, como effectivamente o fez, em 1694.

D. Pedro II perdoou igualmente ao infeliz assassino do alcaide-mór a pedido do Pontifice Innocencio XII que, por sua vez, queria comprazer ao Grão duque de Florença e ao cardeal d'Este que lh'o tinham solicitado.

Poude, finalmente, em 1694, após 11 annos de desterro, voltar á Bahia, onde falleceu em 1699, Antonio de Brito Castro.

Archivo Publico, 1900.

INNOCENCIO GÓES.

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

Dezembro

1º de Dezembro

—Em 1889, se começou a executar n'esta cidade e na freguezia de S. Felix, hoje cidade tambem, a postura municipal, que prohibe enterramentos nas egrejas.

Custou muito, entretanto, que fosse adoptada similhante medida, reclamada aliás pela hygiene e pela civilisação.

Quando os pequenos pôvoados possuiam já seus cemiterios, em que eram todos—indistinctamente—sepultados, Cachoeira e S. Felix toleravam ainda as inhumações nos templos. E estas eram feitas com uma solemnidade profundamente lugubre, por noite, ao clarão de muitas tochas, e dobre de varios sinos.

Até á data que ora recordo, os cemiterios aqui existentes, excepto o acatholico, serviam para descanso apenas.... de indigentes.

Não obstante, a carta régia de 11 de Janeiro de 1801 tinha já prohibido as inhumações dentro de egrejas e capellas.

O preconceito, portanto, lutou com a lei por espaço de quasi um seculo!

Eis porque o povo brazileiro, apezar de não parecer, é na realidade um povo eminentemente conservador.

2 de Dezembro

—Em 1845, o rio Paraguassú, transbordando, mais uma vez espraiou-se pelas ruas d'esta cidade, e de S. Felix.

Passados poucos dias, as aguas voltaram ao seu leito; mas, a 23 tornaram a sobrepujal-o, si bem que declinassem logo depois; finalmente, horas após de novo subiram para baixar dentro em pouco.

Assim, n'esse mez o Paraguassú teve tres *cheias*, com todos os inconvenientes e prejuizos, que então sóe acarretar ás populações ribeirinhas.

—Em 1851, houve uma explosão de polvora, em casa de José Antonio Pimenteira, nesta cidade.

O facto occorreu ás 7 horas da noite, e além dos damnos materiaes, causou a morte da mulher de Pimenteira, bem como a de um operario seu, victimas ambos de queimaduras do primeiro gráu.

—Em 1876, foram officialmente inaugurados o trafego do ramal da Feira de Sant'Anna, e os trabalhos do viaducto do *Batedor*, no ramal da estrada de ferro *Central da Bahia*.

O viaducto referido tem 55 metros de comprimento, 9 de altura das columnas, 27 48 centimetros de altura total do primeiro pilar, 26 e 1 centimetro do segundo, e 18 metros e 13 centimetros da primeira escarpa.

3 de Dezembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era aqui, resolveu crear uma linha de correio, por paradas, para o Rio de Janeiro.

Assim, o estafeta respectivo ia d'esta cidade, então villa, até ao arraial do Tijuco (hoje cidade

de Diamantina), em Minas Geraes, a encontrar o correio de Villa-Rica (presentemente cidade de Ouro-Preto); e d'ahi seguia então para o Rio. Na mesma data, foram expedidas as *instrucções*, necessarias para esse serviço.

—No dicto anno, o general P. Labatut, communicando ao supradicto Conselho os feitos que, dos pontos de Itapoan, tinha a tropa brazileira realisado sobre o forte de S. Pedro; enviou-lhe a relação dos presos, durante essa façanha tomados a uma jangada pelo coronel Felisberto Gomes Caldeira.

Sem contar esses presos, foram feridos muitos luzitanos, e sete ficaram mortos no campo da acção.

4 de Dezembro

—Em 1704, o Governo ordenou aos officiaes da camara d'esta cidade, então villa, que fizessem prender e guardar na cadeia todos os *atravessadores, que compravam farinha de mandioca para* revendel-a por mais da taxa.

Como se está vendo, a luta com o monopolio vem de muito longe.

—Em 1822, o general P. Labatut se dirigiu—por officio—ao Conselho interino do governo da Bahia cuja sède era aqui, se queixando da falta de satisfação aos seus pedidos; e, ao mesmo tempo, lhe dando conta dos feitos praticados em Pirajá, no dia anterior, disse—que «lhe constava terem os consules estrangeiros ido para bordo de navios de guerra das suas respectivas nações, e reinar grande desgosto na cidade da Bahia».

—Em 1822 tambem, o mencionado Conselho, officiando ao alludido general sobre a nomeação de

commandante das armas d'esta cidade, então villa, exigiu—que se procurasse, em casos taes, o accordo prévio do mesmo Conselho.

—Em 1824, o tenente-coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão foi nomeado commandante de policia, em todo termo desta cidade, então villa.

Além das attribuições concernentes á manutenção da ordem pnblica, o tenente-coronel Rodrigo Brandão, cujo patriotismo e actividade a ninguem pediam meças, foi encarregado de inspeccionar a força de linha aqui destacada.

—Em 1837, a camara municipal d'esta cidade recebeu um officio, em que o secretario do governo da provincia lhe communicava que, a 30 do mez anterior, os rebeldes da *Sabinada* haviam atacado o acampamento de Pirajá, sendo porém repellidos com grandes perdas.

Das forças legaes, que tinham feito sete prisioneiros, apenas um soldado ficara fóra de combate.

O presidente da provincia pernoitára no engenho *Cabrito*.

—Em 1879, falleceu na freguezia da Moritiba, onde morava, o tabellião do termo d'esta cidade—Frederico José da Cunha, que era homem inoffensivo e bom.

—Em 1889, falleceu tambem, na villa da Purificação de cuja comarca era juiz de direito—o nosso conterraneo Dr. Innocencio de Almeida, contando 54 annos de edade.

Fôra chefe de policia, interino, da provincia, hoje Estado.

—Em 1891, finou-se em Pariz D. Pedro de Alcantara, que fôra o segundo e derradeiro imperador do Brazil. Nascera a 2 de Dezembro de 1825. A 28 de Julho de 1840, subira ao throno donde a revolução de 15 de Novembro de 1889 o derribara.

Honesto e patriota, D. Pedro teve um reinado feliz, que se tornaria de certo glorioso si sua magestade não desconfiasse tanto dos homens de seu tempo, e preferisse as altas cogitações da politica ao estudo poetico dos astros.

Em todo o caso, D. Pedro foi muito accusado de exercer o *poder pessoal*, e nos ultimos dias do seu governo não faltou quem exagerasse o estado de sua mentalidade para fazel-o passar como instrumento passivo nas mãos de seu genro, e de um medico de sua imperial camara.

Falou-se mesmo, sem rebuço, n'uma certa conspiração, tramada no proprio paço, com o fim de obter a abdicação do velho monarcha, em favor da princeza D. Izabel.

E' occasião de assignalar—que a revolução triumphante tratou o ex-imperador com todas as deferencias, possiveis no momento; e que na Constituição da republica foi votada uma pensão para elle, que entretanto, por escrupulos muito louvaveis e dignos, não a quiz acceitar.

Os restos mortaes de D. Pedro jazem ao lado dos de seus illustres avoengos, em Portugal.

—Em 1892, foi sepultado na cidade de Caldas, Estado de Minas-Geraes, onde se achava, o Dr. Gregorio Mauricio Bellas, que era natural d'esta cidade.

Homem de talento e de acção, se tinha formado primeiramente em pharmacia, e depois em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Começára sua vida como caixeiro de uma casa commercial aqui, e tão á sua tenacidade e ao seu merito deveu a conquista do gráu scientifico de que se exornava.

Contava apenas 38 annos de edade.

5 de Dezembro

—Em 1697, chegou á Bahia D. João Franco de Oliveira, bispo que presidiu esta diocese até 28 de Agosto de 1707, quando partiu para Lisboa, por ter sido removido para o bispado de Miranda.

Foi elle quem creou a freguezia de Nossa Senhora do Rosario, desta cidade; e o primeiro prelado que realizou penosa viagem pelo sertão, chrismando a esse tempo para cima de 40.000 pessoas.

Por tão valioso serviço, D. João recebeu do concilio de Trento merecido elogio.

—Em 1822, foi creada—por carta imperial—uma junta, que succedeu ao Conselho de governo, instalado n'esta cidade, então villa, com o fim de defender a independencia nacional, promovendo a prompta expulsão das tropas portuguezas.

Essa junta provincial, tendo tomado posse em Junho, só se dissolveu depois que o general Madeira de Mello, a 2 de Julho de 1823, se retirou da provincia, com as forças de seu commando.

E ella era composta por Francisco Elesbão Pires de Carvalho, (depois barão de Jaguaripe), presidente; Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, dr. (depois barão de Mont-Serratt), secretario; Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, (depois barão de S. Francisco); José Joaquim Moniz Barretto de Aragão, (depois barão de Itapororocas); Antonio Augusto da Silva, dr. (depois desembargador da Relação da Bahia); Manuel Gonçalves Maia Bittencourt e coronel Felisberto Gomes Caldeira.

—Ainda em 1822, o imperador expediu um aviso, mandando que a villa de Sant'Anna do Catú, e

todas as da comarca de Jacobina se unissem, quanto antes, ao governo que fôra estabelecido aqui na Cachoeira, capital interina da provincia, e onde portanto se deveria apurar a eleição de um governo provisorio, composto de sete membros, que na mesma data ficava marcada; salvo si já então «a cidade da Bahia estivesse livre de seus barbaros inimigos».

—Em 1837, o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão dirigiu-se—por officio—ao presidente da provincia, asseverando-lhe—que na Feira de Sant-Anna «não havia senão intrigas e alguns descontentes»; dando assim a entender—que nada se tinha a receiar pela ordem publica.

Nove dias depois, porém, o mesmo patriota confessou—que recebera aviso de ter Hygino Pires Gomes, adepto da *Sabinada*, constituido um grande partido dentro d'aquella localidade, ao qual—com surpresa de muita gente—pertenciam juizes de paz e camaristas, dispostos a coadjuvar os rebeldes, no caso de abandonarem estes a Bahia, acossados pelas tropas legaes.

—Em 1837, tambem, foi publicada a proclamação, que o commandante das armas rebelde—Sergio José Velloso dirigiu aos seus subalternos.

D'esse documento se colhe—que o verdadeiro fim da *Sabinada*, conforme já fiz ver aliás, era a separação da Bahia, só durante a menoridade do imperador Pedro II.

6 de Dezembro

—Em 1899, foi organizada a relação dos juizes de direito, que têm servido n'esta comarca da Cachoeira, a contar da promulgação do Codigo do processo criminal.

E' a seguinte:

1º Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes, (depois Barão de Araujo Goes); 2º Dr. Manuel Joaquim Bahia; 3º Dr. Antonio Ladisláu de Figueiredo Rocha; 4º Dr. Policarpo Lopes de Leão; 5º Dr. Ignacio Carlos Freire de Carvalho; 6º Dr. Domingos Ribeiro Folha; 7º Barão de Anadia; 8º Dr. Daniel Luiz Rosa; 9º Dr. Manuel Alves de Lima Gordilho; 10. Dr. Joaquim José de Oliveira Andrade; 11. Dr. Antonio José de Castro Lima; 12. Dr. Hormino Martins Curvello; 13. Dr. José Machado Pedreira; 14. Dr. Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

D'estes o Dr. Castro Lima serviu até ao fim da monarchia, e nos primeiros annos da republica.

7 de Dezembro

—Em 1837, o *Constitucional Cachoeirense* narrou minuciosamente o ataque, dirigido pelos rebeldes da *Sabinada* contra os pontos fortificados de Cabrito, e Campina.

As forças revolucionarias montavam a 900 praças, e de 300 era a força legal, que defendia Cabrito.

Ahi se achava um piquete de 20 homens da expedição d'esta cidade, commandada pelo tenente José Raymundo de Figueiredo Branco.

Em Campina, estava uma guarnição de 60 praças do corpo de policia, sob as ordens do major José da Rocha Galvão, cachoeirano de comprovada bravura.

Coube á legalidade a victoria, em toda a linha.

—Em 1900, falleceu n'esta cidade o Dr. Henrique Alvares dos Santos, com 72 annos de edade.

Era natural da capital do Estado, e residia aqui a muito tempo.

Clinicava, e publicou varios jornaes, todos porém de vida ephemera.

8 de Dezembro

—Em 1822, o tenente João Francisco de Oliveira Bottas, que d'esta cidade, então villa, havia sido mandado pelo governo provisorio á ilha de Itaparica, afim de organisar uma força naval, conseguiu, felizmente, pôr a salvo 18 barcos e lanchas.

Estas embarcações estavam no porto de Cotegipe, carregadas de mantimentos, com destino ás tropas, que se batiam pela independencia nacional.

O tenente João Bottas teve que affrontar um alentado fogo de parte da esquadra portugueza, composta da escuna « Emilia », brigues « Audaz », e « Promptidão », duas grandes barcas, oito canhoneiras, e mais alguns lanchões.

—Em 1876, morreu n'esta cidade, de onde era filho, o tenente-coronel Fructuoso Gomes Moncorvo, abastado capitalista, que fôra negociante, tanto aqui, como na capital do Estado, então provincia.

Tinha exercido varios cargos publicos, entre os quaes o de vereador da Camara Municipal.

Chegou a ser o homem mais rico do municipio. Seus herdeiros, porém, não poderam conservar essa fortuna.

9 de Dezembro

—Em 1864, em festejo á Nossa Senhora da Lapa, houve em São Felix quinze dias seguidos de mascaras á pé!

Ainda hoje, quer n'aquella, quer n'esta cidade, muitas festas de egreja são precedidas d'esse singu-

lar... divertimento. Mas,circumstancia digna de nota, pelo carnaval quasi ninguem «toma careta», á excepção das pessoas, que fazem parte dos «clubs».

Bem original...

—Em 1889, o arcebispo da Bahia fez expedir uma «portaria», prohibindo que se fizessem as lavagens de egrejas com a solemnidade então em moda.

Uma porção de mulheres, pertencentes em regra á classe baixa, levando á cabeça potes enfeitados, precedidas de musica e queimando foguetes, percorria as ruas, entoando «chulas», e erguendo acclamações e «vivas».

Com o correr dos tempos, essa... festa assumira proporções de uma bacchanal.

Para maior desgraça ainda, as «lavagens», nesta cidade, chegaram a ser feitas á sombra de partidos, que quasi se engalfinhavam por amor de tão grande extravagancia, a que não era extranha a politica local!

Apezar da «portaria» prohibitiva do arcebispo, ha logares onde ainda hoje «as lavagens» continúam com o mesmo ardor e... brilho de outr'ora.

10 de Dezembro

—Em 1704, D. Rodrigo da Costa, que então nos governava, accusando a recepção da carta, em que a camara d'esta cidade, villa a esse tempo, lhe havia communicado a descoberta das minas do Serro-frio (Minas-Geraes), que pertenciam á Bahia «por ficarem para a parte do rio São Francisco», ordenou á mesma camara—«que impedisse os descobrimentos de minas, que estivessem nos sertões da jurisdicção de sua capitania».

Que estadistas e que patriotas...

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, recebeu communicação da camara de Porto-Seguro, ácerca de uma rebellião de indios, que lá irrompera contra a causa do Brazil, e fôra excitada pelos portuguezes.

Felizmente, a cousa não teve consequencias.

—Em 1852, foi sepultado o capitão Manuel José da Silva Lemos, portuguez de nascimento.

Era negociante, e se casara n'esta cidade, por cujo progresso bastante se interessava.

A seus esforços devemos o «sino grande» da egreja Matriz, que elle mandou vir de Lisbôa, quando serviu de juiz da festa do Santissimo Sacramento.

11 de Dezembro

—Em 1822, foi publicado um decreto do Governo imperial, mandando «pôr em effectivo sequestro os bens e propriedades dos subditos do rei de Portugal, existentes em poder de negociantes do imperio».

O acto do governo de sua magestade causou grande reboliço entre a população d'esta cidade, então villa, onde era extensa, e simultaneamente opima, a propriedade pertencente a portuguezes.

A 28 de Janeiro seguinte, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era aqui, mandou cumprir o citado decreto.

—Em 1864, foi lançada a primeira pedra para construcção do cemiterio da irmandade do Rosario, ao Monte-formoso, d'esta cidade.

12 de Dezembro

—Em 1822, o Conselho acima indicado se dirigiu, por officio, aos ouvidores da Cachoeira, Ilhéus, Sergipe d'El-Rei, e Jacobina, para que participassem ás camaras e justiças respectivas a solemne acclamação do principe D. Pedro, como Imperador constitucional do Brazil, effectuada a 12 de Outubro do mesmo anno, no Rio de Janeiro.

—Em 1847, ás 7 horas da noite, foi ferido por um tiro, que lhe dispararam traiçoeiramente, o Dr. Carolino Francisco de Lima Santos, que nascera e clinicava n'esta cidade.

Empregaram na victima 24 caroços de chumbo.

O Dr. Carolino, entretanto, se restabeleceu; mas transferiu logo sua residencia para Pernambuco, donde muitos annos depois passou-se para o Rio de Janeiro.

O crime foi motivado por questões de imprensa partidaria, que n'aquella época se limitava a uns pasquins pornographicos de baixo quilate.

— Em 1883, fallecen em Nicteroy, Estado do Rio de Janeiro, o Dr. Augusto Teixeira de Freitas, o « Cujacio brazileiro ».

Nascera nesta cidade, então villa, a 19 de Janeiro de 1817, e teve por progenitores o barão e a baroneza de Itaparica.

Em 1837, tomara o gráu de bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela academia de Olinda, e, nesse mesmo anno, viu-se envolvido na « Sabinada », pelo que foi processado sendo porém absolvido pelo jury da Bahia, em 25 de Janeiro de 1839 ».

Tendo transferido seu domicilio para a cidade do Rio de Janeiro, em breve conseguiu firmar invejavel reputação, como advogado e jurisconsulto.

A' historia do direito civil brazileiro está, sem contestação, ligado o nome do immortal cachoeirano que, em 1858, publicou a 1.ª edição de sua importantissima obra «Consolidação das Leis Civis», fazendo-a seguir por outras de não menor valia.

Sendo escolhido, em 1859, para redigir o «Projecto do Codigo Civil Brazileiro», apresentou o seu notavel «Esboço do Codigo Civil», que — em grande parte — serviu de modelo ao Codigo civil Argentino, conforme confessa Velez Sarsfeld; e ao Codigo civil do Uruguay, por cuja commissão revisora foi considerado como «o trabalho mais notavel de codificação, por sua extensão, e pelo estudo e meditação que revela.»

Mas, tendo o Dr Teixeira de Freitas desistido de apresentar o Codigo, foi rescindido o seu contracto, em 18 de Novembro de 1872.

Suppõe-se—que o motivo desse alvitre foram as idéas, concebidas pelo jurisconsulto, e repellidas pelo governo, de organizar-se dôis Codigos, um geral, e outro especial, e refundir o Codigo commercial no civil. A primeira delas, comtudo, está proclamada por jurisconsultos europeus como verdade já victoriosa; e a segunda conta presentemente, na Italia, defensores de nomeada e valor.

O retrato do Dr. Teixeira de Freitas figura no «Instituto da Ordem dos Advogados», do Rio de Janeiro, e no «Tribunal de Appellação e Revista da Bahia»; e provavelmente ha de ser collocado em muitos outros logares, como significativa homenagem de admiração e apreço, devida ao saber do preclaro cachoeirano.

O Conselho Municipal desta cidade, por proposta do Dr. A. Milton, mandou collocar uma lapide commemorativa no predio, onde aqui nasceu — para honra do Brazil — o eminente bahiano.

—Em 1886, falleceu em São Felix o tenente-coronel João Baptista Pamponet, que ali possuia antiga e acreditada pharmacia.

Deixou fortuna regular.

O tenente-coronel Pamponet servira sempre correctamente diversos cargos publicos, e chegára aos 80 annos de edade.

13 de Dezembro

—Em 1553, chegaram com o 2.º governador geral do Brazil—D. Duarte da Costa os 16 primeiros jesuitas, que vinham catechisar o gentio.

Devemos á famosa ordem de Loyola, sem contar outros serviços, a edificação da egreja e do convento de Belêm, que ficam a 6 kilometros approximadamente d'esta cidade.

Do convento só existe hoje a memoria, resta porém a egreja, que está regularmente conservada.

Os jesuitas, em tempo, calçaram cuidadosamente a ladeira da Cadeia, por onde d'aqui subiam para seu delicioso retiro. Nem mesmo essa obra, de utilidade inquestionavel, soubemos nós conservar!

—Em 1835, falleceu na cidade da Bahia, onde se achava temporariamente, o senador por Minas-Geraes—Manuel Ferreira da Camara Bittencourt, proprietario do engenho de assucar denominado *Ponta*, situado na freguezia do Iguape, do municipio e comarca d'esta cidade.

Nascera em 1762, no Serro, que é hoje cidade, tambem, d'aquelle laborioso Estado; e se formára pela Universidade de Coimbra em leis e philosophia.

O senador Camara era um homem de saber, e consummado mineralista.

Havia percorrido a Europa, ao mesmo tempo que o primeiro José Bonifacio, seu muito illustre amigo. Publicou monographias importantes, e deixou preciosos manuscriptos, cujo paradeiro se ignora completamente.

—Em 1843, o major José Antonio da Silva Castro, estando em S. Felix, então do municipio d'esta cidade, ordenou, na sua qualidade de commandante da força em diligencia para Pilão Arcado, que o capitão Antonio dos Santos Castro continuasse a marcha para o sertão, aonde o encontraria, si bem que tivesse de tomar outro caminho.

Essa força se dirigia para o rio S. Francisco, em cujas margens estava se desenrolando um drama sangrento, occasionado pelas rivalidades, que haviam surgido entre duas familias poderosas : a de « Militão » e a dos « Guerreiros ».

Pouco depois, com o mesmo destino subiu, levando mais soldados, o major Joaquim Rodrigues Coêlho Kelly, de primeira linha, nomeado commandante do corpo expedicionario ao centro da Bahia.

Como delegado de policia, em commissão especial, foi mandado o Dr Alvaro Tiberio de Moncôrvo e Lima, nosso honrado conterraneo.

Por sua vez, a comarca de Urubú foi theatro de uma luta de egual natureza, tendo como protogonistas membros da familia *Guimarães*.

—Em 1870, foi sepultado na capital da provincia, agora Estado, para onde tinha ido tratar da saúde, o Dr. Joaquim Moreira Sampaio, que residia em S. Felix, e era um medico recommendavel pela intelligencia e pelo tino.

Fôra, por vezes, vereador da camara, e supplente do juiz dos orphãos, d'esta cidade.

14 de Dezembro

—Em 1822, o general P. Labatut, que estava no seu quartel-general ao Engenho Novo, se dirigiu por officio ao Conselho interino do governo, estabelecido n'esta cidade, então villa, convidando-o «a se harmonisarem como dantes, abrindo mão de falsos pundonores, e com os olhos na patria cuidarem mutuamente de auxiliar seus justos esforços».

—No mesmo anno, o major Antonio de Souza Lima, que commandava as forças nacionaes em Itaparica, se vendo em serios apuros para defender este ponto, pediu providencias adequadas e promptas ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa.

—Em 1881, falleceu n'esta cidade o portuguez Antonio Lobo da Cunha, que deixou quantioso legado á respectiva Santa Casa de Misericordia, da qual é tido como um dos mais dignos bemfeitores.

Contava edade superior a 70 annos.

15 de Dezembro

—Em 1900, o carmelita frei Marianno Gordon, hespanhol de origem, mas brazileiro naturalizado, deu começo ás obras de reparação do frontespicio da egreja do Carmo d'esta cidade.

Antes d'isto, o activo religioso havia renovado todo o telhado do mesmo templo, collocando-lhe na torre um pára-raios; e continuou no louvavel empenho de restaurar tanto a egreja, como o convento, que achavam-se quasi por terra. Era pena, entretanto, que se perdessem; sobretudo a primeira,

cuja frontaria representa um trabalho artistico de valor inestimavel.

Manda a justiça—que se louve o ardor e desinteresse, com que a população se houve, acudindo ao appello, que ao seu espirito religioso e generosidade fizera o laborioso sacerdote.

16 de Dezembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava n'esta cidade, então villa, queixou-se ao imperador Pedro I do general P. Labatut, allegando—além de outros factos—que o dicto general conservava comsigo todo o dinheiro de ouro e prata, que fôra encontrado nos engenhos dos Teixeira Barbosa, calculado aliás em 300 contos de réis.

Convém recordar—que as questões, oriundas desse dinheiro, atravessaram até á republica; e só então foi paga a indemnisação, que os interessados reclamavam pelo desvio d'aquella somma

—O Conselho alludido, entretanto, n'aquella mesma occasião pediu a s. magestade « o estabelecimento de modo solido e estavel da administração civil, e principalmente da militar, da provincia; a remessa de uma esquadra correspondente á portugueza, que infestava os nossos mares; a demisssão de todos, quer brazileiros, quer portuguezes, que notoriamente haviam tentado contra a causa do Brazil ».

O Conselho ia mais longe ainda. Solicitava do imperador—« providencias ácerca da pessoa e bens dos portuguezes, presos e transportados para Pernambuco, por causa da acclamação do principe regente ».

O Conselho, pedia, finalmente, « o chamamento á ordem das villas do Rio das Contas, e Caetité, que faziam economia separada da *familia provincial*, subtrahindo-se á autoridade do mesmo Governo interino ; a remessa para esta cidade, então villa, das peças necessarias ás officinas de fieira e cunho da casa da moeda, que estava se preparando aqui, e bem assim a determinação do valor, typo, e peso da nova moeda imperial ; a nomeação de ouvidores para as comarcasde Ilhéus, Porto Seguro e Sergipe » .

—Em 1893, as aguas do rio Paraguassú se avolumaram bastante · e no dia seguinte innundaram parte d'esta, e da fronteira cidade de S. Felix.

Aqui chegaram ellas até ao meio da rua *25 de Junho*, antiga *Direita da Praça*.

17 de Dezembro

—Em 1822, o Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, secretario do Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava aqui, dirigiu carta ao imperador Pedro I, se queixando do general P. Labatut.

Por sua vez, este havia - no dia anterior—escripto ao ministro José Bonifacio, se queixando das intrigas e machinações de seus inimigos, ao que não era estranho aquelle Conselho.

—No citado anno, chegou a esta cidade, então villa, o brigadeiro graduado José Egydio Gordilho de Barbuda, encarregado por carta régia de 9 de Julho do desempenho de uma importante commissão.

Trouxera do Rio de Janeiro 57 dias de viagem, e 46 de marcha.

O Conselho supradicto escreveu logo ao ministro José Bonifacio, communicando-lhe o facto, bem como a conferencia que tivera com o brigadeiro. E, para não perder o ensejo, encaminhou áquelle cidadão documento comprobatorio de abusos, commettidos pelo general P. Labatut.

— Em 1830, chegou a esta cidade, então villa, o marechal João Chrysostomo Callado, que andava inspeccionando a força militar existente.

Viera por Santo Amaro, onde tinha estado — por alguns dias — occupado no mesmo serviço.

— Em 1868, falleceu na capital d'este Estado, então provincia, o nosso estimavel e distincto conterraneo — Dr. Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, que nascera a 16 de Fevereiro de 1816.

Depois de bacharelado em direito, o digno cachoeirano aqui se demorou por algum tempo, advogando, sem deixar entretanto de se immiscuir nas lutas politicas locaes.

Transferindo sua residencia para a cidade da Bahia, ahi continuou o Dr. Tiberio a exercer a sua profissão, com fortuna e lustre.

Em 1843 foi mandado em commissão de grande responsabilidade á villa de Pilão-Arcado, no caracter de juiz municipal e delegado de policia.

Mais de uma vez, o prestimoso cachoeirano occupara o governo da provincia, como seu vice-presidente; e, afinal, na qualidade de presidente effectivo, lhe coubera por sorte enfrentar a tremenda epidemia do « cholera-morbus », que aliás forneceu-lhe ensejo de prestar serviços publicos da maior valia, e que não serão jámais esquecidos pelos bahianos de coração e de caracter.

Deputado provincial, presidente da Camara Municipal da Bahia, deputado á Assembléa Legislativa

Geral, e mais de uma vez contemplado em lista triplice para a escolha de senador, o Dr. Tiberio recebia assim as mais inequivocas provas da sympathia e confiança, que merecia de seus concidadãos.

E por amigos e admiradores a sua morte foi considerada como verdadeira calamidade.

18 de Dezembro

— Em 1845, falleceu o advogado Loke Regadas de Farias, deixando alguns bens de fortuna.

— Em 1888, desembarcou aqui o engenheiro Antonio Placido Peixoto do Amarante, commissionado pelo governo, da então provincia, para estudar os melhoramentos, que se fazem precisos afim de tornar mais desembaraçada a navegação do rio Paraguassú.

Ao relatorio, que o dito engenheiro, em tempo, apresentou, tomo as seguintes informacões:

« O rio Paraguassú.... é o maior e o mais importante dos rios, que desembocam na Bahia de Todos os Santos. Banha a cidade da Cachoeira, que demora a 40 kilometros de sua fóz, na margem esquerda, e fronteira a ella a freguezia (hoje cidade) de São Felix, na margem direita.

Ponto inicial da « Estrada de Ferro Central », e unidas pela importante ponte « D. Pedro II », são estas duas localidades muito notaveis, e florescentes pelo grande commercio, que entretêm com os centros productores do interior.

D'ali para baixo o rio Paraguassù, descrevendo largas curvas, segue o rumo geral de S. E., e, correndo em leito quasi sempre empedrado, apertado entre altas montanhas, com a largura de 300 a 2.000 metros, fórma o lago (outros chamam

mais propriamente bacia) do Iguape, a 20 kilometros de sua fóz, e continúa até lançar-se no mar. As marés se manifestam n'este rio até muito acima da Cachoeira, attingindo sua altura a 2 m. 3, observada na escala, que fincámos no porto.

Profundo, e offerecendo navegação franca e segura, desde sua embocadura até ás proximidades das povoações de Nagé e Coqueiros, na margem direita, sómente d'ahi até o porto da cidade apresenta largos bancos, ou corôas de areia, que em muitos pontos difficultam a navegação, na baixa-mar, tornando o canal sinuoso e estreito, principalmente no logar denominado «Pedreiras», onde as embarcações só encontram accesso em curva apertada, junto ás pedras da margem direita.

Effectuámos n'este trecho do rio 300 sondagens, que indicaram canal com a largura de 30 a 100 metros, e profundidade de 1 a 3 metros, sendo tambem encontrados alguns pontos com profundidade maior de 5 metros.

O porto da cidade acha-se muito obstruido por bancos de lama, areia, e cascalho; e seu canal approxima-se mais da margem esquerda do que da direita, tendo apenas na baixa-mar a largura de 30 a 60 metros, com profundidades que variam de 1 a 2 m. 3.

O melhoramento para uma navegação franca e segura exige dragagem, em alguns bancos de areia, e talvez a remoção de alguns cabeços de pedra para aprofundar o leito, alargar e rectificar o canal, e o balisamento deste, desde Nagé até á cidade.

No porto, será necessario estender a dragagem, em quasi toda a largura do rio (300 metros), afim de augmentar a sua profundidade, e facilitar

o movimento de embarcações, principalmente junto á ponte de embarque e desembarque.

O producto das excavações poderia ser utilisado no aterro do largo do Calabar, á montante da embocadura do rio Pitanga, na cidade; cujo caes já começado deveria ser concluido até á ponte Pedro II: e este melhoramento, favorecendo as condições hygienicas do porto, traria tambem o embellezamento d'elle ». (*)

O engenheiro Luiz de Souza Mattos veio, em 1893, explorar—por sua vez—o rio Paraguassú. Trabalhou desde a ponte *Pedro II* até ao engenho *Victoria*, sendo suspensos depois os estudos, em consequencia de se haver esgotado a verba a elles destinada.

—Em 1892, teve logar a primeira eleição para membros do Conselho, e para intendente municipal d'esta cidade, de accordo com a legislação da republica.

Foi eleito intendente o tenente-coronel **Manuel** Martins Gomes.

19 de Dezembro

—Em 1778, a camara d'esta cidade, então villa, designou a *Casa do riacho*, que pertencera a José Pereira, para deposito da polvora, que houvesse de ser vendida a retalho.

Ora, vejam como são as cousas...

(*) Por iniciativa da municipalidade, e com auxilio do Estado, o cáes está concluido (1900); e o aterro, a que se refere o engenheiro Amarante, vae se fazendo regularmente, apezar de não se ter ainda excavado o rio.

D'essas obras foi encarregada uma commissão, composta do Dr. Aristides Augusto Milton, coronel Manuel Martins Gomes e major Francisco Mendes Magalhães Costa.

Hoje, quando já temos progredido assás, e parece pois que tudo deveria andar melhor, a polvora se encontra, e é vendida, em qualquer ponto da cidade, a despeito dos gravissimos perigos, a que todos assim ficamos expostos!

Nem mesmo a tremenda catastrophe do *Taboão*, na cidade da Bahia, suggeriu ás autoridades competentes um bom movimento, no sentido de se cortar o abuso, que pode ser fatal a uma população inteira.

Provavelmente, querem por tal modo demonstrar, mais uma vez,—que o « brazileiro só fecha a porta depois de roubado ».

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, se dirigiu por officio ao ministro do Imperio José Bonifacio de Andrada e Silva, lhe communicando a chegada do brigadeiro José Egydio Gordilho de Barbuda; e repetindo, ao mesmo tempo, suas queixas contra o general P. Labatut, nellas envolveu o nome do coronel José Garcia Pacheco Pimentel de Moura e Aragão, a quem o Conselho, embora qualifique de « ignorante e facil », proclama como um dos benemeritos da provincia.

—Em 1839, testemunhou esta cidade a maior cheia, que tem tido o rio Paraguassú, que o povo conhece por « enchente grande ».

Durante o mez de Novembro, as aguas do mesmo rio tinham a pouco e pouco crescido, até que afinal transbordaram; causando o atropello e susto, que nessas eventualidades costumam sempre reinar.

Era quinta-feira.

A's 8 horas da noite, copioso aguaceiro desabou sobre a cidade e seus arredores: e, de então por diante, o Paraguassú foi subindo cada vez mais:

de sorte que, ás 11 horas, era já grande o numero de casas invadidas pelas aguas, a confusão e o pavôr dominavam por toda parte.

No dia 20, o rio tinha alcançado já — pela rua das Flôres — a casa, em que morava uma certa Maria Magdalena, ao lado esquerdo de quem sobe, e presentemente figura sob n. 53.

No dia 21, as aguas ainda subiram mais.

No dia 22, o rio, que avançava sempre impetuoso, achava-se — ao começar da tarde — em frente á casa onde residia José dos Santos Baptista, á rua Rodrigo Brandão (outr'ora do Fogo), a qual fica nos fundos do sobrado sob n. 2 á rua Formosa. Nesta rua, as aguas haviam attingido á esquina, formada pelo predio, então, de Jeronymo José Albernaz, que hoje tem o n. 5 e outros predios ao lado.

Ao mesmo tempo, o rio tomava a rua Marechal Deodoro (antiga dos Curraes-velhos), passando além do matadouro, que existia ahi.

No dia 23, as aguas baixaram cerca de 60 metros; mas, no dia seguinte tornaram a se elevar, e com tanta força, que ás 9 horas da manhan penetravam ellas no becco da «Viuva Motta», que communica pela parte de cima as indicadas ruas Rodrigo Brandão e Formosa. Descendo, então, por esta, só estacionaram defronte do sobrado de dois andares, que tem presentemente o n. 29.

Simultaneamente, outra porção de agua, subindo pela citada rua Formosa, só parou defronte do sobrado n. 18, que era propriedade de José Pereira Nogueira, e fica um pouco acima da entrada do largo dos Amores.

De modo que, pouco faltou para se encontrarem as duas linguas do rio, que se bifurcara, e tinham penetrado em sentido opposto na dita rua Formosa.

Pela rua 25 de Junho (antiga Direita da Praça), o Paraguassú subiu tambem muito; tanto que cobriu 5 1/2 degráos da escada de pedra, que existe em frente á cadeia.

No sobrado n. 14, que faz quina para a rua 13 de Maio (então rua de Baixo), onde residia João José da Silva e Azevedo, faltaram apenas m 0,22 para as aguas tocar ao respectivo assoalho. Mas, exactamente m 0,22 chegaram ellas acima do assoalho de outro sobrado, o de n. 9 sito ao largo dos Arcos.

A corrente qne subia pela rua da Matriz, e a que descia pela rua da Ponte-velha, por differença de m 0,11 não se juntaram na praça da Regeneração.

Por differença, tambem, de 0 m,22 o rio deixou de entrar pelo 1.° andar do grande predio de dois andares, existente á rua 13 de Maio (então rua de Baixo), onde em 1859 foi hospedado o imperador Pedro II; e tem hoje o numero 13.

Em alternativas de augmento e diminuição, se mantiveram as aguas até o dia 30 quando se immobilisaram por algumas horas, ficando approximadamente m 2,50 abaixo do sobrado á rua Formosa n. 2, que pertencia a Bento José de Almeida. Pelo correr do dia, porém, começando de novo o rio a subir, alcançou a esquina formada por aquelle predio.

As aguas haviam invadido tambem a egreja Matriz, cuja porta principal cobriram até á altura de m 2,0. Si tivessem crescido mais um pouco, 0 m 22, o altar-mór ficaria alagado. Em todo o caso, o Santissimo Sacramento foi transferido para a capella de Nossa Senhora d'Ajuda, o mais antigo templo da cidade E, por aquelle motivo, não se celebrou em 1839, missa de Natal, na matraiz; o que se repetiu aliás, em 1900, sem causa justificativa.

Embarcado, era o unico meio possivel de se chegar á rua da Conceição do Monte.

Além da matriz, as aguas penetraram egualmente nas egrejas do Convento, e da Ordem Terceira do Carmo; cobrindo os primeiros degráos das respectivas capellas-móres.

As casas terreas, situadas ao pé do rio, tanto nesta cidade, como na de São Felix, então simples pôvoado, ficaram — mais de meio telhado — cobertas de agua. Dentre ellas, cêrca de 100 desabaram: e se contou grande numero de deterioradas.

Podem-se apontar os pontos desta cidade, poupados pela enchente grande. E foram estes: alto do Caquende, ladeira da Mangabeira (então chamada rua do Assobio), ladeira da Cadeia, largo d'Ajuda, rua do Amparo, praça da Regeneração (do lado do chafariz publico), rua da Pitanga, ladeira da rua da Conceição do Monte, rua Formosa (trecho comprehendido entre as duas linguas de agua, a que acima alludi), e Recuada (pontos extremos).

A 1.º de Janeiro de 1840, as aguas começaram a baixar seguidamente, até que no dia 9 o rio retomou seu leito.

No dia anterior, entretanto, a Camara Municipal se tinha reunido para providenciar, como lhe fosse possivel em similhante emergencia.

Não falando em outras medidas, que tomara, a Camara havia deliberado, sob proposta do vereador Ribeiro Guimarães, despender 200$000 na compra de lenha e alcatrão, com que se fizessem fogueiras para desinfectar as ruas.

Na sessão de 15 de Janeiro, a Camara resolveu elevar ao duplo essa quantia.

O presidente da provincia, hoje Estado, mandou — por officio de 7 de Fevereiro de 1840 — emprestar

á mesma Camara 400$000 para «continuação da limpeza das ruas da cidade».

O Arcebispo — D. Romualdo Antonio de Seixas, a 3 de Janeiro do referido anno, expediu pastoral eloquente, ordenando «preces para que cessasse a enorme calamidade, e Deus preservasse os habitantes da peste e da fome, consequencias que ella poderia produzir.»

A verdade é — que morreram, então afogadas varias pessoas; e assim que as aguas baixaram se desenvolveram, como aliás era esperado, febres de máo caracter, que victimaram diversos cidadãos, entre os quaes contou-se o padre Malachias Ribeiro.

Foram quantiosos os prejuizos, motivados pela «enchente grande»; mas nenhum roubo se registrou, durante aquelles dias de confusão e terror.

Ha memoria, tambem, de outra enchente excepcional do Paraguassú, succedida em 1792. Essa, comtudo, foi menor do que a de 1839, pois apenas attingiu tres degráos da cadeia.

— Em 1890, aportou a esta cidade o Dr. Manuel Victorino Pereira, 1.º governador do Estado da Bahia, no regimen republicano, que tinha sido recentemente inaugurado.

Teve estrondosa recepção, tal qual pouco antes haviam feito ao conde d'Eu, consorte da princeza imperial; se notando a coincidencia de ser amphitryão de ambos o mesmo cavalheiro, que em sua propria casa os recebeu fidalgamente.

20 de Dezembro

— Em 1712, o senado da Camara d'esta cidade, então villa, recebeu do mestre-carapina Manuel Garcez, por estarem promptas e completas, as obras do seu paço.

—Em 1799, o ouvidor-geral e provedor d'esta camara—desembargador João da Costa Carneiro de Oliveira, por um provimento muito bem deduzido, recommendou a cultura do anil, da pimenta da India, e da canella, « fóra a dos mais generos de primeira necessidade».

Mas, qual! o provimento « virou canella . . . » Nós importamos, ainda, tanto essas especiarias, como palitos e vassouras tambem. Só entendem, os lavradores de cá, do cultivo do fumo, ou tabaco; e nem se lhes fale n'outra cousa: principalmente depois que, em 1899, venderam a safra até á razão de 30$000 por 16 kilogrammas da estimada solanea, embora no anno seguinte não encontrassem, durante alguns mezes, quem a comprasse por preço algum.

Verdade é—que da pimenta possuimos uma variedade espantosa, sobresahindo--entre ellas—a « malaguêta »; condimento assás apreciado na cozinha bahiana que, não por isso, mas por outros titulos indisputaveis, arranca sempre merecidos gabos, e na republica toda goza de justa nomeada.

Mas, além de especiarias, ha muito em que se possa, e deva, aproveitar o solo uberrimo de nossa patria.

—Em 1808, uma carta régia, expedida de Portugal, agradeceu e louvou a todos os lavradores do termo desta cidade, então villa, os quaes, por iniciativa do juiz de fóra José Raymundo de Passos de Porbem Barbosa, tinham contribuido com importantes donativos para soccorrer a metropole portugueza.

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, hoje Estado, cuja sède era

nesta cidade, então villa, cumprindo as ordens imperiaes, transmittidas por aviso de 15 de Outubro, nomeou José Egydio Gordilho de Barbuda, brigadeiro, para commandar—na qualidade de official general—a 3.ª divisão do exercito pacificador. Esta era compósta pelas tropas das villas da Cachoeira, Santo Amaro, Maragogipe e S. Francisco.

E approvou o plano e a proposta, que o capitão-mór João Dantas dos Reis Portatil offerecera para organisação da guarda civica, destinada á defeza d'esta cidade, então villa.

—Em 1839, o cidadão Bernardo José das Neves arrematou por 29:865$752 a obra da nova ladeira da Muritiba, orçada em 36:515$752.

A ladeira citada tem consumido muitas outras sommas, despendidas pela administração publica, e serve ao transito de centenares de pessoas, diariamente.

A intendencia municipal de S. Felix melhorou muito o estado da ladeira da Muritiba, que em quanto não fôr toda calçada, me parece, ha de continuar a exigir concertos, mais ou menos custosos mas provisorios tambem.

21 de Dezembro

—Em 1857, falleceu—bem moço ainda—o tenente Manoel Balbino da Costa Brandão, que era influencia eleitoral e juiz de paz de S. Felix, então pertencente ao termo e comarca desta cidade.

Tão infausto e prematuro passamento foi geralmente sentido.

—Em 1859, a população d'esta cidade despertou profundamente impressionada por um facto grave, que á noite havia occorrido.

Tinham tentado incendiar o edificio em que, á rua da Matriz, funccionava a «Caixa Commercial».

Na porta principal, diz o auto de corpo de delicto a que se procedeu, foram encontrados «dois logares queimados interior e exteriormente».

E accrescenta a peça judiciaria, «n'um montão de páus, que estava contiguo á mesma casa, achou-se uma fogueira, que fôra alimentada com pequenas maravalhas, e porção de agua-raz; havendo fragmentos de uma garrafa quebrada, que continha aquella substancia, e um embrulho com porção de phosphoros.»

Como autor d'esse crime foi indigitado João Pereira da Costa, que annos depois cnmpriu —na Bahia—pena de prisão, como falsificador.

—Em 1872, foi publicado o novo recenseamento da população d'esta cidade.

N'esse trabalho, sem duvida imperfeito, pois que não passava de um simples ensaio no genero, attribuiu-se á Cachoeira uma população de 11.223 almas. D'estas pertenciam 4.847 ao sexo masculino e 6.376 ao feminino.

Verificou-se, egualmente, a existencia de 2.100 fogos, distribuidos por 2.850 predios, a saber: 5 sobrados de dois andares, 236 de um só andar, 1.478 casas terreas dentro do perimetro da decima urbana, e 131 fóra d'esta.

A esse tempo, contavam-se oito pessoas maiores de 100 annos, com residencia entre nós.

A se crer em Ayres do Casal (*Geographia brasilica*), esta cidade, em 1804, tinha sómente 894 fogos e S. Felix—202.

Uma *noticia*, escripta pelo tenente-coronel J. Arnisáu, faz certo—que, em 1825, a Cachoeira contava já o duplo d'esses fogos.

Em 1866, foram arrolados aqui 233 predios de sobrado e 1.051 terreos, não incluindo 150, que ficavam fóra do perimetro da decima; ao todo—1.434. Mais 540, portanto, do que no anno de 1804, e menos 44 do que em 1872.

Em 1891, foi levantado um novo recenseamento, que produziu aliás o mesmo resultado do de 1900 no Rio de Janeiro, quando serviu de assumpto a uma troça monumental, e teve de ser *rectificado*. Segundo elle, a população da Cachoeira havia descido, sem motivo algum conhecido, a 8.250 almas! Entretanto, conforme dados officiaes colhidos em Dezembro de 1900, a Cachoeira conta 2.053 predios, dos quaes 249 são de sobrado, 1.613 terreos e 191 estão fóra do perimetro da decima urbana. Assim, no espaço de 34 annos, a edificação augmentou de 619 predios.

Quanto á população, o recenseamento procedido no dito anno de 1900 dá para a cidade uma população de 12.000 almas, cifra redonda.

22 de Dezembro

—Em 1881, teve logar a collocação da primeira pedra da ponte *Pedro II*, que liga esta cidade á de S. Felix.

A referida ponte mede 353.^{m} de comprimento, está construida na costa 0^{m},50 acima do nivel da maior enchente que já teve o rio Paraguassú; e consta de 4 vãos, a saber: 2 centraes, de 91^{m}50, e 2 lateraes de 86^{m}0, tendo o estrado 9^{m}0 de largura.

A secção central é destinada á passagem de trens, carroças, carros e animaes e as duas lateraes servem para o transito de peões.

(*Vid. Ephemerid.* de 7 de Julho.)

—Em 1881, tambem foi lançada a primeira pedra do novo comiterio que a irmandade da Sancta Casa de Misericordia deliberara edificar n'esta cidade e desde muito está funccionando.

Presentemente, a Cachoeira possue quatro cemiterios, que são: o da Misericordia, o do Rosario ao Monte-Formoso, o da Ordem 3.ª do Carmo, e o dos acatholicos.

23 de Dezembro

—Em 1822, o general P. Labatut, contrariado com a nomeação do brigadeiro José Egydio Gordilho de Barbuda, effectuada no dia 20, pediu seus passaportes ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja sède era n'esta cidade, então villa.

Por sua vez, o referido Conselho, em officio dirigido ao ministro do imperio—José Bonifacio de Andrada e Silva, representou contra aquelle general, «por ser só capaz de perder a provincia e não de salval-a, por ser só capaz de fazer armar ao infame Madeira, por se mostrar mais barbaro e imprudente que este monstro.»

—Em 1858, finou-se o major Antonio Ferreira Souto, que fôra sub-delegado de policia, juiz de paz e vereador da camara municipal desta cidade, onde dispoz de alguma influencia eleitoral.

—Em 1881, foi aberto ao transito publico o trecho que vae de S. Felix ao Curralinho (agora Cidade Castro Alves) na estrada de ferro *Central da Bahia*..

—Em 1893, falleceu na capital do Estado o padre Salvador Calixto de Barros, derradeiro vigario collado da freguezia de S. Felix.

Era septuagenario.

24 de Dezembro

—Em 1654, o conde de Atouguia deu regimento ao capitão-mór Gaspar Rodrigues Adorno, mandado ao sertão da Bahia para fazer guerra ao gentio barbaro. E, juntamente, marcou a successão, que deveria ter esse explorador, caso desapparecesse— por qualquer accidente— na jornada, que ia emprehender.

Por aqui teve de passar o valente capitão, cuja edade era então de 30 annos, pois que tinha nascido em 24 de Juuho de 1624.

Em 24 de Setembro de 1664, o vice-rei conde de Obidos encarregou o mesmo Gaspar Adorno de trazer para as cabeceiras de Iguape, Maragogipe, Jaguaripe, e Cachoeira as aldeias então existentes em Jacobina e Payayases; fosse por bem, ou fosse a poder das armas.

Tambem, não havia pessoa a quem os aborigenes mais respeitassem, pela tradição e conhecimento que tinham de seus avós...

E tal medida foi tomada, exactamente porque aquelle gentio costumava descer do sertão para hostilisar os habitantes do reconcavo.

—Em 1822, o general P. Labatut fez espalhar um *manifesto*, datado do seu quartel-general ao Engenho-novo; e por meio delle, dispensava o coronel José Garcia Pacheco do commando da força armada, existente n'esta cidade, então villa.

No mesmo documento, não sei bem a que proposito, o general declarava innocente, e de todo illibado o procedimento do capitão-mór José Paes Cardoso.

—Em 1889, foi inhumado em S. Felix o cadaver

do importante industrial Francisco José Cardoso, portuguez de origem, mas brazileiro — havia muito já — naturalizado.

A custa de trabalho insano, conseguira elle montar uma fabrica de charutos — *A Juventude* — que chegou a ser a mais acreditada do paiz.

O serviço que Cardoso assim prestou, desenvolvendo a industria nacional, e simultaneamente tornando o seu estabelecimento o *ganha pão* de muitas familias pobres, mas honestas, não se pode encarecer de mais.

O prestante cidadão que, além de tudo, era um homem pacifico e chefe de familia dedicado, attingiu a 74 annos de edade.

25 de Dezembro

—Em 1899, a farinha de mandioca foi vendida ao preço de 800 réis cada litro, a carne-verde a 1$200, e o charque a 1$500 o kilogramma.

O sertão era assolado por secca inclemente, que tangeu para esta cidade e as outras do reconcavo uma população numerosa e faminta. Assistiu-se ali a um exodo tremendo e acabrunhador. E de miseria organica morreram então centenas de pessoas.

Para soccorrer os *retirantes*, que de todo o centro aqui chegavam, foi organizado um *Comité popular*, que no convento do Carmo distribuiu, durante algum tempo, generos alimenticios aos necessitados.

Dessa feita, o governo se limitou a dar passagem gratuita, em vapor ou estrada de ferro, a quem queria... mudar de ares.

26 de Dezembro

—Em 1837, partiu desta cidade o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, com 50 praças do *batalhão de voluntarios*, para a Feira de Sant'Anna, onde se receiava um proximo rompimento, annunciado em *clubs*, e por meio de proclamações, dos adeptos da *Subinada*.

As outras praças, componentes do citado batalhão, pouco antes haviam seguido, sob o commando do capitão J. de Meirelles, para o Pedrão, com o fim de auxiliar os respectivos juizes de paz na perseguição e captura dos turbulentos que, a serviço dos rebeldes, por ali vagavam.

—Em 1891, foi celebrada na capella da Sancta Casa de Mizericordia, desta cidade, uma solemne missa em acção de graças, por haver a respectiva irmandade conseguido solver todos os seus debitos, que eram relativamente crescidos.

A esse brilhante resultado se chegou por meio de esmolas, que obtivera no Rio de Janeiro o provedor da mesma irmandade—Dr. Aristides Augusto Milton.

A Meza respectiva, em testemunho de seu reconhecimento, mandou collocar na sala de suas sessões o retrato do dicto provedor, que se encontra ao lado dos retratos de outros bemfeitores da Sancta Casa: commendador Pedro Rodrigues Bandeira, commendador Manoel Galdino de Assis, João Amaro Lopes, coronel José Ruy Dias de Affonseca e commendador Rodrigo José Ramos.

27 de Dezembro

—Em 1834, o tenente-coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão officiou ao presidente da provincia

lhe communicando—que Innocencio José Galvão, complicado em o negocio do batalhão dos *Periquitos*, achava-se nesta cidade, então villa, e só sahia á noite, vestido de padre, e em cadeira de arruar, seguido sempre de escravos com archotes.

Eis como, nesses bons tempos andavam— de noite —as pessoas de distincção...

—Em 1837, entrou no povoado de S. Gonçalo dos Campos, hoje cidade, o mesmo patriota Rodrigo Brandão, que já era coronel, com a força daqui sahida debaixo do seu commando.

Dirigia-se para a Feira de Sant'Anna, cuja attitude a favor dos rebeldes ali confirmou-lhe o respectivo commandante superior da guarda nacional.

Em S. Gonçalo, reuniram-se mais 80 homens á sobredita força. A seu turno, o presidente da provincia—Barretto Pedroso mandou reforçal-a com 177 praças. Algumas outras foram chegando de varios pontos, enviadas pelas autoridades locaes.

Foi com um total de 280 homens, que—poucos dias depois—o coronel seguiu para a Feira de Sant Anna, animado das mais lisongeiras esperanças, como partidario da legalidade, que sempre foi.

—Em 1872, falleceu—contando 38 annos de edade, —o nosso conterraneo Dr. Manuel Candido de Araujo Lima, que estava de passeio nesta cidade.

Era empregado na secretaria do governo e membro da assembléa provincial da Bahia.

28 de Dezembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, mandou prender o revm. fr. José de S. Jacintho Mavignier, *por bem da tranquillidade publica.*

Com certeza, o bom do monge fizera algum estardalhaço sensacional...

—Em 1865, foi assignado o contracto, entre o subdito inglez John C. Morgan e o governo imperial, para construcção da estrada de ferro *Paraguassú*, convertida ao depois na *Central da Bahia* de que foi emprezario outro subdito britannico, o engenheiro Hugh Wilson.

Essa estrada começa na fronteira cidade de São Felix, e tem um ramal para a da Feira de Sant'Anna, com o ponto de partida aqui.

—Em 1877, falleceu de congestão cerebral, quando se dirigia numa canoa para o vapor, que o deveria conduzir até á cidade da Bahia, o nosso conterraneo Dr. José Germano Mangabeira, promotor publico d'esta comarca.

Estava ainda em todo o vigor da mocidade.

—Em 1881, certo cidadão desconhecido andou a convidar padres, musicos e diversas outras pessoas para acompanharem um enterro.

Mas, á hora aprasada, os que compareceram no logar indicado verificaram ter sido victimas de um logro pyramidal.

O gaiato, que se divertia assim com a morte, desappareceu d'aqui no mesmo dia, sem que mais nunca podesse ser ao menos lobrigado...

—Em 1893, a cidade amanheceu innundada em varios pontos. Desde dois dias antes, o thermometro subira desmedidamente, e o calor se tornara insupportavel.

Durante a noite de 27, a chuva que ás 8 horas tinha começado fina e moderada, foi a pouco e pouco engrossando; e ás 2 horas da madrugada despejava-se em bategas, tão copiosas quanto incessantes. Raro foi o telhado que poude resistir ao peso da agua, que cahia em verdadeiras catadupas.

A população despertou sobresaltada, e de muitos angulos da cidade elevaram-se gritos de consternação e soccorro. Não poucas pessoas abandonaram suas casas atabalhoadamente. Enfermos e velhos, foram conduzidos ás costas de amigos e parentes para fugir ao perigo que os ameaçava.

Diversos commerciantes, cujas casas de negocio foram invadidas pelas aguas, registraram prejuizos enormes. Alguns predios ficaram damnificados.

Em S. Felix, a tromba ainda maiores estragos produziu. A ladeira da Muritiba, recentemente concertada soffreu bastante.

O Paraguassú avolumou logo sua corrente e os trens da estrada de ferro *Central da Bahia* não poderam, por alguns dias, correr.

Não houve, felizmente, desgraça pessoal a se lamentar.

29 de Dezembro

—Em 1848, o presidente da provincia, hoje Estado da Bahia, communicou á camara municipal desta cidade ter sido removido, da cadeira de rhetorica de Minas do Rio das Contas para a desta cidade, o professor Francisco de Assis.

Naquelle tempo, o Governo mandava ensinar a rhetorica, até pelo sertão!

Foi, talvez, o que nos perdeu. . . . . .

30 de Dezembro

—Em 1804, ancorou no porto da Bahia o *Bom-Despacho*, navio em que regressavam os escravos,

mandados a Lisboa vaccinar, com o fim de introduzir entre nós a grande invenção de Jenner.

Desde logo se tratou com afinco de aproveitar o excellente meio prophylatico para impedir nova invasão da repugnante peste, que já por vezes havia assolado o paiz

Notadamente em 1666, a variola fez milhares de victimas, tendo começado por Pernambuco sua marcha desoladora e cruel.

Quando, ao depois, ella irrompeu no reconcavo da Bahia, occasionou uma verdadeira hecatombe. Bem poucos foram os homens pretos, que então escaparam. De tal modo, que muita gente cuja fortuna consistia em escravos, tanto aqui, como em S. Francisco, e Santo Amaro, ficou reduzida á penuria.

Deve-se a meia duzia de negociantes da praça da Bahia, e sobretudo ao marquez de Barbacena, cujo busto foi por isto inaugurado—em 1859—no Instituto vaccinico do Rio de Janeiro, aquella idéa de fazer vir de Lisboa a vaccina, passando-a de braço a braço, durante a viagem dos pretos ; pois então se acreditava—que somente assim a lympha podia ser conservada.

Os avisos de 1 de Outubro 1802, de 10 de Novembro de 1804, e outros, referiram-se ao importante assumpto, que ainda hoje desperta a attenção dos scientistas.

—Em 1822, sahiu da cidade da Bahia, com destino a esta, que era então simples villa, o conego José Cardoso Pereira de Mello, a quem veio se juntar—dias depois—o secretario do governo civil —Francisco Carneiro de Campos ; ambos desgos-

tosos da desconsideração geral, a que tinha descido o mesmo Governo.

A verdade é—que os negocios publicos foram, de dia em dia, se complicando mais; aggravada a situação pela falta de numerario,e de mantimentos, na praça.

Nessas circumstancias, indubitavelmente melindrosas, appareceu uma proclamação anarchica; seguida de varios pasquins, em que o general Madeira de Mello era tratado por *madeira podre e cobarde.*

A tensão dos animos foi—de hora em hora—se accentuando mais; a ponto que, no dia 8 de Maio de 1823, o general effectuou concorrida reunião militar, cujo fim foi declarar a Bahia «praça de guerra, em estado de sitio».

Assim o *estado de sitio*, declarado pela monarchia constitucional, e tantas vezes pela republica, é instituto que muito de longe conhecemos....

—Em 1822, tambem, o general Labatut se dirigiu, por officio, ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, informando—que o dinheiro de ouro e prata, arrecadado nos engenhos dos *Teixeira Barbosa* subia á somma de 113:000$000, conforme havia já communicado ao Governo imperial.

Foi o Governo provisorio da republica que mandou indemnizar os herdeiros dos Teixeira Barbosa dos prejuizos, que lhes havia causado o exercito pacificador, conforme já notei.

Sessenta e tantos annos tinham despendido os interessados a reclamar de balde o pagamento dessa divida.

—Em 1822, tambem, o referido general P. Labatut exonerou o brigadeiro José Egydio Gordilho de Barbuda do commando da 3ª divisão daquelle exercito, e nomeou logo em seguida para o logar de inspector geral das tropas em operações.

Assim praticando, o general teve em mira—mostrar ao Conselho interino do governo, existente nesta cidade, então villa, de quem era a competencia para fazer o detalhe das forças em campanha; pois que os dois andavam disputando preferencia de attribuições.

31 de Dezembro

—Por um trabalho official, publicado em 1799, se apurou—que neste anno tinham sido exportadas da capitania da Bahia para Portugal, Costa de Africa, e outros portos do estrangeiro, mercadorias no valor de 5.315:484$430.

Comparada esta somma com a da exportação do anno anterior, accusava um augmento de..... 2.201:027$070.

—Em 1800, de accordo com as ordens expedidas por D. Fernando José de Portugal, depois marquez de Aguiar, governador da Bahia, foram lotados os officios de justiça d'esta cidade, então villa, do seguinte modo:

Cada tabellião— 300$000, de rendimento annual; o escrivão de orphãos—500$000; o da provedoria—400$000; o inquiridor— 240$000; a cada meirinho—80$000; ao alcaide que era carcereiro tambem—100$000; o escrivão da camara e almotaçaria—100$.

E' o que consta do officio, expedido pelo citado governador em 26 de Março de 1801.

—Em 1822, foi verificado—que a flotilha, preparada em Itaparica para combater com a esquadra portugueza, que queria obstar á independencia da Bahia, constava de nove vasos, afóra algumas lanchas baleeiras de abordagem e de varias bombardeiras· todas com uma guarnição constante de 900 praças.

Figurava, entre os primeiros, a escuna *Cachoeira*, que tinha a bordo 109 homens, dos quaes 70 eram daquella ilha, e 39 haviam seguido desta cidade e seus arredores.

Cachoeira, 1901.

A. Milton.

(*Concluir-se-ha*)

Actas das sessões e offertas

82ª SESSÃO EM 10 DE MARÇO DE 1901

Presidencia do Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos dez dias do mez de Março de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Alburquerque, presidente; João Nepomuceno Torres, 1º secretario; capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro; Dez. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Joaquim dos Reis Magalhães, Cons. Dr. José Botelho Benjamin, Pharmac. Luiz Antonio Filgueiras e Comm. Joaquim Manuel de Sant'Anna, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Praguer, Padre Luiz da França dos Santos, Francisco Pires de Carvalho e Alfredo Octaviano Soledade, foi declarada aberta a sessão, occupando o logar de 2º secretario o supplente Luiz Filgueiras na ausencia do effectivo, dizendo o 2º secretario que a acta da sessão anterior não estava lançada no respectivo livro, mas que existia sobre a mesa os appontamentos para a mesma, os quaes passou a ler; suscitou-se uma questão de ordem, ficando resolvido afinal que depois de lavrada fosse ella submettida á discussão e votação.

O expediente constou do seguinte:

Officios :—de Antonio Toledo Piza, director da repartição de estatistica de S Paulo, remettendo um exemplar do relatorio d'aquella repartição, referente ao anno de 1898, contendo dados sobre as condições demographicas, economicas e moraes da população paulista; de Francisco Ferraro, offerecendo medalhas e illustrações commemorativas das festas ao Presidente Campos Salles por occasião de sua visita á Republica Argentina, o que foi mandado agradecer; do Consul da Republica do Uruguay, remettendo um exemplar do convite do Comité encarregado da reunião do 2.º Congresso Scientifico-latino-americano, em Montevidéu, ao que o Sr. Cons. Presidente informou haver nomeado o nosso socio correspondente, alli, Pedro M. Reviere, residente naquella cidade, para representar o Instituto naquella solemnidade, telegraphando-lhe nesse sentido ; de Josino Menezes, secretario do Governo de Sergipe, remettendo seis volumes de leis, decretos e regulamentos daquelle Estado, de 1835 a 1880, de 1889 a 1893 e 1897 a 1900 ; de Fabricio Diniz, secretario do Centro Caixeiral do Estado do Maranhão, accusando a recepção de um exemplar da revista commemorativa do 4.º centenario e remettendo a quantia de 12$, importancia da assignatura da mesma revista ; do Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, accusando a recepção da Carta de Pero Vaz Caminha, *Pindorama*, drama *Descoberta do Brazil* e uma medalha ; da Sociedade beneficente « União das Classes », do « Lyceu de Artes e Officios » e da « Associação Commercial da Bahia », communicando a eleição e posse de seus novos funccionarios eleitos para o corrente anno ; do Secretario do Gabinete Portuguez de Leitura, convidando o Instituto para as-

sistir a sessão litteraria em homenagem á memoria do seu illustre consocio Thomaz Ribeiro, sendo nomeada uma commissão composta dos socios dr. Braz do Amaral, cons. Antonio Carneiro da Rocha e Damasceno Vieira para representar o Instituto; da « Sociedade Geographica de Lisboa », communicando o pezar que teve com a perda do eminente cidadão Luciano Cordeiro; do secretario da commissão de demarcação de limites com a Bolivia, remettendo um mappa da região norte desse paiz, até então desconhecida; do secretario do « Archivo Publico » mineiro, agradecendo os sentimentos de pezar do Instituto pelo desapparecimento do seu glorioso chefe José Pedro Xavier da Veiga, e do socio correspondente, Dr. Lindolpho Rocha, fazendo uma rectificação do seu officio de Outubro ultimo, sobre o nome dos descobridores das capoeiras e do novo rio, Alexandre Cachoeira e não João Francisco.

Uma carta do Dr. Silva Lima, remettendo uma curiosidade historica e uns alfarrabios, que julga de interesse para o Instituto; um cartão da Viscondessa Cavalcanti, escripto de bordo do vapor allemão, neste porto, mas sujeito á quarentena, visitando o Instituto e desejando possuir uma medalha commemorativa do 4.° centenario; carta de Belisario Pernambuco remettendo um folheto relativo ao 4° centenario; um livro do Brazil pre-historico a respeito do seu descobrimento e centenario, pelo conego Raymundo Ulysses Pennaforte, foi a commissão de redacção.

Foram apresentadas tres propostas para admissão de socios, sendo ellas enviadas á respectiva commissão.

Em seguida o socio Sr. Henrique Praguer leu

uma memoria sobre as riquezas mineraes da Bahia, memoria que será publicada na Revista.

O thesoureiro, Sr. Francisco Braga, leu o demonstrativo da receita e despesa, referente ao anno findo, sendo o mesmo demonstrativo remettido á commissão de contas para a qual foi nomeado, interinamente, o Dr. Faria Rocha, em substituição a um dos membros que se acha ausente.

Foram lidos e approvados tres pareceres da commissão de admissão de socios, sendo acceitos para socios effectivos os seguintes senhores: coronel Dr. José de Siqueira Menezes, director das obras militares, neste Estado, Francisco Ferraro, industrial, Casimiro Cesimbra, capitão Ignacio Mendo Filho e João Ramos Soledade, e para socio correspondente o Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira, Consul Brazileiro, em Berne e ali residente, João Baptista Perdigão de Oliveira, residente em Fortaleza, e o vigario José Cupertino de Lacerda, residente em Bomfim da Feira, Senador Estadual.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e, de tudo, para constar eu, 2.º secretario, escrevo a presente acta pelas notas que me forão enviadas, e consigno que foi marcada outra sessão para o dia 31 do corrente, e assigno—Isaias de Carvalho Santos — Approvada em sessão de 31 de Março, de 1901.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque - João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

83ª. SESSÃO EM 31 DE MARÇO DE 1901

Presidencia do Snr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos trinta e um dias do mez de Março de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, pre-

sentes os socios cons. drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres, 1.º secretario, Isaias de Carvalho Santos, 2.º secretario, dez. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Alfredo Cezar Cabussú, Joaquim dos Reis Magalhães, Innocencio Goes, Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Egas Muniz de Aragão, José Julio de Calasans, cap. Francisco Gomes Ferreira Braga, padre Luiz da França dos Santos, comms. pharm. Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia Junior, pharm. Luiz Filgueiras, Alfredo Octaviano Soledade, João Antunes de Castro Menezes, Damasceno Vieira, prof. João Joaquim dos Santos Sá, Francisco Pires de Carvalho, coronel Gonçalo de Athayde Pereira e Alfredo Requião, foi declarada aberta a sessão, sendo lidas e approvadas, sem debate, as actas das sessões de 18 de Novembro de 1900 e de 10 de Março do corrente anno.

Em seguida foi, pelo Snr. Cons. Dr. 1º secretario lido o expediente, que constou do seguinte:

Officios:—do dr. Guilherme Pereira Rebello e sua consorte, offerecendo o retrato a oleo, em tamanho natural, do fallecido brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, barão de Belém, avô paterno desta, e cujos serviços ao paiz tornaram-se salientes por occasião das luctas da independencia politica; do Inspector do Thesouro do Estado do Pará communicando a sua nomeação para esse cargo; do sr. Alberto F. Rodrigues, de Pelotas, accusando o recebimento do numero 25 da nossa Revista, e enviando um exemplar do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, commemorativo do 4º Centenario do Descobrimento do Brazil; do director bibliothecario

do Centro Caixeiral do Maranhão accusando a recepção de uma carta de 24 de Janeiro do corrente anno, acompanhada da Carta de Pero Vaz de Caminha em retribuição á importancia remettida para assignatura da Revista, e agradecendo a remessa gratis da mesma Revista; do bibliotecario do Museu Nacional de Stokolmo, Suecia, accusando recebida a Revista, VII vol. ns. 23—25 e a caderneta relativa á Commemoração da Descoberta do Brazil, e, fazendo, ao mesmo tempo, sentir que seriam recebidas com especial satisfação as publicações anteriores e offerecendo a Revista mensal do referido museu.

Cartas: do socio correspondente, sr. Candido Costa, dirigida ao sr. capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, offerecendo a quantia de 500$000 em beneficio do monumento a erigir-se em memoria de Pedro Alvares Cabral, com a clausula de reverter essa quantia em beneficio do Instituto si, no praso de vinte annos, não se levar a effeito o referido monumento; do sr. Pedro Callorda y Acerto communicando haver remettido uma circular relativa ao serviço internacional do cambio, acompanhada de uma lista das publicações que ainda tem para attender ao dito intercambio e lamentando não poder repetir a remessa, e declara que pode o Instituto indicar o titulo das obras que deseja possuir, para serem remettidas promptamente; do Dr. José de Siqueira Menezes, accusando o recebimento da participação de ter sido approvado socio effectivo do Instituto, declarando acceitar e agradecendo, e um cartão de convite da commissão da Escola Polytechnica da Bahia, convidando o Instituto para assistir a sessão solemne no dia 17 do expirante, ás 12 horas do dia, no

edificio da mesma escola afim de testemunharem ao exm. sr. Dr. Severino dos Santos Vieira o seu sincero agradecimento pelos relevantes serviços prestados á referida escola.

O sr. cons. presidente— disse ter nomeado uma commissão composta dos socios Drs. Braz do Amaral, Bonifacio Faria Rocha e Cons. Filinto Bastos para representar o Instituto.

Continuando-se no expediente foram lidas duas propostas, devidamente apoiadas, indicando para socios correspondentes os seguintes cavalheiros: Dr. J. C. Branner, professor de geologia da Universidade de Stranford, na California, chefe da expedição «Agassiz» ao Brazil; Dr. Zeferino Candido, litterato e historiador, residente na Capital Federal; Guimarães Passos, litterato e poeta, tambem residente na Capital Federal; prof. Amancio Pereira, da Escola Normal da cidade da Victoria (Espirito Santo); Alberto Ferreira Rodrigues, litterato e director do Almanack Popular, residente na cidade de Pelotas; e Dr. Virgile Rossel, professor cathedratico da Universidade de Berne (Suissa), jurisconsulto notavel e critico.

Pelo 2.º secretario Isaias Santos foram offerecidas para a collecção do Instituto duas cedulas de 100$000, sendo uma já recolhida e outra falsa; duas de 20$000, muito antigas e recolhidas ha muitos annos; uma de 10$000, já recolhida e cinco de 1$000, todas muito antigas, sendo quatro carimbadas como falsas.

Em seguida foi lido o parecer da commissão de fundos e orçamento cujo teor é o seguinte:

A commissão de fundos e orçamento, examinando attentamente as contas da receita e despeza prestadas pelo sr. thesoureiro Francisco Gomes Fer-

reira Braga, durante o anno findo em 31 de Dezembro de 1900, assim como a respectiva escripturação, as julga merecedoras da approvação da assembléa geral.

No balanço junto apresentado pelo mesmo sr. thesoureiro, e extrahido da referida escripturação, estão descriminadas as verbas de receita e despeza, importando aquella em Rs. 22:297$500 (vinte e dois contos duzentos noventa e sete mil e quinhentos réis) e esta em Rs. 22:212$848 (vinte e dois contos duzentos e doze mil oitocentos quarenta e oito réis); pelo que verifica-se um saldo de Rs. 84$652 (oitenta e quatro mil seiscentos e cincoenta e dois réis) para o anno seguinte.

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico, 28 de Março de 1901. —(Assignados) *S. Pires de Carvalho e Albuquerque —Horacio Urpia Junior—Bonifacio de Aragão Faria Rocha.*

As contas a que se refere o parecer da Commissão são as do demonstrativo seguinte:

RECEITA

Subvenção municipal, Janeiro a Dezembro de 1900. .	1:000$000	
Idem estadual, Dezembro de 1899 a Agosto de 1900.	4:500$000	
Idem federal, Outubro de 1899 a Setembro de 1900.	5:049$500	
Producto de 12 loterias. .	4:800$000	
Mensalidades de socios .	1:305$000	
Joias de socios	360$000	
Remissão de socios . . .	100$000	
Assignatura da Revista . .	108$000	
Vendagem da Revista . .	75$000	
Emprestimo por lettra, Banco Auxiliar das Classes .	5:000$000	22:297$500

DESPEZA

Aluguel da casa—Dezembro de 1899 a Março de 1900 .	540$000	
Ordenado do amanuense .	960$000	
Idem do porteiro	720$000	
Idem do cobrador	399$996	
Commissão ao mesmo . .	164$700	
Juros e amortisação da letra do Banco Auxiliar das Classes	376$000	
Impressão da Revista, numeros 21 a 23.	2:745$000	
Idem da Revista-Independencia da Bahia, para o Centenario.	400$000	
Despeza da secretaria, inclusive geraes	1:838$000	
Seguro do predio. . . .	115$800	
Compra de livros	300$000	
Idem de moveis e utencilios	899$010	
Pago a diversos—materiaes para o predio	11:730$275	
Idem ao Thesoureiro Francisco G. F. Braga, como emprestimo	1:023$507	22:212$848
Saldo para o exercicio seguinte		84$625

O guarda livros (Assignado) *João Joaquim Santos Sá*.—Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 10 de Março de 1901.—O thesoureiro (assignado) *Francisco Gomes Ferreira Braga.*

Posto em discussão o parecer e não havendo quem pedisse a palavra, é approvado.

O socio Dr. Faria Rocha, membro da Commissão de Fundos e Orçamento, pedindo a palavra, leu o seguinte parecer firmado por toda a Commissão:

A Commissão de Fundos e Orçamento verificando não serem prosperas as condições financeiras do Instituto, e tendo em vista que, no exercicio de 1900 não foram amortisadas as dividas por hypotheca e letra ao Banco Auxiliar das Classes, e que, nem ao menos, foram pagos os respectivos juros, o que aliás consta da exposição feita pelo Sr. Thesoureiro, em documento por elle lido, em sessão de 10 do cadente, e annexado ás contas apresentadas por aquelle funccionario ;

Attendendo a que tambem não foram pagas diversas contas relacionadas no alludido documento, na importancia total de 5:042$000 ;

Attendendo ainda a que com a rescisão do contracto celebrado com o coronel Julio Telles da Silva Lobo, perdeu esta associação uma das melhores fontes de renda, qual o producto das loterias concedidas em seu beneficio ;

Attendendo, consequentemente, que é de necessidade urgente e imprescindivel, remediar-se de alguma sorte essa afflictiva situação ; propõe:

1.º Ficam provisoriamente elevadas a 2$000 as mensalidades dos socios, sendo mensal a cobrança dessa contribuição.

2.º O Sr. Thesoureiro empregará os mais dedicados esforços para que fiquem em dia as alludidas mensalidades, devendo o Sr. 1.º Secretario avisar, por escripto, aos que se acharem em atrazo, que serão excluidos, na forma do art. 54 dos Estatutos aquelles que não se quitarem em prazo nunca superior a trinta (30) dias.

3.º Fica a Meza autorisada a chamar concurren-

cia e firmar contracto com quem mais vantagens offerecer para a extracção das loterias do Instituto;

b) a entender-se com o Banco Auxiliar das Classes, no sentido de reformar a lettra de que é credor do Instituto, augmentando o debito com as importancias devidas por juros da hypotheca do predio e da referida lettra, até a época em que for effectuada a operação;

c) a promover por si ou com auxilio da Commissão que entender de nomear, concertos, kermesses ou quaesquer diversões ou espectaculos publicos em beneficio da associação, sendo o producto de taes festas destinado ao pagamento dos actuaes credores, não podendo lançar mão desse recurso para outras despezas em quanto aquelles não forem, por completo, embolsados de seus creditos;

4.º As quantias provenientes das subvenções concedidas pela União e pelo Estado serão, exclusivamente, destinadas á amortisação e pagamento de juros devidos ao Banco Auxiliar das Classes.

5.º Para as demais despezas do Instituto a Meza empregará, além da subvenção municipal as outras rendas ordinarias que forem arrecadadas, observando a mais severa economia e autorizando somente as despezas de caracter absolutamente inadiaveis com restricta observancia dos arts 28, § 5· e 32 § 2.º dos Estatutos.

6.º Fica suppresso o logar de servente. Ao porteiro incumbirá a limpeza dos moveis, sendo encarregado do asseio das dependencias reservadas e das varreduras da casa um ganhador, contractado nas occasiões em que se fizer mister esse serviço, pagando-se-lhe de cada vez a quantia ajustada.

Sala das sessões do Instituto, 31 de Março de

1901. (Assignados) *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—Horacio Urpia Junior— Bonifacio de Aragão Faria Rocha.*

Em discussão, falaram sobre a proposta o Sr. Thesoureiro, os Drs. Cabussú, Reis Magalhães, J. Calasans e o Cons 1· Secretario, sendo apresentada a seguinte emenda ao n. 4 : «das subvenções federal e estadual será destinada a quantia de oito contos de réis (8.000$000) para amortisação do debito contrahido com o Banco Auxiliar das Classes». —Bahia, 31 de Março de 1901. (Assignado) *João Torres.*

Em votação, são approvados os ns. 1, 2, 3 e 5. a emenda e suppresso o n 6 da proposta, em tempo retirado a pedido da Commissão.

Foram approvados em escrutinio secreto os pareceres sobre a admissão de socios, sendo acceitos os seguintes: Para socios effectivos os Drs. Clemente de Oliveira Mendes, juiz de direito aposentado, Guilherme Muniz Barretto de Aragão, Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque, Francisco Prisco de Souza Paraiso, José de Oliveira Leite, Francisco Cardoso e Silva, Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque e o rvm.conego Lino Pereira da Fonseca; e para socios correspondentes os Drs. Carlos Reis, secretario do Instituto Historico de S. Paulo e Eduardo Prado, litterato e historiador, ambos residentes naquelle Estado; D. Raymundo Britto, bispo de Olinda, a Exma Sra. D. Veridiana Prado, fazendeira e capitalista em S. Paulo e o Sr. Belisario Pernambuco, residente na Capital Federal.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e de tudo, para constar, eu, 2.° Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 13 de Maio de 1901.— *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.— João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

84.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1901

Sessão magna commemorativa do anniversario da installação do Instituto

Presidencia do Exm. Sr. Dr. Severino Vieira

Aos 3 dias do mez de Maio de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, á 1 hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Severino Vieira, socio do Instituto e Governador do Estado, José de Oliveira Leite, secretario do Thesouro e Fazenda do Estado, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque Junior, Secretario da Policia e Segurança Publica e José Eduardo Freire de Carvalho, Intendente Municipal; o representante do Sr. General Commandante do 3.º districto militar; commissões dos Tribunaes e de diversas associações, e os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres, 1.º secretario, Braulio Xavier da Silva Pereira e Antonio Carneiro da Rocha; Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Manuel Pedro de Rezende, Julio da Gama, Guilherme da Conceição Fœppel, Augusto Góes, João Pimenta Bastos, Francisco Muniz de Aragão, Satyro Dias, Alfredo Antonio de Andrade, Ernesto Carneiro Ribeiro, Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Egas Muniz Barretto de Aragão, José Julio Calasans, Alfredo Cesar Cabussú, Aurelio res de Carvalho e Albuquerque, Dez. Manuel ronymo Gonçalves, Barão de S. Francisco, Pro-

fessores Antonio Alexandre Borges dos Reis e Manoel Raymundo Querino, Pharm. Comm. Joaquim Manuel de Sant'Anna e Alfredo Accioly do Prado, coroneis Gonçalo de Athayde Pereira, Affonso Pedreira de Cerqueira e Martiniano de Almeida, conegos Manfredo Alves de Lima e João Paranhos da Silva, Padres Dr. Samuel Elpidio de Almeida e Luiz da França dos Santos, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Alfredo Octaviano Soledade, Damasceno Vieira, comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha, Isaias de Carvalho Santos, 2.º secretario e Silio Boccanera Junior, foi, pelo Sr. presidente, Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, declarada aberta a sessão e convidado o Sr. Dr. Severino Vieira para assumir a presidencia, o que este fez.

Em seguida o mesmo Sr. Cons. Dr. Salvador Pires, com a palavra, leu extenso e substancioso discurso, pondo em saliencia os factos principaes occorridos no ultimo anno, o progresso do Instituto e a dedicação dos Srs. socios, com os quaes se congratulava; e logo depois o Sr. Cons. Dr. João Torres, 1.º secretario, obtendo tambem a palavra, leu minucioso relatorio, individuando factos e acontecimentos do anno findo, seguindo-se com a palavra os Srs. Silio Boccanera Junior, como representante do Gremio Litterario, Dr. Egas Muniz, como representante de jornaes allemães e Damasceno Vieira, os quaes saudaram o Instituto, e por ultimo o Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto, que, na forma dos Estatutos, fez o elogio dos socios fallecidos.

E, não havendo mais quem pedisse a palavra, foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, eu,

Isaias de Carvalho Santos, 2.· secretario, lavrei a presente acta e assigno. —*Isaias de Carvalho Santos.*

Approvada em sessão de 12 de Maio de 1901.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*—Dr. *Egas Muniz Barretto de Aragão*, secretario interino.

DISCURSO DO PRESIDENTE

Exm. Sr. Dr. Governador do Estado.
Exms Srs.
Srs. socios do Instituto Geographico e Historico

E' uma grande verdade experimentada quotidianamente por toda gente, mas que só ao emerito litterato portuguez Pinheiro Chagas foi dado crystalisal-a nas vibrações eloquentes de seu talento : « nós vemos quasi sempre a natureza pelo prisma do nosso coração; ou envolvemos a paisagem no luto de nossos pezares, ou adornamol-a com o risonho manto de nossas alegrias ».

E' assim que por mais que me concitem ás alegres expansões d'alma as galas que revestem o recinto em que pairamos neste momento, e a imponencia desta solemnidade commemorativa do 7.· anniversario do « Instituto Geographico e Historico da Bahia», eu sinto que, hoje mais do que nunca, em identicas festas, a voz se prende nas fauces, e emoções diametralmente antagonicas, ora confrangem o meu coração em cruciantes dores, principalnente naquella parte em que Camillo Castello Branco imaginou ter o anjo dos allivios depositado o

pranto: ora distendem-no como para o sensorio receber em toda plenitude a sinistra impressão das attribulações angustiosas da Patria, as quaes por effeito reflexivo envolvem a todos nós brazileiros na lugubre diaphaneidade de sombrio crepe.

E não pareça inopportuna a manifestação das apprehensões que assaltam o meu, e talvez nossos espiritos, não; porque vejo ante mim homens capazes de submetter a uma rigorosa analyse as occurrencias da nossa vida social e palpar a séde e origem do mal que invadiu seu organismo,fazer a diagnose da enfermidade, e determinar as prescripções therapeuticas; não, porque não estamos em um salão de baile, onde os perfumes e a belleza conspiram pela narcotisação de todo sentimento que não seja voluptuoso, ou em um opiparo banquete em que o olfacto estimula pelo aroma dos acepipes o estomago para um repasto de Epicuro, o estomago que já Menenio Agrippa, no seu tempo, chamava o «centro da vitalidade dos membros»; não, meus senhores, porque nos achamos constituidos n'um centro litterario, corporificamos uma instituição scientifica, que tem por objectivo a historia, mas a historia patria, particularmente a historia do grandioso Estado da Bahia; e a historia não se constroe sinão registrando e concatenando os factos, nomeando os seus protogonistas, assignalando as datas, pesquizando omnimodamente a verdade para com estes elementos fundir e burilar o éreo monumento que se chama --Historia.

Oxalá que as solemnidades com que festejamos os nossos anniversarios, nas quaes os bellos ornatos da eloquencia e o deslumbrante rendilhado das phrases porfiam pelos louros da rethorica, fossem substituidas por uma conferencia de sabios

historiadores e chronistas, cada qual trazendo na corbelha modesta de seus labores os mais formosos pomos de sua seára, ou na fronte um fóco de luz para illuminar no futuro a historia do presente!

Oxalá que, tornados mais praticos, os nossos espiritos baixassem das interminamente elevadas regiões da phantasia, e pairassem, e estudassem os phenomenos nas suas origens, e na apreciação dos factos historicos, por minusculos que sejam apparentemente, applicassem-lhes a mais criteriosa investigação para obter a exacta relação de causa e effeito, evitando as falsas e incompletas conclusões que commodamente explicam pelo acaso a emergencia de factos cujo movel e objectivo parecem inexplicaveis ao primeiro aspecto; porque o acaso perante a historia não existe, como não pode existir perante a philosophia um effeito sem causa e elle não é, como disse o sabio Littré «senão o effeito produzido pelo encontro de cousas entre si independentes», mas que devem ser averiguadas, pois, conforme em termos mais precisos, já outro philosopho dissera, «o acaso não é senão a causa ignorada de um effeito conhecido».

Mas, senhores, o programma de nossas festas não foi ainda modificado, e, pois, cumpre-me obedecer aos estylos da nossa instituição.

E' já passado um anno depois da trasladação do «Instituto Geographico e Historico da Bahia» de seu primitivo e modesto berço para esse elegante edificio, cujas portas pela vez primeira, como se foram de um templo, festivamente abriram-se, para no seu tabernaculo penetrarem os proceres do saber, as culminancias da administração publica, os representantes de differentes nações, emfim, os abnegados levitas do progresso, vindos de procedencias

diversas, mas trazendo todos as oblatas de suas inestimaveis gentilezas ao motivo mais que sublime da solemnidade, que não era simplesmente commemorativa do 6.° anniversario do Instituto, senão a rememoração quatricentenaria de um grande acontecimento geographico-historico, a descoberta de um trecho do globo não ainda traçado no mappa-mundi conhecido, de uma região ignota ou mal suspeitada, tão expressivamente comparada, por um dos mais possantes talentos poeticos do Brazil, o inditoso Franco de Sá, a um indio gigante, nascido entre selvas, ao sopro dos ventos, ao som das cascatas, cuja collossal dimensão resumiu em ardente allegoria na mais mimosa de suas estrophes:

« de zonas ardentes, de frigidas zonas,
o vasto collosso se estende atravez ;
repousa-lhe a fronte no immenso Amazonas ,
e as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés. »

O que foram aquellas sumptuosas festas, a impressão vibrante de patriotismo que gravou no animo da população toda desta capital, desde o nacional até o estrangeiro, desde o sabio ao mais rude, do artista, do operario ao opulento industrial, do mutuario ao banqueiro, no clero como nas forças armadas, nas altas regiões officiaes como nas associações litterarias e beneficentes, o que foram ellas não serei eu que ouse restaurar na vossa reminiscencia; que o façam por mim o echo das brilhantes peças oratorias que se fizeram então ouvir, o colorido das expressões enthusiasticas de toda a nobre imprensa desta capital; e si alguma rememoração me é dado fazer consista na reiteração do profundo reconhecimento do Instituto a todos quantos contribuiram para a imponencia e sumptuosida-

de dos alludidos festejos, nomeadamente á Commissão, que, arcando contra mil difficuldades, galhardamente mediu o desempenho pela grandeza e extensão da incumbencia.

E, foi este o facto mais notavel do ultimo anno social, passando o Instituto a deslisar em seu viver normal e sereno até que transpoz o magestoso humbral do seculo XX, tão solemnemente preconisado pela sciencia, pela egreja, pela humanidade em geral, que avidamente aguardam a vindima dos bons e máos fructos semeados no seculo ido.

Não foram nelle raras as construcções, demolições e transformações que em todos os campos da actividade do homem operou aquelle seculo, quer na vida intima, quer na internacional dos povos; nas leis e costumes, nas artes e industrias como na sciencia em geral, na paz e na guerra, na civilisação como na evangelisação dos povos; ora extinguindo pequenas suzeranias e transformando-as em nações poderosas pela força de aggregação; ora desaggregando de grandes colossos pequenos territorios, que extremecem e heroicamente debatem pela sua independencia; alli, metamorphoseando os pequenos estados italianos em uma grande nação—a Italia Una, a grandiosa concepção do eminente estadista o conde de Cavour; mais ao norte um grupo de principados e ducados, filhos da velha «mãe dos povos» a Germania, cuja historia apresenta uma serie de transformações, como diz Max Nordau, equivalentes a outras tantas mortes e resurreições, depois de um esphacelamento quasi completo, renasce no pequeno ducado da Prussia, que se faz reino, e guiada pelo rijo braço de Bismarck, o grande «chanceller de ferro», atravez de Sadowa e Sedan, a Prussia chega á Allemanha, transfor-

mando a Confederação Germanica no poderoso imperio allemão, cujo territorio e commercio dilata-se por todos os os continentes ; cuja marinha luzida e bem apparelhada pretende o dominio dos mares: cujo exercito disciplinado e instruido simultaneamente impõe a ordem interna e assegura a paz externa.

Mas, srs., si prodigios tantos operou o seculo XIX, não menos alongada e luminosa será a róta do actual seculo atravez do espaço infinito, tangido pela força e tendencia irreductiveis do progresso e da perfectibilidade humana, e as prophecias ahi estão : cada sabio ou philosopho, cada astronomo ou mathematico, cada publicista ou jurisconsulto prevê pelo prisma de suas locubrações a incommensuravel, a deslumbrante trajectoria do seculo XX, approximadamente calculada pelo vigoroso impulso que traz do precedente seculo.

Comquanto, porém, muito haja ainda por fazer na vida material dos povos, é comtudo certo que o progresso moral e social da humanidade tem attingido um gráo bastante elevado para que, sem prejuizo do aperfeiçoamento de que cada uma nação em particular ainda seja susceptivel, já possamos nos agrupar em torno do lábaro da fraternisação geral dos povos pela approximação das leis e costumes, das religiões e normas administrativas, pela uniformisação do commercio e industria, pela segurança, emfim, da paz universal, de modo a preparar a solução do arrojado problema proposto ao futuro no seculo passado pela vibrante voz de seus mais sabios pensadores, do grande vidente e virtuoso padre Lamenais, que nos reptos de sua mystica eloquencia synthetisara como o bem supremo :

« Um só Deus no céo, e na terra uma só patria para os homens ».

São estes, meus srs. os votos do « Instituto », e de envolta com elles dignae-vos acceitar a sua sincera gratidão á fineza de vossas presenças a esta sessão.

RELATORIO DO CONS. 1.° SECRETARIO

Sr. Presidente:

Illustres Consocios:

Ainda uma vez tenho a honra e o prazer de vos trazer o relatorio d'esta instituição, referente ao anno social que hoje findou.

Mandatario de vossa generosa confiança, a delegação que, renovada, recebi para o exercicio das funcções de 1.° secretario procuro cumprir com a maxima satisfação e o maior esforço.

E' inutil salientar-vos os elementos de vida que impulsionam o nosso Instituto na elevada missão que lhe cumpre como guarda avançada da nossa historia: testemunhas que sois dos relevantes serviços por elle prestados a esta causa, bem conheceis quaes as forças motoras da actividade por elle desenvolvida.

Ainda no curso do anno que agora termina, talvez. esquecido, se tivesse passado o quarto centenario do descobrimento do nosso paiz, si, em nobre e alevantado impulso, não partisse do seio do nosso gremio a idéa de condignamente commemoral-o,

A Bahia, primeiro pedaço do sólo brazileiro pisado pelo ousado descobridor, que como mãe carinhosa soube gloriosamente acolher o seu hospede, abrindo as portas da immensa e desconhecida região á civilisação humana, não podia, quatro seculos depois, deixar de relembrar este feliz momento celebrando a sua commemoração.

Mas, a vida actual é de preoccupações presentes e futuras, pouco se deixa levar pelo passado; e esta indifferença deixa o maior numero esquecido dos seus deveres civicos para com as datas que a historia aponta como dignas de serem lembradas e mesmo glorificadas.

Entretanto, para contrapor a este pouco caso pelas cousas mais serias, temos, felizmente, mantido o nosso Instituto que, incumbido de zelar pelos nossos dias de outr'ora, gravando na estima dos novos a lembrança viva dos memoraveis factos do passado, não podia ficar quedo e mudo ante este acontecimento.

A Bahia, pelo seu orgão historico, quiz e devia render homenagem ao grandioso commettimento, e os primeiros ensaios partidos de nosso meio encontraram logo a adhesão sympathica de todas as classes e do governo do Estado e do Municipio, que nos deram o auxilio preciso para levarmos a effeito o nosso intento.

Assim, apoiados pela vontade da opinião publica e, dispondo dos recursos capazes de fazer face ás grandes despezas necessarias, conseguimos celebrar a data commemorada com magnitude excepcional, já pelas festas populares, já pela eloquencia tribunicia dos oradores que encarregaram-se de realçal-a.

A' semelhança do que fizemos com o centenario

da morte do grande evangelisador e sabio padre Antonio Vieira, completamos a commemoração com a publicação de um numero especial da nossa excellente *Revista*, contando notaveis trabalhos originaes e outros transcriptos, que pela sua importancia assim exigiam.

A vida normal do nosso *Instituto*, a despeito da crise economica que ataca o nosso Estado e que reflecte-se sobre todas as classes, vae correndo em regulares condições, dependendo, em grande parte, do concurso dedicado de todos os consocios que não devem esquecer o auxilio devido á sua manutenção.

— —

Agora, em obediencia aos Estatutos, passo a relatar-vos as principaes occurrencias havidas durante o anno social que findou.

N'esse periodo celebrou o Instituto 7 sessões ordinarias e uma extraordinaria.

A sessão anniversaria de 3 de Maio de 1900 foi celebrada com o maior brilhantismo, tendo deixado no animo de quantos aqui estiveram presentes a mais viva impressão, porque n'esse dia era pelo nosso illustrado presidente declarado inaugurado o novo edificio do « Instituto Geographico e Historico da Bahia ».

Fazendo referencia a esse facto com que a Meza Administrativa procurava dar maior realce á festa que se commemorava, disse eu então: «Alliando á data do descobrimento do Brazil a da inauguração do nosso edificio, cumprimos um dever historico, rendendo a melhor das homenagens que nos era licito prestar».

Logo após o discurso do orador official, foi a

tribuna occupada successivamente pelos intelligentes consocios Professor Alexandre Borges dos Reis que leu uma substanciosa memoria sobre os usos e costumes dos indigenas da Bahia, João Damasceno Vieira Fernandes e capitão Arthur Gomes de Carvalho que discorreram sobre o descobrimento.

Na sessão de 13 de Maio, teve logar, na forma dos Estatutos, a eleição da Meza, que foi reeleita, e das differentes commissões, sendo lidos varios officios de congratulações pelas festas do 4.° centenario do Brazil, propondo a Meza Administrativa, outro sim, que se lançasse na respectiva acta um voto de louvor e agradecimento á commissão executiva do centenario pelo modo por que se houve ella no desempenho de sua ardua tarefa, aos Poderes Publicos e a todas as classes sociaes, corporações e individuos que contribuiram para o realce das mesmas festas.

Na sessão de 1.° de Julho é lida a communicação feita pelo secretario da commissão executiva do centenario de que a mesma commissão opportunamente apresentaria relatorio circumstanciado dos seus trabalhos, resolvendo-se, sob proposta do 1.° secretario, que fossem enviados á commissão de biographias os papeis e jornaes existentes no archivo, relativos ao grande patriota Dr. Cypriano Barata, bem como a certidão de obito e outras informações que o Instituto recebera da capital do Rio Grande do Norte, onde elle fallecera no dia 1.° de Junho de 1838.

Resolveu-se ainda, sob proposta escripta do socio Dez. Manuel Maria do Amaral, que fossem transcriptos na « Revista » todos os escriptos relativos á uma cidade abandonada, que existiu no centro do Estado, e sobre a conveniencia de novas pesquizas e explorações serem feitas n'esse sentido.

Na sessão de 12 de Agosto é lido e approvado o parecer sobre as contas apresentadas pelo sr. thesoureiro, e apresentado o novo orçamento, que é discutido, sendo votado na sessão seguinte do dia 26 do mesmo mez, com um additivo sobre a creação do logar de servente, cuja necessidade foi então justificada em virtude da acquisição do novo predio e installação dos differentes serviços do Instituto.

N'essa mesma sessão de 26 de Agosto procede-se á eleição de um supplente de secretario e de dois membros da commissão de admissão de socios, por fallecimento do professor Austricliano Coelho e por ter o Dr. Abilio de Carvalho transferido sua residencia para o Estado do Rio de Janeiro, sendo eleitos—supplente de secretario o Pharm. Luiz Filgueiras, e membros da commissão de admissão o Pharm. Comm. Joaquim Manuel de Sant'Anna e o Coronel Gonçalo de Athayde Pereira.

Na sessão de 18 de Novembro lê-se e é transcripta na « Revista » interessante communicação enviada pelo nosso consocio Dr. Lindolpho Rocha sobre a existencia de grandes « capoeiras » no districto da « Boa Nova », habitadas por selvagens, onde existem minas de diamantes e talvez de prata, junto das quaes devem restar as ruinas de uma feitoria abandonada, e de que a el rei D. João V já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador mestre de campo João da Silva Guimarães.

Na sessão de 10 de Março o Cons. Presidente informa que em resposta ao convite do Comitê encarregado da reunião do 2.º Congresso Scientifico Latino-Americano de Montevidéo havia nomeado o socio correspondente. ali residente, Dr. Pedro M.

Reviére para representar o Instituto n'aquella solemnidade.

O sr. Thesoureiro apresenta o demonstrativo da receita e despeza durante o anno findo, e o socio engenheiro Henrique Praguer lê uma memoria sobre as riquezas mineraes da Bahia, especialmente sobre os phenomenos geologicos da zona de Santo Amaro, deliberando-se que ella fosse publicada na « Revista ».

Na sessão de 31 de Março é lida no expediente a carta do illustre consocio Candido Costa, dirigida ao sr. Thesoureiro, em que o autor das « Duas Americas » fazia entrega da quantia de 500$ para o monumento a Cabral, revertendo essa quantia para o « Instituto », caso esse monumento não fosse erigido no espaço de 20 annos, resolvendo-se que essa carta fosse transcripta na acta.

Em seguida a commissão de orçamento apresenta o seu parecer sobre as contas do exercicio financeiro, findo em 31 de Dezembro de 1900, o qual é discutido e approvado, sendo votadas outras medidas economicas propostas pela mesma commissão, taes como a que eleva provisoriamente a 2$000 a mensalidade dos socios, e applicação da quantia de 8 contos das subvenções para a amortisação annual do debito hypothecario.

Do balancete apresentado na sessão de 10 de Março, na forma dos Estatutos, verifica-se que a receita no exercicio de 1900 importou em ..... 22:297$500 e a despeza em 22:212$848 inclusive a quantia de 11:730$ com as obras do predio.

A importancia despendida com o predio do Instituto até o anno passado quando foram ultimadas as obras, monta em 62:000$000.

O nosso honrado e zeloso thesoureiro capitão

Ferreira Braga convidado pela commissão executiva do centenario do Brazil para servir o logar de thesoureiro da mesma commissão, recebeu no Thesouro do Estado, por conta da verba de 30 contos votada pelo Congresso para as despezas do Centenario, a quantia de 24:679$200, conseguindo pagar contas na importancia de 29:409$200, por ter-se apurado a quantia de 4:730$000 com as «Cartas de Vaz Caminha », editadas pela commissão Executiva.

Resta ainda pagar-se a quantta de 7:300$000 de dois premios e outras poquenas despezas.

— —

Além dos socios fallecidos no biennio de 1898 a 1900, cujos nomes constam do ultimo relatorio, falleceram mais durante o anno social os seguintes socios : Professor Austricliano Francisco Coelho, a 9 de Julho, socio effectivo e fundador; Comm. José Pedro Xavier da Veiga, publicista e historiador, a 8 de Agosto, na cidade de Ouro Preto, onde exercia o cargo de Director do Archivo Publico, o Dr. Cesar Augusto Marques, litterato e historiador, a 5 de Outubro, na Capital Federal.

E, embora o Instituto tenha recebido novos elementos de força com a acquisição dos socios ultimamente approvados, não pode deixar de lamentar a perda d'aquelles que com elle collaboraram desde a sua fundação, dedicando-lhes palavras de saudade e gratidão.

Em breve a palavra justa e eloquente do nosso orador salientará os serviços por elles prestados á patria e ao Instituto em particular.

Foram approvadas varias propostas de nomes que se impunham á nossa escolha pelo seu reco-

nhecido merito litterario ; entretanto a associação conta hoje com 298 socios, a saber : 1 benemerito, 8 honorarios, 170 effectivos e 119 correspondentes. Dos effectivos são remidos apenas 16.

Do livro das offertas constam os importantes donativos que no anno findo receberam a nossa bibliotheca, o museu e o archivo que já conta grande numero de manuscriptos e autographos.

Essas valiosas offertas feitas pelos socios, pelas sociedades congeneres e pessoas outras que se interessam pela nossa associação são minuciosamente publicadas na « Revista » que ja conta 26 fasciculos, em 7 volumes.

No anno passado tive occasião de fazer um appello ás commissões para a installação das preciosidades que já possuimos,— «que toda a dedicação, todo o devotamento, agora que tinhamos um predio proprio, era uma necessidade,—e do que contribuisse cada um na medida de suas forças dependia a nossa prosperidade e o nosso futuro ».

Eu repetirei ainda hoje, trabalhemos todos em esforço commum, e concluirei com as palavras de D. Diogo Ortiz, quando pregava a 8 de Março de 1500 na legendaria ermida de Belém diante da Côrte e dos intrepidos navegadores :—« a coragem e a perseverança são poderosos elementos de resistencia que fortificam o coração do homem para as maiores e mais arriscadas emprezas ».

DISCURSO DO SR. SILIO BOCCANERA

Orador do Gremio Litterario

Exm. Sr. Dr. Governador do Estado :
Exm. Sr. Dr. Intendente do Municipio :
Exm. Sr. Cons. Dr. Presidente do Instituto :

O meu mais profundo respeito e alta consideração ! Permitti que as minhas palavras sejam dignas de vós e desta illustrada allembléa !

Senhores do Instituto Historico e Geographico :

Acceitae as cordiaes felicitações que vos trago, em nome do « Gremio Litterario da Bahia », e as que ainda vos dirijo, no caracter particalar de obscuro socio fundador desta edificante instituição, que, pelos seus fins de alta importancia para a sciencia, para a historia e para as lettras patrias, é digna do mais franco apoio, da mais sincera adhesão e ingentes esforços de todos os que trabalham pelo alevantamento social desta terra, de todos os que nutrem a salutar e patriotica idéa de elevar a Bahia, já distincta por muitos titulos, á altura que possa ennobrecel-a, sempre e sempre, perante o Brazil e perante o estrangeiro.

Solemne, solemnissima é a festa que ora aqui celebraes.

E' a festa do progresso, da civilisação—do marchar da humanidade.

Em taes occasiões, dirigir a palavra aos que são capazes de apreciar o que é bom, justo e bello—ennobrece ; mas demanda, meus senhores, competencia, e essa competencia me fallece.

Ha postos honrosos que são verdadeiros sacrificios.

Este é um delles, pela grande responsabilidade moral que lhe é inherente.

Interpretar os sentimentos do « Gremio Litterario » neste momento, interpretar os sentimentos de seus illustres representantes em dia de tão magno regosijo para esta casa, cercado como ora me vejo de tão conspicuos cavalheiros, qual de mais brilho na intelligencia, qual de maior grandeza na illustração e no saber - audacia fôra pensal-o.

Fallar-vos, porém, com verdade e sentimento, isso tende por seguro; e fal-o-ei com intima satisfação.

*
* *

Salve! « Instituto Historico e Geographico da Bahia »!

Já não é uma utopia tua existencia!

Para honra desta terra, tão rica de tradições historicas, que se remontam aos primitivos tempos do seu descobrimento, a idéa germinada, como centelha divina, no cerebro de homens superiores aos calculos do egoismo e do indifferentismo, superiores ás torpes gananciaes do mundo material, fortes pela vontade, fortes pelo querer—transformou-se em realidade um dia, e desde então, sete annos são decorridos, seus sectarios, escudados sempre na mais louvavel e admiravel coragem, sem um só momento de desanimo na penosa jornada, marcham impavidos caminho de novas glorias, pela estrada larga e confiante da perseverança, guiados pela fé, que arma heroes, pela fé, que não conhece impossiveis.

Oh! bem hajam aquelles apostolos da civilisação que lançaram a pedra angular deste Templo!

Gloria a vós, meus senhores, que, de facho em punho, espancaes a treva do antro do obscurantismo!

O « Gremio Litterario », fremente de enthusiasmo, congratula-se comvosco!

Elle pensa comvosco, meus senhores, e comvosco sente: não podia, portanto, faltar á vossa festa.

Não podia ainda faltar porque fôra esquecer o passado que, por estreitos laços de amizade, vinculou-o a esta instituição.

Em seu seio, bem o sabeis, recebeu elle os primeiros alentos de vida do « Instituto Historico e Geographico da Bahia ».

Em seu seio guarda, qual amoroso pae, os primeiros vagidos da creança sublime, talhada desde o berço, « para as grandezas, para crescer, crear, subir », na phrase do poeta.

E a creança não tem mentido á prophecia.

Tem crescido, como sóem crescer os gigantes de envergadura de condores.

Tem creado: dizem-no seus annaes, affirmam-no seus archivos, proclamam-no seus museus.

Tem subido, e ha de subir ás regiões da luz, ás espheras resplandecentes dos espiritos adiantados, onde paira, não o amor dos sentidos, que géra vicios e crimes, mas o amor da alma, que inspira obras primas e virtudes, no dizer de Lamartine.

Salve! « Instituto Geographico e Historico da Bahia »!

Já não é uma utopia tua existencia!

* * *

O dia de hoje marca mais uma nova phase á existencia desta util Instituição.

Elle é o marco milliario de nova jornada, na con-

quista de novos triumphos—pelo caminho da perseverança—unico possivel de salvação numa terra em que, infelizmente, as sociedades que se fundam, por mais uteis e edificantes, são quasi sempre victimas—ou da vaidade, ou do indifferentismo dos homens.

Incontestavelmente, meus senhores, as grandes conquistas são sempre filhas da perseverança.

E' ella que, segundo as leis de sua architectura moral, levanta fortalezas inexpugnaveis em torno do nosso espirito, para defendel-o dos ataques do erro, da ignorancia, do egoismo, da inveja ou incredulidade.

Ella tem sido o santelmo desta casa como o tem sido de sua irman em lutas—o « Gremio Litterario ».

Não fôra a perseverança, a grande perseverança de seus fundadores, e esta Instituição já teria de ha muito desapparecido nas chammas destruidoras desses incendiarios das boas obras humanas, como muitas têm desapparecido.

« Não são só os carrascos que matam, não são sómente os bandidos que povoam os cemiterios, não meus senhores ; a ignorancia, assim como a superstição e o indifferentismo, fazem diariamente horrendas hecatombes ».

Instituições desta ordem devem ser respeitadas e apoiadas por todos os philosophos, todos os homens intelligentes, todos os pensadores, almas grandes, corações generosos, amigos do progresso moral e intellectual.

Instituições desta ordem estão espalhadas por toda a superficie do globo ; não havendo Estado, governo, povo civilisado, livre e grande, que a não ame que não colha della seus fructos beneficos de vida.

Entretanto, progresso moral do seculo ! ainda ha quem as desvirtue, quem as accuse de inuteis,

impondo, dest'arte, os mais ingentes esforços e sacrificios da parte dos que trabalham pela existencia das mesmas.

Ainda ha homens, e homens intelligentes, que se dizem amigos do progresso, das idéas nobres e alevantadas, porém que apunhalam a justiça e a verdade—assassinos do bem social, attestado pelos povos!

Estão no seu papel, é certo, cumprem a triste missão.

E' contra estes, meus senhores, é contra estes que precisaes estar em guarda: são os vossos e nossos inimigos.

Dar-lhes-emos, porém, batalha, como sempre; seremos vencedores, e como sempre os fulminaremos com a nossa possante arma de guerra—a perseverança!—alavanca dos fortes e dos crentes que tudo esmaga, e com a qual espedaçaremos o alvião que pretender derrocar as nossas instituições.

Animo, pois, meus senhores!

Afastae-vos de tudo e de todos que representam a negação do amor puro, e marchae confiantes, desassombradamente, caminho do futuro, guiados pela fé, que ha de conduzir-vos á posse de bens immorredoiros, apanagio do mundo das intelligencias.

Alto é o papel que vos cabe!

Santa é a vossa missão!

Para longe os tenebrosos de todos os tempos, monstros capazes de despirem Templos para cevarem vinganças, coveiros da religião do bem e do amor—e trabalhae pelo « Instituto Historico » com esse mesmo afan com que outros têm trabalhado afim de que elle prosiga triumphante.

Trabalhae com vossa palavra e com vosso exemplo.

Reduplicae d'esforço de intelligencia, de vontade e de acção—e avante!

Avante! E Deus, e as gerações futuras vos bemdirão.

Quanto aos indifferentes, esses condemnados sem salvação do inferno dantesco, para quem nenhuma esperança existe na terra—o nosso esquecimento, peior que o despreso.

«Fama di loro il mondo esser non lassa:
«Misericordia e Giustizia gli sdegna:
«Non ragioniam de lor, ma guarda e passa.»

* * *

Senhores:

Na ordem physica, como na moral, tudo está sujeito, bem o sabeis, ás leis da harmonia e da equidade; e por isso nenhum homem, nenhuma instituição deve reputar-se o *non plus ultra*.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia ainda não está collocado na altura que vossa mente ambiciona e, entre doces esperanças, vos affaga o porvir.

Muito tendes feito, é certo; muito, porém, é o que ainda vos cumpre fazer.

Tenho fé, porém, que o dia de hoje vos dealba novos horisontes de prosperidades.

E tenho fé porque Deus está comvosco para vos fortalecer, para vos encorajar contra as intenções suspeitadas, a intriga e a calumnia, elementos que si não servem sempre de corôa aos esforços dos que luctam e trabalham por uma causa justa e santa—não rara vez ameaçam a dedicação dos mais estrenuos propugnadores do bem.

Comvosco está tambem a vossa consciencia.

E' quanto basta, meus senhores, para contribuir-

des poderosamente para todo o esplendor e engrandecimento desta bella instituição.

E' quanto basta para proseguirdes em vossa obra de civilisação, elevando este Templo á culminancia que todos nós sonhamos.

E' quanto basta para poderdes legar aos vindouros uma instituição scientifica digna da terra que deu o berço a Castro Alves, e, que em seus «seios titanicos de heroina» ainda estreitar pode, com orgulho e sem inveja, filhos da estatura de Ruy Barbosa e Manoel Victorino.

E' quanto basta, meus senhores, porque onde não ha Deus nem consciencia, tudo cae, tudo se perde—abatendo o homem em seu orgulho e esmagando-o, humilhando-o em suas ambições de gloria ou fastigio, de riqueza ou talento.

Sinão, vêde, meus senhores:

Houve um grande imperio -Roma.

Houve muitos imperadores poderosos—Nero, Caligula, Heliogabalo.

E o imperio cahiu, e os imperadores tornaram-se miseraveis.

Porque ?

Porque uns—incendiarios e matricidas; outros—despotas e tyrannos; — irreligiosos, porém. todos esquecidos de Deus e dos seus deveres, não tinham consciencia, e, portanto, só o que podiam fazer, só o que de facto fizeram—foi a desgraça dos seus governados, sempre as victimas do arbitrio, da prepotencia e da crueldade, quando não sabem ou não têm valor para reagir.

Entretanto vêde em contraposição, meus senhores, os effeitos do amor e da justiça.

Houve tambem um Tito.

E que fez elle ?—as delicias de Roma.

Houve tambem um Christo.

E que fez ?—a felicidade do genero humano.

Mas de que modo ?

Pelo amor e pela paz, pela tolerancia e bons exemplos; embora ensinasse entre phariseus. embora soubesse que seria crucificado.

Grandes e edificantes exemplos!

Lecções sublimes de fecundo ensinamento para os que se esquecem, ou se não querem convencer de que sobre a terra «só ha uma justiça—é a que sahe da consciencia; só ha uma verdade—é a que vem de Deus!

∴

Sacerdotes da religião do bem, enviados á terra em missão social!

Eia! Avante!

Cumpre a cada qual de vós proseguir, intemente, arrostando, embora, as iras dos Attilas e Torquemadas, dos inimigos selvagens e inimigos jesuitas.

Não descoroçoeis diante de escolhos que, imprevistos, surjam; procurae, antes, tornar-vos fortes nessas difficudades.

Não percaes de vista o futuro: elle é a vossa gloria.

Forte cada qual em sua consciencia! e a victoria será completa.

E si mesmo assim fordes vencidos, si mesmo assim tombardes victimas, ainda tereis triumphado.

Morrer martyr de uma idéa ou de um principio é virtude: é parecer Christo.

Honra a vós, meus senhores, que com a vossa presença neste logar, provaes eloquentemente que o sentimento civico na Bahia não está de todo perdido.

Honra a vós que, a despeito de atravessarmos uma época de indifferentismo para tudo que não seja o sordido egoismo, daes o solemne testemunho de que um punhado de homens sempre existe que de seus maiores não herdaram vicios, mas virtudes!

Honra a vós, espiritos cultos e superiores, que sabeis, com a coragem dos illuminados, fugir ás chammas lethiferas dessa nova Gomorra social dos tempos hodiernos, onde a corrupção tem seus altares erguidos á Hypocrisia, á Mentira e á Ingratidão!

Senhores do Instituto Geographico e Historico! Em nome do Gremio Literario da Bahia— eu vos saúdo.

Illustres e dignissimos senhores consocios! Eu me congratulo comvosco.

Silio Boccanera.

DISCURSO DO SR. DAMASCENO VIEIRA

Exm. Sr. Dr. Governador do Estado:
Exm. Sr. Conselheiro Presidente do Instituto:
Senhores Consocios:
Meus Senhores:

Em meu nome e em nome do « Instituto Historico e Geographico do Brazil », venho trazer as minhas congratulações ao « Instituto Geographico e Historico da Bahia » pelo facto de commemorar hoje o setimo anniversario de sua existencia.

Sete annos de luctas e de sacrificios para implantar um estabelecimento exclusivamente consa-

grado a lettras e á diffusão de conhecimentos que interessam o progresso de nossa patria!

Pela persistencia de seus esforços, de que a compra deste edificio é o testemunho mais eloquente, o «Instituto» bahiano impõe-se á consideração de todos os espiritos cultos, que devem sentir gloria em congregar-se em torno desse lábaro que tem como emblema um escudo e como uma estrella a expandir *urbi et orbi* scintillações que supplantam as trevas e vão, atravez dos mares, levar a centros scientificos a certeza de que o Brazil os quer acompanhar em sua marcha triumphal para o futuro!

Compenetremo-nos, Srs., das responsabilidades que assumimos como collaboradores do novo seculo. Neste anno em que elle surge como uma alvorada ridente de promessas, unamos as nossas actividades, para que se desenvolvam associações desta ordem, como uma aspiração não já de um paiz como de toda a humanidade.

Pela lei da evolução, que impelle em escala ascendente o espirito humano, o seculo 20, alentando de novos e vigorosos estimulos, realisará maiores conquistas que o seculo anterior; e um dos problemas sujeitos á sua analyse e solução é aquelle que se relaciona com a fellicidade geral dos povos: é a confraternisação das nações.

No centenario da morte de Voltaire, o grande poeta Victor Hugo, uma das mais brilhantes personificações do seculo 19, proferiu palavras solemnes que deveriam ser decoradas pelas poderosas potencias de todo o mundo.

«A força chama-se violencia. A guerra senta-se no banco dos réos. A civilisação, ouvindo as queixas do genero humano, instrue o processo e ins-

taura os grandes autos criminaes contra os conquistadores e chefes.

« A realidade severa apparece. Em muitos casos, o heroe guerreiro é uma variedade do assassino. Os povos comprehendem a final que a amplificação de um crime não pode ser a sua diminuição; que si matar é um crime, matar muito não pode ser circumstancia attenuante ; que si roubar é uma vergonha, invadir não pode ser uma gloria. Não se muda a physionomia do assassino, porque, em vez do barrette de grilheta, lhe põem na cabeça uma corôa de imperador ».

Estas palavras do immortal poeta da *Legenda dos seculos* devem circumdar o orbe como aquelle palpitante annel luminoso que envolve o planeta Saturno.

A conquista de Cuba e das Philippinas, a horrorosa guerra do Transvaal, o pretendido retalhamento do imperio chinez, são factos degradantes que fazem equiparar a nossa civilisação á dos povos barbaros que, impellidos por eguaes ambições, ensanguentaram as paginas da Edade Media.

Sejamos, Srs., os paladinos da nova cruzada, que tem por fim demonstrar a inutilidade da guerra e a necessidade de occupar milhões de soldados em misteres dignos do presente seculo, como cooperadores do progresso, nas fabricas e nas officinas, na agricultura e nas artes, nas escolas e nos institutos, formando todos grandioso concerto, como um enorme *Te-Deum* erguido á gloria de todas as nacionalidades !

Esta deverá ser, dentre todas, a mais imponente conquista do seculo XX !

Como Gallileu proclamando que o mundo move-se, demonstremos que o mundo social não se man-

têm estacionario e é tambem arrastado por leis do equilibrio para proporcionar ao homem a relativa perfeição.

Tal o idéal que o «Instituto Geographico e Historico da Bahia» deverá ter em vista ao erigir um marco de existencia na nova era.

Como fecho á homenagem que lhe tributo, condensei em dois sonetos as idéas que expuz ao illustrado auditorio :

A Paz Universal

A paz universal! Será chimera,
Utopia, phantastica miragem?
«O homem—disse um vate—é sempre a fera
Faminta, insaciavel de carnagem»!

Os sentimentos de união reagem
Contra a crueza da sentença austera!
Em breve novas leis—leis d'arbitragem—
Darão mais honra e brilhantismo á era!

Todo o rude arsenal d'armas perversas
Ha de fundir-se em machinas diversas
Em prol da Sciencia—victoriosa liça!

A formar dos soldados—operarios
Seguirão as nações por modos varios
O bello exemplo que offerece a Suissa!

Eterno Templo

Subamos firmes a marmorea escada
Que nos conduz ao templo da Sciencia
—A Deusa eternamente illuminada!

Curvemos o joelho, em reverencia,
Perante a galeria aureolada
Dos gentios em perpetua florescencia!

Ruja da guerra a indomita cohorte
Em torno ao templo; as ambições terrenas
Travem, bramindo, ensanguentadas scenas,
Em que o justo é vencido pelo forte!

Indifferente ao bellico transporte,
A Deusa arfante de alegrias plenas,
Tendo por armas diamantinas pennas,
Vive na Historia que supplanta a morte!

Bahia, 3 de Maio de 1901.

Damasceno Vieira.

DISCURSO DO SR. DR. BRAZ DO AMARAL

Exm. Sr. Governador:
Senhores:

Agradeço, em nome do Instituto, aos que se dignaram acceder ao convite para comparecer aqui e assistir a esta sessão, com a qual marcamos mais um estalão e um posto no caminho que nos traçamos, e que prova haver ainda quem comprehenda solemnidades destas, indifferentes para tanta gente, nesta terra da Bahia, outr'ora tão fecunda e tão inclinada ás festas da intelligencia.

Reunimo-nos hoje, os fundadores desta instituição e os continuadores desta obra magnanima para rememorar os trabalhos dos que se foram e o que fizeram por ella.

Tenho, durante os ultimos annos, dirigido regularmente a saudação que os estatutos mandam seja

feita neste dia, mas, propositalmente, nunca me referi á vida propria da sociedade.

Achava pouco! Achava pouco o tempo decorrido, um lustro, e pouco o que existia!

E não me parecia adequado proclamar louvores!

Si hoje me refiro a isto é porque sinto devéras que já representa um esforço enorme o que se ha conseguido porque é uma verdade indubitavel que só o facto de viver uma sociedade litteraria e scientifica, como a nossa, no meio detestavel em que vivemos, e entre as difficuldades de toda a sorte que manietam ou assaltam os que a dirigem, quer dizer uma victoria ingente.

Não quiz a fortuna adversa que o espirito iniciador desta instituição e que parece, a meus olhos amigos, estar presente ás nossas prosperidades e aos nossos pezares, como uma visão benefica, presidisse hoje a esta commemoração, que elle ideara, como um preito de justiça que se paga aos mortos, e que é a primeira que se faz aqui, na casa da associação, bem sua, no seu *home*, como em um lar se fala dos que faltam a uma solemnidade, a uma das festas nobres ou doces da familia!

Felizmente, no tempo que passou, no ultimo periodo do seculo findo, si alguns zelos arrefeceram não foram muitos e houve, se não uma legião de honra, pelo menos uma legião de combate, que tem supportado as agruras e vencido os primeiros saltos.

Resta, porém, ainda tanto a fazer, que é preciso coragem para enfrentar a vereda, antes de subir á montanha.

Falta ainda organisar tudo, catalogar os livros, classificar as collecções, agrupal-as separada e sci-

entificamente graças aos commodos de que dispomos agora, para que, neste repositorio da historia patria, ache, facil e adaptadamente, o erudito os elementos que se irão aqui accumulando para a descripção da prehistoria e da vida politica, da sciencia, da litteratura e da arte, da geographia e da geologia deste paiz.

Dentre os que nos deixaram, avultam alguns que, ou pela sua actividade nos tempos da organisação deste Instituto, ou pela influencia que exerceram no meio em que se passou a sua vida, não podem deixar de ter uma mensão, embora muito succinta.

Havia-os notaveis pelo saber, pela dedicação á causa publica; havia-os absorvidos pelos labores da vida, operosos e perseverantes, simples e tenazes, agindo, como atomos, na grande massa da vida social, constructores das boas causas do progresso pacifico da lenta evolução das sociedades: houve-os enlevados na vida por alguma dessas correntes de sympathia ou de amor, pelas causas politicas, sociaes ou humanas, que lá, no seu intimo, nos recessos do seu cerebro e do seu coração, lhes pareciam as melhores.

Entre os que hoje commemoramos, perdeu esta terra um poeta, que era uma das organisações mais genuinamente bahianas, assim como um dos genios mais curiosos e especiaes que tenho conhecido.

No seio deste povo triste, quasi sempre a poesia é melancolica, como a fraqueza da raça de que sahiu, cheia da nostalgia do meio em que vem cantar.

Ha, por isso, muita originalidade nos versos de Guimarães Cerne e é elle um dos poucos poetas nossos, em que vibra o sainete ironico de Gregorio de Mattos Guerra.

Reproduzindo os conceitos de um dos nossos

mais conscienciosos poetas e um dos criticos mais finos da nossa pequena roda litteraria, o Dr. Manoel Joaquim de Souza Brito, julgo fazer sobre Guimarães Cerne o melhor e mais seguro juizo. Era poeta lyrico e satyrico. Como lyrico, é subjectivista e seu lyrismo é puro e fluente; não é um choramingas sentimentalista de 1850, não tem a alma triste, « como as arapongas no sertão deserto »; pelo contrario, sempre alegre, as suas producções lyricas quasi todas têm uma pedrinha de humorismo.

Como satyrico, era mordaz e caustico, á semelhança de Gregorio de Mattos, seu mestre, humorista e chistoso como Nicolau Tolentino e Faustino de Novaes, seus auctores predilectos, e é mais por essa face que elle se recommenda entre os poetas. Tinha facilidade enorme em produzir neste genero, chegando até a improvisar.

Sua obra pode ser dividida em duas partes: a primeira, que vae de 1862 a 1870 e que está toda em seu livro *Favos e Travos* publicado ,em 1870, e a segunda que vae de 1870 a 1898 e se encontra nos *Pufs de um sertanejo* e nas obras ineditas— *Diluculos e enigmas para creanças.*

Das producções de G. Cerne as que tiveram mais voga foram o dialogo *O estudante e a visinha* e *Aphorismos academicos.*

Dos ineditos, os *Enigmas* foram o que de mais primoroso produziu o auctor.

De genio irrequieto e folgazão, sempre levando tudo a riso, algumas vezes, a sua poesia, quando lyrica e seria, e, ainda mais, quando cantava a patria, seus vultos e seus factos, resentia-se de desleixo e até erros d'arte; lá apparecia, de vez em quando, um verso frouxo ou prosaico, destoando da harmonia do conjuncto.

No humorismo, porém, pandego e brejeiro ou na satyra, mordaz e caustica, não se encontram taes defeitos.

Foi ao mesmo tempo um magistrado muito integro e muito illustrado.

Os seus concursos e o seu trabalho sobre as «Ordenações Philippinas», provam-no de sobejo, no dizer dos entendidos.

*
* *

O Dr. Cezar Augusto Marques nasceu em Caxias, n'aquelle Maranhão, tão celebre pela cultura de seus filhos. Foi contemporaneo da grande crise da independencia e dos factos relevantes que se seguiram: as revoluções do primeiro imperio e da regencia; a longa paz do segundo imperio e a corrupção profunda, que caracterisaram o fim deste periodo politico.

Era um cultor delicado e dedicado da historia e trabalhou nesta sciencia por toda a sua vida fecunda, apresentando monographias e memorias preciosas, publicadas na «Revista» do Instituto Geographico e Historico Brasileiro.

A mais importante de suas obras foi o « Diccionario Historico, Topographico e Estatistico do Maranhão» que foi o premio opulento e nobre com que este filhò illustre pagou á terra natal a ventura de o ter visto nascer.

*
* *

José Pedro Xavier da Veiga, nosso socio correspondente tambem, como Cesar Marques, era mineiro, pois tinha nascido na Campanha, em 1846.

A principio, dedicado pelos seus ascendentes ao commercio, trocou esta vida pelos trabalhos e as-

pirações litterarias, fundando, com outros, a Sociedade de Ensaios Litterarios, no Rio de Janeiro. Mais tarde foi escrivão da comarca de Lavras e deputado á assembléa provincial de Minas.

Dedicou-se, por este tempo, á imprensa e fundou o jornal intitulado *Provincia de Minas*, que se transformou n'*A Ordem*, após a proclamação da Republica.

Foi um dos representantes do povo no congresso mineiro e um dos redactores da «Encyclopedia Popular», assim como do «Almanack do Sul de Minas» e «Ephemerides Mineiras.»

Era, ao mesmo tempo, poeta lyrico, delicado e director do Archivo Publico Mineiro.

* * *

Nesta triste galeria, pela qual somos obrigados a passar tão rapidamente, perdemos ainda alguns operosos e infatigaveis companheiros.

Um delles foi justamente quem me transmittiu o pensamento da creação do Instituto e a quem por isto devo uma especial lembrança.

Foi Olavo de Freitas Martins. Não era propriamente o que se pode chamar um erudito, mas era um intelligente, um espirito aberto e sympathico a todas as concepções adeantadas e nobres, por mais difficeis que fossem e por maior que fosse tambem o sacrificio que elle tinha a empregar para ajudar a obra.

* * *

A nossa associação viu desapparecer tambem um dos raros sobreviventes do antigo « Instituto Geographico e Historico da Bahia» e um dos fundadores do actual na pessoa de frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha. Não se pode deixar de reconhecer que elle era um altruista.

Na edade media teria sido templario. Vivendo em um meio muito diverso do que era adequado ao seu temperamento, quando soou, nas montanhas de Pindorama, a tuba guerreira, o soldado se revelou no frade e elle partiu com a intrepidez do voluntario, que não mede o perigo.

Neste dia de provações para a patria, deixou o claustro o religioso, que trocara o quieto remanso da vida conventual pela aspereza das agruras da vida de soldado em campanha.

Propunha-se edificar os que iam morrer, ou era o mesmo impeto generoso do patriotismo que inflammava os seus discursos, que o impellia para a abnegação e os perigos estuantes da guerra?

Provavelmente uma cousa e outra.

Era um jornalista e polemista de força e tinha sido fundador e collaborador de diversos jornaes, quasi todos de discussão e de combate.

Conheci-o como uma reliquia, mas uma gloriosa reliquia, que se exaltava e que contava, graças á sua prodigiosa memoria, tudo o que tinha visto, ouvido e feito, na sua longa carreira.

A sua obra, porém, mais meritoria, a que lhe dá, só por si um logar distincto, no circulo dos benemeritos, tão raros entre nós, foi a fadiga, o cuidado, o desinteresse, o generoso sacrificio com que creou e manteve um asylo para educação de meninos desamparados ou pobres.

A isto dedicou elle todo o seu tempo, até que a molestia quasi o impossibilitou de ser util.

Com esta obra tão grandiosa, tão simples e tão bella, sem espalhafato, nem reclamo, soube coroar a sua vida de patriota e grande cidadão!

* * *

Um outro, que nos fez falta, foi o advogado Francisco Rodrigues Monção.

Tendo, em 1872, concluido os seus preparatorios, matriculou-se na faculdade de Olinda, esta mãe dos legistas do Norte, e obteve numerosas distincções, no seu curso, brilhante e feliz.

Alli, collaborou, com os seus collegas Rosa e Silva e José Marcellino, n'*A Lucta*, e fez-se admirar, na sua terra natal, pelas *Cartas de um bahiano*, escriptas para o *Correio da Bahia*.

Foram ellas que o fizeram admittir na assembléa provincial, na legislatura de 1878 a 1880, como representante do partido conservador, pelo terço, pois é bem verdade que já houve um tempo em que os partidos não eram agrupamentos, que se collavam á pessoa do governante, como porções de materia cosmica que se incorporam á cauda dos cometas periodicos, e sim forças constituidas que acompanhavam a evolução politica e social da nação, que se faziam respeitar pelas administrações, não entrando nos cargos publicos pela condescendencia ou interesse destas, mas, pela sua propria força ou pela da moral, de modo que conservavam a sua liberdade e independencia. Julgava-se até offensivo á dignidade do paiz que não tivesse representação a expressão das minorias divergentes e vergonhosas estas unanimidades, tão incompativeis com o espirito das democracias liberaes, que parecem indispensaveis hoje a quem governa, mas que talvez venham a pôr um dia em perigo a integridade e até a estabilidade da Republica!

Outra vez, deputado em 1882, notabilisou-se por discursos pronunciados alli, que revelam a força de seus estudos nas questões importantes da época.

Já então tinha abandonado a carreira da magistratura, depois de exercer, por pouco tempo, a substituição da vara de orphãos e o nosso fôro con-

servará, ainda por muito tempo, a recordação dos seus talentos e erudição juridica, com advogado.

Trabalhava ultimamente, com ardor, numa obra sobre direito commercial « Letras de cambio e creditos mercantis » que não conseguiu, infelizmente, terminar, e que viria collocar o seu nome entre os dos mais notaveis jurisconsultos.

Era poeta lyrico, primoroso e muito delicado, mas não queria dar publicidade a seus versos, dos quaes só foram impressos os que compoz em Sergipe, saudando os soldados que voltavam da expedição de Canudos.

Foi, principalmente, na visinha cidade de Itaparica, onde nascera, e da qual era intendente, quando falleceu, que o Dr. Monção deixou traços fundos da sua dedicação á causa publica e desvelado interesse.

Aquella localidade prestou ao seu cadaver, em 29 de Setembro de 1898, o preito de justiça que elle merecera, pela dedicação e honesto escrupulo, sempre revelados na sua administração.

* * *

O Instituto registra ainda, com pesar, a morte de Alexandre Garcia Pedreira, advogado muito conhecido; de Christino Ramos de Oliveira, que prestou, especialmente na phase inicial da associação, modestos e uteis serviços; de José Maria Barretto Falcão; do Dr. Pedro Nolasco Buarque de Gusmão, correspondente, e fallecido no Rio de Janeiro, a 16 de Janeiro de 1899; de Antonio Moreira de Goes, e do socio correspondente José Machado Pedreira.

Não sendo possivel estender-me sobre cada um elles, sobre a sua vida e seus feitos, porque não be numa resenha necrologica e oral trabalho deste

folego, menciono os seus nomes com a lembrança da gratidão do Instituto, que não poderá esquecel-os, pela justiça que elles lhe merecem e pela honra de tel-os possuido entre os seus.

O professor Austricliano Francisco Coelho foi um homem dotado de espirito muito atilado e prestou serviços relevantes a este Instituto, do qual foi um dos fundadores, assim como da Academia de Bellas-Artes, á qual sempre se dedicou, como em geral, ás causas pelas quaes se interessava, com devotamento e ardor.

O melhor e mais nobre altruismo, porém, da sua vida, foi a parte que tomou na lucta abolicionista, naquella grande e gloriosa lucta legal, que é a maior honra da nossa patria no periodo imperial.

No tempo em que o partido abolicionista, aqui, era o partido dos pequenos e dos pobres, ao qual se oppunham os interesses dos que tinham que perder, como se dizia então, era preciso coragem para defender a causa dos captivos e enfrentar com os ricos, que eram os que, em geral, tinham mais vantagem no detestavel trafico.

Quando mais tarde a victoria bafejou a bandeira que cobria os que tinham sido tão calumniados, despresados e guerreados, todos se arrogaram a gloria da victoria, mas só os humilhados de outros tempos, os que tinham tantas vezes sentido a amargura das decepções podiam contar a quem custara a campanha da abolição.

Um dos soldados mais promptos desta cruzada, deve receber o logar que lhe pertence.

* * *

O Dr. João Baptista de Sá e Oliveira foi tambem abolicionista dos primeiros tempos, e a sua dedicação a esta nobre causa dá realce a seu nome na historia desta terra.

Era medico muito caritativo e carinhoso, e a localidade onde viveu boa parte de sua existencia, teve, da sua dedicação, milhares destes grandes e ignorados sacrificios que só conhece quem pratica a medicina entre as classes pouco favorecidas.

Acostumara-se a ser muito laborioso, assiduo no trabalho e consciencioso até o escrupulo, mas um tanto acanhado.

Foi secretario do congresso constituinte do estado, após a Republica, e serviu neste posto com distincção e honra. Collaborou tambem no jornalismo, e publicou uma memoria sobre os indios *Camaquans* da comarca de Ilhéos, que foi apresentada ao 3.º Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia reunido aqui em 1890, além de outras, algumas das quaes bem meritorias.

Estes trabalhos, de accordo com o seu temperamento litterario e com o pendor de seu gosto por estudos desta natureza, indicam até onde poderia ter chegado, si houvesse tido tempo para isso.

* * *

O conselheiro Diogo Velho Calvacanti de Albuquerque, mais tarde visconde de Calvacanti, foi por muitos titulos, um dos personagens mais notaveis do segundo reinado.

Natural da Parahyba e formado em direito, na faculdade de Olinda, elle estreou na carreira da magistratura, carreira que abandonou depois pelas agitações da vida politica, pois, como bem diz um dos seus biographos, tinha mais o temperamento do politico do que o do magistrado.

Filiado ao partido conservador, fez parte de ministerios nas pastas do commercio e obras publicas e da justiça e negocios estrangeiros.

Foi depois eleito senador, no tempo em que o duque de Caxias tinha a presidencia do conselho, e, nesta occasião, foi a sua escolha o ponto em torno do qual se bateu o partido, numa das luctas politicas mais interessantes do imperio.

A sua casa era, no Rio, o ponto de reunião da *elite* da intelligencia, o lar amigo dos homens de talento, aos quaes attrahia a cultura sensata do visconde e o fino espirito, a *verve* graciosa e delicada de sua esposa, nossa consocia tambem e senhora tão notavel, pelo seu elevado gosto atheniense como pelos predicados com que encantou, consolou, e conservou a vida do visconde, no meio dos ataques da velhice e das tristezas da cegueira, que o atormentou nos ultimos annos de uma existencia tão util, como nobremente dedicada ao serviço da patria.

Estava representando o Brazil na exposição de Pariz de 1889, quando se fez a proclamação da Republica, o desterro dos imperantes e a dissolução do senado.

O visconde de Calvacanti foi um dos poucos que tiveram vergonha de adherir, com o desembaraço e a rapidez açodados, com que muita gente se atropellou, agarrando-se á Republica nascente, como se agarraria a qualquer cousa que apparecesse e que soubesse vencer.

De lá, daquella Europa longinqua, elle nos enviava, ora um presente precioso, ora uma lembrança delicada, como os beijos que mandamos aos nossos filhos atravez os mares e os espaços, quando, isolados em terra estrangeira, nos lembramos com intensa saudade dos que ficaram e dos que amamos; lá, na patria distante, sob o seu céu fulgurante, que testemunhou as illusões e os risos da

juventude e os pesares do homem, recordações que são os ultimos consolos dos proscriptos!

Elle o visconde de Calvacanti, fica como um exemplo da coherencia pundonorosa, que se torna cada vez mais rara, mais rara ainda porque já ha quem tenha acanhamento de confessar que a sente, esta dignidade correcta e decente dos caracteres honestos.

* * *

O Dr. José Macedo de Aguiar, fallecido em 23 de Outubro de 1899, foi um magistrado muito probo e professor muito distincto.

Depois de honrar a sua toga, como juiz, em diversos logares, foi elevado a um dos mais altos tribunaes do estado, onde se notabilisou, não só pelos seus talentos e estudos de jurisconsulto, como principalmente, pela attitude sobranceira, que manteve contra o governo, quando era exercido por um homem, o sr. conselheiro Luiz Vianna, diante de quem quasi toda a gente, quasi todos os orgãos de publicidade, porfiavam nos agrados que lhe faziam por obras, palavras e pensamentos.

O conselheiro Macedo de Aguiar foi um dos poucos que se ergueram contra a administração de então e esta sua posição fel-o destacar ainda mais pela inclinação exagerada da grande, da esmagadora maioria.

Seria esta attitude motivada pelo prejuizo que resulta da approvação incondicional e da estimulação tacita da autoridade que se vae tornando, por isso, cada dia mais illimitada, com acquiescencia de todos, e que elle julgava altamente perigosa para a magestade das attribuições do poder judiciario, do qual era um dos depositarios?

Seria porque elle possuia esta especie de pudor, susceptivel e irritadiço d iquelles que são genuinamente independentes diante da brutalidade das unanimidades e das felicidades omnipotentes, daquelles que se envergonham de fazer côro no louvor, justamente porque é um côro?

Ou este espirito culto se aterrava, notando a corrente de vassallagem, cada dia maior, este temivel indicio da molestia que mata as republicas, que foi na antiguidade a origem e o incentivo das tyrannias e que se traduz pelas condescendencias louvaminheiras dos jornaes, que mais blasonam independencia, destes sophistas que adivinham a a vontade dos governantes, para ir ao encontro dos seus desejos, dos que garantem a felicidade das providencias futuras e a excellencia dos pensamentos dos seus idolos, dos que regulam a fidelidade pelo tempo que estes terão de permanecer ainda nos altares, mais ou menos pacientes até aos máos tratos, conforme o costume daquelles famulos, que, sopitando a insolencia, toleram a rabugice dos patrões emquanto é opulenta e generosa a casa!?

O nobre juiz não escondia a sua irritação, não dissimulava a sua colera, quando entendia que devia reagir contra o que elle considerava inobservancia das leis, e altamente manifestou-se, entre outras occasiões, com energia, quando se tratou da questão de um *habeas-corpus*, que ficará celebre nos annaes do nosso fôro, e que a seu tempo, servirá de curioso estudo, especialmente comparada a certos acontecimentos posteriores, para se avaliar a orientação democratica e o criterio da opinião neste paiz e para se ajuizar, mais uma vez, do que valem as garantias escriptas nas leis, entre os povos que não têm madureza sufficiente para comprehendel-as!

Conta-se que, um dia, quando referiam a Marco Bruto uma das costumadas tergiversações de Cicero, julgando, com acerbo azedume, o orador de Arpinum, tão grande na tribuna, pela magia poderosa daquella bocca eloquente, que pronunciou as Philipicas, e tão pequeno pelas fraquezas a que o arrastavam, ás vezes, o interesse ou a vaidade, elle exclamara: « Cicero não se importa de ter um senhor, comtanto que seja um bom senhor! Eu, porém, não! Ou hei de viver livre, ou hei de deixar de viver »!

Lembro-me de evocar, nobres consocios, as palavras fortes do altivo republicano, para applical-as ao nosso illustre companheiro, porque elle era tambem um dos que não podiam ter senhor, porque a sua resolução, intransigente e corajosa, naquelle tempo, em que muito poucos a tinham, honrou a elle e ao poder ao qual se oppoz e porque, pode-se ter a certeza, si tivesse vivido mais, si tivesse avistado um dia que não estava longe, em que a fortuna mudou e uma revira-volta se deu, elle teria sabido conservar a attitude circumspecta e decente, digna e correcta, cheia daquelle respeito de si mesmo, que separa o homem elevado das grosserias do povo e que este admira, mesmo quando não o comprehende!

* * *

O general Frederico Solon Sampaio Ribeiro, nasceu no Rio Grande do Sul, em 1842.

Entrou para o exercito em 1857, e serviu na cavallaria, por occasião da guerra paraguaya, tomando parte em todos os combates da campanha.

Era major e commandava o 9.° regimento da mesma arma, estacionado no Rio, em Novembro de 1889, época em que entrou, de chofre, na car-

reira politica, de modo tal que, diante do seu nome, ha de parar, d'ora avante, quem tiver de escrever a historia do Brazil.

Parece que foi em 30 de Outubro que teve sciencia do pronunciamento, que se preparava, por Menna Barretto e Sebastião Bandeira, e, logo no outro dia, ou no dia 5 do mez seguinte, entrou em relações com o general Deodoro e com Benjamin Constant.

O partido liberal subira, em 6 de Junho daquelle anno, ao poder, e o visconde de Ouro Preto, presidente do conselho, começara a governar com o orgulho e a temeraria energia de um Strafford!

Diante delle e contra elle subia a irritação altiva e crescente dos militares, que já tinham tomado o pulso á fraqueza do governo imperial, derrubando, pouco antes, o ministro Alfredo Chaves, por uma destas manifestações desabridas e arrogantes da força, que só se podem explicar, sem justificar, pelo estado lastimoso a que tinha chegado a administração, e o esmorecimento, cada dia mais derivante, da monarchia, em consequencia da hostilidade da classe dos proprietarios agricolas, que fôra, em todos os tempos, o seu melhor apoio, já irritada e logo empobrecida pela abolição.

Havia tambem em todo o paiz uma propaganda, a cada momento mais arrojada e vehemente, que o exemplo do triumpho proximo da propaganda abolicionista exaltava até o extremo, e á qual pertenciam, em regrà geral, toda a mocidade que sahia das escolas e muitos militares.

As ironias pungentes com que o sr. Gomes de Castro flagiciara, na camara, o novo ministerio, na sessão memoravel de 11 de Junho, e o discurso intrepidamente fatidico do padre João Manuel,

indicavam que o espirito conservador deixava agir a vingança e era o braço armado do gladio que ia desfechar o golpe!

Teriam feito bem os quatrocentos e tantos soldados que proclamaram a Republica?

Ainda é cedo para julgar a revolução, apesar das miserias do presente.

Naquelle tempo já havia uma desastrada e real fraqueza em cima, e o poder, apesar de moderado nas leis, era sempre, de facto, absoluto no fundo; mas, os que governavam, não sabiam, não queriam, ou tinham pejo de fazer dos parlamentos estes escravos doceis, acorrentados a seus pés!

A tyrannia já era mesquinha, e os abusos que ella produz pesavam sobre a nação; mas, todos nós que alimentaramos o sonho querido da Republica, não pensavamos em cousa peor: na amargura dos máos dias, dos dias das orgias do encilhamento e das orgias da degolla.

O sombrio erro é que não previramos que não conseguiriamos, depois de dois lustros, o mesmo idéal que a nação ingleza, ha cerca de dois seculos e meio, tambem não logrou alcançar, em doze annos de Republica—um parlamento que não fosse mandado pelos governantes, um parlamento sem majores generaes e sem certificados de admissão, um parlamento livre emfim!

O visconde de Ouro Preto não dissimulava considerar como inimiga a gente da milicia e que as ordens para o seu afastamento eram medidas politicas.

Foi em casa do major Solon que se reuniram os conspiradores, no dia 3 de Novembro, e foi elle quem, ás 7 horas da tarde de 14, mandou, por Joaquim Ignacio, prevenir que estivessem todos

promptos para aquella noite, porque o governo descobrira tudo, e foi ainda em torno delle, no seu quartel de S. Christovão, onde chegou, á meia noite, que se agruparam os revolucionarios, desde Serzedello Correia, que veiu, por ordem de Benjamin, incorporar-se ao movimento, até o tenente-coronel Telles, que devia commandar a 2.ª brigada revoltada.

Foi alli que, pelas 5 1/2 horas da manhã, apeou-se Benjamin Constant com Lauro Müller e um clarim, dizendo:

«Agora, estou entre os meus amigos. Chegou o momento de ver quem sabe morrer pela patria» !

O major Solon trouxe o seu regimento ao Campo da Acclamação, commandando a vanguarda, arriscando-se abertamente ao crime de rebellião, e incumbiu-se depois da perigosa honra de guardar preso, no seu paço, o imperador e de levar-lhe o decreto da deposição.

Não era proporcional ao posto a embaixada, mais era-o de sobejo o homem!

Havia nesta dupla missão duas tremendas responsabilidades e era preciso ter uma alma solidamente temperada para encarregar-se dellas.

A historia das proscripções politicas tem muitas particularidades ora comicas, ora sinistras, desde a de Ricardo Cromwell, recommendando que transportassem, com todo o cuidado, a mala que levava os protestos *das dedicações illimitadas*, que recebera por occasião da sua elevação ao protectorado, por conduzir, conforme elle dizia com o seu humorismo de saxonio, a vida e a fortuna do bom povo de Inglaterra, até a de Maximiliano, acompanhada pela lembrança daquellas promessas, que deviam ter por cumprimento o sorriso com que o

responsavel pela tragica aventura se esquivou mais tarde perante o dramatico, o sublime desespero da esposa do destitoso fusilado de Queretaro!

Nenhuma dellas, porém, se parece com a que este soldado levava num papel dobrado, em grande uniforme, á frente de um piquete de cavallaria, naquella tarde de sabbado, 16 de Novembro, que ficará, na historia do Brazil, como o dia da anciedade e do espanto e que era a ordem de uma proscripção, que devia ser eternal

Conta-se de Luiz XVI que, si tivesse possuido, na madrugada de 10 de Agosto, a coragem resoluta e guerreira, digna de um neto de sessenta reis, si tivesse podido vencer o pendor do seu proprio organismo, inflammar os guardas nacionaes hesitantes e corresponder á fria bravura dos suissos, talvez tivesse repellido, nos arredores das Tulherias, os bandos de Westermann e de Santerre.

Si Pedro II, tambem, mais moço, mais resoluto e valente, se tivesse, violando as ordens das sentinellas, dirigido á tropa e ao povo; si tivesse lembrado a uns o seu juramento áquella bandeira, que fôra sempre a bandeira das victorias; si, falando aos marinheiros e aos soldados, lhes tivesse recordado Itozoró e Riachuelo, e evocado a tradição daquelles gloriosos exercitos, que, diante dos estrangeiros, sabiam morrer, como em Pirajá e Monte Caseros, saudando com vivas o seu imperador; si, com um grupo de convertidos, pudesse sahir á rua, e, expondo-se á morte, se tivesse dirigido ao povo, por maior que fosse a prostração moral e a pusilanimidade deste, e pudesse agitar as poderosas sympathias que tinham por elle, tão grandes que ainda não se desfizeram, é possivel que tudo se tivesse mudado.

Isto, porém, não se deu e foi ainda sob a espada deste grande rebelde, victorioso e bravo, que, naquella madrugada de domingo, 17 de Novembro, escura e tragica, filas dobradas de soldados sombrios, no meio de linhas densas de baionetas pallidas, passou o coche negro, o coche que conduzia para o mar o velho descoroado da vespera que ia, aos 70 annos, começar, em terra estrangeira, uma vida do expatriado, a vida da pobreza e do exilio!

Quando, em 1660, a restauração dos Stuarts deu ensejo para se revelar todo o servilismo de que eram capazes os politicos e os particulares, quando a reacção monarchica era tanto mais inconsiderada e cruel no parlamento inglez, quando se accommoda bem á covardia dos homens diluir o odioso da tyrannia e dos crimes, no meio da debandada geral, do repudio de todos os antigos compromissos e de todas as velhas amizades, quando conduziam numa carroça, para Charing Cross, o coronel Harrison, um miseravel, insolente ou desapiedado, gritou da turba, para insultar o velho republicano: «Onde está agora a tal boa causa»?

«Levo-a aqui», respondeu o valente soldado, batendo no coração!

E continuou a avançar para o supplicio, altivo e heroico, como costumava avançar á frente do seu regimento!

Seria muito temerario suppor que todos os que estabeleceram a forma politica, que ha doze annos aqui se mantém, respondessem o mesmo em circumstancias identicas.

Um, porém, fal-o-hia de certo, si vivesse e si ella, por desgraça encontrasse um Monk.

Era o general Solon.

——

85ª. SESSÃO EM 12 DE MAIO DE 1901

Presidencia do Snr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos trinta e um dias do mez de Março de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente e João Nepomuceno Torres, 1 º secretario, Drs. Braz do Amaral, Augusto de Araujo Santos, Joaquim dos Reis Magalhães, Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Guilherme Fœppel, Manoel Alfredo de Carvalho, João Pimenta Bastos e Julio Barbuda, Pharms. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Luiz Filgueiras e Accioly do Prado, Professores Elias de Figueiredo Nazareth e Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo, Padre Luiz da França, Damasceno Vieira, capitães Francisco Gomes Ferreira Braga e Manoel Quirino, coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Isaias de Carvalho Santos, 2.º secretario, foi aberta a sessão.

O expediente constou do seguinte:

Officios: do Consul de Portugal, da Provedoria da Santa Casa da Misericordia, do Conselho executivo do Centro Operario, do Presidente do Tribunal de Appellação e Revista, das sociedade Beneficencia Caixeiral e Euterpe, agradecendo o convite para a sessão anniversaria do Instituto, sendo q u a Beneficencia Caixeiral envia a lista dos funccionarios para o corrente anno.

Cartas: do socio capitão de mar e guerra Ano Alves Camara communicando não poder, por otivo de molestia, comparecer á sessão anni-

versaria; do presidente da commissão promotora dos festejos do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, em Belém do Pará, Dr. Gentil A. de Moraes Bittencourt, offerecendo uma collecção das quatro medalhas commemorativas que a mesma commissão mandou cunhar, em bronze; da Directoria da Escola Polytechnica, deste Estado, communicando que, por ter recebido tarde o convite para a sessão anniversaria, deixou a Congregação de fazer-se representar na respectiva solemnidade; do Dr. Carlos Reis communicando que acceita o logar de socio correspondente para que foi eleito e offerecendo os seus prestimos, em S. Paulo; da Viscondessa de Calvacanti, escripta de Roma, accusando a recepção de uma carta acompanhada da medalha commemorativa do descobrimento do Brazil e explicando o motivo por que dirigiu ao Instituto uma carta ao passar por esta cidade; um cartão da directoria do Centro Operario, congratulando-se com o Instituto pelo anniversario da sua installação; uma carta do sr. Gustavo Alexandre Joys, escripta da fazenda Santa Cruz do Chixiú, em Cannavieiras, fazendo um largo historico sobre as riquezas mineraes daquelle municipio e pedindo auxilio para a exploração de diversas jazidas, carta que foi a respectiva commissão pora estudar o assumpto.

Offertas: do secretario geral do goveruo do Estado de Sergipe, enviando, com officio de 22 de Março ultimo, um exemplar da Collecção de leis e decretos do anno de 1900; do consocio Dr. Pedro M. Riviere, jornaes que trazem a descripção das festas e trabalhos do «Congresso Latino-Americano», e communicando que acceitou a incumbencia de representar este Instituto naquella solemnidade, o

que tudo consta dos officios de 13 de Março e 3 de Abril do corrente anno, enviando tambem a medalha do referido Congresso; do Dr. Ribeiro dos Santos, um quadro dos deputados e senadores ao congresso Constituinte do Estado da Bahia; do Dr. Fœppel, trinta e uma moedas antigas estrangeiras e sete modernas; do Dr. Joviniano Avelino Pereira Duarte uma cedula de 20$000 amarella; do photographo Sr. Vargas, a photographia do edificio do Instituto; do Cons. Torres uma collecção do jornal «Revista da Semana» e os volumes das leis «Consolidação das leis do processo civil, criminal e commercial do Estado da Bahia».

O Sr. Cons. Presidente communica o fallecimento, em Abril, do professor Adriano Augusto de Araujo Jorge, lente do Gymnasio de Maceió e presidente do Instituto Geographico de Alagoas e do historiador José Arthur Montenegro, fazendo justas referencias a tão illustres consocios, propondo que se inserisse na acta um voto de profundo pesar, o que foi approvado.

O Cons. Torres fez tambem referencias aos dois consocios fallecidos e particularmente ao consocio Montenegro e propõe que o Instituto faça um appello aos demais Institutos para auxiliarem a publicação de uma obra sobre a guerra do Paraguay, escripta por elle, e a mais completa no assumpto.

Em seguida passou-se aos trabalhos da eleição que deu o seguinte resultado:

Para presidente, Cons. Dr. Salvador Pires, 21 votos; Dr. Satyro Dias 1.

Para 1.º vice-presidente, Dr. Satyro Dias, 21; Cons. Torres, 1.

Para 1.º secretario. Cons. João Torres, 19; Dr. Reis Magalhães, 2.

Para 2.º secretario, Dr. Isaias de Carvalho Santos. 20; Aloysio e Faria Rocha, 1.

Para supplentes de secretario, major Aloysio de Carvalho, 20; Dr. Reis Magalhães, 18.

Para thesoureiro, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, 20; Eloy Guimarães, 1.

Para orador, Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 19; Dr. Araujo Santos, 1 e Cons. Filinto Bastos, 2.

Para supplente de orador: Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, 20 e Dr. Octaviano Barretto, 2.

Para commissão de admissão de socios: Dr. Alfredo Cesar Cabussú, 22; Comm. Sant'Anna, 21; Gonçalo de Athayde, 21 e Eloy Guimarães, 1.

De fundos e orçamento: Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, 22; Horacio Urpia, 22; Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, 21 e Dr. Araujo Santos, 1.

De redacção da Revista: Cons. João Torres, 21; Dr. Reis Magalhães, 21; Dr. Innocencio Munhoz, 21; Dr. Francisco Calmon e Luiz Filgueiras, 1 voto cada um.

De manuscriptos e documentos: conego Manfredo Alves de Lima, 22; Cons. Filinto Bastos, 22 e Dr. Egas Muniz, 22.

Geographia e Historia: Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, 22; professor Borges dos Reis, 22; Luiz Filgueiras, 21 e Isaias Santos, 1.

Estatistica: Professor Nazareth 21; Aurelio Pires 14; Dr. Julio Gama, 10; Antonio Calmon, 8 e Julio Barbuda, 12.

Topographia: Pimenta Bastos, 22; professor Torquato Bahia, 21; Accioly, 18; Dr. Glycerio Velloso, 6 e Dr. Calmon, 1.

Numismatica: Dr. Guilherme Fœppel, 22; pro-

fessor Quirino, 22; Ferraro, 22 e Damasceno Vieira, 1.

Mappas: Capitão de mar e guerra Alves Camara, 22; Octaviano Soledade, 22 e Dr. Julio Calasans, 22.

Biographias: Dr. Manoel Brito, Damasceno Vieira e Dr. Guilherme Rebello, 22 votos cada um.

Pelo socio capitão Ferreira Braga, thesoureiro, foi dito ser necessario o concerto de uma viga no salão da bibliotheca, concerto esse orçado, com as obras necessarias, pelo socio Dr. Pimenta Bastos em sete centos mil reis, no maximo, pedindo para isso autorização. Apoiado o pedido pelo socio Dr. Reis Magalhães, foi approvado pela assembléa.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, do que eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta, que vae por mim assignada. -*Isaias de Carvalho Santos.*

Approvada em sessão de 14 de Julho de 1901.— *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.*

— —

86.ª SESSÃO EM 14 DE JULHO DE 1901

Presidencia do Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 14 dias do mez de Julho de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres, 1.º secretario, Drs. Egas Muniz Barretto, Alfredo Cabussú e João Pimenta, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Comms. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Joaquim Manoel de Santa Anna, coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Alfredo

Soledade e Henrique Praguer, abriu-se a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officios: do general Pina Vidal, secretario geral da Academia das Sciencias de Lisboa, enviando varias obras para a bibliotheca; do secretario geral da sociedade de Estudos Colioniaes de Bruxellas, enviando um boletim e pedindo permuta da Revista; do presidente da Associação Commercial, enviando um exemplar do Relatorio do anno findo; dos secretarios do Gremio Litterario e da sociedade Nacional de Agricultura, enviando a relação das novas directorias; da commissão de exequias em homenagem ao Juiz de Direito Arthur Leal Ferreira, pedindo o comparecimento do Instituto (foi nomeada uma commissão composta dos socios Drs. Braz do Amaral, Guilherme Rebello e Cabussú); da directoria do Instituto Agronomico e Industrial da Bahia, convidando o Instituto para assistir à solemnidade de sua installação no dia 14 do corrente (foi nomeada uma commissão composta dos socios Drs. Braz do Amaral, Pimenta Bastos e Affonso Maciel); do Provedor da Santa Casa de Misericordia, enviando o Relatorio concernente ao biennio de 1899 a 1900; do Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira, secretario da legação brazileira, em Londres, acceitando e agradecendo a sua eleição de socio correspondente deste Instituto; da commissão encarregada dos festejos do dia 2 de Julho, convidando o Instituto a tomar parte no cortejo civico ao parque «Duque de Caxias», onde se acha o Monumento da nossa emancipação politica: do Revmo. Sr. Arcebispo desta Archidiocese; do General commandante do 3.º districto militar; do Consul Portuguez; dos Drs. Secretarios da Segurança Publica e da Viação e Agricultura;

dos Directores das Faculdades de Medicina e de Direito; do Dr. Inspector Geral do Ensino; do Dr. Intendente Municipal; do capitão de mar e guerra, capitão do porto Alves Camara; do Inspector da Alfandega; dos presidentes da Associação Commercial e da Junta Commercial; do Provedor da Santa Casa de Misericordia; do 1.º secretario do Gremio Litterario; do Presidente do Conselho Executivo do Centro Operario; dos presidentes do Instituto Archeologico Alagoano, Instituto Polytechnico Brazileiro, sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Instituto Historico de S. Paulo e do 1.º secretario do Instituto dos Advogados Brazileiros, todos accusando o recebimento da communicação da nova directoria do Instituto Bahiano e manifestando votos de prosperidade do mesmo Instituto.

Foram lidas duas cartas do socio correspondente Carlos Ferreira de Mello, residente em Berlim e professor alli, datadas de 16 e 27 de Maio do corrente anno, vindo esta ultima acompanhada de uma outra carta do Sr. Carl Chum.

Na primeira aquelle consocio communica que está proseguindo em seus estudos geographicos e generalisando a lingua como professor particular; e, confirmando as cartas anteriores de 12 e 13 de Fevereiro, diz que julga ser facil alcançar gratuitamente obras para a bibliotheca do Instituto, uma vez que sejam remettidas á sociedade de Geographia de Berlim as publicações officiaes, tendo mesmo promessa, nesse sentido, da referida sociedade, e enviou as provas do titulo e do indice da obra que escreveu e que está se editando, pedindo ao Instituto que a recommende no seu boletim; na segunda propõe-se o referido socio a mandar pre-

parar pela casa Carl Chum mappas escolares de geographia physica e politica, segundo o plano e preço que indica e tambem mappas geraes com todas as minudencias possiveis, physicas e politicas, com o traçado dos limites dos municipios e das estradas e caminhos de ferro, lembrando que a despeza poderá ser feita pelo Estado, por tratar-se de serviço publico, e serviço remunerador, uma vez que o Estado poderá vender as cartas por conta propria. E a carta do Sr. Carl Chum é no mesmo sentido.

Em seguida foram lidos os pareceres da commissão de admissão de socios, ficando adiada a votação para a sessão seguinte por falta de numero legal de socios para a votação.

E por nada mais haver a tratar-se, foi encerrada a sessão, e de tudo para constar, lavrei a presente acta, que vae por mim, 2.· secretario, assignada. —*Isaias de Carvalho Santos.*

Approvada em sessão de 25 de Agosto de 1901. —*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Gonçalo de Athayde Pereira.*

87.ª SESSÃO, EM 11 DE AGOSTO DE 1901

Presidencia do Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 11 dias do mez de Agosto de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Nepomuceno Torres 1.· secretario, Drs. Alfredo Cesar Cabussú, João Pimenta Bastos, Joaquim dos Reis Magalhães, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Pharms. Alfredo Accioly, Luiz Filgueiras e Comm. Joaquim

Manoel de Sant'Anna, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro: coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha, Alfredo Octaviano Soledade e Isaias de Carvalho Santos, 2.· secretario, abriu-se a sessão, sendo lida a acta da anterior, que foi approvada.

O expediente constou do seguinte:

Officios: do secretario da sociedade Beneficente União dos Artistas, communicando o resultado da eleição dos novos funccionarios; do Director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro communicando achar-se naquella trese (13) pacotes de publicações procedentes da America do Norte e da Europa e destinados a este Instituto.

Lidos os pareceres sobre as propostas de admissão de socios, foram submettidos á votação, por escrutinio secreto, sendo approvados para socios effectivos os Engenheiros Francisco Lopes da Silva Lima e José Maria das Neves, e correspondentes os Drs. Virgile Rossel, J. C. Branner, Zeferino Candido, Guimarães Passos, Alfredo Rodrigues e Arno Philipp e o Prof. Amancio Pereira.

Foi lida e remettida á respectiva commissão a proposta para socio effectivo do engenheiro agronomo Luiz da França Imbassahy da Silva.

Offertas: de duas pennas de pato que pertenceram ao fallecido D. Pedro II, ex-Imperador, pelo socio coronel Rogociano Pires Teixeira; do maxilar superior de uma tartaruga encontrada a mil metros de distancia do Pharol da Barra, pelo capitão Vitalino de Almeida; e de diversos mappas pelo socio Cons. Antonio Carneiro da Rocha.

Em seguida, pedindo a palavra o Comm. Santa Anna, explicou o seu voto na proposta do Dr. Virgile Rossel, e disse que rejubilava-se com o

Instituto pela acquisição de tão illustre socio, que muito contribuira na questão Amapá para o reconhecimento do nosso direito áquella parte do territorio nacional.

E por nada mais haver a tratar, encerrou-se a sessão e de tudo, para constar, lavrei a presente acta e assigno.—*Isaias de Carvalho Santos.*

Approvada em sessão de 25 de Agosto de 1901. —*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*— *João Nepomuceno Torres*—*Gonçalo de Athayde Pereira.*

88.ª SESSÃO EM 25 DE AGOSTO DE 1901

Presidencia do Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 25 dias do mez de Agosto de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente e João Nepomuceno Torres, secretario, Drs. Egas Moniz, Alfredo Cabussú, Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Joaquim dos Reis Magalhães e José Julio de Calasans, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Praguer, Alfredo Accioly, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro, Antonio José Gonçalves Neves, Alfredo Soledade e coronel Gonçalo de Athayde Pereira, foi aberta a sessão, sendo lidas e approvadas as actas das sessões de 14 de Julho e 11 de Agosto do corrente anno.

O expediente constou do seguinte:

Officios: dos secretarios do Gremio Bibliophilo Barrense e da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, communicando a posse dos novos funccionarios eleitos para o anno social de 1901 a 1902, e da Sociedade Nacional de Agri-

cultura acompanhado de um regulamento do Congresso de Agricultura.

Foi lido o parecer da commissão de admissão de socios sobre a proposta, para socio effectivo, do engenheiro Luiz da França Imbassahy da Silva, que deixou de ser votada por não haver numero legal.

Foram lidas e enviadas á respectiva commissão as seguintes propostas: para socios correspondentes os litteratos: Arthur Vianna, director da bibliotheca do Pará, Antonio Lobo, director da bibliotheca publica do Maranhão e o escriptor portuguez Fran Pacheco, autor do «Sangue Latino»; e para socios effectivos os Drs. Joaquim Augusto Tanajura, medico, João Gualberto Nogueira, deputado estadoal, e Antonio Ferrão Muniz de Aragão, advogado, e a Exma. Sra. D. Maria Elisa Valente Muniz de Aragão, todos residentes nesta cidade.

Em seguida, procedeu-se a eleição para o preenchimento da vaga de um membro da commissão de orçamento, sendo recolhidas quatorze cedulas, que apuradas deram o seguinte resultado: Dr. Alfredo Cabussú, treze votos, Dr. Reis Magalhães, um voto.

Finda a eleição, foi lido o projecto de orçamento para o corrente anno, apresentado pela respectiva commissão, sendo adiadas a discussão e votação para a sessão seguinte, por não haver numero legal de socios.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta e assigno.—*Isaias de Carvalho Santos.*

Approvada em sessão de 8 de Setembro de 1901.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.— João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

89ª. SESSÃO EM 8 DE SETEMBRO DE 1901

Presidencia do Snr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos oito dias do mez de Setembro de 1901, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Nepomuceno Torres, 1.º secretario, Drs. Joaquim dos Reis Magalhães, Alfredo Cesar Cabussú, José Julio de Calasans, Joaquim Pires Muniz de Carvalho, Egas Muniz Barretto de Aragão, Francisco Alexandre de Souza e Henrique Praguer, Pharm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, coronel Gonçalo de Athayde Pereira, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro, João Antunes de Castro Menezes, Alfredo Octaviano Soledade e Isaias de Carvalho Santos, 2.º secretario, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Tres propostas apresentando para socios effectivos os Drs. José Gonçalves de Castro Cincurá e José Sabino Pereira Filho, o Pharm. Clemente Tanajura Guimarães e o litterato bahiano Xavier Marques; e para socio correspondente o Dr. Antonio Augusto de Lima, Director do Archivo Publico Mineiro, as quaes foram remettidas á commissão respectiva.

Foram lidos os pareceres da commissão de admissão de socios, opinando pela acceitação para socios effectivos da Exma. Sra. D. Maria Elisa Valente Muniz de Aragão e dos Drs. Joaquim Augusto Tanajura, João Gualberto Nogueira e Antonio Ferrão Muniz de Aragão, e para socios correspondentes

dos Srs. Arthur Vianna e Antonio Lobo, Directores das Bibliothecas Publicas dos Estados do Pará e do Maranhão, e Fran Pacheco, escriptor portuguez, redactor da «Revista do Norte», não sendo submettidos á votação por não haver numero legal de socios.

O Sr. Cons. Dr. João Torres, 1.· secretario, pedindo a palavra, propoz que se inserisse na acta um voto de sincero e profundo pezar pelo fallecimento do notavel litterato e historiador brazileiro, Eduardo Prado, o que foi approvado.

Em seguida, é lido o parecer da commissão de orçamento sobre a receita e despeza do anno de 1901, como se segue:

«A commissão de orçamento do Instituto Geographico e Historico da Bahia submette á approvação da Assembléa Geral o projecto de orçamento para o corrente anno de 1901, sob as seguintes bases:

Art. 1.· A receita é fixada em 16:326$500, a saber:

§ 1.· Subvenção estadual	6:000$000
§ 2.· Dita federal	5:000$000
§ 3.· Dita municipal	1:000$000
§ 4.· Ditas de exercicios anteriores não recebidas, a saber:	
a) estadual	1:500$000
b) municipal.	500$000
§ 5.· Mensalidades de socios sendo, *a*) de 9 socios que devem de diversas épocas a contar de Julho de 1894 a dezembro de 1901	526$000
b) de 40 socios que devem de diversas épocas a contar de Janeiro de 1899 a Dezembro de 1900 (409$000) dedusindo 50 %	
	14:526$000

Transporte	14:526$000
presumiveis não serem recebidos na respectiva cobrança. . . .	254$500
c) de 151 socios effectivos não incluidos os 9 de que trata a lettra *a*) e deduzidos 50 % presumiveis não serem recebidos na respectiva cobrança das mensalidades dos 40 socios de que trata a lettra *b*).	1:572$000
§ 6.· Joias de socios.	300$000
§ 7.· Donativos.	$
§ 8.· Remissão de socios	$
§ 9.· Producto de kermesses, concertos e espectaculos publicos	$
	16:326$500

Art. 2.· A despeza é fixada em 16:317$240, a saber:

§ 1.· Juros e amortisação do debito por hypotheca e lettra do Banco Auxiliar das Classes	8:000$000
§ 2.· Seguro do predio	115$800
§ 3.· Pagamento a credores, sendo:	
A João Primo Campello.	771$400
Francisco Ferraro	1:170$000
Joel & C.	272$540
Companhia Serraria a vapor e materiaes de construcção . . .	468$500
Costa Santos & C.	460$000
Empreza Editora	700$000
Guarda-livros.	200$000
Joaquim Manso & C	479$000
	12:637$240

Transporte	12:637$240
§ 4.· Ordenados, sendo :	
a) do amanuense.	800$000
b) do porteiro	720$000
c) do cobrador.	360$000
d) do servente.	300$000
§ 5.· Commissão do cobrador . .	$
§ 6.· Despezas da Secretaria, inclusive agua e sellos	300$000
§ 7.· Impressão da «Revista», inclusive a publicação da «Historia da Independencia» pelo Dr. Manoel Correia Garcia.	1:200$000
	16:317$240

Art. 3.· A impressão da Revista será feita por meio de concurrencia publica.

Art. 4.· Não far-se-á despeza alguma que não esteja prevista neste orçamento, nem que exceda á verba no mesmo designada.

Art. 5.· O sr. thesoureiro não poderá realisar pagamento de despeza alguma sem o «visto» do sr. secretario e o «pague-se» do Presidente.

Art. 6.· Si no correr do exercicio verificar-se algum saldo, será applicado exclusivamente á amortisação do debito hypothecario.

Art. 7.· A porcentagem do cobrador será de 15 °/₀.

Art. 8.· As mensalidades dos socios voltarão a ser de 1$000 e, nesse sentido, serão dadas as devidas providencias relativamente aos socios que acceitaram o ultimo augmento para 2$000.

Bahia, 24 de Agosto de 1901. (Assignados) *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—Alfredo Cesar Cabussú.*

Em discussão esse projecto, o sr. Cons. Torres

propõe que se faça a discussão e votação por artigos.

O Dr. Cabussú, relator da commissão de orçamento, diz que, como projecto que é a proposta, não tem proposito em que sejão acceitas todas as idéas ahi apresentadas, julgando que a assembléa pode adoptar o que melhor se offerecer sobre o assumpto; e, depois de ligeiras explicações, é approvado o projecto na parte relativa á receita.

Lida a 2.ª parte, relativa á despeza, o Cons. Torres apresenta uma emenda ao § 3 · do Art. 2.· nos seguintes termos: «Aos srs. Julio Telles da Silva Lobo & C. 1:000$000 da fiança de seu contracto para a extracção das loterias na conformidade da clausula 3 ª», fazendo o historico do referido contracto.

Pedindo a palavra os Drs. Reis Magalhães e Cabussú acham inopportuna a discussão, desde que o Instituto resolveu que o assumpto fosse estudado pela meza administrativa.

E' approvado o Ar. 2.· e prejudicada a emenda, bem como o Art. 3.·. São rejeitados os Arts. 4.· e 5.·. Em discussão o Art. 6.·, o Dr. Reis Magalhães mostrou-se contrario a esse Art, declarando o Dr. Cabussú que a commissão não dispoz uma inutilidade; entretanto, sciente a commissão de que já existem despezas feitas, propunha a seguinte emenda:

«Applique-se o saldo ás despezas já feitas e ás verbas excedidas: o mais como está.—E' approvado o Art. com a emenda.

São approvados os Arts. 7.· e 8.·.

Por escrutinio secreto procede-se a votação do parecer relativo á admissão do Engenheiro Luiz da França Imbassahy da Silva, sendo approvado, e proclamado socio effectivo.

Nada mais havendo a tratar, é encerrada a sessão, e de tudo, para constar, eu, 2.· secretario, lavrei a presente acta e assigno.—*Isaias de Carvalho Santos.*

OFFERTAS

Além dos Jornaes e Revistas, nacionaes e estrangeiras, que permutam com a «Revista», recebeu o Instituto durante o anno muitas outras offertas de livros e opusculos, cuja relação consta do livro respectivo.

Mencionaremos aqui as principaes, e que são as seguintes :

—**Em Janeiro** :

Historia da Independencia da Bahia, pelo Dr. Manoel Correia Garcia, Bahia, 1900 ; Obras religiosas e profanas do vigario Francisco Ferreira Barretto (Recife); Plano topographico de *la region norte* Argentina limitrofe com a Bolivia ; Album de Estatistica Graphica dos caminhos de ferro portuguezes das provincias ultramarinas, 1898, Lisboa; Revista do Instituto Historico de S. Paulo, edição commemorativa do 4 · centenario do descobrimento do Brazil.

—**Em Fevereiro** :

Brazil Prehistorico, Memoria a proposito do 4.· centenario, pelo conego Ulysses Pennafort; Compilação das leis provinciaes de Sergipe de 1835 a 1880, e do mesmo Estado de 1889 a 1900; La Republica Argentina y Chile—historia de la demaracion de sus fronteras, 2 vols. ; Frontera Argenino-Chilena, memoria apresentada por Valentin Virasoro; Limites Argentino-Chilenos—El divorium aquarum continental ante el tratado de 1893.

—**Em Março e Abril** :

L'Or a Minas Geraes (Bresil) par M. Paul Ferrand, vol. 2.·; Annaes do Congresso Nacional e Relatorios de ministros, 14 vols.; Funeraes da Rainha Victoria I, na Capital Federal; O Acre, Direito da Bolivia, Rio, 1900; Uma collecção de «Revistas», trabalhos dos annos de 1873 a 1895 da Real Academia de Bellas Artes e Archeologia de Stockolmo; Ephemerides do Ceará, pelo coronel João Brigido, com um estudo sobre a região e costa do mesmo Estado; O descobrimento do Brasil pelos Portuguezes, por Capistrano de Abreu; O Muyrakytã e os idolos symbolicos, por J. Barbosa Rodrigues, 2 vols.; O Annuario Illustrado do Jornal do Brazil para 1901; Estudos sobre o Pará —Limites com os Estados do Amazonas e Matto Grosso, por Arthur Vianna.

Pelo socio Dr. P. M. Riviére,—a medalha commemorativa do Congresso Latino Americano.

Pelo socio coronel Raymundo C. Alves da Cunha —Paraenses Illustres, 2.ª edição.

Pelo socio Dr. Reis Magalhães, retratos de Chateaubriand e do patriota Henrique Dias.

Pelo socio Dr. Guilherme Fœppel—varias moedas romanas antigas, e modernas da Europa.

—**Em Maio** :

Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. 22, 1900; Annuario Fluminense, e Obra commemorativa do 4.º centenario do Brazil, pelo Dr. Ferreira da Rosa; Repertorio da legislação sobre o serviço sanitario do Estado de S. Paulo; Revista do Instituto Archeologico Alagoano, vol. 3.·, 1901.

Pelo cons 1.· secretario, Consolidação das Leis do Processo do Estado da Bahia, 4 vols.

Pelo Dr. Joaquim Ribeiro dos Santos, um quadro

com os retratos dos membros do congresso Constituinte da Bahia em 1891.

Pelo socio Dr. Henrique de Santa Rosa, 4 medalhas commemorativas do 4.· centenario no Estado do Pará.

—**Em Junho e Julho** :

Relatorio da Santa Casa de Misericordia d'esta capital em 1900; Modelos de atlas geographicos para escolas elementares, por Carl Chun (Berlim); La Ropublica Argentina y Chile ante el Arbitro ; Partes Officiaes e Documentos srelativo a la guerra de la independencia Argentina pelo socio Dr. Mariano Pelliza ; Revista do Archivo do Municipio da Capital da Bahia ; Guia Policial, pelo Dez. Cardoso da Cunha ; Discurso do Dr. Antonio Candido por occasião do 4.· centenario do Brazil na cidade do Porto ; Noticias e documentos para a historia de Damão ; Revista do Instituto Agronomico e Industrial da Bahia, vol. 1·.

Pelo Dr. Manuel Freire de Carvalho, duas photographias commemorativas do enterro do Cons. Almeida Couto e da missa do Dr. Augusto A. Guimarães.

Pelo socio Cons. Carneiro da Rocha, carta geral da costa do Brazil, indicando os pharoes e pharoletes em 1882.

Pelo secretario geral da Academia de Sciencias de Lisboa, Cartas de Affonso de Albuquerque, 2 vols. ; Trabalhos Nauticos dos Portuguezes, 2 vols.; Padrões dos descobrimentos portuguezes em Africa; Elogio de Latino Coelho; Relatorio da sessão da mesma Academia em 1898.

—**Em Agosto e Setembro:**

Annuario da Escola Polytechnica de S. Paulo para o anno de 1901 ; Relatorio dos trabalhos do Tribu-

nal de Appellação e Revista da Bahia em 1900; Revista da sociedade de Ethnographia e Civilisação dos indios (S. Paulo) n. 1, 1901; Jornal dos Agricultores (Rio) 1901; Revista do Commercio (Rio) 1901; Boletin de la Officina Nacional de immigracion, estadistica y propaganda geographica, (Bolivia) anno 1, 1901; Estudo descriptivo das estampilhas fiscaes, pelo engenheiro Victor Maria da Silva (Pará) 1901; Mensagem dirigida ao Congresso legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro; Revista do Archivo Publico Mineiro; Revista do Instituto Historico de S. Paulo, vol. 5.·, 1900.

—**Em Outubro e Novembro**:

Boletim do Museu Paraense, vol. 3.·, 1901; Calendario Perpetuo, por Adolpho Amaral Lisboa; Um blóco de carvão de pedra da Bohemia; Relatorio das secretarias de Agricultura e Fazenda do Estado da Bahia, em 1900; A Questão das Philippinas, pelo Dr. J. Branner; A Maçonaria (Bahia) anno 1.·, 1901; Cartas de Pariz pelo Dr. Manuel Victorino, Bahia, 1901; Album das aves amasonicas, organisado pelo Dr. E. Goeldi, director do Museu do Pará; Relatorio do Intendente Municipal da Bahia, Dr. José Eduardo Freire de Carvalho, em 1901; Revista Agricola, orgão da sociedade de Agricultura, anno 1·, 1901; Boletim da Academia Brazileira de Lettras, 1897 a 1901.

Pelo socio Cons. 1.· secretario,—Parecer apresentado pelo engenheiro Miguel Argollo no congresso de engenharia e industria, commemorativo do 4.· centenario; A Giria Portugueza por Alberto Bessa; A Giria Brazlieira por J. T., Bahia, 1899.

Pelo socio Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, secretario do Interior do Estado do Pará, 155 vols., entre os quaes: L'Etat du Pará, Explorações pelo

engenheiro Henrique Coudreau, As Regiões Amazonicas, A Escola (Revista Official do Ensino), Motins Politicos do Dr. Rayol, Album do Pará, Pará e Amazonas (questão de limites), Relatorios e Mensagens.

—**Em Dezembro**:

O Tupy na Geographia Nacional, pelo Dr. Theodoro Sampaio; Uma pelle de veado branco encontrado nas mattas da Villa de Jequié (Bahia); Monographias sobre a herva matte, o café, a cultura das plantas textis, a industria pastoril, o aperfeiçoamento da canna de assucar, pela Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura; João Caboto e a descoberta da Terra Nova; Revista do Gremio Litterario da Bahia, vol. 1.º.

Pelo Dr. José Felix da Cunha Menezes, duas moedas antigas gregas.

Pelo socio Cons. Manoel da Cunha Lopes e Vasconcellos,—Um estadista no Imperio (Nabuco de Araujo, e sua època) 3 vols.

Pelo litterato bahiano Xavier Marques, os seus romances Janna e Jael (Praieiros), Boto & Comp., Holocausto e Insulares, e varios manuscriptos, cópia de diversas poesias do illustre latinista bahiano Professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan.

NECROLOGIA

Visconde de Paraguassú

O decano dos jornalistas brazileiros

Falleceu no dia 25 de Junho ultimo, em Hamburgo, onde residia ha longos annos, o venerando brazileiro, cujo nome encima estas linhas.

Não nos sendo possivel, numa simples noticia necrologica, dizer minuciosamente quem foi o visconde de Paraguassú, limitar-nos-emos a traçar-lhe a summula biographica, salientando os principaes feitos que lhe hão de valorisar para sempre a benemerita memoria.

O Dr. Francisco Moniz Barretto de Aragão Menezes, visconde de Paraguassú, nasceu neste Estado a 11 de Agosto de 1813.

Era filho do commendador Salvador Moniz Barretto de Aragão Menezes, barão de Paraguassú, e de sua mulher D. Thereza Clara Vianna Muniz de Aragão, baroneza do mesmo titulo, filha do Dr. Francisco Vicente Vianna, barão do Rio de Contas, primeiro presidente, na ordem chronologica, da então provincia da Bahia.

Seus avós paternos foram: o capitão mór Antonio Moniz B. de Aragão e Menezes e D. Luiza Zeferina Coelho Ferreira, filha do famoso Mestre de Campo Luiz Coelho Ferreira, da illustre Casa de Balsemão e um dos homens mais conceituados e esmoleres da Bahia, no seculo XVIII.

Na longa lista dos seus antepassados, pertencentes á mais antiga nobreza de Portugal e Hespanha, constituida no fragor das batalhas e nas vicissitudes heroicas dos grandes descobrimentos, salientaremos de passagem :

Dom Egas Muniz o symbolo da Honra, celebrisado pelo rei dos poetas portuguezes nos Luziadas; Dom Jayme Moniz, que, postado em uma das portas de Lisboa, impediu sosinho a entrada das tropas inimigas ; Dom Balthazar de Aragão. Alcaide Mór da Bahia, que, ás suas custas, construiu, armou e equipou galeões de guerra para varrer dos mares brazileiros a armada hollandeza, desapparecendo mysteriosamente no alto mar ; Almirante Salvador Correia de Sá e Benevides, 3 vezes governador do Rio de Janeiro, um dos vultos legendarios da Historia Patria, terror das caravellas de Hollanda e um dos restauradores da Cidade da Bahia em 1625 ; Dom Francisco Barretto de Menezes, governador geral do Brazil, o inolvidavel heroe das batalhas dos Guararapes.

Descendente d'aquelles que não sabiam regatear o imposto do sangue nos campos de batalha e cuja fortuna e haveres foram a todo instante sacrificados em prol da Patria, que collocavam acima de tudo e de todos, o Visconde de Paraguassû procurou sempre durante a sua longa e benefica existencia honrar ciosamente tão nobilitantes tradições.

Educado na Allemanha, onde ouviu os mais celebres Mestres, recebeu, em 1836, na Universidade de Heidelbrg o gráu de Doutor em Sciencias Juridicas e Sociaes, merecendo ser approvado, em these, com a nota de distincção e louvor.

Regressando ao Brazil, tentou, com os mais ar-

duos esforços, dignos de melhor sorte, modernisar os processos da lavoura de canna e da industria assucareira.

Desanimado, porém, pela incuravel apathia dos seus patricios que o alcunhavam de *utopista*, voltou para a Allemanha, depois de publicar uma interessante obra: «Manual do Fabricante de Assucar», offerecido aos proprietarios de Engenhos e aos mestres de assucar da Bahia.

Esta obra, a primeira no genero, publicada em lingua portugueza, foi impressa em Pariz na typographia de W. Remquet & Comp.

Distribuida gratuitamente, em ampla copia de exemplares, trazia 31 lithographias de apparelhos e machinas destinadas á industria assucareira.

«Feliz de mim, se algum dia se podesse dizer que cooperei para o melhoramento da industria do meu paiz e que não passei sobre esta terra, sem pagar o meu tributo á sociedade», escrevia elle no prefacio.

Foi o Visconde de Paraguassú, não ha negal-o, o iniciador da moderna industria assucareira no Brazil.

Aos seus conselhos, a antiga casa allemã F. Hallstroem de Nienburg construiu não só os primeiros apparelhos modernos para a fabricação e refinação do assucar, como mandou imprimir e distribuir gratuitamente um tratado sobre os processos dessa industria, dedicando-o, a pedido do mesmo Visconde, ao « Centro da Industria e Commercio de assucar no Rio de Janeiro » .

Convem mais assignalar que a primeira turbina e o primeiro *vacuo* montados no Brazil o foram a esforços do Visconde de Paraguassú, ainda existindo essas reliquias do trabalho no Engenho Vi-

ctoria Paraguassù, naquella época propriedade do Comm. Egas Muniz B. de Aragão, irmão do fallecido.

Além da interessante monographia acima citada escreveu e publicou : « Informações sobre a posição commercial dos productos do Brazil em Hamburgo; Navegação e Commercio entre o Brazil e Hamburgo ».

Foi um dos fundadores da Escola Agricola da Bahia e um dos mais assiduos collaboradores d'*O Seculo*, orgam liberal que se editou nesta Capital, no meiado do seculo passado.

Os seus numerosos artigos denotavam a mais solida erudição e o mais extrenuo patriotismo. Fossem elles colleccionados e dariam volumes, onde se encontrariam copiosas licções de educação civica, hoje quasi olvidada.

O visconde de Paraguassú era por consequencia o glorioso decano dos jornalistas brazileiros, que nelle perdem um dos mais bellos padrões de civismo e de illustração.

Collaborou em diversos jornaes allemães, sempre defendendo o Brazil contra os ataques de certos jornalistas e diplomatas mal informados.

Mal surdia uma noticia, um artigo, um telegramma que lhe parecia melindrar o brio dos brazileiros, pegava logo da penna e, na propria lingua dos atacantes, que manejava com mão de mestre, fazia-os calar, ora com a logica de factos positivos, ora com a arma do ridiculo, attrahindo dest'arte sobre os articulistas contrarios a gargalhada do publico.

Serviços desta ordem são bem raros e louvaveis, maxime quando o brazileiro que vae á Europa, em geral, cuida mais em divertir-se do que em ser util á sua patria, alcançando por isso as honras do palco das revistas, sob a figura grotesca do *rastaquoére*.

Nomeado pelo governo imperial para o espinhoso cargo de consul geral do Brazil em Hamburgo, soube honral-o durante cerca de 40 annos de inestimaveis serviços, merecendo as commendas da Ordem da Rosa, de Christo e os titulos de barão e visconde de Paraguassú.

Tão criteriosa e benefica foi a sua attitude nas relações entre os governos allemão e brazileiro que, por intermedio do imperador Guilherme I, foi agraciado com a commenda da Ordem badense do Leão de Zachringue e outras mais.

Gosava na côrte imperial allemã de tal conceito, que, por occasião de ser inaugurado o Canal de Kiel, o actual imperador o collocou á sua direita indicando-lhe um dos logares de honra, durante o grande banquete então realisado em Hamburgo.

Essa distincção foi tanto mais sensivel ao velho brazileiro quanto já não occupava nenhum cargo official.

Quando se fez a proclamação da Republica em 15 de Novembro de 1889, o visconde de Paraguassú foi « um dos raros que tiveram vergonha de adherir com desembaraço e rapidez açodados com que muita gente se atropellou, agarrando-se á Republica nascente, como se agarraria á qualquer cousa que apparecesse e, que soubesse, vencer ».

Dois dias depois, mandava pedir por telegramma a sua exoneração do cargo de consul geral, que lhe foi logo concedida, sendo então aposentado, depois de perto de 40 annos de serviço, com a quantia de *cem mil réis mensaes!*

Costumava referir-se ás vezes, na intimidade, a essa munificencia do novo governo com a seguinte phrase : « Si eu não houvesse herdado alguma cousa, estaria hoje, em avançada idade, e depois

de tantos annos de serviço á Patria, em bem frios lençoes » !

E acrescentava com resignação evangelica: «Não me queixo, mas acho singular que outros muito mais moços e com menos serviços do que eu, percebendo pingues ordenados, bradem tanto contra a sorte. Si males alheios podem consolar, deveriam olhar para as condições em que fiquei collocado ».

Que luminoso contraste com alguns dos nossos funccionarios publicos contemporaneos, enricados da noite para o dia, á custa do erario da Nação, tão mysteriosamente canalisado para as famelicas algibeiras, aos olhos esbugalhados do Povo que paga tudo e se cala.

De habitos excessivamente modestos, a sua residencia, á rua Innocentiastrasse em Hamburgo, realisava a mais decente simplicidade.

O homem que mandava reproduzir por pintores notaveis os retratos de D. Francisco Barreto de Menezes e do almirante Correia de Sá e Benevides; o homem que pagava a riquissima téla representando Catharina Paraguassú, e offerecia depois estes quadros á Camara Municipal da Bahia, onde hoje se encontram; o homem que tantas dadivas valiosas enviou á Escola Agricola deste Estado; esse homem dormia numa alcova, ao lado da qual a cella mais austera de um monge nada tinha a desejar.

De uma generosidade fidalga, nunca negou a sua bolsa e os seus conselhos a todos os brazileiros que visitavam Hamburgo, onde constituia uma das figuras mais queridas, não só da alta sociedade, como do povo, que se descobria quando o via passar, como si avistasse a encarnação da Honra, do Dever e da Caridade.

As suas idéas, quer politicas, quer economicas foram sempre do mais criterioso liberalismo.

Richard Cobden, John Roussel e Gladstone encontraram no benemerito brazileiro um fervoroso discipulo que, apezar de nobre, sempre se conservou separado por um abysmo dos innumeros pseudo democratas aurifamintos e cynicos—principaes factores da infelicidade deste bello paiz.

Apesar da sua avançada edade, conservou até os ultimos dias o perfeito equilibrio das faculdades mentaes, como o demonstram as suas cartas, cuja ultima, escripta em maio proximo, è um poema de dor e desespero em face do lastimavel estado actual da patria brazileira que tão ardentemente idolatrava.

Terminando esta incompleta noticia, enviamos as nossas condolencias á Patria, ao jornalismo brazileiro, e á illustre familia do benemerito Visconde de Paraguassú, representada neste Estado nas pessoas do Dr. Francisco Moniz B. de Aragão, Barão de Mataripe, Dr. Egas Moniz B. de Aragão, Engenheiro Francisco Moniz B. de Aragão Junior, e Dr. Guilherme Moniz B. de Aragão, pela grande perda que acabam de soffrer, e apontamos ás gerações brazileiras presentes e futuras a elevada personalidade do grande bahiano, com o imperecivel exemplo do mais nobre e verdadeiro civismo e da mais inflexivel coherencia politica de todas as épocas da nossa vida nacional.

(Extr. *d'A Bahia.*)

NOTAS E INFORMAÇOES

Com o titulo *Instituto Historico* escreveu o illustre jornalista Henrique Cancio, no *Diario da Bahia*, o artigo que se segue, a proposito de um beneficio promovido pela Mesa Administrativa.

Instituto Historico

« Um bello dia, homens illustres pelo saber e virtudes civicas resolveram construir uma arca sagrada, onde se guardassem as taboas da lei, das tradições, a chronica e a legenda do passado da Bahia.

E se ergueu de novo, da ruinaria augusta de quasi meio seculo, em cujas muralhas partidas e derrocadas fulgiam os nomes de D. Romualdo e de frei Carneiro, o actual Instituto Historico e Geographico Bahiano.

E' um archivo veneravel, onde mãos sagradas e bemditas têm procurado armazenar documentos que relembram façanhas altas, o fulgor mental, a structura spartana desta terra.

Esta obra, em cuja paciente e benemerita edificação empenham-se o amor da tradição, o culto dos grandes nomes e dos grandes feitos desta porção da patria, merece o apoio, o applauso, a effectividade do concurso de todos os bahianos, de todos os brazileiros, emfim.

Existisse o Instituto, na época em que presidia a provincia, sob o segundo reinado, o sr. marquez do Paranaguá, e a Bahia não seria dèspojada do melhor, do mais precioso de seus archivos.

Despojaram-n'a, para uma exposição de historia

e geographia com que o imperador procurou doirar a sua passagem no throno.

Alfaias e manuscriptos, tudo que positivasse uma época, tudo por que se podesse aferir o esplendor do passado, foi trancado na Bibliotheca Nacional; e egotistas houve que, para a sua riqueza pessoal bibliographica e de autographos, guardaram, indignamente furtados, documentos como a *Ode* de José Bonifacio, pelo seu proprio punho, agradecendo a Bahia o consolo que lhe levou no exilio, elegendo-o seu representante no parlamento.

Pois bem, sob a Republica, ao impulso da bôa vontade e da nobreza de sentimentos de eminentes patriotas, fundou-se o Instituto que, Deus louvado, dia a dia se vae tornando um repositorio riquissimo do passado deste pedaço de continente, de onde irradiaram as bandeiras da conquista, os apostolos da catechese, deste trecho da America que é o berço e a mesquita sagrada da familia brazileira.

O que é preciso, o que urge é que todos amparem e protejam esse grande commettimento. »

(Henrique Cancio.)

BRAZIL PREHISTORICO

MEMORIAL ENCYCLOGRAPHICO

Muito curioso o livro que o Sr. Conego Ulysses de Pennafort, do Ceará, acaba de publicar e que teve a bondade de offerecer ao Instituto um volume, pedindo que lhe fosse remettido o numero da Revista em que dessemos noticia do seu recebimento.

O autor é um sacerdote, e, como tal, sectario convicto da origem monogenista do homem segundo a Biblia, cujas asseverações—desde os dias da creação, paraiso terreal, quéda do primeiro homem até a confusão das linguas em Babel sustenta com ardor.

Mas não é somente isso que torna curioso o Memorial Encyclographico: é que o seu autor, mostrando conhecer a moderna theoria scientifica sobre a origem da terra e do homem, mostrando conhecer Lamark, Darwin e Huxley, harmonisa-a com a narração biblica e nos apresenta a civilisação egypcia irmã de uma outra que existiu na America, cujo solo regorgita de monumentos imponentes que a attestam; oriundas as duas da elevada cultura dos povos da Atlantida que fundaram e povoaram o Egypto, como povoaram a America continental!!

Essas civilisações, continúa o ethnologo cearense, extinguiram-se com o cataclysma que extinguiu a Atlantida e então, uma outra, a phenicia-carthaginesa atravessa o Atlantico e recivilisa a America, onde «levanta soberbos monumentos cujas

ruinas vão se descobrindo paulatinamente, existindo aqui traços inextinctos de mongoes, celtas, judeus e punicos » ! !

Considera ainda o autor do *Encyclographico* a lingua tupi como a lingua primitiva da humanidade e, singularidade notavel, em nota á pagina 6 apresenta-nos essa lingua *primitiva*—oriunda do hebraico e affim do sanskrito e do grego!

O Sr. de Pennafort falla, portanto, ex-cathedra em seu livro de tudo isso ; e, sobre as intricadas questões da origem do homem, raças, civilisações etc, etc., não tem mais duvida alguma, resolve-as com as doutrinas e conclusões que acabamos de summariar.

E', portanto, curiosissimo o livro que nos veio do Ceará e cuja remessa agradecemos ao seu erudito autor.

IMPORTANTE DOCUMENTO

«Dá-nos a *Republica*, da Fortaleza, noticia de que na ultima sessão da Academia Cearense o Sr. barão de Studart communicou a acquisição feita pelo conhecido livreiro inglez Bernard Quaritch (Julho de 1901) de um documento de verdadeiro valor principalmente para os estudiosos da historia do dominio holandez no Brazil.

Trata-se de um manuscripto de Hessel Gerritsz, e com desenhos, contendo extractos de jornaes ineditos e perdidos de viagens emprehendidas ao Brazil por Jan Baptiste Syens (1600), Claes Adriansen Cluyt (1610), Rincke Pieters (1626), Dirk Symonsen e outros.

Com relação ao Ceará ha muito que aproveitar no precioso manuscripto, porquanto elle encerra tambem noticias e informações colhidas por Kilian Van Rensselaer da bocca de naturaes do Brazil, como, por exemplo, Gaspar Paraupaba e André Francisco, que Hessel Gerritsz diz serem *van Siara* e que figuram ao lado de outros indigenas como Pedro Poti (da Bahia da Traição), Antonio Quixavassana, Antonio Francisco, etc.

O livreiro londrino pede pelo documento 42 libras que equivalem hoje a cerca de um conto de réis.

Noticiando essa nova acquisição, que por certo virá aclarar pontos obscuros da nossa historia, o Sr. barão de Studart chamou a attenção dos seus confrades para a maneira como graphava Gerritsz em 1627—29 a palavra *Siara*, assumpto sobre que estão escrevendo no momento presente varios dos nossos homens de lettras.»

(Extr. do *Diario do Rio Grande* de Outubro de 1901.)

Os Carbonatos nas Lavras Diamantinas

Em 1895, publiquei no *Correio de Noticias*, uma ligeira descripção sobre o grande carbonato apparecido na 2.ª companhia de Mineração das Lavras Diamantinas, no Brejo da Lama; descripção que tive a felicidade de ver aproveitada na nossa Revista do Instituto Geographico e em um dos jornaes de Pariz.

Não ha muito, lendo o primoroso trabalho do Deputado Federal—Dr. Aristides Milton—Ephemerides Cachoeiranas», vi com admiração e prazer as

referencias sobre factos das Lavras Diamantinas desde a sua feliz descoberta até a noticia do grande carbonato a que me referi e que encheu de admiração aos habitantes das Lavras, á toda esta cidade e até á Europa, conforme se vê na *Revue des Revues* do mesmo anno.

N'esta capital esteve elle exposto por longos dias na joalheria dos Srs Kahn & C., onde foi apreciado a ponto de interessar-se um distincto cidadão pelo seu formato em prata massiça, obra de lavor vinda de Pariz, e offerecida ao Instituto por sua digna esposa, já quando elle houvera sido inesperadamente roubado do seio dos vivos e á sua patria que muito perdera com o seu desapparecimento.

Lá no museu do Instituto está esta preciosidade, para attestar a riqueza e superioridade de nossas minas e o incitamento aos nossos ousados mineiros, para as constantes tentativas contra antigas montureiras e areiaes desprezados, onde jazem immensas riquezas e que só com muita coragem e grandes capitaes, poder-se-hia conseguil-as.

Já 57 annos são passados, e os nossos processos de trabalho de mineração são quasi os mesmos com pequena modificação; entretanto as Lavras têm sido visitadas sempre por grande numero de estrangeiros, alguns dos quaes têm-se fanatisado por ellas. Engenheiros de alto valor scientifico, vindos expressamente vêl-as, ali estudaram os terrenos e suas conformações, a possança das jazidas e escreveram relatorios que correm mundo, nos quaes proclamam a superioridade de nossas minas, principalmente pela abundancia do carbonato, salientando sempre que os nossos processos são todos primitivos.

Levados por esso fanatismo, os Srs. Jacob e Chatrian, cidadãos francezes, escreveram bella monographia sobre o diamante, que muito vale para os creditos das nossas Lavras.

Ainda ha pouco, tivemos a felicidade de vêr ali engenheiro habilitado, que pretende formar um bom syndicato para explorar as riquezas do *Mar de Hespanha*, e oxalá que elle em breve tempo esteja desviando as aguas do Paraguassú, para extrahir as tão proclamadas riquezas ali existentes!

Filho d'aquella terra, encho-me de orgulho quando vejo commettimentos d'essa ordem, que virão trazer para aquellas paragens riquezas e progresso.

Pudessem os habitantes das Lavras gosar de facilidade de transporte e de communicação facil para o seu commercio; dispuzessem de machinismos apropriados para os misteres de suas lavras e muito se poderia esperar d'aquella prospera terra, onde fortunas têm-se levantado de um dia para outro, e tambem desapparecido nas mesmas circumstancias.

Não é raro, vêrem-se rochas engastadas de pedras a modo de amendoim, conhecidas na *giria* por pedras em rochas de mundubi, nas quaes devem existir diamantes e carbonatos, tal qual se encontra o ouro nos cristaes ou em pedras outras como acontece em Minas Geraes.

A prova é que, agora mesmo, acabamos de presenciar uma originalidade, digna de ser apreciada por quantos têm amor ao estudo d'esse ramo de serviço.

Nas proximidades dos Lençoes, na Serra da Estrella do Céo, caminho do Capão Grande, acaba de ser encontrado um carbonato engastado n'uma d'essas rochas mundubis, que deve pesar mais ou menos 15 kilates, e com muita habilidade apanhado

com parte da pedra, o que lhe dá immenso valor, sendo comprado pelo capitalista coronel Francisco de Mello por 1:500$000 e por elle remettido para Pariz, sem que fosse tal preciosidade apreciada por entendidos e colleccionadores d'essas raridades. Era meu desejo que essa pedra fosse desenhada tal qual continha o carbonato, salientando-se o seu formato, afim de figurar como mais uma das raridades das Lavras Diamantinas em nosso Instituto; mas, quando me decidi a falar com o negociante, já era tarde, pois elle havia-o remettido para Pariz e assim passou despercebida essa belleza para os que apreciam-na, e que muito converia figurar nos nossos museos. Uma cousa, porèm, aproveitou-se:—d'ora em diante os nossos ousados garimpeiros não respeitarão mais as rochas mundubis. Serviu-lhes a lição.

Bahia, Maio de 1901.

G. Athayde Pereira.

A descoberta da America pelos chinezes

Lemos o seguinte em uma correspondencia de Pariz:

«Os chinezes, antes de se immobilisarem por detraz da muralha celebre e antes de se terem mandarinisado, em bocaes de porcellana, foram grandes navegadores e descobridores de paizes distantes, como os portuguezes do seculo XV.

Sabe-se hoje que os chinezes estiveram nas ilhas da Malasia, nas margens do oceano indico e em todo o golpho persico. E ainda mais, os chinezes, que descobriram a bussola e o compasso, visitaram a Europa cinco seculos antes de Jesus Christo, e parece (segundo um documeuto agora

descoberto em Pekin) que por essa mesma época tinham andado pelas Antilhas e abordado muitos logares da America do Norte e do Sul.

Ha muito tempo que se desconfiava isso mesmo, porque os habitos e costumes dos mexicanos têm similhanças extraordinarias com os dos camponezes da China. Os indios do centro do Mexico construem as suas casas da mesma maneira que os chinezes das regiões das montanhas.

E as lettras ou hieroglyphicos dos indios Yucatan do Mexico são completamente identicos aos caracteres figurados da escripta chineza. Ha mesmo tribus de indios no interior do Mexico que possuem um idioma monosyllabico similhante á lingua chineza. Um naturalista americano, o Dr. Saville, descobriu na Republica de Honduras taboas de pedra com inscripções e caracteres mongolicos.

No fundo das ruinas do palacio de Montezuma, na capital do Mexico, encontraram-se pedaços de jaspe das montanhas do Thibet. O celebre professor francez e archeologo notavel o sr. Henry provou que ha grandes relações entre os naturaes de varias regiões da America e os chinezes. Os habitantes do Celeste Imperio seguiram a corrente maritima do Oceano Pacifico e visitaram, durante longas épocas, a Columbia britannica, a California, o Mexico e muitas republicas da America Central e do Sul.

Teriam os chinezes descoberto o Brazil antes dos portuguezes? Eis uma questão a debater entre os americanistas.

Quando, ha dois mezes, as tropas internacionaes entraram em Pekin dois officiaes francezes descobriram na bibliotheca do palacio imperial o docu-

mento completo e comprovativo das relaçoes dos chinezes no anno 458 com os povos do Mexico, a que os sabios mandarins chamavam Fou-Sang.

O *fac-simile* da historia chineza da descoberta da America vae ser enviado para a bibliotheca publica de Pariz.

Ficou comprovado definitivamente que foi, graças ao desenvolvimento da civilisação chineza, que as civilisações dos aztecas e dos incas chegaram ao apogeu, quem sabe, antes do estabelecimento dos hespanhoes nas regiões da America latina.

Quem sabe si no local em que hoje se encontra a rua Moreira Cesar não andaram de longo rabicho, ha dois mil annos, milhares de chinezes de olhos recurvos?

Pedro Alvares Cabral posto no segundo plano por qualquer mandarim desconhecido! Que de mysterios ainda a desvendar para o futuro!»

Porto da Bahia

O sr. capitão de fragata Collatino Marques de Souza escreveu a seguinte carta ao *Jornal do Commercio*:

«Não existe porto algum no mundo que possa comparar-se, quer em vastidão, quer em segurança, quer finalmente na profusão de ancoradouros, cada qual mais vasto e inestimavel, ao da *Bahia de Todos os Santos*, capaz de admittir sem hyperbole simultaneamente todas as esquadras do mundo e todos os respectivos navios de suas marinhas mercantes.

Nem mesmo se lhe pode comparar o vasto e segurissimo porto do Rio de Janeiro, porque este dispõe de uma area que é pelo menos a *metade* da

daquelle outro, e essa mesmo tem *dous terços*, da sua capacidade *empachados de bancos de arêa*, que são outros tantos *terrenos em formação* em consequencia dos *detritos* derivados da desaggregação das rochas circumvisinhas, e como um exemplo ahi está a *Bahia de Botafogo*, que tende a desapparecer, ao passo que áquelle outro não succede a mesma cousa.

Em seu perimetro de mais de 90 milhas (ou em numeros redondos, 180.000 kilometros) desaguão diversos rios, dos quaes o mais importante é o *Paraguassú*, que tem mais de 600 kilometros de curso, pois que nasce nas serras do *Sincorá* e das *Lavras Diamantinas*, no Alto Sertão da Bahia, e cujo estuario, que chega até a cidade de *Maragogipe* e a povoação de *Igurpe* pode admittir grande profusão de navios como se fôra uma doca.

A extensão Norte-Sul desta bahia é de cerca de 35 milhas ou quasi 70 kilometros, desde a *Ponta Garcez* no continente e na *Barra Falsa*, formada por ella, e a *Ponta de Caixa Pregos*, no extremo Sul da Ilha de *Itaparica*, tendo a distancia de cinco milhas, empachadas por bancos de arêa que offerecem canaes de 10 a 12 metros de profundidade, e a extensão Noroéste-Suéste desde a Ponta de Santo Antonio, na Barra da Bahia, até a entrada do Estuario do rio *Paraguassú*, sendo tambem de 30 milhas, mais ou menos, ou 60 kilometros, pode calcular-se por isso em 500 milhas quadradas a extensão coberta pelas aguas nesta immensa e profunda bahia, e toda ella quasi totalmente accessivel aos navios dos maiores calados de agua.

Além do vasto e seguro porto commercial da cidade ou *de barlavento*, existe ainda alli o grande e bello porto de *Itapagipe*, propriamente dito, para

cujo accesso somente precisa-se dragar um pequeno trecho do canal, quasi ao chegar ao porto, e ainda o vastissimo ancoradouro da ilha de *Itaparica*. além da Ponta do Manguinho, podendo os maiores navios atracar ao respectivo caes, e principalmente para a instituição de um grande e inexpugnavel Arsenal de Marinha, verdadeiro Sebastopol Brazileiro, o esplendoroso porto da *Bahia do Aratú* a Leste.

Ora, na costa da Bahia as tempestades do Sul são raras. Apenas temos conhecimento da que teve logar a 19 de março de 1817, que soprou com tanta violencia, que causou muitos desastres na cidade baixa.

Entretanto, quando sopra o vento Sul na quadra do inverno, ficam ás vezes cortadas as communicações com a terra e impedidas assim as cargas e as descargas, porque os navios alli não atracam ás docas, por não existirem estas para tal fim.

Ora, o porto da Bahia, si passasse pelos melhoramentos que planejamos, não só poderia assegurar sempre todas as transacções commerciaes, e a sua fiscalisação, como poderia melhorar muito a área da parte plana do Norte, *com o accrescido que projectamos*, tanto alli como no extremo opposto e, o que é mais, tornar-se-hia assim um porto *altamente estrategico*, porque toda a costa da ilha de Itaparica, fronteira á cidade, bem como aquella que segue barra fóra, são guarnecidas de temerosos recifes de pedras calcareas, cujo accesso é perigosissimo, quer fóra do porto, quer dentro da barra.

Pela disposição da ilha de Itaparica, de cerca de 21 milhas de extensão Norte-Sul sobre 5 a 6 de largura, vê-se que a sua ponta Sul chamada *CaixaPregos*, e que, simulando a Ponta de Santo

Antonio da Barra da Bahia, deu logar a chamar-se de *Barra Falsa*, o que não é mais do que a barra do rio *Jaguaripe* prolongada até o mar, e contornando a parte sul da referida ilha, reconheceram os technicos ser esse canal intrincado e profundo da Barra Falsa de 10 a 12 metros de profundidade, como ficou dito, um poderoso recurso estrategico para os submarinos e as torpedeiras collocarem em cheque ou mesmo destruirem os navios inimigos, quando porventura conseguirem estes livrar-se do recife das *Cramuães* que fica a 5 milhas de distancia da costa, na derrota do Morro de S. Paulo para a Barra da Bahia, ao longo da costa da Ilha de Itaparica, por occasião do tempo chuvoso, sem marcações seguras para guiár a navegação, ou pela inclemencia de sondagem desde o inicio da derrota.

Ora, é justamente a um porto desta ordem, sem rival no mundo, onde não se vê hoje em dia um só navio de guerra brazileiro, e cujo arsenal de marinha foi extincto, mas cuja historia gloriosa se conta, aliás, por innumeras construcções navaes alli feitas outr'ora, taes como, entre outros, a fragata *Paraguassù*, as corvetas *Dous de Junho*, *d. Francisca*, *d. Januaria*, *Isabel* e outras! »

SUMMARIO DO N. 27

	Paginas
O Tupi na Geographia Nacional, pelo Dr. Theodoro Sampaio	3
RIQUEZA MINERAL DO ESTADO DA BAHIA— Phenomenos geologicos e mineralogicos, especialmente na zona de Santo Amaro, por Henrique Praguer	19
Francisco Telles de Menezes (Alcaide Mór), seculo XVII, pelo Dr. Innocencio Goes.	31
Ephemerides Cachoeiranas, Mez de Dezembro, pelo Dr. Aristides Milton . .	41
ACTAS DAS SESSÕES E OFFERTAS—(Março a Setembro de 1901)	83
SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA-- Discurso do Presidente Cons. Salvador Pires .	97
Relatorio do Cons. 1· Secretario . . .	103
Discurso do Dr. Silio Boccanera . . .	111
Idem do Sr Damasceno Vieira. . . .	119
Idem do Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto	123
NECROLOGIA--Visconde de Paraguassú, o decano dos jornalistas brazileiros . .	165
NOTAS E INFORMÇÕES -- Brazil Pre-historico	174
Importante documento	175
Os carbonatos nas Lavras Diamantinas .	176
A descoberta da America pelos Chinezes	179
O Porto da Bahia.	181

Mesa administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1. Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2· Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

Numero avulso e os anteriores: ----- 3U000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus) das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico

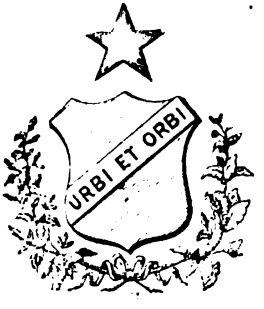
DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

1902

ANNO IX VOL. IX N. 28



BAHIA
LITHO-TYP. E ENC. DE REIS & C.
Rua Cons. Dantas, n. 22
1903

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

1902

ANNO IX VOL. IX N. 28

BAHIA
LITHO-TYP. E ENCADERNAÇÃO DE REIS & C.
Rua Conselheiro Dantas, n. 22
1903

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

Anno IX 1902 Num. 28

Innocencio Munõz

Todos os que na Bahia sentem sympathias pelo que é delicado e nobre lamentam com o Instituto a perda imprehenchivel que a sociedade bahiana, as lettras e especialmente a bibliographia patria acabam de soffrer na pessoa do Dr. Innocencio Munõz de Araujo Góes, morto aos 34 annos de edade, ao entrar portanto no cyclo vigoroso da sua vida de homem.

Quando elle appareceo aqui, ha cerca de 12 annos, com a sua formosa e distincta figura de platino, todos logo o estimaram e muitos o admiravam e queriam sem que ainda o conhecessem.

Foram muito alto estas preferencias que elle admiravelmente merecia, porque raras vezes tanta generosidade, cordura, bondade d'alma, lhanesa de maneiras, fina e delicada organisação de intellectual se enquadraram em physionomia mais bella e attrahente.

Tornou-se em breve conhecido e amado não só pela sua familia respeitavel e relacionada, como pelos seus proprios meritos e qualidades de «gentleman».

Filho de um brasileiro, e homem intelligentissimo, o Dr. Francisco Marques de Araujo Góes e de uma oriental, D. Elmira Munõz y Mainz Góes, elle descendia portanto pelo ramo paterno do barão de Araujo Góes e D. Maria Francisca Calmon e Abreo, cujas ascendencias são, como se sabe, das antigas familias portuguezas Calmon, Góes e Aragão as primeiras de origem franceza e a de Aragão de origem castelhana. E pelo ramo materno era neto do celebre general argentino Don José Casemiro Rondeau, o mesmo que foi uma das figuras mais salientes do Prata nos tempos das campanhas pela independencia e que figurou na guerrá da Cisplatina com tão bella fama e que foi, apesar de estrangeiro, nomeado governador e capitão general da Banda Oriental do Uruguay, quando em 1828 se celebrou entre o Brasil e a Argentina o tratado que fixara a independencia d'aquella republica, após os nossos desastres na campanha feita n'aquelle territorio, quasi ao terminar o reinado de Pedro 1.º

Tinha nascido em Montevideo, em 5 de Março de 1868, sob aquelle tecto delicioso que é o céo da Cisplatina, do tempo do nosso 1.º imperio.

O pae, porém, não levou o nascimento do filho ao registro da republica do Uruguay e trouxe-o para o Brasil onde adoptou a nacionalidade paterna.

Educou-se no Rio de Janeiro no meio de gente culta e n'esse convivio de refinados adquirio a graça brilhante, as reservas delicadas e o perfume de distincção que n'elle imprimiram até o fim aquelle cunho de superioridade elegante e correcção esmerada.

Fez a sua instrucção no antigo collegio PEDRO 2.°, onde seu pae era lente. Ahi cursou até o penultimo anno, não recebendo o gráo de bacharel em lettras por causa de circumstancias muito especiaes que foram as seguintes:

Havia a creança desde muito cedo revelado certos symptomas que não podiam deixar de alarmar o pae, medico distincto, de modo que foi elle mesmo quem fez o diagnostico de uma anomalia grave no coração do filho, « permanencia do buraco de Botal ».

Quando Innocencio Munõz estava a ponto de terminar seu curso de bacharelado, com as mudanças que traz a adolescencia ao organismo, accentuaram-se com tanta severidade alguns symptomas da anomalia que forçoso foi suspender todos os trabalhos intellectuaes e fazel-o vir para a Bahia, de cujo clima mais ameno do que o do Rio, esperavam os medicos consultados senão muito bom exito pelo menos mais serena e duradoura a vida do moço.

Melhorando muito aqui estudou Direito e formou-se em sciencias juridicas e sociaes em 1896.

Não consta porém só a existencia da necessidade material e satisfeita e d'estas victorias que se alcançam pela intelligencia e o esforço.

Não era feliz e sem querer tocar em coisas particulares diante das quaes pára o biographo que as respeita, pode-se dizer que era um d'esses entes aos quaes, quer os encontremos com uma ruga de dôr na fronte, quer com um sorriso na bocca, devemos chamar os diariamente martyrisados na vida.

Não aproveitara a sua profissão trabalhando no fôro, porque lhe repugnavam as cousas positivas e interesseiras. A sua vocação era toda para a carreira diplomatica.

Em muitos pontos parecia mais um cavalheiro de outras eras, transplantado para este paiz e para este tempo, tão pouco harmonisados com a heraldica e o romanesco medievaes.

Tinha grande pendor para os estudos de bibliographia, numismatica e ceramica de modo que se tornou um dos mais habeis e competentes auxiliares do Dr. Vicente Vianna, quando este fundou o Archivo Publico, sob a administração do Dr. Manoel Victorino. Foi por estes bons serviços nomeado para o Archivo ao qual servio até a sua exoneração por incompatibilidade em 1902.

Foi um dos enthusiastas mais uteis e laboriosos na organisação d'este INSTITUTO, ao qual sempre muito se dedicou, sendo um dos socios de espirito mais productivo, collaborando n'esta REVISTA da qual foi um dos redactores, tomando parte em diversos trabalhos de investigação, alguns arriscados, pois se deleitava em arrostar com todas as difficuldades que dependiam de arrojo e coragem e onde havia um perigo ou uma cousa ignota e fóra do commum.

Em 12 de Novembro de 1899 tinha sido eleito membro do Conselho Municipal d'esta capital, cargo que exerceu até a morte.

Deu ahi provas repetidas de competencia e lealdade e conseguio ser estimado tanto pelos amigos como pelos adversarios politicos.

Em Julho de 1902 tinha sido nomeado consul do Uruguay, n'este Estado, e no exercicio d'esta funcção tão importante e nobre, tão adequada ao seu gosto pela diplomacia morreu de asystolia, na tarde de 28 de Dezembro.

E' bem fóra de duvida que certos factos que lhe torturavam a existencia, concorreram para este tão rapido e tragico desfecho.

E tanto quanto é dado ao homem ser grande, doce, abnegado, generoso e heroico n'este doloroso e terrivel transe, elle o foi no meio de circumstancias tão especialmente pungentes, que nunca mais se apagarão da memoria dos que os presencearam.

Gostava muito de genealogia e tinha feito com muito cuidado não só a de sua familia brasileira de Góes, Calmon, Abreo e Aragão, como a de sua familia argentina.

Era um colleccionador infatigavel de antiguidades e todas as cousas de outro tempo o apaixonavam; armas, moveis, papeis, vasos, etc.

Possuia muitos e bons autographos, e alguns da republica do Uruguay são valiosissimos, não havendo talvez no Brasil muito quem os possua melhores, porque são dos homens mais notaveis do imperio, do Uruguay e Argentina, especialmente do periodo da independencia da Cisplatina.

Dos seus trabalhos, alguns ha publicados n'esta Revista e nos orgãos da imprensa diaria, na qual collaborou; outros, pela maior parte, ineditos; alguns não acabados.

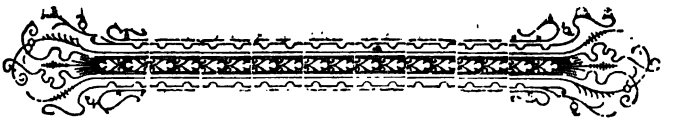
Entre os primeiros occorre-nos citar os seguintes: «O Bangala, Um Prior do Crato, O Cofre, Nós eramos tres, Candia, Francisco Gil de Araujo, Pero de Góes da Silveira, O Forte do Barbalho, Alcaides Móres da Bahia».

Ineditos tinha: «Uma cadeira de Paleographia no Archivo Publico, Doação da Capitania da Bahia, El-Mirah, O Crucifixo, Cem annos atraz, Memorias do General Rondeau, Fundação da Cidade do Salvador, O Marquez de Abrantes, Damião de Góes, Subsidios para a historia da Diplomacia Brasileira, A Descoberta da America, 1840, O Archivo Publico da Bahia (em parte publicado), A Restauração da Cidade do Salvador, Um morgado no seculo 13, Uma Lenda Itaparicana».

Havia confeccionado com o signatario d'estas linhas o relatorio apresentado ao INSTITUTO sobre o subterraneo de Santa Thereza e tinha se encarregado de elaborar outro sobre o do Taboão, tambem explorado por ambos. Ultimamente prendia-lhe a attenção um trabalho importante e de grande utilidade para o ensino publico, «Mappas historicos», do qual a 1.ª parte, Mappa historico da Bahia, ia em caminho.

Possuia tambem dados sobre a guerra de «Canudos» que tencionava completar e estudar em todas as particularidades; assim como outro intitulado «Notas sobre o imperio». E foi assim em pleno labor, que a morte ceifou vida tão preciosa!

B. do Amaral.



Os indigenas da Bahia

—Memoria lida a 3 de Maio de 1900 na sessão solemne do «Instituto Geographico e Historico da Bahia», em commemoração do 4.º centenario da descoberta do Brasil, pelo professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, socio fundador do mesmo «Instituto».—

I

O homem americano

A INTERESSANTE questão do homem americano, considerada a par de outras não menos serias da Paleoethnologia ou Archeologia Prehistorica, ha preoccupado bastante a varios scientistas no seculo que expira.

Para uns, como Lubbock (1), a ultima palavra não foi ainda pronunciada sobre o momentoso assumpto.

Para outros, no terreno desbravado já alguns marcos assignalam conquistas positivas.

Entretanto, a partir do principio inconteste da unidade das especies, não desenvolvidas em um ponto unico da terra, mas produzidas por trans-

(1) L'Homme Préhistorique.

formações naturaes e successivas em varias regiões d'ella, (verdadeiros reinos de creação, na phrase de Agassiz, ou reinos de apparição, como os denominou Rialle) não podemos deixar de admittir o autoctonismo de raças americanas.

Combatem esta opinião, no paiz e no estrangeiro —Barbosa Rodrigues, Warnagen, Couto de Magalhães, Brasseur, Fischer e outros; sustentam-n'a, porém, Morton, Gliddon, Meyer, Lund, d'Orbigny, Trajano de Moura, José Verissimo, Silvio Romero e mais alguns.

Entretanto, quaesquer que sejam as controversias das escolas monogenista e polygenista em face de tão transcendente questão, o que se não contesta é que o homem viveu no continente americano na época quaternaria, de promiscuidade com mammiferos gigantescos, taes como o «mastodonte», o «megatherium», o «mylodon», o «jaguar» e tantas outras especies, hoje extinctas e que viveram n'uma era assignalada por grandes cataclysmos, entre os quaes o periodo glacial, perfeitamente caracterisado em diversos pontos da America do Norte.

Da alta antiguidade do homem americano constituem, entre outras, prova irrefragavel as notaveis descobertas do Dr. Abott, no valle de Delaware, a de Agassiz, na Florida, e no que diz respeito ao Brasil o resultado admiravel das pacientes investigações do sabio dinamarquez Pieter Lund.

O eminente naturalista, a quem tanto devem o Brasil e a sciencia, demonstrou-a após as escava-

ções praticadas em mais de 800 cavernas de Minas-Geraes, mormente na do «Sumidouro», onde poude reconhecer a contemporaneidade do homem e de grandes mammiferos quaternarios (2); demonstrou-a apreciando em desenvolvido estudo a formação geologica do planalto Central do Brasil e provando ter este existido elevado sobre o nivel do mar, quando as outras partes do mundo ainda se achavam submersas ou surgiam apenas como ilhas insignificantes; demonstrou-a na bella synthese comparativa entre as raças «mongolica» e «americana», deduzindo caber a esta a anterioridade, na hypothese de communidade de origem, visto os caracteres differenciaes que apresentam daremlhe o local inferior na escala;—laudo esse accorde com a marcha da natureza, que procede sempre do simples para o composto, do imperfeito para o perfeito.

A hypothese de «Marcius», em seu apreciado trabalho—«Sobre o modo de escrever a historia do Brasil»—de ser o povo encontrado por Cabral resto de uma grande raça, que, de um estado florescente, decahira no de degradação tal qual se apresentara ao europeu em sua formula mais brutal—a antropophagia—a ser admittida, constituirá mais uma demonstração da nossa these sobre o autoctonismo, por isso que esse processo de degeneração, exigindo periodos extensissimos em produzir-se, tenderia

(2) Lund, com a prudencia que lhe era peculiar, não considerou a principio como provada essa comtemporaneidade, admittindo-a somente depois de acuradas observações.

apenas a demonstrar a remotissima antiguidade do selvicola brasileiro.

Couto de Magalhães, em seu mui discutido trabalho—«Região e Raças Selvagens do Brasil»,—affirmando que o homem americano «apparecera» nos altos plateaux andinos, d'onde emigrara para as planicies;—que era grande a sua antiguidade, visto preceder ás primeiras migrações dos aryas na Europa;—que constituira o tronco vermelho cruzando-se mais tarde com raças brancas do leste e do oeste,—destroe todas essas affirmativas, quando, baseando-se no fragil argumento da ausencia de utensis de pedra lascada em nossos depositos fosseis, assevera que o Brasil «recebera» seus povoadores por immigração, havendo elles transposto em outra «parte dc mundo» o periodo paleolithico, primeiro estadio percorrido pela humanidade!!

Essa contradicção exclue, a nosso ver, dos conceitos do illustre ethnologo o cunho de veracidade que nos parecia dever existir em suas obras, em face do conhecimento que demonstra ter da lingua tupy e das importantes viagens e explorações que emprehendeu pelos araxás de Goyaz e de Matto Grosso.

E bastaria notar a exiguidade relativa das investigações archeologicas e geologicas no continente americano, mormente em a peninsula Meridional, para não podermos acceitar como decisivo o laudo do illustre viajante, si os trabalhos de von Kosse-

ritz e outros exploradores nos Estados do extremo sul do paiz não nos tivessem conduzido já á presença de instrumentos de pedra lascada, de envolta com evidentes restos do homem prehistorico, encontrados nos sambaquis do littoral, além do grande numero de specimens d'aquelles instrumentos, existentes no Museu Nacional e que foram descobertos em varios pontos do paiz.

*
* *

Ao passo, pois, que monogenistas e asiatistas como «Fischer» produzem, para justificar suas theorias, argumentos como os da «nephrite» e da «jadeite» tão completamente refutados por Meyer, illustre professor em Dresde;—emquanto que outros, como Brasseur, firmam seus assertos nas lendas da cerebrina ponte «Aleutica» ou na «Atlantida» de Platão; —os polygenistas demonstram, baseados em factos positivos,—estudos craneometricos, investigações linguisticas, observações geologicas, etc. — que o homem, «sujeito ás mesmas condições de cultura, produz por toda a parte os mesmos resultados» ;— que não é necessaria «uma só origem ancestral primitiva» para explicar todas essas normalidades ; e, ajuntamos nós,—as pretendidas raizes com que se procura provar o parentesco de linguas faladas por povos tão dessemelhantes em qualidades anatomicas, psychologicas e physiologicas não passam de matrizes onomatopaicas,—imitação dos ruidos da

natureza — primeira e rudimentar associação de idéas que feriu o cerebro rudo do selvagem.

*
* *

Parece-nos, portanto, justificada a nossa opinião —o autoctonismo do homem americano;—isto é, do homem produzido no proprio continente, em uma ou em varias regiões d'elle, («reinos de creação ou de apparição») proliferando, grupando-se, constituindo nações, passando do periodo paleolithico ao neolithico, cruzando-se mesmo com immigrações de varias procedencias (3) subjugando-as ou sendo por ellas subjugados, até o momento em que a civilisação européa o veiu surprehender, conduzida aqui pelas caravellas de Cabral, na expansibilidade do genio aventureiro e emprehendedor do portuguez.

II

Os indigenas

Os velhos chronistas e as posteriores investigações

DIFFICILIMO é respigar a verdade em as fastidiosas, e, por vezes, incongruentes narrativas, que nos legaram os velhos chronistas, a respeito do povo indigena do Brasil.

(3) Não contestamos, como se vê, a possibilidade de immigrações asiaticas a Oeste, admissiveis em face das civilisações e tradições toltekas e aztekas, e das europeas a Leste, estas já em tempos historicos, —(visitas scandinavas); mas negar, perante as conquistas positivas da sciencia, ao continente americano a faculdade de produzir o homem é o que nos parece sobremodo absurdo.

Da extensa bibliographia produzida pelos religiosos jesuitas, exploradores portuguezes e aventureiros de outros paizes, que se relacionaram com os indigenas, os trabalhos de Gandavo e Gabriel Soares são os unicos que parecem se approximar da verdade, revelando o consciencioso julgar de seus autores; mas, ainda assim, é tal a sua deficiencia, que subsidio algum encontra n'elles o estudioso, sobre as interessantes questões da origem e da theogonia dos incolas seus contemporaneos, com os quaes conviveram, e a quem tanto tempo tiveram para investigar e estudar.

Para uns, era o caboclo uma alma a converter para o christianismo, uma ovelha para o aprisco, cujos mythos, em sua rudimentar expressão, eram forçadamente interpretados ao sabor das idéas catholicas;—para outros, era apenas uma alimaria de trabalho;—para nenhum, porém, um ser humano, cuja procedencia, civilisação, arte, cultura, merecessem estudo.

Selvagens, brutos, irracionaes quasi, eis em geral a adjectivação com que os qualificavam.

O Dr. Paulo Ehrenreich, em seu criterioso estudo sobre a divisão e distribuição das tribus do Brasil, traduzido por Capistrano de Abreu e inserto na «Revista da Sociedade Geographica do Rio de Janeiro», accentúa em brilhante synthese esse desamor pelas tribus indigenas do Brasil, que nem siquer despertaram na alma fria dos conquistadores sentimentos de piedade.

Alludindo a tão criminosa indifferença, escreveu o illustre companheiro de Von den Stein:

«Logo no principio do Seculo XVI, começaram as correrias dos paulistas. Bandos de audazes aventureiros partiram da capitania de S. Vicente, em diversas direcções, internando-se pelo sertão.

A' procura de ouro e á cata de escravos, perlustraram, entre trabalhos e difficuldades indiziveis, os territorios immensos do interior além do alto Paraguay, até as cabeceiras do Madeira, a oeste, e para o norte até a foz do Amazonas.

A cupidez e a crueldade destes incendiarios anniquilaram grande parte da população primitiva. O que não poude refugiar-se em brenhas invias succumbiu á espada ou á escravidão.»

Proseguindo nesta analyse, accrescenta o eminente observador: «Assim, muitissimo pouco se ficou sabendo das innumeras hordas do sertão—os tapuyas—como os chamavam os indigenas do littoral.»

* * *

Apenas sob um ponto, a linguagem, nos deixaram trabalhos de algum valor ANCHIETA, MONTOYA, RESTIVO e FIGUEIRA.

Fazendo-lhes, porém, esta justiça, reconhecendo o importante serviço que prestaram, nesse particular, á civilisação dos incolas e aos posteriores estudos ethnographicos, a par de outros não menos valiosos, na phase da colonisação em prol

da liberdade dos indigenas, não podemos deixar, entretanto, de lamentar que tão intelligentes espiritos se tivessem descuidado das interessantes questões a que acima nos referimos.

Foi necessario que surgissem, muitos annos depois, espiritos investigadores e esclarecidos, que percorrendo o nosso extenso territorio, explorando os sambaquis do littoral, as cavernas do interior, estudando a craneologia fossil, as camadas geologicas correspondentes, as linguas, a ceramica exhumada, os utensis encontrados, procurassem reconstruir o passado indigena, approximando os typos, grupando-os, confrontando-os, até lançar os fundamentos de um estudo consciencioso sobre a ethnographia e a sociologia dos nossos aborigenes.

Louvaveis, nunca por demais encarecidos, foram os esforços empenhados na investigação desses assumptos de alta transcendencia, mas não se pode affirmar com justiça que elles já nos tenham levado á solução completa do assumpto.

Si os estudos linguisticos contaram afervorados cultores, que nos legaram os fructos preciosos de suas investigações, não se pode tornar extensivo esse juizo aos estudos archeologicos, sendo que, mesmo no ponto de vista ethnographico, a maioria dos trabalhos conhecidos deve, em grande parte, ser considerada apenas rudimentos, aos quaes urge additar novos subsidios.

As observações do Principe de WIED, tão encarecidas pelo Dr. EHRENREICH, são realmente dignas de nota, quer pelo merito de quem as subscreve, quer pelo estado da ethnographia naquella epoca; porém não podem ser consideradas como um estudo completo da materia, pois o sabio investigador restringiu-se a simples descripções ethnographicas das tribus que visitou, dentre as quaes avultam, como menos incompletas, as que se referem aos aymorés do sul da Bahia.

Os caracteres anthropologicos desses indigenas lhe foram fornecidos pelo celebre « Blumenback, » consoante o methodo descriptivo então em voga, pelo estudo apparente de um craneo, que o sabio excursionista levara da Bahia; porém não ha nas paginas do seu celebre livro « Voyage au Brésil » estudo circumstanciado e rigorosamente scientifico sobre aquella e outras tribus indigenas, tal como se encontra, sob certos aspectos, no trabalho admiravel de d'ORBIGNY, relativamente á chamada raça ando-peruana.

As investigações realisadas posteriormente participam das mesmas faltas, aliás desculpaveis, destacando-se, entretanto, como preciosas as que foram levadas a effeito por MARTIUS, que reuniu a maior somma de material então conhecido, e, em periodo mais recente, as emprehendidas pelo sabio e cauteloso observador Dr. PIETER LUND.

Ao eminente dinamarquez, que soube identificar-se intimamente com o nosso meio, cabe a gloria de

ter enveredado por um caminho novo no estudo da ethnographia brasileira.

Suas explorações nas cavernas da «Lagôa Santa,» mormente na do «Sumidouro,» onde poude colher o material necessario para o estudo comparativo das especies extinctas com as especies actuaes, elaborando diversas monographias, algumas das quaes ficaram infelizmente incompletas; o precioso achado de craneos e esqueletos prehistoricos de promiscuidade com os restos fossilisados de mammiferos quaternarios, que lhe forneceram elementos para algumas deducções, revelaram no venerando solitario um investigador capaz de illuminar todo o passado dos primitivos habitantes do nosso continente.

Tentativas desse genero, posto que em esphera mais restricta, foram realisadas, por iniciativa do Museu Nacional, na ilha de Marajó, que merecera antigamente acurado estudo do sabio naturalista bahiano Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira; obtendo-se, nas excavações alli realisadas, grande numero de productos ceramicos, estudados proficientemente por Hart, Ferreira Penna e outros.

Não ha contestar que o valioso achado archeologico, com o qual foram encontrados restos humanos, trouxe precioso subsidio ao estudo das raças que primitivamente habitaram nosso territorio, facilitando deducções logicas sobre a origem e costumes das tribus sobreviventes.

Mas, a anthropologia, que poderia facilitar novas conquistas á ethnographia, tem-se mantido, entre nós, em sua fórma embryonaria, máo grado o arrojo de alguns exaggeros, que tem pretendido, com o auxilio de meros ensaios empiricos, sem cunho scientifico, sem methodo, sem material sufficiente, lançar proposições que, a serem exactas, poderiam resolver, em grande parte, o magno problema posto em equação.

Os estudos anthropologicos de maior nota entre nós são precisamente os que se filiam á anthropologia criminal, que não guarda relação proxima ou remota com a materia que nos occupa, sendo apenas dignos de referencia, quanto á anthropologia geral, os ensaios do Dr. Rodrigues Peixoto, insertos nos Archivos do Museu Nacional, e os estudos craneometricos do fallecido Dr. Sa' e Oliveira, realisados no gabinete de medicina legal da nossa Faculdade, os quaes, si peccam por deficiencia do material, foram, no entretanto, praticados de accordo com as regras estatuidas pelos proceres da anthropologia.

Salientando, pois, os serviços inestimaveis de Martius, Lund, Hart, Ferreira Penna, dos diversos linguistas que mencionamos, aos quaes se deve reunir Baptista Caetano, manda a justiça que signifiquemos toda a nossa admiração pelo sabio Von den Stein e seus continuadores, que começaram a imprimir á ethnographia brasileira uma feição nova e mais scientifica, á custa de per-

severantes labores, de fadigas e sacrificios, nas suas excursões ao Xingú.

Capistrano de Abreu, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues e outros não podem ser olvidados d'entre os cultores da ethnographia brasileira, á qual se abrem novos horisontes, graças á orientação scientifica do eminente ethnographo allemão, a que por ultimo nos referimos.

III

Classificações dos indigenas,

CLASSIFICAÇÕES ANTIGAS

A leitura dos chronistas contemporaneos dos exploradores e primeiros povoadores europeus do Brasil ensina-nos apenas que este paiz era, n'aquella época, habitado por um povo selvagem, de côr em geral acobreada escura, cabellos pretos e corredios, malar e orbitas pouco salientes, variando entre a media e a baixa estatura, falando linguas desconhecidas, apresentando-se nús, ornados algumas vezes de pennas, armados de arco e flexas, espadas ou clavas de madeira rija, habitando promiscuamente, uns em casas de barro, longas e ôcas, com duas aberturas apenas, outros sob arvores ou em covas, possuindo utensis de pedra polida, divididos em lutas intestinas, ferozes, epilogadas quasi sempre por festas cannibalescas, em que eram passivos figurantes os vencidos ou aprisionados.

E' esta a synthese da noticia que nos deixaram os velhos chronistas sobre a população indigena do paiz, que os ventos e as correntes maritimas fizeram as caravellas de Cabral, desviadas de sua rota, encontrar a 22 de Abril de 1500, da era christã.

Designada pela classificação geral de «tupis» e «tapuias», dividia-se essa população em tribus ou hordas, cada qual com sua denominação particular.

As hordas «tupis» occupavam quasi todo o littoral e raros pontos do interior; as «tapuias» quasi todo o interior e alguns pontos do littoral.

Modernas investigações parecem, porém, demonstrar—ter sido a nação «tupi» um povo invasor, que vencera e recalcara para o centro a nação «tapuia», estabelecida primitivamente na costa.

A hypothese mais razoavel sobre o processo dessa invasão é que—o povo tupi, descendo do norte, do Amazonas talvez, ou até mesmo da America Central, possuindo cultura relativa mais adeantada que as hordas tapuias, pudera vencel-as, expulsal-as das praias e nestas estabelecer-se;—que essa invasão se effectuara em levas e em periodos sucessivos, acontecendo muitas vezes (e ahi a principal origem das luctas que as dividiam) não respeitarem as levas subsequentes os direitos de irmãos já estabelecidos, ou não serem bem recebidos por estes;—que, por sua vez, algumas hordas tapuias, recalcadas para o interior, tendo haurido novos alentos nas florestas onde se acoutaram, poderam romper a linha tupi do littoral, mercê mesmo das desavenças que enfra-

queciam seus vencedores, e nelle fixar-se novamente.

E a situação dos nossos selvicolas, em 1500, parece confirmar essa hypothese.

Estendendo-se pelo littoral, de norte a sul, encontraram os exploradores portuguezes:

Os «potiguaras», entre o Jaguaribe e o Parahyba do Norte	tupis
Os «tabajaras» e os «cahetés,» entre o Parahyba do Norte e o S. Francisco	tupis
Os «tupinambás,» de S. Francisco até Camamú	tupis
Os «tupiniquins,» de Camamú ao Cricaré	tupis
Os «goyatacazes,» do Cricaré ao cabo de S. Thomé	tapuias
Os «tamoios,» do cabo S. Thomé até Angra dos Reis	tupis
Os «guayanazes,» de Angra dos Reis até Cananéa	tapuias
Os «carijós» entre Cananéa e a lagôa dos Patos	tupis

Pelo interior estanciavam numerosas hordas tapuias, com as quaes só mais tarde se encontraram os portuguezes, distinguindo-se:

Os «maracás»

Os «mariquitós»

Os «aymorés»
Os «guerens»
Os «patachós»
Os «aturaris»
Os «puris»

Os «ubirajaras,» senhores dos paus ou homens que combatiam com paus; e por entre essas—as tribus tupis dos «tupinaés,» »cahetés» e «amoipirás,» que, pelas circumstancias já apontadas, tiveram de abandonar o littoral.

Foi sem duvida a identidade de linguagem entre as tribus tupis o seguro criterio que induziu os ethnographos a consideral-as uma nação.

Esse conceito sobre a linguagem como sobre a identidade de seus costumes e de suas instituições induziu ainda alguns ethnographistas a ess'outra conclusão—o parentesco dos «tupis» com os «carahybas» das Antilhas e os «galibis» das Guyanas.

E, de facto, a approximação do «tamoio» como typo—dos «oyampis» de Cayenna e dos «galibis» das Guyanas parece-nos irrecusavel, o que aliás accorda-se com a tradição, porquanto o tamoio se considerava o mais antigo entre os de sua raça; e, em linguagem tupi, a palavra tamoio significa avô, assim como tupiniquim neto, e tabajara cuuhado. O parentesco, porém, dos «carahybas» e «tupis» é contestado por von den Stein.

CLASSIFICAÇÕES MODERNAS

Modernamente, mais de uma classificação tem sido feita dos aborigenes americanos.

MARTIUS divide-os em 8 linguas ou povos.

«Tupis»
«Gês ou Krans»
«Goyatacazes»
«Crens» ou «Querens»
«Gucks» ou «Côcos»
«Parexis» ou «Parecis»
«Guaycurús» ou Lengoas»
«Aruaks»

Esta classificação, inspirada aliás em apreciações historicas e averiguações linguisticas, peca por demasiado extensa, em virtude de ter o auctor se baseado em vocabularios incompletos.

Subdivide ainda MARTIUS os tupis, em 5 grupos:

Os do norte
Os do sul
Os do centro
Os do leste
Os do oeste.

* * *

Tratando, em substanciosa synthese, das investigações ethnographicas de seus predecessores, o Dr. PAULO EHRENREICH não se exime de tributar o testemunho de sua admiração á grande obra de MARTIUS que, no seu entender, lançou o alicerce firme para a construcção de uma ethnographia do Brasil.

As faltas de que pode ser increpada sua concepção, modificada em parte pelos estudos de von den Stein, resultam, no conceito do escriptor referido, do facto de não ter MARTIUS conhecido pessoalmente tribus completamente alheias ao influxo da civilisação.

Das tribus que observou, umas já se achavam sob a acção da catechese, e outras, como os « miranhas », no Japurá, já haviam soffrido a influencia do contacto prolongado com os brancos e se achavam desmoralisadas, quer por esse commercio, quer pelo trafico de escravos.

Como outro factor, entra o que o DR. EHRENREICH denomina « tupimania » e sobre a qual manifesta-se nos seguintes termos:

« Exaggera a extensão e importancia do povo « tupi »; concorre para novas confusões, repetindo o velho erro de d'Orbigny, a respeito do proximo parentesco entre os carahybas e tupis; reune incertamente tribus de todo separadas, sob o ponto de vista ethnologico, na chamada familia « Guck. »

*
* *

ALCIDES D'ORBIGNY classifica deste modo os aborigenes da America do Sul:

Ando-peruanos

Pampeanos

Brasileo-Guaranys, abrangendo estes os indigenas do Brasil.

Quando a d'Orbigny, o illustre escriptor, a quem alludimos, o Dr. Paulo Ehrenreich, evidencia que ninguem soffreu mais os effeitos das generalisações relativas aos tupis e attinentes a consideral-os como os typos caracteristicos dos indigenas brasileiros, e sua lingua como lingua geral, da qual derivam todas as outras. Accentuando esse facto, que resalta em sua inteireza da classificação de « brasileo-guaranys » não nega, entretanto, o merito inherente á descripção magistral dos caracteres anatomicos dos « ando-peruvianos e « pampeanos feita por aquelle notavel naturalista.

*
* *

Von den Stein que, em sua expedição ao Xingú em 1884, abriu novo periodo á ethnographia, admitte provisoriamente a seguinte classificação :

« Tupis »
« Gés »
« Goitacá » (Waitaká)
« Carahybas »
« Nu-aruak » ou « Maipure »
« Pano »
« Miranha »
« Guaycurú » (waikuru).

Os postulados que serviram de base ao eminente ethnologo allemão para estabelecer os grupamentos das diversas tribus e formular nova hypothese sobre as suas migrações foram os seguintes:

1.º) « Os « carahybas » devem de todo separar-se dos « tupis », ethnologica e linguisticamente.

2.º) Legitimas tribus «carahybas» (os «bacahiris) ainda se conservam no centro da America do Sul, de onde outr'ora seus ancestraes avançaram gradualmente até a Guyana, — resultado a que já LUCIAN ADAM chegara independentemente, fundado em seus estudos theorico — linguisticos.

3.º) A familia «guck», apresentada por MARTIUS, é como tal insustentavel, pois abarca elementos heterogeneos. Alguns delles provaram claramente ser «carahybas», a maioria, porém, pertence ao grupo «Maipure» de GILLI e ADAM, para o qual propõe a designação de «nu-aruak»; «nu», por causa do prefixo pronominal tão caracteristico de suas linguas;—«aruak», por ter sido esta a primeira lingua conhecida da parentella.»

VON DEN STEIN dividiu ainda os «tupis» em duas grandes categorias, em dois grupos perfeitamente caracterisados:—um que guarda a lingua tupi sufficientemente pura, outro, cujos idiomas soffreram tantas variações, que seu parentesco com a familia «tupi» chega a ser negado por alguns escriptores, entre os quaes se deve mencionar LUCIAN ADAM.

A doutrina instituida pelo illustrado chefe da 1.ª commissão do Xingú confirma a situação dos «tupis», que geralmente bellicosos, guerreiros por excellencia, occupavam, ao tempo da descoberta, quasi todo o littoral do Brasil, dilatando sua esphera de acção até a embocadura do rio Negro, no

baixo Amazonas, dividindo-se em « tamoios, tupinambás, tupiniquins », etc., como dissemos acima.

Apezar das grandes perseguições de que foram victimas, ante a crueldade dos conquistadores, existem ainda tupis entre os habitantes da região costeira, do Espirito-Santo, Bahia, Pernambuco e Pará.

Na população civilisada do baixo Amazonas encontram-se ainda vestigios da familia tupi, cuja linguagem os missionarios jesuitas, induzidos pelo proselytismo religioso, vulgarisaram pelas margens do rio Negro.

Dos « tupis » do sul ou « guaranys » de S. Paulo, Rio-Grande do Sul e Uruguay restam ligeiros vestigios; mas no Paraguay e nas provincias argentinas de Entre-Rios e Santa-Fé e nas Missões formam a densidade da população.

Na opinião do Dr. Paulo Ehrenreich, cujas observações vimos por ultimo analysando, existem ainda no extremo NO da Republica, até o sul de Matto-Grosso, como representantes dos « tupis » além de outros—os « cainguas » e « caiovas ».

No Pará é ainda consideravel o numero de tupis selvagens, occupando os « tembés » a parte leste no alto Acará e rio Capim, existindo tambem á margem esquerda do Tocantins, provavelmente a oeste do salto de Itaboca—os « pacajás, jacundás » e « antas » ou « tapirauás. »

Como « tupis puros », ainda são mencionados os «mauhés», na região do baixo Tapajós, os «oyampis»,

no norte do baixo Amazonas, nos limites com a Guyana Franceza.

Dos «tupis do centro» podem ser apontados —os «apiacás» no alto Tapajós, os «camayúras», descobertos pela expedição VON DEN STEIN, no Xingú, os «tapirapés», na bacia do Araguaya e os «guajajaras», no Tocantins.

Poderiamos alongar nossas considerações sobre a concepção de VON DEN STEIN, quer no que diz respeito á classificação dos indigenas do Brasil, quer no que se refere ás suas migrações, mas nos eximimos dessa tarefa, para dar logar ao assumpto principal de nossa dissertação.

Os indigenas da Bahia

IV

Resava a tradição, que nos foi transmittida por alguns chronistas,—terem sido os «tapuias» os primeiros habitantes do littoral da Bahia, denominando-se «Maracás os que occupavam o actual sitio da capital e seu reconcavo;—que os «tupinaés» tribu tupi, sedusidos pela fertilidade do mencionado terreno, os expulsaram das praias, após sangrentas luctas e as occuparam, refugiando-se os vencidos no interior, onde enfrentaram com os «tupinambás» ao norte e oeste e continuaram a ser perseguidos pelos «tupinaés» a leste;—que por sua vez foram os «tupinaés» desalojados das posições que occuparam, pelos «tupinambás», seus visinhos, sendo

forçados a seguir a mesma rota que haviam feito tomar seus antecessores, ficando de tal sorte apertados entre os velhos e os novos inimigos que, em 1580, estavam reduzidos a um pequeno numero, sendo afinal assimilados.

Ayres de Casal affirma terem sido os «quinimuras» os primitivos habitantes dos terrenos ribeirinhos á bahia Todos os Santos, sendo que o autor da chronica—«Jacaré»—«Ouassú»—estabelece a seguinte ordem chronologica dos povoadores dos mencionados terrenos—«quinimuras»—«tupinaés» e «tupinambás».

*
* *

Foram, portanto, os «tupinambás» o povo que os portuguezes encontraram occupando todo o littoral do S. Francisco até Camamú, e, do gentio da costa, era um dos mais importantes, pelo seu numero e valor.

Segundo Gabriel Soares, sem duvida o mais consciencioso dos velhos chronistas, eram esses gentios de media estatura, de côr muito baça, fortes, bem feitos, sadios, de alegre e bôa apparencia, trazendo os cabellos da cabeça, unicos que permittiam no corpo, sempre bem aparados, em excesso lisongeiros, refalsados, valentes, vivendo da caça, pesca e lavoura.

*
* *

Espalhados pelo littoral da Bahia em aldeias distanciadas, por causa das inimizades que os dividiam, era sua situação normal a guerra intestina, ora devorando os vencidos, ora conservando-os em captiveiro.

Os que demoravam no sitio occupado hoje pela capital tornaram-se inimigos dos irmãos residentes na costa fronteira, entre o Paraguassú e e Serezipe, travando sangrentas batalhas navaes, em grandes «igaras» ou canôas, na bacia que se lhes interpunha, e por entre as ilhas das enseadas.

Veio acirrar esse odio uma questão particular que surgira entre os proprios indigenas do sitio em que depois edificou-se a cidade; questão originada pelo rapto de uma donzella.

A familia desta não a tendo podido rehaver do seu raptor, apartou-se da aldeia, passou-se á ilha de Taparica, e, como se constituia de indigenas principaes, grande foi a clientella que a seguio.

Esses immigrados alliaram-se aos incolas do rio Paraguassú, seus antigos inimigos, e crudelissima irrompeu a lucta, agora alimentada por mais esse odio de familia.

Emboscadas, ciladas, ardis de toda a sorte, conserva a tradição dessa tremenda guerra, e a ilha do «Medo», que demora entre a foz do Paraguassú e a ilha de Taparica, recorda ainda, em sua significativa denominação, esse triste momento das luctas fratricidas dos nossos aborigenes.

Estendeu-se a alliança de Taparica ás terras ribeirinhas do Jaguaripe, Jequiriçá, Tinharé e outras até a costa dos Ilheus.

Assevera ainda Gabriel Soares perdurar até aquella epoca (1582) tão intenso o odio entre os adversarios, que esse sentimento não se detinha mesmo ante os tumulos. Estes eram escavados para o espedaçamento das caveiras, e o consciencioso chronista ingenuamente nos relata que os colonos acoroçoavam esse sacrilego proceder... para ainda mais dividir os selvagens!...

E' tambem de Soares a affirmativa de não haver mais differença entre a linguagem dos «tupinambás» e a dos «tupinaés», que a fallada entre os moradores de Lisboa e os de Entre Douro e Minho.

Essa circumstancia, o aspecto physico, os usos e costumes dos «tupinaés» corroborando a tradição, levaram egualmente o mencionado escriptor a consideral-os irmãos dos «tupinambás».

E a observação feita, egualmente, pelo referido chronista—«de ser um pouco mais rude a linguagem daquelles, como ainda mais selvagens os seus costumes, induz-nos a consideral-os uma antiga familia «tupinambá» que, em contacto mais immediato com os «tapuias», a quem vencera e substituira no referido territorio, soffrera destes a influencia degeneradôra.

* * *

Uma outra familia «tupinambá» que, em perseguição aos «tapuias», se internara mais pelo sertão,

foi cortada pelos «tupinaés» quando expulsos das praias, e de tal sorte vio-se perseguida por estes e por aquelles a quem atacara, que obrigada foi a transpor o S. Francisco, por elles denominado «Pará», estabelecendo-se em sua margem esquerda.

Essa familia constituio a tribu dos «amoipirás», por ser esse o nome do seu maioral.

* * *

Seguiam-se pela costa sul,—de CAMAMU' ao CRICARÉ — os «tupiniquins».

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva em sua Memoria sobre os aborigenes da Bahia, publicada em 1848, diz, sem duvida baseado em velhas chronicas, que os «tupiniquins» estendiam-se por toda a costa que alonga-se da bahia de Camamú, aos 13°,53','5', até Caravellas, possuindo suas principaes aldeias no territorio de Porto-Seguro.

Foram os «tupiniquins» que assistiram a missa de frei Henrique de Coimbra, perpetuada na tela immortal de Victor Meirelles, e pertenciam a essa tribu os tres indigenas que João Lopes Bixorda, segundo refere Damião de Goes, apresentou em 1515 a D. Manoel, rei de Portugal.

Gabriel Soares assevera ainda pertencerem esses indigenas ao mesmo tronco de seus visinhos, pela identidade de linguagem, usos e costumes, se bem que entre aquelles e estes fosse constante a inimizade; facto entretanto pouco admiravel, por isso que

vimos essa mesma rivalidade dividir tão profundamente a propria tribu «tupinambá».

Mais domesticaveis e mais sinceros que seus visinhos do norte, como assevera ainda o referido chronista, foram os «tupiniquins» os primeiros incolas que se relacionaram com os portuguezes.

* * *

A carta de Pero Vaz de Caminha, escripta da bahia Cabralia a el-rei D. Manoel em 1.º de Maio de 1500, documento em que, a par da sinceridade do epistolographo, transpira a nobreza de sentimentos do espirito que a redigio; acta veneranda do primeiro encontro da civilisação européa com a rudeza selvagem dos incolas brasileiros, nol-os descreve—como typos bem feitos e formosos, doceis, innocentes, honestos, prestaveis, se bem que alguma vez esquivos e desconfiados, condição natural no selvagem.

A pincturesca descripção do primeiro encontro com os incolas e das subsequentes relações que, no littoral da bahia Cabralia, tiveram com elles os portuguezes, é feita pelo intelligente escrivão da feitoria de Calicut, com aquella sinceridade de apreciação e justeza de conceitos, bem justificada em sua phrase — «bem certo crea Sr. que para aformosentear nem afear — haja de poer aqui mais do que vi e me pareceu».

O proceder dos «tupiniquins» já na foz do rio Cahy, vindo rijos para o batel de Nicolau Coelho,

mas accedendo promptamente ao aceno deste em deporem os arcos, permutando seus artefactos com o sombreiro e o barrete de navegante;—já na bahia Cabralia, deixando-se levar sem resistencia á nau capitanea, quando tomados em uma almadia por Affonso Lopes;—a sua indifferença ante o apparato com que Cabral e seus capitães os receberam;—a confiança que demonstraram em seguida, deitando-se e adormecendo descuidados na alcatifa do salão onde essa singular scena se passava;—a docilidade com que nos dias seguintes depunham os arcos aos acenos dos portuguezes que para terra se dirigiam;—a bôa vontade com que prestavam-se a ajudal-os na provisão de agua e lenha;—a attitude que observaram durante as missas e por occasião de transporte da cruz;—o prazer com que afinal se misturaram com os portuguezes, com estes dançando e folgando;—a honestidade com que fizeram restituir ao degradado Affonso Ribeiro os objectos que um dos incolas lhe havia tomado;—finalmente, a completa ausencia de hostilidades contra o povo extranho que a suas plagas aportara, não somente contra os que detiveram-se no littoral, como ainda contra os que internaram-se até a aldeia, a 1 1/2 leguas da costa; provam sufficientemente a bondade de seus sentimentos, a generosidade de seu proceder, a sua relativa cultura moral, tão diversamente descriptas mais tarde e tão mal recompensadas depois.

*
* *

Rezam as chronicas que, no momento da colonisação das capitanias de Ilheus, Porto-Seguro e Espirito-Santo, «muitos generos de trabalhos» tiveram com esse gentio os povoadores, mas que feitas as pazes, muito fieis e verdadeiros foram os tupiniquins aos colonos.

* * *

Pela orla do littoral que se prolonga de Pernambuco a S. Vicente começou e desenvolveu-se a colonisação.

Das principaes tribus que a occupavam—«tupinambás, tupiniquins e tamoios» só nos resta hoje a memoria do seu sacrificio e da sua rude energia.

Não é por certo uma das mais bellas a pagina de nossa historia que relata a perseguição levada a esses indigenas, por accordo e ordem dos dous governadores Luiz de Britto e Antonio Salema, e de que foram maximos executores Garcia d'Avila e Christovam de Barros.

Depois de haverem defendido tenazmente os lares e a liberdade, viram-se obrigados a abandonar aquelles e a salvar esta nas densas florestas do norte, á margem do mediterraneo brasileiro, que lhes fôra talvez originario berço.

Diz-nos a historia que, dirigidos pelo morubixaba «Japiassú», tomaram o caminho do norte, e estanciaram afinal ás margens do Amazonas.

Ainda hoje a grande ilha «Tupinambaranas» lhes attesta o nome e recorda talvez a estancia ultima, a guarida final do seu existir.

*
* *

Os tapuias, primitivos habitantes do littoral, occupavam por occasião da conquista portugueza quasi todo o interior ou, pelo menos, a parte intermedia entre o littoral e o sertão.

E' ainda no substancioso ROTEIRO DA COSTA DO BRASIL que encontramos a melhor noticia sobre esse povo, naquella época.

Cumpre entretanto notar que a denominação — «tapuia» não significa nome de raça: — os tupis davam-na a todos os seus contrarios e como o eram as hordas do interior que fallavam linguas diversas, adoptaram-na os portuguezes, applicando-a exclusivamente ás ditas tribus.

Destas as mais conhecidas foram:

— Os «maracás» grande cantores e eximios flexeiros, que occupavam provavelmente a região onde demora hoje a villa que lhes conserva o nome, no medio sertão do Estado.

Destinguiam-se pelo falar tremido, semelhante ao soido do maracá, instrumento de uso quasi geral entre elles, e pela singularidade de não serem antropophagos.

— Os «aymorés» que occupavam a serra assim denominada, desenvolvimento da cordilleira maritima nos Estados da Bahia e Espirito-Santo.

Foi, talvez, das tribus tapuias a primeira que se embateu com os portuguezes.

Habitantes das florestas eram mais alvos, mais altos e tambem mais ferozes que os tupis.

Tinham uma linguagem rude, gutural, não comprehendida por nenhuma outra tribu.

Não possuiam tabas, nem casas; viviam sob arvores, faziam a guerra de emboscada e admittiam as mulheres a pelejar, ao inverso das demais tribus.

Assolaram por vezes as capitanias de Ilheus, Porto-Seguro e Espirito-Santo.

* * *

Tractando dos «aymorés», escreveu em 1848 Ignacio Accioli, o illustre chronista bahiano.

«E' esta a unica nação antiga de aborigenes que ainda se conserva poderosa e pela maior parte selvagem, conhecida agora geralmente pela denominação de «Botocudos» que lhes deram os portuguezes, em virtude do cylindro de madeira ou botoque que trazem por enfeite nas orelhas e no labio inferior.

Ha mais de duzentos annos que occupam as adjacencias do rio Pardo e estendem-se até ás vertentes do Belmonte ou Jequitinhonha, Mucury e territorio da provincia do Espirito-Santo, vagueando pelo interior das mattas que bordam o rio Doce. A exemplo das demais raças aborigenes distinguem-se

entre si por diversas denominações: são estas — Engerecmung, Inos, Arary, Naknanuks, que significa habitantes da serra, (nome que se dão aos que occupam as serranias que ficam entre o Jequitinhonha e o Mucury) Crecmnú e Pejarurú, adoptado por alguns que habitam as adjacencias do rio Doce e do mesmo Jequitinhonha ».

Alguns escriptores estrangeiros taes como BLUMENBACH, MAWE, CHABERT e outros referiram-se aos «aymorés» ou botocudos, nenhum porem excede em detalhes ao illustre excursionista, o sabio principe de WIED-NEUWIED, que percorreu extensa zona do nosso territorio, durante os annos de 1815 a 1817.

A zona de distribuição dessa numerosa tribu foi traçada pelo eminente naturalista — desde a costa oriental até as montanhas de Minas-Geraes, na vasta extensão de florestas comprehendida entre o Rio de Janeiro e a Bahia de Todos os Santos, ou entre 13 e os 23 graus de latitude austral.

Na época em que o principe de WIED os observou, os botocudos dizimados por crudelissimas perseguições, a que alludem SOUTHEY e AYRES DO CASAL, occupavam o espaço comprehendido entre o rio Pardo e o rio Doce, e entretinham communicação de um desses rios ao outro, ao longo dos limites de Minas-Geraes, achando-se mais perto das costas os « patachós » e os « machacalis ».

Apezar das perseguições a que acima alludimos, MAXIMILIANO encontrou hordas de botocudos

vivendo tranquillamente ás margens do rio Grande de Belmonte até Minas Novas.

O notavel decrescimento dessa valorosa nação foi determinado quer pelas luctas cruentissimas feridas com as tribus visinhas, quer pela sanha dos primitivos colonisadores, que nunca trepidaram em dar-lhe caça, em armar-lhe emboscadas, excedendo-os em ferocidade, quando apparentavam agir em nome da civilisação.

Já na epoca em que MAXIMILIANO os visitou havia a antropophagia desapparecido dentre os botocudos que habitavam o sul da Bahia, mormente nas regiões em que elles placidamente viviam ao lado dos europeus, sendo que os de Belmonte repelliam indignados a censura irrogada aos de sua horda, de comerem carne humana.

Esse facto attesta, de modo efficiente, a possibilidade por parte dos europeus de os assimillar, trazendo-os ao regimen da civilisação, a que facilmente se adaptariam, dotando o Brasil de elementos ethnicos muito mais vigorosos do que aquelles que resultaram de outros crusamentos.

Em 1892 foram encontrados diversos botocudos á margem esquerda do rio Doce, no Estado do Espirito-Santo, acima do antigo aldeiamento do «Mutun», já completamente abandonado.

Tractava-se de indigenas da tribu «Naknanuk», reunidos á alguns da «Chops-chops», que havia sido dizimada por indigenas do alto rio Doce, em Minas.

Dirigidos por um chefe naknanuk, cego e alquebrado, ao qual, no entanto, prestavam completa obediencia, viviam da caça e da pesca sem incommodar os poucos habitantes civilisados do logar, que não raro os convidavam ao trabalho e aos folguedos.

Os «machacalis», os «patachós», os «mucurys» e os «puris», muito semelhantes no physico, porem não na linguagem, construiam cabanas de ramos de arvores que entrelaçavam curvando-os.

Os «patachós» e os «machacalis» habitavam em 1815 as florestas das margens do Alcobaça (Itanhem na lingua indigena).

Pensa Accioli que faziam parte dessa nação os «macaxans, minochós, macunis, bacomins, malabis, mangalos e os manhos», que infestaram por algum tempo a villa do Prado, concentrando-se mais tarde na zona comprehendida entre aquella villa e a de S. Matheus.

Alem das tribus mencionadas, merece citação especial a dos «mongoiós» ou «camacans» que occupava o territorio comprehendido entre os rios de Contas e Pardo.

Esses indigenas que mereceram modernamente ser estudados pelo illustre Dr. Sá e Oliveira, hoje extincto, eram de indole bellicosa, insubmissos a qualquer ideia de dominio, até que foram derrotados em 1806 pelas forças ao mando do Capitão João Gonçalves da Costa, no logar onde fundou-se o arraial da Conquista.

A diversidade de linguas entre os tapuias embaraça certamente o estudo que se possa fazer sobre a sua origem, afastando ao mesmo tempo a possibilidade de consideral-os ethnicamente uma nação.

Parece-nos, entretanto, que essa diversidade de linguas, certas differenças de costumes, o elevado numero de hordas disseminadas pelo vasto sertão, a ausencia de habitações e de outras relativas commodidades do existir, sua mui baixa selvageria justificam a hypothese de serem elles os descendentes directos dos autoctones das regiões que habitavam — o producto do solo: — e a observação de Lund, considerando o homem da Lagoa Santa cuja remota antiguidade demonstrou — da mesma raça dos actuaes representantes tapuias da localidade —, parece trazer a essa hypothese o cunho de verdade historica.

*
* *

Emquanto á theogonia dos indigenas muito se tem escripto e conclusões positivas ainda não se puderam tirar.

Julgamos, entretanto, com Romero — que o indigena brasileiro não passara ainda, na época do descobrimento, muito alem do puro naturalismo.

O Dr. Amedée Moura, que occupou-se com proficiencia dos indigenas de Matto-Grosso, exprimio-se nos seguintes termos sobre o facto em questão:

« Pour ce qui regarde les manifestations de l'âme et l'expression des croyances religieuses les Indiens

n'ont pas de culte, parce que les lumieres de la foi n'ont pas encore éclairé leur ignorance».

Exhewege affirma que os «guaycurús» têm religião e o mesmo se pode inferir dos conceitos do principe de Wied, com respeito aos «botocudos», que chegam a ter opiniões originaes sobre os maus espiritos.

A lua (tarú) é para elles objecto da maior veneração; e, consoante sua theogonia, é causa determinadora de diversos phenomenos da natureza, sendo que o sol, o trovão, o relampago são venerados entre elles.

No que diz respeito á religião dos «camacans», conhecemos a relação mandada ao conego Benigno José de Carvalho e Cunha pelo missionario barbadinho Frei Ludovico, cujo original se acha incluido nos preciosos manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Assim se exprime o venerando missionario:

«Os selvagens camacães moradores nas mattas do districto de Ilheus, a vista dos Astros luminosos do Firmamento, reconhecem que ha um ser invisivel, que preside a elles, que governa seus giros e periodicos movimentos o qual ser é chamado em lingua delles—Queggeahorá e vem a ser em nosso idioma — Ente Supremo.

O embrutecido entendimento delles não lhes dá logar a discorrer, a descobrir neste Ente Supremo attributos, que o façam digno de adoração, e disto segue-se que não se acha entre elles nem Culto nem vestigio de Religião.

Sabem tambem que existe em ver os fenomenos mais sensiveis e este conhecimento se reduz a uma ideia confuza que, despida de raciocinio produz no seu inculto espirito um sentimento material de momentanea admiração e nada mais.

Admittem a immortalidade da alma e imaginam que sendo esta separada do corpo não se afasta delle, emquanto não é completamente corrupto e putrefacto; julgão que as almas livres do corpo percorrem as mattas, que assistem ás suas conversas, ás suas dansas, e são testemunhas das suas acções: que voam pela atmosfera ou pelo espaço que ha entre a terra e Lua, que a considerão como a morada exclusiva das almas dos seus defuntos e lugar de seu descanço.

Tomão o eclipse da Lua como um signal certo da indignação das mesmas almas causado de algum crime que elles fizerão e emquanto o planeta não clareou totalmente se escondem e se acautelão, por não serem offendidos dos bichos ferozes dirigidos, dizem elles, por uma das almas, que entra no corpo dos mesmos bichos para com mordeduras, ou com estragos vingar-se da respectiva offensa». (1)

*
* *

Quanto á arte, as investigações archeologicas nos tem apenas habilitado a julgar pela ceramica exhumada, as armas e os instrumentos de pedra.

(1) Conservamos a ortographia e a syntaxe do original.

Umas e outras provam que arte, propriamente dicta, não possuiam os nossos indigenas, sendo que na fabricação dos utensis necessarios, indispensaveis á sua vida primitiva, a perfeição cabe sempre ás tribus tupis e dentre essas ás que habitavam o delta do Amazonas; assim nol-o demonstram os especimens encontrados na colina de Pacoval, na ilha Marajó.

E esta demonstração constitue mais um asserto em favor das ideias que despretenciosamente aqui acabamos de externar.

A antiga Capella dos Jesuitas

NA BAHIA (*)

Apesar de estar longe ainda o dia em que o homem de lettras e o que se dedica a certos trabalhos da intelligencia possa viver só com isto entre nós, por ser ainda, o que se chama a erudição, a illustração, no sentido lato do vocabulo, não uma profissão, mas uma cousa apenas bonita, que começa a agradar mas inteiramente platonica, como uma joia que nem todos possuem mas que não tem valor positivo e real, parece comtudo que não se devem desprezar alguns assumptos que em futuro, talvez não muito remoto, venham a alcançar a importancia e o valor que merecem.

E como estamos no Instituto Historico, entendemos não fazer obra impropria, apresentando hoje este despretencioso e modesto trabalho.

A descripção dos nossos monumentos, a exhumação da vida do nosso passado estão neste caso.

Um delles é o Collegio dos jesuitas, fundado e edificado nesta mesma praça onde estamos, ha 351 annos, isto é, desde o primeiro seculo da colonia, 49 annos depois da descoberta do Brasil, ao mesmo tempo que se fundou a cidade da Bahia para capital da nova terra, estabelecendo-se nella o primeiro governo geral instituido pelos portuguezes aqui.

Com o inicio da vida administrativa no Brasil regularisa-se tambem a catechese; e a ordem dos jesuitas, cujos serviços á civilisação da nossa patria não se podem negar, iniciava tambem os seus grandes e penosos trabalhos.

(*) Memoria lida na sessão de 3 de Maio de 1902 pelo socio Dr. Braz do Amaral.

Os primeiros padres construiram uma capella de taipa coberta de palha e nesta obra trabalharam com as suas mãos, amassando barro, conduzindo materiaes, o grande Manoel da Nobrega, assim como os seus companheiros, com aquellas mesmas mãos gloriosas que levantaram o crucifixo aos olhos dos indigenas e que prepararam assim os elementos de paz, de ordem, de moralidade, de liberdade, pelos quaes tanto combateram muitos dos seus irmãos da companhia e que tanto deviam servir para a constituição de uma nacionalidade tres seculos depois...

Foi em 1551(?) que começaram os padres a obra do seu magestoso templo, o chamado Collegio de Jesus, que ali se vê com as suas dependencias, e que fórma hoje a cathedral com a sua bella sachristia e accessorios, os commodos da antiga Bibliotheca Publica e todo o edificio onde funccionou n'outro tempo o Hospital da Misericordia, até 1889, quando foi transferido para Nazareth, assim como a Faculdade de Medicina, que do velho collegio dos jesuitas já quasi nada tem, por haver sido inteiramente reformada a construcção no fundo e na fórma.

Só aqui e ali se encontrará no meio dos materiaes alguma pedra, uma porta entalhada á antiga, um azulejo esquecido, que indicarão ao entendido o collegio dos padres dos tempos da colonia.

A grande peça subterranea abobada da que servia ainda ha poucos annos de deposito d'agua, num dos pateos centraes, e que a tradição popular assevera ter sido o ponto de partida de um dos grandes caminhos subterraneos construidos pelos padres, foi entulhada ultimamente.

O saguão antigo com as suas lages quadradas foi inteiramente transformado, e só algumas dellas aproveitadas na architectura dos arcos romanos que hoje ostentam o 1.º andar.

Ainda não ha muito se descobriu casualmente a antiga fossa que servia para o convento e que communicava provavelmente com o grande conductor de alvenaria que pelo dorso da montanha ia vasar os detrictos e aguas servidas no mar, pouco mais ou menos no logar chamado ainda Guindaste dos Padres.

Foi um mestre de obras quem encontrou esta fossa, sob um assoalho que tinha recebido uma camada de cimento, e ella se acha actualmente por baixo de uma parte do gabinete de chimica analytica.

A velha crypta dos jesuitas está ainda lá muito ignorada e abafada no meio de uma multidão de entulhos ignobeis; os seus sepulchros rasos, os carneiros, como leitos feitos no muro, e o seu tecto de estuque já muito maltratado, mas onde num canto se percebem ainda vestigios de uma pintura, lá existe em baixo da antiga bibliotheca, logo ao nivel da terra, em frente do moderno pavilhão de anatomia da Faculdade e por detraz da sala de direcção que fica a cavalleiro da montanha da Faculdade e por detraz da sala e das obras do Plano Gonçalves.

Lá descemos, Munhoz Góes e eu, quando procurámos um dos subterraneos que a tradição diz existirem na cathedral, trabalho em que perdemos infructiferamente até agora tempo e esforços.

E' a Bahia historica, do tempo dos vice-reis com as suas intrigas de que se queixam tantas cartas ao rei e os seus cuidados pelo desbravamento e pela defeza da terra.

A cella de Vieira tambem alli se vê ainda ao lado do grande corredor que leva á sachristia e por cima da crypta; destas peças é a mais conhecida pela vulgarisação que este Instituto deu ao celebre padre quando promoveu as festas commemorativas do seu centenario.

Pretendemos hoje, o nosso consocio Munhoz Góes e eu, nos occupar da capella, que é uma joia architectonica internamente.

Era a capella particular dos padres e parece que foi construida com o collegio de 1551 em diante.

Eu ainda conheci o primitivo corredor e penso que a soleira de pedra escura, tirada daqui, da costa, cavada pelo attrito dos pés, é a primitiva e a mesma que foi pisada pelos luminares da ordem no Brasil.

Ainda ha pouco tempo alli se achava a grande e esplendida cadeira de jacarandá, a cadeira do Padre Vieira, que se encontra hoje no seminario de Santa Thereza para onde foi transferida.

A capella está encravada nas construcções da Faculdade, e quem sobe a escada de marmore em curva que hoje dá accesso ao 1.° andar passa ao lado della.

Uma porta antiga de almofadas com 3 metros e 30 centimetros de altura e 1 metro e 90 centimetros de largura offerece ingresso ao visitante.

A peça toda tem da soleira até a maior reintrancia do altar que lhe fica em frente 18 metros e na largura mede 8 metros e 2 centimetros. As paredes têm, tanto de um lado como de outro, 2 metros de espessura.

Deve-se addicionar ao cumprimento mais 2 metros e 95 centimetros que é o que corresponde ao altar.

Toda a peça é assoalhada.

A capella tem em torno, desde o rodapé até 1 metro e 25 centimetros de altura, uma faixa de azulejos representando uma série de escudos, todos de assumptos religiosos, extrahidos do Evangelho. O 1.°á esquerda do altar representa o Agnus occisus; o 2.°, Quasi plantalia rosæ; o 3.° Puteus aquarum; o 4.° Turris David; o 5.° Speculum sine macula; o 6.° Stella maris; o 7.° Electa ut sol; o 8.° Pulcha ut

luna; o 9.º Quasi palma; o 10, Quasi oliva; o 11, Fons signatus; o 12, Templum dei; o 13, Ortus conclusus; o 14, Aperti sunt oculi.

Entre os escudos, os desenhos dos azulejos representam o seguinte: o 1.º, restos de um arco romano; o 2.º, um viajante apoiado em um bordão, tendo diante de si um poço; o 3.º, um homem andrajoso com um cão; o 4.º, uma mulher numa estrada tambem apoiada em um cajado; o 5.º, um velho sentado em uma pedra; o 6.º, um moço seguido por um cão enorme; o 7.º representa o Lazaro; o 8.º, um homem com um pucaro; o 9.º representa um mutilado; o 10º, uma torre diante da qual passam navios; o 11º é um menino acompanhado por um homem com um volume nas costas subindo uma ladeira; 12º, um rio no qual passam escaleres e ao fundo veem-se edificios grandiosos.

Acima da faixa de azulejos entre estes e a cornija dourada segue-se um espaço de parede caiada que mede 2 metros e 40 centimetros de alto; no meio desta parede abrem-se 3 janellas de cada lado, todas eguaes, tendo 2 metros e 1 decimetro de altura e de largura 1 metro e 94 centimetros.

De cada lado da porta acham-se duas pias de pedra vermelha arredondadas e muito elegantes, tendo 45 centimetros no maior diametro e 30 no menor. Foram feitas com a mesma pedra vermelha das pias da cathedral, sendo para notar que esta pedra vermelha que se encontra em alguns edificios dos seculos 16 e 17 aqui, parecem ter sido tiradas de Valença e proximidades onde affirma pessoa de credito haver quantidade d'ella, que era extrahida e trabalhada nos tempos coloniaes.

No alto da parede corre uma larga cornija dourada em alto relevo, formando arabescos, sustentada por 10 cabeças de anjos, cinco de cada lado. Faltam ainda as duas da cornija do altar.

O tecto é uma belleza; grandes quadrados pintados de côres finas em que predominam o castanho, o

preto sóbre um fundo branco dão-lhe muita riqueza e valor; é pena que este tecto já esteja estragado; é mesmo a parte mais estragada da capella. A viveza porém das tintas, a sobriedade e perfeição do desenho, a bòa qualidade do oleo empregado, talvez o de nozes, tornam muito interessante este trabalho de arte não só pelo que foi esculpido na madeira propriamente dita, e que é provavelmente cedro, como pelo valor da pintura. Estes quadrados estão dispostos em 3 filas; o revestimento de madeira que os separa é todo esculpido em baixos relevos representando cachos de uvas, volutas entrelaçadas, etc.; nas pontas de juncção dos quadrados, ha maçanetas pintadas e douradas, entre elles correm linhas dentadas esculpidas na madeira, pintadas de branco, ladeadas por frisos dourados.

Nos intervallos deixados entre os quadrados e as duas cornijas formaram-se grandes triangulos, em que se levantam florões em alto relevo dourados, sobre fundo branco, alternando com outros triangulos em que se levantam tambem em relevo, ainda mais elevado, grandes ornamentos dourados, á semelhança de capiteis, sendo oito de cada lado e quatro no fundo.

Abaixo desta cornija ha uma outra tambem toda dourada. Alguns podem consideral-as como uma só peça architectonica.

Nós as consideramos separadas para facilitar o trabalho e tornal-o mais methodico.

Ha ainda outro motivo. Entre as duas fizeram uma série de telas, ao todo 20: 8 de cada lado e 4 no alto da parede da entrada, onde foi praticada a porta; os paineis que são todos bons, se bem que não tão finos como os que adornam a magnifica sachristia da cathedral, estão entre estas duas faixas de altos relevos de magnificos arabescos dourados em que a pintura foi combinada com muito gosto, porque tanto as telas como os arabescos, apezar do

seu excesso de ouro, destacam-se sobre o fundo branco.

No fundo está o altar; altar mór, não sei se deva chamar porque é o unico da capella.

Elle é constituido por duas fileiras de columnas lisas cobertas de arabescos com relevos altos, dourados cujos pedestaes têm de largura 7 decimetros e de altura 8. São 6 columnas, 3 de cada lado, que avançam formando o espaço onde se acha o altar com a largura de 67 centimetros. As bases destas columnas avançam sobre a plataforma do altar 60 centimetros. Ellas medem 2 metros e 7 decimetros de altura e são todas de cedro dourado.

No meio, sobre a plataforma do altar, mais levantado, fizeram um nicho com 2 metros e 4 decimetros de altura, e por sobre este um outro menor sustentado por 4 columnatas terminadas por maçanetas grandes douradas.

Destas 4 columnatas duas são mais salientes e duas mais reintrantes; entre ellas quatro cabeças de anjos esculpidas na madeira e pintadas.

Por cima das columnas grandes que ladeiam os nichos ha dous anjos de cada lado sustentando arabescos.

O vertice do altar, no alto, sobre o nicho menor ha grande ornamento todo dourado ao qual entretece e de onde escapa uma grande fita de ouro.

No nicho superior encontra-se ainda uma imagem de cerca de 1 metro e 60 centimetros de altura, talvez S. Ignacio de Loyola com os paramentos sagrados, tendo na mão um livro aberto onde se lê escripta em grandes caracteres a divisa da ordem — « Ad majorem Dei gloriam ». Este livro repousa sobre um capitel formado pela cabeça de um anjo e terminado inferiormente por um plano inclinado de escamas douradas.

O nicho grande, que fica por baixo do de S. Ignacio, é dedicado á Virgem.

Na cornija que separa os dous nichos, no ponto correspondente ao alto do nicho da Virgem, ha um escudo azul e ouro com a seguinte inscripção — «Maria Assumpta estin cœlum».

Mais abaixo no retabulo que forma a base do altar ha dous escudos pintados de escuro sobre fundo branco com a incripção — «Reliquiæ sanctorum».

Aqui ha poucos arabescos.

Sobre elle, porém, o sacrario é todo de ouro e ornamento; elle tem 1 metro e 35 centimetros de altura.

O crucifixo de madeira tem 1 metro e 4 decimetros.

O nicho em que está a imagem da Virgem, todo de cedro dourado, tem 90 centimetros de fundo.

O Santo Ignacio tem 1 metro e 45 centimetros e o nicho em que elle se acha 1 metro e 70.

Nos outros dois nichos contiguos ha tambem duas imagens de santos; o da esquerda com 75 centimetros de altura; e o da direita com 95; os dois outros nichos externos (pois são 5 ao todo) estão vasios.

Suppõe-se que nesta capella existem os ossos do grande Anchieta, pois se sabe que tendo o illustre jesuita fallecido no Espirito-Santo foram os seus restos trasladados para a Bahia, não se sabendo ao certo onde param. Parece que em Roma mesmo, os que dirigem a ordem acreditaram até ha bem pouco tempo que na Capella do Collegio estivessem os ossos de José de Anchieta, pois o padre Tadei recebeu ordem do geral da Companhia para vir explorar as paredes da Capella do lado do Evangelho. Entendeu-se aquelle padre com o director da Faculdade e foram levantados alguns dos azulejos da parede do lado esquerdo sem resultado algum.

Quando andamos estudando a Capella, Munhoz e eu sondamos todas as paredes sem que o som

revelasse haver n'algum ponto o esconderijo procurado, porque, sendo muito antiga a ligação dos azulejos ao muro, a argamassa muito secca dá por toda a parte a mesma sonoridade de parede oca sem que o esteja realmente.

E' crivel que aquelles preciosos restos se achem em uma das Capellas da Cathedral, talvez na parede ao lado esquerdo da propria Capella mór.

Dr. Braz do Amaral.

COLONOS INDIGENAS E ESCRAVOS

Os jesuitas a catechese

HISTORIA DO BRASIL (*)

ESTUDANDO a incipiente sociedade brasileira no primeiro periodo da colonisação em seus elementos constitutivos, vemos que estes se distribuiam em tres classes: — fidalgos, peões, gentios e escravos.

A primeira comprehendia os donatarios ou capitães móres, verdadeiros suzeranos em seus feudos, devendo obediencia somente ao Rei, e grande parte dos sesmeiros, uns de caracter e costumes mansos, outros completos aventureiros, que buscavam em a nascente colonia pasto abundante ao exercicio dos vicios que as leis da metropole não toleravam.

A segunda era constituida pelos colonos propriamente ditos — agricultores, criadores e mesteiraes, incontestavelmente a melhor provida de elementos conservadores, mas ainda assim não extreme da lia que as justiças portuguezas para aqui exilavam, com o ferrete da ignominia que a lei lhes impunha.

A terceira abrangia os indigenas livres, apparentemente, e os escravos quer indigenas, quer africanos.

Estas classes, podendo ser assim delimitadas, não se isolavam, não faziam vida á parte como no feudalismo europeu: misturavam-se, almagavam-se,

Memoria lida na sessão de 3 de Maio de 1902 pelo socio fundador Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis.

confundiam-se pelo choque, pela exploração, pela nota da cupidez e do sensualismo, que era a moral dominante de tão encontrados e heterogeneos elementos a proliferarem entre a pujança desta natureza tropical.

Em breve trecho, pois, a mistiçagem avolumou-se: surge o mameluco, producto do crusamento do portuguez com a indigena, sempre activo e irrequieto, mas nem sempre benevolo e humano: se na fundação do arraial de S. Paulo vemol-o enfrentar até os jesuitas, o encontramos mais tarde como o mais ferrenho perseguidor da raça materna, no typo odioso de caçador de indios: junta-se-lhe o curiboca, crusamento do negro com a indigena, e o mulato, resultado identico da negra com o branco.

Ethnicamente, pois, era essa a sociedade; politica e juridicamente a feição da colonia na primeira phase de sua historia póde ser synthetisada nas seguintes palavras: — o portuguez explorando o solo pelo trabalho do negro e exterminando o indigena por não se prestar este ao mesmo regimen, por vir perturbal-o naquella tarefa; situação dominada pelos principios os mais absolutos e intolerantes e sempre intranquilla, já pelas luctas intestinas que a propria cobiça accendia, já pela repulsa e aggressão do incola, já, finalmente, pelos ataques e assaltos de inimigos externos — francezes, hespanhoes, hollandezes, inglezes, a disputarem a joia rica que a sancção papal houvera doado e confirmado ás lusas quinas.

Destaca-se, portanto, neste primeiro periodo de nossa historia, dispostico e soberano, o elemento portuguez; porquanto o indigena é sempre afinal um vencido e rechassado, e o negro é o animal domestico que trabalha e chora.

Estudando, agora, separadamente as tres raças que foram outros tantos elementos ethnicos a

constituir o povo brasileiro, já em suas descendencias directas, já pela constituição do novo typo, o mestiço, e apreciando a sua influencia em a nossa evolução social, vemos que, — de fidalgos aventureiros e dissolutos, degradados, soldados, marujos e, de envolta, alguns homens bons, constituiram-se os colonisadores portuguezes, isto é, a primeira camada do elemento europeu que veio a ser o nosso primeiro factor ethnico, juntando-se-lhe mais tarde elementos da mesma procedencia, porém moralmente mais sãos, quando, com o estabelecimento de um governo geral no paiz, regulou-se a distribuição da justiça, garantiu-se a propriedade, e firmou-se o dominio do direito e da lei.

Soffrendo a influencia e a modificação do meio physico, a alteração produzida pelo contacto immediato de duas civilisações inferiores, cujos representantes tinha de vencer, subjugar, disciplinar, o elemento portuguez nacionalisou-se, e entrou como o factor mais preponderante na constituição da patria nova, pelo seu caracter em extremo assimilador, pela ascendencia ligitima da familia, da cultura intellectual, da posição social e politica.

Sua descendencia directa, alimentando-se sempre na primitiva fonte, dirigindo os descendentes das outras duas raças, tambem pelo mesmo processo alimentados, e o typo intermedio, que crearam, atravessa a nossa historia illuminando-a de esplendores epicos na integração e na defeza do patrio solo, na vingança da honra nacional ultrajada, e nas conquistas luminosas da paz e do trabalho.

E prepara, pela absorpção, pela remodelação final, a raça forte que ha de firmar a hegemonia de nossa patria na America latina.

Emquanto á raça indigena vemos que ella foi

na primeira phase do povoamento, como em todo o periodo colonial — alliada, inimiga ou escrava.

Quando alliada, prestava valiosos serviços ao colonisador, combatendo a tribu adversa, ensinando áquelle os ardis, os caminhos, a estrategia incola, dominada pelo espirito guerreiro que lhe constituia a feição principal do caracter.

Quando inimiga, investia bravamente contra o portuguez que a perseguia e expoliava, ou alliava-se ao francez que fazia áquelle intelligente concurrencia, inspirada no sentimento da vingança, instincto natural no selvagem, saciada muita vez na devastação das fazendas e no morticinio do colono.

Quando escrava, mostrava-se fraca e indolente para o trabalho, insubmissa ao eito, sempre disposta a ganhar a selva proxima, guarida da liberdade que se lhe arrancava e onde podia continuar a vida da natureza, indolente e ociosa.

Vencido, perseguido, somente utilisado para a guerra, destaca-se, entretanto, neste particular, heroico e intemerato, o elemento indigena; e os seus serviços, no prelio ingente travado com os batavos pela integridade do territorio nacional, foram inestimaveis. Fòra isso, sómente, como elemento passivo releva-se em o nosso progredir.

Entretanto, os seus descendentes mais immediatos, os bellos caboclos do norte, os sertanistas do oeste e do sul em demonstrações de civismo honram bem alto as virtudes guerreiras de seus avós.

Emquanto ao elemento africano introduzido no Brasil desde o inicio de sua colonisação, como escravo e instrumento de trabalho, vemos que era oriundo da Guiné principalmente, e da região do littoral que dahi se estende até Moçambique. Procedia, portanto, dos berberes, jalofos, mandingas, felupos ou congos, angolas, benguelas, a que mais

tarde juntaram-se os minas, unicos esses que guardaram mais zelosamente as tradições, usos e costumes de sua patria.

Arrancados violentamente do patrio solo, e transportados, qual mercadoria, em infectos porões de navios, para extranha região onde a vida lhes vinha decorrer bem outra, jungidos ao eito, sob o azorrague do feitor, constituiram, entretanto, esses infelizes representantes da raça negra um factor poderoso da nossa nacionalidade, pelo seu numero, pela feição affectiva de seu caracter, pela sua intensa proliferação.

Raça igualmente vencida e subjugada, mas trabalhadora, valente e forte, prestou tambem á integração da patria nova os mais valiosos serviços.

Sua porcentagem na constituição do povo brasileiro é superior á da raça indigena, e a sua influencia em a nossa evolução social é, principalmente pelos seus descendentes crusados, bastante accentuada.

Para a raça forte a que alludimos, para o typo brasileiro do futuro, que se remodela, ella levará as virtudes primitivas das raças puras e sans.

* * *

Os jesuitas foram verdadeiros bemfeitores da humanidade na primeira phase da colonisação do Brasil.

Aportando a estas plagas com o primeiro governador geral em numero de 6, dirigidos pelo benemerito Manoel da Nobrega, e augmentados sempre em consequentes remessas, foram os jesuitas a legião que se constituiu a ante-mural do indigena, defendendo-lhe quasi sempre com efficacia a vida e a liberdade.

Graças a elles a nossa historia não apresenta as lugubres paginas das conquistas do Mexico e do Perú.

Graças a elles, a civilisação poude firmar-se mais humanamente nesta parte da America, e o povo portuguez, pequeno e pobre, poude assenhorear-se do territorio descoberto, donde seria fatalmente expellido pela bravura do gentio, unida á concurrencia do francez.

Graças a elles, poude a raça aborigene, combatida em sua fereza pela catechese christã e mais por este processo de que pelas armas, em parte, submettida, escapar de completo exterminio.

A Historia, guardando o nome dos 6 primeiros apostolos do bem nesta virgem terra da America, — Nobrega, Aspicuela Navarro, Antonio Pires, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, e Diogo Jacome e dos principaes continuadores de sua obra, — Anchieta, Luiz da Gran, Vieira e tantos outros, presta a homenagem devida aos espiritos mais cultos e aos caracteres mais nobres, que a civilisação occidental da Europa enviou a estas regiões.

Apropriando-se da linguagem dos incolas, apresentando-se-lhes simples, modestos, resignados, humildes, estoicos, dando-lhes o exemplo de todas as virtudes moraes, puderam os jesuitas ganhar o animo dos selvagens, iniciar e desenvolver a obra de sua civilisação.

Empregaram para isso os meios mais intelligentes e efficazes, como a musica, as procissões apparatosas, as novenas, as predicas suggestivas, todas as outras manifestações do culto externo; constituindo-se principalmente seus defensores estrenuos, batendo-se até pela liberdade dos que eram caçados nas selvas como animaes bravios, conseguindo muita vez arrancal-os á ganancia do

colono; fazendo-os abandonar costumes selvagens e grosseiros, arregimentado-os em aldeias a que chamavam «missões», instruindo-os na moral do evangelho e na religião do trabalho.

Nessa primeira phase, pois, da nossa Historia, a acção dos jesuitas foi benefica, salutar, humanissima:

Foram elles além disso os representantes da cultura intellectual da época: foram elles os primeiros professores deste paiz.

Se bem que saturadas do espirito de seita, são as suas chronicas, os seus escriptos, as suas annuas, os documentos por onde pudemos conhecer a vida da colonia brasilea, de cujos albôres na historia foram elles os intelligentes paranymphos.

O culto dos Heróes (*)

«Uma nação que não cura das suas tradições é uma nação morta» escreveu um dia W. Scherer na sua famosa «Geschichte der deutschen Literatur».

A tradição é o botaréo da Fé e a Fé — o arcabouço intimo de todo o edificio social.

A coincidencia notavel entre os eclypses da Fé e as catastrophes politicas, a periodicidade fatal das grandes crises historicas e a isodynamica insophismavel do seu modo de acção por intermedio das quaes se manifesta a omnipresença de uma intelligencia hyperhumana, sollicitaram sempre a attenção dos philosophos de todas as épocas.

Não se abafa impunemente o sentimento religioso que a Cultura contemporanea assignala como a antithese ridicula do Livre pensamento.

Ninguem demonstra, de modo mais irrefutavel, a nihilidade scientifica dessa concepção, do que o autor de «Sartor Rasartus» -- o maior genio que tem apparecido na Inglaterra depois de «Shakespeare».

Toda a «psyché» religiosa comprehende a explicação do Cosmos e uma taboa de valores moraes, ou por outras palavras, uma Logica e uma Ethica de um parallelismo constante e harmonico.

E é na alma do Povo, o inimigo irreductivel da Fraude em todas as suas modalidades, que se

(*) Discurso proferido pelo socio Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão, na sessão anniversaria de 3 de Maio de 1901.

delineam as bases dessa Logica e os preceitos dessa Ethica, promanadas ambas da Lei Natural que acompanha a Humanidade como a sombra ao corpo, na phrase do grande philosopho «Feuerbach».

Não sei se em tempo algum foram essas leis, que devem ser outros tantos pharóes para a Civilisação, mais cynicamente violadas do que nos tempos modernos.

Borrascoso e triste foi o crepuscular do seculo XX.

A alma da velha Europa nega Deus e negar Deus é estabelecer o imperio do Chaos, é quebrar o equilibrio moral indispensavel ao funccionamento da Sociedade, é alcandorar o «antipsychismo» á altura de um imperativo kantiano, é solapar toda a magestosa architectura da Civilisação hodierna.

O severo estudo da pathologia social aponta-nos uma terrivel verdade.

Após 19 seculos de progresso, em pleno apogeu de Cultura, quando a Sciencia, máo grado a voz agoureira de «Brunnetiére» crea as maravilhas das maravilhas: fortalezas de aço e bronze cruzando os oceanos, transatlanticos de 20000 cavallos; correntes «polyphaseadas» distribuindo a energia electrica que se transforma á vontade em luz, calor e força; telegraphos sem fios, de «Marconi»; raios sem luz, de «Rœntgen», photographias do pensamento conseguidas pelo filho de «Edison», motores de ar liquido, aeroplanos quasi dirigiveis e outros mil prodigios!... após este soberbo cyclo de triumphos eis reconhecem aquelles que marcham na vanguarda da Intelligencia que ainda permanecemos chumbados ao primitivo «avatar» moral.

O odio, o insuperavel odio atavico que, já nas cavernas prehistoricas, açulava o homem contra o

homem, ainda hoje perdura iterativo, omnipotente, a explodir na ponta da faca de Caserio, a gritar no coração lobrego das «greves», «a ulular nas paginas apocalypticas da Bete Humaine!»

A revolução franceza de 93 derrocou a Bastilha do Feudalismo e sobre as suas ruinas fumegantes ergueram uma outra bastilha—a do Cesarismo.

«Washington» despedaçou os grilhões da Metropole e o «jingoismo» officia hoje nos altares da Plutocracia, assanhando o odio de raça.

A rebellião de 15 de Novembro de 1889 destruiu o throno mais democratico que existiu e em seu lugar levantaram um edificio que de modo algum merece o nome de Republica.

Vemos a França, que se considera o cerebro do Mundo, o «palladium» da Civilisação occidental, o «Paracleto dos Direitos do Homem» e crucifica, aos berros da canalha, um innocente; faz reviver na «Ilha do Diabo» as torturas diabolicas da Inquisição e, numa estupida ressaca de lama e ignominia, apredeja a Verdade, na pessoa de Emile Zola, matando de nojo e desespero a alma intemerata de «Scheurer-Kestner».

Vemos a Russia, que pela bocca do Czar, aconselha magnanimamente o desarmamento universal e massacra como um bando de cães damnados o povo finlandez que pedia justiça; e expulsa de seu territorio, como se fosse um leproso, o Apostolo do Amor o amigo dos «Mujiks», o Sosia de Christo — «Leon Tolstoi»!

Vemos a Inglaterra, o berço das Liberdades modernas, armar 300.000 soldados para o assassinato de 25.000 cidadãos de uma republica constituida que, por desgraça, tem encravadas no seu territorio algumas minas de ouro; vemos a Inglaterra, patria do «Habeas-Corpus» no humbral do seculo XX, tolerar, em todo o «Hinterland»

occidental da Africa, numerosas agencias inglezas, para o infame trafico dos escravos, escandalo ha bem pouco tempo denunciado pela «Contemporary Review».

E, ao rebentar das bombas anarchistas, ao marulho ameaçador de milhões de proletarios que pedem pão e trabalho e os governos mandam fuzilar, ao esfusiar das gargalhadas obscenas dos Philisteus da Cultura que pregam a victoria do Egoismo e a bancarrota da Moral, cambaleia o madeiro, onde ha vinte seculos, está pregado o cadaver do Homem-Deus, do Messias do Amor, do Demiurgo supremo!...

A Humanidade lembra, nos tempos actuaes, uma cathedral gigantesca sem Deus e sem altares, estalando do alicerce ao corucheu, em cima de um vulcão.

O pendulo da Razão oscilla, entre um orgulho satanico, provocado pelo progresso scientifico e uma covardia vesanica alimentada pelo nihilismo moral.

Estaremos sobre a rocha «Tarpea» ou no pincaro de um Thabor.

Será o crepusculo de uma noite definitiva ou o prenuncio de um formoso dia?

.....

.....

Ha na antiquissima biblia scandinava, arrancada das patas dos iconoclastas, pela piedade de «Sœmund» e «Snoro Sturleson»; ha nas paginas selvagemente epicas dos «Eddas» um metho sublime — o «Ragnaroœky» que, na mythologia germanica, tornou o nome de «Gœtterdœmmrung» — o crepusculo dos deuses.

Eil-a a concepção genial e profunda desse mytho:

Os «Jœtuns», as temiveis potencias do Mal, depois de mil escaramuças com as divinas potencias do Bem resolvem finalmente travar um combate supremo.

Na Serpente da Treva investe contra o gigante «Thor» — o deus do raio. Rancor contra Rancor, Poder contra Poder, Força contra Força!

Estala a metralha dos trovões, ziguezagueia a espada dos relampagos, entrechocam-se o escudo de bronze e as escamas do monstro, desembestam as Walkyrias desgrenhadas, ao compasso em tres tempos de um galope phantastico e um crepusculo ensanguentado desce pouco a pouco sobre o «Wnallala» que se despenha tragicamente no abysmo...

O velho Mundo e os antigos Deuses, arrastados n'aquella queda formidavel, desapparecem no chaos.

Não tardará porém uma ressurreição porque a Vida é a filha da Morte.

Das tenebras insondaveis do abysmo ha de surgir um novo Ceu e uma nova Terra... no Ceu habitará um Deus mais divino e uma Justiça mais justa imperará na terra.

. . . . . .

Eil-o o mytho da velha biblia scandinava.

Pois bem: todos os grandes pensadores modernos, de Gœthe a Emerson, de Hugo a Barni, de Uhithman a Nietzsche — todos os grandes optimistas melancolicos acreditam na realisação dessa prophecia...

Façamos como Elles; não desanimemos.

Ergamos bem alto a fronte e os corações...

Trabalhemos e esperemos.

E em que consistirá esse trabalho?

No culto acrysolado dos grandes vultos da Patria e da Humanidade que, na opinião de «Carlyle», ha de substituir um dia todas as velhas religiões; nesse culto mais acceitavel do que o culto da Humanidade anonyma.

E' esta a base fundamental da Educação civica-relumbrante zaimph sem a investidura da qual uma nação se esphacéla e morre.

Abramos, de par em par, ao Povo, a biblia da Historia patria e seremos benemeritos, porque, para Elle e para Ella, trabalharemos, não como aquelles antigos sabios egoistas que procuravam improvisar um systema metaphysico de casualidades, em lugar de argamassar para o futuro os elementos de uma finalidade victoriosa e fecunda.

Isto aqui, Senhores, é um templo e ao mesmo tempo uma arena de combate.

«Luthero» — na Allemanha, «Knox» na Inglaterra, «Renan» em França, «Ardigo» na Italia esborcinaram o idolo do Phariseismo antigo; desmoronemos egualmente o idolo da Oligarchia moral que, pela tuba do Jacobinismo Brasileiro, procura nivelar Christo e Tiberio, Dante e Aretino, Shakpeare e Cecil Rhodes, Pedro II e Marcellino Bispo...

Já o disse outr'ora a voz isaiaca que syllabou a «Legenda do Seculo»:

«Por mais que façam aquelles que reinam interiormente pelo suborno e exteriormente pela ameaça, por mais que façam aquelles que julgam pilotear os povos e não passam de perversos anarchisadores, por mais que façam, a phalange sagrada da verdade ha de encontrar sempre um meio de cumprir o seu dever até o fim.

A omnipotencia do Mal só pode alcançar resultados negativos.

O pensamento escapa fatalmente a quem tenta jugulal-o.

E' como o ar, rebelde á compressão.

Maravilhoso proteu — refugia-se em fórmas diversas.

O facho irradia... se o apagam, se o atiram á treva, o facho transforma-se numa voz e não ha noite que esconda a Palavra!

Se amarram á bocca que falla uma mordaça, a Palavra transfigura-se em luz e não se amordaça a luz!

Ninguem pode domar a Consciencia do Homem, porque a Consciencia do homem é o reflexo do pensamento de Deus»!

.....

.....

Em meu nome e em nome da revista «Brasil-Portugal» e de «Deutsche-Zeitung», saudo o «Instituto Geographico e Historico da Bahia», pela fausta data em que celebra o 7.º anniversario de uma gloriosa existencia.

Ao «Instituto Geographico e Historico da Bahia», essa benefica associação que é a salvaguarda heroica das nossas tradições, que pontifica, na apotheose de um altar, a religião dos nosos grandes homens, que procura reanimar piedosamente a pyra quasi extincta do amor da Patria, transmitto, do alto desta tribuna, os applausos sinceros, enthusiasticos e unanimes da imprensa portugueza e teuto-brasileira.

Egas Moniz.

HABEAS-CORPUS — Estado de Sitio

PREFACIO AO DISCURSO DO DR. RUY BARBOSA, PROFERIDO NA SESSÃO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, DE 26 DE MARÇO DE 1898 (*)

(Ao Sr. Rogociano Teixeira)

EM profunda vacilação se me debateu, por longo tempo, o espirito, antes de acceder eu ao honrosissimo pedido, com que aprouve distinguir-me o meu illustre co-estadano e amigo.

Escrever algumas palavras, como preparo ao leitor, para que melhor possa apreciar o erudito discurso que lhe vae ser posto diante dos olhos, nada menos é — do que erigir um portico para o monumento, cuja maravilhosa estructura se lhe annuncia com inteira verdade, e merecida justiça.

Para não infringir, entretanto, as regras da architectura, que prevalecem tambem nas obras de litteratura, pois o gosto deve ser inseparavel de todas ellas, muito importa — que as differentes peças do edificio obedeçam ao mesmo estilo, guardem as necessarias proporções entre si, não pequem por contraste de linhas, nem desmereçam pelos erros de symetria.

Sendo assim, comprehender-se-á facilmente o embaraço em que agora me encontro para corresponder á solicitação, gentilmente expressa por meu velho amigo.

Trata-se de uma substanciosa oração, por onde filtra a eloquencia arrebatadora de uma das pala-

(*) O Autographo pertence ao Instituto Historico da Bahia, offerecido pelo sócio Coronel Rogociano Pires Teixeira.

vras mais autorisadas da America latina, e de um producto sazonado da maior mentalidade de que presentemente o meu paiz se envaidece.

Na elevação dos conceitos que emitte, na importancia das questões que suscita, na cópia de illustração que revela, no emprego da linguagem de que se serve; sob todos os aspectos por onde se o encare, por qualquer padrão que se lhe ajuste, seja qual for o crysol preferido para apural-o; é força reconhecer — que esse discurso basta para firmar a reputação de um jurisconsulto, a fama de um advogado, a superiodade de um publicista.

A mim é que falta — por meu mal — a expressão propria para qualificar tão bem acabado producto da arte de falar; a necessaria autoridade para recommendar a leitura meditada desse relevante trabalho da sciencia do direito. Que as joias de um tal escrinio, formado carinhosamente para opulentar o patrimonio litterario da patria, e as harmonias de um tal cantico, entoado em honra da lei, são tantas e tamanhas, que se torna difficil decidir — qual daquellas a mais tentadora e qual destas a mais doce e penetrante.

A verdade, porém, é que — umas e outras concorrem vantajosamente para engrandecer e idealisar o culto á liberdade.

E não é isto só. No alvitre, tomado pelo illustre senador bahiano, de ir expontaneamente ao Supremo tribunal pleitear as garantias constitucionaes de adversarios politicos, senão de inimigos pessoaes seus, eu descubro uma delicadeza subtil de sentimentos, que arranca de todos nós os mais sinceros applausos. E descubro mais ainda: uma rijeza adamantina de caracter, que poderá servir — em todas as épocas — de lição e de exemplo.

E porque se inspirasse, como elle proprio o confessa, nas tradições gloriosas da profissão, cujo

ministerio exerce, e que aliás, desde os tempos memoraveis da Grecia e de Roma, é a socia inseparavel das reivindicações liberaes; o eminente patrono perlustrou assim o mesmo caminho que, com a maior abnegação, souberam trilhar — mais modernamente — os Martignac, os Sauzet, os Berryer, e outros luzeiros da advocacia franceza.

E ninguem, por certo, ha de recusar seu preito de admiração á nobilitante attitude, assumida pelos intemeratos juristas, que recalcam seus sentimentos pessoaes para servir desinteressadamente á causa da justiça, que elles reputam em perigo, da defeza social, que julgam compromettida, e dos principios, que consideram prejudicados.

Mas, a magnanimidade de tão louvavel procedimento depara com um relevo precioso no modo grandiloquo, e na competencia indiscutivel, com que o orador trata a these constitucional, que se propoz defender.

Me abalanço até a dizer — que o assumpto ficou, magistralmente, esgotado.

E, circumstancia relevante com certeza, o meio que Ruy Barbosa escolheu para levantar de novo a questão, de ha muito já discutida entre os constitucionalistas, foi seguramente dos mais opportunos e felizes; como assás apropriado e propicio foi o ensejo para explanar elle suas opiniões e doctrinas.

E' exacto — que o paiz, então, se achava empolgado pela impressão de magua e de terror, que havia deixado n'alma nacional um gravissimo acontecimento, cuja lembrança ainda agora nos enche — a todos — de dor e de saudades. Nos momentos difficeis, porém, é que o civismo deixa de ser um sentimento para se crystallisar num facto, e a coragem, que alguem accaso ostente, lutando contra a opinião publica, por amor apenas do direito e da liberdade, não fica somenos á

coragem do soldado, que enfrenta ás balas do inimigo, por effeito da simples comprehensão do seu dever.

Conseguintemente, o papel que o orador assumiu, mais digno, maior, mais significativo ainda se tornou.

Batendo-se pela causa, que com raro cavalheirismo perfilhava, Ruy Barbosa visou — primeiro que tudo — provar o accordo perfeito, que existe entre seu senso politico e sua intuição juridica.

E eis ahi, sem duvida, escôpo assás elevado e aspiração bem legitima; pois, como o proprio orador pondera, o «de que mais se deve temer neste mundo, o homem politico — é dos maus precedentes, dos arestos illegaes, das jurisprudencias liberticidas».

Eu quizera — que os publicistas, os magistrados, os professores, a mocidade que vem surgindo e quer aprender, todos emfim gravassem profundamente no espirito o alto criterio e a profundeza de vistas, com que Ruy Barbosa encarece a importancia do «habeas-corpus», n'uma analyse rigorosamente scientifica, e scientificamente bella.

Porquanto, é nesse instituto, votado pelo parlamento inglez sob Carlos II, que os cidadãos encontram a égide para amparal-os contra o arbitrio, sempre funesto, e os povos a cavilha capaz de manter-lhes a liberdade, divina sempre.

Que nobres ensinamentos côam pelo verbo torrencial do nosso patricio preclaro! Como borda-os esse insigne burilador da phrase!

Nem sei que se possa acrescentar algo de toleravel ao elogio eloquente e meditado, proferido pelo orador, em homenagem ao recurso, ha 222 annos posto ao serviço da rasão e do direito.

De muito, sabemos nós, que o «habeas-corpus» é a clava irresistivel, destinada á esmagar todas

as oppressões e tyrannias. E sabemos tambem que, graças a esse remedio fornecido pela lei mesma, o mais humilde cidadão pode zombar da prepotencia do mais alto funccionario. Sabemos, finalmente, que o «habeas-corpus» é, a um só tempo, comporta de demasias, amuleto venerando, e couraça impenetravel, ao alcance de todos, indistinctamente.

E por isso me parece, que se elle fosse praticado lealmente na França a propria revolução de 89, quando não conjurada, perderia pelo menos o movel, que melhor a justifica perante a Historia.

Pois bem. Calcule-se que o orador, nessa soberba peça a que vou alludindo, se propoz explanar quasi todos aquelles conceitos, mas com a illustração vasta de que sóe dar provas irrecusaveis e repetidas; e servindo-se da linguagem castiça, que sabe primorosamente manejar.

E então diga alguem — se ha falta comparavel á irreverencia de não percorrer de um só folego tantas paginas brilhantes, onde o illetrado encontra muito que aprender, e o litterato bastante que admirar.

Poucas homenagens, rendidas ao direito, se conhece tão enthusiasticas e suggestivas, como a desse discurso monumental. Ouvil-o, foi banharmo-nos em grosso jacto de luz boreal.

E a doce sensação de certo perdura, pois ainda hoje — e já são passados tres annos — me parece que vibram aos meus ouvidos os echos de tão inflammado verbo, com a mesma imponencia, a mesma energia, e o mesmo calor que o envolveram no recinto do tribunal.

De resto, a ninguem pode ser indifferente o modo cuidado, com que o orador tratou da questão principal, submettída então ao julgamento dos magistrados.

A these sustentada é de uma relevancia capital, mas o seu desenvolvimento nada deixou a desejar, cumpre confessal-o. Tanto assim que os juizes dividiram-se, quasi por metade, na occasião de interpretar o artigo constitucional em litigio.

E quando o notavel advogado cessou de falar, pelo auditorio inteiro perpassou um fremito de applauso convencido, apenas abafado pela consideração do respeito, devido ao illustre areopágo.

Quanto a mim, posso muito á vontade falar da opinião, defendida pelo nosso operoso condiscipulo, que foi tambem um dos mais esforçados collaboradores da lei fundamental da republica.

Em um modesto livro que publiquei, commentando «A Constituição», de 24 de Fevereiro, lancei estas duas linhas: «Sabe-se que algumas das medidas, tomadas pelo Governo durante certo estado de sitio, continuaram a subsistir, ainda mesmo depois da amnistia concedida pelo Congresso. Por exemplo, a demissão de lente cathedratico das Faculdades officiaes. Não me pareceu, entretanto, regular esse alvitre, tanto mais grave, quanto a demissão mesma fôra já um excesso condemnavel, que ninguem poderia justificar com o nosso Estatuto fundamental, bastante claro na restricção, que impõe no § 2.º deste Art. 80; sem falar mesmo no que determina pelo Art. 74 já commentado».

Matenho, ainda, a minha opinião.

Primeiramente, nunca pude entender por outro modo as palavras «durante o estado de sitio», de que usa o legislador no referido Art. 80, § 2.º Depois, não sei porque, na hypothese figurada, se ha de contrariar o apophtegma que diz: Cessada a causa, cessa o effeito.

Muito ao envez disso, tudo aconselha a que elle encontre aqui a consagração mais solemne.

Desapparecida, que seja, a «causa» determinante de uma medida, excepcional ao ponto de autorisar a suspensão das garantias constitucionaes, eu não sei porque se ha de pretender prolongar-lhe os effeitos, irritantes, especiaes, extraordiarios.

Imagine-se, comtudo, a satisfação que senti, por ver — quanto o meu pensamento se ajustara ao do eminente bahiano; acrescendo a circumstancia de ter elle sido desdobrado com o brilhantismo e a elevação, que S. Ex.ª costuma emprestar a todos os assumptos de que se occupa.

Entretanto, está se vendo — que não obedeço agora simplesmente a uma suggestão, nem me deixo fascinar por impressões de momento, ainda que felizes e gratas me tenham sido ellas.

Desde muito, eu me havia pronunciado em favor da idéa, que constitue o eixo, em torno do qual gyra a magestosa oração de Ruy Barbosa.

E, portanto, certa parte dos applausos que lhe tributo, e da justa admiração que me arranca, se explica tambem pela conformidade de sentir, que entre mim e o orador existe no tocante á questão ventilada, uma vez que é naturalissimo se comprazer nosso espirito com a affinidade de outros espiritos mais cultos e disciplinados.

Verdade é — que os julgadores a principio repelliram a intelligencia liberal, que nós outros sempre demos ao dispositivo constitucional já citado. E decorreu d'ahi — que Ruy Barbosa não logrou ver coroados — desde logo — os esforços, que tão generosamente empregara na audiencia de 26 de Março de 98.

Mas, passados poucos dias, o Supremo Tribunal Federal cantava a palinodia, reconhecendo — que claudicara, quando havia divergido da

doctrina, cujo palladino estrenuo fôra o senador bahiano.

De facto. Naquella data, o collendo Tribunal decidira que «os effeitos do estado de sitio não cessavam, com relação ás pessoas por elle attingidas, senão depois de haver o Congresso tomado conhecimento dos actos praticados pelo presidente da Republica».

Entretanto, vinte e um dias depois, a 16 de Abril, o mesmo Tribunal sentenciava que «com a cessação do estado de sitio cessam todas as medidas de repressão, durante elle tomadas pelo Poder executivo, se revigorando e restabelecendo todas as garantias individuaes pela cessação daquelle estado excepcional e transitorio.

Alguns outros «accordãos», como por exemplo o de 20 de Abril tambem, vieram confirmar a boa orientação, que o Tribunal tomou.

Para que, porém, maior fosse a gloria de Ruy Barbosa, o Tribunal acabou por apoiar-se na propria opinião do illustre advogado e parlamentar; chegando a inserir no corpo de um desses «accordãos» palavras textuaes de um trabalho seu.

Não concebo eu que mais esplendido triumpho podesse obter o valente campeão, tanto em proveito de seus creditos profissionaes, como da justiça mesma, cujos interesses tão altivamente pleiteou.

Muito bem!

Que a consciencia de Ruy Barbosa se rejubile diante do resultado, que seu talento, seu civismo e sua alta isenção conquistaram.

Esse novo serviço, prestado á causa sacrosanta do direito, recommenda seu nome ás bençãos do presente e a gratidão do porvir.

Que todo brasileiro, pois, conheça e decore o discurso, que ahi vae mais adiante, e onde as scintillações da eloquencia se aviventam, mercê da attitude arrojada, que o orador assumiu.

Que não sejam jamais esquecidos os grandes ensinamentos, que tão preciosos documentos encerram.

Que fructifique o exemplo, dado pelo notavel cidadão, quando acodiu pressuroso a defender as fórmas tutelares do direito, sem cogitar de innocentes, ou culpados, uma vez que ellas a todos promiscuamente amparam.

Quanto á reconsideração, que de sua primitiva doctrina fez o Supremo Tribunal, só posso me referir com os mais acalorados louvores. O Tribunal, assim procedendo, se mostrou digno de sua elevada missão, consciente de sua enorme responsabilidade.

Peço licença para terminar aqui.

Conta Ariosto a historia de uma bella fada, que por lei do destino estava condemnada a apparecer, de vez em quando, transformada em venenosa serpente.

Quantos a ultrajavam nessa triste metamorphose eram privados para sempre de seus beneficios, mas a quem a tratava com piedade e carinho, apesar de seu aspecto hediondo, ella apparecia mais tarde, sob a fórma de anjo que lhe era natural, para lhe seguir todos os passos, lhe augmentar todas as riquezas e venturas, e lhe conceder quer os nobres tropheus da guerra, quer as lindas palmas de amor. A fada que Ariosto assim exaltava, bem se advinha, é a liberdade.

Não maltratemos nunca a liberdade. E' nosso ver, e será tambem nossa gloria.

Continue a dispor do coestadano e amigo.

Aristides A. Milton.

Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1901.

1840

Manuel dos Santos Martins Vallasques, Senador do Imperio pela Bahia em 1835, em sua correspondencia com Manuel Ignacio da Cunha e Menezes, Visconde do Rio Vermelho e como elle Senador por esta então provincia em 1827, relata, na intimidade de longa e affectuosa amisade, os factos capitaes na politica perturbada daquella phase de nossa vida nacional.

O periodo transitorio das regencias como que precipitara o paiz em um cháos medonho; ás luctas dos partidos na capital do Imperio respondiam as revoltas continuadamente debelladas nas provincias, ora do norte, ora do sul do Brasil.

O exercito convertido em facção politica imperava, consciente da força que lhe deram as victorias facilmente obtidas em 1821 e em 1831, e estendera sua influencia té enfrentar-se com a indomavel energia de Feijó, Ministro da Justiça do Gabinete de 16 de Julho de 1831.

Si na Constituinte brasileira, onde a Bahia era representada pelos vultos illustres de Silva Lisboa, Carvalho e Mello, Montezuma, Costa Carvalho, Galvão, Araujo Guimarães, Carneiro de Campos, Ferreira França, Miguel Calmon, Brant Pontes e Couto Ferraz, os partidos não se degladiavam, porque um unico pensamento dirigia então a representação nacional, não deu-se o mesmo nas successivas assembléas em cujo seio vemos a discordia surgir entre os membros dos partidos politicos. Essas luctas travadas no Parlamento repercutiam no espirito publico, e a imprensa, obediente a este ou áquelle grupo, dirigia a opinião, fomentava paixões e provocava disturbios.

N'«A Nova Luz Brasileira» no «Exaltado» e no «Jurujuba», o partido liberal exigia reformas continuas que tivessem cunho verdadeiramente democratico proclamadas pelo povo, sciente do direito que lhe dera a revolução; o partido moderado, porém, batia-se, na «Aurora», a cuja frente estava a penna incomparavel de Evaristo da Veiga, no «Independente» e na «Astréa», pela victoria da lei, conferindo a uma constituinte o direito de reformar a constituição do imperio.

Iam além as conspirações e as luctas politicas; sociedades secretas, centros perigosos de discussões e de não veladas ambições, organisaram-se na capital e sómente á energia, á actividade, á largueza de vistas de Feijó, cadimo na arte de governar os homens, se deve o triumpho constante e inabalavel da lei, do direito, e da autoridade suprema do Governo.

Causas multiplas, desafeições creadas pelos governos regenciaes, motivadas na sua maioria pela politica energica e intransigente de Feijó, deram com seu governo em terra e Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, substituiu-o n'aquelle posto que pouco deveria occupar. A nação estava cançada das regencias.

As luctas renovavam-se em varias Provincias; o Rio Grande do Sul tentava sacudir o jugo, tornando-se republica independente; o Pará via-se dilacerado por commoções intestinas, e na Bahia, claramente, firmemente, a revolução de 1837 estampa em seu Programma a independencia da provincia emquanto durasse a minoridade do imperador.

Todos esses factos, todos os descontentamentos, todas as ambições impellem S. Paulo, ou antes os seus illustres Andradas a levantar no parlamento a questão que, vencedora, seria a gloria e o poder

para uns, e o anniquillamento para muitos. Debaixo desse aspecto doloroso surgiu o anno de 1840.

Em 3 de Maio a representação nacional reunida no senado ouviu a fala do throno; a resposta da Camara foi o primeiro passo para a lucta. Um periodo, novidade nos estylos parlamentares, prendeu a attenção do paiz; a Camara promettia occupar-se de varios assumptos, «vendo com prazer approximar-se a maioridade do Imperador».

E dias depois com a connivencia de D. Pedro II, a proposta que devia declaral-o maior era apresentada no Senado pelo Sr. Hollanda Cavalcanti.

E' a este facto de tão grande importancia de nossa historia politica que se refere o Senador Vallasques na carta que transcrevo:

Exm.° Am.° e Collega Sr. Visconde.

Pelo Hollanda foi no Senado apresentado um projecto declarando maior o Imperador: hoje entrou em 1.ª discussão, e porque ninguem falasse, largou a Presidencia o Sr. de Paranaguá e falou a favor; ninguem mais pediu a palavra; posto a votos cahiu o projecto por mais dois votos; eis os votantes:

Pró: M. de Paranaguá, M. da Palma, Vergueiro, Hollanda, M. Caetano, Paula e Albuquerque, Lima e Silva, Saturnino, Conde de Lages, Alencar, Jardim, Ferreira de Mello, Manuel Ignacio Souza, Costa Ferreira, Paes de Andrade e Francisco de Paula Cavalcanti.

Contra: Oliveira, Vallasques, Paraizo, V. da Pedra Branca, Cassiano, Alves Branco, Gama, Evangelista, M. de Maricá, V. de Congonhas, Marcos Antonio, Rodrigues de Andrade, Antonio Augusto, Araujo Vianna, Patricio, Cunha Vasconcellos, Carneiro de Campos e Nabuco.

Dos jornaes saberá das noticias do sul, que são favoraveis á causa Imperial; mesmo na campanha ou Campos do Rio Grande já andam guerrilhas ou bandos de tropas contra os rebeldes; é verdade que os rebeldes tomarão outra vez a companhia, porém tiveram perda.

Do amigo obrigado. — VALLASQUES.

Rio, 20 de Maio de 1840.

Essa questão, porém, concretisava uma bem grande aspiração para fenecer logo ao primeiro embate.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, a figura mais valente e o talento mais tempestuoso dessa phase de nossa historia parlamentar, na sessão de 21 de Julho, na Camara, apresenta identico projecto e provoca renhido debate terminado pela concessão da urgencia pedida para a sua discussão.

Nesse interim a regencia, assignando o decreto de adiamento das Camaras, rompeu o dique que ainda continha as paixões e as ambições das minorias das duas casas do parlamento.

Alvares Machado, Antonio Carlos, Martim Francisco e outros deputados no auge do espanto e da indignação, prorompem em vehementes insultos contra a regencia inconstitucional; Antonio Carlos pronuncia a celebre phrase que deveria dar-lhe o ministerio pouco depois: «Quem é patriota e brasileiro saia commigo para o senado, abandonemos essa camara prostituida»!

No Senado, deputados e povo, convidam ao illustre Marquez de Paranaguá a assumir a presidencia dessa sessão unica em nossa historia.

Uma commissão, composta de Antonio Carlos, Vergueiro, Marquez de Lages, Alencar, Hollanda Cavalcanti, Martim Francisco e Montezuma, é

enviada a S. Christovão ao joven Imperador para que sem demora empunhe as redeas do governo. Concordou D. Pedro II e no dia 23 o Marquez de Paranaguá, de pé, acclamado pelos deputados, senadores e povo, pronuncia as palavras seguintes: «Eu, como orgam da representação nacional, em assembléa geral, declaro desde já maior á S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II, e no pleno exercicio dos seus direitos constitucionaes».

A's 3 e meia horas desse dia de incomparavel tradição, o Imperador comparecia no seio do parlamento e prestava o juramento que determinava a Constituição.

E terminou assim a lucta mais notavel que tem havido no parlamento brasileiro.

J. Góes.

Exploração do Mucury e Gequitinhonha

(COMARCAS DE CARAVELLAS E PORTO SEGURO)

VIAJANDO pelos sertões entre as duas ultimas Comarcas do Sul desta Provincia e o Norte da de Minas Geraes com o fim de colher dados que ponhão o Governo ao alcance de mais convenientemente curar dos interesses materiaes das mesmas Comarcas, muito ardua teria sido a minha commissão, se se tratasse de uma região povoada, onde a civilisação tivesse estreitado o circulo, dentro do qual póde uma intelligencia mediocre propôr melhoramentos. Em um paiz sem população ainda, cheio de recursos naturaes, onde apparecem apenas signaes de vida em alguns pontos destacados, a missão do administrador se limita ao estudo das posições relativas d'estes diversos pontos, d'esses mesmos recursos naturaes, e a d'elles tirar partido para pôr em relação entre si esses germens de vida, de modo que esta se vá propagando pouco e pouco pelos intervallos, e assim se vão estabelecendo as grandes arterias, d'onde naturalmente partem depois as ramificações que formão o detalhe da economia de um paiz em prosperidade. He aqui que começão os empenhos da arte apurada, os recursos das sciencias do engenheiro e do administrador são então postos á prova para o engrandecimento e aperfeiçoamento da civilisação do paiz.

As povoações das Comarcas do Sul da Provincia definhão; a falta de uma policia que garanta a segurança individual, e que tome contas a centenares de individuos do máo emprego que

fazem do seu tempo, a corrupção dos costumes de que he mãi fecunda a pratica do processo das eleições, darão cabo d'ellas, se o Governo, empenhando-se em reprimir os abusos que as flagellão, ao mesmo tempo não se apressa em pôl-as em relação com a populosa Provincia de Minas, de que estão separadas por uma extensa banda de terreno admiravelmente susceptivel de proveitosa cultura, e abundante de productos naturaes de facil exploração, mas inteiramente abandonado a meia duzia de tribus mingoadas de botocudos, que fazem guerra de exterminio ao ousado industrioso que se aventura a entranhar-se um pouco, tanto da parte da Provincia de Minas, como da nossa, em busca de tirar partido do que tão abundantemente alli offerece a natureza.

Proponho-me pois, n'esta breve memoria explicativa dos mappas que fazem o objecto dos trabalhos da Commissão que tive a honra de dirigir: 1.º dar idéa do estado material das nossas povoações das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro, assim como da parte da Provincia de Minas que percorri e que corresponde ao centro das mesmas Comarcas: 2.º comparar a navegabilidade do Mucury com a do Gequitinhonha: 3.º propôr o que mais urgente me parece no intuito de estabelecer e facilitar communicações entre as povoações da costa e a industriosa e populosa Provincia de Minas.

Na intima convicção de que a primeira necessidade material das nossas povoações em decadencia he estabelecer relações com um centro já povoado por meio de vias de communicação, não direi, que encurtem as distancias, mas que ponhão um termo ao infinito que as separa, tirando partido do que nos offerece a pura natureza, e mesmo estabelecendo algumas picadas pouco dispendiosas por onde os emprehendedores mais ousados possão

conduzir seus generos á costa e assim animem os mais timidos, não tenho a vaidade de acreditar que proponho o que ha de melhor; pelo contrario estou persuadido que uma viagem de exploração de quatro mezes, luctando com innumeras difficuldades, muito deixa a desejar, além de que é claro que, para o traçamento de cada uma das vias de communicação propostas, são indispensaveis explorações especiaes, que muito podem concorrer para alteração de um plano geral concebido em vista de um conjuncto, cujo detalhe se não conhece ainda bem.

Entre os parallelos de 15.° 40' e 18.° 7', mais ou menos, as Comarcas de Caravellas e Porto Seguro não são as unicas que constituem o que se póde chamar Comarcas do Sul da Provincia; portanto os trabalhos, que ora tenho a honra de apresentar a V. Ex., comprehendendo unicamente a topographia d'estas Comarcas e de parte da Comarca do Gequitinhonha, na Provincia de Minas Geraes, não poderão plenamente satisfazer as vistas de V. Ex., quando em suas instrucções ordena uma viagem ás Comarcas do Sul, no intuito de informal-o sobre as suas mais urgentes necessidades materiaes. V. Ex. porém comprehende a impossibilidade de percorrer maior extensão com proveito, sem um intervallo de repouzo, que permitta, não sómente reganhar as forças perdidas em jornadas de tantos soffrimentos, senão tambem a digestão de notas que, com o tempo, se vão apagando e perdendo. V. Ex. sabe tambem que a lacuna consideravel que se encontra no mappa geral da exploração, em não ter sido estudado o Rio Pardo, que talvez possa ser aproveitado em meio de communicação com a Provincia de Minas, foi devida á grande enfermidade de que foi victima o meu companheiro de Commissão; desgraça que me reteve quasi dous mezes na Comarca de Porto

Seguro sem que me fosse possivel fazer longa ausencia, qual a que demandaria o exame do mesmo Rio Pardo.

Tendo assim traçado os limites topographicos das informações que tenho de submetter á consideração de V. Ex., vou dizer o que sei a respeito da região percorrida, referindo-me aos mappas topographicos que, com esta memoria ou relatorio, serão presentes a V. Ex.

He facto attestado pela experiencia que, para que as povoações de uma costa qualquer cheguem a estado de prosperidade, he indispensavel, pelo menos, uma d'estas duas condições: 1.ª um centro povoado a cujos productos sirvão de entreposto; 2.ª um certo gráo de desenvolvimento na industria manufactureira propria que por si só possa fazer o objecto de uma consideravel exportação. Ora a ultima destas condições suppõe um gráo de civilisação, de que infelizmente estamos ainda muito longe; entretanto que não se póde duvidar que a industria agricola he de facil estabelecimento mesmo nos paizes novos, mormente quando, como entre nós acontece, a natureza do terreno nada deixa a desejar para o seo rapido progresso.

Parece que a natureza destinou as costas exclusivamente para lugares de depositos onde se effectuem as permutas entre os diversos paizes: os seos habitantes, fiados no peixe que lhes fornece o mar, habituados a vida do mar, tem muito pouca coragem para se entranharem pelo centro e cultivarem as terras. Sem o movimento de uma marinha commercial que os occupe e empregue, unica industria para que elles têm suas faculdades apuradas, definhão, longe de prosperarem. Na grande extensão que percorri no terrirorio do Pará, o estado selvagem me parece menos bruto e desgraçado, a medida que me afastava das margens dos

rios piscosos, e dos lugares abundantes de caça; esse tal ou qual bem estar do selvagem me pareceo menos miseravel nas cabeceiras dos Rios Surumú, e Coatin, dous elementos insignificantes do Rio Branco. Alli encontrei uma população numerosa, algumas plantações regulares de canna, milho, mandioca e outros legumes, e até algumas flores de nossos jardins plantadas na frente de uma choupana! Pode-se talvez estabelecer que a população do centro he o mais justo thermometro da prosperidade da costa que lhe serve de deposito commercial.

Estes principios explicão satisfactoriamente, com a diminuição dos braços escravos, a decadencia em que vão algumas das povoações das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro, e o estado estacionario em que vegetão outras. Exceptuando a cultura do café feita por mais de dous mil captivos dos fazendeiros estrangeiros que, ha poucos annos, se têm estabelecido, com o titulo de Colonia Leopoldina, nas margens do rio Peruhipe, bem poucas e limitadas são as plantações das margens dos rios d'aquellas Comarcas. Passarei em revista uma por uma as suas povoações, afim de vêr se mais me aproximo de uma idéa justa que possa a V. Ex. cabalmente inteirar do seo estado material.

COMARCA DE CARAVELLAS

«Villa de São José de Porto Alegre». Situada á margem esquerda do Rio Mucury, junto de sua

fóz, no pararello de 18.° 6.' 43.", (1) está esta villa reduzida a quarenta ranchos de palha mal arranjados e cinco ou seis cobertos de telha, e uma igreja em construcção, cujo aspecto se confunde um pouco com o de um edificio em ruina, e por isso muito em harmonia com o restante da povoação. A população de todo o seo districto não chegará a 250 almas, depois da dissolução da Colonia, que alli fazia a sua residencia. Duas causas concorrem simultaneamente contra a prosperidade do Mucury. A indolencia e habitos de vida que desvião seos habitantes de um trabalho regular, e a imprevidencia no consumo da pouca provisão

(1) As latitudes são aqui determinadas por series de alturas do Sol tomadas de manhã, quanto foi possivel, junto do primeiro vertical, combinadas com outras tantas series tomadas depois da passagem, tão perto do meridiano quanto permittia o instrumento, que foi sempre um Sextante; com excepção das alturas tomadas na villa de S. José de Porto Alegre, em que me servi de um Theodolito, que me não dava segundos. Por aqui se vê que, sendo o tempo apparente das alturas que entrão no calculo da latitude, determinado, como já disse em outra parte, por essas mesmas alturas, o resultado das minhas observações deve estar affectado dos defeitos que podem vir da impropriedade do momento em que he determinado o tempo verdadeiro da segunda observação. Mas esses defeitos, quaesquer que elles sejão, são muito menos sensiveis que os que vêm da susceptibilidade do relogio em variar de marcha segundo as differentes posições em que pode ser transportado ou estar collocado, e segundo o estado Thermometrico da athmosphera. O quasi accordo entre as minhas latitudes com as do Barão de Roussin, desde que tive occasião de observar em pontos por elle determinados, me segura nesta persuasão.

As series tomadas em Porto Alegre em 8 e 15 de Maio de 1849 me derão os seguintes elementos para os calculos de latitude, que fornecerão a media que se acha no texto:

8 de Maio — Theodolito — Barometro — Thermometro.

Manhã 8 h 17.m 20.s, 40. t. v... Dist. zenith. corr. 65.° 6.' 24", 21.
Tarde 13. 7 25, 65. t. v... » » » —38. 58. 35, 60.

15 de Maio — Theodolito — Barometro — Thermometro.

Manhã 8 h 35.m 1.s, 52. t. v... Dist. zenith. corr. 62.° 27.' 40", 82.
Tarde 13. 24, 48, 81. t. v... » » » 42. 29. 45, 82.

A media afasta-se das latitudes calculdas de 6",9.

que lhes vêm de sua mesquinha lavoura, os fazem persuadir-se que lhes he impossivel viver com os unicos productos da terra, isto he, sem peixe; daqui o receio de se afastarem do mar. Por outra parte, a barbaridade do gentio que frequenta as margens do Mucury faria recuar o mais ousado que tentasse internar-se um pouco. Estão bem presentes os horrores commettidos por estes brutos com a familia do fallecido Violas, que muitas vezes os alimentava, as perseguições feitas a muitos outros, e o facto recentissimo do joven Vital, Secretario da Camara de Porto Alegre, que se suppõe ter sido devorado.

Houve um tempo em que alguma exportação se fazia no Mucury, seo porto era frequentado por uma ou outra embarcação de pequeno porte; porém hoje he impossivel arranjar-se alli carregamento para uma lancha. Durante a minha demora n'aquelle districto procurei mostrar aos seos habitantes a possibilidade de, por meio de associações entre os pequenos plantadores, completar-se o carregamento de uma ou duas lanchas por anno; baldados porém forão os meos esforços: os que parecião comprehender-me oppunhão como difficuldade o habito commum e pernicioso que tem muita d'essa gente de pouco se importar com o cumprimento de seos tratos; outros ouvião-me com tanta indifferença que algumas vezes cheguei a persuadir-me que lhes estava dizendo alguma heresia.

Hoje toda industria do Mucury está reduzida á fabricação de uma ou duas canoas por anno, por algum especulador de fóra, que n'aquelle trabalho emprega os habitantes do lugar, pagando-lhes em generos que leva comsigo. Por aqui póde V. Ex. julgar do estado de miseria a que está redusido aquelle districto.

«Villas de Viçosa e Caravellas». As condições topographicas d'estas povoações me não permittem separal-as. A primeira situada á margem direita do Peruhipe, a meia legoa de sua fóz, gozaria das vantagens de entreposto dos productos que pelo seo rio descem da Colonia Leopoldina, se não estivesse em relação com sua poderosa rival, Caravellas, por um excellente canal natural de quatro legoas, mais ou menos, por onde descem muitas embarcações do Peruhipe, a fazerem sua sahida ao mar pela sua barra, que he superior a de Viçosa, mormente quando o destino das embarcações he para portos ao Norte da Comarca. Por outra parte, os fazendeiros do Peruhipe, recebendo directamente do Rio de Janeiro ou da Bahia os generos do seo consumo e de suas fazendas, em troca de seos productos de exportação que tambem envião directamente, ou abastecendo-se de suas necessidades mais urgentes, em caso de demora de suas receitas, na villa de Caravellas por ser mercado mais abundante. Viçosa fica redusida a percepção dos impostos em favor do fisco, e por esta forma nenhum impulso recebe dos opulentos habitantes do seo pequeno sertão para o movimento commercial que, no caso contrario, produsiria o augmento do material da povoação. Assim o estado da Villa Viçosa não he prospero, pareceo-me estacionario, e o será em quanto as circumstancias concorrerem da forma por que acabo de expôr. A sua população chegará proximamente a 1300 almas, e a planta respectiva dará a V. Ex. idéa do seo estado material.

Caravellas não tem sertão: tanto vale a falta de um rio que afastando-se da costa ponha seos mingoados plantadores ao alcance das terras virgens do centro, unicas cultivaveis no estado actual da industria agricola no nosso paiz. Seo rio, distante de cuja fóz está situada, na margem

esquerda, no paralello de 17.° 40.' 31" (1), não passa de um bello canal de esgoto, em que se escoão as agoas das baixas que, em pouca distancia para o centro, se notão entre os rios Peruhipe e Itahen ou Alcobaça, como se póde vêr no mappa especial da Comarca; por isso as suas agoas nunca deixão de ser extremamente salgadas.

Sem sertão, como acabo de dizer, sem industria alguma manufactureira, apesar de sua excellente barra, não teria sustentado o gráo de importancia, que a colloca acima de todas as povoações das duas ultimas Comarcas do Sul, se não fosse o canal de Viçosa. Entretanto, sem considerar trez ou quatro edificios novos, construidos em melhor gosto do que o restante da povoação que he bastante antiga, não poderei assegurar que a Villa de Caravellas tenha progredido no seo material, em vista do quadro comparativo da exportação feita por sua barra durante os annos de 1845, 1846, 1847 e 1848, que tenho a honra de submetter á consideração de V. Ex. Vê-se ahi que o movimento commercial do seo porto não seguio uma marcha progressiva nos 4 annos contemplados;

(1) Tendo-me sido difficil voltar a Caravellas depois que recebi ordem de seguir para Minas, apenas tive, para calcular a latitude daquelle ponto, as series de alturas necessarias para um só calculo, que tomei por occasião de uma chegada que alli dei para expedir ao Governo o resultado dos trabalhos da Commissão sobre a extincta Colonia do Mucury. A esperança de ainda voltar áquella povoação e a escacez com que se deixava ver o Sol, no dia que destinei ás observações, fizerão com que eu não repetisse as minhas series daquelle dia. Comtudo não deixa de me merecer confiança esta latitude, em vista do accordo que ella me apresentou com o detalhe da Topographia feito a bussola e referido á um ponto visinho e conhecido.

Caravellas (junto á Igreja) 30 de Abril de 1849 — Sextante.

Manhã 8.h 4.m 11.s 45. t. v... Dist. zenith. corr. 66. 36. 12, 80.
Tarde 14. 50. 9. 06. t v... » » » 53. 4. 25, 42.

devendo notar-se que, de toda esta exportação, apenas alguma farinha e côco he producção do districto de Caravellas. Estimo a sua população em 2.600 almas, e a planta respectiva mostrará a V. Ex. a extensão do seo material.

D'esta idéa approximada das Villas de Caravellas e Viçosa, cujo complemento se encontrará nos mappas especiaes, se vê que esta ultima povoação, apezar de ter um pequeno sertão povoado de cerca de 2.000 almas empregadas na lavoura, produsindo 60.000 arrobas de café, além de outros generos de importancia secundaria, conserva-se em estado estacionario, e que Caravellas, usurpando lhe quasi todas as vantagens de entreposto, por causa da melhoria de sua terra, nem por isso tem progredido. Demoremo-nos um pouco na apreciação das causas que para estes phenomenos concorrem, afim de que não pareça compromettido o principio que acima estabelecemos, isto he, que os pontos do littoral de qualquer paiz só podem prosperar, ou por grande desenvolvimento de industria manufactureira, ou pela circumstancia de servir de entreposto aos productos de um centro populoso.

A importação directa que fazem os fazendeiros do Peruhipe dos generos do seo consumo, a conveniencia de fazerem subir as embarcações até o ultimo ponto (S. José) onde o rio permitte, para o carregamento do café, o melhor pé de mercado de Caravellas, e a commodidade de sua barra, são circumstancias, que concorrem simultaneamente para o isolamento e falta de progresso de Viçosa.

A mesma importação directa para a Colonia Leopoldina, d'onde resulta que he extremamente insignificante e casual o provimento feito no mercado de Caravellas por aquelles fazendeiros, o decrescimento da agricultura no districto e mesmo no de Viçosa, d'onde em grande porção concorrião

os productos para Caravellas, já por grande diminuição nos braços productivos, que são quasi exclusivamente os escravos, já porque a escacez das terras tem afastado muitos plantadores para os sertões de Alcobaça, são causas do pouco ou nenhum progresso de Caravellas.

Mas, convindo remover estes obstaculos ao progresso material d'estas duas povoações, seria de equidade constranger os fazendeiros do Peruhipe a se proverem das necessidades de seo consumo nos mercados de Caravellas e Viçosa, contra a vantagem de suas posições respectivas, e de suas relações intimas que lhes permittem associarem-se para se fornecerem mais a seo gosto nos grandes mercados do Rio e da Bahia? Não por certo; porque as suas necessidades estão acima do sortimento, que pode ter qualquer casa de commercio d'aquellas duas povoações, e se tornaria isto um verdadeiro vexame contra aquelles proprietarios. Seria de proveito e justiça que se impedisse a subida das embarcações até São José, a fazer alli seo carregamento, como houve quem o pensasse? Não, porque seria isto augmentar o risco do commercio e por consequencia pôr entraves ao seo desenvolvimento. O fazendeiro, que tivesse de descer com suas canôas carregadas de S. José ao Porto de Viçosa, teria de percorrer o caminho de 16 milhas mais ou menos, necessitaria de maior pessoal, mais tempo, e não conseguiria evitar o augmento de probabilidade de accidentes. Os justos deveres da authoridade publica não lhe permittem tolher o desenvolvimento de qualquer ramo de riqueza no intuito de fazer progredir artificialmente uma povoação, que não preenche as condições requeridas por e para esse mesmo desenvolvimento, suas vistas e seos empenhos se devem limitar, em materia de industria, a comprehender as tendencias e facilitar sua realisação, e quando muito proteger aquellas indicações que evidentemente se

coadunão com os interesses da mesma industria, e que só pelo seo atrazo se não tenhão ainda manifestado.

Em quanto a exportação do districto se limitava aos productos dos pequenos cultivadores das visinhanças da costa, Viçosa era o deposito mais conveniente para o carregamento das embarcações; mas hoje que o rio Peruhipe reune em estreito limite uma massa de cultivadores produzindo sufficientemente para occupar algumas embarcações no seo commercio, Viçosa perdeo toda a sua propriedade de deposito para este effeito.

As necessidades commerciaes indicão hoje S. José como ponto mais conveniente; convém pois que o Governo, longe de embaraçar, proteja o estabelecimento d'aquella povoação.

Vemos pois que Viçosa e Caravellas, tendo por unica fonte importante de riqueza, que as alimenta, por assim dizer, os fazendeiros do Peruhipe, não são susceptiveis de progresso senão tanto quanto crescer o numero destes povoadores do rio. Ora, hoje não he permittido duvidar do quanto he precaria a um paiz a riqueza produzida pela escravatura, mormente quando se trata de pôr termo a este infame commercio. A escravatura inutilisa os braços livres, já creando e sustentando os prejuisos sob que difinha a nossa população livre, já afastando-a de muitos misteres e por esta forma reduzindo os seos recursos para a existencia, circumstancia unica que explica a falta de progresso de nossa população. Não preciso sair dos mesmos districtos de Caravellas e Viçosa para mostrar um exemplo. Com effeito, he aos productos da escravatura que devem estas povoações o pé de prosperidade material a que chegarão; depois da abolição, esta tal ou qual difficuldade que forão encontrando os plantadores em substituirem os braços inutilisados ou perdidos, foi os desanimando e atrazando,

a ponto de que não he hoje possivel ás mesmas povoações conservarem a cathegoria a que chegarão, apezar da exportação de 60.000 arrobas de café que faz pelos seos portos a chamada Colonia Leopoldina, com seos 2.000 captivos.

E pois, se passa a ser uma realidade, como eu acredito, a supressão da escravatura, não sei qual será a sorte d'estas povoações, se o Governo não adoptar medidas que as ponhão em relação com o centro populoso de Minas Geraes, de modo que esta gente industriosa venha descendo a povoar os nossos sertões, onde de certo achará terras mais vantajosas para a agricultura, do que a que por aquella parte da Provincia se encontra, e onde não lhe faltarão excellentes portos para a exportação de seos productos, do que está actualmente privada.

« Villa d'Alcobaça ». He a terceira povoação da Comarca, a contar do Sul, cinco legoas ao Norte de Caravellas, com 1.500 almas proximamente em todo o seo districto. A sua planta, bem que reduzida a escala do plano especial da Comarca, serve com tudo para dar uma idéa approximada da importancia do seo material. Situada á margem esquerda do rio Itahen, junto de sua fóz, he, nas actuaes circumstancias, o justo entreposto dos productos das fertilissimas margens do seo rio, cuja exportação, pela maior parte feita por braços captivos, deve algum desenvolvimento a emigração dos antigos plantadores do districto de Caravellas, que, por falta de terras cultivaveis, d'alli se retirarão.

O quadro comparativo de sua exportação durante os annos de 1845, 1846, 1847 e 1848 não attestão uma marcha progressiva na sua riqueza, e nada vejo que possa fazer esperar melhoramento algum, a não serem as relações que, com o centro, possa o Governo estabelecer por meio de communicações com a Provincia de Minas; pelo contrario,

sendo os productos devidos, pela maior parte, á escravatura, naturalmente tendem a diminuir com o fallecimento dos braços productores. A lotação das embarcações que fazem a sua exportação darão a V. Ex. idéa das vantagens de sua barra, que sem duvida não he das peiores.

« Villa do Prado ». He a ultima povoação da Comarca digna de nota. Sua população montará a 300 ou 350 almas, e o quadro comparativo de sua exportação, durante os 4 annos de 1845, 1846, 1847 e 1848 completa a idéa que eu poderia dar a V. Ex. do seo progresso material. Os seos cultivadores tambem têm sido victimas das incursões dos selvagens, e por isso, como os habitantes do Mucury, não se alongão muito da costa. Tambem não são livres em geral os braços empregados na lavoura.

Eis o que posso informar a V. Ex. a respeito do material da Comarca de Caravellas, acrescentando que todas as vias de communicação, entre as diversas povoações, se limitão ás que offerece a costa na baixa mar, e á alguns trilhos em zig-zag que obrigão o individuo a andar o dobro do caminho que precisa fazer.

COMARCA DE PORTO SEGURO

Não são menos sensiveis os effeitos da falta de uma população central e da diminuição dos braços escravos a esta Comarca. A escravatura, ao passo que alguma cousa produzio para elevar as suas povoações a certo gráo de prosperidade, inutilisou de tal maneira os braços livres que hoje vão em sensivel decadencia com a falta de captivos.

« Villa de Porto Seguro ». A sua povoação mais importante, a Villa de Porto Seguro, está hoje reduzida ao commercio que póde alimentar a pesca das garôpas, em que tem empregadas cincoenta e

tantas lanchas, e a construcção de uma ou duas embarcações pequenas por anno; por isso já quasi toda ella se está mudando para o lugar denominado «Pontinha», junto de sua barra. A lavoura do seo districto, cuja população se póde estimar em 2.500 almas, não produz a farinha necessaria para o seo sustento. A sua barra, uma das melhores da costa da Comarca, tem perdido e tende a perder completamente o seo fundo pela indifferença com que se consentem que particulares vão tirar no recife, que, a semelhança de Pernambuco, forma o porto, as pedras que necessitão para suas construcções. Grande parte das agoas do fluxo e refluxo fazendo sua entrada por brexas assim abertas na muralha natural do porto, o movimento no canal da entrada das embarcações torna-se menos activo, e d'ahi o alteamento do seo fundo até completa obstrucção, se se continuar a facilitar o movimento das agoas por outras partes.

Não deixarei a Villa de Porto Seguro sem chamar a attenção de V. Ex. sobre a necessidade de fazer reparar o edificio que alli serve de cadeia e camara municipal. Com a despesa de dous a trez contos de réis poderá elle ser completamente restaurado, entretanto que se, d'aqui a alguns annos, quando elle tiver cahido em ruina total, e o Governo tiver de fazer outro, não o conseguirá, igual ao actual, com a despesa de seis a oito contos de réis; não tanto pela natureza da construcção, como pela singular anomalia, que alli se nota nos trabalhos publicos, como já tive a honra de explicar á Presidencia, informando um requerimento da Camara Municipal de Belmonte, que pedia o ajuste de contas com a Thesouraria Provincial, e augmento de consignação para a conclusão do edificio da cadeia da Villa. V. Ex. me permittirá transcrever aqui este mesmo documento, que me dispensará tambem de fallar n'este edificio publico,

quando tiver de passar em revista o material da Villa de Belmonte.

Illm. e Exm. Sr.—V. Ex. me ordena que informe o que me occorrer e poder servir de esclarecimento ás contas apresentadas á Thesouraria pela camara Municipal de Belmonte, afim de lhe ser por ella abonado o conto de réis que esta despendeo na parte, que está construida, do edificio que deve servir para prisão, e casa de suas sessões e das do Jury. Empregarei todo o empenho em esclarecer alguma cousa; porém desde já devo dizer que, não tendo jamais entrado no exame da maneira porque os differentes depositarios d'aquella quantia gerião a sua distribuição, não me he possivel dar informação alguma, que tenda a fazer desapparecer as justas irregularidades que authorisão a Thesouraria a recusal-as. Mas as contas irregulares, como estão, denuncião irregularidades ou extravios dos dinheiros confiados áquella corporação? Eis a questão a que parece estar reduzido todo este negocio, a vista da declaração que faz a Camara da impossibilidade em que se acha de fornecer mais esclarecimento algum, e eis sobre que eu poderei talvez adiantar alguma idéa.

A Camara Municipal de Belmonte, declarando que lhe era impossivel regularisar mais as suas contas, disse uma verdade que eu acho natural, depois que vi quão poucos individuos se encontrão por esses lugarejos que fação idéa do que seja uma conta regular, e menos ainda que estejão em circumstancias de a organisar. Por outra parte não só não ouvi fallar, durante o tempo que me demorei na Comarca de Porto Seguro, de máo emprego que a Camara de Belmonte tivesse feito dos dinheiros que lhe forão confiados, como tambem, a vista da necessidade que ella tem do edificio, do empenho que manisfestavão todos os seos membros de o verem concluido, não posso deixar de suppôr

que a sua irregularidade não passa além de suas contas. Ha porém um facto a notar-se, que poderia comprometter apparentemente á Camara, junto de quem ignorasse certas circumstancias locaes. He facto que, a obra, que está feita em Belmonte, não vale o dinheiro que n'ella se despendeo, e que, se ella tivesse sido feita por um particular, ter-lhe-hia custado talvez menos de metade do que ella custou á Provincia; porém a vista da mesma obra não posso dizer que houve desperdicio da parte dos seos directores. Primeiramente nós sabemos que, o interesse de um administrador de obras publicas, pela obra que administra, não o faz descer muitas vezes a certos detalhes e particulares, que muito concorrem para diminuir as despesas daquella, que he administrada por seo proprio dono. Além disto, he tal a irregularidade que se nota em todas as relações commerciaes n'esses miseraveis lugarejos, que se dá em qualquer d'elles um phenomeno, que desmenteria uma das leis mais positivas da Economia Politica, se não fosse elle mesmo a explicação do estado excepcional e desgraçado em que vivem os nossos compatriotas das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro. Nestas Comarcas, quem paga o dinheiro a vista he obrigado a pagar mais do que aquelle que paga a generos. O dinheiro alli não passa de uma unidade imaginaria pela qual se regulão os valores dos objectos e serviços prestados: o pagamento he sempre feito a generos. Os Indios, como chamão os especuladores ou regatões que por lá apparecem, pedem pelo jornal de seo trabalho um preço exorbitante expresso em unidade da moeda do paiz, o regatão que só paga em generos de consumo, como he senhor de pôr o preço a sua fazenda, muito pouco se importa com essa exorbitancia, porque está sempre no poder de não pagar mais do que aquillo que lhe convém: em proporção faz-lhes a conta dos generos que lhes adianta ou lhes dá em pagamento. D'aqui vém o

habito em que estão os naturaes de exagerarem os seos preços, exageração que se torna muito real e positiva para os que tem de pagar a dinheiro. Eis o caso em que estava a Camara, cujo agente naturalmente entendeo não dever reduzir a consignação a generos para alcançar a vantagem de que gosão os seos proprios membros nas suas transações particulares com os naturaes do lugar. Deos Guarde a V. Ex. Bahia 6 de Setembro de 1850.—Illm. e Exm. Sr. Dr. Vice-Presidente da Provincia.—I. V. Perderneiras Capitão d'Engenheiros, Chefe da Commissão de exploração do Mucury e Gequitinhonha.

«Villa Verde e Nossa Senhora d'Ajuda.» Na margem esquerda do rio de Porto Seguro, a quatro ou cinco legoas da costa, está situada uma aldeia com o titulo de Villa Verde e honras de municipio independente. Sua população chegará apenas a 150 ou 200 almas e o aspecto de sua povoação mostra decadencia. Os moradores do districto nada exportão, a não ser alguma madeira que fazem descer para os pequenos estaleiros de Porto Seguro.

Junto a costa e a mesma margem está tambem a muito antiga povoação de Nossa Senhora d'Ajuda, que nenhuma razão tem para prosperar. Sua população chegará a 150 almas.

«Villa de Trancozo.» A trez legoas ao Sul de Porto Seguro está a povoação de Trancozo com 150 a 200 almas. Não tem exportação alguma, mas fornece grande parte da farinha do consumo de Porto Seguro.

«Villa de Santa Cruz». A' igual distancia para o norte de Porto Seguro está a Villa de Santa Cruz. Não he mais feliz do que as outras povoações da Comarca, e até mesmo a gloria de haver dado nome ao Imperio parece fenecer com ella. Possue no seo porto apenas trez ou quatro garôpeiras, que, como as de Porto Seguro, se empregão exclusivamente

na pesca. Sua população andará por 500 almas e os edificios mais importantes, já cahindo em ruinas, attestão a sua decadencia.

«Villas de Belmonte e Cannavieiras.» São as duas povoações que mais proporções reunem para um futuro engradecimento logo que as duas provincias de Minas e Bahia, tomando em consideração os seos verdadeiros interesses, se decidão a tirar partido de navegabilidade do rio Gequitinhonha. Esta mesma circumstancia torna mais lamentavel a sorte d'estas duas povoações. Belmonte he por assim dizer a mesma aldeia de ha 30 annos, e Cannavieiras algum fraco impulso tem recebido dos exforços e actividade do actual Juiz Municipal dos dous termos reunidos, o qual alli faz sua residencia. A população de Belmonte andará por 1.200 almas, sendo a de Cannavieiras pouco menor. Exporta Belmonte alguma madeira de construcção, e importa annualmente 20.000 alqueires de sal para o commercio de Minas pelo Gequitinhonha; he em que se empregão sete pequenas embarcações que tem no seo porto, e o que tem sustentado a Villa no pé em que se acha.

Cannavieiras tambem envia ao Gequitinhonha algum sal pelo rio da Salsa e canal Poassú, mas o seo principal commercio consiste na exportação de algum jacarandá, e outras madeiras de construcção, côco e algum arroz.

«Una.» He a ultima povoação ao norte da Comarca, como se póde vêr no mappa geral e no especial da Comarca de Porto Seguro. Constará de 150 habitantes, e exporta directamente pela barra do rio do mesmo nome alguma madeira e côco.

Não terminarei esta revista das povoações das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro sem declarar a V. Ex. que, a excepção do que diz respeito á insignificante povoação de Comoxatiba em Caravellas, e a villa de Trancozo em Porto Seguro,

todas as informações forão colhidas por mim pessoalmente nos proprios lugares, e as notas topographicas tomadas á bussola.

CENTRO DAS COMARCAS DE CARAVELLAS E PORTO SEGURO. COMARCA DO GEQUITINHONHA

Depois de ter dado alguma idéa do que são as nossas duas ultimas Comarcas do Sul na costa, convém que percorramos um pouco a região que lhes serve de centro, tanto a porção que faz parte das mesmas, como a que, pertencendo a Provincia visinha, com ellas contesta pela parte de Oeste.

Em trez zonas bem distinctas se divide a região comprehendida entre Mucury e o Gequitinhonha.

Uma estreita banda de terreno baixo, de formação recente, justamente o que os geologos chamão «cordão littoral», guarnece a costa. Formada em geral pelas alluviões transportadas pelas agoas do centro, ella se alarga mais ou menos nas visinhanças das embocaduras dos grandes rios; e assim he que ella se estreita a ponto de desapparecer completamente quando se approxima de Trancoso e de Porto Seguro, onde falhão os rios de alguma importancia. A excepção das Villas de Porto Seguro, Verde, Trancozo e Santa Cruz, todas as mais povoações da costa são assentes no cordão littoral. Fraco, e por isso não se prestando a muitos generos de cultura, este terreno he com tudo o mais proprio para plantação da palmeira vulgarmente conhecida pelo nome de coqueiro, e he tambem aproveitado na cultura da mandioca, bem que não com muita vantagem. No mappa geral das Comarcas V. Ex. achará marcados os limites do cordão littoral pelas linhas de nivelamento que indicão o começo das alturas.

Estas mesmas linhas, e a linha mais ou menos sinuosa, que liga ás duas primeiras cachoeiras do

Mucury e Gequitinhonha, formão os limites L. O. da segunda zona. Vinte a trinta braças acima do mar, sulcada por innumeraveis ribeiros que vão desaguar nos rios principaes de toda esta região, que são, além do Mucury e Gequitinhonha, o Peruhype, o de Alcobaça, o do Prado e o de Porto Seguro, esta zona, formando uma superficie ou antes chapada quasi regular, he o terreno mais productivo d'aquellas Comarcas. As magestosas florestas que o cobrem o attestão. He alli que se encontrão as arvores seculares que fornece as melhores peças de madeira de construcção, tanto nautica, como civil, mas que são mesquinha e estragadamente explotadas; he n'este terreno que as destruidoras derrubadas abrem campo para as plantações mais rendosas da nossa agricultura; he em uma fracção imperceptivel d'esta chapada que os fazendeiros do Peruhype colhem as suas 60.000 arrobas de café annualmente, além da farinha e mais producto do consumo de suas fazendas.

Segue-se a terceira zona que começa onde principião a sobresahir as primeiras intumecencias do contraforte da grande serra, cujo espinhaço separa as agoas do alto-Mucury das do alto-Gequitinhonha. Não faltão aqui os terrenos agricultaveis; mas começando a ser a superficie occupada por montanhas do terreno primitivo, os limites d'estas terras se vão estreitando á medida que se avança para as cabeceiras do Mucury, onde já não são sómente picos de granito que apontão na superficie, porém grandes serranias que apenas deixão a forte vegetação aos seos grandes valles. Menos productivo porém se torna o aspecto do terreno logo que se atravessa o espinhaço, de cerca de 500 braças acima do mar, onde começam as vertentes do Arassuahy. Alluvião quasi exclusivàmente composta de cascalho, apenas servem as terras altas d'esta parte da Comarca do Gequitinhonha para a vegetação de um capim amesquinhado pela innumeravel vari-

edade de arbustos inuteis, alli conhecidos com o nome «catingas e carrascos.» Não póde ser muito proveitosa a creação do gado n'estes campos, e o preço por que se vende alli uma rez bem prova a sua não mui grande abundancia. A mesma vegetação dos valles he bastante fraca, ou ao menos não se encontrão n'elles grandes arvoredos que possão fornecer peças importantes de madeira para a construcção. Entretanto parece que esta terra he a mais propria para a cultura do milho que forma a base fundamental de todo o sustento n'aquella Provincia. Com effeito o milho he o pão do Mineiro, o milho he o creador da grande quantidade de toucinho e carne de porco que alli se consome, finalmente o milho sustenta, pela maior parte, a numerosa quantidade de animaes alli empregados nos transportes.

Mas se a fraqueza da vegetação na Comarca do Gequitinhonha forma um perfeito contraste com a robustez da dos nossos sertões, parecerá contra natural a muita gente, que a civilisação Mineira avantage tanto sobre a de nossas costas; entretanto sua população crescida, a abundancia em que vivem seos habitantes a respeito dos generos de primeira necessidade, e sobre tudo o mesmo vigor individual annuncião um bem estar, de que estão longe de gosar os nossos compatriotas da costa. Nunca encontrei em Minas os embaraços com que luctei na costa para achar alimento, apesar da amabilidade com que seos habitantes mais notaveis se empenhavão em facilitar-me tudo, e mesmo em obsequiar-me.

A explotação do ouro, do diamante e das crysolitas trouxerão os primeiros habitantes para aquelles sertões, e como alli não havia mar que lhes promettesse peixe, nem vastas florestas que lhes facilitassem a caça, a necessidade lhes foi fazendo vêr a conveniencia de empregar grande parte de suas forças na cultura das provisões indispensaveis para

seo sustento, em quanto a outra parte se occupava da mineração. Qualquer conceberá o cuidado com que se devião empenhar os primeiros habitantes d'aquelles sertões em tirar da terra os recursos que a natureza lhes negava promptos, e á cuja importação se oppunha a grande barreira da falta de communicação. D'aqui o habito de um trabalho regular, e a previsão com que se procura produzir mais do que urgem as necessidades do anno, afim de evitar as privações dos annos pouco rendosos; d'aqui a abundancia em que vivem os Mineiros, e o progresso de sua população.

He porém forçoso reconhecer que este progresso hoje se echa em frente de um forte obstaculo, mas que um simples accordo entre as duas Provincias limitrophes poderá remover. Sendo as pedras preciosas quasi o unico objecto de exportação que sustenta a Comarca do Gequitinhonha, e talvez as do Serro e São Francisco, em consequencia da difficuldade de communicações, por onde fação sahir quaesquer generos volumosos da industria agricola aos mercados mais convenientes, o paiz progredio rapidamente em quanto a raridade das mesmas pedras na Europa lhes conservou preço vantajoso n'aquelle mercado; porém hoje que este ramo de commercio tem perdido muito de sua importancia, vão aquellas Comarcas ficando reduzidas a buscar recursos ás suas necessidades em outra qualquer industria de pouca vantagem, com tanto que seos productos sejão de facil transporte, em vista da quasi absoluta privação, em que se achão, de vias de communicação. A creação do gado por exemplo, não he a industria mais facil e conveniente aos habitantes do Gequitinhonha, entretanto fazem descer uma ou duas boiadas annualmente a costa por pessimos caminhos, por isso mesmo que he mercadoria de facil transporte.

He portanto evidente que os generos de exportação irão apparecendo á medida que as commu-

nicações se forem abrindo e melhorando, mormente quando se estima a importação annual das duas Comarcas (Serro e Gequitinhonha) no valor de 4.000:000$000 quasi tudo genero de producção estrangeira. Ora eu creio que ninguem sustentará que a exportação de pedras e mineraes preciosos d'aquellas duas Comarcas possa chegar actualmente a este valor; e por aqui julgue-se da necessidade que tem aquella parte da Provincia de outros productos, que exportando, possão vir em soccorro aos diamantes, ao ouro e as crysolitas, para a sustentação da sua importação. Tratando-se de um povo industrioso, como o Mineiro, está nas mãos do Governo a creação d'estes productos; basta facilitar-lhes as vias de communicação. Reviveria a cultura do algodão, que encontraria nas fabricas de fiar da Bahia prompto consumo; o mesmo milho, o feijão, a carne, tanto de vacca como de porco, o toucinho, emfim muitos outros productos appareceria que, ainda não sendo abundantes, concorrerião para completar o valor dos generos da importação estrangeira necessaria áquellas populosas Comarcas.

Admittindo mesmo que as pedras preciosas chegassem para a indemnisação da importação das Comarcas do Gequitinhonha, do Serro e de São Francisco, bastaria a difficuldade com que lucta a mesma importação para chamar continuadamente a attenção do Governo sobre as necessidades materiaes d'aquelle lado da Provincia. Os Srs. Ottonis, na sua exposição sobre a conveniencia de explotar a navegação do Mucury, estimão a despesa de transporte das mercadorias de consumo das duas Comarcas, Serro e Gequitinhonha, para as fazendas em 4 por °/₀, 15 por °/₀ para as drogas, 40 por °/₀ para a louça e 70 °/₀ para os molhados: he bem desgraçada a condição dos Mineiros do Norte, e muito têm elles que esperar do Governo n'este ramo da publica administração!

Entretanto estas mesmas Comarcas vêem-se cobertas de um tecido de ribeiros, riachos e rios, que, associando-se mesmo no seo territorio, vão mais ou menos magestosos levar o tributo das agoas de sua superficie ao oceano; rios hoje mais ou menos conhecidos, dos quaes são, pelo lado mais proximo do mar, o Mucury, o Gequitinhonha e o Rio Pardo os mais importantes. Ora, sendo positivo que as vias de communicação por agoa são as mais convenientes ao commercio, não nos será permittido utilisar alguns destes grandes vehiculos naturaes, afim de melhorarmos a sorte dos habitantes industriosos do Norte de Minas, cujas necessidades reclamão urgentemente caminho, pelo qual fação descer seos productos a lugar onde possão encontrar em troca os que lhes faltão para seo consumo, e ao mesmo tempo melhores condições para sua actual importação? Não poderemos nós utilisar alguns d'estes rios, em beneficio das nossas povoações das Comarcas do Sul da Bahia, que suspirão com razão pela descida dos Mineiros e de seos productos aos seos portos como unico remedio á sua decadencia? A estas questões se encontrará talvez solução na seguinte parte do meo trabalho, em que me esforça rei por dar uma idéa exacta da navegabilidade dos rios Mucury e Gequitinhonha; restando-me o pesar de nada poder dizer a respeito do Rio Pardo, por isso que, como já fiz vêr a V. Ex., foi-me impossivel exploral-o.

MUCURY E GEQUITINHONHA

SUA NAVEGABILIDADE

Naõ conheço trabalho algum especial e regular sobre cada um destes dous rios, por isso, e por naõ desejar ser longo n'esta pequena memoria, me abstenho de procurar examinar o que até aqui se tem avançado sob o ponto de vista de

sua navegabilidade. V. Ex. ha de porém permittir que eu considere um pouco uma exposição feita á Presidencia de Minas em 1837, por um individuo estrangeiro que se assigna *encarregado da expedição do Mucury*, aqui publicada pelos jornaes em 1846.

Esta peça official só he notavel pelo mal que produzio, já illudindo a boa fé e patriotismo dos illustrados Srs. Ottonis, já desviando a attençaõ do Governo do rio Gequitinhonha, como meio de communicação d'aquella parte da Provincia com a costa. N'esta exposição de cousas triviaes que, pela maior parte, podião ser ditas por quem nunca tivesse ido ao Mucury, balda de idéas profissionaes e recheada de simplicidades do charlatanismo ignorante, toma o seo author por muito barato calumniar a navegabilidade do Gequitinhonha, ao passo que confessa que, apenas viajou por parte da estrada que acompanha aquelle rio: justamente com a mesma candidez com que dá por doutrina muito corrente que, o gentio que no Mucury encontrou *veio em numero immenso da Azia pelo estreito Bering ha 50 annos;* diz que procurou informar-se dos mais velhos de como tinhão vindo; affirma que as frechas do gentio eraõ *hervados com urucú*; finalmente mil outras simplesas que denunciaõ bem o estado miseravel a que está ainda reduzida no nosso paiz a classe da engenharia, esta especialidade taõ importante de todo o systema de administraçaõ publica.

Parece impossivel que só a profissão do engenheiro esteja ainda debaixo do dominio do charlatanismo em um paiz, onde, em troca do titulo d'engenheiro, se exige de um pobre moço sete annos de estudos especiaes, além do tempo e despesas consumidas em humanidades preparatorias! Ao medico, tanto nacional como estrangeiro, para se occupar das funcções desta profissão, ao jurisperito para entrar na classe dos

magistrados, he preciso munir-se de um diploma; ao engenheiro, para dispor dos dinheiros dos contribuintes, basta um nome estrangeiro, pretenções de profissional e sobre tudo muito charlatanismo, ficando só aos nacionaes a rigorosa obrigação de apresentar titulos. Ou a eschola dos engenheiros no Brasil he uma pura decepção que inutilisa a mocidade, condemnando-a a sete annos de estudos sem fructo, e entaõ precisa urgentemente ser reorganisada, ou os seos filhos não devem ser equiparados, perante a authoridade, a qualquer charlataõ estrangeiro que se apresente com pretenções sem titulo algum.

Desculpe-me V. Ex. este pequeno desvio a que me levou o justo resentimento pela injustiça, com que, na pratica do serviço público, se menospresaõ e postergaõ os direitos da classe do nosso paiz, que a maiores sacrificios he sujeita para alcançar um titulo scientifico. Volto ao meo proposito.

Mucury. O mappa geral das Comarcas do Sul, os perfis dos rios Mucury e Gequitinhonha que V. Ex. encontrará no alto do mesmo mappa, e o que eu já disse da regiaõ comprehendida e banhada pelos mesmos rios, me dispensaõ de uma longa descripçaõ.

O rio Mucury se póde dividir em duas partes, considerado debaixo do ponto de vista de sua navegabilidade: aquella em que seo leito percorrendo os valles de *ruptura* das differentes ramificações do contraforte da Serra, he a cada passo desviado e interrompido por largos travessões de granito, formando de quando em quando pancadas de 10, 20, 30, e 40 palmos de alto; e a outra em que suas agoas, desprendidas dos tropeços atrapalhadores de sua marcha se vaõ deslisando rapida, porém mansamente, em sinuosissimo leito, dentro de um largo valle de *erosão* aberto sem duvida por antigas inundações mais abun-

dantes, na chapada alta de alluvião (*dilluvium*) que sustenta as nossas mais bellas florestas d'aquella parte, até chegarem ao oceano. A esta parte chamaõ vulgarmente rio de areia; sendo a outra denominada rio de pedras.

O rio d'areia do Mucury só tem contra si o ser muito sinuoso e correr com a velocidade media de duas milhas por hora. São tantas as voltas que elle dá que para avançar 15 legoas no seo rumo geral (N. O.) serpentea o caminho de 24 legoas. Em uma canôa guarnecida de 5 homens, dos quaes 4 empurravaõ á varas, não pude chegar de Porto Alegre a sua primeira cachoeira, Santa Clara, com menos de 39.h e 15 minutos, estando o rio quasi nas suas minimas agoas, o que equivale a 5 dias de viagem puchada com carga. Comparando a subida e descida que eu já havia feito até a metade de sua extensão pouco mais ou menos achei esta relaçaõ 2,475, que nos mostra que o tempo necessario para descer da Cachoeira de Santa Clara á Villa se reduz proximamente a 16 horas, isto he, dous dias muito aproveitados.

A mesma difficuldade da subida explica a facilidade da descida, e as indicações barometricas, dando-me 31 braças (3) para a altura de Santa

(3) O nivelamento barometrico perde muito de sua precisão, desde que se naõ dá uma tal ou qual simultaneidade nas observações dos dous pontos cuja altura relativa se quer determinar, e ao mesmo tempo a distancia que os separa não he tal que o estado da athmosphera fique muito proximamente igual em um e outro ponto, afora as differenças que podem vir das posições do instrumento no sentido da vertical. A' nenhuma d'estas condições satisfazem as observações em que fundo os nivelamentos que fiz dos dous rios Mucury e Gequitinhonha, por isso não tenho pretenções ao menor rigor mathematico. Devo, porém, advertir que procurei, sempre que me foi possivel, comparar as observações de dias cujo estado athmospherico me pareceo identico; e que os resultados nunca desmentiraõ o juizo que eu hia fazendo pelas difficuldades que ia encontrando na navegaçaõ. Convém ainda

Clara sobre o mar, vaõ perfeitamente de accordo com estas circumstancias. Não sei se naõ será á sua longa sinuosidade que deve o rio de areia do Mucury um canal sempre franco á navegação, ainda mesmo nas grandes seccas; estou porém persuadido que uma embarcação de vapor, que naõ demandasse mais de 5 pés d'agoa, nunca seria interrompida na sua marcha por falta d'esta.

He inutil repetir que as altas margens do grande valle do rio de areia do Mucury saõ povoadas das nossas mais bellas florestas.

A latitude da fóz do Mucury sendo 18.°6.'43." e a de Santa Clara 17.°47.'15." (4) este rio vem a avançar para o Norte 19.'28." até o começo do rio de pedras, de que passarei a me occupar.

A segunda parte em que dividi o rio Mucury, o rio de pedras, avança proximamente 18 legoas no mesmo rumo geral que o rio d'areia, até a confluencia do Rio Preto, que n'elle entra pela margem esquerda. As suas sinuosidades obrigão suas agoas a percorrerem o caminho de 29 legoas

dizer que ao voltar a costa achei uma pequena alteraçaõ na altura da columna de mercurio do Barometro para menos; mas como, segundo todas as probabilidades, esta alteraçaõ veio do transporte do instrumento por terra, que foi no intervallo dos dous nivelamentos não póde ser muito sensivel o seo effeito.

Foi a Taboa de Oltmanns que empreguei neste calculo cujos elementos são os seguintes:

	pol. ing.	g.	g.
Mar —— B.	=30, 55—	T. =24,50—	t =25,50.
S. Clara — B'.	=30, 25—	T'. =18,00—	t. =19,00.

O Barometro estava duas braças acima do mar, e uma sobre o nivel d'agoa de Santa Clara:

(4) Cachoeira Santa Clara (principio do rio de pedras do Mucury) em 23 de Setembro de 1849.

Manhã 7.h 22.m 53.s, 65. t. v. Dist. zenith corr. 70.° 16.' 56.", 47.
Tarde 13. 38. 39. 27. t. v. » » 29. 58. 9. 88.
Manhã 7.h 58.m 24.s, 25. t v. Dist. zenith corr. 61.° 54.' 56.", 19.
Tarde 13. 33. 6 44. t. v. » » » 28. 52. 12, 38.

Dia e meio que me demorei neste ponto, o tempo conservou-se extremamente desfavoravel para observações: o sol se mostrava penas por instantes, e o unico lugar que encontrei para estabe-

em lugar de 18, e se levassemos em conta o accrescimo que viria do desenvolvimento do seo perfil, teriamos de augmentar este caminho de 142 braças (5) proximamente, pois a tanto está elevado sobre Santa Clara o porto de Santa Cruz, destacamento Mineiro situado na margem direita do rio Preto, pouco mais de duas legoas acima de sua confluencia. Pode-se julgar sem mais detalhes das difficuldades com que teve de luctar quem para avançar 18 legoas no rio de pedras do Mucury, com 5 canôas carregadas de mantimentos, subiu 140 braças! Cento e dezoito vezes puchamos as canôas carregadas, quasi sempre com toda a gente n'agoa, e algumas vezes ajudando-se reciprocamente as guarnições das differentes canôas; dez vezes nos foi preciso alliviar a carga para este effeito; vinte e seis vezes tivemos de descarregar completamente; onze vezes foi-nos forçoso varar por terra com as mesmas canôas difficuldades, que nem a approximação d'estas permittião sem o perigo de as vermos postas em fragmentos. Eis o tormento em que empregamos mais de 30 dias.

Cumpre porém declarar em abono do Mucury que, não lanço sómente á conta da difficuldade de sua navegação os 30 dias consumidos; devo-os

lecer o meo observatorio, sendo um lagedo de granito cercado de mato, onde a menor aragem naõ vinha mitigar os ardores de um extraordinario mormaço exagerado pelo calor da reflexão e irradiação da rocha primitiva, era o mais contrario a inalterabilidade dos instrumentos, principalmente do relogio que accusou alli o atrazo espantoso de 11.s proximamente por hora. A discordancia entre os resultados das series que calculei confirma esta idéa, pois que sendo as que aqui apresento as mais accordes, dão comtudo uma media que se afasta mais ou menos 15.s das latitudes calculadas.

	pol. ing.	g.	g.
(5) Santa Clara—B.	=30, 25—T.	=18,00—t.	=19,00.
Santa Cruz—B.'	=29, 22—T.'	=20,00—t.'	=21,00.

O Barometro estava proximamente 4 braças acima da superficie d'agoa.

em grande parte ás circumstancias de se ter conservado o rio sempre secco em maior gráo do que aquelle que convém para facilitar a sua navegação, á necessidade que tinha de distrahir alguns individuos do serviço de canôas para, com os enfermos, comporem a linha de sentinellas que guardava os trabalhadores de alguma surpreza de gentio, e sobre tudo á falta de um guia que, conhecendo os canaes mais convenientes, nos dispensasse do estudo preliminar a que eramos forçados a cada passo; convindo a tudo isto ajuntar o pouco habito de serviço prolongado que tem em geral a nossa gente da costa, o qual faz com que elles tendão a consumir o tempo sem nada fazer. Acredito que com trabalhadores activos e praticos muito se poderá diminuir o tempo necessario á subida do rio de pedras do Mucury com canôas carregadas e bem guarnecidas, talvez mesmo a 15 dias.

O Rio Mucury de tão difficil navegação na sua parte superior, como acabamos de vêr, não será susceptivel de algum melhoramento no seo leito, de modo a diminuir os perigos e embaraços de sua navegação? He a primeira questão que se apresenta a qualquer. Não ponho duvida alguma em responder affirmativamente a este respeito, mas esta questão he subordinada a est'outra:—Devendo os empenhos do Governo em abrir communicações que ponhão o Norte de Minas em relação com a costa, ser dirigidos para o lado que menos embaraços apresente e mais promptas vantagens offereça em compensação dos sacrificios feitos, será o Mucury o ponto mais proprio para satisfazer a estas condições? He o que resta provar. E como eu pretendo sustentar a negativa d'esta proprosição não entrarei em desenvolvimento algum a respeito da primeira,

Do primeiro destacamento Mineiro que fica no parallelo de 16.°50.'47." (6) situado como já disse, na margem direita do rio Preto, mais ou menos duas legoas acima da confluencia, fiz voltar quasi toda a gente do Mucury que me tinha, acompanhado; e soube, depois de minha volta a esta cidade, que aquelles companheiros de soffrimentos forão muito felizes na descida, chegando á Villa no fim de 10 dias de viagem com duas canôas vazias.

Não me demorarei em fallar dos incommodos e difficuldades que encontramos em vencer o caminho de 40 legoas, pouco mais ou menos, que nos separava de Minas Novas, por terreno extremamente montanhoso, pela maior parte coberto de matas de espinhos e carrascos; mas devo dizer que n'estes trabalhos, agravados pela estação invernosa, consumimos quasi todo o mez de Novembro, e que sem a prestimosa cooperação do Sr. Coronel Honorio Esteves Ottoni, em extremo teria sido dura a nossa sorte. Este distincto e honrado Mineiro, estabelecido junto do ribeirão de Saõ Miguel, confluente do Gravatá, no paralello de 16.°18.'19." (7), nove legoas a E. de Minas Novas, foi quem nos soccorreo com mantimentos e meios de transporte, desde a meia distancia entre

(6) Santa Cruz (destacamento Mineiro na margem direita do Rio Preto) em 29 de Outubro de 1849
Manhã 8.h 43.m 13.s 99. t. v... Dist. zenith. corr, 47.° 28.' 8",08.
Tarde 14. 47. 6, 98. t. v... » » » 40. 22. 10, 79.
Manhã 8.h 48.m 36, 62. t. v... Dist. zenith. corr. 46 ° 12.' 30",54.
Tarde 14 53. 45. 30, t. v... » » » 41 51. 21, 97.
A medida differe das latitudes calculadas de 2",57.

(7) Ribeirão de S. Miguel (fazenda do Coronel Honorio) 23 de Novembro de 1849.
Manhã 7.h 15.m 35s 62. t. v. Dist. zenith. corr. 66.° 49.' 35",42.
Tarde 14. 30. 5, 48. t. v. » » » 35. 53. 59, 86.
Manhã 7.h 23.m 29.s 06. t. v. Dist. zenith. corr. 65.° 0., 26",57.
Tarde 14. 35. 21, 90. t. v » » » 36. 48. 5, 12.
A media differe de 0",87 das duas latitudes calculadas.

o quartel de Santa Cruz e a sua fazenda, sem consentir em indemnisação alguma; obrigando-nos pelo contrario a aceitar os mesmos serviços, não só na chegada que demos a Minas Novas senão tambem na nossa retirada para o Calháo, primeiro porto onde começa a actual navegação do Gequitinhonha. Ao mesmo Senhor Coronel Honorio devo muitas informações a respeito d'aquella parte da Provincia; sendo os detalhes topographicos das margens do Arrassuhy entre Minas e Calháo devidos a informações prestadas pelo Sr. Tenente Fagundes, homem encanecido no serviço das matas entre as cabeceiras do Mucury e Gequitinhonha, e por isso insigne pratico, de quem o Governo de Minas tem ainda muito a esperar quando se tenha de occupar dos interesses materiaes d'aquella parte da Provincia. Apezar de seos serviços quasi proverbiaes na comarca do Gequitinhonha está hoje este official reduzido a commandar um insignificante destacamento do riacho de Saõ Miguel, na qualidade de Sargento, tendo já commandado outros com a graduação e vantagens de Tenente!

Gequitinhonha. Não entrarei no exame da navegabilidade do Gequitinhonha sem primeiro dar uma idéa das duas povoações Mineiras, Minas Novas e Calháo, que visitei antes de começar a navegar por este rio.

Como os habitantes de nossas costas, que se mudaõ facilmente para onde lhes consta que ha mais peixe e caça, assim os Mineiros deixaõ as suas povoações facilmente por lugares onde lhes consta que a mineraçaõ está dando mais. Saõ factos comprehendidos na regra bem positiva em virtude da qual procura cada um tirar maior partido de sua industria; mas he evidente que qualquer d'estas duas especies de industria he bem precaria, e que desgraçado he o paiz que n'ellas cifra a sua riqueza. Minas Novas foi victima d'esta

condiçaõ a que estaõ reduzidos a maior parte dos Mineiros por falta de vias de communicaçaõ que lhes facilitem outros ramos de industria. Situada a 17.°9.'24." (8) de latitude Sul, na confluencia do ribeiro Bom Successo com o rio Fanado, que pouco adiante desagua no Arassuahy, foi o ponto para onde se concentraraõ a maior parte dos primeiros bandeiristas que por aquelle lado da Provincia andaraõ a cata do ouro e das crysolitas, por isso mesmo que aquelle metal precioso se mostrou alli de proveitosa exploração. Prosperou algum tempo até chegar a cathegoria de cidade de que gosa, mas as descobertas dos diamantes do Sincorá e o já pouco successo talvez que offereciõ as exhauridas minas do Fanado são causas da decadencia que denuncia o seo estado actual. A sua população intra-muros apenas tocará a 3.000 almas, isto he, menor do que a que póde

(8) Tenho visto em varios escriptos que a latitude de Minas Novas he 17.°37.'30."; mas ainda naõ encontrei quem nos mostrasse a origem de semelhante latitude. Entretanto não sei que confiança possa merecer o resultado de observações, a par do qual não figura nem ao menos o nome do observador, se elle he tal que por si só offereça alguma garantia. He porém ainda mais curioso que esta latitude diffira 37.'30" (para mais) da que o author das Memorias Historicas do Rio de Janeiro attribue ás observações do Padre Chapaci, que com Domingos Soares, tambem religioso, foi nomeado por D. João 5.° para mappear as terras do Brasil.

A vista desta divergencia não admira que as longitudes achadas no mesmo ponto por Arrew Smith e Echwege diffiraõ de 1.'40" entre si!

Não sei até que gráo chega a exactidão da latitude do Padre Chapaci, mas ella tem razaõ para merecer mais fé do que a que se apresenta anonyma, e bastante pesar tenho de que as minhas observações me não dessem um resultado mais proximo do seo.

Minas Novas (junto da Matriz) aos 29 de Novembro de 1849.
Manhã 7.h 24.m 11.s, 30. t. v. Dist. zenith. corr. 61.° 41.' 32", 18.
Tarde 14. 22. 55. 88. t. v. » » » 33. 55. 25. 21.
Manhã 7.h 36.m 34.s, 04. t v. Dist zenith corr. 61.° 50.' 59", 91.
Tarde 14. 38. 20, 60. t. v. » » » 37. 30. 26, 37.
A media faz com as latitudes calculadas a differença de 2.",81.

comportar o numero de seos edificios; o que he sem duvida uma justa expressão do decrescimento do seo commercio. Pouco tem que fazer o camponez em uma povoação onde não encontra mercado para os productos de sua lavoura; e não mais numerosos são os mercadores que queirão aceitar, em troca de suas fazendas, objectos que elles não podem transportar aos seos credores em satisfação dos seos compromissos.

Ha entre Minas Novas e o Calháo, não longe das margens do Arassuahy, outras povoações de pouca importancia, como são os arraiaes da Chapada, Sucuriú, Agoa Suja, &c.; mas, como Minas Novas, não são elles proprios para mostrarem a população da Comarca. Vivendo os Mineiros hoje, em grande parte, immediatamente do producto de sua lavoura e de seos proprios teares, estes grandes centros, onde se reunem os habitantes de um paiz para melhor facilitarem-se suas transacções, tornão-se quasi inuteis; a populaçaõ se espalha em grande superficie, e só tenderá a concentrar-se onde o commercio, offerecendo alguma estabilidade, lhe garanta o supprimento, ao menos de suas necessidades mais urgentes, já consumindo alguns de seos productos, já fornecendo-lhes em troca os necessarios ao seo consumo. A navegação do Gequitinhonha calumniada, e indevidamente abandonada pelos Governos das duas Provincias limitrophes, he hoje o recurso mais estavel do pequeno commercio que se faz n'aquella Comarca, afora o que diz respeito ao ouro e as pedras preciosas. Assim he que se vê uma povoação nascente, o Calháo, fazer passos de gigante no augmento do seo material durante os trez ou quatro ultimos annos: já conta 110 casas, pela maior parte novas, além de outras em activa construcção, e nos dias de festa chega a reunir para cima de 2:000 almas, o que denota grande população nas

visinhanças. No paralello de 17.°o.'1.", (9) e a 60 legoas mais ou menos da costa, esta povoação está assentada na margem direita do Arassuahy, proximamente duas legoas acima de sua afluencia com o Gequitinhonha. Não me parece a situação mais conveniente debaixo do ponto de vista de sua hygiene: o seo solo baixo muito terá de soffrer das grandes inundações do Arassuahy, além de que, segundo me informarão, aquelle não he o ultimo ponto da navegabilidade do rio.

Passarei ao estudo especial do Gequitinhonha.

Descer um rio no seo quarto de enchente, dirigido por praticos, he certamente vel-o pelo lado mais bello; e não se pode dissimular a influencia d'esta circumstancia sobre o espirito d'aquelle que tivesse de julgar da navegabilidade de dous rios pelas difficuldades que n'elles encontrou. N'este caso aquelle que tivesse subido o Gequitinhonha nas condições em que subimos o Mucury, e que depois descemos o Gequitinhonha, não teria duvida em concluir que mais commoda he a navegação d'aquelle rio. Felizmente possuimos meios mais positivos de resolver esta questão, e o principal d'elle he a comparação dos perfis dos dous rios que V. Ex. encontrará no mappa geral das duas Comarcas. As indicações barometricas veem em soccorro do parecer de algumas pessoas que têm navegado por um e outro em ambos os sentidos, entre os quaes figura o Sr. Tenente Fagundes, e por consequencia muito competente.

Como o Mucury o Gequitinhonha he naturalmente dividido em duas partes: — Rio de pedras

(9) Calhão (povoação á margem direita do Arassuahy junto a fóz do ribeiro Calhão) aos 22 de Dezembro de 1849.
Manhã 6.h 55.m 45 s, 53. t. v. Dist. zenith. corr. 70.° 52.' 12", 05.
Tarde 14. 4. 48, 23. t. v. » » » 29. 54. 53, 60.
Manhã 7.h 0.m 27.s, 08. t. v. Dist. zenith. cor. 69.° 48.' 43", 63.
Tarde 14. 13. 6, 12. t. v. » » » 31. 48. 27, 10.
A differença entre a media e as latitudes calculadas he 0",07.

e rio d'areia. O rio de pedras se póde sub-dividir em trez secções, distinctas principalmente por serem as suas extremidades occupadas por povoações.

A parte comprehendida entre o Calháo e o arraial de S. Miguel he de dezoito legoas e meia em linha recta, porém n'ella o rio serpentêa no caminho de mais de 28 legoas, descendo 47 braças (10). Já se vê que não podem ser muitas as cachoeiras d'esta parte do rio, e com effeito creio que além do lugar denominado *labyrintho* perto de S. Miguel, e do *travessão* no começo do Arassuahy, todas as mais difficuldades se reduzem a correntezas fortes alli designadas com o nome de *corridas*.

De Saõ Miguel ao *Salto-grande* vaõ pouco mais de 21 legoas em linha recta, 27 em desenvolvimento, e 31 braças (11) em descida. Exceptuando a *cachoeira do inferno*, pouco acima do Salto, a qual he uma verdadeira difficuldade que obriga ao descarrego tanto na subida como na descida, os embaraços da navegaçaõ d'esta parte do rio saõ antes effeito da grande quantidade de pedras que atrapalhaõ a marcha de suas agoas, do que devidas á differença de nivel. He na extremidade inferior d'esta parte do rio de pedras que se acha a celebre cachoeira denominada o *Salto-grande*, d'onde tira o nome a povoaçaõ que lhe fica junto. No caminho de cerca de uma milha o rio Gequitinhonha con-

(10) S. Miguel — B $\overset{\text{pol. ing.}}{=29,42}$ — T. $\overset{\text{g.}}{=24,00}$ — t. $\overset{\text{g.}}{=25,00}$.
Calháo ——— B.' $=29,10$ — T.' $=20,25$ — t.' $=21,00$.
No Calháo o Barometro estava a 2 braças e em S. Miguel a 6 braças acima da superficie do rio.

(11) Salto ——— B. $\overset{\text{pol. ing.}}{=29,65}$ — T. $\overset{\text{g.}}{=24,50}$ — t. $\overset{\text{g.}}{=25,50}$.
S. Miguel — B'. $=29,42$ — T'. $=24,00$ — t' $=25,00$.
O Barometro estava no Salto a 8 braças sobre a agoa.

some alli a altura de 21 a 22 braças (12) em favor de sua navegabilidade, a qual por certo seria menos feliz sem esta circumstancia. Não he uma enorme mole d'agoa cahindo de altura maravilhosa, cujos borrifos produzem um espesso nevoeiro, e cujo fracasso se faz ouvir desde a distancia de trez legoas, como exageradamente se escreveo: da povoaçaõ que lhe fica a pouco mais de 200 braças nunca vi nevoeiros e nem ouvi bem distinctamente o seo ruido. Com tudo naõ deixa de ser medonho o aspecto d'este ponto do rio; saõ muitas as pancadas, porém succedem-se trez de 35 a 40 palmos cada uma, as quaes supponho que, mesmo descendo, um peixe naõ atravessará com vida. As canôas descarregaõ no porto da povoaçaõ, e, ou passa-se a carga para outras canôas do porto de baixo, ou saõ ellas mesmas arrastadas vasias ao mesmo porto. Este varadouro tem proximamente 900 braças, e a sua estrada he susceptivel de muitos melhoramentos.

Segue-se a terceira subdivisaõ do rio de pedras que começa do porto de baixo do Salto, onde se diz ser a extrema d'esta Provincia, até a povoaçaõ da *Cachoeirinha* onde principia o rio d'areia. He a mais curta e ao mesmo tempo aquella que mais difficuldades oppõe á navegaçaõ. Com effeito em 9 legoas em linha recta o rio

(12) A differença de altura entre o porto de baixo e o porto de cima do Salto foi tomada com um nivel que mandei fazer aqui antes da minha partida para fora, o qual consiste em uma regoa com um furo no sentido longitudinal e suspensa em dous cordeis de modo a conservar quanto ser possa, a sua horisontalidade. Costumo empregar este grosseiro instrumento nos nivelamentos de reconhecimento, quando se trata sómente de achar a differença entre dous pontos distantes um do outro de 900 braças proximamente como já disse, e só tenho a felicitar-me do resultado que alcancei, pois apenas differe de mais ou menos meia braça do que achou o Sr. Przwodowski, que o fez cuidadosamente com instrumentos dos mais perfeitos, segundo este Sr. me fez a honra de communicar.

desce n'aquella parte 22 braças (13), e he caminho que se faz em quatro horas e meia na descida; obrigando a trez ou mais descarregos na subida, em que se empregaõ dous dias.

O rio de pedras do Gequitinhonha conta cinco povoações em suas margens, as quaes saõ, a contar de cima: 1.º um arraial que se está estabelecendo no pontal d'Oeste da confluencia do Arassuahy com o Gequitinhonha; 2.º a povoação da Itinga, 7 legoas abaixo da mesma confluencia, na margem esquerda, junto do riacho do mesmo nome; 3.º o arraial de São Miguel que occupa a extremidade da primeira subdivisaõ que fiz do rio de pedras, situado na margem direita, junto do ribeiro do mesmo nome e a 16°,35.'35." (14) de latitude Sul; 4.º a povoação do Salto, tambem na margem direita, a 16.°3.'35." (15) de latitude Sul; 5.º finalmente a muito insignificante povoação da Cachoeirinha collocada igualmente na margem direita, no ponto onde se acaba o rio de pedras, a 16.°0.'37." (16) de latitude.

Todas estas povoações negaõ ares de prosperidade, com excepçaõ da primeira, que vai-se

(13) Cachoeirinha — B, = 29,99 pol. ing. — T. = 23,50 g. — t. = 24,50 g.
Salto ——— B.' = 29,65 — T.' = 24,50 — t.' = 25,50.
O Barrometro estava na Cachoeirinha a 5 braças acima d'agoa

(14) Arraial de S. Miguel em 4 de Janeiro de 1850.
Manhã 6.h 47.m 35s, 94. t. v. Dist. zenith. corr. 72.º 59.' 9" 84.
Tarde 13. 59. 26, 47. t. v. ,, ,, ,, 28. 43. 39, 87.
Manhã 6.h 59 m 2s, 09. t. v. Dist. zenith. corr. 70.º 23.' 46", 72.
Tarde 14. 4. 11, 27. t. v. ,, ,, ,, 29. 48. 54, 80.
A media faz com as latitudes calculadas a differença de 9", 10.

(15) Salto (povoaçaõ) em 10 de Janeiro de 1850.
Manhã 7.h 2.m 47s, 29. t. v.... Dist. zenit corr. 69.º 50.' 42", 86.
Tarde 13. 59 12, 21, t. v.... ,, ,, ,, 28. 44. 5, 12.

(16 Cachoeirinha (povoaçaõ) em 15 de Janeiro de 1850.
Manhã 7.h 40.m 52s, 69. t. v... Dist. zenith. corr. 61.º 13.' 13", 88.
Tarde 13. 58. 58, 35. t. v... ,, ,, ,, 28. 37. 37, 71.
Manhã 7.h 47.m 4,86.s t. v..... Dist. zenith. corr. 59.º 47.' 5", 88.
Tarde 14. 3. 41,41. t. v..... ,, .. ,, 29. 42. 20, 17.
A media he unicamente de 0,"07 differentes das latitudes calculadas.

formando com prejuiso de algumas visinhas, principalmente da Itinga. Esta mesma muito breve fará sua parada como as outras, inclusive o Calháo, se se naõ tratar quanto antes de melhorar a navegaçaõ do Gequitinhonha, a qual, como adiante mostraremos, naõ lucta tanto com os embaraços naturaes e inherentes á sua navegabilidade, como com os que vém do abandono em que se acha.

O rio d'areia do Gequitinhonha avança quinze legoas e meia para a costa em linha recta, vinte e meia em desenvolvimento, e desce apenas cento e vinte palmos (17). Esta pouca inclinaçaõ de seo leito, a qual diminuindo a sua correnteza facilita sua navegaçaõ a ponto de poder uma canôa, carregada e guarnecida de 3 homens sómente, subir até a Cachoeirinha em trez dias, isto he, pouco mais ou menos a mesma distancia que no Mucury uma canôa nas mesmas condições e guarnecida de 5 homens só vence em 5 dias, he infelizmente causa das muitas corôas e baixos que frequentemente atrapalhaõ a sua navegaçaõ aos inexperientes, assim como das difficuldades da sua barra.

Com effeito sem um declive forte que, apressando o movimento de suas agoas, lhes dê força para o transporte das areias do seo leito, este tende a obstruir-se e por consequencia a diminuir de capacidade, e como o volume das agoas se conserva sensivelmente o mesmo, segue-se maior acção d'esta sobre as margens, cuja argilla se dilue e he facilmente transportada, e cuja areia, não obedecendo á fraca acção mecanica das agoas, vai augmentar a grande massa d'este obstruente do leito. D'aqui vem a largura extraordinaria que nos apresenta o Gequitinhonha n'esta parte, quasi toda

(17) Belmonte —B.=30,12—T.=26,75—t.=27,25.
Cachoeirinha—B'=29,99—T.=23,50—t.=24,50.
O Barometro em Belmonte estava duas braças acima do mar

occùpada por vastissimas corôas de areia e numerosos baixos, em que a cada passo se encalhão as canôas quando os seos conductores não são muito praticos em reconhecer os canaes.

Não sei se outras causas concorrem com esta para nos mostrar como he que a barra do Gequitinhonha, rio de primeira ordem, apenas offerece um canal estreito, inconstante e de pouco fundo, a ponto de nunca permittir entrada senão a pequenos hiates ou lanchas; mas he evidente que, se as agoas do rio fossem tocadas de maior velocidade, não só se naõ alargaria tanto a sua fóz, circumstancia que muito se oppõe a actividade das correntes nos canaes, senão tambem muito ajudariaõ ellas o movimento da maré no seo trabalho de escavação.

Agora que temos uma idéa approximada dos rios Mucury e Gequitinhonha quanto ao essencial, senão quanto a todos os detalhes importantes que podem concorrer para o seo cabal conhecimento, convém chegar-nos a questão acima proposta, isto he: — Devendo os empenhos do Governo em abrir communicações que ponhaõ o Norte de Minas em relação com a costa, ser dirigidos para o lado que menos embaraços apresente e mais promptas vantagens offereça em compensaçaõ dos sacrificios feitos, será o Mucury o ponto mais proprio para satisfazer a estas condições? Um resumo comparativo das vantagens que offerecem os rios Mucury e Gequitinhonha como meios de communicação, bastará para a soluçaõ d'esta questaõ.

Vimos que para subir o rio d'areia do Mucury nas condições mais favoraveis saõ precisos pelo menos cinco dias de marcha forçada, e que, facilitando muito o rio de pedras, não podemos conceder menos de 15 dias para a mesma operaçaõ; aqui temos pois 20 dias para vencermos 30 legoas na direcção de Minas Novas até a confluencia do

Rio Preto. D'este ponto ha proximamente igual distancia áquella cidade em linha recta; mas como o terreno he extremamente montanhoso devemos suppôr que naõ nos será possivel fazer uma estrada commoda sem augmentarmos pouco mais ou menos de um terço esta distancia. Teremos pois 40 legoas que uma tropa não poderá vencer em menos de 15 dias, contando com o tempo necessario aos preparativos no porto para se pôr em caminho.

Suppondo agora que se possa descer o rio de pedras em 8 dias e o de areia em 2, concluiremos que, da fóz do Mucury até Minas Novas, o minimo da viagem vém a ser de 35 dias, sendo o da volta de 25.

Vejamos agora o que acontece a respeito do Gequitinhonha.

Desci todo este rio em 68 horas tendo apenas dous fracos remadores além do popeiro: ora admittindo que este seja o minimo tempo que se possa empregar n'esta viagem, e dando dous dias para alguns descarregos que se tenha de fazer n'este trajecto, segue-se que se póde vir do Calháo a Belmonte (18) em 10 dias.

(18) Belmonte (Villa) em 28 de Janeiro de 1850.
Manhã 7.h 52.m 2.s, 52 t. v. Dist. zenit. corr. 59.º 2.' 4", 60.
Tarde 14. 14. 22. 38 t. v. » » » 32. 9. 56', 91.
Manhã 7.h 58.m 41, 21. t. v. Dist. zenit. corr. 57.º 28.' 15", 04.
Tarde 14. 19. 28, 35. t. v. » » » 33. 22. 37, 23.
A media que he 15.º 51.' 24." afasta-se de 0",83 das latitudes calculadas.

Este he um dos pontos determinados pelo Barão de Roussin, o qual lhe assigna o parallelo de 15.º51.'4."; donde se vê que a minha latitude differe 20" da que achou aquelle insigne observador. Esta differença, com quanto pequena, me desanimaria se naõ fosse o facto, muito conhecido em Belmonte, de que o rio na sua foz tem avançado para o Sul, e por consequencia hoje occupa naõ pequena parte da antiga povoaçaõ, onde naturalmente Roussin assentou o seo observatorio, por ser a que ficava entaõ na margem do rio. Ha alli um lugar, naõ longe do pontal do Norte, que conserva o nome de *barra velha*, por onde affirma a tradicçaõ que passava o rio.

Cita-se no Calháo o exemplo de uma canôa que d'alli desceo, e no fim de 16 dias se achou de volta com uma carga de sal tomada no Salto; lanço isto no rol das cousas raras, e considerarei o que acontece mais frequentemente, isto he, que uma canôa faz esta viagem em 20 dias. Ora suppondo que estas canôas empreguem na descida o mesmo tempo que empreguei, que foi 44 horas, isto he, 5 dias e dando meio dia para o seo carregamento no Salto, teremos que a subida d'aquelle ponto ao Calháo se póde fazer em 14 dias e meio. Admittamos 15 dias. Já dissemos que o rio de areia se sobe em 3 dias, e que em 2 se póde chegar da Cachoeirinha ao Salto. Reunindo pois estas differentes parcellas, e ajuntando-lhes mais um dia para ser consumido no varadouro do Salto, vemos que se póde ir de Belmonte ao Calháo com uma canôa carregada em 21 dias.

Notar-se-ha aqui que eu comparo a viagem desde a costa, pelo Mucury, até Minas Novas, com a que se faz de Belmonte ao Calháo; mas eu ja fiz sentir em outra parte que Minas Novas não he o ponto mais conveniente para servir de grande centro ao commercio d'aquella Cómarca, e se o he ajuntem-se 5 dias ás viagens do Gequitinhonha, pois tanto gasta uma tropa a chegar do Calháo a Minas Novas.

Vémos portanto que uma viagem redonda de Minas Novas á costa pelo Mucury não se póde fazer em menos de 60 dias, e que pelo Gequitinhonha ella se faz em 31 dias, apezar do abandono da actual navegação d'este rio.

O nivelamento barometrico que fiz dos dous rios confirma estas circumstancias: vê-se por elle que o rio de pedras do Mucury, em todo o seo desenvolvimento de 30 legoas, comprehendida a parte do Rio Preto desde a confluencia até o quartel de Santa Cruz (proximamente 4 legoas desenvolvidas), sobe 142 braças; e a parte correspon-

dente do Gequitinhonha, com 65 legoas de desenvolvimento, apenas sobe 122 das quaes devemos descontar 22 que são consumidas em um só ponto, o Salto. Não se póde offerecer uma medida mais justa de quanto a navegabilidade do Gequitinhonha he superior a do Mucury; e se a tudo isto ajuntarmos, a circumstancia de se achar a navegação do Gequitinhonha um pouco encaminhada, e já possuirem as suas margens alguns germens de população, nada mais precisaremos para concluir que o Governo, no empenho de dar porto aos Mineiros do Norte, e melhorar a sua sorte, deve forçosamente pensar antes de tudo no Gequitinhonha.

NECESSIDADES MAIS URGENTES DAS COMARCAS DE CARAVELLAS E PORTO SEGURO

Vimos que a communicaçaõ de nossas povoações da costa com o centro, de modo a facilitar a descida de productos para seos portos e productores para suas terras, he questão de vida e de morte para as mesmas povoações, e que esta necessidade torna-se tanto mais urgente quanto a diminuição da escravatura as vai privando dos seos unicos meios de produzir. Lance-se a vista sobre o quadro das embarcações que deixão seos portos para irem mendigar cargas nos portos visinhos, e vêr-se-ha uma prova de quanto a marinha de nossa cabotagem do sul vai ficando superior á producção que em outros tempos exportavão seos pequenos portos, por consequencia mas um documento de sua decadencia.

Tambem vimos que não menos vital he para os Mineiros visinhos a questão de communicações que lhes abrão portos para seos mercados e ao mesmo tempo facilitem melhores terras para sua agricultura; questão tanto mais importante quanto

o ramo unico de producção que sustenta sua importação — a exportação do ouro e das pedras preciosas — vai descahido consideravelmente.

Procurei igualmente mostrar que a satisfação d'esta necessidade commum ás duas Provincias, vital e urgente, he favorecida pelas circumstancias hydrographicas dos dous paizes, e que o Gequitinhonha he por se só um grande passo dado pela natureza n'este sentido, o qual ao mesmo tempo facilita os que immediatamente tem de dar os dous Governos no empenho de melhorar a sorte desta parte do Imperio.

Convém agora que eu ensaie a indicaçaõ das providencias que a mesma necessidade reclama.

Custa a comprehender que o rio Gequitinhonha, navegavel no seo desenvolvimento de 90 legoas proximamente, muito navegado em outro tempo, tenha cahido em perfeito abandono com prejuizo, tanto dos Mineiros que fazem a sua importaçaõ do Rio de Janeiro com enormes despesas, como em detrimento da Provincia da Bahia a quem a natureza concedeo o direito quasi exclusivo, não só de lhe fornecer os generos de seo consumo, como de encarregar-se dos de sua exportação! A importaçaõ de quatro mil contos annuaes que fazem as comarcas do Serro e Gequitinhonha he usurpada pelo Rio de Janeiro aos portos da Bahia, e os Mineiros d'aquella parte estão condemnados a um acrescimo de despesa de transporte perfeitamente inutil! He por certo isto uma das muitas anomalias que sóem apparecer nos paizes onde o interesse das intrigas politicas absorve exclusivamente todas as attenções, e onde não só os primeiros agentes do poder executivo, como toda a porçaõ mais importante do pessoal da publica administração se succedem rapidamente, como entre nós acontece. Em taes condições não ha projecto de longa execução possivel, toda a administração publica se reduz ao — Eu e meo visinho —;

o empenho em que se acha o Governo de segurarse no seo posto e a incerteza de sua estabilidade apenas lhe permittem olhar para o que tem debaixo dos olhos; he logo surprehendido pelo seo successor que ordinariamente abandona, se naõ desfaz, o que achou feito; porque emfim outros saõ os interesses, outras são as vistas.

He verdade que, sendo o unico objecto de exportação dos Mineiros o ouro e as pedras preciosas, he natural que elles, achando mais prompta venda, e mesmo mais vantajosa na praça do Rio de Janeiro, por ser mercado mais activo do que o da Bahia, procurem aquelle em perferencia; mas se se considerar a facilidade de communicações entre estas duas Capitaes, e a grande economia que se faz no transporte dos generos de consumo de Minas pelo Gequitinhonha, esta pequena vantagem fica a perder de vista; e isto além da faculdade de exportar outros generos, que naõ sómente o ouro e as pedras preciosas.

Um animal de transporte do Rio de Janeiro a Minas Novas carrega oito arrobas, recebe 60$000 rs. de frete, e leva pelo menos 60 dias de viagem. Uma canôa sobe de Belmonte ao Calháo em 21 dias, como já vimos, carrega 52 arrobas e recebe de frete 120 a 130$000 rs. Vemos por aqui que, além de fazer a viagem em menos de metade do tempo, a carga que custa 60$000 rs., do Rio a Minas, vem a custar, de Belmonte ao Calháo, 16$230 rs. proximamente, concedendo o estado desgraçado em que se acha a navegação d'aquelle rio. Agora se ao tempo ajuntarmos os 5 dias necessarios á viagem do Calháo a Minas Novas, e ás despesas os 4$000 rs. que paga cada carga de um d'estes pontos ao outro, teremos que o tempo não subirá ainda a metade, e as despesas ficaráõ em 23$330 rs. em lugar de 60$000 rs.

Mas o porto de Belmonte não he mercado consumidor e fornecedor, he preciso metter em

conta as despesas e riscos do transporte de uma das Capitaes mais visinhas e de forte mercado, Bahia ou Rio de Janeiro.

Naõ creio, nem he possivel, que a civilisação Mineira naõ possa ser bem supprida em todas as suas necessidades pela praça da Bahia; portanto he d'aqui que devemos considerar os fretes para Belmonte, por isso que he a mais visinha d'aquelle porto. O que poderá custar o transporte de 8 arrobas por mar em uma viagem de 30 horas em tempo favoravel? Suppondo um consumo regular, muito pouco podem augmentar de preço as mercadorias enviadas a Belmonte por uma ou mais casas fortes d'esta praça, principalmente se alli se quizer estabelecer um ou mais depositos como naturalmente ha de vir a acontecer.

Se pois todas as vantagens saõ em favor do commercio do Norte de Minas pelo Gequitinhonha, se he lei invariavel e rigorosa que o commercio naõ deixa o melhor caminho para seguir o que se oppõe evidentemente aos seos interesses, como he que este se tem todo encaminhado para o Rio de Janeiro, deixando ao Gequitinhonha sómente a importação do sal, que he genero de insignificante valor? *Les entraves*, diz Baptista Say, *compriment l'essor de la production; le defaut sûreté la supprime tout à fait.* A falta de segurança da pessoa e da propriedade he a unica causa que explica o desvio para o Rio de Janeiro de todo o commercio que naturalmente pertence ao Gequitinhonha. Esta falta de segurança vém 1.° de embaraços naturaes inherentes ao leito do rio e de sua barra; 2.° de naõ haver uma lei ou regulamento que determine bem claramente os direitos dos canoeiros, assim como os dos donos ou conductores de carga; 3.° da impunidade absoluta de todos os crimes alli commettidos por falta de uma força que auxilie as auç-

thoridades, já na repressão dos mesmos crimes, já na protecção dos direitos de propriedade.

O rio de pedras do Gequitinhonha muito navegavel como vimos oppõe com tudo algumas difficuldades; grandes despezas demandaria o melhoramento que o tornasse inteiramente commodo como o rio d'areia; mas felizmente o perigo de sua navegação vém pela maior parte de embaraços de facil remoção. Naõ he na cachoeira do inferno, nem em outras pequenas pancadas que obrigaõ ao descarrego que se podem perder canôas carregadas; estas difficuldades saõ inteiramente annuladas com uma pequena despeza de tempo: as pedras isoladas, muitas vezes soltas, que, occupando o alveo de um canal, obrigão as canôas, tocadas de forte correntesa, isto he, no momento em que o seo governo he mais difficil, a fazer um rapido desvio, saõ os escolhos onde quasi sempre estas naufragaõ. A celebre pedra alli conhecida com o nome de *Marahú* onde se contaõ perdidas onze canôas, está n'este caso.

Remover ou destruir estas pedras e outras que muitas vezes obstruem completamente um excellente canal; determinar os canaes mais commodos tanto para a subida como para a descida, nos differentes estados das agoas do rio; melhorar os varadouros, principalmente o do Salto, cuja estrada hoje praticada por animaes de carga he susceptivel de se tornar praticavel por carros; são os objectos que têm de occupar primeiro que tudo a attenção do Governo no que diz respeito ao melhoramento do leito do Rio Gequitinhonha.

A barra de Belmonte, já o dissemos, he um dos maiores embaraços da navegação d'aquelle rio, e justamente um d'aquelles que o Governo póde, naõ direi fazer desapparecer de todo, porém minorar consideravelmente. Quem naõ vê que

um bom pratico convenientemente pago e munido dos necessarios meios, como por exemplo, uma atalaia d'onde possa fazer signal ás embarcações da direcçaõ actual do canal, e mesmo uma pequena lancha onde possa sair a tomar fóra as embarcações quando as difficuldades da occasião o exigirem, tornará quasi insensivel este obstaculo para o commercio?

Mas naõ parão aqui os recursos que ficaõ a uma administração que deseje cuidar dos verdadeiros interesses materiaes d'aquella parte do Sul da Provincia: a propria natureza os facilita. A distancia que separa as agoas de Belmonte das do Rio Pardo naõ chega a uma legoa, como V. Ex. verá do mappa especial d'aquella parte (linha encarnada): um canal não, um simples rego aberto n'este terreno baixo e arenoso bastaria para pôl-as em relaçaõ de communicaçaõ. A propria maré se encarregaria de o alimentar e entreter, e a despeza não subiria a dez contos de réis. D'esta sorte as barras de Canavieiras e de Patype pertenceráõ igualmente a Belmonte, e a povoaçaõ de Canavieiras participará do commercio de Gequitinhonha.

Ainda mais nos offerece a natureza. As agoas de Patype separaõ-se das de Poxim pela distancia insignificante de 90 a 100 braças no lugar denominado *Porto do Mato* (linha encarnada); ou 1,160 braças junto da costa.

Com estas simplices aberturas a povoaçaõ e todo o Rio Belmonte ou Gequitinhonha, Canavieiras e todo o Rio Pardo, ficaraõ gosando de seis barras, que saõ, a contar do Sul: 1.ª a de Belmonte que naõ he bôa; 2.ª a do Pezo que he insignificante e apenas dá entrada a canôas; 3.ª a de Canavieiras que passa por muito bôa; 4.ª a de Patype que lhe he inferior; 5.ª a de Poxim que

naõ he má; 6.ª a de Comandatuba que gosa de bôa reputaçaõ.

A remoçaõ da segunda origem dos vexames do commercio do Gequitinhonha está inteiramente nas mãos do Governo. As relações entre canoeiros e patrões ou donos de cargas saõ um complexo de desmanchos cada qual mais extravagante. Principia pelo proposito constante em que vivem de se enganar uns aos outros: o regataõ ou conductor de carga avança generos em conta de valor exorbitante, o canoeiro obrigado pela necessidade os aceita, e em represalia exagera inutilmente as condições de seo serviço: e, o que he peior, como a responsabilidade he nenhuma, pouco lhes custa por vingança alagar uma canôa. Naõ ha canoeiro que naõ deva aos patrões cem, duzentos e até quatrocentos mil rs. Naõ ha para esta gente respeito nem aos tratos nem as pessoas: uma canôa só sabe quaes saõ os individuos que compõe a sua guarniçaõ depois que se põe em marcha; ainda assim naõ he seguro, porque nada custa a um individuo d'estes abandonar uma canôa em viagem por qualquer divertimento que encontre em alguma povoaçaõ ou sitio do caminho, ou mesmo porque algum outro regataõ lhe offereça maior vantagem.

O patraõ ou dono de carga naõ tem voz activa na viagem; a certeza do que lhe podem fazer impunemente á sua pessoa e a sua pequena propriedade, torna-o um humilde espectador dos desregramentos dos canoeiros. Estes, quando lhes parece, falhaõ um dia, porque emfim estão com pouca disposiçaõ para o trabalho; deixão a carga descoberta ao tempo, e muitissimas vezes, só para evitar a pena do descarrego, mettem uma canôa carregada em alguma das pancadas que naõ dispensaõ esta operaçaõ; d'onde vém frequentes perdas.

Um regulamento que determine os canaes mais convenientes por onde devem seguir as canôas, os pontos de descarrego forçado, tudo segundo differentes condições d'agoas em que se ache o rio; que marque as obrigações dos canoeiros para com seos patrões, e vice-versa, &c.; he uma das necessidades mais urgentes á navegaçaõ do Gequitinhonha.

Este regulamento porém se tornará inteiramente sem effeito, se o Governo, principalmente, o de Minas, naõ tratar antes de tudo de destruir a terceira fonte de embaraços que alli vexão tanto o commercio como a população. Nas povoações do Gequitinhonha, principalmente no Salto e em São Miguel, a segurança individual está sómente ou na força physica do individuo, ou na agilidade com que sabe manejar seo bacamarte e evitar o do adversario, ou finalmente na humildade com que se dispõe a soffrer toda a sorte de violencias dos malfeitores. O bacamarte e a faca são aqui o distinctivo do homem respeitavel; naõ se põe pé fóra da porta de noite, que não seja armado de ambos estes instrumentos. Dão-se tiros e facadas, viola-se o asylo do cidadão, insulta-se o mais sagrado das familias, e os criminosos folgaõ e passeiaõ impunes diante das authoridades a quem falta a força com que se façaõ respeitar, soffrendo aquelles unicamente a privaçaõ de descerem até Belmonte, onde encontraõ um Delegado e um Subdelegado que os vaõ recrutando como unico recurso em desagravo ás leis. Com effeito, sem a energia dos Srs. Dr. Antonio Gomes Villaça e Candido José de Souza, Delegado e Subdelegado de policia de Belmonte, os quaes com a pequena força de que dispõe naõ poupaõ os que, recommendados pelas authoridades de Minas, se descuidão em descer até alli, não sei se a anarchia dos canoeiros do Gequiti-

nhonha não chegaria até o exterminio da população!

A estrada lateral do Gequitinhonha continuada do Salto a Belmonte seria um poderoso auxilio ao commercio do rio, principalmente durante o tempo das cheias, em que a navegação para cima fica inteiramente parada; mas não he negocio de primeira urgencia.

Até aqui as necessidades urgentes do Gequitinhonha como principal via de communicação entre as duas Provincias; vejamos agora o que precisamos para o melhoramento das nossas povoações mais ao Sul. Ainda aqui vem em nosso soccorro o Gequitinhonha. Um nucleo de povoação no ponto mais alto da parte navegavel do Rio de Alcobaça; uma estrada ligando este ponto a São Miguel, e ramificações partidas d'elle aos pontos superiores da navegabilidade dos rios Peruhipe, do Prado, e de Porto Seguro; um canal de facil execução, communicando as agoas do rio de Alcobaça com as do rio da Serraria de Caravellas; formão o segundo passo importante que, a meo vêr, póde dar uma administração em favor das nossas povoações do Sul.

Quanto aos meios de execução muito se póde discutir antes de chegar ao melhor accordo; mas um forte destacamento composto de gente do centro habituada ao trabalho, e não de vadios das cidades e pescadores da cósta, como a que compunha a celebre colonia do Mucury, pode formar o seo estabelecimento no ponto central que marquei no rio de Alcobaça, com o fim de fundar o nucleo de uma Colonia, occupando-se parte na cultura das provisões a consumir, parte em abrir a estrada principal ao arraial de S. Miguel e as ramificações indicadas, e na policia das mesmas estradas contra os attaques dos selvagens. Um outro destacamento importante na Cachoeirinha com o mesmo fim de formar o principio de uma

colonia, abrir a estrada lateral do Salto a Belmonte, trabalhar no melhoramento do leito do rio de pedras e fazer a policia entre o Salto e Belmonte. Quanto á Provincia de Minas torna-se mais urgente um igual destacamento collocado em S. Miguel com o fim de fornecer trabalhadores para o melhoramento do rio, fazer a policia entre o Salto e o Calháo, e ajudar a da estrada de Alcobaça, assim como ao mesmo trabalho da abertura; sendo ao mesmo tempo um meio de animar e fazer progredir o commercio e população d'aquelle arraial.

Eis em resumo o que me pareceo mais simples e ao mesmo tempo mais proficuo no intuito de melhorar a sorte futura de nossas povoações do Sul. V. Ex. concebe que cada uma d'estas indicações he susceptivel de muito desenvolvimento; mas, não tendo ellas por fim senão fazerem o complemento ás minhas informações, ajuntando-lhes alguma claresa, julguei que serião aqui mal cabidos quaesquer pormenores; muito mais quando estou persuadido que á illustração d'aquelles que têm de providenciar sobre os interesses materiaes da Provincia, só faltão os dados do problema dos melhoramentos a se fazerem, para chegar á sua justa solução.

Deus guarde a V. Ex.

Bahia, 10 de Fevereiro de 1851.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Presidente da provincia.

Innocencio Velloso Pederneiras,

Capitão do I. C. de Engenheiros, Chefe da Commissão de Exploração do Mucury e Gequitinhonha.

A egreja da Ajuda

Foi esta a primeira egreja edificada na cidade. O chronista Simão de Vasconcellos, no seu primeiro livro da chronica da Companhia de Jesus, pagina 22, § 46 conta que no mez de Abril de 1549, o governador, que então era Thomé de Souza, mudou-se para o sitio que tinha demarcado e que distava mais ou menos meia legua da Villa Velha.

Ahi fundou a cidade do Salvador e *foi força mudarem-se tambem os religiosos e no mesmo tempo em que os moradores edificavam casas, fazer as suas e egreja, no logar onde hoje se vê a de Nossa Senhora da Ajuda, invocação que então lhe puzeram e foi a primeira que no Brazil teve a Companhia.*

Sem outros recursos mais do que os proprios, construiram elles as casas e o templo com as proprias mãos, pois ainda que quizessem os moradores ajudal-os não podiam pela obrigação em que estavam não só de construirem as casas, alinharem as ruas, como tambem de cercarem a cidade para a defeza contra o gentio.

As casas e o templo primitivo eram de taipa, cobertos de palha, por isso iam elles ao mato que lhes ficava perto, cortavam madeiras e conduziam-n'as ás costas; cavavam o barro para as paredes, e como não tinham meios para o sustento da vida eram forçados a pedir de porta em porta o que haviam de comer e tiravam muito

pouco por causa da grande escassez que então havia.

A lenha para o fogo e a agua para as necessidades da vida iam elles mesmos buscal-as *para o que andavam á ligeira em corpo; que não havia entre tanta pobreza tratar de veste ou mantéo; e talvez nem sapatos nem camisa.*

Feitas as casas e o templo, principiaram os exercicios espirituaes até que, chegando no dia 1.° de Janeiro de 1552 o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha com o seu cabido, lhe entregaram as casas e a egreja de Nossa Senhora da Ajuda, que com tantas fadigas tinham construido e foram assentar nova habitação fóra da cidade sobre um monte que era appellidado *Monte Calvario*, onde hoje se vê a egreja e convento do Carmo.

Ahi construiram os jesuitas um pequeno hospicio (diz Accioli) junto á pequena ermida que já existia sob a invocação de Nossa Senhora da Penha.

O receio continuo de serem atacados pelos indios os obrigou a se conservarem dentro dos muros da cidade; edificando outro hospicio no mesmo sitio onde mais tarde levantaram o sumptuoso templo e o grande Collegio da Companhia de Jesus em frente á esplanada que se ficou chamando *Terreiro de Jesus*, e onde se acha actualmente a Sé Archiepiscopal.

Convém notar aqui que a nomeação e confirmação do Bispo precedeu de quatro annos a creação do bispado!

D. Pedro Fernandes Sardinha, sendo confirmado Bispo em 1551, tomou posse no anno seguinte, e a bulla—*Super specula militantis Ecclesiæ* — do pontifice Julio III, creando, a instancias de el-rei D. João III, o primeiro bispado do Brazil — só foi expedida em 1555.

Sem embargo, esta é a verdade deste facto e suas circumstancias, diz monsenhor Pizarro,

em suas memorias, que nunca poude obter a menor noticia que destruisse as suas conjecturas.

Mas voltemos á egreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Gabriel Soares em seu «Roteiro do Brazil» (1571—1578) publicado pelo «Instituto Historico», tomo XV da Revista, pagina 122, capitulo XI, diz fallando da cidade do Salvador.

«Tornados á praça, pondo o rosto no sul, corre outra rua muito povoada de moradores, no cabo da qual está uma ermida de Santa Luzia, onde está uma estancia com artilharia. E ao longo desta rua lhe fica outra muito bem assentada tambem toda povoada de lojas, e no topo d'ella está uma formosa egreja de Nossa Senhora da Ajuda com sua capella de abobada; no qual sitio, no principio desta cidade esteve a Sé.»

D'ahi se conclue que em breve tempo o Bispo e os moradores construiram um templo de pedra e cal no mesmo logar e com a mesma fórma que o primitivo templo de palha e taipa.

Faz-se necessaria aqui uma pequena explicação.

A ermida de Santa Luzia, diz Mello Moraes na sua chronica Geral do Brazil, foi construida nos primeiros tempos da fundação da cidade da Bahia e achava-se no logar do actual theatro S. João.

Por alvará de 14 de Janeiro 1807 foi incorporada a egreja da Ajuda aos proprios nacionaes e por decreto de 10 de Fevereiro de 1827 foi doada á irmandade do Senhor dos Passos, doação confirmada pela resolução da Assemblea Geral Legislativa n. 519 de 12 de Fevereiro do mesmo anno, e Carta Imperial de 20 de Fevereiro de 1850.

EXTERIOR

O templo tem a fórma triangular e acha-se entre as ruas: do Collegio, de S. Francisco, (esta

rua foi chamada do Padre Gonçalo e depois do Pão de Lot) e a praça da Ajuda.

E' uma egreja de gosto antigo com porta principal e duas lateraes, (antigamente eram duas janellas guarnecidas de balaustres de ferro) tres janellas envidraçadas no còro e uma guarnição em forma de *S S* italicos que de cada lado caminham para cima da soleira do telhado até prenderem a cruz.

Ao lado esquerdo existe a pequena torre formada por uma grossa parede onde estão dois sinos, com um frontispicio ornado com dois *S S* italicos prendendo uma cruz.

Em continuação á parede exterior está a casa do fiel com porta de entrada e janella com grade de ferro e mais duas correspondentes no pavimento superior, que se communica com o còro.

A face do templo que dá para a rua de S. Francisco tem seis oculos que correspondem a outras tantas janellas envidraçadas do pavimento superior; do lado da rua do Collegio existem tres janellas envidraçadas, duas pequenas com varões de ferro, uma alta porta com arco e uma janella com varões de ferro.

INTERIOR

Tem a egreja da Ajuda no seu interior uma capella, funda, do lado esquerdo de quem entra, onde está a Imagem do Senhor dos Passos.

Esta imagem é uma obra prima, de tamanho natural e perfeitissima, ricamente ornada, e o andor é todo chapeado de prata.

Dizem que antigamente pertencia esta imagem ao Convento dos Religiosos do Carmo, a qual fôra depositada na egreja da Ajuda em consequencia dos concertos que estavam fazendo naquelle Convento.

Não querendo a irmandade dos Passos restituil-a houve renhidas contendas e demanda entre os religiosos e a dita irmandade.

E' tradição antiga que, querendo uma vez os frades do Carmo apoderar-se da imagem quando a procissão passava pela Baixa dos Sapateiros, apparecera uma nuvem tão serrada de mosquitos entre a procissão e os frades que estes, reconhecendo o milagre, desistiram da empreza e deixaram a procissão seguir.

Perto da sagrada imagem existe um cravo, que dizem veio de Roma, com o mesmo tamanho e fórma dos que os Phariseus cravaram nas mãos e pés do Redemptor.

Em seguida está o pulpito, porém não é o mesmo onde o grande padre Antonio Vieira pregou o inimitavel sermão contra as armas da Hollanda.

Junto ao arco do cruzeiro existem dois altares que antigamente não estavam nos cantos, mas sim ao lado.

No altar do lado esquerdo está a imagem do Senhor da Redempção. Esta imagem é antiga e do primitivo templo. Embaixo e dentro do nicho se venera a imagem de Nossa Senhora da Boa Nova.

O altar do lado direito pertence ao Senhor Bom Jesus dos Milagres.

Esteve esta imagem sempre na egreja da Ajuda e em 1824 foi entregue á irmandade do Senhor dos Passos.

Em 1842, tendo sido reformado o compromisso d'esta irmandade, ficou ella na obrigação de velar na conservação das imagens, fazer inventariar suas alfaias, finalmente tomar conhecimento de todas as esmolas.

A imagem do Senhor dos Milagres era uma das collocadas na egreja da Ajuda, que não tinha confraria, e, sendo o Tenente-Coronel José Pereira

de Castro o devoto que guardava as alfaias d'esta imagem, a irmandade houve de exigir que elle désse a inventario as joias e alfaias do Senhor dos Milagres, ainda que de novo as levasse em guarda.

Não quiz o tenente-coronel prestar-se a fazer inventario, indispoz-se com a irmandade e desde então concedeu o projecto de privar a egreja da Ajuda da dita imagem.

N'este entretanto succedeu que a irmandade mandasse fazer de novo os altares lateraes, em um dos quaes achava-se a imagem do Senhor dos Milagres, e portanto foi preciso retiral-a. Aproveitando-se d'esta occurrencia, o tenente-coronel pediu em confiança a imagem a pretexto de mandal-a incarnar; e o procurador, não obstante a repugnancia da mesa, lh'a confiou sob palavra de que, concluida a obra, regressaria para o seu antigo altar.

Recebeu elle a imagem; mas, acabada a obra, rogado e instado para restituil-a, com abuso da boa fé e confiança do procurador, negou-se absolutamente á restituição, que veio a ter logar quando o chefe de policia, por queixa da irmandade e mais ainda pelo alvoroço dos devotos e clamor publico, ordenou que restituisse a imagem, o que fez o tenente-coronel, porém guardando as alfaias e entregando a imagem completamente núa.

No altar-mór está collocada a imagem de Nossa Senhora da Ajuda, que é a do primeiro templo: em um nicho ao lado direito está a imagem de Santo Antonio e a esquerda S. Gonçalo.

Por baixo do altar-mór está a imagem do Senhor Morto, de estatura maior que a do homem e de rara perfeição.

Existem oito tribunas, sendo seis no corpo da egreja e duas no altar-mór.

O interior do templo está todo reformado; da antiga Sé existem os azulejos, a porta da frente, a do presbyterio, os dois confissionarios, a lampada de prata e a pia; acima d'esta encontra-se a seguinte inscripção:

J H S

1579

que quer dizer — *Jesus Hominis Salvator* — distinctivo ou brasão d'armas dos jesuitas.

Por baixo do ladrilho existem varias sepulturas, porém achamos poucas inscripções; a mais notavel é a que se acha na capella-mór, onde se lê:

Sepultura do Coronel Domingos José de Carvalho e seus parentes que esta irmandade lhe designou pelos muitos beneficios que sempre lhe fez seu bemfeitor, actual anno de 1796.

Os quadros que representam a paixão de Jesus Christo e que adornam as paredes da egreja são do pintor J. Rodrigues Neves (1855); os do primitivo templo estragaram-se completamente.

O corredor e o forro da sacristia são os mesmos do templo primitivo; os ornamentos d'esta parte da egreja foram feitos com as taboas do forro da egreja.

O lavatorio, obra prima de marmore, é antigo e pertenceu ao templo primitivo.

Nada mais encontramos digno de menção sobre esta egreja que muitos annos serviu de matriz.

A. I. de Oliveira Rocha.

As abelhas sociaes indigenas do Brazil

Illm. e Exm. Snr. Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Venho de concluir um estudo que comecei, ha 22 annos, no Rio Grande do Sul, sobre a biologia das abelhas da familia das meliponidas, assumpto até agora insufficientemente conhecido, Os meus estudos se referem, especialmente, ás especies do estado de S. Paulo, e o fim destas poucas linhas é ver si, por intermedio do «Instituto Geographico e Historico da Bahia», consigo arranjar um ou outro collaborador, no interior deste e de outros estados, afim de completar as minhas investigações.

O motivo deste meu proceder é especialmente o facto de ter sido publicado um excellente artigo, sobre as abelhas do Rio de Janeiro, pelo incansavel naturalista, o sabio Dr. Theodoro Peckolt artigo que, entretanto, necessita modificações, na parte systematica, isto é, na determinação das especies classificadas.

Não obstante a competencia do Sr. F. Smith, a quem o Sr. Dr. Peckolt mandou as abelhas corrigidas, deram-se numerosos enganos, de modo que a abelha que Peckolt denominou—jatahy—, em verdade, é a mandasaia, e vice-versa.

Já comecei a estudar as abelhas do estado do Rio de Janeiro, mandando o naturalista viajante deste museu, Sr. Ernesto Garbe, a Petropolis, onde, auxiliado pelo illustre entomologista Sr. Joseph G. Foetterle, conseguiu reunir singular collecção de abelhas, trazendo vivos diversos ninhos.

Sendo grande, entretanto, o numero das especies que não conheço, preciso começar novamente com o assumpto, o que será possivel sómente por

intermedio de pessoas que liguem interesse á natureza do paiz e que não só me forneçam as abelhas, mas tambem informações sobre o seu modo de viver e os nomes triviaes sob os quaes sejam conhecidas.

Desejo de cada especie 5o ou 6o abelhas, conservadas em um vidro com alcool, como tambem a porta do ninho ou o pedaço do tronco da arvore que o contiver. Só os ninhos construidos livres, como os de Iraxim, Irapuá, Cupira, etc., é necessario mandal-os completos, guardando-os num sacco acondicionado em um caixão.

Excusado será dizer que me offereço a restituir as respectivas despezas de transporte, etc.

Estas abelhas pertencem a dois generos. O primeiro delles, Melipona, encerra as especies maiores e mais bonitas, as que são de maior utilidade e mansas. As azas têm o comprimento do abdomen; a entrada do ninho é feita de barro, como tambem o batumen, o septo, que fórma em baixo e em cima o limite do ninho, separando-o do resto da cavidade da arvore.

Pertencem a este genero as abelhas denominadas mandasaia, gurupú, mandorim, tujuva, urussú e outras.

Quanto ao segundo genero, denominado Trigona, contrasta singularmente com os precedentes, pela grande variabilidade dos seus costumes e ninhos.

Certo numero de especies constróem os seus ninhos ao ar livre, como já anteriormente tenho explicado, sendo, entretanto, as respectivas especies do Rio de Janeiro, Bahia e outros estados pouco conhecidas, como por exemplo: as que são denominadas—xupé ou jatahy, bocca de sapo e a tubi, ou jatahy da terra.

Parece-me que ha algumas especies, entre as que constróem os ninhos no chão, que fazem a casca do ninho de barro, como a — cupira e a mombuca — mirim.

Do ninho desta ultima, diz Peckolt, que das bolas de argilla que tem lateralmente a sua entrada se acham, ás vezes, tres ou quatro, uma em baixo da outra, sendo provavel que cada uma represente uma colonia independente e munida de rainha, ou abelha mestra. Seria-me summamente interessante examinar estes ninhos, devendo para fins de remessa cada bola ser embrulhada separadamente.

O Dr. Peckolt publica ainda os seguintes nomes de abelhas, que não conseguiu obter: marmelada branca—, póra—, mondaquira,—sete portas—, iratin—, cabiguará—, preguiçosa—, bate chapéo—, bejui ou migui,—tubi bravo ou bocca rasa—, bocca de barro—, atakira—, oariti—, coniára e abelha de cachorro.

E' provavel, entretanto, que entre as abelhas examinadas por Peckolt haja varias, que não sejam exactamente denominadas; assim por exemplo, julgo singular que a abelha tatuira seja mansa, quando o nome—mel de fogo—faz suppor que a abelha seja a mesma que geralmente é conhecida sob o nome de caga-fogo.

Um grupo interessante de abelhas é o das que assaltam outros ninhos, matando as abelhas e roubando o mel.

No estado de S. Paulo conheço até agora destas abelhas *bandidas* as seguintes: tujumirim (Trigona dorsalis) que constróe na porta um funil largo de cêra molle; tubuna (Trigona bipunctata) cujo tubo de entrada, em forma de funil, feito de massa dura e escura, attinge o comprimento de 15 a 20 centim.; abelha limão (Trigona limas) cujo tubo colossal é por fóra munido de numerosas e pequenas protuberancias.

Tenho guardado no museu um destes tubos de tujumirim, que é collocado em cima da porta caracteristica de uma mandasaia, prova de que

esta abelha matou a mandasaia e tomou conta da sua casa.

Outro facto singular, por mim observado, é que a Trigona fulviventris, denominada aqui—mel de cachorro, vive em uma singular symbiose com Termitidas, sendo o ninho da abelha por fóra coberto de cupim.

Provavelmente o mesmo facto se dará tambem no estado da Bahia. Observo, entretanto, que não conheço o nome indigena desta abelha, que, algum tempo, suppuz ser o de—cupira.

Mais tarde verifiquei que a cupira em S. Paulo constróe o seu ninho em arbustos, sendo elle notavel pela larga abertura de entrada, feita de barro, em forma de uma bocca aberta. Estes ninhos assemelham-se aos cupins, o que justifica perfeitamente o nome indigena de cupira, ou mel de cupim.

Falta-me aqui mais minuciosidades, mas não posso deixar de mencionar, a descoberta de que as rainhas só no genero Trigona nascem em cellulas reaes, grandes como as do genero Apis, quando no genero Melipona se desenvolvem em cellulas ordinarias, de modo que a rainha nova é do mesmo tamanho ou até um pouco menor que a obreira.

Este facto é tão pouco esperado que já causou graves erros, induzindo, por exemplo, o grande mestre da investigação biologica, Fritz Muller, a suppôr que essas rainhas novas sejam abelhas parasitas.

Desejo mencionar, afinal, que um pequeno grupo de especies de Trigona (mosquito jatahy, etc.) constroem á porta um pequeno tubo de cera branca, que de noite fecham.

Não duvido que muito vale estender estes estudos tambem sobre outros estados do Brasil, não só porque serão descobertos muitos factos novos, mas tambem porque será possivel successiva-

mente reunir pequenos grupos concordantes em sua biologia, afim de dar uma base solida á disposição systematica das numerosas especies em parte muito semelhantes entre si.

E' esta a razão por que os numerosos dados constantes da literatura não têm valor, sendo este o motivo por que, por minha parte, desejo todas as informações, acompanhadas das abelhas a que se referirem.

Deixando de tratar nesta occasião de minhas experiencias na apicultura das meliponidas, espero que me será dado voltar novamente ao assumpto, esclarecendo-o por meio de novas e interessantes observações.

Quanto ás especies da Bahia, já varias vezes algumas dellas foram remettidas á Europa. Era especialmente um apicultor intelligente, francez, Sr. Drory, em Bordeaux, que, por algum tempo, creou algumas especies dellas, especialmente a urussú, e publicou diversas noticias sobre as suas observações. Estas, entretanto, precisam de novo exame visto que as especies observadas em parte não foram exactamente classificadas.

Seria, nestas condições, muito conveniente examinar de novo e de modo mais completo, as abelhas sociaes do estado da Bahia, sempre com referencia aos seus nomes indigenas e ao seu valor economico.

S. Paulo, 8-9-902.

H. VON IHERING.

A Bahia no Senado do Imperio

Sob o titulo «A Bahia no Senado do Imperio» o nosso digno consocio o Exm. Sr. Barão de S. Francisco, enviou para o *Diario da Bahia* minuciosa noticia, que pedimos venia para transcrever, julgando-a de interesse historico.

Illustre sr. dr. redactor — Apropinquando-se as eleições de um senador e 22 deputados federaes, as quaes se vão proceder no dia 28 de dezembro proximo; e a do terço do Senado, — e dos 42 deputados estaduaes, que se deverá realisar na 1ª dominga de novembro, parece-me de opportunidade relembrar á Bahia, os nomes illustres dos que muito dignamente a representaram no Senado do Imperio desde sua primeira organisação que foi vasada no decreto do Senhor D. Pedro I, de 22 de Janeiro de 1826.

Nessa quadra inolvidavel, foram eleitos e escolhidos Bahianos, que, se póde affirmar, figuraram com o maior lustre no seio da nascente corporação, que constituio-se com 50 pares, e a qual mereceu ser denominada areopago politico do Brasil.

Como se fez na terceira Republica Francesa em 1885, erga-se entre nós um Pantheon consagrado ao culto dos benemeritos da Patria, que por seu notavel civismo, e pelos bons principios em que se inspiraram, souberam, nas differentes crises por que passámos, assignalar-se gloriosamente, assim na imprensa, como, e especialmente, na tribuna do que nos dão hoje fiel testemunho

os preciosos annaes do ex-parlamento brasileiro, que tanto praz compulsar aos que comprehendem a importancia e a necessidade do conhecimento da historia nacional.

Rogo, pois, á illustre redacção do *Diario* a inserção em suas columnas das notas que, com indisivel prazer, lhe envio. — Bahia, 20 de setembro de 1902. — *Barão de S. Francisco.*

A BAHIA NO SENADO DO IMPERIO

Tendo-se, nas varias provincias do ex-Imperio, feito as eleições senatorias conjunctamente para todas as cadeiras que, segundo o numero de seus deputados, a cada uma dellas tocaria na futura corporação vitalicia, e, na forma da Constituição de 25 de março de 1823, por listas de 3 nomes sobre cada logar, por decreto de 22 de janeiro de 1826, o senhor d. Pedro I fez a escolha dos que deveriam definitivamente formar o Senado.

Pela antiga Provincia hoje Estado da Bahia, foram nomeados dentre os 18 nomes apresentados á escolha imperial os seguintes:

Francisco Carneiro de Campos, José Joaquim Carneiro de Campos (depois Marquez de Caravellas), Luiz José de Carvalho e Mello (depois visconde da Cachoeira), José da Silva Lisboa (depois visconde de Cayrú), Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra Branca) e Clemente Ferreira França (depois marquez de Nazareth); os outros doze cidadãos, cujos nomes entraram na lista para perfazer o total dos dezoito eleitos foram: o marquez de Santo Amaro, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt Sá, Dr. Antonio Ferreira França, dezembargador Antonio Augusto da Silva, Alexandre Gomes Ferrão, capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão

(depois 1° barão de S. Francisco), dezembargador Antonio da Silva Telles, padre Francisco Agostinho Gomes, commendador Pedro Rodrigues Bandeira, brigadeiro Domingos Alves Branco Moniz Barretto, Pedro Marcos Antonio de Souza (depois bispo do Maranhão) e conego José Ribeiro Soares da Rocha.

Por essa occasião, succedendo que diversos cidadãos, que entraram na lista da Bahia, fossem tambem contemplados nas de outras Provincias, foram escolhidos por Pernambuco o marquez de Inhambupe, Antonio Luiz Pereira da Cunha; por Alagoas, o marquez de Barbacena, que era filho de Minas Geraes, Felisberto Caldeira Brant Pontes; por Pernambuco o magistrado Antonio José Duarte de Araujo Gondim; e pelo Pará o barão de Itapoan—José Joaquim Nabuco de Araujo.

Dos escolhidos da Bahia, o primeiro que falleceu foi o visconde de Cachoeira—Luiz José de Carvalho e Mello, á 6 de junho do mesmo anno, não tendo mesmo chegado a tomar assento no Senado.

Seguiram-se-lhe no tumulo, o marquez de Nazareth, em 11 de março de 1827. O visconde de Cayrú em 20 de agosto de 1835. O marquez de Caravellas em 8 de setembro de 1836, Francisco Carneiro de Campos, em 8 de dezembro de 1842. O visconde da Pedra Branca, que falleceu em 20 de março de 1855, foi o ultimo dos senadores bahianos da primitiva organisação do Senado.

*
* *

A primeira cadeira, a do marquez de Caravellas, teve apenas dois successores: Manoel Alves anco, depois visconde de Caravellas, nomeado 13 de junho de 1837 e fallecido em 13 de ho de 1855; e João Mauricio Wanderley, ois barão de Cotegipe, nomeado em 1° de

maio de 1856 e fallecido em 13 de Fevereiro de 1887.

A segunda cadeira, a do visconde da Cachoeira, que, como dissemos, não foi por elle occupada, teve por successor o magistrado Luiz Joaquim duque Estrada Furtado de Mendonça, nomeado em 11 de maio de 1827 e fallecido em 28 de novembro de 1834; por Manoel dos Santos Martins Vallasques, desde 18 de agosto de 1835 a 21 de novembro de 1862; por Zacharias de Góes e Vasconcellos, de 10 de fevereiro de 1864 a 28 de dezembro de 1877; por Manoel Pinto de Souza Dantas, nomeado em 19 de outubro de 1878 e fallecido em 29 de janeiro de 1894.

A terceira cadeira, a do marquez de Nazareth, vaga em 1829, foi occupada pelo visconde do Rio Vermelho, de 3 de novembro de 1827 a 13 de janeiro de 1850; pelo visconde de S. Lourenço, de 1° de maio de 1851 a 10 de setembro de 1872; por João José de Oliveira Junqueira, de 1° de março de 1873 a 8 de novembro de 1887; finalmente pelo barão de Pereira Franco que, tendo sido nomeado a 30 de abril de 1888, foi seu proprietario até a queda do Imperio, fallecendo a 20 de janeiro do corrente anno de 1902.

A quarta cadeira, a do visconde de Cayrú, fallecido em 1835, tem os seguintes occupadores: Cassiano Esperidião de Mello e Mattos, de 23 de maio de 1836 a 5 de julho de 1857; José Thomaz Nabuco de Araujo, de 26 de maio de 1858 a 19 de março de 1878; e Pedro Leão Velloso, nomeado em 19 de outubro de 1878, ao qual pertenceu até a queda do Imperio.

Falleceu este senador em 2 de Março do corrente anno.

Para a quinta cadeira, a do Visconde da Pedra Branca, fallecido em 1855, foram nomeados: em 1° de Maio de 1856 Angelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguayana, fallecido em 19 de Janeiro

de 1867; e José Antonio Saraiva, em 12 de Outubro de 1867. Este que sobreviveu ao imperio, falleceu a 21 de Julho de 1895.

A sexta cadeira, a de Francisco Carneiro de Campos, fallecido em 1842, sucessivamente foi occupada por José Carlos Pereira de Almeida Torres, Visconde de Macahé, de 14 de Junho de 1843 a 25 de Abril de 1850; por Francisco Gê Acayaba de Montesuma, depois Visconde de Gequitinhonha, nomeado em 1° de Maio de 1851 e fallecido em 13 de Fevereiro de 1870, e por Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha, nomeado em 4 de Abril de 1871.

A setima cadeira nova, creada em Abril de 1837 foi para ella nomeado senador por carta imperial de 13 de Junho do mesmo anno o magistrado Francisco de Souza Paraizo, que a occupou a 12 de Maio de 1843; por Manoel Antonio Galvão, desde 22 de Fevereiro de 1844 até 24 de Março de 1859; e, desde 1° de Maio de 1851, pelo Marquez de Muritiba.

Este, que ainda vivia quando se acabou o periodo imperial, falleceu em 22 de Fevereiro de 1896.

* * *

Recapitulemos:

Foram senadores pela Bahia os Srs.: 1° Visconde da Cachoeira, 2° Marquez de Nazareth, 3° Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça, 4° Visconde de Cayrú, 5° Marquez de Caravellas, 6° Francisco Carneiro de Campos, 7° Francisco de Souza Paraizo, 8° Visconde do Rio Vermelho, 9° Manoel Antonio Galvão, 10 Visconde de Macahé, 11 Visconde da Pedra Branca, 12 Manoel Alves Branco, 13 Cassiano Esperidião de Mello Mattos, 14 Manoel dos Santos Martins Vallasques, 15 Barão de Uruguayana, 16 Visconde de S. Lourenço, 17 Barão de Cotegipe, 18 Visconde de Gequitinhonha, 19 Marquez de Muritiba,

20 José Thomaz Nabuco de Araujo, 21 Zacharias de Góes e Vasconcellos, 22 José Antonio Saraiva, 23 Manoel Pinto de Souza Dantas, 24 Pedro Leão Velloso, 25 João José de Oliveira Junqueira, 26 Barão de Pereira Franco.

Os ultimos occupantes das cadeiras do Senado, os que sobrevieram ao Imperio, foram pela ordem dellas da 2ª, Manoel Pinto de Souza Dantas, da 3ª, Barão de Pereira Franco, da 4ª, Pedro Leão Velloso, da 5ª, José Antonio Saraiva, da 6ª, Joaquim Fernandes da Cunha, da 7ª, Marquez de Muritiba.

Por occasião da quéda do Imperio achava-se eleito e escolhido pela corôa o que deveria na 1ª cadeira succeder ao Barão de Cotegipe, mas não tinha ainda sido reconhecido — pelo Senado.

***

Dos senadores bahianos trez collaboraram na Constituição Politica de 25 de Março, taes foram os Snrs. Visconde da Cachoeira e Marquezes de Nazareth e de Caravellas. — A respeito deste eminente collaborador da Constituição do Imperio, não posso deixar de transcrever — aqui as seguintes palavras do Dr. J. M. de Macedo em seu *Anno Biographico Brazileiro*:

«Homem de idéas moderadas, liberal de principios, mas sem ligações de partidos, foi Carneiro de Campos — um dos 10 conselheiros nomeados para redigir a Constituição Politica do Imperio e o principal inspirador dos principios liberaes que ella firmou.»

Do Conselho de Estado creado pela lei de 23 de Novembro de 1841 fizeram parte os Snrs. Alves Branco, Visconde de Caravellas e os Viscondes de Macahé e Gequitinhonha, Marquez de Muritiba, Galvão, Barão de Uruguayana, Nabuco de Araujo, Souza Dantas e Leão Velloso.

Os Snrs. Zacharias, Cotegipe e Fernandes da Cunha recusam a nomeação com que foram para taes cargos agraciados.

Organisaram ministerios como presidentes de Conselho, que é instituição de 1847, os Snrs. Viscondes de Caravellas e de Macahé, Barão de Uruguayana, Zacharias de Góes (3 gabinetes), Saraiva (2 gabinetes), Dantas e Cotegipe.

Com excepção dos senadores Martins Vallasques, Rio-Vermelho, Cassiano, Pedra Branca e Souza Paraizo, todos entraram em composições ministeriaes.

Além destes, teria sido Ministro o Snr. Fernandes da Cunha se por mais de uma vez não se tivesse recusado a acceitar os convites que lhe foram dirigidos.

O Marquez de Caravellas fez parte da regencia provisoria eleita em 7 de Abril de 1831.

Dos senadores bahianos sómente entraram em mais de uma lista os seguintes: Cassiano, Galvão, Gequitinhonha, Zacharias, Saraiva e Franco.

Todos os mais foram escolhidos na 1ª lista, em que foram apresentados á Corôa.

***

Dos eleitos pela Bahia para membros do Senado brazileiro o que por mais tempo occupou sua cadeira foi o M. de Muritiba, que nella se sentou trinta e oito annos. Seguiu-se-lhe o Barão de Cotegipe, que occupou a sua por 33 annos.

A proposito dessas durações excepcionaes do mandato senatorial, que não se podia obter antes dos quarenta annos, passo a fazer uma ligeira digressão indicando aquelles senadores que, por mais extenso periodo, occuparam suas cadeiras.

O que morreu tendo sido senador por mais tempo foi o Visconde de Suassuna, por Pernam-

buco. Nomeado em 29 de Setembro de 1839 só falleceu em 28 de Janeiro de 1880 — quasi 41 annos depois!

O Snr. senador Souza Queiroz, por S. Paulo —tambem logrou os 41 !

E o Snr Silveira da Mota chegou a completar 36.

Seguem-se o Visconde de Abaeté com 35 e 10 mezes ; Marquez de Sapucahy, com 35 e 3 mezes; Duque de Caxias com 34 annos e 8 mezes; Marquez de Olinda com 33 ; Antonio da Cunha Vasconcellos com 32 annos e 5 mezes; Barão de Pirapama; Marquez de Valença; Nicolau P. de Campos Vergueiro; Joaquim Francisco Vianna com mais de 31; Visconde do Rio-Grande, e Francisco de Paula Pessoa com mais de 30 annos.

Por tanto tempo como muitos de seus pares não logrou occupar a cadeira de senador, Miguel Calmon, depois Visconde e Marquez de Abrantes, que dizia:

E' tão bôa a senatoria, que cada um de nós — deve fazer os maiores esforços por conservar a vida afim de gosar por mais tempo das regalias e proventos da privilegiada posição.

Fez parte em 1837 da lista triplice pela Bahia e foi nomeado por carta imperial de 20 de Julho de 1840; senador pelo Ceará, falleceu em 5 de Outubro de 1865, tendo occupado sua cadeira por mais de 25 annos.

Se tivermos tempo occupar-nos-hemos, n'outra occasião dos importantes serviços prestados pela maior parte dos nossos senadores, em quasi sua totalidade homens conspicuos e alguns muito notaveis.

***

Passamos agora a mencionar os cidadãos, que tendo entrado nas listas triplices ou sextuplas —

pela Bahia enviadas á escolha imperial, não conseguiram ser preferidos aos seus concurrentes.

Vão enumerados na ordem alphabetica:

Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, Antonio Joaquim Alvares do Amaral, Antonio de Souza Espinola, Barão de Guahy, Caetano Silvestre da Silva, Casemiro de Sena Madureira, Eustaquio Adolpho deMello Mattos, Francisco José Coelho Netto, Frederico Augusto de Almeida, Innocencio Marques de Araujo Góes, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, João Joaquim da Silva, José Augusto Chaves, João Ferreira de Moura, Salustiano Ferreira Souto, Antonio Carneiro da Rocha: este eleito em lista triplice foi escolhido no ultimo ministerio, que foi o do Visconde de Ouro Preto e teve a Carta Imperial que foi á Commissão de Verificação de Poderes — sem effeito, — porque neste interim foi extincto com o Imperio — o seu Senado.

Bahia, 20 de Setembro de 1902.

BARÃO DE S. FRANCISCO.

POETAS BAHIANOS

Seculo XVIII

VII

Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França

Dos poetas bahianos que succederam á *Escola Mineira* e floresceram no ultimo quartel do Seculo XVIII, occupa o primeiro lugar, pela ordem chronologica de seu nascimento, Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.

Nasceu este poeta, na cidade da Bahia, a 30 de Junho de 1761, segundo Pereira da Silva, ou de 1771, segundo o Conego Pinheiro, ou Sacramento Blacke.

A sua decidida vocação para a vida militar, fel o abraçar a carreira das armas, na qual muito se distinguio, sobretudo na guerra peninsular onde foi condecorado com a medalha de ouro da referida guerra.

Diz o seu distincto biographo Innocencio da Silva que Pinto da França valorosamente se bateu com os francezes, chegando á elevada patente de marechal de campo e tendo assento como deputado nas côrtes geraes da constituinte portugueza em 1821, juntando a todas estas honras a de primeiro senhor do morgado de Fonte Nova e as commendas das ordens de Christo e da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro de S. Thiago da Torre e Espada.

A 7 de Setembro de 1822, embarcou em Lisboa, Pinto da França, no brigue *Treze de Maio*, em demanda á barra do Rio de Janeiro, incumbido de

uma missão diplomatica de D. João VI para o general lusitano Ignacio Luiz Madeira de Mello, que não se realisou, e, em 20 de Janeiro de 1824, falleceu tendo-se mallogrado a sua missão.

Pereira da Silva, porém, em sua obra *Varões illustres do Brazil Nos Tempos Coloniaes* assevera que Pinto da França falleceu em Lisboa, no anno de 1826.

Pinto da França foi considerado em seu tempo um distincto poeta; pena é que a maioria de suas poesias ficasse inedita e se perdesse.

Como sonetista, porém, por duas obras primas que d'elle possuimos, não duvidamos collocal-o ao lado de Camões e Bocage e nem julgamos que Claudio Manuel da Costa hesitasse subscrevel-os.

Pensamos como Pinheiro e Pereira da Silva a este respeito, e o proprio Sylvio Romero, que o considera poeta de pouca nomeada, reconhece a superioridade dos dous sonetos.

O primeiro foi recitado pelo auctor em 1808 sobre o tumulo de D. Affonso Henrique, na Egreja de Santa Cruz, em Coimbra, onde se procedeu, por ordem de Junot, ao desarmamento dos regimentos de cavallaria de Chaves e Almeida, occupando n'este ultimo o distincto poeta-guerreiro o posto de capitão.

Ao protesto do soldado indignado, ao grito de indignação do patriota, junta-se a belleza e correcção dos versos, sahindo do conjuncto um dos melhores sonetos escriptos em lingua portugueza.

Se no primeiro soneto sobresahe a indignação do guerreiro, no segundo sente-se a resignação philosophica do christão no ultimo transe de sua perigrinação por este valle de lagrimas.

Duas horas antes de succumbir o desditoso poeta, escreveu-o.

O canto de cysne,—*Ultimo Adeus*,—do poeta marechal é tão digno de nota quanto o soneto feito em identicas circumstancias por Bocage; nota-se, porém, que Bocage, que era impio, tem palavras de arrependimento reconciliando-se com Deus, Pinto da França, que em sua longa existencia não tem um só acto que desabone a sua crença, é estoico como Zenon no seu ultimo threno.

Além de sonetista era Pinto da França poeta lyrico e suas poesias eroticas, se não tinham o mimo e a belleza das *Lyras* de Gonzaga e dos *Rondós* de Alvarenga, nem por isso deixavam de primar pelo seu lyrismo puro e natural.

De Pinto da França conhecemos as seguintes composições:

Sonetos (quatro)—publicados: o 1.º, em 1808, sobre o tumulo de D. Affonso Henriques, no *Jornal de Coimbra*, n. 22, de Outubro de 1813; o 2.º e o 3.º glosados aos mottes: *De Jano as portas por desgraça abertas* e *Entre os horrores da malvada guerra*, no dito jornal n. 41, parte 2.ª; o ultimo, escripto duas horas antes de expirar, no *Parnaso Brasileiro* de Pereira da Silva, tomo 2.º, pag. 179 e no *Almanach do Rio-Grande do Sul*, para 1901, organisado por Alfredo Ferreira Rodrigues, pag. 202.

—*O Naufragio*: poesia—no *Parnaso Brasileiro* de Pereira da Silva, pags. 176 a 177.

—*Commodidades* que o marechal de campo graduado, etc., offerece de uma feira nas terras de seu engenho, denominado Aramaris e a que se refere o decreto de 9 de Agosto de 1819. Rio de Janeiro, 1819, 6 pags. in fólio.

Occuparam-se com este poeta: Pereira da Silva, Conego Pinheiro, Innocencio da Silva, Mello Moraes Filho, Januario Barbosa, Varnhagen, muitos outros.

VIII

Manuel Ferreira de Araujo Guimarães

Não será a primeira vez que figura entre os litteratos de um paiz o nome de um homem que só produziu uma obra: Heredia fez um livro de sonetos e entrou na Academia, Lapa Pinto escreveu o *Festim de Balthazar* e tem o seu nome na *Litteratura Brasileira* de Silvio Romero.

Podiamos citar como estes muitos outros exemplos para justificar a entrada em nosso trabalho do nome do poeta que emcima estas linhas.

Manuel Ferreira de Araujo Guimarães era filho legitimo do negociante Manuel Ferreira de Araujo e D. Maria do Coração de Jesus.

Nasceu a 5 de Março de 1777, na cidade da Bahia, onde estudou primeiras lettras e latim, indo completar o curso de humanidades com grande louvor em Lisbôa.

Por falta de meios pecuniarios não entrou para a Universidade de Coimbra e em 1798 matriculou-se no 1.º anno da Academia Real de Marinha apresentando no anno seguinte ao ministro da marinha a traducção de parte do curso de mathematicas do abbade Marie que trata da arithmetica e principios de algebra, trabalho que examinado pela Academia mereceu applausos.

Foi premiado no exame final e no anno seguinte despachado aspirante de piloto.

Não podendo por pobreza continuar os estudos, obteve, em 1799, do governo, uma pensão de cincoenta mil réis annuaes.

Concluido o curso, foi nomeado lente substituto da Academia Real de Marinha e teve a patente de 2.º tenente da armada sete annos e meio depois.

Manuel Ferreira leccionou as aulas do 2.º e 3.º annos, foi membro da Sociedade Militar, traduziu e publicou a *Analyse de Cousin*, mas sempre por falta de meios não podia voltar á terra natal, obtendo para isto, a muito custo, uma licença, até que, com a transmissão da familia real para o Brazil, graças a protecção do Conde de Linhares, melhorou de sorte.

Foi nomeado capitão do corpo de engenheiros no Rio de Janeiro e incumbido de traduzir a geometria de Legendre para a Academia Militar.

Em 1813 foi promovido a Sargento-mór effectivo e começou a redigir a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Patriota*.

Em 1821, já coronel graduado, jubilou-se na Academia Militar e deixou a redacção da *Gazeta* tomando conta da do *Espelho*, que pregava e animava a resistencia ás tropas luzitanas.

Foi por este tempo que publicou o avulso— *Um cidadão do Rio de Janeiro á divisão auxiliadora luzitana*.

Em 1823 foi deputado á Constituinte pela Bahia, membro da commissão de marinha e guerra e deputado da junta de direcção da Academia Militar.

Em 1824 foi deputado da junta de inspecção da Typographia Nacional.

Em 1826 entrou de novo para a *Gazeta do Rio de Janeiro* cuja redacção deixou em Abril de 1830.

Chegou a brigadeiro graduado do corpo de engenheiros com permissão de residir em sua provincia onde reformou-se em Janeiro de 1831.

Era cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e commendador da de S. Bento de Aviz.

Em 4 de Março de 1834 foi nomeado professor de geometria e mechanica applicada ás artes do

Arsenal de Marinha da Bahia, para o que traduziu a *Geometria e Mechanica applicada ás artes* do Barão Dupin.

Foi membro distincto da primeira assembléa provincial da Bahia.

Estava, porém, reservado o mais cruel dos golpes para o ultimo quartel de sua vida.

Quando a 7 de Novembro de 1837 rebentou na Bahia a revolta republicana que foi esmagada em Março de 1838, Innocencio Eustaquio de Araujo Guimarães, filho do nosso poeta, envolvendo-se no movimento revoltoso e como militar teve em 23 de Junho de 1838 de responder a conselho de guerra.

Manuel Ferreira foi defender seu filho e, apezar do seu eloquentissimo discurso que arrancou lagrimas dos proprios juizes, o major Innocencio foi condemnado.

O brigadeiro Manuel Ferreira morreu de desgosto a 24 de Outubro deste mesmo anno de 1838.

Como poeta, Manuel Ferreira, em 1812, n'um elogio que fez ao seu fallecido protector e amigo o Conde de Linhares, compoz um epicedio que correu impresso com muito louvor.

IX

Domingos Borges de Barros

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA)

Divergem as opiniões sobre a data do nascimento d'este poeta.

Macedo diz que elle nasceu a 10 de Outubro de 1780; Pereira da Silva marca para seu nasci-

mento o anno de 1783, Sylvio Romero e o Barão de Loreto asseveram que foi em 1779.

O que não resta duvida é que Borges de Barros é natural do Engenho de S. Pedro, termo de Santo Amaro da Purificação, provincia da Bahia, e filho legitimo e segundo de Francisco Borges de Barros, sargento-mór do regimento de milicias, e de D. Luiza Clara de Santa Ritta, ambos parentes consaguineos.

Era parente de João Borges de Barros, de seu filho José Borges de Barros, poeta por nós estudado no seculo 17.°, e de outro poeta João Borges de Barros, formado em canones e deão da Sé.

Rico da grande fortuna que possuiam seus paes e do invejavel talento com que o dotara a natureza, partiu Borges de Barros para Coimbra em cuja universidade foi um estudante distincto, formando-se em pouco tempo em jurisprudencia.

Em Lisbôa patenteando desde logo seu genio pela poesia, metteu-se na pleiade mais brilhante d'aquelle tempo e fez de Filinto Elysio, Bocage, Nicoláo Tolentino e Agostinho de Macedo seus intimos.

Depois de formado empregou o incansavel poeta seu tempo em estudar poesia, philosophia, botanica e agricultura.

A sua primeira viagem a Paris foi feita em 1806.

Em 1811, de volta a Bahia, foi preso e remettido para o Rio de Janeiro.

Dão como causa da sua prisão o ardor que nutria pelas idéas liberaes, e por ser amigo de Filinto Elysio e de Hyppolito, redactor do *Correio Braziliense*.

Em 1820 rebentou a revolução em Portugal e em 1821, installadas as côrtes constituintes em Lisbôa, Borges de Barros, deputado pela Bahia, advogou a liberdade politica das mulheres, sendo

vencido pela maioria, e retirou-se por não querer jurar a constituição votada.

«Ergueu, diz o Barão de Loreto, a potente voz contra as tentativas de recolonisação do Brazil. Mostrou-se n'aquelle congresso um dos acerrimos defensores dos direitos e fóros do reino americano, bem como iniciou reformas tendentes a prosperal-o, sugerindo, além de outras medidas, a extinção do trafico dos africanos e a emancipação gradual dos escravos.»

Saindo da constituinte portugueza, foi o poeta para Paris como representante do Brazil independente na França, com a alta missão diplomatica de conseguir de Carlos V, rei de França, o reconhecimento do novo imperio. E soube captar a adhesão do monarcha francez á causa da Independencia do Brazil.

Durante este tempo publicou, em Paris, seu primeiro livro de versos, em dois volumes, com o titulo: *Poesias offerecidas ás senhoras brasileiras por um bahiano.*

«Parlamentar já provecto, diz o Barão de Loreto, foi, pelos votos reteirados de sua provincia natal, enviado ás duas Camaras quando se constituiu a Assembléa Geral Legislativa; e, sob o imperio, investido no cargo de senador, figurou em successos transcendentes do primeiro periodo regencial.

A attitude politica de Borges de Barros, depois d'aquella missão diplomatica, durante o imperio não é bem conhecida.

Em cartas escriptas a Menezes Drummond, em 1824, José Bonifacio queixava-se amargamente de Pedra Branca, chamando-o por ironia *Pedra Parda* porque o considerava mestiço disfarçado.

Eleito e escolhido, contra vontade, senador, em 1825, só duas vezes apresentou-se na Camara vitalicia.

Já era barão da Pedra Branca, quando, por ajustar o casamento da princeza Amelia de Leuchtemberg com o imperador D. Pedro I, recebeu a gran cruz da Imperial Ordem de Christo, a grande dignataria da Imperial Ordem da Rosa e a elevação titular de barão para visconde da Pedra Branca.

O novel visconde passou em seu tempo por um emerito galanteador e irresistivel conquistador do bello sexo, qualidades essas que muito o distinguiram no paço das diversas côrtes européas que frequentou até a velhice, voltando então á patria, onde dedicou-se ainda á poesia e á agricultura.

Incansavel trabalhador, Pedra Branca ainda escreveu as suas *Novas Poesias* e o poema elegiaco *Os Tumulos*, foi membro de diversas sociedades scientificas e litterarias da Europa, e do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

O visconde da Pedra Branca falleceu na Bahia, a 21 de Março de 1855, ou segundo Sacramento Blake, a 20 do mesmo mez e do mesmo anno.

Este poeta cultivou quatro generos de poesia: o didactico, o satyrico, o elegiaco e o lyrico subjectivista.

Silvio considera-o mediocre nos dois primeiros; limpido, sonoro e forte nos dois ultimos.

Pereira da Silva acha que no lyrico elle foi um dos mais suaves poetas portuguezes.

A nota predominante de sua poesia é, porém, o lyrismo.

Dr. Manuel Brito.

Actas das Sessões e Offertas

90.ª SESSÃO EM 23 DE FEVEREIRO DE 1902

Presidencia do Exmo. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos vinte e tres dias do mez de Fevereiro de 1902, nesta cidade da Bahia, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e João Nepomuceno Torres, o primeiro, Presidente e o segundo, 1.º Secretario, o Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador, Innocencio Muñoz de Araujo Góes e José Julio de Calasans, Padre Luiz da França dos Santos, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Eloy de Oliveira Guimarães, Professor João Joaquim dos Santos Sá, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Alfredo Octaviano Soledade e Pharmaceutico Alfredo Accioly, foi aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o Dr. Innocencio Muñoz de Araujo Góes na ausencia do effectivo.

É lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officios: do Snr. Cons. Salvador Pires, datado de 12 de Novembro do anno passado, passando o exercicio do cargo de Presidente ao 1.º Secretario, na ausencia do 1.º e 2.º Vice-Presidentes, por ter de afastar-se temporariamente da capital por incommodo de pessoa de sua familia; do Dr. Secretario do Tribunal de Conflictos e Administrativo solicitando a remessa áquella Secretaria, de um exemplar dos Estatutos; do Presidente da *Sociedade Nacional de Agricultura*, enviando a lista

dos nomes dos socios eleitos para a nova Directoria, do Secretario da *Real Sociedade Portugueza de Beneficencia Dezesseis de Setembro*, enviando a relação dos novos funccionarios da Directoria.

Cartas: do Dr. J. C. Branner, accusando o recebimento da noticia de haver sido escolhido socio correspondente do «Instituto», agradecendo essa honrosa escolha e promettendo enviar em breve, «pequena contribuição sobre a geologia do Brasil»; do Provedor interino da Casa Pia e Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, communicando que vae ser estabelecida alli uma bibliotheca infantil e solicitando a remessa de livros, brochuras e jornaes; do Snr. M. Marris, Secretario geral honorario da *Sociedade de Geographia Commercial de Bordeaux*, communicando que a seu pedido fôra exonerado do logar de Secretario geral que exercia, havia muitos annos, sendo eleito para substituil-o o Dr. Lassene, acompanhada de uma outra deste cavalheiro, communicando por sua vez que fôra eleito em substituição d'aquelle e pedindo que, para o bom desempenho do seu cargo, seja-lhe dispensada a mesma coadjuvação que ao seu antecessor; um cartão da *Sociedade Nacional de Agricultura* de 1.° de Janeiro do corrente anno, saudando o Instituto no novo anno; um aviso circular subscripto pelo Governador e Secretario do Estado do Pará, contendo o theor do Dec. n. 933 de 31 de Dezembro de 1900 pelo qual foi conferido ao «Museu Paraense» a denominação de «Museu Goeldi» em attenção aos relevantes serviços prestados pelo Dr. Emilio Augusto Goeldi, Director do mesmo Museu, no periodo de sua organisação; um cartão-convite do Gremio Litterario para o Instituto assistir a 4.ª conferencia a ser realisada em 24 do corrente mez, ás 7 horas da noite; carta do socio Xavier Marques, enviando exemplares de alguns trabalhos do Professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan; finalmente, carta

do socio Major Rogociano Teixeira, enviando o livro que contém discursos, manifestos, etc. do Cons. Dr. Ruy Barbosa, cartas estas, cujo theor é o seguinte aqui transcripto, segundo deliberação dos Snrs. socios:

De Xavier Marques dirigida ao Cons. João Torres, 1.º Secretario:

«Com exemplares de alguns trabalhos meus que tenho a honra de offerecer á bibliotheca desse «Instituto», envio, para a respectiva secção de manuscriptos, cópia de diversas producções poeticas do illustre bahiano, Professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan. Estas cópias feitas por mão de meu saudoso mestre e irmão do poeta, o Professor Genuino da Silva Rosa Embirussú Camacan, me foram confiadas, ha annos, para o fim de escrever um ligeiro estudo acerca do Professor Baldoino, estudo que se acha publicado na Revista *O Patheon* que se editou n'esta capital. Era tudo o que restava do espolio litterario de tão fecundo espirito e que hoje entrego, por seu intermedio, aos archivos dessa benemerita associação.

E' justo seja ella a depositaria destes manuscriptos, legado daquelle a quem o antigo «Instituto Historico» rendeu homenagem, approvando em sessão de 4 de Setembro de 1859 o requerimento do Dr. Alvares da Silva, para que «á memoria de Junqueira Freire se unisse a necrologia do Sr. Guilherme Baldoino, como um dos nossos homens de lettras». Do socio Rogociano, dirigida ao mesmo Conselheiro, 1.º Secretario, em 7 de Janeiro do corrente anno:

«Tive a felicidade de ouvir na tarde do dia 26 de Março de 1898, no Supremo Tribunal Federal, o nosso glorioso patricio, Dr. Ruy Barbosa, ler o seu monumental discurso impetrando, perante aquelle Tribunal, *habeas-corpus* a favor dos implicados nos lamentaveis successos do dia 5 de No-

vembro de 1897; e, logo após a leitura, pedi-lhe o precioso autographo com o intento de envial-o ao archivo do nosso «Instituto», pedido que foi logo attendido pelo eminente brasileiro.

Não o enviei ha mais tempo porque desejava fazel-o depois que algum outro bahiano illustre fizesse, sobre o merito d'esse discurso, uma apreciação, o que sómente agora obtive do illustre jurisconsulto e digno deputado federal, pelo nosso Estado, Dr. Aristides Augusto Milton que, devo confessal-o, accedeu immediatamente e da melhor boa vontade ao meu pedido; pelo que lhe sou muito grato.

Embora a minha nenhuma competencia sobre o assumpto, todavia, V., que é mestre de direito, verá que o trabalho do Dr. A. Milton está na altura do seu saber e que, mais uma vez, assim firmou o seu credito de jurisconsulto emerito.

Para melhor conservação dos autographos mandei encadernal-os em um livro, juntando um exemplar da « Revista de Jurisprudencia », que aqui se edita, em que estão publicados, não só aquelle discurso como egualmente a petição e a lecção dos dois Accordãos, trabalhos do Dr. Ruy Barbosa e todos referentes ao mesmo *habeas-corpus*.

Envio, tambem, ao « Instituto » um livro contendo diversos outros trabalhos do Dr. Ruy Barbosa, como sejam : « discursos, artigos e manifestos ».

O « Instituto », por seus socios presentes, mandou responder e agradecer.

As offertas constam do appendice.

Pelo Sr. Presidente foi communicado o fallecimento dos seguintes socios: Barão de Pereira Franco, na capital Federal, a 20 de Janeiro; do conego João Paranhos da Silva, na villa de Agua-Quente, a 30 do mesmo mez, socios correspondentes; e do Pharmaceutico Eudoxio Pereira da

Costa, socio effectivo, n'esta capital, a 5 de Fevereiro, tudo no corrente anno, salientando os serviços prestados ao paiz e ao «Instituto», propondo, o que foi approvado, que se inserisse na acta um voto de pezar.

O thesoureiro, Capitão Ferreira Braga, na fórma dos Estatutos, apresentou e leu o balancete da Receita e Despeza do «Instituto», durante o anno de 1901, o qual é remettido á commissão de fazenda e orçamento para os fins convenientes.

Foram votadas, em escrutinio secreto, as propostas de admissão de socios, sobre que havia parecer da commissão, sendo approvados e proclamados socios effectivos: a Exma. Sra. D. Maria Elisa Valente Muniz de Aragão, Drs. João Gualberto Nogueira, Antonio Ferrão Muniz de Aragão e Joaquim Augusto Tanajura, e correspondentes: Arthur Vianna e Antonio Lobo, directores das bibliothecas publicas do Pará e do Maranhão e Franco Pacheco, escriptor portuguez, residente em S. Luiz do Maranhão.

Foram lidas 3 propostas para admissão de socios e remettidas á respectiva commissão.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

Approvada em sessão de 20 de Abril de 1902. — *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*— *João Nepomuceno Torres.*—*Alfredo Accioli do Prado*, secretario interino.

91.ª SESSÃO EM 20 DE ABRIL DE 1902

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos vinte dias do mez de Abril de 1902, presentes os socios, Conselheiros Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e

João Nepomuceno Torres; 1.· secretario, Drs. Alfredo Cabussú, Braz do Amaral, Joaquim Pires Muniz de Carvalho, Pedro Muniz Leão Velloso, Julio de Calasans, Conego Manfredo de Lima, Eloy Guimarães, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro, Antonio José Gonçalves Neves, Commendador Salvador Pires, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, professor João Joaquim dos Santos Sá, Alfredo Soledade, pharmaceutico Alfredo Accioli, foi aberta a sessão, servindo como 2.· secretario este ultimo socio, na ausencia do effectivo que mais tarde compareceu, sendo lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Communicação feita ao Instituto pelo deputado federal José Boiteux de que havia apresentado um projecto, concedendo franquia postal á correspondencia e revistas dos diversos Institutos Historicos do Brasil; carta convite para a solemnidade da collação do gráu aos doutorandos de medicina; carta convite do Instituto Agronomico da Bahia para a inauguração, hoje, do Lyceu Polytechnico da Bahia; officio do presidente da Associação Commercial, enviando a relação da directoria eleita e empossada a 27 de Fevereiro ultimo; do director do Instituto Vaccinico, Dr. Antonio Monteiro de Carvalho, communicando sua posse nesse cargo, para que fora nomeado, em 13 de Março; carta do socio Dr. Joaquim Tanajura, declarando acceitar a sua escolha para socio effectivo; carta do socio Antonio Lobo, director da Bibliotheca Publica do Maranhão, dando as razões por que não podia, presentemente, acceitar o cargo de socio correspondente.

Pelo Presidente foi nomeada uma commissão para assistir a solemnidade da collação do gráu aos doutorandos, composta do Dr. Braz do Amaral e Pharmaceuticos Diniz Gonçalves e Accioli.

O Conselheiro 1.º secretario, deu noticia das seguintes valiosas offertas: Da Exma. Viscondessa de Cavalcanti, nossa consocia, de 72 volumes de obras, inclusive classicos latinos, offerta cujo valor está nas edições, acompanhada de uma carta; do Dr. Anisio Circundes de Carvalho, professor cathedratico da Faculdade de Medicina desta cidade, de um arco artisticamente trabalhado e de uma collecção de frechas de varias especies, obtidos dos «Bororós Coroados» de Matto-Grosso, e do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo de um catalogo movel de classificação decimal, e index de Devey.

Em seguida o socio coronel Gonçalo de Athayde, communicou que o socio commendador Santa Anna não comparecera por motivo de molestia.

E' lido o parecer da commissão de orçamento e Fazenda sobre as contas do Sr. thesoureiro, durante o anno findo, o qual, submettido a votação, é approvado.

O parecer é do theor seguinte:

A Commissão de «Fundos e Orçamento» do Instituto Geographico e Historico da Bahia, tendo devidamente examinado o relatorio e as contas do Sr. thesoureiro Francisco Gomes Ferreira Braga, é de parecer que sejam approvados.

Bahia e sala das sessões do Instituto, 20 de Abril de 1902.—A commissão—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—A. Cabussú.*

O balancete da Receita e Despeza é este:

RECEITA

Saldo do anno de 1900.....	84$652
Subvenção estadual.....	500$000
Idem municipal por c/.....	500$000
Idem federal até Setembro de 1901.	3:749$998
Mensalidades de socios.....	1:748$000
Joias de socios.....	450$000
Assignatura da Revista.....	48$000
	7:080$650

DESPEZA

Ordenados dos empregados e commissão ao cobrador.....	2:469$744
Despezas geraes, inclusive as da secretaria.....	458$330
Diversas contas pagas.....	1:350$510
Ao Banco Auxiliar das Classes, amortisação da lettra.....	3:750$166
Seguro do predio.....	115$800
	8:144$950

Deficit para o exercicio seguinte: 1:063$950.

Assignado pelo Guarda-livros João José dos Santos Sá e pelo Thesoureiro Francisco Gomes Ferreira Braga, em 23 de Fevereiro de 1902.

O Dr. Alfredo Cabussú pedio a palavra e em nome da commissão leu o projecto de Orçamento para o corrente exercicio o qual ficou sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte, dando as explicações que julgou necessarias para justificar a diminuição de algumas verbas.

São igualmente lidos varios pareceres da commissão de admissão de socios, cuja votação é adiada por falta de numero legal.

E' lida e remettida á mesma commissão uma proposta para admissão do litterato e historiographo José Ribeiro do Amaral, residente em São Luiz do Maranhão.

Sob proposta do Conselheiro presidente resolveu o Instituto que no dia 3 de Maio seja commemorado o 8.° anniversario do «Instituto» com uma sessão litteraria, sem convites especiaes, sendo publica a mesma sessão.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão.

Approvada em sessão de 18 de Maio de 1902. — *João Nepomuceno Torres.* — *Gonçalo de Athayde Pereira.* — *Guilherme Conceição Foeppel.*

92.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1902

SESSÃO MAGNA, COMMEMORATIVA DO ANNIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO

Presidencia do Exm. Snr. Cons. João Torres

Aos tres dias do mez de Maio de 1902, no salão do « Instituto », á 1 hora da tarde, presente grande numero de socios e muitos cidadãos, representando todas as classes, a saber: Conselheiros Drs. João Torres, 1.º Secretario, Filinto Bastos, orador adjuncto, e Joaquim Antonio de Souza Spinola, Presidente do Tribunal de Appellação e Revista do Estado, o Capitão Francisco Braga, Thesoureiro, Isaias de Carvalho Santos, 2.º Secretario, os Drs. Braz do Amaral, orador, Guilherme Fœppel, Ernesto Carneiro Ribeiro, Manoel Pedro de Rezende, Presidente do Tribunal de Conflictos e Administrativo, Aurelio Pires de C. e Albuquerque, Egas Muniz Barretto de Aragão, Julio de Calasans, José Francisco da Silva Lima, Innocencio Munoz, Capitão de mar e guerra Alves Camara, Coronel Gonçalo de Athayde, Engenheiro Sampaio Neves, Professor Elias Nazareth, Padre Luiz da França, Dezembargador Licinio Alfredo da Silva, Dr. Reis Magalhães, conego Elpidio Tapiranga, Cons. Dr. Rozendo Guimarães, Coronel Saturnino Ribeiro da Costa, Damasceno Vieira, Drs. João Cerqueira Pinto, João Evangelista de Castro Cerqueira, Americo Velloso, Juvenal Silva, Julio Barbuda, Luiz Anselmo da Fonseca, Celso Spinola, Bernardo Jambeiro, Tiburcio Suzano de Araujo, Silio Boccanera, Barão de São Francisco, José Claudino Dias, Engenheiro Aloysio Accioli, Professor Prisciliano José Leal, Herculano Cunha, Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, Acacio Manoel de Jesus, Pedro Bastos de Seixas, Theodulo Prazeres, Laudelino

Barros, Raul Costa, Candido Carneiro, Joaquim Barretto de Araujo, Francisco Xavier da Silva Pimentel, representando a Bibliotheca Publica da Feira de Sant'Anna, João Gonçalves do Couto, Raul Boccanera e Henrique Cancio, representando o *Diario da Bahia*, assumio a cadeira da presidencia o Snr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario, na ausencia do Presidente effectivo e dos vice-Presidentes, servindo de 1.º Secretario o 2.º e de 2.º o Dr. Reis Magalhães, por convite do Snr. Cons. Presidente, que declarou aberta a sessão, referindo em breves palavras os motivos da solemnidade que todos iam presenciar e em seguida deu a palavra ao Dr. Pedro Julio Barbuda, Professor do Instituto Normal, o qual leu extenso e erudito estudo sobre a «Evolução litteraria da lingua portugueza no Brazil.»

Seguiram-se-lhe com a palavra o Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, professor da Faculdade de Medicina e do Gymnasio e orador do «Instituto», fazendo a leitura do trabalho que, em commum com o socio Dr. Innocencio Góes, levou a effeito, trabalho descriptivo dos exames e investigações realisadas, no intuito de descobrirem a verdade, quanto a versão corrente, de que os Jesuitas deixaram alfaias e riquezas em algum esconderijo do antigo Collegio; e o Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, que leu importante estudo sob o titulo—«Colonos indigenas e escravos. « Os Jesuitas e a Catechese. « Historia do Brazil ».

Por ultimo falou o socio Damasceno Vieira, lendo patriotico discurso, sendo em seguida encerrada a sessão.

Approvada em sessão de 25 de Maio de 1902. — *Satyro Dias*. — *João Nepomuceno Torres*. — *Aloysio de Carvalho*.

Discurso do Sr. Damasceno Vieira

Sr. Presidente.
Srs. Consocios.
Meus Srs.

Como membro do « Instituto Historico e Geographico do Brazil », membro d'este « Instituto » e representante da gazeta *A Bahia*, cumpro o dever de trazer a esta illustre associação congratulações sinceras pela festa que hoje realiza, commemorando o 8.° anniversario de sua existencia.

Oito annos de continuas luctas, de sacrificios heroicos, para manter de pé uma instituição honrosa, tanto para a Bahia como para as lettras patrias, uma instituição benemerita que tem por fim especial investigar e propagar conhecimentos historicos, reunir documentos que colloquem em relevo os feitos de nossos antepassados como dignos de transmissão á historia geral de todos os povos cultos, como paginas frementes de civismo e de amor por todas as manifestações da liberdade!

Apezar das mil contrariedades oppostas á marcha d'este « Instituto», elle deve proseguir erguido sobre os nossos hombros, como aquella arca da alliança em que se guardavam as leis fundamentaes de uma religião! E é uma religião, Srs., o saber manter uma instituição desta ordem, alheia completamente ao turbilhonar das paixões politicas, e consagrada a investigações superiores, que dizem respeito ao desenvolvimento intellectual do paiz!

Elle deve proseguir, e vencer como desassombro os obices erguidos em sua perigrinação de apostolo, fortalecido, illuminado pela estrella que lhe encima o glorioso escudo, destinada a espalhar, *urbi et orbi*, a luz da sciencia geographica e da sciencia historica, como demonstrações eloquentes e perduraveis do vigor mental desta terra!

Ha 46 annos, Srs., a 3 de Maio de 1856, uma illustração do clero brazileiro, fundador e presidente do antigo «Instituto Historico da Bahia», o eminente arcebispo bahiano D. Romualdo Antonio de Seixas, compenetrado do elevado alcance da corporação que dirigia, estimulava os seus consocios, exclamando, com o brilhantismo de seu estylo elegantemente litterario:

«Que relevante serviço não deverá prestar o Instituto ás lettras e á sociedade, investigando os antigos monumentos e recolhendo os materiaes dispersos nos archivos publicos ou no fundo das bibliothecas particulares, e alguns já quasi apagados, afim de coordenar a historia completa de uma provincia tão insigne por sua cathegoria, riqueza e população, e onde se passaram tantos feitos altamente epicos e gloriosos?»

Outra voz auctorizada e egualmente emmudecida pela morte — sombra augusta que em pleno vigor da mocidade deixou em sua passagem n'este «Instituto» inapagaveis vestigios, um de seus esforçados presidentes, o Dr. Tranquillino Torres, cuja acendrada dedicação e cultivado talento eram columnas desta corporação, dizia, com a previsão de propheta:

«Nós, que nos reunimos 38 annos depois d'aquella phalange de heróes, homens de estudo, embalados no berço da civilisação, e constituimos esta outra agremiação com um programma muito mais amplo; nós sobre cujos hombros pesam encargos muito mais penosos, temos o dever de, com a licção severissima do passado, empregar todas as energias na defeza dos compromissos que todos abraçamos.»

Assim se exprimiram duas queridas mentalidades do antigo e do novo «Instituto».

Si cada vez se accentúa mais a verdade de que os vivos são governados pelos mortos; si os desejos

e as aspirações vehementes dos que foram caminho da eternidade são para nós legados preciosos que devemos cumprir: sigamos os dictames de nossos illustres predecessores; unamos os nossos esforços para imprimir ao « Instituto » o florescimento de que é digno; mantenhamos a publicação de sua utilissima *Revista Trimensal*; desobriguemo-nos do onus que nos pesa com a aquisição d'este bello edificio; contribuamos para que o «Instituto» gose vida independente e gloriosa, compativel com a magnitude de seu programma.

Só assim, senhores, terá o «Instituto Geographico e Historico da Bahia», satisfeito ao seu grande ideal, e o nosso desvanecimento será completo porque a elle se associará de certo o illuminado espirito d'aquelle emerito bahiano que fundou os dois Institutos e que em sua irradiante jornada pela terra se impoz a respeitos e applausos, sob o nome de frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha.»

SUMMARIO DO N. 28

	PAGS.
Innocencio Munõz	3
Os Indigenas da Bahia, pelo Professor Borges dos Reis.	9
A antiga capella dos Jesuitas na Bahia, pelo Dr. Braz do Amaral.	47
Colonos Indigenas e Escravos. Os Jesuitas e a catechese. Historia do Brasil, pelo Professor Borges dos Reis.	57
O culto dos heroes, pelo Dr. Egas Moniz	65
Habeas-Corpus — Estado de Sitio — Prefacio ao Discurso do Dr. Ruy Barbosa, pelo Dr. Aristides Milton . .	73
Revolta parlamentar de 1840, pelo Dr. Innocencio Goes.	83
Exploração do Mucury e Jequitinhonha, pelo coronel Innocencio Velloso Pederneiras	89
A Egreja da Ajuda	143
As abelhas sociaes indigenas do Brasil, pelo Dr. H. Von Ihering.	151
A Bahia no Senado do Imperio, pelo Barão de S. Francisco.	157
Poetas Bahianos, pelo Dr. Manoel Brito	167
Actas das Sessões e Offertas.	177

MESA ADMINISTRATIVA EM 1903

Presidente—Cons. Antonio Carneiro da Rocha.
1.º Secretario—Cons. João N. Torres.
2.º Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos.
Orador—Dr. Braz do Amaral.
Thesoureiro Capitão Francisco G. Ferreira Braga.

Toda a correspondencia relativa á *Revista* bem como a remessa de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do «Instituto», á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus).

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

1903

ANNO X VOL. X N. 29

BAHIA
LITHO-TYP. E ENC. REIS & C.
Rua Dr. Manoel Victorino, 23 e 25

1904

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

1903

ANNO X VOL. X N. 29

BAHIA
LITHO-TYP. E ENC. REIS & C.
Rua Dr. Manoel Victorino, 23 e 25

1904

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

Anno X 1903 Num. 29

MEMORIA HISTORICA

Sobre os acontecimentos de 24 de Novembro de 1891

NA BAHIA (*)

TENDO o *Paiz* publicado alguns artigos ha cerca de dous annos, sob o titulo *Evangelho da Republica* e ultimamente transcriptos no *Diario de Noticias* d'aqui, nos quaes são contados, com certas lacunas e enganos, os factos referentes ao 24 de novembro de 1891 e que pertencem á historia da Bahia, entendi dever fazer uma rectificação sobre estes pontos; n'isto, porém, não vae desejo de depreciar, de qualquer modo o trabalho em questão, escripto por penna habil e instruida, orientada por esclarecido espirito de critica e traçado com vigor e franqueza que fazem honra ao seu author; trabalho util que descreve os factos mais notaveis de uma epocha, desvendando á sciencia e ao povo

(*) Memoria lida na sessão magna do Instituto de 3 de Maio de 1903, pelo orador Dr. Braz H. do Amaral.

brazileiro muitos acontecimentos importantes de sua vida politica.

São os seguintes os pontos da contestação:

—Em primeiro logar o sr. Zama não depoz o dr. Manoel Victorino á frente de um grupo de assallariados.

Em outro dia será a verdade d'este caso restabelecida completamente.

Quanto ao 24 de novembro convém ficar bem claro que não tinha o sr. José Gonçalves grande popularidade.

«Que não foi o que se deu com o Sr. José Gonçalves o que se passou com o dr. Manoel Victorino e o marechal Hermes.

Que não foi acclamada junta provisoria composta de Tude, Freitas e Couto.

Que não foi, depois della constituida, enviada intimação ao governador.

Que não houve na vespera reunião dos chefes politicos, em que José Gonçalves quiz passar o governo ao sr. Luiz Vianna.

Que o sr. Zama não agiu por saber que por detraz d'elle estava o chefe militar da guarnição e sim apenas dois coroneis.

Que á noite magotes de populares e soldados não espingardearam a torto e a direito.

Que não chegara a palacio, ao mesmo tempo a noticia de que milhares de boletins, espalhados pela cidade, annunciavam que o commandante do districto se vira na contingencia de assumir o poder.

Que a guarnição não se manifestou protestando logo no dia seguinte.

Que o general Tude além do dr. Satyro Dias não pretendeu que outro deputado, ou senador assumisse a administração.

Que não foi pela recusa dos magistrados locaes que exerceu o cargo de chefe de policia o coronel Moreira Cesar.

Que não promoveu o coronel Abreu e Lima uma reunião de politicos de ambas as parcialidades, accordando todos em que José Gonçalves reassumisse o cargo para renuncial-o depois.

Mais do que uma rectificação este estudo tem por fim provocar provas e estudos, exhibição de documentos e de detalhes que servirão para o historiador futuro.

Se conseguir isto nutro a convicção de que terei prestado um serviço a minha patria.

O sr. José Gonçalves da Silva, o primeiro governador constitucional do Estado da Bahia, não foi apresentado a este alto posto, quando o exerceu interinamente, pela sua parte na propaganda republicana, nem pelas suas qualidades de politico, nem popularidade propriamente, ou elementos de capacidade, talentos e pratica da administração que o recommendassem a todo o Estado ou á capital, pelo menos.

Tendo manifestado sua adhesão á Republica, após o 15 de novembro, ficara indicado por isto como influencia dedicada ao novo regimen na zona sertaneja, onde tem suas fazendas de gado.

Foi o dr. Virgilio Damasio quem apresentou o seu nome para substituil-o ao general Deodoro, e isto affirmo por m'o ter elle dito.

Dotado de muita honra como homem particular faltava ao novo governador a somma de instrucção e tolerancia politica, de conhecimentos em direito administrativo de que precisava, assim como a intuição delicada e fina das mil outras comprehensões, sem as quaes não é possivel nos nossos tempos governar.

Não era um espirito liberal, nem tinha o preparo republicano sufficiente para chefe de um Estado constituido nos moldes mais adiantados da livre America do Norte.

Homem de bôa fé e lealdade para com os seus amigos, não tinha a agudeza indispensavel aos politicos, nem a reflexão cautelosa de que tanto carecem os que dirigem.

Um episodio deu-me muito cedo, ainda no tempo do systema provisorio no Estado, idéa dos elementos de que dispunha o espirito do governador.

Em uma simples visita de cortezia cahiu a conversa sobre a instrucção e em duas ou tres expansões a suprema autoridade do Estado revelou tão completa falta da mais curial leitura sobre este importante assumpto, que eu fiquei atterrado.

E fallava com tanta firmesa, tão sorridente e seguro, que não me ficou a menor duvida de que estava ali uma alma, que ingenuamente se abria, como a de David, sem a comprehensão da sua insufficiente cultura ou o receio sequer de que estivesse dando razões para que fizessem um juizo desvantajoso da sua capacidade.

Entretanto o governador fazia numerosos amigos politicos, e se chegou assim ao termo dos trabalhos da constituinte.

A eleição do sr. José Gonçalves foi, como a sua nomeação, uma surpresa e o resultado de um golpe audacioso.

Desejava-se no Rio de Janeiro, queria o barão de Lucena e queria o marechal Deodoro que o governador do novo Estado a se constituir fosse o sr. Affonso de Carvalho, velho jurisconsulto, então ministro da justiça do governo federal.

Era incontestavelmente pelo lado da intelligencia, da autoridade politica e juridica, pela

edade, energia e prudencia, uma boa escolha; mas aos constituintes da Bahia, aos proceres do partido, pareceu humilhante sujeitarem-se a uma estréa tão pouco a seu gosto das liberdades e prerogativas constitucionaes, de que ainda iam gosar.

Sob o ponto de vista politico era um mal de incommensuravel alcance para o partido federalista deixar escapar a occasião de ter um homem de sua confiança e acceitar um outro que não tinha com esse partido obrigações e que daria ao seu governo um outro rumo.

Havia a assembléa constituinte do Estado resolvido adiantar seus trabalhos para promulgar a constituição, que ella elaborara, no dia 2 de Julho.

Resolvera tambem que, feita a promulgação, se procedesse a eleição do 1.º governador, confirmando nesse cargo o provisorio dr. José Gonçalves da Silva.

Promulgada a constituição no dia 2, no dia seguinte se faria a eleição do governador e tres dias depois seriam effectuados o juramento e posse, porque neste intervallo se prepararíam festas que os amigos do congresso desejavam fazer.

No dia 1.º de Julho, porém, ás 10 horas da noite, o coronel Innocencio Galvão de Queiroz, commandante do districto, recebeu do marechal Deodoro um telegramma concebido nos seguintes termos — *Quero Affonso eleito.*

De posse deste telegramma procurou o coronel Innocencio o dr. José Gonçalves e deu-lhe conhecimento de tudo, tentando chegar a um accordo.

O sr. José Gonçalves, á meia noite, mandou o sr. Manoel da Costa Vianna á casa do dr. Luiz Vianna, presidente do congresso, entregar-lhe copia do telegramma e as particularidades que, sobre o

assumpto, se tinham passado com o commandante do districto.

O dr. Luiz Vianna recebendo o mensageiro mandou-lhe que voltasse para prevenir ao Sr. José Gonçalves que no dia seguinte, ao meio-dia, estivesse preparado para tomar posse do cargo de governador.

Logo pela manhã foram dadas certas providencias e ao meio-dia abriu-se a sessão, tendo a palavra o 1.º vice-presidente, dr. Satyro Dias, para ler o artigo da constituição referente aos direitos e garantias dos cidadãos, depois do que o presidente promulgou a constituição e annunciou que, em virtude de disposição constitucional, se ia proceder immediatamente á eleição do governador.

Feita esta eleição o dr. José Gonçalves obteve 50 votos contra 11, que foram dados pelos deputados da opposição, ao velho e respeitavel republicano dos tempos do imperio Luiz Antonio Barbosa de Almeida; proclamado o resultado, declarou o dr. Luiz Vianna que ia mandar officiar ao governador eleito para tomar posse immediatamente e prestar juramento, nomeando uma commissão composta dos srs. Innocencio Galvão, Geremoabo e Satyro Dias, para ir buscal-o á Victoria.

Tanto era uma surpreza que o proprio barão de Geremoabo, intimo do dr. José Gonçalves, se dirigiu ao sr. Luiz Vianna reclamando contra aquelle empossamento precipitado, em opposição ao que estava combinado e mostrando-se magoado.

Quando, portanto, chegou ao Rio, na tarde deste dia, a noticia da promulgação da constituição bahiana, chegou tambem a noticia da eleição e posse do governador.

Este acto cortava todas as pretensões e o coronel Galvão transmittiu ao general Deodoro um despacho, pouco mais ou menos, concebido nestes termos:

«*Congresso hoje promulgou constituição, elegeu José Gonçalves governador, empossou-o. Impossivel qualquer providencia eleição Affonso, a não haver grandes violencias, derramamento sangue. Preferi evitar.*»

O novo governador administrou dessa data em diante, senão com a larga orientação de que o Estado precisava, para alcançar os melhoramentos e prosperidades que tinha o direito de esperar do novo regimen, então constituido e livre de peias, e que não chegaram a se executar até agora, pelo menos com honestidade e economia.

Assim passaram-se quatro mezes.

A 3 de Novembro de 1901 soube-se de repente que o general Deodoro dissolvera o congresso, rasgando assim de alto a baixo a carta constitucional, que havia jurado em 24 de Fevereiro.

Cosme de Salles no *Evangelho da Republica*, não poude saber o que se passou na Bahia; se é verdade que muita gente calou a sua indignação, e escondeu o seu terror, por medo, para não se comprometter, por não ter coragem de dizer como pensava, felizmente, tanto na Camara como no Senado da Bahia, duas vozes não foram abafadas pelo vento da subserviencia que no Itamaraty soprara tão rijo que, no palacete da Victoria, se sentia os effeitos e fazia tudo curvar.

Destas duas vozes, uma a de um republicano da propaganda, de um dos caracteres mais nobres e mais altivos que tenho conhecido, vibrava n'uma independencia temeraria e angustiada, quasi como quando um soluço interrompe um apostrophe;

era a de Cosme Moreira; a outra, de um jurisconsulto, mais ponderada e calma, em que a maneira diplomatica pesa o valor dos termos, mais cabeça que falla do que coração que sente; era a do Dr. Eduardo Ramos.

Dizia Cosme Moreira na Camara na sessão memoravel do dia 5.

« O Sr. Cosme Moreira *(pela ordem e fazendo-se silencio)*: Sr. Presidente, vae para dous annos que entre os meus sonhos de moço, entre as minhas esperanças de republicano, despontava glorioso um dia que parecia ser o inicio do progresso da minha patria! Dia grande, auspicioso, triumphante para os grandes factores do immortal movimento de 15 de Novembro!

E eu enchia-me de verdadeiro jubilo!

A minh'alma inundava-se de verdadeira alegria... Depois as esperanças foram-se dissipando como nuvens batidas por fortes ventos; o céo da patria foi se mostrando mais carregado! E aquelles que seguiam com o coração e a intelligencia os destinos d'ella foram descortinando as nuvens prenhes de grande tempestade *(muito bem)*. E parece que ella acaba de estalar! O homem que foi escolhido pelo destino para occupar a elevadissima posição de chefe de uma nação livre, deixou-se obumbrar, fascinar pelas victorias alcançadas; deixou-se inebriar em doces miragens que para elle, sr. presidente, hão de transformar-se em um quadro bastante triste, se a consciencia de todo ainda não se lhe apagou, porque acaba de dar o ultimo passo na estrada perigosa, para o abysmo do crime! *(Apoiados, muito bem)*».

E referindo-se a um discurso de Silva Jardim na commemoração de Tiradentes, cuja explendida peroração reproduziu, terminou dizendo:

«A minha voz não foi sagrada pelas acclamações populares, não despertou o somno das turbas para ouvir as suas desgraças, não tem por si autoridade alguma, mas exprime uma grande convicção! Silva Jardim não está mais vivo para ir frente a frente ao grande despota dizer-lhe: rasgaste a constituição promulgada que juraste; dividistes a tua patria em vencedores e vencidos: e eu ainda que muito longe do dictador mas com a minha consciencia de homem livre, que não se escravisa, digo: general, a imagem de Tiradentes terrivel, como o remorso que te rasgará o coração condemna-te para todo o sempre; general, tu não foste forte porque foste covarde, logo não foste governo; general, tu não foste bom, foste máo; tu não foste povo, destruiste a tua patria!»

Sr. presidente da camara dos deputados do estado da Bahia: — Os ultimos actos emanados do poder executivo, actos altamente attentatorios á nossa constituição federal, jurada solemnemente e promettida manter pelo presidente da republica, actos que não se justificam, nem como ultima rátio da salvação publica, da patria republicana em perigo, pois o congresso nacional dissolvido não póde de modo algum ser suspeitado de conspirar para a restauração do regimen monarchico, obrigam-me a depôr em vossas mãos o mandato de deputado pelo Estado da Bahia.

Republicano sinto n'alma todas as grandes dôres de patriota, não desilludido, mas avassalado por um desanimo moral tão grande que impede-me, n'este momento, o exercicio autonomo de minhas faculdades moraes e intellectuaes. Joguete como sou, batido por choques tão desencontrados e oppostos, não me julgo capaz de continuar a legislar conscienciosa e livremente pela felicidade do meu Estado.

Suspensas as garantias individuaes, quero nivelar-me com o ultimo dos meus concidadãos e com elles cahir sob a alçada da lei que summarissimamente tiver de julgar os inimigos da republica ».

Foi ás dez da noite do dia 3 de Novembro que o governador José Gonçalves recebeu o telegramma do governo communicando a dissolução do congresso.

Immediatamente convocou elle o Sr. Luiz Vianna e o Dr. Satyro Dias para irem a uma conferencia no dia 4, ás 7 horas da manhã.

Surpresos pela hora lá se acharam e depois de conhecerem o assumpto combinaram responder ao marechal Deodoro nos seguintes termos:

«*Sciente. Governo se esforçará manter ordem*».

Esta resposta laconica tinha tudo o que era preciso sem estabelecer o minimo compromisso.

Na camara já sabemos como a alma intemerata de Cosme Moreira se levantou contra a violação da lei fundamental da republica.

No senado, a perola da sessão foi o discurso repassado de patriotismo, illuminado pelo fulgor do talento e pela superioridade que dá a emoção da liberdade unida a erudição juridica, com que o Dr. Eduardo Ramos profligou o attentado, acabando por enviar uma moção de completa reprovação ao mesmo.

E' esta a moção.

« O senado bahiano profundamente sensibilisado pelo recente acto do governo da União dissolvendo o congresso federal, confia em que o povo deste Estado, mantendo-se em attitude absolutamente pacifica, aguarde o restabelecimento, que é para desejar, da ordem e do direito constitucional; e passa á ordem do dia. — (Assignado) —*Eduardo Ramos.*

Depois o coronel Galvão e o barão de Geremoabo fallaram sobre o assumpto e o discurso justificativo e quasi congratulatorio deste ultimo, assim como a moção que apresentou, são, no genero, das manifestações mais extravagantemente curiosas e anti-republicanas que se póde encontrar.

Foi a seguinte a moção do sr. barão de Geremoabo:

« O senado, sciente do recente acto do governo da União, dissolvendo o congresso federal, confia no patriotismo do povo bahiano e do governo, aguardando os acontecimentos com toda moderação e passa á ordem do dia.—S. R.—Bahia, 5 de novembro de 1891.—*Geremoabo.* »

Nesta emergencia o Dr. Luiz Vianna chamou o Dr. Manoel Victorino e fazendo-lhe ver a gravidade da situação, ponderando que, tendo o partido amigos e representantes no Rio de Janeiro, cuja attitude não se sabia qual seria, qualquer resolução que se tomasse seria prematura, pelo que combinaram na seguinte moção de espectativa no sentido do telegramma enviado a Deodoro e que collocava a questão aqui sob a lealdade que o governador devia á constituição do Estado e a da União:

MOÇÃO

« O senado confia na lealdade e patriotismo do povo bahiano, na honra e civismo do governador do Estado; presta-lhe todo o seu apoio para que seja mantida a ordem e respeitadas as constituições da União e do Estado e passa á ordem do dia.—S. R.—Bahia, 5 de novembro de 1891. —*M. Victorino* ».

Foi esta a moção approvada, mas o senador Dr. Horacio Cesar, nobre e digno espirito inde-

pendente, levantou-se e pediu que se declarasse na acta ter votado á favor da apresentada pelo sr. Eduardo Ramos.

Quando pela imprensa da tarde, já de torna-viagem, souberam os bahianos do segundo telegramma do sr. José Gonçalves manifestando franca e completa adhesão ao golpe d'Estado, os politicos se espantaram e o sr. Luiz Vianna, perguntando ao governador se era verdadeira a noticia, da qual duvidava, elle que nada até então dissera aos seus amigos, respondeu que de facto, enthusiasmado com a leitura do manifesto sobre a dissolução, cuja integra recebera na noite de 4 por telegramma, não se podera conter e mandara o tal compromisso exposto nos seguintes termos:

«Generalissimo—Acabo de lêr o vosso manifesto a Nação e podeis contar com a minha leal collaboração para o desempenho dos compromissos de honra que galhardamente tomastes para com o nosso paiz e o mundo».

Não foi só, como bem diz o Evangelho da Republica, grande o erro dos constituintes copiando a nossa lei fundamental da de um povo adiantado e capaz de comprehender e pôr em pratica as suas liberdades; erro maior ainda foi não terem os constituintes calculado tambem que se ia entregar este machinismo delicado e difficil de manejar, que acabavam de construir, a estancieiros e sargentões, o que equivalia a entregar uma machina finissima a operarios inhabeis, dos que têm apenas tinturas do officio.

Não é o nosso codigo explicito, na penalidade, como devia, sobre os crimes politicos da ordem do commettido pelo general Deodoro, e ainda menos sobre os seus co-reus e cumplices.

Nos arts. 109 a 114 diz, porém, quaes os commettidos contra o livre exercicio dos poderes

politicos, e que são os capitulados pelos juristas allemães e inglezes *crimes de alta traição.*

Pela attitude que assumio o governador, não foi, segundo o nosso codigo, um co-author do facto delictuoso; foi um connivente moralmente responsavel pela violação da lei magna que applaudiu e cuja completa execução ajudou.

Os processos que se encontram na historia de muitos povos sobre crimes desta natureza são variadissimos e difficeis ás vezes de classificar perante as regras normaes do direito.

Este crime de alta traição tem feito cahir cabeças muito illustres, não só dos authores, como dos cumplices, conniventes e outros co-réus, sendo muitas vezes encarada a culpa de modo diverso daquella pela qual devia ser julgada, ou exagerada pela paixão politica.

Quando por exemplo o sangue de Thomaz Wenthworth, conde de Strafford, tingiu o cadafalso inglez, se bem que elle soffresse o supplicio por ter auxiliado o seu rei a falsear e destruir a constituição daquelle paiz, que estabelece o governo exercido por um rei e duas camaras, não o soffreu justamente, porque, a maioria dos actos criminosos attribuidos a Strafford, fizera-os elle, por ordem de seu senhor e de tal modo fôra evidente a sua defesa que necessario se tornou, adoptando a mais monstruosa tyrannia, que registram os annaes politicos do mundo, que o longo parlamento pelo celebre *bill de attainder*, condemnado por todos os jurisconsultos da epocha, *o tivesse decretado criminoso no processo em que se devia apurar a culpa de que era accusado*, ao passo que o governador de cá, acceitando a destruição da constituição, applaudindo-a e alinhando-se ao lado do falseador, e *ipso-facto* violando tambem a do Estado, subsistente em consequencia daquella,

o que fizera muito por sua vontade, sem ouvir sequer os chefes mais conspicuos do partido, teve a mais positiva connivencia com o acto criminoso e, portanto, é por elle moralmente responsavel.

Foi, voltando de S. Christovão, com o Dr. Bernardino de Campos, depois de ouvirem do coronel que commandava aquelle posto, que empregaria a força, dado o caso que teimassem em penetrar os representantes no recinto de suas sessões, que resolveram estes dirigir um manifesto á nação; mas, como o estado de sitio pesava sobre a capital, não foi possivel publical-o no districto federal, razão pela qual só poude ser impresso, depois, em S. Paulo.

Combinaram tambem muitos delles, entre os quaes Zama, Custodio e outros, se dirigirem ao general Floriano, que tendo declarado primeiro ser o carneiro do batalhão, com sinceridade ou sem ella, como prova de acquiescencia ao acto de Deodoro, acabou por ceder ás razões dos outros, promettendo auxilio e pôr-se á frente do movimento que devia restabelecer a lei.

Dias depois o deputado Custodio de Mello encontrou o deputado Cesar Zama, seu patricio, na rua do Ouvidor, que ia em companhia do senador Almeida Perhambuco, e declarou-lhe que tinha assumpto muito grave a tratar.

Entraram os tres n'um café e ahi Custodio revelou que se preparava um movimento militar para o dia 27 de Novembro, do qual Floriano, Vice-Presidente da Republica, era o cabeça, pelo que mandava este dizer ao deputado Zama, ser urgente a sua partida para a Bahia, porque apezar de serem bôas as probabilidades de victoria não se poderia prever a resistencia que opporia o governo; n'esta hypothese o que estava assentado

era retirar-se o Vice-Presidente para um ponto do territorio, que não podia deixar de ser a Bahia, com os senadores e deputados que pudesse reunir e as forças de que pudesse dispôr, para ahi estabelecer o governo legal e começar a guerra contra a dictadura.

Era pois a guerra chilena que o Marechal pretendia reproduzir e pensava muito acertadamente.

Ora, n'estas condições, forçoso era possuir a Bahia sem o governo do sr. José Gonçalves, cujo applauso ao golpe de Estado revelava para o que podia elle servir.

A missão do sr. Zama era, portanto, partir immediatamente para aqui, entender-se com o Coronel Moreira Cesar, commandante de um dos batalhões da guarnição e homem de energia e vigor, e com outros officiaes tambem já prevenidos para derrubar o governo existente, na Bahia, e preparar o Estado, para o caso de ser o centro da resistencia e da ordem constitucional; se fosse necessario o movimento tinha alguns navios já seguros e um destes viria a Bahia por-se ao serviço da causa.

Foi nestas idéas que o sr. Zama e o Coronel Moreira Cesar trataram e nestas disposições foi convocada uma reunião para a noite de 23, em casa do dr. Almeida Couto, a mesma de que fallaremos em outro logar.

A descoberta, porém, da conspiração no Rio de Janeiro, e as medidas do governo precipitaram o movimento que rompeu na Bahia Guanabara, pelo pronunciamento do *Riachuelo*, sob a direcção de Custodio de Mello, de modo que no mesmo dia 23 chegava a noticia telegraphica da resignação do General Deodoro.

Já ha dias, reuniam-se no quarto n. 18 do hotel Pariz no aposento do Coronel Moreira Cesar,

que chegara de Sergipe, os srs. Jayme Villasbôas, Cruz Rios, Julio Cesar, deputados estadoaes, e Augusto de Freitas, deputado federal; tratavam elles todos patrioticamente de agir contra o golpe de Estado; a todos illuminava com o brilho e competencia de sua cultura e o vigôr de sua palavra o deputado Augusto Freitas; entre elle e o Coronel Moreira Cesar estabelecera-se mesmo uma corrente poderosa de sympathia e de affecto.

Estes homens por seu turno ligaram-se ao sr. Conselheiro Almeida Couto, chefe do partido Nacional, porque bem comprehendiam todos que a reacção devia ser popular e não apenas militar; pelo que era necessario que fosse apoiada por um partido.

Na persuasão que a revolução no Rio fosse a 27 já se tinha convocado para a noite de 23 uma reunião em casa do chefe, o Conselheiro Almeida Couto, quando se soube no meiado desse dia os acontecimentos do Rio.

A bem entender as cousas, não havia mais razão de ser para a revolução da Bahia, porque a resignação do Marechal Deodoro ultrapassara os projectos a um tempo sensatos e estrategicos de Floriano, mas os conjurados entenderam apesar de tudo fazel-a.

E comprehende-se porque. Ao interesse legitimo de servir tão nobre causa juntava-se agora o de não perder a occasião, para se apossarem desta autoridade, de que andavam desalojados ha muito tempo. Punham-se fóra da lei os que pretendiam apoderar-se da administração publica, pelo meio violento da revolta, pois, acabada a dictadura, deixara logicamente de ser della agente o sr. José Gonçalves.

A' essa reunião em casa do Conselheiro Almeida Couto em que foi tratada e definitivamente assen-

tada a conspiração, compareceram os srs. Zama, Cincinato, Freitas, Coroneis Moreira Cezar e Saturnino, drs. Rocha Leal, Rios, Jayme, Capitão Julio Cesar, dr. Landulpho Medrado e outras pessoas, cerca de 40, que não tiveram no movimento grande papel.

Nella ficou assentado parte do plano do que se devia fazer no dia seguinte.

Foi no meio desta reunião que compareceu o dr. Paula Guimarães, deputado federal, conhecido pela sua opposição ao golpe de Estado, que, chegando do Rio, dissera sincera e singelamente ao sr. José Gonçalves, que o poder dictatorial devia cahir e que elle não tinha caminho decente e honesto, senão a resignação do cargo.

Pediu que não fizessem uma deposição violenta, declarou que sabia estar o sr. José Gonçalves disposto a resignar e, diante das negativas dos conjurados, solicitou-lhes que ao menos esperassem, antes de resolver, que elle se entendesse com o General Tude.

Foi ao quartel-general e respondeu cêrca de meia hora depois que nada pudera obter.

São passados apenas onze annos e sobre muitos pontos encontrei eu duas ou tres versões, e o que mais é, entre os proprios actores da tragedia.

Neste caso está a constituição da Junta.

Devia compôr-se dos srs. Couto, Augusto de Freitas e Tude, dizem os artigos dos jornaes da epocha e o dr. Severino Vieira.

Devia ser composta dos srs. Couto, Freitas e Freire de Carvalho, opina o sr. Conselheiro Luiz Vianna.

Não entrava o General Tude, affirma o dr. Cesar Zama, e sim o dr. Virgilio Damasio, e o mesmo affirmam o dr. Rocha Leal, o dr. Landulpho e outros que conheciam os negocios projectados.

O sr. Araujo Pinho não acceitara.

Na manhã de 24, boatos de tumulto e de deposição corriam pela cidade e pelas 9 horas o sr. César Zama, cuja popularidade devia ser naturalmente o brandão do movimento revolucionario, appareceu na Praça de Palacio e foi depois á cidade baixa pedir que fechassem os negociantes as portas; como sempre, as classes conservadoras tiveram medo e fecharam logo.

O sr. Cesar Zama voltou á Praça cerca de 10 horas; já o acompanhava uma certa porção de gente; cahia por intervallos uma chuva miuda, que fazia dispersar os que se agrupavam de novo, passada ella, para ouvir o tribuno, querido do povo.

Ali, sobre o passeio da camara municipal teve elle uma violenta discussão com o sr. Severino Vieira, deputado federal, que chegara na vespera do Rio de Janeiro.

Inimigo do golpe de Estado, este dizia entender que o Governador se achava incompativel, mas que estava a seu lado para impedir a violencia de uma deposição.

Responsabilisava em altas vozes o tribuno, no meio do povo que o cercava, e bradou-lhe afinal que não conseguiria o que desejava fazer.

O poderoso chefe popular era um dos vultos mais sympathicos do antigo partido liberal.

Por muito tempo elle só, ou quasi só, encarnara a opposição legal e por vezes muito brilhante do seu partido.

Combatente sempre disposto e bravo, discipulo da escola liberal que respeitando os principios inglezes, detesta qualquer tyrannia, parta do povo, ou parta do governo, profligou elle com vigor a perseguição e as sevicias feitas pela plebe ao Coronel Frias-Villar, desarmado e só.

Tendo concorrido para a resignação do dr. Manoel Victorino elle soube mostrar depois que não se sujeitava ás tristes e ignobeis miserias que a Bahia soffreu na quadra politica que succedeu áquella administração.

Deputado á Constituinte bateu-se pela republica parlamentar e pelos verdadeiros principios, em que se estribam as liberdades publicas; inimigo do golpe de Estado elle veio atacar aqui o Governador que a elle adherira, mas commetteu o erro gravissimo para sua terra e seu povo de empenhar sua popularidade numa revolução, cuja opportunidade já tinha passado e para o partido o de não ter percebido a sua sagacidade que o governo nas mãos do general Tude era a perda da batalha que emprehendera.

Tinha o sr. José Gonçalves sempre agradado aos militares, e commettera a falta de entregar a força do Estado a officiaes de linha, de modo que estando a funccionar no Congresso o sr. Julio Cesar Gomes da Silva, Capitão de infanteria e Commandante do Corpo de Policia, e que foi um dos filiados ao movimento, estava commandando a policia um sargento de linha, Juvencio Rebello; como se isto não bastasse, na sua identificação com o golpe de Estado, tinha cahido na ingenuidade de entregar o commando da força policial ao General Tude, o que lhe custou muito caro, como vamos ver.

Na manhã de 24, quando o sr. José Gonçalves precisou do batalhão e o Chefe de Policia dr. Pedro Mariani ordenou a vinda de uma força, não foi obedecido.

Não tinham, porém, sido os soldados os ganhos pela sedição contra o Governo que serviam, nem foi por covardia que o batalhão não sahiu; pois não só a guarda da Secretaria e a que tinha subido

do commercio, commandada pelo Tenente Machado, atiraram até esgotar toda munição, defendendo a chefatura de policia, como ainda mais tarde, quando o Tenente Machado foi perseguido e correu o boato de que elle estava a ser feito em pedaços pelo povo, e quando um piquete do 9.º foi garantir-lhe a vida, os soldados de policia quizeram sahir do quartel para defender ou vingar os camaradas.

Já em alaridos elles se reunem; já os sabres sahem a meio das bainhas, quando o Commandante Rebello acode, impedindo-os de sahir, trancando as carabinas nas arrecadações, gritando-lhes que o seu armamento é inferior e que serão infallivelmente esmagados pela linha, porque o General Tude não quer, etc.

E realmente, se na hora em que o tumulto era mais intenso na Piedade o sr. José Gonçalves não foi defendido como devia ser, isso se deu pelo seguinte:

Ou porque viesse ordem do Chefe e o Commandante não pudesse desobedecer a ella abertamente, ou porque aos officiaes e soldados pesasse deixarem abandonado aos seus inimigos o Governo a que serviam, uma força consideravel desceu a rampa do quartel que era naquelle tempo, como se sabe, defronte do Quartel General.

Mas quando esta tropa punha o pé na rua, caminho do dever, um braço vestido em punhos bordados a ouro estendeu-se da janella do 1.º andar do Quartel General e a fez voltar.

E, á voz de *esquerda rodar* dada pelo official que commandava a força, esta tornou a subir a rampa.

Se, entretanto, houvesse tido o sr. José Gonçalves 30 praças de cavallaria ou 100 de infanteria na Praça, bem commandadas, dirigidas por um

Chefe de Policia prudente e energico, ali entre a sua força e a revolução, esta não se teria realisado, e isto sem uma espaldeirada, nem um tiro sequer; não porque o sr. Zama deixasse de fallar (todos na Bahia conhecem o seu arrojo e bravura em taes occasiões, bem provadas no tempo do governo do General Hermes), mas porque ninguem o acompanharia.

Entretanto desde pela manhã, sabendo pelo dr. Paula Guimarães, que não podia haver duvida sobre a revolução e os magnificos elementos de que ella dispunha, instaram alguns amigos do sr. José Gonçalves para que elle fosse ao Quartel-General, porque conhecedores do caracter do General Tude, homem fraco e timido, mas arbitro da situação, pela força que chefiava, esperavam que interpellado frente á frente, e com energia, ou se retirasse prudentemente, ou pelo menos tomassem as coisas nova face.

O Governador, porém, ou porque não comprehendesse a importancia e o alcance de um acto destes, realisado com diplomacia e vigor ou por outro motivo, acastellou-se em recusa systematica.

Debalde lhe mostravam as vantagens pelo menos de convidar o General Tude para uma conferencia, mas sempre como resposta obtiveram a mesma recusa.

Acabou, porém, fazendo tarde o que teria impedido provavelmente a revolução se fosse feito cedo, pois a requisição da força federal, com toda regularidade constitucional, collocaria o seu chefe na posição difficilima de manter a ordem, com a vigencia das autoridades constituidas, ou de faltar a uma obrigação restricta, e não era um homem fraco, como o General Tude, que faria isso; pondo-se abertamente, portanto, á frente da revolta, com

a qual aliás nada sympathisava e que promettia impedir ainda na tarde de 23.

Deixamos o dr. Zama fallando ao povo que se apinhava na Praça de Palacio, de onde partiu uma commissão indicada por elle, composta dos srs. Cincinato Pinto da Silva, deputados Cruz Rios e Jayme Villas-Bôas, para intimar ao Sr. José Gonçalves a deposição.

Incidiam todos no crime de sedição (Art. 115, § 4.°, e ns. 3.° e 5.° do Art. 118 do Codigo).

Não o podiam ignorar, nem tambem desconhecciam que a revolução nobre, a revolução patriotica contra o co-réo no golpe de Estado não tinha mais razão de ser, porque a constituição imperava outra vez, o congresso nacional ia ser convocado e o Governador da Bahia, pelo orgam competente de seu amigo, o dr. Paula Guimarães, desde a vespera á noite tinham elles toda certesa de que se ia demittir.

E o que é mais: arrastavam com a palavra e o exemplo as turbas inexpertas e ignorantes de todas estas particularidades á rebeldia e á morte.

De volta, esta commissão trouxe a noticia de que o sr. José Gonçalves estava rodeado de seus amigos politicos, na Secretaria do Governo, á Piedade, e que declarara não ceder.

E realmente não devia ceder á violencia.

Então pronunciou o sr. Cesar Zama pouco mais ou menos as seguintes palavras «—Meus concidadãos, pois que o Governador não quer resignar, vamos nós depôl-o.»

E foram. A turba engrossada então, constituindo uma massa enorme, dirigiu-se para a Piedade em ordem, mas ameaçadora pela imponencia do numero e pelas disposições.

Na rua de S. Pedro armaram-se muitos com a lenha de umas carroças que descarregavam á porta

de uma padaria e chegando á Piedade o povo derramou-se pelo jardim e ruas que o ladeiam, mais curioso que irritado.

O sr. Cesar Zama subiu e falou ao sr. José Gonçalves intimando-o outra vez a deixar a administração do Estado. Esta conferencia foi delicada e quasi alegre. Mas o sr. José Gonçalves resistia do mesmo modo.

Neste interim, chegou o capitão de infanteria Julio Cesar Gomes da Silva, deputado, que trazia da parte do General Tude, um convite para o sr. Cesar Zama afim de que fosse ao Quartel-General.

Ali chegando, o General declarou ao chefe ostensivo da revolução, que sabia tratar-se da organisação de uma junta que devia assumir o Governo do qual ia ser deposto o sr. José Gonçalves, assim como da resistencia deste em abandonar o cargo e pediu um meio de accommodação; sendo-lhe respondido que não havia, declarou então que acabava de receber uma carta em que lhe era affirmado que se elle, General Tude, fosse quem assumisse o Governo, não só a população receberia bem o facto como o sr. José Gonçalves cederia, ao que o sr. Zama respondeu — Pois sim, General, vá fardar-se e vamos.

Ao sahir o sr. Zama, tinha o Governador officiado ao General Tude requisitando a manutenção da ordem, recebendo resposta negativa, que lhe foi levada pelo Tenente-Coronel Luiz Soares Wolff, secretario do Commando do Districto, verbalmente.

Continuando o tumulto, o dr. Paula Guimarães foi ao Quartel-General e parece ter sido elle quem aconselhou ao General Tude que fosse á secretaria, e provavelmente tambem quem lhe insinuou que assumisse o Governo para impedir a formação da junta em que se fallava.

Chegando o General Tude, depois de trocar algumas palavras com o Governador, disse-lhe que a solução era passar-lhe o Governo o sr. José Gonçalves.

Então o Governador quiz entregar a administração ao sr. Luiz Vianna, presidente do senado, ao qual deu o officio respectivo.

O habil senador, porém, recusou a terrivel investidura que lhe era conferida tão tarde, dizendo não ter tempo para reunir os elementos de resistencia necessarios para manter a dignidade do cargo, pelo que entendia que só a autoridade militar podia assumir a responsabilidade daquella situação, até que se achasse uma solução rasoavel para o caso.

O sr. José Gonçalves que n'esta occasião procedeu bem em tudo, procurou o outro substituto legal, dr. Satyro Dias.

Este tinha querido ir presidir, como era do seu dever, a sessão tumultuosa da camara que se celebrou neste dia e voltando não poude penetrar na secretaria.

Repellido grosseiramente, maltratado, escapando dez vezes de ser assassinado em alguns minùtos, perseguido até á altura da casa do sr. Lacerda, além do jardim, deveu a salvação a alguns amigos que accorreram e o escoltaram até a sua casa.

Foi só então que o General Tude assumiu a autoridade.

Entretanto os srs. Couto e Freitas esperavam impacientes em casa do primeiro, ao Caquende, que fossem chamados, conforme se combinára na vespera.

Cansados de esperar a massa acclamante que os devia ir buscar, vieram os srs. Couto e Freitas até á Praça, cerca de duas horas, e ahi o sr. Almeida

Couto fez ainda um discurso da janella da casa em que funccionava a inspectoria de Terras e onde hoje é o consulado americano. Acompanharam-o os srs. Virgilio Damasio e Freitas, que tambem fallou, assim como outros cidadãos depois.

Mas a gente que ali estava não era a gente de acção que tinha feito o motim e sim curiosos em sua maioria, que vinham tomar o ar dos acontecimentos, saber e contar as novidades.

Aonde elles deviam ter ido era á Piedade, onde se dava o combate e onde, se tivessem apparecido opportunamente, teriam encontrado o que procuravam; a acclamação.

Aqui cabem ponderações de valor.

Si o sr. Zama fazia parte de uma conspiração que tinha por fim entregar o poder a uma junta, como concordou, consentiu, não se oppoz a que um só homem e o mais poderoso, assumisse só toda a auctoridade publica o que foi causa de abortar, de tornar-se quasi um codilho a revolução, pois se mudou apenas o sr. José Gonçalves?

E como se comprehende que os chefes indicados para a junta fossem para a Praça de Palacio, quando era para a Piedade que deviam se ter dirigido, por ser alli que se travava a luta, e que se devia resolver ella?

E não teria o sr. Zama censentido naquillo por se ter visto só, por entender que os seus companheiros de conspiração sabendo das resistencias e incidentes que haviam surgido deviam ter vindo para o seu lado, compartilhar das difficuldades, perigos e responsabilidades daquellas horas difficeis?

Elle não diz, mas sente-se que devia ser assim.

Questão muito importante constitucionalmente é a da intervenção da força federal, para garantir as autoridades constituidas nos Estados e neste ponto

o manifesto das camaras da Bahia ataca energicamente o General Tude.

Não existe, porém, na secretaria o officio, como devia ser, do Governador requisitando a força ao Commandante do Districto.

O que o General Tude recebeu, conforme consta, porque não existe copia no archivo, foi um officio convidando-o a comparecer na secretaria, para manter a ordem, já quando o tumulto estava no seu maior auge, officio que lhe foi levado pelo sr. Duarte de Oliveira.

Foi após isto que o General se dirigiu para a secretaria e que o 9.º batalhão occupou a praça.

Affirma pessoa que acompanhou o General Tude nesta quadra toda, que elle mandou dizer para os conjurados reunidos em casa do Cons. Couto na noite de 23, que não contassem com elle para a formação da junta, que foi o dr. Paula Guimarães quem lhe apresentou a idéa de assumir elle, autoridade militar, a administração temporaria para manter a ordem, o que impediu a organisação da junta; e que foi ainda este, assim como o dr. Amphilophio, os que influiram sobre elle, desde logo, para que tentasse investir no Governo os substitutos legaes do dr. José Gonçalves, o que explica o chamado ao Quartel-General do dr. Satyro Dias, no dia 25, e o que se passou entre este e o General sobre tão delicado assumpto, por ter declarado o dr. Satyro Dias, assim como já o fizera o sr. Luiz Vianna, que só assumiria a administração se contasse com a força, ao que aliás não accedeu o Commandante do Districto.

Estes conselhos e a poderosa ascendencia que sobre o General exercia outra pessôa, sua esposa, atemorisada pelos perigos presentes e futuros, actuaram na tarde de 24 e explicam ainda o seguinte.

Tinha sido expedida ordem para a secretaria do interior afim de ser remettido papel timbrado e tudo mais que fosse necessario para o expediente logo na manhan de 25, assim como um empregado para esse trabalho de gabinete.

Quando, porém, este empregado, que ainda existe na secretaria do interior, Rodolpho Americo de Souza, apresentou-se ao General Tude, recebeu ordem de voltar para a repartição com os papeis, porque elle não despacharia expediente algum.

De modo que só um acto de Governo consta ter sido praticado pelo General Tude, e este mesmo não teve execução.

Foi a nomeação do dr. Candido Cesar da Silva Leão, para Chefe de Policia, acto que foi lavrado, mas não foi entregue ao nomeado, porque pessôa influente no partido federalista dirigiu-se ao Coronel Moreira Cesar, fazendo ponderações sobre aquelle magistrado, que parece terem sido os motivos da permanencia daquelle militar na chefatura de Policia, até a solução da crise.

O sentido da demonstração tinha sido a manifestação do receio de que sendo aquelle magistrado parente do dr. Cesar Zama, naquella melindrosa quadra, podesse trazer isto alguma coacção a certas pessôas.

A partir da tarde de 24 a revolução segue uma marcha vacillante e retrograda.

O poder do General Tude que não era de direito tambem não o foi de facto, porque elle não assignou um só documento em todo o decurso de vinte e tantos dias.

Tambem para manter a ordem não era elle preciso, porque o homem que fizera o 24, a maior popularidade da Bahia, assignava com o General e o sr. Moreira Cesar a ordem de não haver viva alma nas ruas depois das 9 horas da noite.

Refere o escriptor fluminense terem havido disturbios e correrias á noite feitas por soldados de linha e após os quaes o sr. José Gonçalves passou o Governo ao General Tude Neiva.

Não foi assim que se deram os factos.

Naquella noite tempestuosa, cortada pelas rajadas de um vento aspero, negra e sinistra, digna noite de um dia em que se tinham commettido tantas mortes de innocentes, não bulio um cão com a cauda, politicamente fallando, aqui nas ruas da Bahia.

A passagem do Governo, para as mãos da auctoridade militar, deu-se durante a estada do sr. José Gonçalves, na secretaria do Governo.

Quando este se retirou para casa de um amigo, o negociante Manoel da Costa Rodrigues Vianna, ao largo Castro Alves, seriam cerca de 4 horas da tarde.

Durante o dia, até antes das 5 horas, foi que se deram os tiroteios e que as victimas cahiram.

N'uma cidade de que Moreira Cesar era o chefe de Policia não podia haver correrias, salvo se elle as mandasse fazer; desde que parecia estar no fundo victoriosa a revolução, exercia o supremo mando a autoridade militar e elle respondia pela policia.

O que se deu foi o seguinte:

O chamado do General Tude foi uma diversão para a revolta, como se diz na guerra!

O sr. Zama, sahindo da Piedade deixara ali o povo entregue a si mesmo, sem chefe; e factos isolados vieram, como tantas vezes acontece nas revoluções, tomar o logar dos principaes, ou desviar o curso dos mais importantes.

Quando voltou o sr. Cesar Zama do Quartel-General, veio presenciar o resto de factos muito graves, que se tinham passado em sua ausencia.

A guarda da Secretaria da Policia, que fica a um dos lados da praça da Piedade e á direita da

Secretaria do Governo, onde se achava o sr. José Gonçalves, fôra reforçada pela vinda da Guarda do Commercio, Commandada pelo Tenente Antonio Machado.

O povoléo que cercava o edificio vociferava e insultava os soldados; e n'aquelle dia em que tinha, segundo se dizia, as costas quentes pela protecção da linha, a rixa velha da plebe com a policia achava pretexto para se expandir.

Em breve alguns populares mais arrojados cortaram o fio telephonico da delegacia, que era em baixo, no andar terreo da secretaria; os soldados oppuzeram-se naturalmente mas o fio foi cortado, quando, porém, deitaram escadas á parede para cortar o da chefatura, no 1.º andar, a tropa tomou attitude energica; d'ahi ás injurias e ás pedradas não houve muita demora.

Ha quem diga que um tiro ou alguns tiros de revolver foram disparados contra o edificio, as portas e as janellas baixas da secretaria, onde estava a guarda.

Esta respondeu então com fogo de carabina.

Houve ordem? Quem a deu?

O Chefe de Policia, dr. Pedro Mariani estava com o Governador; restam o dr. Adalberto Guimarães, que, segundo algumas versões, estava tambem na secretaria do Governo, o Capitão Antonio Braga, o Tenente Machado ou simplesmente o sargento Angelo Francisco da Silva.

Como em muitos outros casos identicos ninguem sabe.

O que é certo é que a policia foi atirando e ás pedradas respondeu com as balas, emquanto a munição durou.

Ahi foram feitas as primeiras victimas.

Quando a munição se acabou, o que foi logo verificado pela gente que cercava o edificio, as pedradas, os tiros, as cacetadas recrudesceram e

começaram a gritar que o verdadeiro seria deitar fogo á casa.

Chegavam já lenha e fachinas, já appareciam chammas quando o dr. Cesar Zama voltava do Quartel-General; a revolução abandonada, como tantas vezes acontece, tinha degenerado em anarchia.

O Chefe tenta reassumir o seu poder, precipita-se para o incendio e o faz extinguir, mas muitos homens do povo, irritados pelas mortes, escandecidos pela colera, invectivam o tribuno.

A secretaria fôra invadida e vasculhada, o archivo destruido, a guarda fugira, as autoridades tambem, e o illustre deputado via como de uma manifestação pacifica se fórma um enorme e sangrento tumulto.

Cornetas annunciaram a chegada de uma força.

Era o 9.· batalhão de infanteria que avançava pela rua da Lapa em ordem de batalha.

A frente o Coronel Moreira Cesar, no centro a musica e a bandeira com o seu pelotão dobrado; os soldados traziam as patronas cheias de cartuchos, os fechos das carabinas sem o envolucro de couro, prompto todo o batalhão para se abrir em linha de atiradores em combate, ou se fechar num quadrado erriçado de baionetas.

Quando fez alto, em frente á secretaria, piquetes tomaram as boccas das ruas.

O sr. Tude recebeu o Governo da Bahia e o sr. José Gonçalves retirou-se para a casa do sr. commendador Rodrigues Vianna, ao largo Castro Alves.

Ainda na porta o General Tude falou em segurança da sua pessoa, mas o sr. José Gonçalves respondeu sobranceiramente que não precisava de garantias, cercado como estava, pelos amigos que o acompanhavam.

Ainda assim o General Tude acompanhou a cavallo o grupo, á distancia, até o alto de S. Bento.

O homem que não tinha sabido manter a dignidade do Estado que representava, acudindo á aquiescencia do crime constitucional de 3 de Novembro, soube pelo menos manter a propria diante das intimações e das vociferações da plebe e não se mostrando cobarde ou medroso diante da força.

Pouco depois o 9.° batalhão retirou-se e tudo parecia ter voltado á ordem, mas certos individuos procuravam os policiaes, que tinham atirado da secretaria, agora fugitivos.

O odio era sobre tudo intenso contra o Tenente Machado, commandante do destacamento, que subira do commercio e que o povo accusava de ter dirigido o fogo.

Correu como um raio a noticia de que estava homisiado em uma casa á rua Pedro Jacome e de toda parte corre gente, que tenta assaltar a casa para espedaçar o refugiado.

A gente que mata os desarmados e que nos dias de revolução brota das calçadas e dos cantos ignorados das cidades atira-se furiosa, e com muito custo se aguenta a familia, até que chega o piquete, que devia conduzir o fugitivo.

A' noticia de que continuavam as tropelias começadas com o fio de telephone, ordens foram expedidas pelo coronel Moreira Cesar, investido do cargo de chefe de policia.

Diversos piquetes municiados sahiram do seu quartel; um, commandado pelo Tenente João Paulo, recolheu, pelas ruas do Fogo, Faisca e largo 2 de Julho, praças de policia por ali refugiadas; um outro, commandado pelo Alferes Francisco José Patricio, sabendo que o tenente

Machado se achava homisiado na casa da familia Barros, ali recebeu o official perseguido.

A este piquete, que se fórma logo em quadrado, se recolhe o Tenente Machado, mas por cima dos soldados tenta a turba feril-o.

Debalde o commandante grita que não se adiantem, que se retirem; debalde ainda é uma descarga, fogo de alegria, dada para o ar; voltando a si do susto, a plebe que tinha a promessa de que a linha não atiraria sobre ella, pois estava do seu lado, se lança de novo sobre o perseguido e uma cacetada o alcança.

Então o Alferes Patricio ordena o fogo e uma descarga de pelotão em quadrado cahe sobre a massa prostrando muita gente.

Um outro piquete, commandado pelo Alferes Elesbão José de Souza, que tinha subido pela rua Carlos Gomes, ouvindo os tiros, desde a rua do Cabeça, avançou d'ahi em diante a marche-marche atirando e entrou na Piedade, onde juntou-se á força do Alferes Patricio.

Continuando a soffrer pedradas, o quadrado augmentado, tendo no centro o Tenente Machado, atirou outra vez.

Ao ganhar a esquina da praça, antes de entrar na rua estreita, outra descarga partiu e ainda na encrusilhada que fica em frente á casa que é hoje Faculdade de Direito, os soldados se voltavam para traz e atiravam na direcção da rua do Senado.

Os ultimos tiros foram dados na rua da Lapa, na altura da travessa dos Barbeiros.

Seriam 4 horas da tarde.

A tropa tinha dado talvez umas dez descargas.

Foram estes tiros da tropa de linha que mataram muitos do povo, descargas cerradas de pelotão atirando sobre a massa que estava nas ruas da

praça e dentro do jardim, dessa mesma tropa de linha que se tinha affirmado ao povo, que não atiraria sobre elle, porque estava do seu lado.

Se realmente aquella promessa foi feita na vespera á noite, em casa do conselheiro Couto, pelos militares ahi reunidos, ella não foi cumprida e o Coronel Moreira Cesar, Chefe de Policia, restabeleceu a ordem com a fusilaria dos seus soldados.

Nunca se fez a estatistica dos que morreram neste dia terrivel e, o que é ainda mais digno de reparo, não consta nos cemiterios da Capital os que foram enterrados.

E não é porque não se fizessem enterramentos, mas porque houve proposito em esconder para todo sempre a verdade sobre o numero das victimas.

Na Santa Casa de Misericordia não consta sequer o enterro do negociante de Nazareth Pedr o Marques de Jesus, que cahiu varado por uma bala na Piedade; verificada a sua identidade, logo quando cahiu, elle foi depois envolvido na turba dos anonymos, que foram transportados em carroças e entregues a terra por ordem do Coronel Moreira Cesar; consta ainda que o capellão de um dos cemiterios se oppoz áquellas inhumações sem guia, mas, diante da vontade imperiosa do sr. Moreira Cesar, a terra tragou as victimas sem deixar vestigios.

Dos feridos, que não podia ser menos de trinta, uns foram para as suas casas, outros para o Hospital de Caridade e outros que não se podiam levantar, recolhidos ao hospital militar, segundo dizem.

Provas, documentos, não ha.

Correram tão poucos annos e com os mortos desappareceram as provas destes factos lutuosos.

O dr. Daltro, auditor de guerra, que passou pela Piedade e Lapa pouco depois das descargas da linha, calcula em trinta os mortos que viu; o sr. Luiz Vianna teve nota de quatorze e o sr. Cesar Zama foi informado de terem sido cerca de sessenta.

Acredito serem as notas do sr. Luiz Vianna as que mais se approximam da exactidão. Já pelas cinco horas da tarde quem passasse pelas visinhanças do quartel general em toda a extensão da rua da Lapa até a esquina da Rua Nova, pouco mais ou menos, veria vedetas de infanteria, sentinellas perdidas, com a carabina carregada e a baioneta calada, tal qual como nos arredores de um campo fortificado.

E pelas seis horas, até o serviço dos bondes da linha de Nazareth se suspendia; já pouco depois das descargas a que deve a vida o Tenente Machado, o proprio Coronel Moreira Cesar, acompanhado do Capitão Julio Cesar e duas ordenanças, todos a cavallo, paravam pelas esquinas das ruas do Rosario e adjacentes, onde faziam pregar o seguinte boletim:

AO POVO

«Os abaixo assignados, responsaveis pela manutenção da ordem publica, pedem ao povo que continúe nos seus labores ordinarios, pois a autoridade não póde de modo algum consentir nem de leve na perturbação. Hoje ás nove horas, todos estarão em suas casas. Confiamos no povo bahiano. General Tude Neiva, Governador; Tenente-Coronel Moreira Cesar, Chefe de Policia; Cesar Zama».

A manifestação popular dirigida pelo sr. Cesar Zama tinha alcançado, pois, um dos objectivos do

movimento; havia derrubado o sr. José Gonçalves ou antes expulsara-o do seu palacio, mas não se comprehende que homens fieis a um partido limitassem a isto os seus esforços.

Elles não podiam contentar-se com este resultado pessoal e platonico e sim pretender substituir o seu partido ao outro.

Entretanto, parece que não puderam ou não souberam trabalhar, julgando a campanha perdida, porque na batalha não assumira a junta politica o Governo, e sim o sr. General Tude, ou porque fundas dissidencias e dissabores impedissem uma acção energica e combinada.

No *Estado da Bahia* e no *Pequeno Jornal* fez-se uma guerra frouxa, ao passo que do lado opposto os elementos se congregaram habil e fortemente.

Logo nos dias seguintes, os srs. Paula Guimarães e Severino Vieira publicaram manifestos profligando o golpe de Estado, mas estabelecendo a questão da Bahia em outro pé, no termo da legalidade constitucional, e, embora censurando logicamente o Governador sem exercicio, punham-se ao lado delle para defeza das leis estaduaes, que estabelecem o modo de substituição dos Governadores.

E junto ao Marechal Floriano, pelos srs. Ruy Barbosa, Marcolino Moura e Dyonisio de Cerqueira foi a questão apresentada sob esta luz nova.

O deputado Amphilophio Botelho Freire de Carvalho, que possuia ascendente sobre o sr. Custodio de Mello, influia com toda a força sobre elle, contrabalançando com vantagem a importancia do sr. Augusto de Freitas, tambem amigo do Ministro da marinha.

O sr. Arthur Rios foi enviado pelo partido ao Rio de Janeiro, para ser o interprete sagaz e activo

entre os homens da Bahia e os srs. Ruy, Dyonisio e Floriano.

O corpo legislativo do Estado, tambem publicou um manifesto e esse trabalho, devido aos srs. Satyro Dias e Eduardo Ramos, tem entre outras coisas importantes a declaração de que o governador não se esquivaria de adoptar, após o restabelecimento do regimen constitucional, a solução mais consoante á dignidade e decoro do seu alto cargo; assim como responsabilisa fortemente o General Tude pela não intervenção da força federal para manter a ordem, de accordo com o n. 3, art. 6.° da Constituição da Republica e o art. 3.° do Decreto de 2 de Julho de 1891.

A habilidade reservada e fria do Marechal Floriano, a quem talvez, já vinte e quatro horas depois da victoria facil do 23 de Novembro, pesasse o papel impetuoso e vehemente, demasiado poderoso e absorvente do ministro da marinha, estudava e calculava sem se pronunciar, abalado ao ouvir a palavra — legalidade, e principalmente ao reflectir que não seria acertado deixar em um Estado tão importante a autoridade nas mãos de pessoas que a deveriam áquelle ministro.

Isto é o que explica o seu duplo jogo.

E mandou á Bahia, não só um, mais dois emissarios, talvez por uma daquellas inclinações á dualidade que foi em tudo a norma politica do homem que tinha por divisa *confiar desconfiando.*

Um foi o Capitão Servilio Gonçalves; sobre a missão que trazia e o que foi encarregado de fazer pouco se sabe; quanto ao outro, eis aqui como o Tenente-Coronel Moreira Cesar annunciava a sua vinda ao sr. Conselheiro Couto, no dia 30, sete dias, portanto, depois da revolução de 24.

« Sr. dr. Almeida Couto. A pessoa que tem de resolver é de minha inteira confiança.

O Floriano Peixoto, General Simeão e Custodio de Mello são seus amigos intimos.

Por tudo isto creio que será conveniente recebermos friamente, para que não digam que veio elle consignado a nós e para que tenha mais merecimento a sua resolução.

Estou certo que a Bahia ficará satisfeita.

Quando elle nos procure será então conveniente mostrar a carta do sr. Saraiva, para que fique convencido que não é questão de monarchismo.

Adeus. Seu admirador, amigo, creado, obrigado.—*Antonio Moreira Cesar.*

Bahia, 30—11—91.»

Os primeiros passos do sr. Abreu Lima, foram criteriosos.

Quiz logo ouvir o sr. Saraiva, nome tão venerando nos ultimos annos do imperio.

Mas a edade e os soffrimentos abatem os organismos mais robustos e a posição do Conselheiro Saraiva não foi nesta occasião tal como o impunham a capacidade de seu espirito e a honra de seu nome.

Parece que o estadista dos tempos da guerra paraguaya e o autor da melhor lei eleitoral que o Brazil tem tido, não era o mesmo que se assentara na Constituinte, sem nella impôr a influencia bemfaseja do seu alto espirito pratico, liberal e sensato, nem aquelle a quem o sr. Abreu Lima se dirigia para ouvir, como a um oraculo, digno de toda a attenção e respeito.

O que o velho liberal sentia era nobre indignação pela adhesão ao crime de 3 de Novembro, feito, não por um ministro como Strafford ou outro dependente de um rei ou de um governo, mas pelo chefe de um Estado republicano e autonomo.

Além d'este lampejo, porém, nada mais pro-

duziu de util; as suas respostas n'esta occasião foram evasivas e incertas.

Por outro lado os amigos do sr. José Gonçalves receberam o emissario do Vice-Presidente da Republica com as apparencias de uma especie de cenaculo.

Tinha-se feito a sala e ella produziu impressão como todas as cousas bem preparadas.

O General Floriano era informado de tudo e reflectia sempre reservado.

Esta interessante campanha politica, entremeiada de intrigas, de discussões eruditas, sobre questões de direito, de manobras para alcançar influencia sobre a opinião publica e sobre os homens do contra-golpe no governo, foi dirigida com muita energia, tenacidade e prudencia pelas duas cabeças mais sagazes e politicas do partido, os srs. Luiz Vianna e Severino Vieira, admiravelmente auxiliados pelos srs. Paula, Arthur Rios, Amphilophio, Dyonisio, Ruy Barbosa, etc.

A grande habilidade da gente que constituia o partido consistia em procurar logo fazer uma opinião e de posse dos meios de conseguil-o inverteram geitosamente as coisas.

Deixaram de lado a questão primordial, isto é, o facto delictuoso, para só apresentar a Bahia offendida, ameaçada na sua constituição, nas suas liberdades, na sua dignidade e renome; e manobrando com este glorioso escudo faziam chover sobre Floriano, que não tinha mais na revolução o interesse militar e politico do principio, sobre a imprensa daqui com toda facilidade, e a de fóra por multiplos caminhos, estas idéas que incutiram em tudo e em todos.

E logicamente, por tal ordem de plano, aguentaram a figura do sr. José Gonçalves e chegaram a fazel-a grande e quasi heroica.

Multiplos individuos, nomes de guerra—João da Luz, Acacio Prisco, Viriato d'Assumpção, Scaramuzzi, Frei Talião, enchiam as columnas dos jornaes e o epigramma mesmo em prosa ou em verso era jogado, ás vezes com felicidade.

Gastava-se talento e naturalmente tambem dinheiro.

A imprensa, que aliás tivera redactores entre os oradores do povo no dia 24, desfraldara a mesma bandeira do tabernaculo constitucional e cada vez mais francamente á proporção que ella avançava para a victoria.

Pelos talentos do sr. Severino Vieira, pelos homens que escreviam parece ter sido elle quem exclusivamente ou quasi exclusivamente tomou a si esta parte delicada e importante da campanha.

Tambem isto não se fazia só pela Bahia, e muito menos pelo sr. José Gonçalves, mas principalmente pelo interesse do partido cuja perseverança, energia e geito, repararam não só os erros do Governador, tanto quanto foi possivel reparar, como tambem os dos seus proprios membros, commettidos nas primeiras horas e que não foram poucos, aproveitando-se da desunião, da falta de ordem e plano dos adversarios, da sua irresolução e modos da sua inercia depois da acção, tão incomprehensiveis como absurdos e incongruentes.

Promoviam-se por todos os modos manifestações ao sr. José Gonçalves, cujas qualidades communs de honestidade eram exaggeradas.

E uma vez dado o impulso com a publicação das primeiras visitas, que não tinham perigo nem compromettiam a pessoa alguma, facil foi o resto.

Tornou-se moda passar pela casa do sr. commendador Rodrigues Vianna e conversar na sala em que o sr. José Gonçalves contava o que tinha feito no dia 24 e falava com calor da resistencia

no seu posto, que realmente tinha sido nobre e digna de elogios.

Pouco importava que houvesse relação com o grave caso politico que se discutia e com a verdadeira questão, que era afinal agora a luta pelo poder de dois partidos: tudo servia para avolumar pelo numero aqui e no resto do paiz, e como o acontecimento dava aos visitantes a gloria de ter os nomes estampados, no dia seguinte, na rima e prosa local e até mais longe, compareceu muita gente.

Foi assim que desde as associações de commercio até as sociedades mais extranhas ás questões politicas, e que nada tinham que ver com o caso, vieram manifestar-se.

Passavam centenas de pessoas e foram referidas pelo *Diario da Bahia*, como visitas que exprimiam o interesse que taes associações e individuos tinham pela integridade das leis da Bahia.

E como em todas as cousas neste mundo entra sua parte de ridiculo, até umas senhoras que representavam certa irmandade de Santa festejada em uma das capellas desta cidade tambem entenderam ir agitar seus leques e fazer farfalhar as saias naquella sala politica, em que a irmandade não tinha fitas a distribuir nem vestidos da Santa a bordar.

Fóra estes exaggeros, os bons cidadãos, os amigos da constituição, das leis e da ordem, não queriam, após o primeiro susto, que viesse a dominar no Estado um regimen militar imposto.

Não havia governo algum; era a acephalia da administração publica; não havia expediente nas repartições e no principio de Dezembro os funccionarios da Secretaria do Interior assignaram as folhas do seu propri opagamento.

O General Tude continuava a não ser, depois

de ter querido ser Governador e de ter assumido esse cargo.

Nomeara o dr. Candido Leão, mas a nomeação nunca foi levada a effeito, nem o Juiz de Direito referido empossado neste cargo, que o sr. Moreira Cesar occupava.

Questões de direito surgiam levantadas pelos homens do sr. José Gonçalves.

Tinham estabelecido a questão da incompetencia do General Tude e sustentavam agora que o sr. José Gonçalves passara a este apenas a autoridade para manter a ordem e não de outro modo, pois, os casos da transmissão da administração se achavam especificados na Constituição Estadual.

Mas, apezar desta argumentação e de não occupar o cargo o sr. Tude, o sr. José Gonçalves tambem não reassumia.

Contava-se que depois da chegada do 16.° batalhão, que viera do sul, cujo commandante era um dos maiores amigos do sr. José Gonçalves e cujos officiaes diziam que o Marechal Floriano lhes declarara não querer que fosse de qualquer modo lesada a constituição estadual, este batalhão levaria um dia o sr. José Gonçalves á sua secretaria, e diz-se que o sr. Luiz Vianna aconselhou ao governador que o fizesse.

Era inconsequente a argumentação comparada com a attitude do sr. José Gonçalves, porque a ordem estava perfeitamente restabelecida desde as 5 horas da tarde do dia 24.

Ataques rompiam na imprensa obedecendo a palavra de ordem, dada pelo manifesto das camaras contra o General Tude, porque não fornecera a força federal para manter a ordem, de accordo com a Constituição da Republica.

O sr. Abreu Lima, apontado como o arbitro da situação, graças á sua qualidade de emissario

e homem de confiança de Floriano, era intimo de Moreira Cesar, mas parece que este já não estava tão bem como d'antes com seus companheiros de conspiração.

Ou que a attitude do Coronel lhes parecesse perfida, por ter elle, que estava compromettido com os chefes do partido nacional a trabalhar para constituil-os em junta governativa, assumido o cargo de chefe de policia, ao passo que o General se substituia á junta, e passavam-se os dias sem que ella fosse constituida, ou porque houvessem outros motivos de desconfiança, a discordia não tardou muito a lavrar entre elles.

Sobre o sr. Zama incidiam tambem censuras semelhantes, e realmente os civis que deviam constituir a junta, ficavam bem positivamente cada dia mais longe do governo.

Falava-se no presidente do Tribunal, suspeito aliás de intimidade com o sr. conselheiro Couto, pelo que os adversarios apresentaram logo outra questão de direito, a saber; que não se podia entender com este a substituição do governador em 3.º logar, por não ser elle o Presidente do Tribunal do Estado, em virtude de não ter sido ainda organisada a sua magistratura e ser esse funccionario, que ainda não existia, que a constituição estadual se referia.

O Coronel de engenheiros Dyonisio de Cerqueira, deputado federal, era um dos baluartes mais activos do partido federalista no Rio e amigo de Floriano.

O Coronel Abreu Lima, trabalhando sem duvida pelo sr. Moreira Cesar, resolveu assumir elle mesmo o governo.

Fôra, entretanto, o mesmo que declarara ao sr. José Gonçalves e aos seus amigos que elle seria apenas um phonographo que o Marechal teria

aqui na Bahia e que ainda depois, provocado por um artigo do *Diario de Noticias*, escrevera á redacção uma carta em que dizia não ser pretenção sua apoderar-se do governo do Estado, o que só se poderia admittir por um accidente da mentalidade.

Na situação a que se tinha chegado e perante a irresolução do General Tude insistiram os Coroneis Abreu Lima e Moreira Cesar para que o Commandante do Districto resolvesse a crise e este, ou fatigado, e desejoso de se ver desprendido de tão grandes responsabilidades, ou talvez, acima de tudo, magoado porque o Marechal Floriano nunca se communicára com elle, propoz aos dois passar a administração do Estado ao primeiro destes, o que foi immediatamente acceito por ambos; e ponderando ainda o sr. Abreu Lima que isto não se podia fazer sem que tambem o General passasse o Commando do Districto, elle promptificou-se a entregar esta investidura, da qual já pedira demissão, ao Coronel Frederico Cavalcante de Albuquerque, inspector do Arsenal.

Previu logo, porém, o General que Abreu Lima não seria feliz, por causa da resistencia que encontraria na guarnição.

Com effeito, esta resolução foi um ninho de perigos.

O que se conclue é que o Coronel Abreu Lima, diante desta lucta de interesses dos dois partidos, concebeu a idéa de ser acclamado Governador com o consentimento de ambos.

Fez então um manifesto declarando assumir o Governo e nomeou logo um secretario. Este acto, porém, despertou indignação e resistencia tenaz por parte do partido republicano e friesa mesmo por parte de muitos membros do partido nacional,

que tinha deste modo trabalhado para um terceiro e extranho.

O que é mais digno de nota é que a guarnição federal mostrou-se descontente, e quasi todos os officiaes de infanteria publicaram um protesto declarando não reconhecer a autoridade estadual que se acabava de estabelecer, o que é uma boa prova tanto da desorientação como da indisciplina e desorganisação a que tinha chegado o exercito.

Officiaes federaes, das duas parcialidades, tinham em mais de uma occasião se manifestado por este, ou por aquelle, mas desta vez era um pronunciamento energico e decisivo.

O Major e outros officiaes do batalhão, commandado pelo Coronel Moreira Cesar, subscreveram o manifesto.

E o unico documento que o Archivo Publico possue assignado pelo sr. Abreu Lima como Governador é um officio ao Coronel Commandante interino do Districto remettendo-lhe este manifesto afim de que fossem tomadas as devidas providencias.

A imprensa que, á excepção de dois orgãos, o *Estado da Bahia* e o *Pequeno Jornal*, combatia pelo partido federalista, profligou o acto do Coronel e atacou-o com vigor.

Sabiam todos que o 16 batalhão era a guarda do partido e que além disso havia gente e força para tudo, vinda de fóra. Procurou então o Coronel Abreu Lima o apoio do Governo Federal.

O Marechal Floriano, porém, respondeu-lhe evasivamente dizendo que procedesse de accordo com os camaradas. Era contramarchar manifestamente e tendo, ao mesmo tempo, recebido o Coronel um telegramma irritado e energico do General Dyonisio Cerqueira accusando-o asperamente e que terminava pela phrase de effeito —

respeitae a Bahia—, dirigiu-se ao sr. José Gonçalves para procurarem um meio de se chegar a uma solução rasoavel.

Foi n'essa occasião que se aventou até a idéa de dissolver o congresso estadual, mas o Coronel Moreira Cesar oppoz-se a isto, dizendo que, batendo-se a revolução do contra-golpe de Estado para defender a autoridade do congresso dissolvido não se podia conceber que os seus partidarios dissolvessem o congresso estadual.

Foram então entender-se com o sr. Abreu Lima, os srs. Luiz Vianna, Geremoabo e Satyro Dias, combinando-se uma conferencia para o dia seguinte. Na previsão, porém, de que alguma coisa importante se tivesse passado, aproveitaram a tarde para se entender pelo telegrapho com o sr. Arthur Rios, o qual respondeu, autorisado pelos srs. Ruy, Floriano e Custodio, que ficariam todos satisfeitos com a combinação de renunciar o sr. José Gonçalves o cargo perante o congresso que seria convocado, renunciar o sr. Luiz Vianna perante o senado e ser eleito em seu logar um senador, que assumiria o Governo do Estado, conforme a constituição da Bahia.

Deprehende-se de uma carta do sr. Luiz Vianna, publicada no *Diario da Bahia* e que não foi contestada ao terminar a crise, ter sido elle quem traçou o plano da solução, ou deveu-se ella ao proprio Marechal Floriano e ao Sr. Ruy Barbosa.

A perspicacia dos homens do partido republicano esteve então em conseguir a acquiescencia do contr'almirante Custodio de Mello, o que obtiveram propondo-lhe o sr. Arthur Rios que exercesse o cargo de Governador da Bahia um official de marinha, o que foi acceito, rasão pela qual foi apresentado o chefe de divisão reformado Joaquim Leal Ferreira, que Floriano fez preferir

a outro que Custodio desejava mais, talvez só por isto.

Tudo foi definitivamente concordado, pelos dois, o Vice-Presidente e o Ministro.

Quando no dia seguinte a commissão foi ao Hotel Paris, o sr. Abreu Lima declarando que a imprensa e o partido federalista tinham comprehendido mal a sua attitude, disse que recebera ordem do Marechal Floriano para assumir o Governo, em prova de que mostrou a parte superior de um telegramma em que estava escripto — « *Deve V. assumir Governo.* Não tendo sido lido o resto do telegramma, pediu o sr. Luiz Vianna que lhe fosse elle emprestado para mostrar aos amigos, ao que se furtou o Coronel Abreu Lima; entretanto, o sr. Luiz Vianna tinha de relance conseguido ler as palavras seguintes — *accordo guarnição*, d'onde se inferia que se Abreu Lima fizera a proposta de conchavo ao sr. José Gonçalves era porque lhe faltava o apoio da tropa, o que foi horas depois confirmado pelo Coronel Santos Dias, de modo que era evidente fazer o Marechal duplo jogo, pois, ao mesmo tempo que mandara dizer ao sr. Abreu Lima — *Assuma Governo accordo guarnição*, telegraphava ao sr. Santos Dias — *Mantenha Governo Legal.*

Propoz então a commissão a solução das duas resignações sem dizer que ella já tinha o beneplacito do Marechal Floriano.

Declarou o sr. Abreu Lima que iria communicar ao Governo Federal, cuja resposta foi a acceitação como era de esperar.

Neste sentido fez-se uma reunião a que compareceram os senhores abaixo mencionados que combinaram o que consta da seguinte acta.

Acta da sessão celebrada a 22 de Dezembro de 1891, nesta cidade da Bahia, para a solução definitiva da crise politica em que se tem achado este Estado.

Aos 22 dias do mez de Dezembro de 1891, nesta cidade e na casa em que reside o sr. Tenente-Coronel Abreu Lima, reunidos os srs. Severino Vieira, Augusto Freitas, Amphilophio Botelho, Zama, Leovigildo Filgueiras, Prisco Paraizo, Paula Guimarães, deputados federaes e Tenentes Coroneis Abreu Lima e Moreira Cesar, tendo o sr. Severino Vieira, por parte de seus amigos e o dr. Zama, por parte dos seus, se compromettido a fielmente cumprir o que resolvido fosse, na presente sessão, assentou-se no seguinte:

1.º O sr. José Gonçalves da Silva renuncia o cargo de Governador da Bahia.

2.º E' acceito para presidente do senado o chefe de divisão reformado Leal Ferreira, renunciando o seu cargo o dr. Luiz Vianna.

3.º O dr. Luiz Vianna, como presidente do senado, em vista das circumstancias excepcionaes do Estado convocará immediatamente o congresso.

4.º O sr. Abreu Lima entregará o Governo de facto ao novo eleito, presidente do senado.

E, para constar, lavrou-se a presente acta que vae assignada por todos.

Bahia, 22 de Dezembro de 1891.—(Assignados) —drs. *Aristides Cesar Spinola Zama.—Severino Vieira.—Augusto Freitas.—Prisco Paraizo.—Paula Guimarães.— Leovigildo Filgueiras.—Abreu Lima. —Moreira Cesar.—Amphilophio Freire de Carvalho*, com estas restricções—1.º Não reconhecendo o Governo do Tenente-Coronel Abreu Lima, acceito o expediente da renuncia do sr. José Gonçalves, será o congresso convocado pelo sr. Luiz Vianna, como substituto legal do Governador resignatario.

—2.º Acceito para presidente do senado qualquer dos membros d'essa corporação, uma vez eleito por seus pares.

Em cumprimento d'este conchavo no dia 23 de Dezembro de 1891, o sr. Luiz Vianna, presidente do senado, no exercicio do cargo de Governador, convocou o congresso ao qual foi presente a renuncia do sr. José Gonçalves e tambem perante o senado renunciou o seu logar de presidente, elegendo este corpo o chefe de divisão reformado Leal Ferreira.

Deu ainda esta acta pretexto a um tristissimo incidente que poderia trazer funestissimas consequencias.

No dia em que o sr. Leal Ferreira tomou posse do Governo do Estado e quando se encaminhava para a secretaria, encontrou ali o sr. Abreu Lima, acompanhado pelo sr. Moreira Cesar e outros officiaes que, ou por não pertencerem ao partido republicano, ou por espirito de classe o acompanharam e quando o Coronel tomou a acta e a leu, levantaram-se protestos vehementes da parte dos membros do partido federalista que acompanhavam o sr. Leal Ferreira, e o que é mais grave, um Capitão-Tenente da armada, Almiro Leandro da Silva Ribeiro, da parcialidade do sr. José Gonçalves, lançando mão do papel que o seu collega do exercito tinha na mão, arrancou-o violentamente, o que motivou grande alarido na sala e o começo de um tumulto.

Expressões até insultantes e indecorosas foram proferidas e o Coronel Abreu Lima retirou-se precipitadamente.

Um pouco mais tarde dois officiaes de artilheria, os srs. Paes Barretto e Sezefredo de Almeida, vieram pedir ao sr. Almiro Ribeiro o papel

arrebatado, no que interveio o dr. Severino Vieira. entregando o sr. Almiro a acta.

Por seu turno, na rua, o Tenente Alfredo Leão da Silva Pedra, do 16.º de infanteria que commandava uma força, que o Coronel Santos Dias ali mandara postar, e que era um dos mais ardentes partidarios do sr. José Gonçalves e do seu grupo, ao ouvir o tumulto, manda preparar as armas e dispunha-se a carregar, o que daria em resultado mais uma vergonhosa e funestissima collisão, agora entre os militares dos dois lados, quando o sr. Abreu Lima sahiu.

Parece ter sido intuito dos homens do partido republicano esconder aquelle parentesis na vida constitucional do Estado, que se acabava de fechar, ou apagar os vestigios do accordo que terminara a crise, talvez com o pensamento de que passasse tudo isto como resultado só da força do partido e sem intervenção do Governo Federal.

Tão difficil de realisar como tentar esconder a verdade e a luz peccava este desejo, porque disse o sr. Abreu Lima ter assim procedido authorisado por pessôa influente no partido federalista, um dos signatarios da acta em questão, o dr. Amphilophio; e com effeito não só este não negou o facto quando foi interpellado pelo dr. Augusto de Freitas, na rua, como não contestou, ao que me conste, a narração do 2.º Tenente Sezefredo de Almeida.

Chegado, senhores, ao termo desta ardua tarefa de escrever uma pagina da historia contemporanea da Bahia, no meio de difficuldades bem serias, me anima a esperança de ter deixado um pouco mais desvendado o caminho por onde o historiador futuro marchará, facilitando o trabalho da critica que restabelecerá os pontos, porventura, ainda obscuros ou errados.

Encontramo-nos tristemente diante dos effeitos logicos de certas causas, dos quaes e das quaes a historia é o registro eterno.

Nascida da agitação sediciosa das armas, a Republica soffreu aqui, e ainda um pouco menos do que em Pernambuco e no Ceará, a pressão brutal das armas.

E' o soldado o arbitro de todas as situações, porque sem elle não é possivel dominar.

E' o braço do General Tude quem faz voltar a policia, quando ella marcha para fazer respeitar o Governo constituido, entregando-o assim a mercê dos seus inimigos; é elle quem nega o apoio da força aos substitutos legaes do Governador que affirmara sustentar, ainda na vespera até a seus subalternos.

Mas não é elle tambem quem decide as coisas como não são sempre os Coroneis que commandam n'estas occasiões.

Nas anarchias é frequente que o poder não reside nos que têm as apparencias delle.

São os subalternos que impõem a sua vontade.

Irresoluto desde o dia 23, quando reconhecia no sr. José Gonçalves administrador probo e em cuja queda não consentiria, não a impede no dia seguinte.

Tendo declarado a um dos seus Coroneis, quando se lhe apresentou, o sr. Moreira Cesar, que não concorreria para a deposição e tendo altercado com elle no mesmo dia 24, no quartel do 9.° batalhão, a poucos passos da tropa formada, assume a administração para não exercel-a ao primeiro conselho avisado que lhe dão, joguete dos interesses dos partidos quem não foi educado na alacridade felina delles.

Entretanto, por causa disto se matou, se feriu, ficou-se um mez sem Governo, e ainda quem não despachara, porque sabia que não era Governo, passou este Governo a um outro.

E são os batalhões que fazem a lei realmente.

Chega o 16.° e um partido sabe que vae ganhar terreno.

Officiaes politicos, protestam contra os seus superiores politicos.

Inferiores mandam uma carta ameaçadora ao presidente de um tribunal para que não se realise a hypothese, quando foi aventada, de assumir elle a administração do Estado, entrando assim sargentos e furrieis na hermeneutica das constituições!

Não se dissolve o Congresso estadual, porque um Coronel se oppõe.

Todos são os instrumentos dos interesses dos partidos, mas assim se dilacera e se humilha a dignidade de um regimen e as liberdades de um povo!

Quando se quer fazer uma deposição procura-se o apoio da tropa ou a promessa de sua desobediencia á disciplina e ao dever que lhe é prescripto pela constituição da Republica.

E são os Tenentes e os Alferes que fazem pender a balança para este ou para aquelle.

O presidente da Republica se entende com os Coroneis, e o Commandante do Districto, ao demittir-se, prevê que o sr. Abreu Lima não conseguirá ser acclamado, porque o 9.° batalhão não quer e o 16.° já lhe é hostil.

O chefe do Estado manda que as guarnições arbitrem sobre a legalidade.

E' o Governo Federal quem resolve as questões politicas dos Estados.

Se o partido chamado da legalidade levou a melhor, isto é, se manteve as posições e alijou d'ellas definitivamente o adverso, foi porque Floriano não quiz e a guarnição federal se oppoz, sendo isto em grande parte resultado d'aquillo.

Ou porque o Marechal não fosse adepto da politica das deposições que, conforme mandava elle dizer ao sr. Zama confidencialmente, estava fazendo máo effeito, ou porque não sorrisse ao seu espirito prevenido e cauteloso, ao seu senso desconfiado, a perspectiva de fazer Custodio muito poderoso no seu Estado, o que é muito plausivel, nunca apoiou a Tude quando elle assumiu a administração, nem lhe telegraphou ou escreveu e quando quiz terminar a crise dirigiu-se ao sr. Zama e pediu-lhe que não se oppozesse á solução projectada.

Ao envez da primeira opinião do Marechal Floriano Peixoto, que fôra no sentido de vencer quem tivesse força para isso, fechou-se a crise por uma transacção entre os partidos que se degladiavam no Estado. E o Governo Federal tornou-se arbitro da situação, solicitado pelos dous.

De modo que a Bahia, que tinha estreado a sua vida constitucional resistindo a uma imposição politica do Governo central, submetteu-se tambem ao systema hypocrita e immoral, despotico e detestavel dos conchavos entre o Governo federal e os estaduaes, que hoje domina em todo o Brazil, ignominioso para a republica e as leis e pelo qual as aspirações nacionaes se abafam, as idéas e os homens novos e capazes não logram de ordinario accesso no caminho dos cargos e das honras publicas, senão pela subserviencia ou pela nullidade.

O erro do Governador, a sua acquiescencia ao absolutismo, desnecessaria porque não se fundava em qualquer conveniencia para um Estado autonomo e que tanto a este prejudicou, os discursos de alguns de seus amigos, a attitude passiva do Congresso, salvo excepções honrosas e raras, bem mostram como andava desgraçadamente a Repu-

blica, aproveitando os homens viciados, sem capacidade e sem cultura, os medalhões do imperio, e que pela adhesão facil se habilitaram a occupar os logares, a gosar dos proventos e das posições, sem estudarem mais cousa alguma, sem comprehenderem sequer que a ordem nova das cousas importava idéas mais adiantadas e cultas, maneiras e processos politicos novos e mais delicados, que elles não conheciam, ou eram incompetentes para praticar.

Os interesses dos partidos não se identificaram com o povo, porque foram apenas os de alguns homens, que se juntaram no dia seguinte, renegando as suas bandeiras com toda a ligeireza.

De modo que o povo serviu apenas como a carne de canhão ao impeto do celebre conquistador para obter um resultado falho; de modo que do abôrto resultou apenas a mudança de uma figura mas ficou o mesmo partido, os seus homens e idéas, com as mesmas qualidades e defeitos que já tinha.

Em resultado, após este desastre que o collocou fóra do poder, quasi sem esperanças de voltar a elle, sem este incentivo e estimulo, o partido nacional não poude mais viver propriamente.

A sua vida foi d'ahi em diante uma agonia. O que tinha sido um exercito transformou-se afinal n'um grupo e debandou.

E como pelo systema eleitoral vigente (*) não é possivel subir pelas urnas, nunca mais houve uma

(*)—Foi no tempo da administração do dr. José Gonçalves que se naugurou o costume de mandar o Governo furtar votos, alterar o numero de eleitores, etc., por meio da falsificação das respectivas actas, o que o povo conhece sob a denominação pittoresca de « bicorio ».

A primeira eleição, após a Republica, preparada no tempo do General Hermes, exprimiu as diversas opiniões existentes no Estado.

As eleições preparadas e feitas pelo dr. José Gonçalves iniciaram as unanimidades governamentaes por este vicio imprudente de falsificar os votos, que tem deshonrado a Republica.

N. do A.

aggremiação politica capaz de se oppôr ás demasias d'este poderoso partido do Governo, que, omnipotente, tendeu naturalmente á tyrannia como tendem os homens e os partidos em taes condições.

E aqui, é que está, n'uma lei má, a chave da questão, a causa real do movimento de 24 de Novembro, que arrastou homens da nobresa de sentimentos de Almeida Couto e muitos dos seus companheiros pelo caminho torvo da revolta, como arrastará ainda outros, até que todos os cidadãos tenham uma só crença politica, *unanime*, ou até que todos se resignem a abandonar os negocios publicos ou a se bandear, pois é bem logico que, emquanto não forem cumpridas sinceramente as promessas theoricas de liberdade e verdade eleitoral, se debaterá a Republica nas intrigas estereis, nas illegalidades e nos crimes politicos.

Os homens que pertenceram aos partidos mortos têm entrado na vida do partido do governo, mas são homens, não são bandeiras, não são idéas, nem programmas que saiam das aspirações e necessidades publicas.

Corpos que se fundem não possuem mais a vitalidade primitiva.

E' um mal para o Estado e para a vida normal da Republica, para a qual, como para o mar, a estagnação será a infecção: que não póde viver sem a lucta das opiniões, que é a vida dos povos livres e até para este mesmo partido que se desorganisa lenta mas seguramente pelas scisões e pelas dilacerações insultuosas e pessoaes; e porque assim andando não tem elle tempo, nem pode attender para as grandes cousas que são os alicerces das prosperidades, da fortuna, da gloria e da honra do Estado..

Força é confessar que tanto a policia como a linha, atirando a primeira para manter as communicações da repartição que estava encarregada de guardar, e defender o edificio ameaçado pelos agentes de uma sedição que estava agindo para depôr o governo constituido, assim como a segunda, atirando para defender a vida de um homem que lhe estava confiada, cumpriram o seu dever.

A responsabilidade do sangue derramado cae mais alto, logicamente.

Senhores, não podemos fazer da historia uma mentira convencional, obediente ás nossas relações de amisade ou deferencia.

Devemos a verdade aos nossos filhos e só com ella a mestra da vida, poderá apontar ao espirito da juventude estes principios immortaes de direito, de moral e de justiça que são os alimentos da jurisprudencia e das liberdades das nações.

Não podemos, nem devemos mentir aos vindouros, porque não é da mentira que poderão sair as lições de experiencia e de civismo que farão no futuro a grandeza desta patria.

E pois que, como disse o poeta—«Que o homicidio, o sangue derramado é o sangue derramado e que aos olhos de Deus eterno, não se muda a figura do assassino porque em vez de um barrete de forçado, se lhe põe na cabeça uma corôa de imperador», força é dizer como sentimos, pela evidencia das provas, que se encontra mais alto a responsabilidade das mortes e dos ferimentos que se fizeram na Bahia, neste dia 24 de Novembro de 1891.

Dr. Braz do Amaral.

APPENDICE

Este trabalho motivou uma serie de artigos dados á estampa no *Diario de Noticias* pelo dr. José Gonçalves da Silva.

Susceptibilisado porque eu em alguns pontos não apresentára o seu procedimento e qualidades sob forma agradavel e elogiosa, o que eu não podia fazer por convencido de terem sido as desgraças occorridas em 24 de Novembro resultado da sua incapacidade para o alto cargo que exerceu, o ex-governador entendeu fazer o que se chama uma desaffronta, de accordo com a paixão, a que aliás não surprehende a quem conhece um pouco as tendencias e fraquezas humanas.

Infelizmente pelo azedume e violencia não foi util como poderia tel-o sido o trabalho do ex-governador, como si se tivesse limitado a esclarecer ou contestar seriamente as affirmações graves que eu havia feito sobre as falsificações eleitoraes (bicorio), sobre os factos que precederam immediatamente o dia 24 de Novembro, incluindo a sua adhesão ao golpe de Estado, assim como as razões juridicas ou politicas que a tivessem porventura justificado, e a sua attitude de figura dirigida pelos outros no periodo que se seguiu até o restabelecimento da ordem constitucional e legal do Estado.

O ex-governador afastou-se em digressões que tinham por fim rebater o que eu não havia dito e provar uma importancia politica na zona sertaneja de Villa-Nova a que eu não me referira, por ser cousa inopportuna tratando-se do golpe de Estado de 3 de Novembro.

Facil seria, citando o que eu escrevi e o que escreveu depois o dr. José Gonçalves, deixar exhuberantemente documentado o que acabo de accentuar.

Para isto porém seria preciso não só dispôr de mais espaço n'esta *Revista*, como ler os artigos do ex-governador que são longos, muitos d'elles diffusos e acrimoniosos; outros inteiramente fóra do ponto em discussão.

E para esta leitura tambem me fallece lazer.

Separando a questão do interesse calmo e sereno da historia e do sincero desejo de ensinar á posteridade a verdade dos acontecimentos, sem a preoccupação convencional de agradar a quem quer que seja, não vale a pena gastar palavras, perdendo um tempo que pode ser melhor empregado.

Foram estes artigos do dr. José Gonçalves a que me refiro, que deram causa á publicação da parte que vae sob o titulo *Appendice*.

Dr. Braz do Amaral.

CARTAS DOS DRS. SATYRO DIAS, PAULA GUIMARÃES E FELIPPE DALTRO

« Meu caro dr. Amaral. — Recebi pelo nosso amigo Borges dos Reis o discurso que me mandou. Sempre obrigado.

Remetto-lhe a nota junta, escripta pelo Paula Guimarães, a proposito do seu questionario sobre a *bernarda* de 24 de Novembro, na Bahia.

Como verá, é um esboço rapido mas consciencioso e verdadeiro, do que se passou então. E' pena que elle o traçasse tão á *vol-d'oiseau*.

Sei que já leu no nosso Instituto a sua Memoria a respeito desses acontecimentos: li o primeiro trecho della, na edição de 8, do *Diario de Noticias*, e estou ancioso pela outra. A nota do Paula chega,

portanto, tarde; mas não foi possivel envial-a a tempo. Em todo caso creio que lhe aproveitará para a revisão do seu trabalho, ou para a impressão delle em folheto, quando nada o impede de fazer-lhe as modificações que, por ventura, lhe suggira o estudo da referida nota.

Adeus, até breve, pois pretendo ir buscar a familia, nos primeiros dias de Junho proximo.

Sempre com muita estima e grande apreço.

Do collega e amigo muito affectuoso. — *Satyro Dias.*

O dr. Paula Guimarães prefacia as notas com a seguinte:

« Meu caro dr. Braz do Amaral. — Já lhe enviei a nota sobre os acontecimentos de 24 de Novembro, na Bahia, que me pediu por intermedio do dr. Satyro.

Demorada por multiplos affazeres, deante da insistencia do nosso referido amigo, escrevi-a ás pressas, *currente calamo*, sem mesmo relêr o que escrevi: d'ahi as deficiencias e omissões que não podem deixar de existir, por me terem faltado tempo e lazer necessarios para avivar a memoria de factos occorridos ha doze annos. Do que verá, porém, póde o amigo tirar alguns elementos para a Memoria que está escrevendo sobre o assumpto.

Seja sempre feliz e disponha dos poucos prestimos do velho amigo affectuoso e admirador. — *Paula Guimarães.*

« Ao voltar do Rio, dissolvido o congresso nacional pelo golpe de Estado de 3 de Novembro,

abri os olhos ao Governador, dr. José Gonçalves, meu amigo, sobre os perigos da situação, dando-lhe a entender que se preparava a inevitavel reacção contra o acto do Marechal Deodoro e aconselhando-o a que se manifestasse a favor dos que tinham assignado o manifesto, de que lhe dei conhecimento.

Respondeu-me o dr. José Gonçalves que a dignidade não lhe permittia voltar atraz, embora visse que havia sido illudido.

Dois ou tres dias depois, voltei á Secretaria do Governo, em 23 de Novembro, e conversava com o Governador sobre o assumpto momentoso que a todos preoccupava, quando chegou o chefe do districto telegraphico que lhe mostrou o despacho communicando a renuncia do Marechal Deodoro e haver o Marechal Floriano assumido o governo; o sr. José Gonçalves, ao lêl-o, voltou-se para mim e disse: «Vou renunciar o governo».

«Sinto muito, mas não tem outro caminho a seguir», respondi. Sahi logo e fui ao quartel da Palma prevenir o Coronel Moreira Cesar e o dr. Urbano de Gouveia, então em serviço na Bahia, como engenheiro encarregado das obras militares, os quaes preparavam o movimento que devia rebentar ahi de accordo com o das outras guarnições contra o golpe de Estado, movimento que no Rio fôra antecipado por circumstancias especiaes.

Dei-lhes noticia do occorido, recebida com muita satisfação, ficando logo resolvido que o movimento militar não tinha mais razão de ser e por consequencia sustada a deposição do dr. José Gonçalves.

Communicado o facto tambem ao General Tude, meu amigo particular, ficou este satisfeito e tranquillo, porque assim evitara-se a desordem que

elle temia. Fui para a Calçada onde estava hospedado com minha familia e á noite voltei ao Quartel General. Ahi encontrei o General Tude afflicto e me communicou que os Coroneis Moreira Cesar e Saturnino Ribeiro haviam sahido pouco antes e que iam reunir-se, em casa do Conselheiro Almeida Couto, aos politicos que n'aquella mesma noite iam depor o dr. José Gonçalves. Aconselhou-me o General Tude que eu fosse á casa do Conselheiro Couto, para ver se impedia o que se projectava.

Lá fui e entrei resolvido a arcar contra tal pretenção.

Devo dizer que embora fosse eu contra o golpe de Estado, estava ao lado do Governador, nada tramando com os politicos da opposição chefiada pelos drs. Couto e Freitas.

Em casa do Conselheiro Couto encontrei muita gente, entre civis e militares, sendo d'aquelles os conhecidos chefes da opposição no Estado e todos quantos os acompanharam e dos militares os Coroneis Moreira Cesar e Saturnino, o Capitão Caldas e muitos outros.

Pedindo licença ao dr. Almeida Couto para falar, dirigi-me ao Coronel Moreira Cesar e vehementemente profliguei quererem os militares, que protestavam contra o golpe de Estado, fazel-o na Bahia acompanhando os que á hora adiantada da noite pretendiam expellir o governador do palacio, quando elles sabiam e eu o dizia de publico ali, que este já tinha prompto o officio de renuncia, que no dia seguinte ia mandar ao senado. Depois de troca um tanto excitada de palavras entre mim, os Srs. Cruz Rios e Moreira Cesar, depois de ouvir que o governo iria passar ao dr. Luiz Vianna, presidente do senado, o que seria peior (diziam) que continuar o Sr. José Gonçalves, consegui que os Coroneis Moreira Cesar e Saturnino, Capitão

Caldas e outros se retirassem commigo, ficando assim abortado o plano da deposição n'aquella noite de 23 de Novembro.

A 24, quando cheguei á cidade, vindo da Calçada, foi que li o convite do dr. Zama, no jornal *Estado da Bahia*, para o *meeting* da Praça.

Fui ao General Tude, a quem preveni para manter a ordem, e dirigi-me á Piedade, onde se achava o dr. José Gonçalves na secretaria do governo, ficando ao lado d'este.

Quando chegou a commissão composta dos drs. Villasboas, Cincinato e não sei qual o outro talvez o dr. Cruz Rios, depois que esta dirigiu a intimação ao dr. José Gonçalves, adiantei-me protestando em vibrante allocução, dizendo que até na vespera eu estava prompto a um movimento revolucionario contra o golpe de Estado, e que iria até a deposição do meu amigo governador da Bahia, mas que agora, após a victoria da legalidade no Rio, quando não havia perigo nem gloria, eu me oppunha a que se ferisse a constituição do Estado com uma illegalidade tão grande como a que se tinha feito no Rio, sendo a mesma questão de principios e não de homens.

Depois de ter eu falado, adeantou-se o dr. Amphilophio, que abundou nas considerações já feitas por mim. Emquanto se debatia, o dr. José Gonçalves declarou, tendo ao lado o General Tude, a quem eu havia chamado, pulando pela escada, (e não pela janella) porque o povo impedia a quem quer que fosse de sahir da Piedade (Secretaria), declarou o dr. José Gonçalves que não acceitava a intimação e permaneceria no seu posto.

Retirada a commissão, voltou o General Tude para o quartel-general, ficando muita gente com o dr. José Gonçalves.

Foi depois disto que occorreu o incidente com o Tenente Machado, a excitação popular, tentativa de ataque e incendio ao Palacio da Piedade, recusa do commandante da policia em obedecer ao dr. José Gonçalves, indo eu novamente, passando pelo meio dos exaltados, chamar o General Tude para manter a ordem.

O Governador tentou passar a administração ao Presidente do Senado e ao Presidente da Camara, que o não acceitaram, por lhes faltarem as garantias da força. Em vista do que cedeu elle o governo do Estado ao General Tude «*para manter a ordem*» e retirou-se para a casa do commendador Manoel Vianna, ao largo do Theatro.

Influi no espirito do General Tude que, como toda a familia, tinha em mim grande confiança como medico e amigo, para que não fizesse «acto de governo» e esperasse que se normalisasse a situação *mantendo a ordem publica*.

De accordo com isto, no dia seguinte cêdo mandou elle chamar o dr. Satyro Dias, Presidente da Camara, com o qual conversou. Ao chegar ao Quartel-General, sabendo eu do que havia, propuz que se reunisse o Senado e tomasse conhecimento da renuncia do sr. José Gonçalves; que o dr. Luiz Vianna, Presidente do Senado, por sua vez resignasse, sendo eleito, por accordo, para a presidencia um Senador que inspirasse confiança a ambos os lados, assumindo o Governo. Indiquei um nome, o do dr. Horacio Cesar. A isto se oppuzeram os chefes do movimento da vespera, dizendo o dr. Cruz Rios que a revolução estava triumphante e senhora do campo.

Oppuz-me tenazmente a que o General Tude fizesse acto algum de governo, tanto que, tendo elle nomeado Chefe de Policia ao Coronel Moreira Cesar, poucos dias depois (2 ou 3) soube ao

chegar cêdo á sua casa, que estava lavrado decreto nomeando o dr. Candido Leão; ponderei-lhe quanto de irregular havia em tal acto que ficou sem effeito.

Ambas as parcialidades procuraram o Marechal Floriano, buscando pôl-o do seu lado. No Rio, trabalhavam a favor do dr. José Gonçalves, os srs. Ruy Barbosa e Dyonisio Cerqueira.

O Marechal Floriano resolveu mandar á Bahia o Coronel Abreu Lima para informal-o da situação. Este a principio parecendo favoravel ao dr. José Gonçalves, depois, talvez por influencia do Coronel Moreira Cesar, foi pendendo para os adversarios. O General Tude, assediado por todos os lados e doente não poude mais e passou o bastão ao Coronel Abreu Lima, o qual assumiu o governo do Estado da Bahia. Protestei logo, no mesmo dia, no *Jornal de Noticias*, fazendo o mesmo o dr. Amphilophio, não reconhecendo no Coronel Abreu Lima autoridade de Governador da Bahia.

Passados 30 dias de interregno, hesitações, dubiedades, etc., etc., afinal resolveu o Marechal Floriano que se fizesse o que havia eu proposto no dia 25. Reunimo-nos, creio que no « Hotel Paris », amigos e adversarios do Governador e ali, em presença do Coronel Abreu Lima, ficou resolvido que o Senado seria convocado, o dr. Luiz Vianna resignaria a presidencia, sendo eleito o Chefe de Divisão reformado Leal Ferreira, que assumiria o Governo, acceita a renuncia do dr. José Gonçalves. Assignou-se uma acta de que o Coronel Abreu Lima disse precisar para mandar ao Marechal Floriano, acta que tem os nomes dos srs. Severino, Freitas, Paula, Filgueiras, Moreira Cesar e outros.

No dia seguinte, após a posse do sr. Leal Ferreira no cargo de Presidente do Senado, quando

na Secretaria do Governo ia elle tomar posse da administração, o Coronel Abreu Lima começou a ler a tal acta, a que me oppuz em vehemente protesto, seguido de tumulto e vozeria, sendo o Coronel Abreu Lima levado por fim pelo braço do dr. Amphilophio. Empossado o Chefe de Divisão Leal Ferreira, entrou tudo nos eixos, não sendo offendida a Constituição da Bahia, apezar de um eclipse de 30 dias.

O Coronel Moreira Cesar aconselhou o General Tude a pender para o lado dos srs. Couto e Freitas.

Não sei que parlamentassem o Coronel Abreu Lima e o dr. Amphilophio, sendo que este agia de accordo com os seus sentimentos intimos e de justiça, sempre commigo.

Não havia quem dirigisse entre os srs. Luiz Vianna, Severino, Amphilophio e eu.

Esperava-se tudo da palavra do Marechal Floriano, dominador absoluto no momento e a quem a força obedecia.

Creio que o dr. Vianna conferenciou com o Coronel Abreu Lima e tambem com o Coronel Moreira Cesar.

Nada sei, porém, ao certo; nem eu tinha, então como hoje, outra preoccupação senão a de prestar desinteressados serviços á causa da ordem e da paz, salvando os principios e a dignidade moral.

O dr. José Gonçalves era ouvido com as devidas deferencias, mas devido a naturalissima excitação nervosa, pouco decidia, nem o podia fazer com exito, em vista das circumstancias excepcionaes.

Eu era ouvido porque não se duvidava da minha lealdade, embora não agradasse muito aos exaltados gonçalvistas a minha maneira calma e imparcial de ver as coisas, minha defeza ao

General Tude, minha opposição ao golpe de Estado, etc.

Recebi, entretanto, sempre provas da confiança do proprio dr. José Gonçalves, que sempre me estimou.

A' conferencia a que acima alludo para a escolha do Chefe de Divisão Leal Ferreira assistiram os cavalheiros acima citados o dr. Amphilophio, e tambem, se não me engano, os srs. Severino, Leovigildo Filgueiras e outros de que não me recordo.

Nada conheço da falada missão Servilio Gonçalves. No livro do dr. João Tourinho sobre os factos da deposição do dr. José Gonçalves, apanhado do que então se publicou na imprensa da terra, ha artigos meus, sendo que o ultimo documento, uma carta ao Capitão Caldas, trata de minha visita á casa do conselheiro Almeida Couto, na noite de 23 de Novembro.—*Paula Guimarães.*

Lendo no *Diario de Noticias* a «Memoria Historica apresentada pelo dr. Braz do Amaral ao Instituto Geographico e Historico da Bahia» no trecho «acontecimentos de 24 de Novembro de 1891» deparei meu nome com a informação que prestei a pedido do meu collega e amigo Conselheiro João Torres sobre o morticinio que tivera logar nesse dia.

E' um facto historico e como tal cabe-me declarar que não contei os cadaveres, mas não é exagerado o numero de 30 entre mortos e feridos; e da propria nota do Conselheiro Luiz Vianna se verifica que se das descargas da linha deram-se

14 mortes, quantas victimas poderiam dar-se das descargas da policia que, entrincheirada na repartição central, surprehendeu o povo agglomerado em massa na praça da Piedade ?

Bahia, 27 de Maio de 1903. — *F. Daltro de Castro* ».

LEVANTES DE PRETOS NA BAHIA (*)

VINHAM de longe os funestos acontecimentos de frequentes levantes de escravos africanos na Bahia.

Referem as chronicas que nos primeiros annos do seculo XVIII era bem reduzido o commercio de escravos da Bahia com a Costa da Mina, pelas hostilidades da Hollanda e de outras nações conquistadoras. Nos annos de 1637 e 1642 os hollandezes tomaram os castellos de S. Jorge da Mina e de Santo Antonio de Axim, que os portuguezes, primeiros descobridores daquella costa, haviam nella erigido. Com as fortificações levantadas por aquellas nações em toda a extenção da costa, perderam os portuguezes o dominio que nella tinham e quasi se extingiu o commercio que faziam com os negros da Africa Occidental.

Governava a Bahia, pelos annos de 1720 a 1735, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa. Vendo este vice-rei a notavel decadencia da agricultura bahiana, pela escassez de braços resolveu animar os negociantes a renovarem o commercio de escravos com a Costa da Mina, e, mandando construir 24 navios, os repartiu pelas

(*) Extrahido do «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, de 26 de Maio de 1903, onde foi publicado esse interessante trabalho pelo nosso digno conterraneo e consocio Dr. Eduardo de Caldas Britto.

Damos em seguida o que sobre o mesmo assumpto publicou o fallecido consocio José Carlos Ferreira sob o titulo—«As Insurreições dos Africanos», e documentos conservados no Archivo Publico da Bahia sobre a insurreição de 1835.

(NOTA DA REDACÇÃO)

casas mais opulentas da praça da Bahia, ordenando que os artilhassem para resistirem aos ataques dos hollandezes. Sendo, porém, pequenas estas embarcações para enfrentarem os navios de guerra inimigos, foram inefficazes os desejos daquelle vice-rei.

Creada a mesa da inspecção, em 1.º de Abril de 1751, o commercio de escravos com aquella costa começou a tomar certo incremento; e por esse tempo o trafico era monopolisado por alguns negociantes e dos mais ricos da capitania.

No Governo de d. Marcos de Noronha e Britto, 6.º conde dos Arcos e vice-rei do Brazil, mandou d. José I, em virtude da resolução de 6 de Março de 1756 do conselho de Ultramar, que se permittisse a todos franca liberdade de commercio com a Costa da Mina. Pelas circumstancias especiaes em que se achava a capitania da Bahia, por ser a unica productora de tabaco em larga escala, tinha por isso mesmo o privilegio do commercio com aquella costa, onde viviam as tribus mais guerreiras de léste d'Africa: aussás, ou ussás, gêges, nagòs, etc.

No começo do seculo passado os navios negreiros alijavam no porto da Cidade do Salvador legiões de captivos trazidos da Costa da Mina; e nos logradouros publicos essa carne humana era legalmente exposta, examinada e vendida a preço vil: cem mil réis por cabeça, e das mais validas e das mais fortes. Esses negros eram a partilha ou antes os despojos opimos das guerras intestinas entre as tribus atricanas, especie de mercadoria que se permutava, nos portos dos dominios portuguezes, por generos levados do Brazil. Eram os braços fortes da lavoura, os unicos, no dizer dos administradores coloniaes, que resistiam ás intemperies, ás ardentias do sol brasilico e aos penosos e rudes trabalhos do bravio campo. E fòra essa a nossa colonisação... que os braços lusitanos

eram escassos para o manejo das armas em defesa do sólo conquistado.

Na primeira decada daquelle seculo contava a Cidade da Bahia pouco mais de cincoenta mil habitantes, divididos em quatorze mil brancos, onze mil mestiços e vinte cinco mil negros. O trafico era o maior factor do augmento de sua população. Só no anno de 1807 entraram na capitania 8.037 escravos; e não fôra menor o numero nos annos anteriores.

Nessa época, dil-o o proprio Governador Conde da Ponte, consistia a escravidão, na Cidade, em retribuirem diariamente os escravos aos senhores com oito até doze vintens, procurando livremente os meios de os haverem; e aquelles que os senhores empregavam em seus serviços, domesticos ou commerciaes, tinham á noite licença para se divertir á vontade. Viviam sem sujeição alguma (1).

De dia reuniam-se em grupos nos cantos das ruas de mais movimento, mettidos nas calças de algodão grosso, camisas sem mangas, carapuças de variadas côres á cabeça, ou chapéos de palha por elles mesmos tecidos, nas horas de ocio, sentados em tamboretes ou acocorados ás portas, á espera dos carretos ou recados, debaixo da direcção de um chefe, ao qual chamavam *Capitão* e a quem obedeciam cegamente. As pretas percorriam as ruas mercadejando as quitandas do seu exotico commercio, braços e pescoço ornados de figas e missangas, dependurados os tenros filhinhos aos quadris, seguros pelo *Panno da Costa* atravessado á cintura. As raparigas occupavam-se dos trabalhos de casa, sob a guarda das familias, cujo luxo consistia em terem ao seu serviço domestico grande quantidade dellas. E não se misturavam as diffe-

(1) Officio de 16 de Junho de 1807 da Correspondencia dos Governadores — 1783 a 1807, do Instituto Historico Geographico Brasileiro.

rentes tribus. De dia ou de noite e a toda hora pretos e pretas juntavam-se e dançavam e tocavam os seus batuques pela Cidade ou nos *Casebres*, onde occultavam as escrava novas, que os *Capitães* gozavam impunemente.

Nos domingos ou dias de festas, nas ruas e largos da Cidade, não se ouviam sinão os toques desentoados e atroadores de seus instrumentos, de envolta com a monotonia de seus cantos selvagens.

Os escravos do reconcavo, os da lavoura, eram alimarias de trabalho, mal alimentadas e muitos delles tendo apenas a tanga por vestimenta.

Odiavam os senhores, porque estes os maltratavam pelos mais simples delictos e ás vezes os ameaçavam com a morte.

O Conde da Ponte, ao assumir o Governo encontrou a Cidade da Bahia com estes escandalosos costumes, cercada de quilombos por toda parte, de onde sahiam os negros para roubar os viandantes e as propriedades dos arrabaldes. Tratou de tomar providencias para policiar a Cidade e evitar sublevações.

Encarregou, em Março de 1807, ao Capitão-mór Severino da Silva Lessa de dar cabo dos quilombos. No dia 30 do mesmo mez, o Capitão-mór e mais 80 homens de tropa de linha, escolhidos e bem municiados, com o auxilio dos officiaes do matto e cabos de policia, cercaram varias casas e nos arraiaes de Nossa Senhora dos Mares e do Cabula prenderam 78 pretos, uns escravos e outros forros, destinando todos aos serviços das fortalezas e dos melhoramentos da Cidade.

Com estas medidas de garantias os senhores tornaram-se mais crueis e os escravos irritaram-se. E foi este o motivo, naquelle anno, de um levante contra os brancos, concertado pelos negros da raça Aussá.

Incendido o odio implacavel no peito desses miseros humanos, pelos barbaros castigos e máos tratos que lhes infligiam os senhores, era natural que explodisse uma conspiração infernal. Organisaram alguns desses pretos, debaixo de todo sigillo, uma confederação, com o designio de reunir todos de mão armada, em ajustados logares, na Capital e no reconcavo, deliberados a resistir e guerrear os brancos, si lhes fosse obstada a fuga.

A' frente da insurreição achavam-se os pretos Antonio, escolhido para embaixador, e Balthazar, que commandaria os companheiros na Capital. O primeiro era forro, vivia de pequeno commercio entre a cidade de Santo Amaro, gosando de certo predominio entre os companheiros e da confiança e estima do commercio, tanto da Bahia como daquella villa; o segundo era um negro intelligente insinuante, o *capitão*, como lh'o chamavam os primeiros, escravo do serigueiro Francisco das Chagas, morador no Corpo Santo. E era este o principal cabeça, quem alliciava os companheiros para se juntarem á sublevação, communicando ao embaixador as disposições da empreza e recebendo deste as instrucções dos confederados.

Projectaram apoderar-se da Casa da Polvora e das Armas, incendiar a Alfandega e a capella do arrabalde de Nazareth, para que, desviada a attenção da tropa e do povo, que acudiriam a esses incendios, mais facilmente se executasse o plano combinado (2). Intentaram ainda envenenar as fontes, matar os senhores; e, victoriosos, constituir um governo, elegendo um rei, e se apossar das embarcações surtas no porto, que os transportariam á patria.

Teve o Conde da Ponte denuncia, no dia 27 de Maio daquelle anno, de que no dia seguinte,

(2) Correspondencia do Governo da Bahia, Archivo Publico Nacional.

pelas 7 horas da noite, se effectuaria o levante. A' vista da denuncia e verificados os indicios, deu acertadas providencias para obstar o movimento, que, embora sem orientação intelligente, seria de funestas consequencias para os habitantes da cidade.

Depois de ter em uma quinta-feira acompanhado a procissão de *Corpus Christi*, dirigiu o Conde da Ponte ordens, do seu proprio punho escriptas, debaixo de toda a reserva, a cada um dos chefes dos corpos da guarnição para que puzessem de promptidão as patrulhas; e á bocca da noite, sem toque de tambores e sem que na cidade soasse o menor ruido, achavam-se tomadas as sahidas e entradas da cidade, distribuidos os officiaes do matto em diligencia pelos caminhos. Encarregou o seu ajudante de ordens, Capitão do 1.º regimento, João de Chastinet, de cercar a casa denunciada, sita á rua Direita do Corpo Santo. Dando-se busca nesta casa foram presos 13 pretos, os principaes cabeças, e encontrados chuços, flexas, facas, pistolas, tambores, e outros apetrechos bellicos.

Abriu-se uma devassa; foram os presos submettidos a processo. Os dois principaes culpados, Antonio e Balthazar, foram condemnados á morte, e os demais açoitados na praça publica, a 20 de Março de 1808.

* * *

As respressões legaes, em vez de acalmarem os animos exaltados dos Aussás, atemorisando-os, activaram ainda mais os rancores que nutriam contra os senhores.

Tramaram em 1809, não uma sublevação, que o governo e os proprios senhores os vigiavam attentamente, mas uma fuga. Mancommunados

com os pretos gêges e nagôs, planearam abandonar, em determinado dia, as casas e engenhos e constituirem-se em quilombos nas mattas de difficil accesso.

Na tarde do dia 4 de Janeiro daquelle anno fugiram da Capital centenas de captivos, que se foram refugiar a nove leguas de distancia, nas cercanias da estrada de Paripe, proximo ao riacho da Prata. Na passagem pelos engenhos, povoações e estradas commetteram toda sorte de devastações e atrocidades: roubos, incendios, ferimentos e assassinatos.

Conhecidas do Governador, na manhã seguinte, essas occurrencias, que alarmaram a população, fez expedir sem demora tropas municiadas no encalço dos fugitivos, ordenando que fossem vigiadas as sahidas das estradas que iam ter ao reconcavo, afim de impedir que a noticia da fuga chegasse aos engenhos antes da prisão dos amotinados.

Surprehendidos os pretos, na manhã do dia 6, pelas tropas, em um matto junto ao riacho da Prata, cercados e intimados a entregarem-se, resistiram, atacando as tropas, as quaes se viram obrigadas a lançar mão das armas de fogo, matando alguns, ferindo muitos e aprisionando grande numero. Durante a acção, muitos delles evadiram-se. Foram afinal conduzidos para as cadeias da Cidade 95 fugitivos, sendo 83 negros e 12 negras.

Por essa occasião participava o Ouvidor interino da comarca e juiz ordinario da villa de Jaguaripe o levante dos negros na povoação de Nazareth no dia 26 de Setembro do anno anterior, suffocado graças á actividade e energia daquelle juiz, o qual expediu ordens para dominar os insurrectos, capturando-os e remettendo dalli os prin-

cipaes cabeças, 23 amotinados. Não houve, felizmente, desgraças a lamentar em Nazareth.

Proximas á povoação de Itapoan havia, a duas leguas de distancia da cidade, as armações de Manuel Ignacio da Cunha e Menezes, depois visconde do Rio Vermelho, e de um tal Herculano, os quaes viviam de explorar a pesca da baleia e possuiam algumas dezenas de escravos, na sua maioria aussás.

No anno de 1814 estes negros, flagellados pela fome, em consequencia da escassez da pesca nesse anno, desesperados pelo excesso de trabalho e pela habitual crueldade dos feitores das duas propriedades (3) rebellaram-se, a 28 de Fevereiro e, unidos a outros companheiros que fugiram da Capital no dia anterior, assaltaram, armados, e incendiaram, pelas 4 horas da madrugada, as casas e senzalas daquellas armações.

Depois de matarem o feitor e a familia deste e outros brancos que ahi se achavam, marcharam a atacar a povoação de Itapoan, onde tambem incendiaram algumas casas e, reunidos aos pretos desta localidade, assassinaram os brancos que tentaram despersuadil-os ou lhes resistir.

Governava então a Bahia D. Marcos de Noronha e Britto, 8.º Conde dos Arcos, uma das figuras mais proeminentes da administração colonial.

Na mesma madrugada este Governador enenviou ao encontro dos rebeldes um destacamento de 30 homens de cavallaria e alguns soldados do regimento de infanteria de caçadores, commandados pelo seu ajudante de ordens Coronel José Thomaz Boccaciári. Mandou no mesmo dia que se affixassem editaes convidando as pessoas de

(3) Correspondencia do Governo da Bahia, Archivo Publico Nacional.

cujo poder tivessem desapparecido escravos no dia anterior a comparecer na sala de palacio, para declarar o numero, nomes e confrontações dos mesmos escravos fugidos. E pela lista que se poude apurar haviam desapparecido apenas 26 negros e quasi todos aussás.

A noticia destes successos repercutiu rapidamente e chegou ao conhecimento de diversas auctoridades dos districtos. O Major da Legião da Torre Manuel da Rocha Lima partiu sem demora para dominar os rebeldes, defender os habitantes daquella zona, ameaçados de serem trucidados, e impedir que os amotinados seguissem para o reconcavo, onde encontrariam apoio dos companheiros colligados.

As tropas da Legião da Torre tiveram no mesmo dia varios encontros com os rebeldes junto a Santo Amaro de Ipitanga. Os pretos investiram contra ellas, tão desesperados e embravecidos que só cediam na lucta quando as balas os prostavam em terra; e durou o combate algumas horas, ficando fóra da acção 50 negros, inclusive os que fugiram atirando-se ao rio Joannes, onde pereceram afogados, e tres que preferiram se enforcar a cahir em poder das tropas legaes.

Treze pessoas brancas foram encontradas assassinadas pelos negros em Itapoan e na armação de Manuel Ignacio, além de oito gravemente feridas. Foram presos, algemados e conduzidos para as cadeias da cidade trinta e tantos negros, que se envolveram no levante, entre os quaes alguns encontrados extraviados nas circumvisinhanças do local dos acontecimentos. A's 6 horas da tarde estava inteiramente dominada a insurreição e restabelecida a ordem publica. O ouvidor do crime, ou intendente geral da policia, Dr. Antonio Garcez Pinto de Madureira, seguiu para aquelles logares,

afim de fazer os corpos de delicto e abrir as devassas para punição dos culpados.

Accioli, nas suas *Memorias Historicas da Bahia*, refere que, embora se devesse ás providencias do Major Manuel da Rocha Lima uma grande parte da salvação publica, o Governo increpou-o de *haver obrado sem ordem, empregando armas contra uns miseraveis.*

Crescia dia a dia, não só na Capital, como no reconcavo, o receio de um levante geral da parte dos Aussás e demais escravos africanos. Murmuravam queixas acerbas contra o governo da Capitania, pela falta de providencias energicas contra os Aussás, que desde muito eram um perigo para os senhores e uma calamidade para a população. Estas murmurações chegaram aos ouvidos do Conde dos Arcos, o qual referindo-se ao acontecimento de 28 de Fevereiro, escrevia em 6 de Março ao governo: « Não devo esconder a v. ex. que alguns empregados publicos, que por seus defeitos não têm encontrado acolhimento neste governo, têm aproveitado o presente estado dos animos para invectivarem, indisporem o povo contra o governo, dirigindo a murmuração de tal maneira, e já com tal publicidade que seria obrigado a tomar contra algum alguma medida fortissima para evitar consequencias que podem ser summamente desagradaveis e funestas ».

Divulgada na Cidade a noticia da mortandade dos brancos, os espiritos imaginosos, como sóe acontecer em occasiões de panico, augmentaram os factos, que não tardaram a ser conhecidos em toda parte, accrescidos do boato de uma conflagração geral que tramavam os pretos para tirar um desforço.

O Juiz de fóra da Cachoeira, Francisco José de Freitas, e o senado da camara, representado

pelos Vereadores Simão da Rosa, Antonio Teixeira de Freitas Barbosa e Antonio Alves Basto, officiaram, em 16 de Março, ao Governador, requisitando soccorros de armas e munições e até peças de campanha, para a guarnição dos regimentos auxiliares de infanteria e cavallaria, afim de prevenirem os habitantes contra um inesperado ataque dos Aussás, que abundavam naquella villa e nos engenhos de seus districtos.

Não attendeu o Conde dos Arcos a este pedido, convencido de que os negros se rebellavam pelos duros castigos que soffriam dos senhores, como se vê de suas proprias palavras, relatando aquelles acontecimentos: «Ainda não tenho informações miudas e exactas, porque a gente da Bahia, celebre pelo temor que tem dos negros, a quem maltratam cruelmente, está de tal sorte espaventada com este successo e com outros muitos, que sua imaginação lhe representa proximos e imminentes, que não é prudente acreditar nada do que por ora dizem.»

Esses rumores de futuros levantes que se propalavam, oriundos do terror de uns e por outros forjados com fins sinistros para amendrontar a população, eram transmittidos á Côrte, revestidos das mais sombrias côres, nas correspondencias particulares de altos funccionarios publicos e de abastados proprietarios do reconcavo, os quaes attribuiam á fraqueza do Governador as hostilidades dos negros, e geitosamente suggeriam medidas de precaução para reprimir novos abusos.

Dirigiu o governo ao Conde dos Arcos o aviso régio de 18 de Março, lembrando a conveniencia de prohibir-se terminantemente os batuques dos negros e ordenando que se dissolvessem os quilombos, de onde partia o açulamento de frequentes insurreições.

O Conde dos Arcos tinha posto já em vigor, para serenar os animos sobresaltados com o terror dos actos vandalicos dos pretos, e bem a contragosto seu, as ordens do seu antecessor, prohibindo aos escravos usarem qualquer arma, reunirem-se mais de quatro, salvo quando andassem em serviço na companhia dos senhores ou de seus prepostos, e sahirem á rua á noite depois do toque de recolher, sem uma ordem por escripto dos senhores. E o escravo que infringisse qualquer destas ordens seria vergastado com 150 açoites. Na mesma occasião expediu ordens positivas aos Capitães-móres, afim de extinguirem os quilombos que houvesse em seus districtos, ordenando aos coroneis de milicias que a elles prestassem os soccorros necessarios. A todos os commandantes de corpos e das fortalezas mandou que vigorassem as leis de repressão do seu antecessor o Conde da Ponte. Baixou a portaria de 10 de Abril, prohibindo as dansas que os negros costumavam fazer, ao som de seus instrumentos estrepitosos, nas ruas e largos da cidade, só permittindo que se juntassem nos largo da Graça e do Barbalho, nos domingos, dias santos e de festas reaes, onde poderiam dansar até o toque de Ave Maria, hora em que deveriam se retirar para a casa de seus senhores.

Num longo relatorio, de 2 de Maio, em resposta áquelle aviso regio, no qual o Conde dos Arcos se revela notavel politico e contrario ás idéas escravistas, dizia porque não o tinha cumprido litteralmente, expondo deste modo as suas razões: « Batuques olhados pelo Governo são uma cousa, e olhados pelos Particulares da Bahia são outra differentissima. Estes olham para os batuques como para hum Acto offensivo dos Direitos dominicaes, huns porque querem empregar

seus Escravos em serviço util ao Domingo tão bem, e outros porque os querem ter naquelles dias ociozos á sua porta, para assim fazer parada de sua riqueza. O Governo, porém, olha para os batuques como para hum acto que obriga os Negros, insensivel, e machinalmente de oito em oito dias, a renovar as idéas de aversão reciproca que lhes eram naturaes desde que nasceram, e que todavia se vão apagando pouco a pouco com a desgraça commum; idéas que podem considerar-se como o Garante mais poderoso da segurança das Grandes cidades do Brasil, pois que se uma vez differentes Naçoens da Africa se esqueceram totalmente da raiva com que a natureza as desuniu, e então os de Agomés vierem a ser Irmãos com os Nagôs, os Gêges com os Aussás, os Tapas com os Sentys, e assim os demais, grandissimo e inevitavel perigo desde então assombrará e desolará o Brasil. E quem haverá que duvide que a desgraça tem poder de fraternisar os desgraçados? Ora, pois, prohibir o unico Acto de desunião entre os negros vem a ser o mesmo que promover o governo indirectamente a união entre elles, do que não posso ver sinão terriveis consequencias. »

Parecia terem serenado os animos com as providencias postas em pratica pelo governador, quando surgiram novos boatos aterradores.

Em fins de Maio do mesmo anno o advogado Lasso denunciou ao governo que os negros Aussás preparavam um grande levante, que irromperia em a noite do dia 23 de Junho e nelle tomariam parte, além dos ganhadores dos cantos do caes da Cachoeira, caes Dourado e caes do Corpo Santo, os principaes cabeças, os do Terreiro e do Paço do Saldanha, e que alguns pretos de outras raças entravam tambem na sedição, fôrros e captivos, tanto da cidade como do reconcavo.

O centro desses conluios eram uma capoeira que ficava pelos fundos das roças do lado direito da capella de Nossa Senhora de Nazareth, uma roça na estrada do Matatú, fronteira á Boa Vista, Brotas e os mattos do Sangradouro. O plano combinado era romperem desses logares na vespera de S. João, com o pretexto do barulho de semelhantes dias, matarem a guarda da Casa da Polvora do Matatú, tirarem a polvora de que precisassem, molhando o resto; e quando acudissem as tropas e estivessem entretidos com aquelles sublevados, sahiriam os cabeças existentes na cidade e degolariam todos os brancos.

Divergencias entre esses pretos, querendo uns que a insurreição fosse naquelle dia e outros no dia 10 de Julho, levaram um delles, de nome João Aussá, escravo de Manuel José Teixeira, a trahir os companheiros. Descoberto assim o plano, occultaram tudo quanto pudesse denuncial-os, de modo que dando-se uma batida naquelles logares não se encontrou vestigio algum.

Comquanto o Conde dos Arcos estivesse convencido de que essas denuncias eram a trama do despeito de desaffectos, que procuravam desmoralisar o seu governo, baixou no dia 20 de Junho uma portaria prohibindo expressamente o divertimento de fogos de S. João, mormente os buscapés, rouqueiras e foguetes, punindo o infractor desta ordem, qualquer que fosse a sua cathegoria social. E para que ninguem allegasse ignorancia publicou-a ao som de tambores pelas ruas mais publicas da cidade.

Em observancia da carta régia de 18 de Março foram estes processados; e por accordão da Relação, de 15 de Novembro, condemnados 39 réos. Destes morreram 12 nas prisões; 4 escravos de Manuel Ignacio foram condemnados á morte natural e enforcados, no dia 18 do mesmo mez,

na forca que se levantou na praça da Piedade, com assistencia de toda a tropa de linha da guarnição; e os demais foram, uns açoitados e degredados para os presidios de Moçambique, Benguella e Angola, para toda a vida, outros, depois de açoitados no logar do supplicio dos companheiros, entregues aos senhores.

As ordens emanadas do governo prohibindo com severas penas os batuques dos pretos africanos, só permittidos em determinados logares e até certa hora do dia, unica diversão que lhes restava, aos domingos, para matar as saudades da patria e sacudir o torpor das fadigas do pesado labutar do campo, horas a fio; o rude trato que lhes dispensavam os senhores, quer pela severidade de barbaros castigos, quer pela escassez da alimentação que lhes era dada, a ponto de caber a cada escravo, dos engenhos á beira d'agua, como alimento diario, um carangueijo e um punhado de farinha e tres quartos de libra de carne secca para dez dias aos que eram de engenhos do interior; o desrespeito que soffriam de senhores relapsos, que, além de lhes negarem o pão, lhes roubavam a honra; e, finalmente, a idéa de nunca mais obterem a liberdade, dominados pelo espantalho do tronco e do relho do feitor, produziram um grande levante de pretos, creoulos e africanos, que surgiu no reconcavo, em engenhos da Villa de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde. Além destas causas existia uma outra importantissima. Rigoroso e duradouro o inverno de 1815, houve por isso uma grande mortandade de gado vaccum e cavallar em todos os engenhos, a maior até então conhecida na Bahia. A parte do trabalho que pertencia aos animaes sobrecarregou na safra daquelle anno a escravatura, o que causou o desespero dos escravos.

Ajustaram muitos escravos dos engenhos da

Lagôa, Crauassú, Itatinga, Guaiba e outros uma insurreição, e organisaram neste ultimo um grande batuque, num domingo, de onde, reunidos e armados, marchariam a atacar e incendiar os engenhos mais proximos.

A' uma hora da madrugada de segunda-feira, 12 de Fevereiro de 1816, após terem dansado toda a noite de domingo, partiram em magotes ao som de trombetas e atabaques, armados uns de arco e flecha, outros de facões e alguns de fuzis, para o engenho Cassarangongo, de Salvador Muniz. Procuraram alliciar os escravos deste engenho; e como se recusassem a acompanhal-os, mataram alguns e feriram muitos, e atearam fogo na casa de moradia e do bagaço. Seguiram depois para o engenho Quibaca, do Coronel Jeronymo Muniz Fiuza Barreto, ao qual tambem lancaram fogo, nas duas varandas da casa de morada, no corpo do engenho e em algumas caixas de assucar.

Dormia o Coronel Jeronymo Muniz quando foi despertado pelas labaredas do incendio, que devorava a varanda da casa, e pela fumaça que sahia debaixo do porão, onde se costumava guardar o bagaço da canna que servia de combustivel para as fornalhas.

Comprehendendo o perigo do incendio e as vozerias dos amotinados, que denunciavam um levante, teve Jeronymo Muniz a coragem de abandonar a esposa em desmaio e os filhos em pranto para sahir ao encontro dos pretos, cujo numero se elevava approximadamente a duzentos. Unicamente com 20 homens bem armados, empregados, e escravos dos mais fieis, dirigiu o ataque de tal modo, que os rebeldes se atemorisaram e fugiram recolhendo-se aos mattos proximos do engenho.

O Coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas, do regimento de cavallaria de milicias, tendo aviso destes factos ás nove horas da manhã, e achando-se

a sete leguas de distancia, apresentou-se, antes do anoitecer do mesmo dia, com o seu regimento rondando as estradas e acalmando os animos dos senhores de engenho.

No mesmo dia do levante o Capitão-mór da villa de S. Francisco, Joaquim Ignacio de Cerqueira Bulcão, officiou ao Governador expondo a dolorosa situação em que se achavam os moradores daquella zona, relatando os factos nas suas minucias. No dia 13 recebeu o Conde dos Arcos este officio; no dia seguinte um outro do juiz de fóra de Santo Amaro, Dr. José Bonifacio de Araujo Azambuja, acompanhado das vistorias e dos corpos de delictos procedidos no dia 13. Embora procurasse occultar as noticias, afim de não amedrontar os habitantes, ellas espalharam-se celeres por toda a Cidade.

O Conde dos Arcos, nas melindrosas circumstancias em que se viu, ordenou rigorosas medidas para castigar os culpados e levar a tranquillidade ao espirito dos apavorados senhores de engenho, procurando promptamente restabelecer a ordem publica. Remetteu polvora e bala para municiar os regimentos do reconcavo, e mandou que rondassem as estradas, perseguindo os criminosos até prendel-os.

Não podendo conhecer das medidas necessarias para restituir de prompto a plena tranquillidade publica, por estar longe do theatro do acontecimento, baixou uma portaria, em 17 de Fevereiro, ao brigadeiro Felisberto Caldeira Brant Pontes, ordenando-lhe que seguisse para a villa de S. Francisco e avisasse (embora reconhecesse ser uma medida irregular, como declarou mais tarde ao proprio Governo) a todos os officiaes superiores de todos os regimentos de milicias dos districtos para alli se juntarem; e, reunidos em determinado dia, antes do fim do mez, convidasse tambem a outras pessoas intelligentes que julgasse conveniente

ouvir, afim de se discutir e combinar as providencias para garantir as propriedades e acalmar os senhores de engenho.

Na mesma occasião baixou, outra portaria ao intendente geral da policia, aconselhando medidas de ordem publica na Cidade e mandou publicar por editaes que todo o individuo que denunciasse em segredo de justiça qualquer commoção de negros receberia um premio de cem mil réis.

Calmo e previdente, já havia, no dia 15, recommendado ao juiz de fóra de Santo Amaro a maior exacção e brevidade nos procedimentos ulteriores, afim de que sem demora fossem punidos os culpados.

Abriu-se a devassa no dia 19.

* * *

Entre o então Brigadeiro Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois Marquez de Barbacena, e o Conde dos Arcos existiam certas rivalidades que traziam as duas auctoridades em desaccordo quanto á orientação que levava o Governo da Capitania.

Aquelle vinha de occupar varios cargos em Angola e Portugal, antes de assumir a inspectoria das tropas na Bahia. Era um espirito affeito á disciplina militar, educado na velha escola do auctoritarismo, austero como as leis de seu tempo, impassivel no perigo, energico, violento ás vezes, notavel por seus talentos, fidalgo de linhagem e mineiro de nascimento. A elle deve incontestavelmente o Brasil serviços de grande monta, que o historiador desapaixonado ha de um dia, firmado nos documentos ineditos dos archivos, inscrever nas paginas da historia, apenas esboçada, de nossa emancipação politica.

O Conde dos Arcos tinha sido Governador do Pará e vice-rei do Brasil no Rio de Janeiro,

quando tomou posse do governo da Bahia. Oriundo de uma nobre familia portugueza, que contava em cada descendente um leal servidor da patria, trazia a longa pratica de administrador emerito e sagaz, perscrutador das palpitantes necessidades do desenvolvimento da colonia, alliando a um espirito lucido e culto, embora de um realismo *a outrance*, um coração magnanimo, generoso. O seu grande erro na rebellião de 1817, pelas circumstancias da investidura do cargo, deve-lhe ser perdoado, pelos muitos beneficios que prestou ao Brasil. Não quiz que o historiador se encarregasse de lhe enaltecer os feitos; elle proprio esculpiu em vida o seu nome em monumentos perennes, que attestaram os inolvidaveis serviços de sua luminosa passagem na administração bahiana.

Um e outro divergiam no modo de reagir para o inteiro acabamento dos levantes dos pretos africanos; e fôra este o motivo que mais accentuou a desharmonia que os separava.

O Brigadeiro Felisberto Caldeira queria que se puzessem em execução medidas energicas, que cortassem o mal pela raiz, castigando-se com severidade a rebeldia dos pretos, para garantir-se a propriedade ameaçada de frequentes assaltos.

Não podendo entrar em lucta franca com o Conde dos Arcos, para não romper a disciplina, ao receber as ordens terminantes afim de seguir para a villa de S. Francisco, dirigiu ao Marquez de Aguiar o officio de 20 de Fevereiro, no qual se expressava deste modo: «Ninguem melhor do que V. Ex. conhece as luzes, virtudes e grandes qualidades do meu Exmo. General, e por isso desnecessario é que eu me demore em fazer o seu elogio. Como, porém, ninguem é perfeito, o afferro que elle tem ás suas opiniões, e que em geral, e até certo ponto, é qualidade indispensavel em

quem governa, concorre no caso particular dos negros para eclipsar em parte tanto merecimento. Longe de manifestar a sua indignação contra a sublevação dos negros, expediu a ordem inclusa, que remetto a V. Ex.: que pode resultar de semelhante conferencia? O meu compromettimento, e mais nada. Homens pela maior parte ignorantes, e todos assustados não têm discernimento, ou sangue frio para discorrer com acerto. Cada um quererá uma guarda, o que não é possivel, serão tantos os votos como as cabeças, e o resultado será perda de tempo. *Dum deliberant res perditur.* Tudo isto representei ao meu general, mas debalde, porque manda que eu vá á conferencia sabbado, 24 do corrente ».

No dia aprazado teve logar a reunião, na villa de S. Francisco, presidida pelo Brigadeiro Felisberto Caldeira, á qual compareceram quasi todos os officiaes superiores dos regimentos milicianos do reconcavo, em geral proprietarios e dos mais ricos daquella villa, de Santo Amaro, Iguape, Pirajá, Maragogipe, Campos da Cachoeira, Jaguaripe e Nazareth.

Ainda muito viva a recente commoção que abalou os senhores de engenho com o levante dos pretos, as propostas apresentadas para tranquilisar os animos dos habitantes foram, na sua maioria, nessa reunião, demasiado violentas, filhas do panico que dominava os espiritos amedrontados e espavoridos. A primeira dellas e acceita geralmente com calorosos applausos foi a mudança do governador, pelo despeito dos proprietarios, porque o Conde dos Arcos entendera negar-lhes amplos poderes para a carnificina dos miseros captivos. Muitas houve singulares, como guardar cada engenho por um soldado, prender e deportar todo negro suspeito, enforcar summariamente o escravo sublevado, etc.

Quando serenaram os animos e cessaram as virulentas e apaixonadas discussões nessa conferencia, levantaram-se as vozes liberaes e patrioticas dos santamarenses Bernardino Borges de Barros e Paulo José de Mello Azevedo e Britto para lembrar medidas como a abolição immediata do commercio da escravatura e a creação de um premio para a importação de familias européas, afim de excitar nos negociantes do trafico a cobiça de transportar em seus navios o braço livre com o mesmo furor com que carregavam a mercadoria escrava.

Dirigiram os conferentes, naquelle mesmo dia e depois de agitadas discussões, ao Conde dos Arcos uma representação subscripta por 34 proprietarios dos mais distinctos dos districtos do reconcavo.

As medidas suggeridas nessa representação eram em geral repressivas, de policia, calcadas nos moldes das antigas ordens do Conde da Ponte.

Si algumas, indispensaveis e inspiradas no bem publico, vinham de prompto extirpar os quilombos e refreiar as insurreições, outras eram deste feitio: nenhum negro poderia estar sentado deante de um branco, e o escravo encontrado sem passaporte seria preso e immediatamente entregue ao senhor, que em presença da familia castigal-o-hia com 150 açoites, e quando não o fizesse o commandante do districto daria parte ao chefe da cidade.

Como medida complementar, e para que não transparecesse a raiva que os dominava contra os escravos, offereceram o capital necessario para a importação de cem familias brancas européas, artistas e lavradores.

Receiosos os conferentes de que o Conde dos Arcos não as puzesse em execução, deliberaram enviar um emissario á côrte, afim de advogar junto

ao principe regente a approvação de todas as medidas, recahindo a escolha em Alexandre Gomes Ferrão Castel Branco.

O Brigadeiro Felisberto Caldeira, de volta de S. Francisco, referindo-se ao Conde dos Arcos e dando parte da conferencia ao marquez de Aguiar, officiava em 26 de Fevereiro nestes termos:

«Em consequencia da promessa de V. Ex. esperavam todos que depois daquella conferencia prohibisse pelo menos qualquer ajuntamento de pretos, e manifestasse por alguma ordem a sua indignação por tantas sublevações; mas escrever, ou dizer S. Ex. uma syllaba contra pretos, é cousa impossivel, e sua obstinação a este respeito não tem outra explicação, senão a que fazem os medicos, isto é que desde a sua grave enfermidade ficára com a mania parcial substituindo a predilecção dos pretos a antiga preoccupação das constipações.»

«Las Casas solicitando aos pés do throno da Hespanha a piedade Real a favor dos Indios, Wilberforce e outros advogando no Parlamento Inglez a extincção da escravatura, sem duvida são bemfeitores da humanidade, e dignos de eterno louvor, mas aquella mesma linguagem na bocca de um Vice-Rei do Mexico, ou Governador da Jamaica provocaria o assassinio de todos os Hespanhoes e Inglezes, e causaria a execração do universo. Tal é, nem mais nem menos, a nossa situação!»

«Aqui são os negros os dilectos filhos do Representante do Soberano. Não é pois de admirar o atrevimento dos pretos, nem o susto e confusão dos brancos, que estão entre Sylla e Charibides.»

O Conde dos Arcos approvou apenas as medidas que julgara mais convenientes e que cabiam em sua alçada, e pôl-as em execução por portaria de 27 de Fevereiro. Isso desgostou aos pro-

prietarios do reconcavo, principalmente ao Brigadeiro Felisberto Caldeira, que verberou o procedimento do Conde dos Arcos, desenvolvendo uma guerra desabrida ao seu governo. São bastante acrimoniosas as referencias que o Conde dos Arcos fez áquelle Brigadeiro em officio dirigido ao Marquez de Aguiar, em 1.° de Abril do mesmo anno.

Apoiado nos proprietarios do reconcavo, partiu o Brigadeiro Felisberto Caldeira, em fins de Março, para a côrte, e conseguio, por aviso regio de 27 de Julho, a approvação de todas as medidas da representação. Ao regressar á Bahia, recebeu do Conde dos Arcos ordem de prisão, que foi relaxada á vista do aviso regio. E só fizeram as pazes os dois rivaes quando rebentou a rebellião de 1817, em Pernambuco; mas os resentimentos de ambos não arrefeceram de todo.

*
* *

No levante de 12 de Fevereiro foram assassinadas pelos pretos seis pessoas, ficando dez gravemente feridas; consta apenas das partes officiaes que morreram cinco sublevados, mas a mortandade devia ser maior.

Cercados os amotinados nas mattas de Cabaxi e Poucoponto, no dia 15 daquelle mez, onde se tinham refugiado após os delictos, prenderam-se apenas oito negros. Cinco foram encontrados enforcados. Arrecadando-se, esparsos pelos caminhos, os seus instrumentos de guerra, foram encontrados tambores, atabaques, trombetas, arcos, e armas de fogo.

Os insurrectos, repellidos por Jeronymo Muniz, a quem os senhores chamavam o salvador do

reconcavo, vendo que não sortiam o effeito os seus planos, aproveitaram-se da hora e voltaram, no mesmo dia do levante, para os engenhos os que puderam se escapar e outros entregaram-se aos seus senhores.

As diversas auctoridades milicianas do reconcavo organisaram seus regimentos, que municiaram e distribuiram em patrulhas pelas estradas para guardar os engenhos e reprimir novos levantes.

O apparecimento de um preto que atravessava a estrada ou que ia a serviço dos senhores ás povoações ou a outro engenho era, certo, uma presa ambicionada e disputada pelos caçadores vigilantes, que a varavam á bala para tripudio das armas legaes e dos senhores covardemente apavorados.

Escrevia o Conde dos Arcos, referindo-se ao medo dos brancos do reconcavo, para demonstrar que não eram tão perigosos os escravos: «Salvador Moniz mandou 17 escravos conduzir telhas para cobrir as senzalas que haviam sido queimadas, e sendo vistos estes Escravos, fugiram todos os visinhos gritando que estavam levantados os Escravos do Cassarangongo; e entre os fugitivos estava a familia do Capitão-Mór Bulcão embarcada em canôas; e porque a fuga tinha sido feita com a mais desacertada precipitação, mandaram depois buscar á casa artigos de que necessitavam para vestir, comer, etc.; e tendo sahido os escravos com as cargas que se lhe remetiam de casa foram vistos do engenho visinho, que pertencia a José Diogo Ferrão, que ainda não havia fugido; eis que toca o sino que é o signal de rebate, segundo as ordens do dito Ferrão pegam os escravos todos em armas, marcham contra os de Bulcão, que levavam mansamente

as cargas para sua Senhora; entretanto Bento Lopes, Coronel da Cavallaria de S. Francisco, que tivera noticia do primeiro pretendido levante de Cassarangongo, vinha marchando com parte de um esquadrão junto daquelle sitio, onde ouviu alguns tiros e gritaria, e chegando por isso ao lugar donde soava aquelle strepito felizmente apazigou a pendencia que sem a sua vinda haveria sido mui sanguinolenta, e talvez de terriveis consequencias.»

« D. Luiza, Mulher do Brigadeiro Pedro Alexandrino, formou 30 Negros em linha, no pasto de seu Engenho; poz dous Feitores armados, hum á direita, e outro á esquerda; e assim os mandou a Mataripe buscar fôrmas para o seu Engenho, com ordem de não perder aquella formatura nem á hida, nem á vinda, pena de morte segundo dizem. Já quando este Trosso hia chegando a Mataripe hum dos Negros, que hé uma especie de caturra da familia, tirou a tanga, e deu hum ai mui desentoado e agudo; fogem immediatamente os Feitores gritando que os Negros estavão levantados, foge toda a povoação branca de Mataripe, e entretanto os Negros de D. Luiza pegarão nas fôrmas, e retirarão-se mui mansamente com ellas para o Engenho.»

«Já era publico o fim desta historia quando ainda estavão muitas familias fugidas sem haver forças humanas que as fizesse voltar para suas casas, huma das quaes foi a do Capitão-Mór Ignacio de Mattos, que vivia a bordo de um barco de Pedro Antonio Cardoso com 15 filhos, soffrendo sol, chuvas, relento e privaçoens de tudo que hé commodo, e necessario á vida humana.»

As familias dos soldados milicianos tiveram de refugiar-se nos mattos por se julgarem indefesas nas suas casas, mortas de fome e de medo dos

negros, lamentando a sorte dos paes, maridos, filhos e irmãos ao serviço do governo.

Veio a fome e com a fome a miseria. A farinha escasseou, quadruplicou de preço. Os senhores de engenho que della necessitavam para a escravatura não podiam mandar buscal-a, temendo que os negros lhe fugissem, indo reunir-se aos levantados, ou que as patrulhas lhe os matassem nas estradas, como succedera duas ou tres vezes.

Em fins de Março tinha voltado a paz ao reconcavo, e as familias foragidas regressaram a seus lares, e os engenhos continuaram os seus trabalhos.

Os amotinados foram severamente punidos.

A urdidura criminosa das intrigas politicas e o mexerico da época obrigaram a corôa a afastar o Conde dos Arcos do Governo da Bahia, em meiados de 1817.

Foi este o ultimo levante serio de pretos na Bahia, no periodo colonial.

A's sublevações dos negros seguiram-se as rebelliões dos brancos.

Eduardo A. de Caldas Britto.

As insurreições dos africanos na Bahia

Encarregado pelo sr. dr. Director do Archivo Publico da reproducção de documentos achados nas mãos dos africanos insurgidos nesta Cidade nos tres primeiros decennios deste seculo, para serem remettidos á Europa e ahi decifrados por eruditos especialistas, já que isto não foi possivel aqui, tive occasião de familiarisar-me com os documentos da historia dessas revoltas, e, tendo feito um quadro com *fac similes* desses documentos graphicos, que se acha exposto á apreciação do publico, merecendo da imprensa elogios e animação, pareceu-me conveniente dar em largos traços um ligeiro rascunho historico das principaes insurreições, afim de que melhor se possa comprehender a importancia daquelles documentos.

De todas as maiores insurreições de africanos, foi a de 1798, durante o governo de D. Fernando José de Portugal, a de que temos noticia. Mas, como a seguinte, do anno de 1807, governando o Conde da Ponte, foi nem só mais violenta, como a que mais excitou a attenção e o cuidado do governo colonial, bom será apreciarmol-a mais detidamente.

Em 16 de Junho de 1807 escrevia este Governador ao Visconde de Anadia dando parte dos

continuos levantes dos negros, e pedindo as providencias necessarias á vigilancia em que devia manter-se a immensa escravatura nesta cidade.

Bem previa elle que o proseguimento de tão escandalosos factos trariam para o futuro mais serios e desagradaveis acontecimentos.

A Bahia, florescente pela producção do tabaco, tinha privilegio exclusivo de negociar com a Costa da Mina. A importação de escravos succedia-se de dia a dia em grande escala, e só no anno de 1806 os navios empregados neste trafico transportaram para aqui oito mil e trinta e sete escravos (8,037), e assim continuava, com pouca differença de numero, nos mais annos egual importação.

A maior parte destes negros ficava nesta Capitania, e consideravel quantidade na capital, onde proporcionavam o meio de vida com que se sustinham muitas familias, pelos carrêtos, ou officios delles.

O mesmo Conde da Ponte, em um officio ao ministro Visconde de Anadia, criticava « o luxo mal entendido entre os habitantes caprichosos, e abonados de terem ao seu serviço domestico grande numero de negros.

Nesta mesma época (1807) conforme o alistamento feito, existiam 25,502 pretos para o numero de brancos não excedente a 14,260, 11,350 pardos.

Este desequilibrio, portanto, das raças havia de trazer, sem duvida, anormaes acontecimentos á vida da colonia, e assim se dava, porque os escravos, na phrase do Conde da Ponte, não tinham sujeição alguma, em consequencia da falta de ordens ou providencias por parte do governo.

Era notavel a desenvoltura com que se por-

taram estes negros, na maior parte, de nações as mais guerreiras da costa de Léste.

Ajuntavam-se quando e aonde queriam e em maior liberdade possivel; dansavam e tocavam dissonoros e estrondosos batuques, por toda a cidade, e á toda a hora.

Nos arraiaes e festas eram elles sós os que se assenhoreavam do terreno, interrompendo quaesquer outros toques ou cantos.

Este desenfreamento, com certeza, não tardou a ter funestas consequencias. Das praças, dos batuques passaram a ter conferencias em logares occultos, onde era vedada a presença de qualquer que não fosse membro destas associações mysteriosas.

Para estas reuniões eram convidados escravos de diversos engenhos, e ahi armavam-se coroneis e tenentes-coroneis, com festejos, cantorias e uniformes extravagantes.

Em diversos officios o Conde da Ponte já lembrava as insurreições do anno de 1798, quando era Governador D. Fernando José de Portugal, pedindo cautelosas medidas para com prudencia dispersal-os por ser difficultoso fazel-os recuar, em um momento, todo o caminho que com tanta indulgencia se lhes tolerou fazerem.

Estas reuniões, que eram feitas em logares que se chamavam *casebres*, tomavam tal incremento, excitavam os animos dos associados, que foram nomeados capitães por elles escolhidos, em cada bairro da cidade, os quaes coadjuvavam a fuga da maior parte delles, tanto nesta capital como nos engenhos do reconcavo, e agenciavam armas para, no momento dado, fazerem a guerra aos brancos.

Já desassombradamente tratavam destes levantes de que foi sabedor, por denuncia dada na

noite do dia 22 de Maio de 1807, o Conde da Ponte que tomou toda a cautela, encoberta com a prudencia, para frustrar tão funesto plano.

Encarregou a seu ajudante de ordens todas as providencias, e assim foi que, nos dias 23, 24 e 25, já eram conhecidos os nomes dos chamados capitães, e sabido o sitio dos casebres onde se ajuntavam ordinariamente.

Era o dia 27 o marcado para que cada um, com as armas que podesse apromptar—, invadisse a cidade.

Depois de recolhida a procissão de Corpo de Deus, que effectuou-se n'este mesmo dia, e a que assistia e acompanhava o Conde da Ponte, sem que transpirasse, nem désse a conhecer a menor sombra do que ideava, dirigiu a cada um dos chefes dos corpos de infantaria e artilharia ordens escriptas por sua propria mão para a promptidão das patrulhas; e pelas 6 horas da tarde, sem toques—de tambor, sem que soasse o menor ruido, achavam-se tomadas as sahidas e entradas da cidade, os officiaes do matto em diligencia pelos caminhos, e a casa denunciada investida e cercada.

Foram presos dentro do casebre cercado sete negros e acharam-se perto de quatrocentas flexas, um mólho de varas para arcos, meadas de cordel, facas, pistolas, espingardas, um tambor e diversas composições supersticiosas a que chamam—*mandingas*.

Este nome dado a diversos objectos de fórmas exquisitas e originaes, faz-nos crer que tira sua origem do nome *Mandingo*.

Esta supposição vem corroborar a quasi certeza que temos de crer que os levantes que successivamente tiveram logar n'esta cidade, foram sempre movidos ou tinham por cabeças chefes *malês*.

Os *malès* sem duvida alguma mais civilisados que os nagôs, gêges, etc., habitavam a bacia do Gambia e eram conhecidos por Mali'nkê, que quer dizer, homens do Maly, subditos do imperio do Mali ou Malê, que circumdava a alta bacia do Niger.

Os *malès* pertenciam ao povo *Mandingo*, guerreiros destemidos, que conquistaram a maior parte dos paizes do Niger, e que foram desbaratados pelos Soughai, que tinham por chefe Askia.

Os documentos achados juntos aos processos escriptos em caracteres arabicos, comprovam ainda uma vez que eram escriptos por *malès*, nação que possuia sentimentos e idéas religiosas mais adiantadas, e tinha escripta, que não podia ser outra senão a dos arabes, povo o mais civilisado e civilisador da Africa e da Asia Oriental n'aquella época.

No dia seguinte, 28, o Conde da Ponte fez publicar um bando em que ordenava que todo escravo que fosse encontrado nas ruas d'esta cidade depois das 9 horas da noite sem escripto de seu senhor, ou em companhia d'elle, fosse preso e açoitado nas cadeias publicas.

Participando ao governo todas estas medidas, dizia o mesmo Conde, que « este passo que poderia ser reparavel em outra qualquer occasião, foi geralmente approvado por todos os habitantes, que não podiam por si sós conter a liberdade e falta de sujeição de seus escravos.

Esta energica medida trouxe por certo tempo alguma tranquillidade, apezar de que nos engenhos do reconcavo continuava sempre o fermento de rebellião na escravatura, ora abafado pelos movimentos que se seguiram logo nas guerras da independencia, e ora excitado por especulações politicas, revolucionarias, etc.

Não tardou, porém, que reapparecesse nova insurreição no anno de 1826.

E assim foi que, na madrugada do dia 17 de Dezembro, nas immediações de Pirajá, termo d'esta cidade, os negros desenfreadamente commetteram as maiores e mais perversas tropelias.

A tropa que tinha marchado d'esta cidade para abafar e conter os rebeldes insurgidos, soube, no logar chamado Cabúlla, que os negros estavam reunidos, em numero maior de 50, em um sitio denominado *Orubú*, onde existia um quilombo, no qual se praticavam extravagantes scenas de feitiçaria.

Nas investidas que fazia a tropa, encontrou um capitão de assaltos e mais dous crioulos gravemente feridos pelos negros que se achavam na baixa do *Orubú*.

Reunindo-se esta tropa a um sargento e 20 soldados do regimento de Pirajá, puzeram estes cerco ao dito quilombo, onde os negros entrincheirados por detraz de um carro de bois, armados de foices, facões, lazarinas, lanças e outros instrumentos curtos, aguardavam o ataque com denodada resolução.

Intimados a que se rendessem, lançaram-se furiosos e em infernal vozeria aos gritos de mata! mata! vendo-se a tropa na contingencia forçada de fazer fogo, com o qual conseguiu dispersal-os e effectuar algumas prisões.

A 20 do mesmo mez, o então Presidente da Provincia, Manoel Ignacio da Cunha Menezes, fazia baixar uma portaria ordenando ao desembargador ouvidor geral do crime que procedesse immediatamente, em conformidade das leis, contra os réos de tão pernicioso crime, e que procurasse conhecer por meio de perguntas aos ditos réos o fim a que se dirigia tal projecto.

Todos os inqueritos e subterfugios postos em acção para conseguir-se a descoberta do movel, ou o fim a que se dirigiam todas estas insurreições, foram baldados.

E assim vivia sobresaltada a população desta cidade, esperando e temendo sempre ver explodir a qualquer momento novos levantes.

Nos annos seguintes deram-se pequenas interrupções na ordem publica, e sempre occasionadas pelos negros, que, depois de rebellarem-se contra seus senhores, fugiam para as mattas que cercavam esta cidade.

E assim pairavam as coisas n'este estado de agitação e temor, quando veio augmentar as inquietações da população nova insurreição, que manifestou-se pelas 7 horas da manhã do dia 1.º de Abril do anno de 1830.

Um troço de 18 a 20 negros fortes e resolutos aproveitando a hora em que o movimento na cidade baixa era pouco, invadiram uma loja de ferragens á rua da Fonte dos Padres e, á força, roubaram doze espadas de copos e cinco facas, conhecidas então por parnahybas, ferindo n'este assalto ao dono da loja e aos caixeiros, continuando assim a roubar armas em outras lojas. Assim armados, seguiram pela rua do Julião, commetendo disturbios e ferimentos, em procura do armazem de negros novos, onde se lhes ajuntaram em numero maior de cem: ferindo n'esta occasião a dezoito, que não quizeram acompanhal-os, e com outros ladinos que se lhes reuniram foram perpetrando as maiores atrocidades e ferimentos, seguindo para a Soledade, armados de páos e das armas que roubaram, e ahi atacaram a guarda policial, composta de sete soldados e um sargento.

Quando marchou ao encalço d'estes rebeldes um piquete do batalhão 20, composto de 60 praças,

não mais os achou reunidos, e, sim, dispersados na matta de S. Gonçalo, onde conseguiu apenas capturar 41 dos revoltosos.

Desde a ladeira da Soledade foram perseguidos por paisanos milicianos e alguns soldados de policia dispersados, que lhes mataram seguramente 50 companheiros, o que os embaraçou de fazerem mais hostilidades.

Novas pesquizas e buscas effectuavam-se nas casas suspeitas, conhecidas por casebres, onde sempre tinha lugar prisões, aprehendiam-se objectos originaes que serviam de base para os processos instaurados, em que logo appareciam os senhores reclamando e apresentando provas que comprovavam a não culpabilidade de seus escravos só agora innocentes, quando debaixo da acção do poder judicial.

Não sei se contando com esta protecção da parte de seus proprios senhores, que não os queriam perder, pois que d'elles usufruiam por dia oito a doze vintens, sem se importarem como elles os ganhavam, ou esperançados em alcançarem o seu desideratum, certo é que não descuravam de reunir-se sempre e tratarem de novas insurreições, para que convidavam os pretos novos, persuadindo-os que voltariam para sua terra.

N'este encadeamento continuo de levantes sediciosos vivia esta cidade, sem que os poderes competentes cogitassem de tomar energicas e efficazes medidas que puzessem fim por uma vez a esses desatinos, que ou nascião de fins politicos ou tinham sua séde em superstições religiosas de uma raça dominada pelo fetichismo.

Não finalisaram-se ahi as insurreições africanas; o longo espaço decorrido em socego que parecia ter acalmado os animos revolucionarios d'esta raça captiva, fomentava e animava a mais

notavel de todas ellas, que teve lugar na madrugada de 24 para 25 de Janeiro do anno de 1835.

Apezar das medidas preventivas tomadas a tempo, ella não deixou de trazer á cidade o luto, enchendo as suas praças e ruas de sangue e de cadaveres.

Sendo prevenido o presidente da provincia, Francisco de Souza Martins, de que ia rebentar uma revolução de negros, preparada para aquella noite ao amanhecer, officiou logo ao Chefe de policia Francisco Gonsalves Martins para que tomasse todas as medidas que cohibissem similhante levantamento.

Este, depois de providenciar para que ficassem os postos da cidade em vigilancia, dirigiu-se ao Bomfim, onde havia festa e muita gente reunida, que convinha defender e livrar de qualquer ataque por parte dos insurgidos.

Recommendou tambem o presidente ao Juiz de Paz do primeiro districto e ao Commandante de Policia que fizessem vigiar o largo de Guadelupe, onde suppunha haver um casebre dos taes negros que pretendiam atacar a cidade.

Realmente, á uma hora da noite, pouco mais ou menos, o Juiz de Paz, acompanhado de paisanos e do Alferes Lazaro Vieira do Amaral, desconfiaram de certo rumor que sahia de uma casa onde á janella estava uma mulher de côr parda.

Intimada esta a que abrisse a porta, negou-se a isto com evasiva e disfarces, completando assim as suspeitas que tinham nascido no animo dos rondantes.

Obrigada a que abrisse a porta em nome da lei, romperam então muitos tiros em descarga cerrada, e uma multidão de negros com carapuças brancas e saiotes da mesma côr, por cima das calças, armados de pistolas, espadas e espingardas

atacaram a ronda de permanentes e cutilaram o Alferes Lazaro Vieira do Amaral, fazendo os outros fugirem sem demora.

Dividiram-se em dous grupos, um dirigiu-se á praça de Palacio, onde atacando a guarda, cutilou um soldado que fazia sentinella á cadeia, outro tomou a direcção do Collegio, atacou tambem a guarda, matou um soldado e deixou trez crioulos mortos.

Outro grupo mais compacto atacou o quartel de permanentes em S. Bento e a guarda, que, depois de trocados muitos tiros, ficou desnorteada, vendo-se obrigada a fechar o portão para livrar-se dos invasores.

Um outro vindo da Victoria investiu sobre o quartel do Forte de S. Pedro, onde travou-se novo combate, ficando no campo um guarda nacional mutilado e muitos negros mortos. O quartel de cavallaria á Agua de Meninos tambem foi atacado.

O Chefe de Policia, que se achava ahi de volta do Bomfim, auxiliado pelo Capitão Francisco Telles Carvalhal, que commandava alguns soldados de cavallaria, conseguiu oppor seria resistencia.

Então travou-se o mais terrivel combate: os negros lançavam-se ao mar, outros fugião para os mattos da encosta da montanha, deixando o campo juncado de cadaveres.

Os que lançavam-se ao mar, procurando por este meio evadir-se, morreram afogados ou forão mortos a tiros por marinheiros de um escaler da fragata *Bahiana*, que se achava alli postado por ordem do presidente da provincia.

Pelas ruas da cidade negros avulsos commettiam mil desatinos, levando assim o terror ao seio das familias que mal attingiam a gravidade do que se tinha passado na cidade.

Ao amanhecer já tinham desapparecido os grupos, fugindo ou occultando-se nos mattos visinhos em suas casas.

Nas buscas feitas pela policia acharam-se muitos negros escondidos, uns feridos e alguns ainda ornamentados com insignias de chefe.

Nas pesquizas feitas viu-se que pessoa alguma de consideração tomara parte na insurreição, nem se pode negar que havia um fim politico nestes levantes, pois que não commettiam roubos, nem matavam seus senhores occultamente.

Depois de quieta a cidade, recomeçou-se a afanosa lida de buscas e apprehensões. Nas casas onde morava sempre mais de um negro eram achados objectos das mais exquisitas fórmas; abundavam sempre as carapuças brancas, saiotes enfeitados de pennas e guizos, e em algumas casas guardaram, com certo disvelo e cuidado, alguma cousa que se parecia com uma corôa ou emblema qualquer de chefe. As taboas onde se vião inscripções de caracteres arabicos e papeis onde tambem escrevião e pintavam eram sempre guardados, enrolados em muitos envolucros e bem escondidos em latas ou arcas. Quando perguntados sobre estes exquisitos objectos, negavam sempre, procurando desviar as perguntas do interrogador, ou fingiam não comprehender.

A principio cri que estas inscripções fossem somente orações, mas hoje, depois de apurado estudo, convenci-me de que n'ellas ha alguma coisa de correspondencia politica; as tentativas que temos empregado com o fim de descobrir o movel que impulsionava estes fanaticos esbarram ante a superstição e a desconfiança que ainda têm os negros que lhes possa nascer d'ahi algum mal.

A tudo presidia o fetichismo.

Nas minhas conversas com estes negros, mostrando-lhes que conheço alguma coisa de seus costumes tenho obtido explicações bem interessantes. Assim é que depois de escreverem sobre taboas adrede preparadas para este fim, e de feita a ceremonia da verificação pelo maioral, isto é, si a oração escripta é a verdadeira, a taboa é lavada em aguas que são recebidas com carinho e fé, e então bebidas.

Este liquido tem para elles a propriedade de livral-os de todos os perigos e males mundanos.

O certo é que não consiste só em orações a immensa correspondencia que possue hoje o Archivo Publico, e n'um dos processos da insurreição de 1835 deparamos com uma traducção a unica que ha nestes autos todos, feita por um negro de nação *Ussá* perante as autoridades que presenciavam a audiencia, que assim diz:

«que a gente havia de vir da Victoria tomando a terra e matando toda a gente da terra de branco, que passaria por Agua de Meninos até se ajuntarem todos no Cabrito atraz de Itapagipe, para o que as espingardas não haviam de fazer mal.»

Ha uma outra feita pelo mesmo negro, de um bilhete de um insurgido a outro dizendo que:

«deviam sahir todos das duas até ás quatro horas, invisiveis, e que, depois de fazerem o que podessem, iriam se ajuntar ao Cabrito, detraz de Itapagipe, em um buraco grande que ahi ha, com a gente do engenho que fica atraz e junto, porque esta gente já tinha feito aviso, e quando esta não viesse, elles irião juntar-se no mesmo engenho, tendo muito cuidado de fugir dos corpos das guardas para surprehendêl-as até elles sahirem logo da cidade.»

Si estes apanhamentos e noticias estão longe do fim almejado pelo interesse historico, com toda

a certeza provam a grande importancia dos documentos alludidos e justificam plenamente os esforços empregados pela direcção do Archivo para o fim de serem completamente decifrados, e assim se poder comprehender o verdadeiro movel das insurreições do principio deste seculo e ficar esclarecida a caracteristica d'aquelles tempos. Por ser, porém, difficil obtel-a aqui, estão sendo feitas fidelissimas copias dos ditos papeis para serem remettidos a sabios investigadores de linguas orientaes e africanas, luzeiros das faculdades philosophicas da Allemanha.

Pelo especimen exposto na vitrine do estabelecimento Schleier e pelos esclarecimentos que á cerca das ditas insurreições me esforcei em dar aqui, comprehenderá o publico o subido valor da materia e me desculpará certamente o mal alinhavado das presentes linhas, tendo somente em vista a importancia do assumpto.

Archivo Publico, 26 de Setembro de 1890.—*J. Carlos Ferreira.*

OFFICIO DO CHEFE DE POLICIA SOBRE A INSURREIÇÃO DE 1835 (*)

«Ill.mo e Ex.mo Snr. Apezar de estar V. Ex.ª scientificado dos acontecimentos que tiveram logar nesta Cidade, da noite de 24 para 25 do corrente em diante, cumpre-me comtudo fazer uma succinta exposição do que tem chegado ao meu conhecimento, para que em um só ponto de vista V. Ex.ª possa inteirar-se das providencias que cumpre adoptar a semelhante respeito, para tranquilidade da Provincia.

Com as denuncias, mil vezes felizes, que V. Ex.ª

(*) Archivo Publico da Bahia.

recebeu na noite de 24 do corrente, de que os Africanos, particularmente os Nagôs, deviam insurgir-se ao toque de alvorada, lançando ao mesmo tempo fogo a diversos sitios da cidade, e atacando os Corpos de Guarda; os Juizes de Paz se puzeram na rua, e convocaram logo os cidadãos para a policia da cidade; e os Corpos, e Guardas estiveram immediatamente debaixo de armas; destacando o Corpo dos Permanentes para diversos logares forças capazes de rebater qualquer principio de tentativa da parte dos ditos Africanos.

Tendo recebido o Officio de V. Ex.ª pelas onze horas da noite, depois de haver visitado alguns pontos, e ter dado algumas ordens, dirigi-me á Ladeira da Praça, onde, segundo as denuncias, deviam estar reunidos em alguns casebres grande parte dos insurgentes, e achei ahi os Juizes de Paz dos dous Districtos da Sé com alguns cidadãos, e Municipaes, a dar busca em alguns dos ditos logares.

Então em cumprimento das ordens de V. Ex.ª e achando que nenhum perigo poderia haver no centro da cidade, no meio dos Quarteis, e Corpos de Guarda, e principalmente estando todos prevenidos, e o alarme dado; depois de fazer algumas requisições que achei importantes, fui em direitura a Cavallaria, que achei preparada, e dando ordem para que um Piquete me seguisse para o Largo do Bomfim, immediatamente corri para o dito logar emquanto montava o Piquete, por temer que qualquer demora podesse ser funesta a tantas familias desarmadas, e collocadas talvez na peior posição para um semelhante ataque, pela proximidade dos Engenhos, e separação da grande força da Povoação. Apenas tinha dado algumas ordens tendentes a acautelar o perigo, que veio a todo galope uma Patrulha de Cavallaria annunciar-me

que os Africanos haviam atacado alguns pontos da cidade.

Logo que recebi esta noticia, dei ordem a um Destacamento Municipal de dezoito homens, que estava no Bomfim, para que, em caso de perigo, fizesse entrar as familias para a Igreja, e alli se encerrasse, defendendo-se de qualquer ataque, até que eu os podesse soccorrer. Voltando a Cavallaria pelas 3 horas da noite, achei-a em alarme; uma força montada, e outra a pé com alguns Guardas Nacionaes; e recolhendo-se logo estes no mesmo Quartel para defender a porta, e fazer sobre os Africanos fogo pelas janellas; a Cavallaria esperou no largo para os atacar.

Em poucos minutos appareceram com effeito em numero de 50 a 60, armados de espadas, lanças, e mesmo pistolas e outras armas.

Recebidos a tiros de pistolas e de fuzil, das janellas do Quartel, avançaram furiosos, o que deu causa a Cavallaria se debandar em seu seguimento, para que não se escapassem pelo caminho do Noviciado.

A este tempo o commandante da Cavallaria, o Capitão Carvalhal, que os esperou a pé, foi ferido e se viu forçado a recolher-se.

Voltando eu com alguns cavallos á porta do Quartel a carregar sobre os Africanos, que ainda por ali estavão, estes se debandaram seguindo-os essa porção de Cavallaria, ao passo que a outra os continuava a perseguir. Entretanto apparecendo ainda alguns Africanos, e auzente o resto da Cavallaria, entrei para o Quartel, donde continuou o fogo por espaço de um quarto de hora, até que de todo succumbiram, devendo-se o principal esforço á Cavallaria montada que os carregou com valor, forçando-os a se lançarem ao mar, ou a se esconderem nos visinhos montes cobertos de capo-

eiras, deixando alguns 17 mortos, outros feridos, e presos, afóra muitos que se afogaram, ou feridos forão perder a vida entre as ondas; tendo me constado que têm apparecido alguns em diversos sitios.

Dissipado o perigo, receiando-se algum ataque no logar do Bomfim, depois de saber que o restante da Cidade estava livre do ataque, fui com a Cavallaria a Conceição da Praia, onde tomando uma força de 40 homens marchei pelo Quartel da Cavallaria, e ahi deixando alguns Guardas Nacionaes, para reforçar o mesmo, fui com a Cavallaria, e a força dita já então unida a 30 Nacionaes, que V. Ex. me havia mandado commandados pelo Ajudante Mondim, ao logar do Bomfim, onde estive até que soube de que nos engenhos visinhos não havia movimento algum. Na volta, que era já bastante dia, encontrei no Quartel da Cavallaria 40 homens da Fragata que V. Ex. mandava pôr ás minhas ordens, dos quaes mandei que 16 fossem embarcados para o sitio de Itapagipe, e ali permanecessem até se restabelecer a tranquilidade.

Depois, pelas partes recebidas, soube que no acto da busca, em uma casa junto de Guadelupe, á Ladeira da Praça, por denuncia particular, querendo entrar o Juiz de Paz, não lhe quiz abrir a porta uma parda dizendo que alli não havia pessôa alguma; e como se dispozesse o Juiz a arrombal-a, abrio-a, ao passo que outra se fechou. Mas, crescendo a desconfiança, e entrando o Commandante dos Permanentes, o Tenente Lazaro Vieira do Amaral, pelo corredor em direitura a porta fechada, repentinamente, a um signal dado, dizem pela referida parda, abrio-se a porta, sahindo de dentro um tiro de bocamarte, e após delle um grupo de 60 pretos, pouco mais ou menos, armados de diversas armas, principalmente de espadas, os

quaes dispersaram a pequena força surprehendida, ferindo gravemente ao referido Tenente Lazaro, e a outros que forão encontrando em sua passagem.

Este grupo se dirigio por Nossa Senhora d'Ajuda ao Largo do Theatro, onde foi recebido com uma descarga dada por 8 Guardas Permanentes commandados pelo Ajudante do mesmo Corpo, os quaes foram dispersados pelos Africanos, depois de ficarem feridos 5. Desse logar correram em altos gritos pela Rua de Baixo matando e ferindo os que encontravam, constando-me terem feito duas mortes em dous pardos, e foram direitos ao Quartel de Artilheria, talvez com o fim de fazerem alguma juncção da parte da Victoria, como depois se verificou.

Proximos ao Quartel mataram um Sargento Nacional do 2.º Batalhão chamado Tito, o qual, indo em companhia do seu Juiz de Paz, quando este procurou o amparo da Fortaleza, ficou um pouco atraz para lhes dar um tiro.

Receiando atacar a Artilheria, voltaram pelo mesmo caminho, e brevemente fizeram a juncção com outro grupo vindo do lado da Victoria, e que atravessou a estrada nova do Forte, não obstante o fogo que lhe fizeram.

Reunidos foram atacar o Quartel dos Permanentes, onde apenas existião 22 soldados, por terem sido prestados os demais á diversas requisições.

Ahi depois de algum fogo, fechado o portão do Quartel, e morrerem 2 soldados, tendo outros feridos, tomaram pelo lado da Barroquinha, e vieram sahir segunda vez no sitio d'Ajuda, d'onde seguiram para o Collegio, e atacaram a Guarda, a qual se recolheo, fazendo fogo sobre o grupo um reforço Permanente, que alli se achava.

N'esse logar mataram um soldado de Artilheria, que vinha buscar o Santo, o qual antes de cahir ferido defendeo-se corajosamente, e matou um com um tiro, ferindo a outros muitos.

Na descida pela Baixa dos Sapateiros mataram um pardo, e dizem-me que ainda outro, seguindo depois para os Coqueiros, d'onde sahiram para atacar o Quartel de Cavallaria, como já referi a V. Exª.

Depois do destroço, que receberam n'esta ultima paragem, unico que tomou a offensiva, nunca mais se reuniram.

Esquecia-me dizer a V. Ex.ª que na noite da insurreição se me apresentou igualmente o Tenente-Coronel Manoel Antonio da Silva, Instructor Geral dos Guardas Nacionaes, a quem encarreguei algumas commissões: bem como devo communicar a V. Ex.ª que a parda da casa onde se achavam os pretos, e seu marido, estão presos havendo motivo para os suspeitar conniventes ou sabedores.

Desde o Quartel da Cavallaria até o Forte de São Pedro foram achados muitos Africanos mortos. ou feridos, e poucos presos na acto do ataque.

Calculo o numero dos mortos achados em todos os logares, e mesmo entre as ondas, em 50; havendo porém feridos, que de certo não escaparão, attento a gravidade dos ferimentos, e o tempo decorrido. primeiro que fossem tratados, existindo estes no Hospital, para onde os mandei conduzir, e os outros na Fortaleza do Mar.

Pela manhã foram achados alguns pelos mattos visinhos baleados, ou cutilados, dos quaes alguns procuravam escapar-se com disfarces. A's seis para sete da manhan, da casa de João Francisco Ratis, sahiram repentinamente seis pretos seus, armados de espadas, pistolas e punhaes, vestidos em trajes de guerra, á maneira sua; e depois de lançarem

fogo a casa do senhor, correram em busca d'Agoa de Meninos, sendo logo mortos no caminho.

E' de presumir que estes estivessem no plano; porém ignorariam o resultado da madrugada, pois que foram forçados a romper antes de tempo os 60 da casa corrida ao Guadeluppe.

Têm sido dadas por mim as providencias necessarias para serem corridas todas as casas de Africanos, sem distincção alguma, e o resultado será presente a V. Ex.ª em tempo competente; podendo desde já asseverar a V. Exª. que a insurreição estava tramada de muito tempo, com um segredo inviolavel, e debaixo de um plano superior ao que deviamos esperar de sua brutalidade, e ignorancia. Em geral vão quasi todos sabendo ler, e escrever em caracteres desconhecidos, que se assemelham ao Arabe, usado entre os Ussás, que figuram terem hoje combinado com os Nagôs.

Esta Nação em outro tempo foi a que se insurgiu nesta Provincia por varias vezes, sendo depois substituida pelos Nagôs. Existem mestres, que dão lições e tratavam de organisar a insurreição, na qual entravam muitos forros Africanos, e até ricos.

Têm sido encontrados muitos livros, alguns dos quaes, diz-se, serem preceitos religiosos tirados de misturas de seitas, principalmente do Alcorão.

O certo é que a Religião tinha sua parte na sublevação, e os chefes faziam persuadir aos miseraveis que certos papeis os livrariam da morte, donde vêm encontrar-se nos corpos mortos grande porção dos ditos, e nas vestimentas ricas e exquisitas, que figuram pertencer aos chefes, e que foram achadas em algumas buscas. Tambem se notou que uma quantidade grande de insurgentes eram escravos dos Inglezes, e estavam melhor armados, devendo-se attribuir estas circumstancias

a menor coacção em que são tidos por estes estrangeiros, habituados a viver com homens. livres.

Além da morte do Sargento da guarda Nacional do soldado de Artilheria, de quatro pardos e dous Permanentes, segundo se me informa, houveram muitos outros ferimentos, e alguns graves.

Certamente, Exmo Snr., se as denuncias nos não tivessem previnido, o resultado seria afinal, sem duvida, o mesmo; porém os estragos muito superiores; pelo que, a bem da segurança nossa, convinha premiar as pretas denunciantes, dando-lhes a liberdade, se ellas a não tivessem, ou um premio rasoavel.

As providencias continuão a ser dadas com calor, e por todos os districtos se trata de um processo, por onde se possa descobrir os culpados ainda existentes para em suas pessoas dar um exemplo efficaz a esses Africanos; e para melhor o conseguir, tenho procurado encaminhar os processos de uma maneira uniforme e regular. Depois de taes successos, é bem natural que hajão abusos, e estes têm existido a um ponto tal que hoje já dão motivos sufficientes a queixas bem fundadas, pois que os soldados prendem, espancão, ferem, e mesmo matão aos escravos, que por mandado de seus senhores vão á rua. Sobre este objecto tenho officiado a V. Ex., e tenho dado as providencias a meu alcance.

Presentemente tudo mais está tranquillo, e teremos tempo de, por medidas Legislativas provinciaes, providenciar de maneira que não seja segunda vez preciso lutar com tal gente, e muito menos com Africanos forros, que quasi todos, no goso de liberdade, trazem o ferrete da escra-

vidão, e não utilisão nada o Paiz com a sua estada. — Deus Guarde a V. Ex.

Bahia, 29 de Janeiro de 1835.

Illm. e Exm sr. Presidente da Provincia.— (Assignado)—*Francisco Gonçalves Martins*, Chefe de Policia.»

Documentos sobre a insurreição (*)

«*Illm. e Exm. Sr.*—Exigindo eu hontem da Camara Municipal que houvesse de nomear hum ou dous peritos para examinar o estado em que se achava a forca, tive em resultado a informação inclusa, á vista da qual V. Ex. terá a bondade de dar as providencias que julgar convenientes, para com a brevidade que o caso requer se fação nella as execuções, para as quaes existem já extrahidas as sentenças que passo a remettel-as ao Juiz Municipal, para dar cumprimento a ellas em o dia que por V. Ex. for indicado.

Deus Guarde a V. Ex.—Bahia, 6 de Maio de 1835.—Illm. e Exm. sr. Vice-presidente desta provincia.—(Assignado)—*Antonio Simoens da Silva*, Juiz de direito do crime e chefe de policia interino. »

Informação—Nós abaixo assignados, mestres do officio de carpina, attestamos debaixo de juramento que fomos no dia de hoje chamados pelo sr. Inspector das Obras da Camara Manoel Gonçalves Dormund para hirmos ao Campo da Pol-

(*) Existentes no Archivo Publico da Bahia, os quaes provam que em 1835 não houve quem se prestasse a enforcar os africanos condemnados a morte.

Nota da R.

vora examinar o estado em que se acha a forca onde são sentenciados os R. R. da pena ultima; e com effeito attestamos que ella se acha podre com todo o madeiramento em estado de não poder servir.

Bahia, 5 de Maio de 1835.—(Assignados)—*Pedro Fernandes e Saturnino Joaquim de Mattos.*

PARA O CHEFE DE POLICIA INTERINO

Em vista do que V. S. representou em officio da data de hontem, tenho ordenado ao tenente Paulo Luiz de Menezes que mande com brevidade fazer uma nova forca, visto achar-se a existente em estado de não poder servir.

Deus guarde a V. mce. Palacio do Governo da Bahia, 6 de Maio de 1835.—(Assignado)—*Manoel Antonio Galvão.*

Illmo. e Exmo. Snr.—Como até hontem á noite não havia individuo algum nas prizoens para servir de executor da justiça e convindo que os quatro Réos, que amanhã vão ser executados, soffram a pena na forca, segundo as suas sentenças, lembro-me que, se se offerecesse huma quantia hum pouco avultada, até 2o, ou 3o$ooo se acharia mesmo nas cadêas hum dos presos prompto para esse fim; levo portanto a consideração de v. ex. para que no caso de ser da sua approvação, eu communique immediatamente ao carcereiro,

para fazer aos presos essa proposição. Deus Guarde a V. Ex.

Bahia, 13 de Maio de 1835.—Illmo. e Exmo. Sr. Vice-Presidente desta Provincia.—(Assignado) —*Antonio Simoens da Silva*, juiz de direito do crime e chefe de policia interino.

PARA O CHEFE INTERINO DA POLICIA

Respondo ao officio de V. Mce. que acabo de receber datado de hoje, dizendo-lhe que approvo o arbitrio proposto de ser offerecida a quantia de vinte ou trinta mil réis a algum dos presos que se acham na cadeia d'esta Cidade, afim de servir de Executor da Justiça, para que os 4 réos que amanhã vão ser executados soffram na forca a pena segundo as suas sentenças, uma vez que não ha individuo algum que a isso se queira prestar, conforme V. Mce. representa pelo dito officio.

Deus guarde V. Mce.—Palacio do Governo da Bahia, 13 de Maio de 1835.—(Assignado)—*Manoel Antonio Galvão.*

Illm. Exm. Sr.—A'vista da resposta inclusa do Carcereiro das Cadeias da Relação, V. Ex. determinará o que for servido.

Deus guarde a V. Ex.—Bahia, 13 de Maio de 1835.—Illm. e Exm. sr. vice-presidente d'esta Provincia.—(Assignado) —*Antonio Simoens da Silva, Juiz de direito do crime e chefe de Policia interino.*

RESPOSTA DO CARCEREIRO

Em observancia a portaria de V. S, passei a proposta aos presos, e não ha quem queira aceitar; eu ja fiz o mesmo hoje no Barbalho, e na Ribeira aos Galés, e nenhum quer por recompensa alguma, e nem mesmo outros negros querem aceitar, apesar das diligencias que lhes tenho feito com grandes promessas, além do dinheiro.

Deus guarde a V. S.—Cadeias, 13 de Maio de 1835—(Assignado)—*Antonio Pereira de Almeida*, carcereiro.

PARA O CHEFE INTERINO DA POLICIA

Não havendo, segundo V. mcê. me participa em seu officio d'esta data, quem queira servir de executor da justiça apesar das diligencias que se tem feito, ordenei que sejam fusilados os africanos, que têm de soffrer amanhã a pena de morte, a que foram condemnados; o que participo a Vmcê. em resposta para sua intelligencia.

Deus guarde a v. mcê.—Palacio do governo da Bahia, 13 de Maio de 1835.—(Assignado) —*Manoel Antonio Galvão.*

PARA O COMMANDANTE GERAL DOS PERMANENTES

O Vice-presidente da provincia ordena que o sr. commandante geral dos permanentes dê as necessarias ordens para que sejam fusilados amanhã pelos soldados do seu corpo os africanos que deviam soffrer na forca a pena de morte a que foram condemnados, visto não haver quem

queira servir de executor da justiça, apesar das diligencias que se tem feito, conforme representa o chefe de policia.

Palacio do governo da Bahia, 13 de Maio de 1835.—(Assignado)—*Manoel Antonio Galvão.*

Actas e offertas em 1902

93.ª SESSAO EM 18 DE MAIO DE 1902

Presidencia do Snr. Cons. Dr. João Torres

(*Continuação*)

Aos desoito dias do mez de Maio de 1902, á 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons.ᵒ Dr. João Torres, 1º Secretario, Isaias de Carvalho Santos, 2º Secretario, Capitão Ferreira Braga, thesoureiro, Dr. Alfredo Cabussú, Barão de São Francisco, Professor. Elias Nazareth, Coronel Gonçalo de Athayde, Antonio Gonçalves Neves, Henrique Praguer, Engenheiro Luiz Imbassahy da Silva, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha, Comm. Salvador Pires, Drs. Guilherme Foeppel, Braz do Amaral, Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Damasceno Vieira e Pharm. Alfredo Accioli, foi declarada aberta a sessão.

Foi lido o expediente, que constou do seguinte: Cartão do Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira, enviando *cem mil réis* por ordem do General Dr. Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira para auxilio ás despezas do Instituto, offerta que é recebida com especial agrado, e mandou-se agradecer: Carta convite dos alumnos da 5ª serie medica para o «Instituto» assistir a sessão funebre, em homenagem á memoria do pranteado professor cathedratico da «Faculdade de Medicina», Dr. João Agrippino da Costa Doria, declarando

o Snr. presidente que havia designado o socio, pharmaceutico Accioli do Prado, para representar o «Instituto»; Carta convite do Conselho directorio do «Gremio Litterario» para o «Instituto» se fazer representar no dia 20 do corrente, ás 10 horas da manhã, na solemnidade da missa e benção da nova bandeira e ás 8 horas da noite na sessão magna litteraria, actos estes que vão ser realisados em commemoração do 42.º anniversario da fundação dessa instituição.

Offlicios: do Presidente da Associação Commercial desta cidade, remettendo um exemplar do relatorio dos trabalhos da directoria anterior; do Snr. Vice Consul da Hespanha, communicando que fôra designado o dia 17 do andante para celebração da festa nacional pela maioridade de El-Rei D. Affonso XIII, devendo, por isso, ser içado no consulado o respectivo pavilhão; do 1º. Secretario da Beneficencia Caixeiral, enviando a relação nominal dos novos funccionarios eleitos para o anno social de 1902; do socio Dr. José Antonio Costa, engenheiro civil, remettendo uma caixinha com 100 moedas de varios paizes, segundo a relação que tambem remette, satisfazendo, assim, seu desejo de contribuir para o augmento da colleção que o «Instituto» já possue; do socio Cap. de mar e guerra Alves Camara offerecendo 4 moedas, sendo 1 de ouro e 3 de prata, adquiridas em Tanger, quando commandante do crusador *Benjamin Constant*.

Pelo Cons. Presidente foi mandado responder a todos e agradecer as valiosas offertas feitas ao «Instituto», e designou os socios Damasceno Vieira e Eng. Imbassahy da Silva para representarem o «Instituto» nas festas do «Gremio Litterario». Pelo mesmo presidente foi noticiado o fallecimento dos socios Drs. Adolpho Frederico Tourinho e

José de Oliveira Leite, cuja dedicação ao «Instituto» era notoria; ao mesmo tempo propoz a inserção na acta de um voto de pezar, o que foi approvado.

Em seguida passou-se a discussão do Orçamento da receita e despeza para o corrente anno, de 1902, que é approvado com emendas.

O projecto de orçamento assim approvado é o seguinte:

RECEITA

Art 1.º:

§ 1.º Subvenção estadoal. . . .	3:000$000
§ 2.º Idem federal.	5:000$000
§ 3.º Idem municipal.	500$000
§ 4.º Idem de exercicios anteriores não recebidas a saber:	
a) Subvenção estadoal.	7:500$000
b) Idem municipal.	1:000$000
c) Idem federal.	1:250$000
§ 5.º Mensalidades de 147 socios effectivos.	1:764$000
§ 6.º Idem atrasados.	826$000
§ 7.º Joias de socios.	300$000
§ 8.º Donativos.	$
§ 9.º Remissão de socios. . . .	$
§ 10.º Producto de beneficios e concertos.	$
	21:140$000

DESPEZA

Art 2.º:

§ 1.º Juros e amortisação do debito hypothecario. . . .	11:000$000
§ 2.º Seguro do predio.	115$800

§ 3.º Pagamentos a credores, por contas	7:727$740
Ao Guarda-livros	600$000
§ 4.º Gratificação ao Amanuense. .	300$000
§ 5.º Ordenados, sendo:	
a) Do porteiro.	600$000
b) Do servente.	300$000
c) Do G. livros, gratificação. . .	$
d) Do cobrador 20 °/₀ commissão .	$
§ 6.º Impressão da *Revista*, 2 numeros-1902.	1:000$000
§ 7.º Despezas geraes, a saber:	
a) Com a secretaria, expediente e sellos	300$000
b) Agua.	108$000
c) Carretos e despezas miudas . .	100$000
§ 8.º Importancia da reclamação da restituição de Caução de Julio Telles da Sª. Lobo. . .	1:000$000
	23:151$640

Bahia, 20 de Abril de 1902.

A Commissão.—(Assignados)—*S. Pires de Carvalho e Albuquerque.—A Cabussú.*

Sobre esse projecto de orçamento da despeza fallaram o thesoureiro, Capitão Ferreira Braga, o Dr. Cabussú e o Coronel Gonçalo de Athayde, propondo este o adiamento da discussão, em vista da emenda apresentada pela Commissão e das ponderações feitas pelo Thesoureiro, emenda que é do theor seguinte:

«Supprima-se o logar de servente si for augmentado para 780$000 o ordenado do amanuense, até que melhorem as condições pecuniarias do «Instituto». A commissão de Fazenda—(Assignados) *S. Pires de Carvalho e Albuquerque.—A. Cabussú.*

Esta proposta foi apresentada depois dest'outra lida pelo Snr. Thesoureiro:

«Emenda aos §§ 4.º e 5.º do Art. 2.º diga-se: Ordenado do amanuense 20 °/₀ sobre 960$ 768$000.

Ordenado do porteiro 20 °/₀ sobre 720$000 576$000». Sala das sessões do «Instituto Geographico», em 18 de Maio de 1902.—(Assignados)—*Francisco Braga.--João Torres.--Braz do Amaral.*

Sendo regeitada a proposta de adiamento, fallaram ainda os socios Damasceno Vieira, Isaias Santos e Dr. Cabussú, que apresentou o seguinte artigo additivo ao projecto:

Artigo additivo: «Fica a mesa auctorisada a «transigir com a loteria que tem, de modo a ser paga a divida fluctuante do «Instituto». A Commissão--(Assignados)—*A. Cabussú.—S. Pires de Carvalho e Albuquerque.*»

Encerrada a discussão, foi approvado o projecto de orçamento da despeza, salvo as emendas, as quaes foram tambem approvadas, bem como o artigo additivo.

Em seguida foram lidos diversos pareceres favoraveis á admissão de socios effectivos e correspondentes, sendo por escrutinio secreto approvados para socios, effectivos Drs. Americo Pinto Barreto Filho, advogado e deputado estadoal; José Gonçalves de Castro Cincurá, advogado e deputado estadoal; Genesio Sampaio Neves, engenheiro; José Sabino Pereira Filho, advogado; Tiberio de Figueiredo, advogado; Dr. Bernardo José Jambeiro, medico e deputado estadoal; Padres Manoel Bemvindo de Salles, reitor do «Collegio dos Orphãos de S. Joaquim» e Francisco Fernandes Badaró; Pharmaceutico Clemente Tanajura Guimarães; Coronel Francisco de Mello, capitalista; Henrique Cancio, jornalista, e profesor Cincinato Ricardo Pereira da Franca, todos

residentes n'esta Capital; e para socios correspondentes: Drs. Alberto Santos Dumont, brazileiro, residente em Paris; Dr. Antonio Augusto de Lima, director do Archivo Publico Mineiro, residente em Bello Horisonte; Dr. Von Ihering, Director do Museu de S. Paulo, (Ipiranga); Alberto Lófgren, Director do «Horto Botanico» Cantareira, (S. Paulo); Dr. José de Campos Novaes, medico; Cesar Bierremback, professor do Gymnasio, ambos de Campinas; Americo Werneck, literato e agricultor, em Lambary, Minas-Geraes; Pedro de Queiroz e Antonio Bezerra de Menezes, membros do «Instituto Historico e da Academia Cearense», ambos do Ceará; D. Blas Vidal, politico, litterato e ex-ministro oriental no Rio; D. Adolpho Basãnez, Consul geral do Uruguay no Rio de Janeiro; Coronel Antonio Gomes da Silva Chaves, engenheiro militar; Padre Dr. Julio Maria, litterato, residente na Capital Federal; Max Fleius, litterato e 2º secretario do «Instituto Historico e Geographico Brasileiro»; José Ribeiro do Amaral, auctor de diversos trabalhos historicos ja publicados, residente na Cidade de S. Luiz do Maranhão; Demetrio Pires de Araujo, jornalista, residente na Feira de Sant'Anna, e Romario Martins, litterato, residente em Curytiba (Paraná). Foi tambem approvado para socio effectivo o litterato bahiano Francisco Xavier Marques, residente n'esta Cidade.

Nada mais havendo, levantou-se a sessão.

Salvador P. de Carvalho e Albuquerque.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

94ª. SESSÃO EM 25 DE MAIO DE 1902

Presidencia do 1º. Vice-Presidente, Dr. Satyro Dias

Aos 25 de Maio de 1902, á 1 hora da tarde, presentes os socios: Cons. Dr. João Torres, Drs. Satyro Dias, Reis Magalhães, Alfredo Cabussú, Joaquim Pires Muniz e Manoel Pedro de Rezende, Professores Borges dos Reis e Elias Nazareth, Coroneis Martiniano de Almeida e Gonçalo de Athayde, Aloysio de Carvalho, Pharmaceuticos Joaquim Manoel de Sant'Anna e Luiz Filgueiras, Cap.m Ferreira Braga, Manoel Quirino, Gonçalves Neves e Comm. Salvador Pires, foi aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o supplente Aloysio de Carvalho, que leu a acta da sessão do dia 3 de Maio, sendo ella approvada sem debate.

O expediente constou do seguinte:

Officios: da directoria da «Associação dos Empregados no Commercio», communicando a eleição e posse de seus novos funccionarios; e do Dr. Intendente municipal convidando o «Instituto» a se fazer representar na missa e procissão de *Corpus-Christi* a 29 do corrente. O Snr. Presidente nomeou os seguintes socios para esse fim: Cons. Dr. João Torres, Conego Manfredo de Lima e Dr. Isaias de Carvalho Santos.

Cartas: do socio Cap.m de mar e guerra Antonio Alves Camara, offerecendo quinze moedas antigas, de cobre, e vinte seis volumes de obras diversas, de sua bibliotheca particular, conforme a relação feita em nota annexa; do socio Cap.m Manoel Quirino, offerecendo tres medalhas da

Campanha do Paraguay, pertencentes ao Tenente-coronel Feliciano Pimentel, do 54 batalhão de voluntarios; do Provedor do «Collegio de São Joaquim», offerecendo para o museu do «Instituto», uma das duas bandeiras do regimen imperial, existentes n'aquelle Collegio.

O Cons. Dr. João Torres, pedindo a palavra disse que na ultima sessão deixára de fazer sciente que o «Instituto» encarregára os consocios Drs. Braz do Amaral e Innocencio Munôz de Araujo Góes, de organisarem as modernas ephemerides da Bahia, trabalho de alta necessidade, porquanto o que ha a respeito termina em periodo já distante; e aproveitando a opportunidade, propunha que em attenção a valiosissima offerta de cento e cincoenta volumes de obras diversas feita pelo nosso conterraneo, Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, actualmente Secretario do Interior no Estado do Pará, lhe fosse remettido o diploma de socio correspondente do «Instituto», independente de contribuição pecuniaria, como permittem os Estatutos; o que foi unanimemente approvado.

O Snr. Presidente Dr. Satyro Dias, referindo-se em phrase eloquente á morte tragica do inventor do balão *Pax*, e ao anniversario da grande batalha do Tuyuty, propoz que fossem insertos na acta, um voto de pezar pelo fallecimento do illustre aeronauta brazileiro Dr. Augusto Severo, dando-se ao irmão d'este, o Snr. Senador federal, Dr. Pedro Velho, sciencia d'essa resolução para que, como chefe da familia enlutada, acceite e faça transmittir a todos os parentes do inditoso compatriota os sinceros sentimentos do «Instituto», e bem assim uma menção congratulatoria ao exercito nacional pelo facto heroico que se rememora na notavel data de 24 de Maio, sendo ambas as propostas approvadas.

Em seguida, declarado o fim principal da sessão—a eleição da nova mesa administrativa e das diversas commissões—independente do numero de socios presentes, em virtude de ser esta a segunda convocação feita para isso, procede-se a eleição, na qual tomou parte o 2.º Secretario que em tempo compareceu, sendo apurado o seguinte resultado:

Para presidente: Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, 18 votos; para 1.º vice-presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias, 17 votos e Cons. Dr. João Torres, 1 voto; para 2.º vice-presidente, Cons. Dr. Pedro Mariani, 18 votos; para 1.º Secretario, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 17 votos e Dr. Reis Magalhães, 1 voto; para 2º secretario, Isaias de Carvalho Santos, 17 votos e Coronel Gonçalo Pereira, 1 voto; para supplentes de secretario, Aloysio de Carvalho, 17 votos, Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, 17 votos e pharmaceutico Accioli, 2 votos; para thesoureiro, Cap.m Francisco Gomes Ferreira Braga, 17 votos e Eloy Guimarães, 1 voto; para Orador Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 18 votos; para supplente de orador, Cons. Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, 18 votos.

Para comporem as diversas commissões foram eleitos, por maioria de votos:

Commissão de admissão de socios: Eloy de Oliveira Guimarães, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira e Pharmaceutico Commendador Joaquim Manoel de Sant'Anna.

Commissão de Fundos e orçamento: Dr. Alfredo Cesar Cabussú, Horacio Urpia Junior e Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Commissão de Redacção da Revista: Cons. Dr. João N. Torres, e Drs. Innocencio Munoz de Araujo Goes e Joaquim dos Reis Magalhães.

Commissão de manuscriptos e documentos: Conego Manfredo Alves de Lima, Cons. Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão.

Commissão de Geographia, historia e ethnographia: Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis e Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras.

Commissão de estatistica e demographia: Professor Elias de Figueiredo Nazareth, e Drs. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque e Julio da Gama.

Commissão de topographia e archeologia: Engenheiro João Pimenta Bastos, Professor Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo e Pharmaceutico Accioli do Prado.

Commissão de philatelia, numismatica e ceramica: Dr. Guilherme Conceição Fœppel, Capitão Manoel Raymundo Quirino e Francisco Ferraro.

Commissão de mappas, retratos e cartas geographicas: Cap.m de mar e guerra Antonio Alves Camara, Dr. José Julio de Calasans e Alfredo Octaviano Soledade.

Commissão de biographias: Drs. Manoel Joaquim de Souza Britto, Guilherme Pereira Rebello e Damasceno Vieira.

Foram proclamados e empossados nos respectivos cargos os socios eleitos que se achavam presentes.

E nada mais havendo a tratar-se, foi encerrada a sessão.

Approvada em sessão de 14 de Setembro de 1902.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

95.ª SESSÃO EM 14 DE SETEMBRO DE 1902

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos quatorze dias do mez de Setembro de 1902, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires, presidente, e João Torres, 1.º Secretario, Drs. Braz do Amaral e Alfredo Cabussú, Engenheiro Luiz Imbassahy, Padre Luiz da França, Professores Elias Nazareth e Santos Sá, Comms. Pharm. Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires, Capitão Ferreira Braga, Eloy Guimarães e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lidas e approvadas, sem debate, as actas das sessões anteriores de 18 e 25 de Maio do corrente anno.

Em seguida foi lido o expediente, que constou do seguinte:

Officios: dos Drs. Secretario do Interior e Intendente Municipal, e do Presidente da « Associação Commercial », agradecendo a communicação da eleição e posse dos novos funccionarios do Instituto eleitos para o anno social de 1902 a 1903; dos Secretarios das Sociedades « Gremio dos Internos dos Hospitaes », « Club Commercial do Joazeiro », « Sociedade de Ethnographia e Civilisação dos Indios », de S. Paulo, « Beneficente Academica », e « União Philantropica dos Artistas » communicando a eleição de suas directorias para o mesmo anno social-1902 a 1903; da « Sociedade Circulo Catholico Apostolico Romano », desta Cidade, communicando sua installação e enviando os Estatutos; do socio Coronel Francisco Felix de Araujo, communicando haver transferido sua residencia para a Capital Federal; do bibliothecario da « Faculdade de Direito » do Recife, reclamando para a sua

collecção varios numeros da Revista, ao que mandou-se attender.

Cartas: do Dr. Pedro Velho agradecendo os votos de condolencias que o « Instituto » enviou-lhe pelo fallecimento de seu irmão, o Dr. Augusto Severo; do Sr. Karlos Weber offerecendo quatro moedas de cobre antigas e uma medalha commemorativa do 3.º Centenario de Luiz de Camões; do socio Capitão de mar e guerra Alves Camara, offerecendo para a bibliotheca do Instituto 115 volumes de varias obras de sua bibliotheca particular; do vice-presidente da Companhia de loterias nacionaes do Brazil, solicitando a cooperação do « Instituto » sobre o projecto apresentado na Camara dos Deputados para a extincção das loterias nacionaes, de que auferem recursos diversos institutos sociaes, pios e beneficentes; do socio Cons. Francisco Maria Sodré Pereira, offerecendo para o archivo do « Instituto » varios manuscriptos que acompanharam á Petição de Graça e Perdão que o Dr. Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira encaminhou, em 1834, á Regencia Permanente sobre o assassinio do Alferes José Joaquim Moreira no dia 7 de Novembro de 1833, n'esta Capital, e bem assim varios periodicos do tempo da Regencia, de cuja lucta politica o delicto indultado originou-se; do cidadão Virgilio Pires de Carvalho, offerecendo varias obras, collecções de leis, e quatro projectis de guerra que pertenceram a seu pae o Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão; do academico João Carlos Vicente Vianna, offerecendo á guarda do « Instituto » uma obra manuscripta sobre os tempos primitivos da Bahia, especialmente da Villa de Jaguaripe, trabalho de seu fallecido pae, Dr. Francisco Vicente Vianna, com autorisação para ser publicada na *Revista*, salvo, porém, o seu direito de propriedade, devendo

os autographos ser reclamados do Sr. Gentil, continuo da Inspectoria do Ensino, ao qual se acham confiados; do 1.º Secretario do «Instituto Historico e Geographico» do Rio Grande do Norte, communicando a installação do mesmo «Instituto» a 15 de Junho ultimo. Mandou-se agradecer as offertas recebidas.

Finda a leitura do expediente o Snr. Conselheiro Presidente agradeceu sua reeleição e communicou que fôra acceito socio correspondente do «Instituto Historico e Geographico Brasileiro», distincção essa que, disse, foi devida em grande parte ao valimento do nosso «Instituto», e leu diversas peças, por cópia, da acta da sessão em que foi admittido em visita no dia 4 de Julho do corrente anno. Dando em seguida, conhecimento ao «Instituto» do fallecimento do socio effectivo Dr. Pedro Moniz Leão Velloso, cujo elogio fez, propõe que se insira na acta um voto de pezar, o que foi approvado.

O Dr. Braz do Amaral, em nome da commissão que levou a effeito o concerto vocal e instrumental, em beneficio do «Instituto», realisado no dia 27 de Agosto ultimo e organisado pela Exm.ª Sra. D. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão, illustre consocia, leu o seu relatorio, do qual consta que a receita até então arrecadada eleva-se a 2:424$000, faltando receber cerca de 300$000, e que a despeza importa em 462$302 conforme os documentos justificativos que apresentava; e declarou que acceitava a explicação dada pelo Dr. Cabussú sobre o offerecimento de 40$000 feito pelos officiaes de marinha que compareceram ao concerto, offerecimento todo espontaneo, pois estavam munidos de bilhetes para cadeiras, offerecidos pelo Dr. Antonio Muniz.

Pelo Snr. Conselheiro Presidente foi proposto que se inserisse na acta um voto de louvor á

commissão pelo modo por que se desempenhou do encargo, o que foi unanimemente approvado.

Foram lidas duas propostas: uma, de socios, que foi remettida á commissão, e outra, assignada pela mesa, para que, de accordo com o art. 13, § 2º dos Estatutos, fosse elevada a socia honoraria a socia effectiva, a Exm.ª Sra. D. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão; e, resolvendo o «Instituto» que esta proposta fosse submettida á votação independente de ir á commissão, foi unanimemente approvada.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

Approvada em sessão de 19 de Outubro de 1902. —*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos*.

OFFICIO DO CONSELHEIRO FRANCISCO SODRÉ

«Exm. sr. conselheiro desembargador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, digno presidente do «Instituto Geographico e Historico da Bahia».—E' bem conhecido e deve estar ainda bem vivo á memoria de nossos concidadãos daquella epocha e dos da actual a quem tenha chegado a tradição, o facto que occupou então a attenção inteira da ex-provincia, hoje Estado da Bahia, succedido em 7 de novembro de 1833 entre o dr. Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira e o alferes de 1.ª linha José Joaquim Ribeiro Moreira, quando este, ao enfrentar aquelle á porta do Paço Municipal, o aggrediu e offendeu com um instrumento aviltante em represalia a injuria igual que dias antes (30 de outubro do mesmo anno) havia inflingido em seu irmão Vicente Ribeiro Moreira.

O que talvez não seja assáz conhecido, ou já esteja talvez esquecido, foi a defeza documentada e justificada que acompanhou a Petição de Graça e perdão que o dr. Sabino encaminhou em 1834 á Regencia Permanente, que a deferiu indultando-o do delicto.

Sabino, recorrendo das Justiças desta capital para as da então villa da Cachoeira, foi ali condemnado por sentença do jury de 29 de julho de 1834 á pena de 6 annos de prisão com trabalho e mais o augmento do art. 49 do Codigo do Processo.

Desta sentença interpoz elle Recurso de Graça, sendo por decreto de 3 de outubro de 1834 commutada a pena em igual tempo de degredo para á ex-provincia do Rio Grande do Sul; reconsiderado, porém, o Recurso, foi por decreto de 7 de novembro de 1834 concedido o perdão puro e simples, mandando ficar de nenhum effeito o decreto anterior.

Foi referendario deste o notavel estadista Aureliano de Souza Oliveira Coitinho, depois Visconde de Sepetiba, que tanta influencia teve nos fastos politicos do paiz e passou por ser o creador e chefe de um partido aulico ao tempo da Maioridade, e alguns annos depois gosou de enorme valimento e confiança junto do ex-imperador e de toda sua côrte.

O delicto indultado tirou sua origem nas desavenças das lutas da politica encandescente daquelles tempos da Regencia entre os periodicos *Investigador Brasileiro*, a favor e da redacção de Sabino, e do *Jornal do Commercio*, contra, e da redacção de Vicente Moreira, irmão da victima.

O Investigador, sustentava a Regencia com todos os consectarios da abdicação de 7 de abril.

O Jornal do Commercio, defendia a Restaura-

ção do 1.º imperador, a cujo partido se deu o appellido de *Caramurú*.

Similhantes papeis me parecem de algum valor á chronica da Bahia por se referirem de perto á vida particular de um homem que teve parte proeminente nos seus acontecimentos: vindo a ser e tornar-se o principal factor da Revolução de 7 de novembro de 1837, movimento mais accentuado do espirito e acção revolucionaria e democratica, que se deu na ex-provincia, e quiçá, em todo o resto do ex-Imperio, com excepção do Rio Grande do Sul.

O «Instituto Geographico e Historico da Bahia» devendo ser o repositorio de toda sua historia politica, commercial e social, e de suas chronicas, aos seus archivos, supponho, devem ser recolhidos os documentos originaes e authenticos que as comprovem, como esses a que me venho reportando e que, como um dos seus mais obscuros consocios, tenho a satisfação de offerecer-lhe.

Desvaneço-me de ser com particular estima e elevada consideração de—V. ex. amigo, patricio, affectuoso e constante admirador.—Conselheiro *F. M. Sodré Pereira.*»

Concerto vocal e instrumental

«Sentimos ainda resoar-nos deliciosamente o que ouvimos no concerto hontem realisado em beneficio do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, no festival organisado pela actividade e pelo talento da exma. sra. d. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão, distincta esposa do illustre literato bahiano, dr. Egas Moniz Barretto de Aragão (*Pethion de Villar*).

E' sob a impressão do que a musica alli nos proporcionou, de emocionante e de indefinivel, que affirmamos ter assistido a um raro acontecimento musical, summamente honroso para o nosso meio artistico.

A professora laureada—mentalidade superior, consagrada ao que a arte produz de harmoniosamente bello—a sempre festejada pianista d. Maria Elisa enlevou o auditorio em todas as peças confiadas á sua delicadissima interpretação e execução: no concerto de Chaminade a dois pianos, com o distincto professor Narciso Figueras: no grande capricho hespanhol do compositor polaco Moszkowski—peça de magnifico effeito, executada pela primeira vez na Bahia; no grande trio de Lachner para piano, violino e violeta e na *Arlesienne*, de Bizet, tocada a quatro mãos, com sua graciosa discipula, senhorita Angelina Rebello, filha do dr. Guilherme Pereira Rebello, lente cathedratico da Faculdade de Medicina.

As enthusiasticas palmas que a festejaram foram justas homenagens ao seu talento tantas vezes comprovado de modo brilhante.

A joven Angelina Rebello, pela firmeza da execução, revelou apreciavel estudo e mostrou disposições naturaes de acompanhar de perto a gloria de sua professora, o que conseguirá com inteira dedicação á arte.

Excellente e promettedora a sua estréa.

O professor Scheel colheu novos louros na execução de um solo de Sarasate, em que se patenteou consummado violinista, digno de confronto com celebridades européas. Não exaggeramos neste preito que rendemos ao seu elevado talento.

O dr. João Martins, pela sua possante, sonora e afinada voz de perfeito barytono, impoz-se, por

duas vezes, aos applausos do escolhido auditorio: no *prologo de Pagliacci* e na bella aria *Herodiade*, de Massenet.

A senhorita Olga Domschke foi merecidamente festejada pela correcção com que executou ao violino o *Nocturno de Chopin*, de Sarasate.

E' realmente uma vocação digna dos maiores estimulos.

A banda musical dos Orphãos de S. Joaquim, regida pela competencia magistral do professor Guilherme Mello, executou de forma briosa e correcta a *Marcha 2 de Julho* do finado maestro portuguez Barretto de Aviz, um trecho triumphal da opera *Aida* e outra do *Ernani*.

Ao digno regente enviamos parabens pelos justos applausos com que o auditorio galardoou os progressos de seus estudiosos discipulos.

O aproveitamento que hontem revelaram honra sobremodo os reconhecidos meritos do abalisado professor.

No final da segunda parte, mme. Maria Elisa foi mimoseada com delicada joia, offerecida por sua discipula joven Angelina Rebello, que assim deu publico testemunho de gratidão a quem se mostra esforçada por seu adeantamento artistico.

A directoria do *Instituto* offereceu elegantes ramos de flores ás gentis executantes.

Concluindo esta rapida noticia, cumprimos o dever de felicitar ao illustrado *Instituto Geographico e Historico* pela festa brilhante, que lhe foi hontem propocionada e que tão grata impressão nos deixou.

(Extr. d'A Bahia de 28 de Agosto de 1902)

PROGRAMMA DO CONCERTO

1ª PARTE

Barretto de Aviz—Marcha 2 de Julho, pela banda dos Orphãos de S. Joaquim.

I. *Mascagni*—Aria de barytono, *Pagliacci* pelo dr. João Martins.

II. *Sarasate—Zigeunerweisen*—solo de violino pelo professor R. Scheel.

III. *Chaminade—Concerstuck* para 2 pianos, mme. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão e professor N. Figueras.

2ª PARTE

Verdi—Aida, instrumentada por Paulus, pela banda.

I. *Moszkowsky—Grande capricho hespanhol*. Solo de piano, mme. Maria Elisa Moniz Valente de Aragão.

II. *Sarasate—Nocturno de Chopin*. Solo de violino, mlle. Olga Domschke.

III. *Lachner—Trio para violino, viola e piano*, mlle. Olga Domschke, mme. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão e professor R. Scheel.

3ª PARTE

Verdi—Ernani, instrumentada pelo professor Guilherme Mello, pela banda.

I. *Bizet—Arlécsienne. Suite de concert*. Piano a quatro mãos, mlle. Angelina Rebello e mme. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão.

II. Solo de canto, para barytono, dr. João Martins.

III. *Alard*—Duo de violinos, mlle. Olga Domschke e professor R. Scheel.

Os acompanhamentos forão feitos por mme. Moniz de Aragão e professor Figueras.

O piano de Schiedmayer, grande formato, foi gentilmente cedido pelo dr. Pedro Celestino.

Nos intervallos tocou a banda do 1.º corpo da Brigada Policial.

95ª SESSÃO EM 19 DE OUTUBRO DE 1902

Presidencia do Exm. Snr. Conselheiro Dr. Salvador Pires.

Aos dezenove dias do mez de Outubro de 1902, no salão do «Instituto», á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Torres, 1.º Secretario, Capitão Ferreira Braga, thesoureiro, Drs. José Francisco da Silva Lima, Bonifacio Faria Rocha, Commendadores Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna, Coronel Gonçalo de Athayde, Eloy Guimarães e Isaias de Carvalho Santos, 2.º Secretario, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Cartas: do socio correspondente Dr. H. Von Ihering, director do Museu de S. Paulo, offerecendo um estudo sobre «as abelhas indigenas sociaes do Brazil»; do Snr. J. M. Pelliza, de Buenos-Ayres, communicando o fallecimento de seu pae, o socio correspondente deste «Instituto», Snr. Mariano A. Pelliza, no dia 11 de Agosto ultimo; do Dr. Virgilio Rossel, professor da Universidade de Berne, agradecendo a sua eleição de socio; do

socio Alberto F. Rodrigues enviando uma edição d'«O Uruguay», de 1900 e o Almanack Popular para 1903; e um officio do Tenente-Coronel Dr. Antonio Gomes da Silva Chaves, communicando ter assumido o Cargo de Chefe da Delegacia da Direcção Geral de Engenharia junto ao Commando do 3.º districto militar, em 3 de Setembro ultimo.

E' lida, em seguida, uma proposta indicando para socios effectivos os Drs. Manoel Freire de Carvalho, Miguel Calmon do Pin e Almeida e do General Dr. Antonio de Sousa Dantas, a qual é enviada á respectiva commissão.

Pelo Conselheiro Dr. presidente foi dito que o «Instituto» acaba de ouvir ler a communicação do fallecimento do esforçado socio correspondente, Mariano A. Pelliza, illustre escriptor e subsecretario das Relações exteriores em Buenos-Ayres, e, por isso, na fórma da praxe adoptada, o «Instituto» devia mandar inserir na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento, o que foi approvado.

Pelo Snr. Conselheiro Dr. 1.º Secretario foi lido o balancete de Janeiro a Setembro ultimo, apresentado pelo Snr. Thesoureiro, accusando uma receita de 9:217$000 contra uma despeza de 8:592$127 e o saldo de 624$873; sendo remettido á commissão de orçamento: é igualmente lido o parecer da commissão de admissão de socios, favoravel a acceitação, para socios, dos Snrs. Albano Pereira de Carvalho e Dr. Pedro Luiz Celestino, effectivos, e correspondentes os Snrs. Barão do Assú da Torre e engenheiro Samuel Augusto das Neves, ficando adiada a votação por falta de numero legal.

O mesmo Dr. 1.º Secretario propoz que fossem expedidos diplomas aos socios correspondentes,

Dr. Alberto dos Santos Dumont, professor Emilio Augusto Goeldi e o Dr. Hermann Von Ihering, independente de contribuição, pelos valiosos serviços por elles prestados ao Brazil, o que foi approvado.

Pelo Snr. Conselheiro presidente foi dito que em breve achar-se-á entre nós, de passagem para a Capital Federal, o illustre brazileiro—Barão do Rio Branco—escolhido para occupar o logar de ministro do exterior, pelo Dr. Rodrigues Alves, e que não devendo passar despercebido ao «Instituto» a estada, embora por pouco tempo, de tão conspicuo compatriota, por isso nomeava uma commissão composta dos socios Drs. José Francisco da Silva Lima, Domingos Guimarães e Braz do Amaral para cumprimental-o a bordo e convidal-o para vir ao «Instituto», caso haja opportunidade para o desembarque d'esse nosso socio honorario.

O Dr. Silva Lima disse que, sem excusar-se do encargo, todavia bem podia acontecer que, na occasião, não podesse desempenhar-se do mandato pelos multiplos affazeres que sobre si pesam, mas que envidaria esforços para cumpril-o. Ainda o Snr. Conselheiro presidente, salientando os bons serviços do socio Dr. Silva Lima, agradeceu, em nome do «Instituto» mais este que, certamente, será prestado.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

Aprovada em sessão de 16 de Novembro de 1902.

Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Joaquim Pires Muniz de Carvalho.

97.ª SESSÃO EM 16 DE NOVEMBRO DE 1902

Presidencia do Exm. Snr. Conselheiro Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Aos desesseis de Novembro de 1902, á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Drs. Salvador Pires, presidente, e João Torres, 1.º secretario, Drs. Joaquim Pires Muniz, Julio de Calasans e Joaquim Tanajura, Commendadores, Pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Capitão Ferreira Braga, Henrique Praguer, Eloy Guimarães, Padre Luiz da França dos Santos e Coronel Gonçalo de Athayde, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario o Dr. Joaquim Pires Muniz de Carvalho. Foi lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte: *Officio* da direcção do Lyceu de Artes e Officios convidando o «Instituto» a assistir a sessão magna commemorativa do 30.º anniversario de sua installação, a 26 Outubro ultimo. O Snr. Conselheiro Dr. presidente declarou que havia designado uma commissão composta dos socios, Conselheiro Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Drs. Guilherme Pereira Rebello e João Pimenta Bastos para representar o «Instituto» n'aquella solemnidade.

Em seguida foi lida uma proposta para a admissão de socios, a saber: Dr. Augusto Flavio Gomes Villaça, medico, residente na Cidade de Itaparica e Dr. Antonio Augusto Cardoso de Castro, Ministro do Supremo Tribunal Militar, residente no Rio de Janeiro, ambos para socios correspondentes.

Foi tambem lido o parecer da Commissão de socios, opinando pela acceitação, para socios effe-

ctivos, dos Snrs. Drs. General Antonio de Sousa Dantas, Secretario de Thesouro e Fazenda do Estado, Miguel Calmon do Pin e Almeida, Secretario da Agricultura e Manoel Freire de Carvalho, parecer que não foi votado por falta de numero legal.

Pelo Snr. Conselheiro Dr. 1.º Secretario foi communicado que o «Instituto» teve tres offertas: uma do Pharmaceutico Francisco Hermelino Ribeiro—de uma cedula de 1$000 do Imperio, outra do socio Eloy Guimarães, de lavas do Vesuvio e 55 moedas estrangeiras, de cobre e nikel de 12 pares differentes, e a ultima do socio Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, de um fossil da região amazonica.

O Snr. Conselheiro Dr. presidente, usando da palavra referiu-se á grande perda que acaba de soffrer a Bahia com o fallecimento do Dr. Manoel Victorino Pereira, e propoz que se inserisse na acta um voto de profundo pezar pela perda de tão notavel bahiano, communicando tambem a deliberação ja tomada de fazer-se o «Instituto» representar pela sua Mesa Administrativa em todas as homenagens, que lhe forem prestadas n'esta Cidade.

A requerimento do socio Capitão Ferreira Braga foi mandado inserir, na integra, a proposta do Snr. Conselheiro presidente:

Snrs.: A Bahia, como todo o Brazil, foi sorprehendida no dia 9 do corrente, pela infausta noticia da prematura extincção de um de seus mais dilectos filhos, o Dr. Manoel Victorino Pereira, dotado de invejavel talento, servido de uma erudição tão pouco vulgar e cujas deslumbrantes scintillações tanto irradiaram sobre a superficie inteira do paiz, que de todos os seus mais reconditos e longinquos angulos porfiadamente partem manifestações de adhesão ao pezar que enluta a patria,

que o bemqueria, á Bahia, que se ufana de lhe ter sido o berço, á familia que idolatradamente o estremecia. Bem se comprehende que o «Instituto Geographico e Historico» não podia quedar-se indifferente ante o sentimento publico, ante o luto geral por tão irreparavel perda; e, pois, immediatamente içou em funeral o seu estandarte, e eu resolvi que a sua mesa faça-se representar em todos os actos funebres que hajam de ser celebrados n'esta Capital até á inhumação de seus venerandos despojos; assim como agora proponho que na acta da sessão de hoje seja lançado um voto de profundo pezar, dando-se sciencia delle á desolada familia do illustre extincto.

Cumpria-me agora, em rapido esbôço, emittir um juizo critico sobre os actos e factos que illustraram sua vida intima e publica; mas o que de novo poderia dizer-vos que, por uma antecipação reivindicadora já não tenha sido feito pela imprensa jornalistica que, condensando a opinião publica, vulgarisou os actos mais salientes e recommendaveis de sua afanosa existencia, desde a sua primeira mocidade, quando calejava-se-lhe a mão nos labores diurnos da officina, ao mesmo tempo que pelo amor instinctivo da sciencia velava as noites com o livro entre mãos, até sua perfeita virilidade mental; que tanto fructificou na tribuna do mestre, no gabinete cirurgico, na arena jornalistica, onde esgrimiu, erecto e adestrado Athleta, de altaneira fronte, que só curvou-se quando o gelado sopro da morte resfriou-lhe o suor das luctas? Não; não perturbemos o somno tranquillo em que repousa extenuado quem tanto mourejou na vida, que é, no dizer de um poeta: . . . . . .

Medonho pelago de dores,
C'roa de espinhos que nos dá o berço,
E que depomos nos umbraes da tumba.»

Approvada a proposta do socio Braga, por sua vez o socio Dr. Joaquim Tanajura propoz que se telegraphasse aos consocios Drs. Paula Guimarães, Satyro Dias e Montenegro para apresentarem á Ex.ma Viuva do illustre morto as condolencias do «Instituto», o que foi approvado.

Por escrutinio secreto foram approvados e proclamados socios effectivos o Commendador Albano Pereira de Carvalho, Dr. Pedro Luiz Celestino e Barão do Assú da Torre, e socio Correspondente o Engenheiro Samuel Augusto das Neves, residente em S. Paulo.

O Dr. Joaquim Pires fundamentou uma moção de felicitações ao illustre consocio Dr. Jose Joaquim Seabra, que foi approvada, sendo expedido o seguinte telegrama:

Meza «Instituto Historico» nome «Instituto» sessão hoje, felicita V. Ex. eminente posição governo paiz.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

98.ª SESSÃO EM 21 DE DEZEMBRO DE 1902

Presidencia do Exm. Snr. Conselheiro Salvador Pires

Aos vinte um dias do mez de Dezembro de 1902, á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Torres, 1.º secretario, Drs. Reis Magalhães e Joaquim Tanajura, Capitão Ferreira Braga, thesoureiro, Commendadores,

pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Eloy Guimarães, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde e Isaias de Carvalho Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem debate, a acta dá sessão anterior.

Pelo Dr. 1.º Secretario, Conselheiro João Torres, foi lido o expediente que constou do seguinte:

Um cartão do nosso consocio Dr. José Joaquim Seabra, ministro do Interior, agradecendo as congratulações enviadas pelo «Instituto»; duas Cartas-convites: uma dos empregados do Thesouro para o «Instituto» se fazer representar na missa em louvor de sua padroeira, na matriz de S. Pedro, no dia 14 do andante, e outra do Dr. Intendente do municipio d'esta Capital para o «Instituto» se fazer representar no acto da abertura da exposição escolar, no dia 7, no salão da bibliotheca municipal. Quanto á 1.ª o Conselheiro presidente declarou que nomeava uma commissão composta dos socios, professor Torquato Bahia, Dr. Braz do Amaral e Capitão Francisco Braga; quanto a 2.ª disse que deixava de nomear uma commissão por ter chegado tarde o convite.

Officios: do socio professor Elias de Figueiredo Nazareth communicando ter sido acceito para socio correspondente do «Instituto» de S. Paulo e incumbido de represental-o perante as associações congeneres, e outro do «Centro de Sciencias, Letras e Artes» de Campinas, communicando a eleição de sua Directoria.

Cartas: do Dr. Clodoaldo de Freitas, de Therezina, remettendo varias publicações; do Dr. Alberto Lofgren, enviando trez exemplares do seu relatorio sobre o «Horto Botanico de S. Paulo»-do Dr. José Arthur Boiteux, secretario do «Instituto de Santa-Catharina, agradecendo a sua eleição

para socio correspondente; do socio Desembargador Licinio Alfredo da Silva, communicando sua retirada para o Rio de Janeiro e pedindo para ficar inscripto como socio correspondente, e do Dr. Jeronymo Gonçalves, offerecendo dois pares de sapatos de borracha, feitos na região do Acre.

E' lida tambem uma proposta para socios effectivos, dos seguintes cidadãos:

Dr. Menandro dos Reis Meirelles Filho, Engenheiro Lino Meirelles da Silva e negociante Vicente Ferreira Lins do Amaral, a qual é enviada á respectiva commissão que, presente, deu seu parecer favoravel, o qual foi lido, bem como o que foi dado á proposta referente aos Drs. Augusto Flavio Gomes Villaça e Antonio Augusto Cardoso de Castro, ficando, porém adiada a votação por falta de numero legal, visto ser esta a 1.ª sessão em que é apresentado o parecer.

Pelo Snr. Conselheiro Dr. presidente foi dito que n'esta sessão devia ser apresentado o orçamento da receita e despeza do «Instituto».

O Commendador Salvador Pires, membro da respectiva commissão, diz que não pode ser apresentado o orçamento por se acharem dois membros da commissão impossibilitados de funccionar: um por doente, e outro por ausente, e por essa razão, pedia que fosse adiada a apresentação para a 1. sessão, o que o «Instituto» approvou.

O Snr. Conselheiro Torres propoz, então, e o «Instituto» approvou, que ficasse vigorando o orçamento do exercicio anterior até ser confeccionado e approvado o novo.

Foi submettida a votos uma proposta, com parecer favoravel, já adiada de outra sessão, e, por escrutinio secreto, foram, unanimemente, approvados e proclamados socios effectivos os seguintes cidadãos: General Dr. Antonio de Souza Dantas e

Drs. Miguel Calmon du Pin e Almeida e Manoel Freire de Carvalho.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

OFFERTAS

Além dos Jornaes, e Revistas, nacionaes e estrangeiras, que permutam com a «Revista», recebeu o «Instituto» durante o anno, muitas outras offertas cuja relação consta do livro respectivo, a saber:

EM JANEIRO—Revista do Archivo do Municipio da Capital, n. 7;—Leituras Recreativas (Lyceu Salesiano) ns. 1 a 6;—Almanak de Pernambuco para 1902;—Almanak Popular de Pelotas, vol. 9.

Do socio major Rogociano Teixeira—O discurso autographo proferido pelo Dr. Ruy Barbosa perante o Supremo Tribunal Federal impetrando *habeas-corpus* em favor dos implicados no attentado de 5 de Novembro de 1897, com um prefacio do Dr. Aristides Milton; e um livro contendo varios discursos e manifestos do Dr. Ruy Barbosa.

Do socio Xavier Marques:—exemplares de alguns trabalhos do professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan.

Do socio major J. Domingues Codeceira—planta do Forte Real do Bom Jesus, edificado por Máthias de Albuquerque, no Recife.

De D. Maria José Serva:—dois quadros, o retrato do grande pintor bahiano Velasco, e uma fina pintura, obra do mesmo.

Do Capitão Candido Cardoso—3 cedulas paraguayas.

Do Desembargador José A. Saraiva:—«Oito annos de parlamento e o Conselheiro Saraiva», pelo offertante.

Do socio Desembargador Thomaz Montenegro: —O livro do Centenario (1500 a 1900) 2 vols.; Politica Commercial da França, 2 vols.; Magnetismo e Somnambulismo, 2 vols.; Emancipação dos escravos, parecer do Dr. Ruy Barbosa; A deshonra da Republica pelo general Honorato Caldas; Annuario historico dos povos por Levy; The New Brasil por Marie Robinson, 1900; A retirada da Laguna pelo Dr. Alfredo Taunay; A Campanha de 1815, attlas especial pelo general Charrás; A Italia Agricola; O problema da polvora no Brazil; Colonisação da Algeria, 2 vols.; Administração financeira das Communas, 2 vols.; Historia antiga e moderna, 2 vols.; A reforma monetaria pelo Dr. Amaro Cavalcanti; A Carta do Brazil, projecto elaborado no Estado maior do exercito; Historia da edade media por Calogeras; Annuario da industria na Belgica; Viagem de um economista na Italia; O marquez de Pombal por Clemence Robert; O orçamento do imperio desde sua fundação pelo senador Liberato Carreira; Os caminhos de ferro russos de 1857 a 1862; A Industria na Europa por Luiz Reibaud; Economia politica por Fonteirand; A instrucção secundaria na França por Paśsy; Discursos parlamentares por Mattoso Camara; Geographia do Brazil pelo Dr. Praxedes Pacheco; Indice da Legislação geral de 1861 a 1870; Legislação sobre os caminhos publicos por Garnier; Almanak Hachette para 1901; Profissão das armas pelo brigadeiro Sanchez Osorio; Trabalhos judiciarios do Dr. Caetano P. Montenegro; O Poder em França por

Wallon; Exposição nacional e notas pelo Dr. Rosendo Moniz; Hernani, drama em 5 actos, por Victor Hugo, vertido por Ernesto da Fonseca; e varios outros opusculos.

EM FEVEREIRO E MARÇO. Boletim de Agricultura (S. Paulo) n. 12, 1901; o Arauto, n. 1, 1902 (Bahia); «Revista de Lisboa» Dezembro de 1901; Cosmos, n. 1, 1901 (S. Paulo;) A Situação (Bahia), n. 1, 1902; Relatorio apresentado ao governador da Bahia pelo engenheiro agronomo João Silveira em 1901; Regulamento geral da Secretaria do Thesouro e Fazenda do Estado; Relatorio apresentado ao governador da Bahia em 1900 pelo secretario da Viação, engenheiro José Joaquim Ribeiro Saldanha; A «Mala da Europa», (1902).

Do Director da Imprensa nacional—8 vols. do Projecto do Codigo Civil Brazileiro e os trabalhos da Commissão especial da Camara dos deputados.

Do socio Dr. Manoel Cardoso Barata—As Industrias Extractivas.

Do socio Conselheiro João Torres—O Binoculo, impressões de viagem por Filinto de Oliveira; Monarchia e monarchistas pelo Conselheiro Tito Franco de Almeida.

Do Director da Escola de Engenharia de Lima (Perú)—Anales de Construcciones Civiles, minas e industrias del Perú; Memorias publicadas por la Sociedad de ingenieiros del Perú.

EM ABRIL.—«Almanak Illustrado das Familias Catholicas Brazileiras para 1902; Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará; Relatorio apresentado ao governador do Amazonas pelo respectivo director; Relatorio do Comité Patriotico da Bahia (Campanha de Canudos); Hypnotismo e suggestão, these do Dr. Ulysses Paranhos.

Do socio engenheiro Miguel de Teive e Argollo: —Um catalogo movel de classificação decimal e o Index de Devey.

Do Dr. Anisio Circundes de Carvalho: —Um arco artisticamente trabalhado, e uma collecção de frechas de varias especies, obtidos dos Bororós Coroados, de Matto-Grosso.

Do Sr. Romario Martins: —Limites a Sueste (Questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa-Catharina).

Do socio J. C. Branner.—Bulletin of the Geological Society of America, vol. 13; Geology of the Northeart Coast of Brasil pelo off.; Depression and elevations of the Sauthern Archipelagoes of the Chile por Francisco Vidal Gormaz.

—Pela socia Exma. Viscondessa de Cavalcanti: —Obras Classicas de grande valor: Virgilius Burmanorum (1746). 4 vols.; C. C. Taciti—Opera—(1672) 2 vols; Phedri Fabulae (1667); Ketelius, De Elegantori Latinitate, (1713); Trium linguarum Dictionarium; Vossios—Ars Poetica (1747); Erasmus, Stultitiœ Laus—(1676); Erasmus, Vita et Epistolœ (1642); H. Grothii, Dissertationes (1645; J. Pontani, Poemata (1505); N. Heinsii, Poemata—(1766); Dictionarium Poeticum apud Stephan; Encomia, (1666); Gasparis Barlœi, Poemata; Symbola Divina et Humana Pontificum, Imperatorum, Regum; Sabini—,Poemata (1678); De Imperio Magni Magolis Carmina Varia (1518); Obras de Donoso Cortés—5 vols; Grotius—Le Droit de Prise; The Republic of Republics; Bryce—The American Commonwealth—3 vols; The Theory of our National Existence; Her Magestys Colonies.

EM MAIO.—Annaes do Brazil, n. 1 a 3 (Rio) 1902; —Theses de concurso ao cargo de Conselheiro do Tribunal de Appellação pelos Juizes de Direito Ezequiel Pondé, Candido Leão e Arlindo Leone

em 1902; Mensagem do governador da Bahia ao Congresso Estadoal em 1902; Relatorio da Associação Commercial em 1902; Idem da Sociedade Beneficencia Caixeiral em 1902; Estatutos da «Sociedade Bahiana de Agricultura» 1902.

Do socio Dr. José Antonio da Costa--100 moedas de varios paizes.

Do socio capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara—4 moedas adquiridas em Tanger, sendo 1 de ouro e 3 de prata.

Do socio Capitão Manoel Raymundo Quirino: —3 medalhas da Campanha do Paraguay, pertencentes ao Tenente Coronel Feliciano Pimentel do 54 bathalhão de voluntarios.

Do Provedor do «Collegio dos Orphãos de S. Joaquim»---Uma bandeira do regimen imperial, existente n'aquelle Collegio.

Do bacharel Aristides de Araujo Maia—Recordações (Minas), pelo offertante.

Do engenheiro Demetrio de Araujo:—«O Propulsor», 1 vol., encad, correspondente ao anno de 1901.

Do academico José Teixeira da Matta Bacellar —Um cachimbo fabricado na Ilha de Marajó (Pará).

Do Dr. Manoel Pirajá da Silva: L' Histoire des dirigeables, Santos Dumont.

Do socio Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara—Quinze moedas de cobre, do Brazil e de outras nações;—La Geographie, par P. F. Bainier—(Paris), 1877; Dictionaire de l' Economie Politique—1873—2 vols; Histoire de la Litterature anglaise—par H. Taine, 5 vols; Histoire de Napolion 1. par Lanfrey—5 vols; La Guerre et la Paix, par P. J. Proudhon— 2 vols; Histoire des Verges, par Louis Jacob—; La linguistique, par A. Horulacque; La Ligue et Henri IV, par M. Ca-

pefigue; L'esprit nouveau, par Edgar Quinet; Histoire des progress du droit des gens en Europe, par Henry Wheaton; Histoire de la Civilisation en Europe, par M. Guizot; Genio da Lingua Portugueza, por Francisco Evaristo Leoni—2 tomos; Historia de Portugal nos seculos 18 e 19, por uma sociedade de homens de lettras; Philosophia Fundamental por Don Jayme Balmés, 2 tomos, 1851.

EM JUNHO «Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco», n. 56, vol. 10, 1902; Leituras Recreativas (Lyceu Salesiano), n. 11; Estatutos do Circulo Catholico Romano da Bahia; «Mala da Europa», ns. 39 e 40; Publicações do Archivo Publico Nacional, vol. 111, 1902 e Catalogo da Bibliotheca do mesmo Archivo; Correio de S. Francisco (Joazeiro), ns. 1 e 2 1902.

Do socio Conselheiro João Torres—Um mappa das republicas sul-africanas, theatro da guerra anglo boer.

Do socio Conselheiro Filinto Bastos—Duas medalhas commemorativas do 3º centenario de Luiz de Camões e do 4º descobrimento do Brazil.

Do cidadão Karlos Weber—4 moedas de cobre dos annos de 1761, 1813, 1814 e 1818, e uma medalha do 3º centenario de Luiz de Camões.

Do socio Engenheiro J. Feliciano da Rocha—Uma medalha commemorativa da Exposição de Paris, em 1900.

Do socio Dr. Aristides A. Milton—A Campanha de Canudos, memoria lida no «Instituto Historico Brazileiro».

Do socio Dr. Nina Rodrigues—O Alienado no direito civil brazileiro, e Apontamentos medico-legaes ao projecto do Cod. Civil brazileiro, 2 vols.

Do socio capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara:—26 obras em 89 volumes, a saber: Encyclopedie moderne, par Firmin Didot Fréres

27 vols.; œuvres Complets de Buffon, 3 vols.; Histoire des sciences naturelles par Georges Cuvier, 2 vols.; Elements de Chimie par Orfila, 2 vols.; Du lait par Bouchardat, 1 vol; Voyage en Chine par Lavallée, 1 vol; Pantheon Maranhense, Henrique Leal, Lisboa, 4 vols.; Annaes do observatorio do Rio, 1 vol.; Relatorio da Commissão exploradora do planalto central do Brazil, 2 vols.; Anno Biographico Brazileiro, 3 vols.; O primeiro reinado, ou a Revolução de 7 de Abril de 1831, 1 vol.; O Imperio do Brazil na Exposição de Philadelphia, 1 vol.; Historia de Rosas e sua epocha (Paris) 2 vols.; Poesias de Manoel Maria Barbosa du Bocage, 6 vols.; Biographie nouvelle des contemporains, 19 vols.; O Economista Brazileiro, 2 vols.; Histoire de Cromwell par Villemain 1 vol.; O Pará na Exposição de Paris, 1889; e outros opusculos.

Pela Secretaria do Ministerio da Fazenda do Perú—Padron General de minas; Memorias de viaje y datas relativas a los selvajes de la region oriental, pelo Dr. D. David Munoz; Informe sobre las pertenencias de la mina «Santo Domingo» de la provincia de Carabaya por el Ingeniero de minas D. José Balta; Informe sobre la operacion pericial praticada en el Lavaredo «Santo Antonio de Poto» por el Ingeniero D. J. Balta; Conferencia dada en la «Sociedade Geografica» de Lima por el Dr. Manuel Samudis; Memoria que el Director de Fomento apresenta al Snr. Ministro del Ramo.

EM JULHO E AGOSTO—«Revista do Archivo Publico Mineiro» (Janeiro a Junho), 1902; «Revista da Associação Typographica (Bahia), n. 1, 1902; «Revista da Legislação» (Rio), n. 1; Manifesto á Lavoura (syndicatos agricolas); «Mala da Europa», n. 49 com retrato do principe D. Luiz Felippe; «Revista Italo-

« Americana», n. 2, 1902; O «Estandarte», ns. 1 e 2 (Fortaleza), 1902; Relatorio apresentado ao governador de S. Paulo pelo Dr. Antonio Candido Rodrigues, 1902; As Artes graphicas da Bahia á nação Chilena, 1902.

Do socio Belisario Pernambuco—A Maçonaria e o proletariado (Centenario do Brazil).

Do socio Dr. Luiz Gualberto—Exposição historica—juridica pelo Dr. Manoel da Silva Mafra, questão de limites entre Santa-Catharina e Paraná.

Do Sr. Ernesto Senna—Conselheiro Antonio Ferreira Vianna, sua vida e suas obras, 1902.

Do Sr. João de Brito—«Rogerio», drama em 3 actos, pelo offertante.

Do socio Philoteio de Andrade—O «Oriente Illustrado Goa», 1899.

Do socio Conselheiro Francisco Sodré Pereira —Varios manuscriptos que acompanharam a petição de graça e perdão que o Dr. Francisco Sabino encaminhou em 1834 á Regencia Permanente sobre o assassinato do alferes José Joaquim Moreira, n'esta capital, em 7 de Novembro de 1833.

EM SETEMBRO—Registro Oficinal de Fomento (Lima); Relatorio apresentado ao governador da Bahia pelo Secretario de Agricultura e Viação em 1902; Considerações sobre a Conferencia Assucareira da Bahia pelo Engenheiro Alexandre Goes, 1902; «Revista do Gremio Paraense», n. 1, 1902; «Revista do Gremio Litterario da Bahia», n. 10, 1902; «Revista da Bahia», n. 1, 1902.

—Pela Directoria do Congresso Latino Americano (Montevidéo): Organisação e Resultados Geraes do Congresso, 2 vols.

Pelo socio Dr. Egas Moniz B. de Aragão:—O Maranhão e seus recursos por Fran Paxeco, O Sangue Latino, Silvio Romero e a litteratura por-

tugueza, por F. Paxeco; Mais Mundos, por T. Braga.

Pelo engenheiro Miguel Calmon: Applicações industriaes do alcool, pelo offertante.

Pelo socio Coronel Raymundo Alves da Cunha: Mensagem ao Congresso Legislativo do Pará pelo governador Dr. Augusto Montenegro; Polyantheá dedicada ao Dr. Firmino Cardoso (Belém.)

Pelo academico Virgilio de Aragão: Varias obras que pertenceram ao seu fallecido pae, major Salvador Pires de Aragão, entre outras as seguintes: Tratado dos reconhecimentos militares pelo professor Unger; Manejo do fusil allemão, em 1888; Manejo da clavina Mauser, modelo brazileiro; Manual do aprendiz artilheiro, por Antonio Duarte; Curso da arte militar, pelo general Faré; Manual do louceiro por Boyer; A tactica das tres armas; Consolidação da legislação militar, 4 vols.; Ordens do dia, exercito em operações no Paraguay, 9 vols.; Leis e Decisões do Brazil, 29 vols.; «Revista Militar», 21 fascs.; Os combates futuros, 1 vol.; Guerra do Paraguay, por Jourdan, 1890; A guerra em Campanha rasa, 1 vol.; A classe militar perante as Camaras, 1 vol.; Descripção e applicação dos telephones; Hygiene dos quarteis, these do Dr. Calasans;—2 cartuchos com projectis, e 1 granada para canhão rewolver.

EM OUTUBRO— Relatorio do Chefe de policia e segurança ao governador da Bahia, em 1902.

Pelo socio Major Rogociano Teixeira: A situação da marinha mercante no Brazil; Relatorio dos serviços dos Correios em 1900 pelo Dr. Antonino Pires de Souza; «Diario do Congresso», n. 171, 1902.

Pelo socio Alberto F. Rodrigues: O «Almanak Popular» para 1903 (Pelotas); «O Uruguay», poema epico.

Pelo socio Barão de Studart: 12 exemplares do seu trabalho—O Padre Martin de Nantes e o Coronel Dias de Avila.

Pelo socio Padre Dr. Julio Maria: O Deus despresado; Apostrophes; A Graça; A Paixão.

Pelo academico Octavio Brandão: Um pente de tartaruga encontrado nas ruinas do seminario de Belém, e 1 barrete de pelle de macaco do Amazonas.

EM NOVEMBRO E DEZEMBRO—«Revista do Gremio Litterario da Bahia», n. 11, 1902; Relatorio do Inspector Geral de Hygiene da Bahia, em 1902; Annaes da Camara dos Deputados e do Senado da Bahia, em 1902; «Revista da Bahia», n. 2; «Revista do Museu de S. Paulo», vols. 1 e 2; «Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes», de Campinas, n. 1, 1902: Estatutos e Regimento Interno do «Instituto Agronomico e Industrial da Bahia»; Mensagem apresentada á Assembléa do Ceará pelo Dr. Pedro Augusto Borges, em 1902, e Relatorio do secretario da Justica, Dr. Antonio Sabino do Monte; Informe de los Profesores de la Escuela de Agricultura, e notas sueltas, por Dr. Patron (Lima); El Perú por Antonio Raimondi, vol. 4.°, Lima.

Pelo socio Dr. J. Branner: Origin of the fins of fishes.

Pelo socio major Rogociano Teixeira: Parecer do senador Dr. Ruy Barbosa sobre a redacção do Projecto do Codigo Civil Brazileiro; Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa, pelo Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro.

Pelo socio Dr. Pedro de Queiroz: Estudos Sociaes, O Projecto do Codigo e o Divorcio, pelo offertante.

Pelo socio Dr. Severino Vieira: Campos Salles—Discursos—Na Propaganda, 1°. vol., Na Republica, 2°. vol.

Pelo socio Dr. Joaquim Tosta: O Divorcio, o Catholicismo e a mulher (Conferencia, Maio de 1902).

Pelo socio Desembargador Jeronymo Gonçalves: 2 pares de sapatos de borracha feitos no Acre.

Pelo Dr. Alberto Lofgren: 3 relatorios sobre o Horto Botanico de S. Paulo.

Pelo Dr. Clodoaldo de Freitas (Therezina): A Libertação do Ceará; Commemoração do meio centenario da cidade de Therezina; Almanak Piauhiense para 1903.

Pelo socio Eloy Guimarães: lavas do Vesuvio e 55 moedas, de cobre e nikel de 12 paizes differentes, adquiridas em sua ultima viagem á Europa.

Pelo socio Coronel Gonçalo de Athayde: um fossil de peixe da região amazonica.

SUMMARIO DO N. 29

PAGS

Memoria Historica sobre os acontecimentos de 24 de Novembro de 1891 na Bahia, pelo Dr. Braz H. do Amaral . 3

Levantes de pretos na Bahia, pelo socio Dr. Eduardo de Caldas Britto. 96

As insurreições dos africanos na Bahia, por José Carlos Ferreira 95

Officio do chefe de policia Dr. Francisco Gonçalves Martins sobre a insurreição de 1835 e outros documentos . . 108

Actas das sessões do Instituto em 1902. 121

Concerto vocal e instrumental em beneficio do Instituto . 136

Publicações recebidas pelo Instituto durante o anno de 1902 104

MESA ADMINISTRATIVA EM 1904

Presidente—Cons. Antonio Carneiro da Rocha.

1°. Secretario —Cons. João N. Torres.

2°. Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos.

Orador—Dr. Braz do Amaral.

Thesoureiro—Capitão Francisco G. Ferreira Braga.

Toda a correspondencia relativa á *Revista* bem como a remessa de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do «Instituto», á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus).

REVISTA

— DO —

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

1904

ANNO XI VOL. XI N. 30

BAHIA
Typographia BAHIANA, de C. Melchiades
25—Rua do Arsenal de Marinha—25

1905

REVISTA

— DO —

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

1904

ANNO XI VOL. XI N. 30

BAHIA
Typographia BAHIANA, de C. Melchiades
25—Rua do Arsenal de Marinha—25

1905

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

Anno XI 1904 Num. 30

MEMORIA HISTORICA

Sobre a Proclamação da Republica na Bahia (*)

I

A PROPAGANDA

Havia sido tão dura a repressão da revolta republicana de 1837, tinha sido, após esse periodo, durante todo o 2.° reinado, tão astutamente corruptora e habil a politica do Imperio, que parecia morta, a não ser um outro pequeno rebento, a arvore da Republica Brazileira aqui na Bahia até cerca de 1888.

Não era, porém, completamente secca a planta nem extincta toda a vida. Havia propriamente torpor e para os velhos que ainda se lembravam de 1837, reminiscencias atemorisadoras e amargas. Um ou outro cidadão professava principios republicanos como os Drs. Frederico Lisboa e Henrique Alvares dos Santos que publicaram, o primeiro o pequeno periodico *Horizonte*, e o segundo o *Santelmo;* estes jornaes sahiram e viveram algum

(*) Memoria lida na sessão magna do Instituto de 3 de Maio de 1904, pelo Orador Dr. Braz do Amaral.

tempo mas ninguem os lia, além de um pequenissimo circulo de crentes e enthusiastas talvez. Os moços falavam tambem na Republica emquanto cursavam as aulas; em regra geral, porém, depois disto alistavam-se nas fileiras de um dos dois partidos dominantes e eram arrastados por elles.

O impulso dado pelo manifesto de 1870 esmorecera de todo e havia concorrido poderosamente para isto a penitencia dos arrependidos, feita pelos seus signatarios que haviam acceitado logares nos conselhos da corôa e haviam preferido as vantagens das posições sociaes e seus proventos á gloria um tanto secca das perseguições.

Após o manifesto de 1870 houve um movimento republicano nas Provincias que repercutiu aqui na Bahia, onde se fundou um club.

Este club funccionou primeiro em uma casa da antiga rua Direita de Palacio, actual rua Chile, esquina da travessa chamada de Maria Pires e depois transferiu as suas sessões para a rua da Lama, onde hoje é o n. 24. Delle faziam parte: Mathias Tavares da Gama, ourives-gravador, que presidia ás sessões; Frederico Lisbôa, orador e poeta, homem de talento e coração destinado ainda a ser um dos caracteres mais adamantinos pela pureza immaculada do seu proceder na campanha abolicionista; Julio Gama, filho do primeiro e então estudante de medicina, assim como Aquino Fonseca; o Dr. Henrique Alvares dos Santos, o capitalista Fróes, o agente de negocios Lycurgo Moscoso, o bacharel Teixeira Soares e o artista Sulpicio de Lima e Camara, que deviam pertencer, 27 annos depois, ao club de 1888; D. Carlos Balthazar da Silveira, Alipio Pinto, Cassiano Hypolito, Alfredo Montanha, Cesar Moniz, Dr. Antonio Spinola de Athayde, Lellis Piedade, então estudante de pharmacia, Eduardo Carigé Barauna, Pamphilo da Santa Cruz, que a revolução de 1889

devia vir encontrar tão dedicado á monarchia e outros.

Este club foi inaugurado em 21 de Abril de 1876, sendo presidente da provincia o sr. desembargador Henrique Pereira de Lucena, o qual mandou uma força de cavallaria de linha percorrer as immediações da casa emquanto que uma outra força de infantaria de policia cercou o edificio, obrigando alguns socios a fugirem pelo fundo. O club, porém, apezar de ter chegado a apresentar candidatos ás eleições da cidade em 1876, desappareceu em resultado da indifferença do publico e da perseguição das autoridades, o que se comprehende, attendendo a que, pelas leis do Imperio, as sociedades não se podiam considerar organizadas nem tinham existencia juridica sem que fossem antes os seus estatutos approvados pelo governo; ora, como, naturalmente, os republicanos não iam submetter os seus estatutos á approvação dos representantes do poder imperial, acontecia que este podia considerar o club da rua da Lama como não existente legalmente, apenas sociedade secreta ou união sediciosa, da qual não admittia reclamações.

O peridioco *Tribuna* representou por algum tempo a propaganda sob as inspirações de Frederico Lisboa, Aquino Fonseca, Lellis e Carigé em artigos assignados—*Alma de Tiradentes,* mas isso depois desappareceu, e os numeros que encontrei, de 1877 em deante, não podem mais pretender este nobre papel, porque alguns artigos de tendencias republicanas são misturados a pasquins, allusões pessoaes e grosseiras, linguagem insultuosa e torpe, e tudo o mais que revela a degradação de uma gazeta.

A massa da nação até 1889 não estava no caso de discutir e escolher uma fórma de governo, pois, só para o fim do Imperio começava a comprehender o jogo dà monarchia representativa.

Ainda, porém, a machina funccionava mal e só após 10 annos de applicação recta da lei eleitoral do sr. Saraiva é que ella chegaria talvez á posse da sua consciencia politica. Foi nestas circumstancias que por um processo todo revolucionario se fez a abolição do elemento servil, medida aliás altamente nobre e humanitaria, acima de todos os elogios, mas que pelo modo precipitado e imprudente pelo qual foi realizada atirou o paiz ao caminho de graves aventuras.

Previra-o o espirito superior do atilado estadista, que arrostara o delirio do triumpho abolicionista na prophecia que o senado ouviu dos seus labios de vencido. A victoria da opinião publica na questão, após uma curta e brilhante campanha legal que póde servir de medida de como nós estavamonos adeantando em materia de emprehendimentos pelo systema da democracia representativa, não podia deixar de abalar profundamente entre os prejudicados, que constituiam a classe dos agricultores, grandes possuidores do sólo, que foi sempre a mais dedicada á monarchia constitucional, o respeito pelas leis do Imperio e o acatamento pelas pessôas dos imperantes. Sentira-o de certo Pedro II, e não se comprehendem de outro modo as suas longas hesitações nesta questão, elle tão naturalmente altruista, e tão inclinado ás medidas ou reformas que exaltassem aqui e no extrangeiro a sua reputação de rei moderno e progressista, e não se póde deixar de admittir, reflectindo na precipitação da lei de 13 de Maio, que ella foi principalmente para a regencia um meio de popularizar-se, preparando com esplendido prenuncio o terceiro reinado contra o qual havia muitas prevenções no paiz, e que vinha proximo. Causas multiplas tinham enfraquecido o governo e dois factos, acima de quaesquer outros, o provam bem: a incapacidade manifesta da autoridade e do poder

judiciario para julgar o assassinato de um individuo, feito na rua, em pleno dia, porque o crime fôra commettido por militares; e as tergiversações, fraquezas e evidente impotencia do governo na chamada questão militar, ainda amargurada e humilhada assim como todo o prestigio da ordem no paiz, pelo triste incidente de que foi protagonista um official de marinha reformado e cuja prisão, effectuada pela policia em condições taes que muitas dellas todos os dias se fazem, foi pretexto para um desses estardalhaços arrogantes, que só se vêem nas localidades dominadas pelo extrangeiro despotico, a quem as disposições do direito commum não attingem.

Conhecia bem todos estes indicios de grave molestia politica o poderoso demolidor que no *Diario de Noticias* abalava, como Sansão, as columnas do templo, que assignara o voto em separado no congresso liberal e accentuava a sua attitude de guerra sem treguas no dia seguinte áquelle em que subia ao poder a situação liberal, pelo gabinete 7 de Junho, presidido pelo visconde de Ouro Preto.

Foi nesses dias que se fez ao Norte a viagem do conde d'Eu, como uma especie de apresentação do futuro principe consorte. Acompanhou-o no mesmo vapor costeiro, em uma especie de *steeple-chase* politica, o propagandista republicano Silva Jardim. Das duas imprudencias devia resultar aqui na Bahia lamentavel intercurrencia.

As idéas republicanas entorpecidas haviam sido aqui acordadas por um grupo de moços, quasi todos estudantes de medicina e sulistas.

Das republicas, moradas de estudantes, de Landulpho Machado, mais tarde deputado federal por Minas, de Carlos Affonso, fallecido depois tão prematuramente, de Leandro Brandão, a que se aggregaram o alagoano Virgilio de Lemos, o bahiano

Cosme Moreira e outros, foi que nasceu a resolução de se fundar um club republicano federal, á semelhança dos que se estavam a organizar rapidamente no sul, após a extincção do elemento servil, principalmente em S. Paulo, Minas e Rio.

O club foi fundado em 24 de Maio de 1888 e inaugurado em 10 de Junho do mesmo anno, na sala das sessões do Gremio Litterario.

O povo, a imprensa e as autoridades foram de todo indifferentes a este club perfeitamente innocente e impotente para alterar a ordem das coisas. Das pessoas interessadas nos partidos monarchicos só uma appareceu no acto da inauguração,—o Dr. Manoel Victorino. Ou porque fossem estudantes os organizadores do club, ou mais poderosamente ainda pelo pendor do seu genio que se inclinava a tudo que sahia do meio banal em que vivia e que era novo.

Fizeram-se naturalmente discursos em que coisas do presente e principalmente o partido liberal, herdeiro das tradições adeantadas da geração anterior e que tão mal as conservava, não foram muito bem tratados.

O Dr. Manuel Victorino então tomou a palavra para defender o partido no qual militava ha pouco, em que fazia as suas primeiras armas a este tempo, nas columnas do *Diario da Bahia* e atacou a propaganda republicana por desnecessaria e inopportuna.

A' fundação do club republicano federal correspondeu um movimento geral de propaganda bem accentuada no interior da Provincia, o que indica perdurarem sentimentos republicanos que só careciam de um centro de energia e acção, ou se irem elles formando com rapidez á proporção que se divulgava a futura ordem de coisas como o unico remedio radical ás queixas do paiz e ao mal-estar que todos sentiam. Homens dedi-

cados e de iniciativa, como os Drs. Virgilio Damasio e Deocleciano Ramos, ambos professores da Faculdade de Medicina, ou respeitaveis pela edade e tradições como os Drs. José Antonio de Freitas e Manuel Teixeira Soares se juntaram por convicções ao novo club e trataram de dar uma organização politica aos elementos existentes na Provincia.

Foi assim que, em sessões do club de 5, 11, 17 e 29 de Dezembro de 1888, o Dr. Deocleciano Ramos propoz que se fundasse um partido politico, o qual publicou o seu primeiro manifesto em 12 de Janeiro de 1889, tendo já sido eleito um conselho federal provisorio, composto dos drs. Teixeira Soares, presidente, Virgilio Damasio, vice-presidente, Deocleciano Ramos, 1° secretario, Cosme Moreira, 2° secretario, sendo vogaes Virgilio de Lemos e Teixeira da Cunha.

Assim é que, tambem logo em 18 de Novembro de 1888 o Dr. Glycerio Velloso funda o club republicano de Santo Antonio da Barra o qual, no seu programma promette oppor-se ao terceiro reinado, e declara adherir ao manifesto de 1870.

Eguaes organizações se reproduzem em Cruz das Almas e Aratuhype, onde o Dr. João Martins da Silva agiu no mesmo sentido.

Já antes da fundação do club da capital se inaugurara um na cidade dos Lençóes, do qual foi a influencia directriz o Dr. Julio da Gama, um dos filiados á antiga sociedade da rua da Lama e agora medico clinico na zona das Lavras, onde tinha numerosas relações e amigos.

Este club dos Lençóes publicou, já em Março de 1888, um manisfeto, antes, portanto, da organização do club da capital, e outro em Julho de 1889, ambos assignados pelo Dr. Julio da Gama, Victalico Leal, Cornelio de Carvalho e Garcia Sobral.

No Rosario do Orobó tambem se organizou outra

associação republicana, cujo chefe foi o capitão da guarda-nacional Liberino. Na proxima cidade da Cachoeira havia um grupo de partidarios da nova causa, mas não se poude fundar a associação publicamente, porque no dia em que se reuniram diversos cidadãos convocados pelos srs. M. Adeodato e Pamponet numa casa em S. Felix, foi esta assaltada por individuos armados, o que tornou impossivel a constituição da sociedade politica.

Em Bom Jesus dos Meiras tambem se fundou um club republicano cujo organizador foi o sr. Tiberio Meira.

O partido convocou um congresso que se reuniu em 26 de Maio de 1889, tomando parte os representantes do directorio do club dos Lençóes, do centro republicano da Cachoeira, do da Purificação dos Campos, de Aratuhype, de Santo Antonio da Barra, e de Bom Jesus dos Meiras.

Este congresso, por proposta de Deocleciano Ramos, adoptou uma bandeira para o partido, que é a actual bandeira do Estado, formada de 4 listas horizontaes brancas e vermelhas, alternando-se estas côres com a azul, para lembrarem ellas a revolução de 93; no angulo superior e interno um quadrangulo azul, o qual leva no centro um triangulo branco, lembrando a bandeira dos inconfidentes mineiros.

A disposição em listas foi feita para uniformizar com a bandeira dos Estados-Unidos da America do Norte.

No interior da provincia, em Novembro de 1889, existiam centros republicanos em Bom Jesus dos Meiras, Andarahy, Lençóes, Riachão de Utinga, Orobó, Curralinho, Aldeia, Santo Antonio da Barra, Cruz das Almas, Cachoeira, Purificação dos Campos, Feira de Sant'Anna, além de adhesões importantes em Caetité, Cannavieiras, Barra do Rio de Contas, Jacobina, Alagoinhas, Amargosa,

Ilheus, S. Sebastião de Caetité, S. João, Riacho de Sant'Anna, Poções e outros pontos.

Em Villa-Nova formara-se um club que trabalhava com actividade e do qual faziam parte entre outros os srs. engenheiros Alexandre Góes, Austricliano de Carvalho e Sousa Carneiro.

A propaganda, pois, se fazia e marchava mesmo accelerada. Si não constituiam ainda os republicanos uma forte aggremiação politica não tardaria muito que isso se désse, porque não só a questão abolicionista enfraquecera muito o poder, como era innegavel a corrupção dos partidos que compunham as forças politicas arregimentadas do Imperio.

Eram quasi todos homens novos, instruidos ou que procuravam instruir-se: medicos, advogados, estudantes, negociantes do centro, agricultores, gente que se afastava dos partidos do Imperio por convicções, pela repugnancia que as tramoias e meios de opposição empregados por elles faziam nascer nos espiritos rectos, revoltados pelas injustiças e fraquezas que viam, sem interesses pessoaes de pescar nas aguas turvas de um dominio que se afigurava longinquo como um sonho, em geral gente honrada, sem defecções, deshonras ou indignidades no seu passado; os seus nomes acima citados, são disto as melhores provas.

No seio do novo partido formavam-se já duas correntes; uns mais soffregos e ardentes que desejavam uma revolução, a qual derrubaria a Monarchia e toda a ordem de cousas existente, porque só assim seria possivel um governo capaz para dirigir as forças da nação: outros, mais moderados, que acreditavam na evolução, querendo a propaganda lenta e confiando que a Republica viesse e se firmasse pela educação das classes, pela emenda, *sponte sua,* dos partidos monarchicos, e dos homens pela sua propria regeneração.

A' frente do primeiro estavam sempre os Srs.

Deocleciano Ramos e Cosme Moreira, a alma da segunda era o Sr. Virgilio de Lemos.

A *Republica Federal*, que fôra a principio orgam do club, sob a redacção dos Srs. Teixeira Soares, Assis Correia, Cosme Moreira, Virgilio de Lemos e Edmundo Gastão da Cunha e passou depois a ser o jornal do partido, sob a direcção dos Srs. Teixeira Soares, Virgilio Damazio, Deocleciano Ramos, Cosme Moreira e Landulpho Machado, era apenas lida pelos socios, estudantes e mais um diminuto numero de empregados do commercio, entretendo, por vezes, pequenas polemicas com o *Diario da Bahia* que combateu algumas das suas proposições. Até Novembro de 1889 o club da capital tinha 160 socios. A *Republica Federal* publicava em todos os numeros os nomes dos novos filiados, excepto dos empregados publicos e militares para lhes poupar vexames. Entre estes ultimos estava o do tenente-coronel Senna Madureira.

II

O 15 DE JUNHO

Foi a 15 de Junho que chegou á Bahia o conde d'Eu.

Governava a Provincia o conselheiro Almeida Couto, chefe do partido liberal, que assumira a administração na vespera.

O presidente foi receber o genro do imperador com o que se chama o mundo official, e o club republicano federal foi tambem receber o propagandista Silva Jardim, que devia fazer uma conferencia publica no seu club.

No dia 13 de Junho o conselheiro Luiz Affonso de Carvalho, presidente da Provincia pelo partido conservador, mandou chamar o Dr. Virgilio Damasio, chefe do partido republicano, para dizer-lhe

que tendo de passar no paquete *Alagôas* o conde d'Eu receiava que, attendendo ao incremento da propaganda republicana entre os estudantes, fizessem estes alguma manifestação de desagrado ao principe, para o que lhe pedia interferisse, afim de impedir tal facto, dando a entender que soubera haver um dos lentes da Faculdade, até então na opposição, se referido de modo menos respeitoso para com o principe na aula ou á vista de estudantes.

Declarou o Dr. Virgilio Damasio que não havia da parte dos republicanos o menor proposito de manifestar-se de modo injurioso contra o principe e sim de receber a Silva Jardim, levando-o para a redacção da *Republica Federal,* á rua das Portas do Carmo, onde o propagandista faria uma conferencia e depois ao hotel de Paris onde lhe estava preparado o almoço.

Ao descer da explicação citada encontrou o conselheiro Almeida Couto, seu collega da Faculdade, o qual lhe declarou haver recebido ordem telegraphica para assumir logo a administração da Provincia, pelo que vinha entender-se a respeito com o conselheiro Affonso de Carvalho. Accrescentou que lhe havia constado pretenderem os republicanos receber a Silva Jardim e se prepararem tambem para uma manifestação de desagrado ao conde d'Eu, o que lhe pedia com toda a insistencia não consentisse; ao que retrucou o Dr. Virgilio Damasio dizendo que tal boato era uma calumnia que se estava a propalar, pois não haviam até então os republicanos desrespeitado a quem quer que fosse; e combinaram até logo no que se devia fazer para impedir qualquer desconsideração. Como o principe, para ir á Victoria, seguiria pela rua da Montanha, resolveram que os republicanos conduzissem Silva Jardim pelo Taboão; que sendo o desembarque do conde no Arsenal, o de Silva Jardim

seria na ponte da Companhia Bahiana; e que a lanchinha em que os republicanos deviam ir buscar o propagandista não largaria da ponte emquanto não tivesse sahido do vapor o principe.

Assim cumpriu-se tudo.

Na tarde de 14, porém, realizaram os republicanos uma conferencia no adro da Cathedral, convidando o povo e os seus correligionarios para a recepção de Silva Jardim no dia seguinte.

Manda a verdade tambem dizer que boletins offensivos ao principe e aconselhando desconsiderações á sua pessoa foram espalhados nesse dia, obra, ou de algum republicano exaltado e imprudente, ou feita para servir á calumnia, e fornecer um pretexto ao motim que se preparava.

Um pouco mais tarde reuniram-se tambem os chamados chefes de freguezia do partido liberal.

Havia naquelle tempo partidos organisados e por isso tinham elles, tanto o liberal como o conservador, chefes de freguezia que representavam uma especie de commando intermedio dos proceres do partido até os seus soldados razos. Alguns destes homens tinham verdadeira popularidade e influencia nos seus districtos.

Foram estes chefes de parochia que se entenderam e combinaram definitivamente no emprego de certos meios tendentes a não deixar que o principe soffresse algum desacato, si realmente acreditavam na calumnia que se espalhara, ou a dar uma prova de enthusiasmo e reacção ultra-imperialista.

Accrescentam as versões da época que vieram de proposito para o que se pretendia fazer, magarefes do matadouro do Retiro, cortadores de baleia de Itapoan e Itaparica, e carregadores do caes, dos quaes foi realmente um, um tal Silvino, quem arrancou e despedaçou o estandarte do club nas proximidades da ponte da Companhia Bahiana.

Parece que o logar escolhido para o ataque fôra a Baixa dos Sapateiros, mas a impaciencia dos executores precipitou os acontecimentos.

Sempre foi o conselheiro Almeida Couto homem muito honesto para mandar fazer uma coisa desta ordem, e o Dr. Virgilio Damazio pensa absolutamente do mesmo modo, acreditando que foi o que se chama uma expedição de cabos de esquadra. que se aproveitaram da situação, do atabalhoamento das coisas, em consequencia da transição rapida pela qual o seu partido occupava aqui o poder e que resolveram e fizeram o que suppunham talvez um bom serviço á causa imperial.

Logo pouco depois do desembarque, nos arredores da ponte da Companhia Bahiana, um preto arrancou o estandarte do club que era vermelho, com o triangulo branco no centro e o despedaçou; d'ahi em diante não podiam os estudantes deixar de perceber que se preparava contra elles alguma hostilidade para impedir a conferencia do propagandista ou para insultal-os e amedrontal-os.

A manifestação violenta, porém, tomou aspecto ameaçador no começo da ladeira do Taboão.

O povo que cercava e acompanhava o club não era o povo pacifico que transita nos seus affazeres, mas individuos de catadura sinistra trazidos de proposito para alguma má acção. Eram dirigidos de certo por tactico perverso que deixou enfiarem os clubistas pelo primeiro lance da ladeira afim de dar começo á manifestação hostil.

Começou esta por vaias e gritos de insulto, que foram acompanhados de pedradas; já estavam postadas entre o primeiro e segundo lance da ladeira carroças carregadas de lenha e pedras, como si por acaso alli se achassem; e logo se proveram de armas os assaltantes, a cada minuto engrossados por outros que accorriam da Baixa dos Sapateiros; era gente suja, de roupa grossa,

coberta de barro e lama, com apparencia de moradores dos arredores da cidade attrahidos para aquella tarefa.

A elles se juntaram em breve os vagabundos ou desoccupados que nunca faltam onde ha uma arruaça ou tumulto, tanto mais que se via bem claramente ser garantida a impunidade do que se fizesse pelas autoridades que cruzavam os braços. Sem o medo da policia as más paixões, os grosseiros impulsos de uma plebe feroz, tão proxima de povos selvagens, como o africano e o indio, irromperam com furia e ultrapassaram em breve as instrucções da encommenda que lhes fôra feita.

Os republicanos foram ataçados com violencia.

Até o segundo lance da ladeira puderam se manter, mas dahi em deante o club debandou e uns feridos, outros esbordoados, foram-se escondendo pelas casas e lojas que encontraram abertas; alguns conseguiram fugir até a Faculdade de Medicina, onde foram chegando com as cabeças em sangue, as mãos escoriadas, os hombros cheios de contusões.

A esta noticia outros estudantes acodem e uma onda de indignação agita toda a mocidade.

Suggerem-se alvitres e entre elles predomina o de irem todos immediatamente ao palacio do governo pedir providencias. Com o estandarte da Faculdade e dois adjuntos á frente seguem para a Praça de Palacio, mas não acham alli o conselheiro Couto, que estava com o conde d'Eu, no palacete da Victoria, onde tinham ido almoçar.

O Dr. Manuel Victorino encontrou-se com os estudantes nas immediações daquella Praça e seguiu com elles, encarregando-se então de ir á Victoria levar ao conselheiro Couto, pessoalmente, o pedido de providencias urgentes.

Voltando para a Faculdade já encontraram os reclamantes as ruas innundadas por uma enorme

multidão que transbordava de todos os caminhos que vindo do Taboão desembocam no Terreiro. E' que, durante o tempo necessario para a ida e a volta dos alumnos, haviam outros estudantes conseguido se escapar dos seus escondrijos e, como as ovelhas perseguidas procuram o aprisco instinctivamente, haviam corrido para a Escola de Medicina, arrastando após elles a vil matilha que os acuava.

Em pouco o Terreiro encheu-se e a Faculdade foi atacada a pedradas; o edificio estava em obras e a sua fachada actual toda cheia de andaimes. As pedras despedaçavam os vidros do salão nobre e cahiam no meio dos que alli se achavam e si o edificio não foi invadido isto se deve ao temor que os assaltantes tinham não só de substancias chimicas que os fulminariam, como dos instrumentos de anatomia, envenenados em cadaveres e de que os estudantes estavam dispostos a se servir.

Logo no principio do ataque a porta larga do centro foi fechada e um dos alumnos que por acaso estava armado encostou o cano de um revolver á porta e disparou para fóra, obrigando a turba, que já se empurrava para a invasão, a fugir desapoderadamente até a altura do chafariz. Este facto e os dois boatos citados acima salvaram a Faculdade, mas ella permaneceu assediada pelos insultos da multidão esfarrapada que de vez em quando atirava pedras.

Isto durou todo o dia sem que as autoridades fizessem esforço serio para impedir a continuação da desordem, o que indica a sua connivencia ou a mais lamentavel fraqueza para com os assaltantes.

Uma dellas, porém, o promotor publico Dr. Augusto de Freitas, aliás filiado ao partido liberal, compareceu na escola, poz-se francamente ao lado dos que soffriam um ataque estupido e defendeu, tanto quanto póde o prestigio pessoal de uma auto-

ridade judiciaria, o edificio publico que estava sendo aggredido.

Parece que até na previsão de resistencia do pequeno grupo de republicanos haviam os organizadores do motim tomado medidas de prevenção, correndo entre o povo o boato de que viriam reforços de saveiristas para ensinar, em argumentos sensiveis, uma severa licção aos dissidentes da unidade imperial.

Factos não menos curiosos se passaram no Taboão, onde se estadeou durante muitas horas uma bravura facil, que se esgotou em explosões de fanfarrice, e que fez muita falta á monarchia, para defendel-a seis mezes depois quando nem uma só voz se levantou por ella e nem um braço se ergueu, quando por encanto desappareceu a chamada guarda negra, como gazes que se evaporam pelo calor.

Na occasião do assalto os Srs. Virgilio Damasio, Silva Jardim, Cosme Moreira e Edmundo Gastão da Cunha, estes dois ultimos estudantes de medicina, tinham-se refugiado na loja de um sapateiro ao Taboão. Retirando-se dalli um pouco mais tarde quando lhes pareceu serenado o tumulto, foram outra vez perseguidos pelo povoléo e conseguiram abrigar-se na casa n. 16, donde sahiram pelos fundos, quando ella estava a ser invadida pelos perseguidores, passando por detraz dos predios, até darem entrada, pelo quintal, na de n. 42, de onde o Dr. Virgilio Damasio enviou ao conselheiro Almeida Couto um cartão, expondo o perigo em que se achava e pedindo providencias. Tendo-se ferido em uma das mãos, manchou de sangue o cartão que tambem era tarjado de preto, por estar elle de luto.

A esse tempo o Dr. Deocleciano Ramos, que logo na occasião do ataque se separára do club e partira para a Victoria afim de reclamar e pedir

garantias para os republicanos, chegava com o chefe de policia momeado *ad hoc* Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos e os Srs. Santos Marques e José Gil Moreira, ambos conhecidos chefes politicos liberaes, o primeiro da freguezia de Brotas, o segundo da de Sant'Anna.

Refere o Dr. Virgilio Damasio dever realmente a vida ao Sr. Santos Marques quando appareceu na casa n. 42, em companhia do Sr. Manuel Caetano, chefe de policia.

Mostrando-se o Sr. Santos Marques muito incommodado ao ver naquella situação o Dr. Virgilio Damasio disse-lhe—«*Não tenha medo*»—Medo, não, respondeu o outro, mas receio bem que nos façam o que fizeram no Rio de Janeiro a Apulcho de Castro, garantido pela policia. O Sr. Santos Marques deu então o braço ao Dr. Virgilio, o Sr. Manuel Caetano a Silva Jardim, e o Sr. Gil Moreira foi ladeado pelos dois estudantes Cosme Moreira e Gastão da Cunha.

No meio de uma onda de povo que abria estreito caminho marcharam assim talvez uns duzentos metros.

Quando os gritos eram mais furiosos ou se lançava na frente do grupo algum individuo ameaçando os republicanos ou exigindo que dessem vivas á Monarchia, o Sr. Santos Marques ou o Sr. José Gil falavam-lhe com intimativa, algumas vezes pelo nome, e o aggressor se recolhia á turba. Isto, diz o Dr. Virgilio, mostra bem quem tinha mandado fazer o ataque.

Foi ainda um agente da autoridade, o tenente de policia Antonio Machado, o mesmo que devia celebrizar-se depois, em 24 de Novembro de 1891, quem entrou na casa do club e redacção da *Republica Federal*, ás Portas do Carmo, que estava preparada para a recepção de Silva Jardim, arrancou as bandeiras do Chile, Argentina, Franceza e

Suissa, espedaçou as insignias e atirou tudo pela janella á plébe apinhada em frente e que disputou estes trophéus para os injuriar.

Ainda um outro facto em apoio da mesma opinião, consiste na circumstancia de ter o Sr. Santos Marques affirmado ao Dr. Deocleciano, que podia retirar os socios do club das casas em que se achavam homisiados, porque nada lhes succederia mais. Officiaes de policia compareceram no Terreiro mais tarde, ostensivamente, por ordem do seu chefe, convidando o povo a se dispersar; mas, por um desses acasos que se encarregam tantas vezes de desmascarar as hypocrisias officiaes, foi ao mesmo tempo posta em pratica outra medida da mais comica incoherencia.

Mandaram musicas tocar na mesma praça do Terreiro como para recrear aos que se tinham prestado á *mashorca*, o que era o meio mais seguro de ter muita gente alli reunida. Aquelle apedrejamento foi o grande espectaculo do dia, que muitas pessoas vieram ver, até de logares distantes, como se fosse um espectaculo gratis. E até á tardinha assim foi: Silva Jardim que passou o dia na casa do Dr. Virgilio Damasio, á Calçada, embarcou de noite no caes da Jequitáia, acompanhado por crescido numero de seus correligionarios, alguns dos quaes o levaram até o vapor.

O Dr. Manuel Caetano, chefe de policia, naquelle dia conservou-se sempre a seu lado. A conferencia. porém, não se tinha realizado, apezar das garantias que as leis do imperio promettiam a todos.

III

OS DIAS 16, 17 E 18

Foi durante a noite de 15 para 16 que se soube aqui da revolução militar que rebentara no Rio na manhã de 15.

O Dr. Manuel Victorino recebeu pela madrugada um telegramma em que era nomeado pelo governo provisorio governador do Estado da Bahia e foi communicar isto ao presidente Almeida Couto, o qual, tendo a certeza de que tinha havido realmente grave movimento na capital, mandou convidar as pessoas que exerciam cargos officiaes e mais importantes pela sua posição politica, sem preoccupação de partidos, para uma reunião em sua secretaria. Pelo meio do dia alli se reuniram e, no grande salão que noutro tempo havia no palacio, expoz em pé, no meio de um grande circulo de homens attentos e commovidos pela novidade do caso, o que sabia da revolução, não dizendo aliás que já tivera o governo provisorio feito escolha de um delegado para administrar a Bahia. Neste discurso nobre e simples elle fez appello a todos para a manutenção da ordem e da lei, accrescentando que o general Hermes da Fonseca, commandante das armas, lhe havia feito saber, que a sua espada seria sempre fiel ao governo constituido, ao qual havia jurado bandeira, e que nestas condições esperava prompto no seu quartel para desembainhal-a, em perfeita solidariedade de vistas com o presidente, como elle dedicado á monarchia.

A essa reunião em palacio compareceram e nella tomaram parte, falando, os Srs. Innocencio Góes, barão de S. Francisco, Arthur Rios, Carneiro da Rocha, Augusto França, Ramos de Queiroz, Carlos de Carvalho, etc.

Todos esses discursos terminaram por dythyrambos ao imperalismo, por votos de dedicação eterna e protestos de inexcedivel resistencia. Resolveu-se, pois, enviar um telegramma de protesto contra a sedição, e de fidelidade á monarchia constitucional que o illustre jurisconsulto Dr. Augusto França ficou encarregado de redigir.

Este documento perdeu-se; foi rasgado em pequenos pedaços, os quaes ficaram esparsos pelo chão e foram procurados cuidadosamente no dia seguinte por interessados em fazerem desapparecer as assignaturas que havia recebido, e que suppunham naturalmente pudessem servir de obstaculo ás suas fortunas na Republica, pois, nos primeiros dias se pensava que houvesse mudança radical dos homens e coisas e que a retratação e abandono dos compromissos e juramentos fossem coisas pelo menos notadas e reprehendidas.

O conselheiro Almeida Couto recebera do general Deodoro um telegramma nos seguintes termos: «Dr. Almeida Couto—Como chefe do governo provisorio faço appello patriotismo V. Exa., povo e guarnição da Bahia, afim de respeitar governo constituido pelo exercito e armada, povo desta capital, já apoiado por muitas Provincias.—*Marechal Deodoro*».

O presidente Couto respondeu:—«General Deodoro.—O povo bahiano, representado pelas diversas classes sociaes, reunidas hoje em palacio, sem distincção de partidos politicos e animado de ardente patriotismo deliberou que se faça patente á Nação inteira que a Bahia, fiel á constituição e ás leis, aguarda nas actuaes circumstancias com firmeza e tranquillidade as deliberações dos poderes legalmente constituidos—*Presidente da Provincia*».

Bellas palavras que não foram sustentadas por 24 horas apenas!

Pelas tres horas da tarde reuniu-se de novo muita gente na secretaria do palacio e o presidente Couto, de accordo com as manifestações que lhe chegavam, enviou este outro despacho:—«General Deodoro da Fonseca—Como presidente da Provincia e em nome do povo bahiano, reunido espontaneamente e por muitos representantes de diversas classes sociaes, sem distincção de partidos poli-

ticos, sob inspiração ardente patriotismo, declaro respeitar e manter a constituição e as leis do Imperio.—*Almeida Couto*».

Muitas pessoas, Associação Commercial á frente, adheriam a estas promessas e affirmações de resistencia. Esta gente toda devia ainda adherir outra vez, 48 horas depois, mas em sentido contrario, pela submissão á Republica e foi a que falou, proclamou, visitou os governadores e applaudiu, porque o povo esteve sempre frio e extranho a tudo, apenas curioso, o que aliás não se póde allegar tambem como coisa que o honre.

Começaram até a se entender sobre os meios praticos de levar a effeito a projectada resistencia. Falava-se na organisação da força da policia em corpo de exercito e na formação de uma brigada com voluntarios do Reconcavo.

Apontava-se já o barão de Sergy, veterano do Paraguay, onde servira com bravura, para commandar estas forças da contra-revolução.

A ouvir todos estes homens era preciso ser realmente muito sceptico para crer que não fossem sinceros e admittir que dentro em pouco tempo estivessem, por fraqueza, irresolução, medo e interesse, a pretender e solicitar na Republica as posições que tinham até ahi e as que desejavam ainda, acceitando sem mais protestos aquillo que tinham repellido com tão fingida colera.

Muito pela sua vontade, deviam em breve vir rogar que lhes fosse imposta a humilhação que o genio orgulhoso de Roma lançara pela bocca do celebre bispo ao barbaro ajoelhado—«Curva a cabeça, altivo sicambro, d'ora em deante detesta o que adoraste; adora o que desprezaste!»

O general Hermes telegraphou ao commandante do destacamento de linha em Sergipe ordenando a resistencia, assim como a todas as guarnições do Norte até Manáus.

Na camara municipal não foi menos curioso o que se passou. Abrindo a sessão extraordinaria que havia convocado o Dr. Augusto Guimarães, presidente, diz não carecer repetir o que se acabava de passar na secretaria do governo onde os cidadãos mais respeitaveis se tinham manifestado pela ordem de coisas estabelecida pela constituição do Imperio e depois de extensas considerações, todas no sentido da resistencia á revolução, termina propondo que a camara se declare francamente por ella, enviando uma mensagem de solidariedade ao presidente da Provincia, e publicando um manifesto.

O Sr. Francisco Pires, no fim de um discurso extremamente monarchista, propoz tambem que a camara proclame ao povo só reconhecendo como legitimo o governo de sua majestade o imperador.

O Sr. Innocencio Góes, depois de fazer graves referencias aos factos que se estavam passando no Rio de Janeiro, propoz que tambem se telegraphasse ao presidente da camara dos deputados, assim como a todos os jornaes da Côrte e das Provincias assegurando-lhes que a Bahia se mantém fiel ao governo do imperador.

Deve-se dizer em honra destes dois cidadãos, que foram coherentes com as suas idéas porque as tinham sinceramente; que não procederam deste modo porque os outros procediam, fazendo dois dias depois o contrario porque os outros fizeram.

Não voltaram mais lá, nem para annullar em 18 o que haviam resolvido a 16 e proclamar o Dr. Virgilio Damasio, nem no dia 26 para render a homenagem do cumprimento ao Dr. Manuel Victorino.—Conservaram-se afastados da ordem de coisas que haviam maldicto, um até a morte, o outro até agora.

Todas as propostas acima foram unanimemente approvadas por acclamação. A mensagem dizia:

—«Paço da camara, 16 de Novembro de 1889. —Illm. e Exmo. Sr.—A camara municipal desta cidade, reunida hoje em sessão extraordinaria, resolveu por unanimidade officiar a V. Ex. apresentando-lhe os seus sentimentos de fidelidade á causa da Monarchia e das instituições vigentes. Agora que chegam da Côrte noticias dos graves acontecimentos que alli se estão dando, é dever da camara rodear de todo o apreço a cadeira exercida por V. Ex. como delegado do governo legitimo, e protestar contra o acto de assalto que constituiu o intitulado governo provisorio.

Illm. e Exmo. Sr. Dr. J. L. de A. Couto. M. D. presidente da Provincia.—*Augusto Guimarães*, presidente, *I. Góes, Antonio José Rodrigues, F. Pires de Carvalho, João R. Germano Filho, João S. da Silva Seixas, Luiz José da Silva*, Dr. *Bellarmino P. da Costa, Manoel Moreira de Carvalho e Silva, F. Luiz de Azevedo*, Dr. *José Baptista Gonçalves, Manuel Joaquim Cafeseiro*, Dr. *Virgilio Cesar de Carvalho*».

Aos jornaes do Rio, foi endereçado o seguinte:

«A camara municipal da Bahia protesta contra a tyrannia militar, que, sob o nome de governo provisorio, se estabeleceu na Côrte e affirma sua completa adhesão ás instituições e ao imperador. Provincia da Bahia, não adhere movimento illegal e tumultuario, imposto pela força, e, ao que parece, acceito pelo terror. Peço que communique todas as folhas.—*Augusto Guimarães*.—16 de Novembro de 1889».

Foi tambem lavrado o manifesto pelo Dr. Augusto Guimarães, que está aqui escripto, pelo proprio punho de seu autor e que não chegou a ser publicado e vai annexo.

No dia 15 á noite, o coronel Frederico Christiano Buys, commandante de um dos batalhões da

guarnição da cidade, o 16.º de infantaria, recebeu noticia da revolução.

O coronel Buys era um republicano convertido ha tempos, que não podia manifestar os seus sentimentos, segundo costumava dizer, por ser soldado.

Logo que se soube do movimento, ou procurou entender-se com o governo provisorio ou recebeu communicação do Sr. Benjamin Constant, no sentido de apoio á causa da republica, pois, na manhã de 16 mandou elle cartas aos Srs. Virgilio Damasio e Deocleciano Ramos, os homens mais em relevo do partido republicano, convidando-os para uma conferencia no quartel do 16.º, ás 11 horas do dia.

Não tendo chegado á essa hora o Dr. Virgilio Damasio, que compareceu depois, realizou-se esta reunião sob a presidencia do Sr. Deocleciano Ramos, combinando-se entre o commandante, officiaes e os republicanos que o batalhão ficava desde aquella hora ao serviço da revolução; que alguns officiaes pernoitariam naquella noite no quartel do 9.º batalhão de infantaria, cuja officialidade ainda não estava toda resolvida a se unir aos camaradas do Rio e cujo commandante, o major Francisco de Paula Argollo, era muito ligado ao marechal Hermes, cujas opiniões monarchistas eram conhecidas; que o batalhão sahiria para depôr o presidente da Provincia e proclamar a Republica, prendendo o general Hermes, si resistisse.

Resolveu-se tambem que o coronel Buys communicasse tudo isso ao governo provisorio e que o quartel serviria de logar de reunião e refugio aos republicanos e estudantes no caso de qualquer tumulto.

Era a mesma hora em que o presidente Almeida Couto ouvia os protestos fervorosos dos monarchistas que reunira, recebia a affirmativa do marechal Hermes de que a sua espada continuava fiel ao

imperio e que o Dr. Augusto França era encarregado de escrever o manifesto que desappareceu.

Tendo recusado falar na reunião dos chamados notaveis, apezar das solicitações dos Drs. Alfredo Britto e Braz do Amaral, o Dr. Manuel Victorino sahiu com este ultimo e mostrou-lhe o telegramma do governo provisorio que o encarregava da administração do Estado da Bahia. (Já foi assim denominada a Provincia naquelle documento).

Ao chegarem ao Largo do Theatro encontraram-se com o Dr. Virgilio Damasio que vinha do quartel do 16.°, o qual disse as graves resoluções que se acabavam de tomar alli, informando tambem que o imperador tinha embarcado ou ia embarcar para o extrangeiro, o que tirava aos monarchistas todas as esperanças, accrescentando que isto mesmo ia dizer ao conselheiro Almeida Couto.

Ao passar, porém, pela casa do Dr. Deocleciano Ramos entrou alli e este dissuadiu-o de fazer tal, entendendo ser preferivel deixal-o proceder como quizesse.

Pelas tres horas da tarde grande ajuntamento havia em frente do palacio, e o tom geral e animado das conversas era o da resistencia imperial.— Falava-se nos 500 homens que, segundo se dizia, um cidadão offerecera, assim como no dinheiro que outro tambem propuzera fosse tomado aos bancos para as despesas da guerra.—Ambos occuparam pouco depois cargos importantes na politica da Republica. Commentava-se com enthusiasmo a attitude nobre pela fidelidade ao throno do general Hermes e accrescentava-se que telegrammas vindos de Pernambuco para o conselheiro Almeida Couto annunciavam que naquella Provincia tambem não se acceitava a tyrannia da tarimba que por surpresa se apoderara do Rio de Janeiro.

Boatos começavam a correr de embarque do imperador; mas, dizia-se que era para aqui que elle

vinha com sua filha entregar á lealdade da terra tradicional da patria, pelos feitos da Independencia, sua velhice immaculada e a herdeira do throno, fonte por onde se perpetuaria a dynastia.

Como sempre acontece em taes casos, o ridiculo se misturava á tragedia e a nota comica do facto consistia na importancia com que pobres empregados subalternos falavam com pé de egualdade nos membros desta estirpe regia que viria para o meio de *nós* e que *nós* protegeriamos. A esta ternura do povo correspondia noutros mais altamente collocados lampejos de ambições rapidamente esboçadas na mente; e como em torno de Pompeu nos acampamentos da Macedonia, já se disputava sobre o governo das Provincias, transpareciam em muitos rostos sombras dos sonhos que aninhavam pela posse dos grandes cargos e das posições lucrativas, faceis e bôas.

Entretanto em resposta ao seu telegramma da manhã recebia o coronel Buys á tarde o seguinte despacho:—«Governo provisorio fortemente constituido. Reconheçam governador Manuel Victorino.» Uma praça levou logo este telegramma á casa do Dr. Deocleciano Ramos, onde se achava o Dr. Virgilio assim como outros republicanos.

Si bem que fosse dolorosa para elles esta nomeação porque recahia em um homem que não era do partido, e apezar do protesto logo formulado com a costumada vehemencia por Cosme Moreira, Silvino Moura, etc., resolveram todos se dirigir á casa do Dr. Manuel Victorino, pôrem-se ao seu lado sem reservas, porque não eram elles que deviam levantar o primeiro obstaculo á Republica, e resolver com elle sobre a sua acclamação immediata e a proclamação da Republica. Seriam cerca de 5 horas quando chegaram á casa do Dr. Victorino, em Nazareth.

Este respondeu que recusava á tarde como já

tinha recusado pela manhã; nesta occasião chegou um telegramma do Dr. Ruy Barbosa sobre o assumpto e elle pareceu ficar abalado, resolvendo-se a ir com os outros ao quartel do forte de S. Pedro.

Para isso tomaram um bonde em que seguiriam juntos, saltando Deocleciano, que ficou na Mouraria, onde se foi entender com o commandante da policia, Durval Vieira de Aguiar, sobre a attitude desta força. Quando chegaram ao forte de S. Pedro, o Dr. Manuel Victorino declarou que ainda precisava entender-se com o Cons. Couto, dirigindo-se para a Victoria com o Dr. Braz do Amaral. Alli se achavam no grande salão do andar terreo os Srs. Carneiro da Rocha, Monteiro de Carvalho, Araponga e muitas outras pessoas, quasi tudo o que havia de mais importante ou interessado no partido liberal.

Encostados á grade do terraço conversaram os dois por muito tempo e quando sahiu o Dr. Manuel Victorino, disse ao seu companheiro, estar o Cons. Couto convencido da importancia da revolução do Rio e da impossibilidade de resistir. Quanto ao cargo de que o queriam investir, respondeu ainda não estar resolvido a acceital-o.

Em casa do Dr. Pacifico Pereira, ao Campo Grande, para onde vieram, compareceu pouco depois o coronel Buys, o capitão Sarmento e um outro official. O coronel Buys estava perfeitamente sereno e discorria sobre os factos como si estivesse dando o detalhe do seu batalhão. A' pergunta do que faria si houvesse qualquer motim expoz as medidas que executaria, tendo completa segurança de que com a sua pequena força manteria a paz, a ordem, e venceria tudo.—Ao ouvil-o occorria o pensamento de que aquelle homem commandava um exercito. Pouco depois o Dr. Manuel Victorino escreveu uma carta ao Dr. Virgilio Damasio, que estava no quartel, dizendo-lhe que não podia tomar

posse da administração antes de receber a resposta de um telegramma que mandara para o Rio.

Ouviam-se de fóra da velha fortaleza os gritos da proclamação.

Seriam seis horas da tarde. Os officiaes e soldados arrancaram dos kepis a corôa, insignia imperial, e tendo á frente a musica, o coronel Buys, os Srs. Virgilio Damasio, Deocleciano e muitos republicanos percorreram todas as ruas do quartel, dando vivas á Republica. Estavam alli quasi todos os 160 socios do club e quasi todos os estudantes de medicina e todos fraternizavam, saudando com enthusiasmo e esperança a nova éra da grande patria querida.

Encontrado o Dr. Virgilio Damasio pelo Dr. Braz do Amaral foi prevenido de que se preparava um motim, á semelhança do de 15 de Junho, para amedrontar os republicanos, de accordo com as idéas de resistencia correntes durante o dia na praça de Palacio. Elle, porém, não acreditou.

Estava exaltado e com a sua costumada generosidade dizia em voz alta.«—E para que? Elles nada mais farão porque o imperador já embarcou. Qual 15 de Junho. Agora não ha mais pretexto sequer! A Republica está feita e felizmente sem luta.»

Desgraçadamente, porém, não era uma prevenção vã.

A propaganda republicana não chegára a ser popular, e após os factores de 15 de Junho não era raro ouvir entre o povo baixo explosões de odio e chacota referentes a *estes sujeitos dos canos*, o que não deve admirar ao reflectir que se tratava de um meio em que é difficil encontrar discernimento e razão pelo proprio raciocinio, como o hão de confessar todos os que o conhecem e quizerem falar delle sem o pretenderem explorar ou lisonjear.

Açulados uma vez contra os republicanos haviam-se habituado muitos da arraia miuda a jul-

gal-os sempre como caça facil e bôa para a voracidade, em que seria objecto de galhofa e goso ir dando de vez em quando algumas dentadas.

Deve-se lembrar tambem, para a explicação deste odio, que os inimigos dos republicanos espalhavam entre o povo não só que a Republica revogaria a lei de 13 de Maio, reescravizando os libertos, como que, após ella não exerceriam mais posições e empregos civis ou postos militares os homens de côr, como acontecia na America do Norte.

Quando os republicanos, após a proclamação no quartel, chegaram ás ruas da freguezia da Sé, quasi todos em bonds, e alguns estudantes em grupos, romperam insultos e pedradas de grupos de populares que de ordinario estacionam pelas esquinas daquella zona. Seguiram-se bordoadas e tiros de revolver; alguns dos bonds foram assaltados pelos arruaceiros e as chamadas republicas, moradas de estudantes, foram tambem invadidas, sendo em algumas, principalmente numa que existia á rua do Bacalhau, despedaçado o que possuiam os moradores, como malas, camas, mesas etc., objectos que segundo o processo já empregado pelo tenente que varejara a redacção da *Republica Federal*, em 15 de Junho, foram todos atirados em estilhaços para a rua.

Populares, partidos sempre das ruas altas da freguezia da Sé, começaram a dar gritos e a commetter tropelias, invadindo tavernas e fazendo correrias, procurando depois as casas dos estudantes para repetir os factos de 15 de Junho. Atraz da gente que assim procedia por sentimentos monarchicos ou porque fosse mandada, marchava, como em toda a parte, em occasiões semelhantes, mesmo em meios mais civilizados, o que se chama as fézes das cidades, os ratoneiros, perversos e vadios que surgem sempre por encanto onde não está a força

da lei que os persegue, a qual se achava toda no quartel de promptidão. Foi esta parte dos manifestantes que se exaltando cada vez mais, passou a matar e a ferir, prostrando por terra, assassinado, um homem que se achava sentado a uma porta na ladeira da Praça.

Serviam-se para isto de um degenerado alcoolico que tinha uma alcunha grotesca, susceptivel de exacerbar o seu delirio por doses novas de toxico e dotado nestes accessos de uma eloquencia sanguinaria e vehemente; era elle quem reunia os desoccupados das classes infimas da plebe e capitaneava os manifestantes anti-republicanos desde o 15 de Junho.

Um numeroso grupo foi á noite ao largo de Nazareth e pretendeu assaltar a casa do Dr. Manuel Victorino.

Ouvidos gritos, ameaças e pedradas foi dada participação pelo telephone ao quartel de policia donde veio á pressa uma força de infantaria, a tempo de impedir que fossem arrombadas as grades do jardim.

Nesta noite a cidade dormia entregue á perfeita acephalia da autoridade e possuida de sobresaltos nas suas freguezias mais centraes.

Urgia sahir desta situação: sentiam-no todos; os republicanos muito ameaçados e sobre os quaes ninguem sabe o que cahiria; o coronel Buys, homem de acção e energia, e os estudantes, em geral refugiados no quartel do 16 de infantaria.

Pelas 11 horas do dia 17 o Dr. Virgilio Damasio foi á casa do Dr. Manuel Victorino, o qual continuava á reluctar em assumir a administração porque entendia que a elle, Virgilio Damasio, era que competia este cargo por causa da sua co-participação e responsabilidades na propaganda, e porque se achava assediado pela familia, que insisten-

ttemente lhe pedia não acceitasse, inclusive seu velho pai, a quem não queria desgostar de modo algum.

Resolveram, após longa conferencia, que se procederia logo á proclamação da Republica e que o coronel Buys, então nomeado commandante das armas por telegramma, ficaria provisoriamente exercendo a autoridade civil. Quando se preparava o coronel Buys para isto, chegou um outro despacho, nomeando governador interino o Dr. Virgilio Damasio.

Havia até ahi o coronel Buys arrostado todas as difficuldades e perigos da posição que assumira, sendo até nomeado commandante das armas.

Esta nomeação, porém, foi ephemera.

Contra o que se esperava, o marechal Hermes resolveu no dia 17 tambem se pronunciar pela Republica. Foi o capitão Tranquilino Borburema, seu ajundante de ordens, quem se apresentou na praça em frente ao quartel do 16.°, já sem a corôa no bonet, dizendo vir da parte do general trazer a sua adhesão. Ella foi annunciada á guarnição nos seguintes termos.

ORDEM DO DIA

Foi esta a ordem do marechal commandante das armas desta então Provincia, em 17 de Novembro de 1889, adherindo á nova fórma de governo:

«Commando das armas da Provincia da Bahia. — Quartel-general da cidade de São Salvador, 17 de Novembro de 1889.

Ordem do dia n. 539. Em 15 do corrente mez na Côrte, os corpos do exercito, armada, policia e bombeiros, alli existentes, e o povo depuzeram o ministerio presidido pelo Sr. visconde de Ouro Preto, proclamaram a Republica e constituiram um governo provisorio.

S. majestade o imperador não poude organisar

novo ministerio, que, em nome da Monarchia, governasse o paiz.

A' vista de taes noticias o marechal de campo commandante das armas, recommendou aos corpos desta guarnição toda abstenção e que se mantivessem em seus sentimentos de adhesão ao monarcha, aguardando o desenlace fatal do movimento.

Hoje, ao meio-dia, o mesmo marechal de campo recebeu um telegramma abaixo transcripto, communicando a partida da familia imperial para a Europa, ficando assim extincta a dynastia imperante: e, portanto, adoptado no paiz o regimen republicano.

Em consequencia, pois, o marechal de campo, agradecendo aos Srs. commandantes e officiaes dos corpos a isenção, disciplina e lealdade que tiveram durante estes ultimos dias, os convida para comsigo prestarem adhesão e obediencia ao governo provisorio republicano, sob a presidencia do Exm. Sr. marechal de campo Manuel Deodoro da Fonseca.

São mantidas todas as ordens estabelecidas.—(Assignado) *Hermes Ernesto da Fonseca.*»

Pela uma hora da tarde do dia 17 na praça que se estende em frente ao fôsso que havia junto ao portão da fortaleza de S. Pedro, quartel do 16° de infantaria, subiu o Dr. Virgilio Damasio a um banco e cercado pelo coronel Buys, officiaes, republicanos e estudantes proclamou a Republica e foi tambem acclamado governador.

Os tres vivas:—Viva a Republica brasileira;—Vivam os Estados-Unidos do Brasil:—Viva o Estado da Bahia;—foram correspondidos por longos e energicos applausos.

A banda de musica do batalhão tocou a *Marselheza*, os soldados brandiram as armas e seguiram todos até o Terreiro, onde o coronel Buys,

que fôra encarregado de manter a ordem, annunciou que a Republica estava proclamada.

O povo assistiu a tudo isto mudo e indifferente, como si não fossem os seus destinos que se mudavam. Havia muita gente na rua para ver a passeata militar, mas o povo que delira em gritos pelo carnaval não gastou as forças nem enrouqueceu em protestos e applausos, contraste que pode servir para medida do estado do seu espirito pelo que diz respeito ás coisas serias e graves.

A Republica não tinha popularidade!

A Bahia deve a um só homem, á sua decisão, energia e firmeza a Republica sem sangue, a ordem e a paz.

E quem sabe si sem elle, sem o seu pronunciamento a 16 não teria abortado a propria revolução de 15 de Novembro?

Com uma perspicacia que nem todos os militares possuem o coronel Buys tinha a intuição do que é o povo, insolente quando se sente temido, humilde, subserviente até adivinhar as vontades de um senhor quando lhe percebe a mão decidida e forte.

Patrulhas de carabinas carregadas sahiram do quartel do 16° e foram estacionar nas praças e logares concorridos e suspeitos.

A attitude da tropa não era de provocação mas de sombria decisão.

Bastou isto.

Todos os que se haviam mostrado tão bravos e affoitos em 15 de Junho, todos os magarefes, saveiristas e desordeiros dos districtos centraes ou suburbanos sumiram-se, como si a terra os tivesse engulido.

A Baixa dos Sapateiros, que tinha sido o theatro dos factos do 15 de Junho, e onde tantas bravatas se tinham apregoado naquelle dia, e de então em deante, ás 9 horas da noite era um deserto onde

apenas tres soldados se viam no meio do pequeno largo com as mãos apoiadas nos canos das espingardas.

Agitadores e instrumentos dos motins, dos espancamentos de outr'ora parecia terem sido exilados com a Monarchia, que a essa hora corria pelo mar, caminho da terra extrangeira.

Tendo-se dado os acontecimentos que foram narrados era desejo dos republicanos que o Dr. Virgilio Damasio fosse nomeado governador effectivo e neste sentido fizeram pedido ao governo provisorio, do qual teve conhecimento o Dr. Manuel Victorino.

Tomaram-se neste dia medidas para a posse do novo governo, marcada para o seguinte, e o Dr. Deocleciano que substituira no cargo de secretario o Dr. Ponciano de Oliveira, por escrupulos honrosos deste, fez os respectivos convites.

O conselheiro Almeida Couto, á vista do desapparecimento do governo do qual era delegado e do abandono de todos que lhe affirmavam na vespera apoio para a resistencia, deixou o palacio da Victoria e retirou-se com dignidade para a sua casa ao Caquende.

A' 1 hora da tarde, pois, de 18, perante uma grande multidão, na sala da camara municipal, o Conselho deu posse e proclamou o primeiro governo da Republica.

Na cabeceira da mesa de trabalho, do lado da Praça, prestou sobre o Evangelho juramento o Dr. Virgilio Damasio ajoelhado sobre uma almofada.

Em falta de formula jurou fidelidade á Republica e empenhar todos os seus esforços para bem cumprir o seu mandato. Levantando-se depois convidou o presidente e outros membros da camara a jurarem tambem, o que elles fizeram repetindo— Assim o juro.

E' o seguinte o termo da posse do governador interino:

TERMO DE JURAMENTO E POSSE DO GOVERNADOR INTERINO DA BAHIA

«Termo de juramento e posse do Exmo. Sr. Governador do Estado da Bahia para servir interinamente. Aos dezoito dias do mez de Novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, sexagesimo oitavo da independencia, nesta leal e valorosa cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, perante a camara sob a presidencia do sr. Dr. Augusto Alvares Guimarães, compareceu o Exmo. Governador do Estado da Bahia, Sr. Dr. Virgilio Climaco Damasio, para prestar juramento e tomar posse do governo deste Estado—juramento este que prestou, entrando na dita posse. E nada mais havendo a tratar fiz a presente, que vai assignada pelo Exmo. Sr. Govenador e pela Camara. E eu Bellarmino Soares de Andrade a escrevi na qualidade de secretario da Camara. (Assignados) Dr. Virgilio Climaco Damasio, Augusto A. Guimarães, Manuel Moreira Carvalho Silva, João Lourenço de S. Seixas, Dr. Bellarmino Passos da Costa, Luiz José da Silva, Francisco Luiz Azevedo.»

Para comprehender como proclamava a Republica e jurava fidelidade a ella o mesmo conselho municipal, que quarenta e oito horas antes resolvera apoiar o imperio e resistir a ella, é preciso contar o seguinte.

Pouco antes da posse referida reuniu-se a municipalidade e presentes os Srs. Augusto Guimarães, João Seixas, Francisco Azevedo, Virgilio de Carvalho, Bellarmino Costa, Baptista Gonçalves, Cafezeiro, commendador Moreira e Luiz José da Silva, o presidente, depois de recapitular os factos pas-

sados, declarou não ter cumprido as determinações tomadas no dia 16, por terem ficado mudas e inactivas as grandes corporações do Estado e por terem cedido á força das circumstancias os grandes do imperio, por ter a municipalidade do Rio acclamado o governo provisorio, por ter-se o imperador resignado á sua sorte e se achar disposto a sahir do paiz.

Porque, por outro lado, os que se declararam tão profundamente monarchistas cediam ás exigencias da opinião nacional, o que tornava impossivel e inutil qualquer tentativa de resistencia e porque o governo provisorio na sua proclamação promettia que o paiz se governaria e porque a camara devia considerar que a fórma de governo era um meio e não um fim. Por tudo isto propunha que a camara tambem adherisse á Republica, proposta que foi tão unanimemente approvada como as do dia 16.

Após isto convidara ainda o presidente a camara afim de que á 1 hora da tarde se reunisse para receber o juramento, dar posse e proclamar o governador provisorio acclamado Dr. Virgilio Climaco Damasio.

Como se vê, não era invocada para justificar aquelle grave repudio de opiniões expendidas na ante-vespera alguma poderosa razão que se articulasse contra a Monarchia—como um crime de alta traição, o derramamento inutil do sangue brazileiro, violação expressa da Constituição e leis fundamentaes do paiz, ou conluio com o extrangeiro de que resultasse humilhação, guerra e invasão. Tambem não foram citados os motivos pelos quaes se julgava agora preferivel uma fórma de governo contraria áquella que se havia promettido manter, pois nem sequer foram apontadas as vantagens politicas, sociaes e economicas em que se devia ter baseado tal mudança de opiniões, pois não se coadunam com a moral e a consciencia de homens livres e coherentes

com o que tinham resolvido havia 48 horas apenas, os argumentos apresentados, tanto mais que exerciam elles, os camaristas, um poder essencialmente popular, e portanto independente do governo do Rio de Janeiro, fosse elle qual fosse.

Tem-se procurado depois dessa época justificar este procedimento da camara, assim como de todos os mais que se desdisseram em tal occasião e não se mantiveram com a coherencia e firmeza que deviam ter; mas a suspeita sinistra que acode ao espirito, principalmente quando a reflexão lembra as immensas expansões de consideração, dedicação e quasi ternura prodigalizadas ao imperador Pedro II, quando voltara pouco antes da Europa, é que si se tratasse do allemão ou do americano que nos apparecesse impondo taes retractações e mudanças de opinião, depois de uma victoria, é de receiar que tambem, outra vez, todos, camaras, juizes, generaes, imprensa, funccionarios, arrastando atraz de si um povo inerte, sem convicções e sem iniciativa, sem coragem e estimulos nobres, resignado a todas as dominações como o da India e do Egypto, tudo, todos, acompanhariam o novo dominador e occupante, achando tambem ainda depois palavras para desculpar a propria felonia e fraqueza.

Na vespera tinha sido espalhada a seguinte proclamação assignada pelo governador do Estado da Bahia, sem que se possa hoje por ella affirmar si foi escripta pelo Dr. Manuel Victorino ou pelo Dr. Virgilio Damasio:

PROCLAMAÇÃO

«Cidadãos:—O exercito e a armada depondo o ministerio, constituiram governo provisorio, ao qual tem adherido a camara municipal da Côrte, diversas Provincias e grande parte das populações.

A proclamação da nova fórma de governo é um

facto consummado, contra o qual só poderá reagir quem queira provocar uma luta sangrenta, sem vantagem para o paiz e com o maior perigo para todas as classes interessadas, na plena garantia de vida e de prosperidade.

Todo o empenho dos bons cidadãos deve ser, neste momento, velar pela ordem publica.

Assumindo o governo da Provincia, proponho-me com o auxilio de todos os patriotas a fazer, primeiro que tudo, respeitar a tranquillidade desta capital, manter a inviolabilidade do domicilio e a segurança individual e dos bens, e promover a felicidade da Provincia.

Todos os encargos da Provincia serão escrupulosamente respeitados; todos os funccionarios publicos serão conservados nos seus logares, salvo exoneração solicitada ou ulterior abuso de confiança.

O novo governo não considera de sua indole, nem reputa necessario á sua estabilidade, qualquer movimento de reacção.

Appello para o commercio, industrias, classes liberaes, operarios, artistas, emfim para todos os elementos de vida, de trabalho, de ordem e prosperidade, e entrego ao seu nunca desmentido patriotismo o presente e o futuro do Estado Federado da Bahia.

Bahia, 17 de Novembro de 1889.—*O governador do Estado da Bahia*».

Depois de proclamar a Republica a 17, recebeu o Dr. Virgilio Damasio um telegramma do Sr. Ruy Barbosa em que este lhe pedia acceitasse a nomeação interina até que o Dr. Manuel Victorino assumisse a administração.

Este telegramma causou grande desagrado entre os republicanos que já se começavam a chamar historicos para distinguil-os dos que, havia 24 horas, se entregavam á faina apressada de adherir.

Asseguram tambem que o Dr. Manuel Victorino recebera um outro despacho em que lhe diziam tomasse logo posse do governo do Estado, por não inspirar confiança o Dr. Virgilio Damasio.

O Sr. Ruy Barbosa appellava para as relações particulares de amisade que os uniam.

Começaram a chover os protestos de adhesão do interior; uns mais honestos, dos primeiros dias, outros covardes, só expedidos quando a situação não deixava mais duvidas sobre a felicidade do pronunciamento. Muitos individuos dos que assim se levantavam pela Republica não tinham desta fórma de governo a mais leve noção. Em Caetité, por exemplo, um grupo soltou todos os presos da cadeia, onde havia criminosos graves, por supporem que na Republica não se castigavam os ladrões e assassinos. Aqui mesmo na capital entre muita gente era confusa a distincção entre a Republica e a Anarchia.

Em Nazareth os Srs. José Marcellino, Alexandre F. Maia Bittencourt e Adriano Francisco dos Santos promoveram a proclamação da Republica; em Camamú o Dr. Alfredo Martins faz a mesma coisa. Em Alagoinhas foi numa reunião popular que se manifestou o sentimento de adherir á Republica. Em Villa Nova da Rainha o Dr. José Gonçalves da Silva tambem pronunciou-se no mesmo sentido com o partido conservador. As camaras municipaes de Ilhéus, Valença, Villa da Barra do Rio de Contas, Abbadia, Alagoinhas, Santo Amaro e Maragogipe, foram mandando as suas mensagens de solidariedade com o facto consummado, seguindo depois as da Feira de Sant'Anna, Camamú, Alcobaça, Viçosa, Serrinha, Itaparica, Santo Antonio de Jesus, Belmonte e Cachoeira.

No dia 22, recebeu o Dr. Virgilio Damasio uma communicação do Dr. Manuel Victorino, avisando-o

de que pretendia no dia seguinte tomar posse do logar para o qual fôra nomeado. Assim se fez.

Com grande concurso de pessoas de todas as classes realisou-se esta ceremonia na camara municipal, parecendo aos homens de crenças puras e aos patriotas que se ia abrir um mundo novo pelo congraçamento de todos os partidos, e pelo impulso que todas as coisas sentiriam no regimen que ia agora entrar na sua phase fecunda. O governador pelo seu peregrino talento, pelas idéas avançadas que professava na vanguarda do partido liberal, signatario, com o Sr. Ruy Barbosa, do celebre voto em separado, apresentado no congresso daquelle partido, do qual andava ha tempos divorciado em muitos assumptos, parecia á bôa parte dos cidadãos o homem fadado para dirigir a Bahia na vida nova em que enveredava.

No dia 25 os Drs. Manuel Victorino, Virgilio Damasio, Deocleciano Ramos e coronel Buys percorreram a cavallo as ruas da cidade á frente de todas as tropas da guarnição formando uma brigada: e ao terminar esta passeata, em frente ao quartel do 16.°, o Dr. Manuel Victorino falou ao povo e aos soldados. Começou então o seu governo.

Dos republicanos só o Dr. Silvino Moura se levantou contra esta nomeação, publicando nos jornaes o seu protesto; os outros se resignaram, procedendo com disciplina e espirito de ordem, como raras vezes acontece em taes circumstancias, conservando-se á distancia, mas sem augmentar com uma dissidencia funesta as grandes difficuldades com que o governo ia lutar; de modo que, em Abril do anno seguinte, quando elle acabou, podiam dizer que a primeira administração da Republica se fundara e desapparecera sem elles.

CONCLUSÕES

Os factos que acabamos de vêr foram, como é logico, consequencia ou effeitos de outros e delles tambem haviam de decorrer por seu turno ainda muitos outros.

Um mal de incalculaveis consequencias foi a dissolução do partido republicano logo depois da proclamação.

Si bem que pareça redundancia um partido republicano na Republica, era elle necessario porque a comprehensão da nova ordem de coisas não a tinha o publico, nem mesmo a maioria dos que exerciam dahi em diante influencia nos negocios publicos.

Convertidos de surpresa, por interesses, ficaram na sua maioria estes homens na situação de adeptos de uma religião da qual não conheciam o cathecismo.

Entretanto, si muitos delles se tivessem podido orientar bem, si tivessem centros por onde lhes chegassem as doutrinas que ignoravam, muitos delles não se teriam corrompido nas mãos dos especuladores sem escrupulos que se abateram sem piedade sobre esta facil presa.

Bastava que nas localidades se formassem grupos oppostos firmemente a esta hypocrita e desbragada corrupção eleitoral que ahi se estadeia para que não fosse possivel o estadeio dos vergonhosos vicios politicos que tanto têm desprestigiado tudo, inclusive os cargos de representação.

E logo no principio os acontecimentos deviam ter indicado aos republicanos que por immediato interesse e regra de conservação deviam ter procedido com mais segurança.

Acabava de vêr-se, não pela primeira vez, pois na Historia poucas coisas já não tiveram equivalentes, uma doutrina nova ir pedir a pessoas fóra

do seu gremio que a dirigissem. Entretanto os republicanos como partido não só não haviam commettido ainda uma falta como não se lhes podia lançar aos hombros esta estupidez do odio que só se encontra nos theologos orthodoxos. Particularmente eram homens de uma pureza de vida e honradez como os melhores do paiz.

Sentiu-se logo um dos grandes inconvenientes da precipitação do movimento no facto de não inspirarem os republicanos confiança uns aos outros.

A Republica achou-se logo na posição desastrada e falsa de um general que tivesse medo dos soldados da sua guarda. Este grande infortunio se originou na insufficiencia da propaganda.

Aqui só haviamos tido um orgam do partido; a *Republica Federal.*

Ella foi sempre, porém, apenas um jornal do expediente da propaganda e não um grande meio de diffusão de ensinamento, profuso e fecundo. Tiravam-se 1.500 exemplares apenas.

Entre os proprios republicanos ainda não se tinha dado a phase completa de discussão e combate de que devia resultar o equilibrio entre as duas correntes que levavam os espiritos.

Tinha faltado tempo, lucta, soffrimento mesmo, embate de opiniões em que se tivessem posto em evidencia os homens de merecimento, se tivesse completado o partido republicano, disciplinado e preparado para a administração, o que o teria impedido de se deixar despojar e teria permittido pôr em execução um programma para o governo da Republica.

Sob o ponto de vista moral e sociologico a revolução militar de 15 de Novembro foi um immenso mal para a Republica porque precipitou um importante facto politico que se estava preparando, muito ainda em seu começo. Disto resultou que os republicanos todos do paiz não se conheciam, o que só

seria possivel após os congressos e reuniões geraes e troca assidua de correspondencia, de idéas e convivio intellectual constante.

Os membros do governo provisorio, que em sua maioria não eram republicanos, não estavam em dia com o estado da propaganda. Delles, tres eram officiaes superiores, mas do commando para o governo de uma republica democratica vai grande distancia; dos outros, tres eram jornalistas mas nenhum delles administrara ainda. Entre todos nem um só homem de Estado!

O mais eminente, e o que mais concorrera para a queda da Monarchia fizera-o como se faz opposição, demolindo, sem a orientação de quem vai reconstruir, segundo um certo plano. A sua attitude no *Diario de Noticias* era a de um indignado, que dominava do alto do seu pedestal de Deus, flagellando sem piedade o mal que via a seus pés; nunca a de um propagandista que mostra do outro lado o caminho do bem, ensinando os meios de chegar a elle e aproveitando do que devia ser condemnado o que era susceptivel de ser transformado.

Os governadores, salvo raras excepções, não sahiram da propaganda e os que não ageitaram as coisas em beneficio de um dos dois grupos ao qual pertencia, procuraram aproveitar aquelles que haviam pertencido ás duas fés antigas, misturando-os, mas procurando enfraquecer os republicanos. Em muitos logares mesmo o numero destes era tão pequeno que não dava para as nomeações dos cargos da municipalidade e policia.

Um mal porém peior do que todos foi ter-se feito a Republica sem que a Nação soubesse o que ella devia ser; não tinha a maior parte do povo a noção mais elementar do que constituia a essencia desse governo, de modo que o facto de 15 de Novembro foi o equivalente de uma legislação que entregasse

a menores de 12 e 15 annos a plena posse dos seus bens e responsabilidades civis.

Tinha-se clamado muito no Imperio por uma administração mais simples, menos burocratica: e deviamos ver desfilar uma mais complicada e difficil de que a anterior, continuando com a mesma divisão territorial e sempre sem meios de communicação rapida, que foram calorosamente promettidos e nunca realizados.

Das reformas inevitaveis e que se foram decretando no seu mais fecundo periodo, o primeiro trimestre, pouco sabia a Nação. Ellas eram recebidas com alegria, sem duvida, mas numa especie de deslumbramento, sem que percebesse sequer a maioria da população bem o que queria dizer aquillo, de modo que em conclusão, após o aparato de grande mudança, em muitos assumptos ficamos na realidade mais atrazados na solução das questões complementares do que no tempo do Imperio.

Algumas noções havia sobre a federação das provincias porque a imprensa partidaria já diversas vezes enfrentara esta questão e até em torno de tal aspiração se fundara aqui uma liga, que durou pouco, mas não anteviamos ainda todas as suas consequencias, nem havia sido discutido o que diz respeito aos impostos municipaes, federaes e provinciaes, nem a dualidade da justiça, nem a instrucção trifronte, nem os impecilhos que a nova vida municipal devia trazer ao transporte e livre transito das mercadorias e productos.

Desengano semelhante se viu no que entende com os assumptos religiosos, pois que á formula da separação da Egreja e do Estado, phrase de effeito, não corresponderam as vantagens praticas e liberaes para o paiz, que, entretanto, em parte já se tinham alcançado, como foi a secularização dos conventos por extincção das ordens, e dos bens de mão morta, o que se deu porque a Nação não era capaz de bem

julgar sobre o caso, pelo que se contentou mais com a apparencia das coisas e a promessa do distico do que com o proveito real da conquista.

Dizem todos os viajantes e observadores do moderno Japão que elle deve o seu extraordinario progresso e poder ao modo intelligente pelo qual aproveitou o seu governo a revolução de 1868.

O objectivo daquella administração foi formar professores que deviam reconstruir moral e materialmente a nação, para o que não só se serviu de extrangeiros que fizeram acompanhar nos trabalhos de todo o genero para que tinham sido contractados, por moços escolhidos para lhes succederem, o que lhes permittiu em pouco tempo irem-os dispensando, pondo de lado, como encheu a Europa de nacionaes daquelle paiz, destinados a estudar, aperfeiçoar e aprofundar todos os trabalhos praticos, profissões, artes, commercio, industrias dos povos occidentaes. O resultado disto se viu e está se vendo, e não podia falhar.

Da nossa revolução não pudemos aproveitar o impulso para vantagem da nossa patria.

Não soubemos fazer professores nacionaes capazes, afim de levarem para deante o paiz na direcção do seu destino que devia ser grandioso. A precipitação do movimento deixou a direcção da sua parte mais difficil, a reconstituição, nas mãos de theoricos que não tinham plano nem orientação, pelo que não é de extranhar que não pudessem reconstruir embora tivessem bôa vontade para o fazer.

Na classe média, do paiz, a que mais lê e progride, não penetrava pelo manuseio diario dos livros, pela leitura assidua dos assumptos connexos, o gosto pelo estudo da administração das Republicas, a comprehensão do seu mecanismo e principalmente a percepção nitida do que era preciso fazer para mudar com utilidade e em pouco tempo

o que tinhamos de melhor, adaptando os nossos costumes e habitos de vida economica e politica ao que se pretendia crear. Sem isso não era possivel, como não foi, o desenvolvimento material e pratico que devia ter sido o primeiro objectivo da nova éra nacional.

Um despacho, logo nos primeiros dias, annunciando arrojadamente que toda a America estava prompta para sustentar a Republica brazileira no caso de algum conflicto dynastico, era coisa por si sufficiente para causar apprehensões, que foram perfeitamente justificadas depois, quando chegamos á bandeira sectarista, a malbaratar a gravidade do paiz, como nação que se respeita, pelo generalato do ministerio, e a elevação do chefe do governo a generalissimo, posto concedido por acclamação dos soldados, não nos campos da guerra, mas na plena paz de uma festa nas ruas da capital.

Dentro em pouco devia ser evidente que estavamos na Republica como exploradores numa matta cerrada, em que iriamos correr por muito tempo inutilmente, antes que lhe atinassemos com os trilhos e clareiras.

Em materia de instrucção que devia ser a machina poderosa destinada a deslocar o paiz do marasmo em que vivera, só a comprehendiam muito lenta, vindo desde a primaria, propria para dar fructos em outra geração. Parece que só levaram em conta a instrucção litteraria. A renovação pratica, profissional, rapidamente levada a effeito para impulsionar as producções e activar as energias pelos processos novos e o tracto das coisas, como fazem os povos adeantados, não lhes passou pela mente ou não souberam promover de modo fecundo e geral para todo o paiz. O proprio carromoroso da educação litteraria, que devia ser puxado como dantes, nunca foi tirado da lama por-

que nenhum dos homens notaveis da época teve força nem tempo para isto, dando-se afinal o absurdo, que elles não podiam ter desejado, de prepararem a desorganização mais completa, a indisciplina mais vergonhosa que se tem visto num povo christão; esta subversão, partindo das escolas, que attenta contra os comesinhos principios de moral e honestidade, que selvagens se orgulham de cultivar e praticar, que ahi se vai accentuando como a lepra repugnante, e o crime impune, que todos fingem não ver, porque ninguem tem mais energia para reprimir, como acontece ás raças degeneradas que se abandonam ao mal, conscientes da sua incapacidade para as impulsões energicas e saneadoras, que outras raças mais viris e não avilladas lhes vêm injectar com o sabre e o latego do seu dominio.

Desfalques e insultos dos discentes a seus mestres vão acompanhando a vida da Republica e são, numa escala ascendente, os tristes indicios da decadencia da nossa educação domestica e religiosa, que vão revelando como ameaça esboroar-se, retrogradando nas pretenções de um pedantismo que se origina na falsa comprehensão da independencia, e barbarizando-se na indelicadeza de sentimentos e nas abjecções dos mais grosseiros desrespeitos, uma nacionalidade digna de mais nobre evolução.

Tiveram medo das forças vivas da Nação e procuraram cuidadosamente excluil-a de toda a parte, até da representação nacional, onde aliás a pequena porção que pôde penetrar não se estabeleceu ou se enervou em pouco tempo.

A ingenuidade dos republicanos, acreditando que nada mais havia que fazer e que lhes pertenceria e aos seus ideaes a gestão dos negocios, e a illusão generosa dos membros do governo provisorio e outros homens eminentes daquella época

que tudo se faria como por milagre no sentido de uma regeneração espontanea, tornando-se sinceros patriotas, de alevantado espirito e intuitos, os homens de uma geração politica abastardada, só pela creação inesperada das novas normas, revela que não foi por falta de amor á sua terra ou de generosidade que assim procederam.

Foi por falta da percepção nitida das circumstancias e de orientação; por medo e pouca reflexão sobre o estado intellectual do Brazil e sobre o que mais convinha para elle, pela vaidosa persuasão de que muito já se tinha avançado, e porque não eram homens viajados, perseverantes e praticos, filhos da propaganda e da luta que gera convicções, mas apanhados á pressa e encarregados de fazer aquillo para que não estavam preparados.

Não julgaram indispensavel crear professores em todas as especialidades da marinha, do exercito, da medicina, da engenharia, da agricultura, da mineração, da industria, do commercio, como faziam a esse tempo os japonezes e os argentinos, de modo que esses homens se tornassem os promotores dessas especialidades preciosas no paiz.

Perdeu-se por isto uma occasião das que raras vezes se deparam na vida dos povos; falhou tudo como pecca uma fructa que se colheu ainda não sazonada e os que mais culpa tiveram nisso ou ficam impenitentes ou expandem em gemidos e lamentos a presença dos males que não souberam destruir e a ausencia dos bens que não souberam promover.

O deploravel despojo dos republicanos, que se começou logo a fazer é filho do ciume dos que, sendo monarchistas trabalharam para que elles não viessem a dominar, ciume egoista e tão absurdo que melhor seria ter de novo chamado o imperador, já que a Republica não era para os republicanos,

parece consequencia logica do pequeno numero e da diminuta força real destes.

Por outro lado a desorientação completa do governo que não sabia para onde queria ir, e a sua absoluta ignorancia do estado da propaganda e falta de conhecimento dos homens que a faziam, devia produzir os maiores contrasensos.

Por todas estas razões o partido republicano não devia ter desapparecido. Foi por não terem permanecido com as mãos sobre as armas nas suas fortalezas que os republicanos não inspiraram confiança e não se impuzeram ao governo provisorio. Este, entretanto, veio a soffrer coisa muito peior do que a ascendencia dos republicanos que tanto parecia temer, cahindo sob o jugo de uma seita que a nação não conhecia, que não acceitava nem acceitou até agora, que nella irrompeu como uma violencia aos seus sentimentos e crenças, mas que tão bem conhecia a sua inercia e submissão ás coisas já feitas, que lhe collocou o lemma na bandeira.

Recusando apoio aos republicanos, contrabalançando a sua influencia onde ella se podia ir formando, impedindo a constituição de uma forte aggremiação politica com os elementos da propaganda, produziram em politica uma educação que preparou as atrocidades da guerra civil do Sul, as da revolta da esquadra e as de Canudos, assim como se houveram de modo tão inintelligente que os principios basicos da lei Saraiva foram substituidos pelos do desprezivel regulamento Alvim.

Quanto ás medidas economicas ellas deviam, a breve trecho, fomentar os vicios do ensilhamento com todos os seus desenganos e torpezas.

E' pena, entretanto, que destas origens tivesse sahido tão grande copia de infortunios para a Nação, porque o proprio facto de se haver feito de surpresa a Republica, de não terem os homens dirigentes opiniões communs nem ligações com o

seu partido no passado, nem programmas e compromissos, lhes dava uma latitude á autoridade para fazer o bem, especialmente agindo sobre um povo passivo, como raras vezes tem algum poder tido occasião de exercel-a.

DR. BRAZ DO AMARAL.

APPENDICE

Em additivo á Memoria Historica do Dr. Braz do Amaral publicamos em seguida o energico protesto que o pranteado jornalista e notavel politico bahiano, Dr. Augusto Alvares Guimarães, escreveu em 16 de Novembro de 1889, como presidente da camara municipal desta cidade, para ser dirigido ao povo bahiano em nome da mesma, e cujo original pertence hoje ao archivo do *Instituto*, e varios outros apontamentos que o illustre socio Dr. Julio da Gama julgou necessario accrescentar sobre a propaganda republicana.

PROTESTO DA CAMARA MUNICIPAL DA BAHIA PELA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA—QUE DEIXOU DE SER ASSIGNADO E NÃO VEIO Á PUBLICIDADE.

A camara municipal da leal e valorosa Cidade do Salvador.

Bahianos:

«Noticias desencontradas, transmittidas pelo telegrapho, annunciam-nos que graves acontecimentos se dão desde hontem na Côrte do Imperio: que o imperador fôra deposto, que uma revolta militar proclamara a Republica, que organizara-se um governo provisorio, e que este, no meio de outros actos praticados, todos illegaes, como a origem

desse pretenso governo, dissolvera o senado, a camara dos deputados, o conselho de estado e ameaça alluir até as bases nossa organização politica e social, que, além de tantos outros beneficios, nos deu perto de quarenta annos de paz interna.

No meio de todas essas noticias, transmittidas pelo telegrapho, em poder dos revoltosos, e procurando agital-as para produzir sensação e adhesão nas Provincias, apura-se um facto que é verdadeiro: a instituição de um governo provisorio, acclamado pela tropa armada, em passeio tumultuoso pelas ruas da Côrte, depois da perpetração de um crime.

Tal governo não póde ser governo de direito, é governo de força, é dictadura imposta pela bayoneta e pela espada, é o regimen da caudilhagem que se inaugura de surpresa, nas ruas da primeira capital da America do Sul.

O telegrapho, sequestrado só para uso do governo usurpador, tem constantemente espalhado noticias de adhesões, que são falsas: ainda hoje o governo legal de Pernambuco affirma que todo o norte do Imperio estava em paz, e que as tropas das guarnições cumpriam o seu dever correctamente. E outro não é o dever do exercito do que manter a fé, que jurou ao abrigar-se ás dobras da bandeira da patria brazileira, que hoje querem retalhar e fazer descer da altura em que nos collocou a Monarchia constitucinal, creação de nossos avós, que combateram pela Independencia, até o nivel das republicas que têm seu progresso retardado pelas constantes guerras intestinas.

E' esse o progresso que nos vem trazer um governo, vicioso em sua origem, e que se aproveita do panico natural, que infunde a traição da força armada, a defensora natural das instituições, para dissolver o parlamento vitalicio, onde sentavam-se

as nossas maiores notabilidades politicas e a camara temporaria ha poucos dias eleita pelo povo.

Começa pela traição, pelo terror e pela sonegação da verdade ás Provincias, que quer explorar, transmitindo-lhes noticias de adhesões, que não existem.

Bahianos, quando ha poucos mezes um desassisado disparou um tiro sobre a carruagem do imperador, toda a Europa duvidou do facto: tal é o amor que todos sabem, a familia imperial inspira, por suas virtudes, por seu patriotismo. Hoje, no ultimo quartel da vida, quando o acabrunha a molestia, é o imperador victima da maior das ingratidões, recusando-se-lhe até o direito de exhalar o derradeiro suspiro na terra que lhe foi berço e que tanto amou.

A herdeira presumptiva do throno é uma princeza que, ha pouco mais de um anno, era glorificada não só pela lei aurea de 28 de Setembro de 1871, como pela de 13 de Maio, que extinguiu em um dia, no meio de applausos e de bençãos, a escravidão. A força armada, em paga de tanta benemerencia, aponta á redemptora o caminho do exilio.

Povo bahiano! Esta Provincia não póde ser enfeudada ás precipitações de um general, que crea, de um dia para outro, por arbitrio seu, por pesadelo ou por ambição, uma situação nova para o paiz, contra a opinião geral delle, dispensando o concurso de seus representantes naturaes e legaes. Estejamos certos de que a reacção contra essa dictadura violenta começará na Côrte e se prolongará pelas Provincias. Este systema, oriundo da surpresa e da traição, não póde continuar, porque não póde ser apoiado pelos amigos das liberdades publicas e dos direitos do povo.

A camara interpretou fielmente os vossos sentimentos de fidelidade ao augusto e venerando mo-

narcha, o Sr. D. Pedro II, os vossos sentimentos de ordem, de amor ás instituições, que querem destruir, de odio á guerra civil, que querem estabelecer como objectivo da dictadura, protestando tambem ao governo legitimo sua adhesão e protestando conta essa ordem de coisas, que nunca se viu, nem nos tempos primitivos de nossa historia politica.

A camara está prompta a auxiliar o governo legal em todas as medidas necessarias para manter viva a nossa fé ao principio monarchico, e convida todos os habitantes desta cidade para manter-se na attitude que deante dessas violencias deve conservar um povo livre, que não póde admittir, sem sua outorga, mudanças radicaes em suas instituições.

Recommenda principalmente toda a ordem, o maior respeito aos direitos individuaes do cidadão, á propriedade e pede que confie no governo que apoiado no concurso generoso e dedicado de nossos concidadãos, sem distincção de côr politica, ha de saber-se conservar firme no posto que lhe confiou o governo imperial, unico governo legal, que a camara reconhece.

Viva S. M. o imperador!

Paço da municipalidade da Bahia, em 16 de Novembro de 1889.—AUGUSTO A. GUIMARÃES, P.»

Não é licito deixar pairar, no espirito dos vindouros, duvidas a respeito do republicanismo do povo da Bahia, como propositalmente têm procurado incutir exploradores, por conveniencia propria.

A idéa republicana, na classe instruida de nossa sociedade, sempre foi aninhada como esperança promissora; e fundados nisto, é que muitos dos que

militavam nos partidos monarchicos serviram-se della por vezes, quando desaguisavam-se com a monarchia, como de um espantalho; e outros ainda, intelligentes e sem escrupulos, della faziam um meio para obterem posições que ambicionavam: os proceres dos partidos monarchicos tão bem conheciam que estes sentimentos e aspirações se acham tão arraigados na alma bahiana, que procuravam arrancal-os a ferro e fôgo como aconteceu em 37, na revolução chamada *Sabinada,* verdadeira revolução de leões dirigida por um carneiro.

Não é, tampouco, licito pensar que, por se achar de algum modo intibiado o animo, na geração subsequente, pelas atrocidades commettidas n'aquella época, tivesse sido, de facto, extirpada de vez a aspiração do coração do povo, e ahi estão as provas dadas por conego Rodrigo, Guedes Cabral (pai), França Guerra, que por vezes publicou periodicos, como—*A Sentinella do Povo*—cuja estampa foi gravada por meu pai; eis ahi o—*O Horisonte,*—gazeta escripta por Frederico Lisbôa, Guedes Cabral (filho,) Paulino Gil e outros;—*O Santelmo*—que si não eram orgam official de um partido arregimentado, que de facto não existia, eram ao menos um brado do sentimento republicano, que irrompia de peitos, que já não o podiam dominar; e então terçavam elles as armas com a gazeta official do partido monarchico nesse tempo.

A agremiação formal de um partido foi feita em 1876, com aquelles que em 1870 haviam abraçado, aqui na Bahia, o manifesto de Saldanha Marinho.

Não é sem muita consideração e muita estima que menciono aqui os nomes dos meus illustres collegas e amigos os doutores Frederico Lisbôa e Antonio Spinola de Atahyde, mas força é dizer que, depois das primeiras sessões preparatorias, deixaram, não sei por que motivo, de comparecer ás sessões, mesmo depois de eleitos, o Dr. Frede-

rico presidente, e o Dr. Atahyde 1° vice-presidente; dando assim logar a que fossem ellas presididas por meu pai, Mathias Tavares da Gama, 2° vice-presidente eleito.

Não é proprio a um filho tecer elogios a seu pai, nem eu os teço, neste sentido, portanto, não devem ser tidas minhas palavras; mas todos aquelles que conheceram o artista honrado e integro, sabem nelle a personificação da convicção republicana.

Em a noite da inauguração do Club, sendo, como em todas as noites de reunião, vigiada a rua pela policia, e nessa mais do que em nenhuma, a ponto de muitos socios, dando ouvidos aos boatos aterradores que se espalhavam, fugirem, elle, porém, era firme e calmo, como o podem attestar os que sobrevivem, d'aquelles que tomaram parte naquella notavel sessão; e muitos eram, dos quaes, porém, bem me não lembro dos nomes, senão do Dr. Henrique Alvares dos Santos, Aquino Fonseca, Moscozo, Carigé Barauna, Pamphilo, Lellis Piedade, Julio da Gama e muitos mais...

Nem um, nem um só destes que haviam ficado até a hora da solemnidade, teve a veleidade de procurar, deante do olhar sereno e convicto do crente, fugir, pelo menos naquelle momento, ás responsabilidades que contrahiam; e todos circumdando o que representava o centro de attracção republicana da Bahia, naquella época, e que de mão estendida affirma defender as idéas republicanas até mesmo com sacrificio da vida, que o seria tambem da familia, pois della vivia, todos vieram, um a um fazer a mesma affirmação sobre a mão do artista: deram-se depois defecções, mas elle foi firme até a morte.

Convém não esquecer que é habito dos partidos ou facções que dominam, promover o descredito dos adversarios que lhes fazem a critica dos actos,

dos quaes não se podendo justificar, por não terem justificativa, lançarem mão do insulto soéz e quejandos: e outro não foi o meio de que se serviram os monarchistas da folha official, lançando artigos de torpes violencias, em uma gazeta, que, em outro tempo mais séria, tinha merecido a honra de alguns escriptos de propaganda republicana, afim de que por esses artigos, fóra da Provincia, se aquillatassem os meritos dos adeptos á republica, que taes escreviam; não lograram, porém, sua pretensão, pois de todos, taes traças eram conhecidas; mas hoje faz-se mister que seja isto claramente consignado.

—

A noticia da conferencia de Silva Jardim, em Santos, (a primeira?) tive-a eu na villa do Bom Jesus dos Meiras, em Abril de 1888, e aproveitando a occasião em que nos reuniamos em palestra amistosa diversos cidadãos daquella localidade, entre os quaes se achava sempre o distincto capitão Tiberio Meira, residente actualmente em Jequié, para logo tratei, apreciando a tendencia de espirito daquelles cidadãos, de crear um nucleo republicano na localidade; ficando como patrocinador o capitão Tiberio, pelo seu prestigio, com a coadjuvação de alguns outros, sendo um dos mais esforçados Bellarmino Jacundes Lobo, secretario da municipalidade.

Preciso é declarar que em 1886 já eu havia pleiteado no 10° districto uma eleição, como candidato, por occasião da qual, na circular publicada, abri luta com as idéas dos partidos monarchicos, fazendo apologia do partido do povo.

Eis porque ao saber da propaganda de Silva Jardim, rompi logo tambem, a seu exemplo, em propaganda republicana, levando-a até o norte de Minas.

De caminho, em Santo Antonio da Barra, hoje cidade de Condeúba, onde cheguei a 10 de Junho, tratei de, conferenciando com o meu muito distincto amigo e collega, o Dr. Glicerio Velloso, que se achava ahi á frente do movimento abolicionista, convertel-o no mesmo passo, em propaganda republicana; e assim foi que, em a noite de 5 de Julho, em que se terminavam os festejos de nossa independencia politica, com a tradicional levada dos carros triumphaes, na occasião em que uma commissão abolicionista de emeritos cidadãos, chefiada pelo Dr. Glicerio Velloso, fazia entrega da carta de liberdade a um escravo, aproveitei da solemnidade para fazer profissão da fé republicana e a ella convidar os habitantes.

Nesta noite memoravel em que o meu collega e companheiro Glicerio Velloso e eu commungamos na mesma meza de esperanças, pactuamos a mesma crença, a mesma fé, ficou formado o nucleo republicano, que deu logar ao Club de 18 de Novembro. O *Diario da Bahia* d'aquella época deu noticia desta festa.

A conselho meu foram creados clubs, pelo capitão Liberino, na villa do Rosario do Orobó, e no Riachão da Utinga pelo engenheiro de minas, Dr. Joaquim José Pereira, hoje residente na cidade do Andarahy.

O que foi o Club dos Lençóes, que já em Março de 1888 lançava manifesto e se irradiava por toda a parte no sertão, só podem attestar os que sopesaram os desgostos e arrastaram as perseguições; mas não convém relembrar factos que degenerariam em odios ás relações amistosas, entretidas hoje com os monarchistas de então, actualmente ultrarepublicanos: felizmente ha a lei das compensações.

As forças do nosso Club estavam em equilibrio

dynamico, elle proseguia em sua trajectoria rectilinea.

A's eleições que teriam lugar em Dezembro de 1889, foram apresentados candidatos republicanos por todos os districtos; e a mim cabia ainda o sacrificio honroso de, como candidato pelo decimo districto, ferir a luta eleitoral, apezar das ameaças em campo serem promissoras do desencadeamento das paixões ruins.

. . . . . .

DR. JULIO DA GAMA.

DISCURSO

DO PRESIDENTE DO INSTITUTO

Cons. Antonio Carneiro da Rocha

NA SESSÃO ANNIVERSARIA DE 3 DE MAIO DE 1904

Senhores:

Pela primeira vez cabe-me a subida honra de dirigir-vos a palavra neste dia em que o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* commemora e solemniza a data faustosa de seu primeiro decennio.

Elevado immerecidamente, ha nove mezes, a este cargo pela generosidade dos socios deste Instituto, não posso ter a satisfação de annunciar-vos a prosperidade delle, pois que experimenta e atravessa as mesmas difficuldades, que outras associações, de identica ou semelhante organização.

Sabeis que pela pobreza do meio, em que vivemos, e pela insufficiencia da iniciativa individual todas as instituições se organizaram, regularam as suas necessidades e se desenvolveram com o auxilio que recebiam dos cofres publicos, e uma vez que esse auxilio tem faltado soffrem ellas os mesmos embaraços e debatem-se em eguaes contorções.

Mas como Roosevelt, presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, ao abrir o parlamento americano no anno passado, eu direi:

«A vossa religião não é a dos fracos, nem a dos covardes, o vosso Evangelho é o da esperança e o dos esforços triumphantes».

Com esta divisa não devemos recuar deante da luta e pelo contrario mantenhamos e desenvolva-

mos o culto do passado e busquemos applicar os ensinamentos da Pythonisa, de que somos sacerdotes, e tomemos por modelos esses grandes monumentos moraes, intellectuaes e materiaes, que brilharam em eras, que vão distantes, mas que devem ser veneradas pela época que atravessamos.

E' um rigoroso dever patriotico, é uma necessidade indeclinavel recebermos as inspirações e os exemplos desses factos e homens, que illuminaram os tempos em que figuraram e fulgiram, fazendo perpetual-os na nossa memoria como modelos dessas qualidades e virtudes, que então causaram assombro.

Os annos têm passado nessa continua corrente interminavel da humanidade, mas quem estuda certos acontecimentos, quem medita sobre os factos, que se vão desenrolando no seculo passado e no que começou a correr, chega a suppor que retrogradassemos ou que não estamos em civilização tão adeantada e applaudida.

Não diremos como Cromwell, ao dissolver o parlamento inglez, em 20 de Abril de 1653:

«Existe entre vós uma só virtude?

«Ha algum vicio, que não tenhais?

«Não tendes mais religião que o meu cavallo; o ouro é o vosso Deus. Qual é, dentre vós, aquelle que não tenha barganhado a sua consciencia para subornos? Ha entre vós algum homem, que tenha o menor cuidado ao bem do paiz? Sordidos velhacos.»

Mas reconhecemos e não podemos deixar de reconhecer que no terreno scientifico e industrial têm sido innumeros e importantes os progressos. Muito temos adeantado nas investigações scientificas, principalmente no ramo da medicina ou cirurgica, destacando-se os segredos da radiographia. Grandes têm sido os avanços, mas ainda ha muito a investigar, descobrir e applicar.

São extraordinarios os adeantamentos sobre a electricidade em suas diversas e maravilhosas applicações, cabendo-nos a honra e a gloria de ser um brazileiro, o joven Oswaldo de Faria, quem descobriu aquillo que o immortal Edison ainda não tinha podido attingir.

Communicamos com espaços longinquos de um modo mysterioso e imperceptivel por meio do invento de Marconi. Registamos outras descobertas maravilhosas, como seja a direcção do aerostato, julgada impossivel por sabios astronomos, parecendo que a gloria da resolução de tão notavel problema vem tambem caber ao illustre e intrepido brazileiro Santos Dumont.

E' verdade que contamos todos esses progressos, mas, com relação a outros assumptos, retrogradámos á épocas muito remotas.

A phase contemporanea é, da violencia, é a força, sendo applicada sob diversas fórmas é, quando esta não impera, substitue a corrupção.

Fazendo um retrospecto sobre a Europa vejo a França, patria de tantos homens illustres em todos os ramos dos conhecimentos humanos, nação de uma virilidade assombrosa e essencialmente catholica, empregar a violencia para varrer de seu territorio congregações religiosas que, na sua missão evangelica, contribuiram poderosamente para o desenvolvimento da instrucção e da caridade e em nada prejudicaram o bem-estar e o progresso do paiz. O governo francez, desviando-se das suas tradições catholicas e ostentando a mais extraordinaria intolerancia, sacode de seu seio e por meios e medidas irritantes, corporações, que não oppunham o menor tropeço á marcha da administração e ao progresso daquella gloriosa nação.

A Inglaterra, que até pouco tempo vivia feliz, com finanças equilibradas, consolidando a paz interna e procurando desenvolver as suas industrias

para não precisar das outras, e realizar o destino providencial de estar geographicamente separada dos outros continentes, resolve levar a guerra á Africa do Sul para apossar-se das innumeras e profundas riquezas do Transvaal, cujo povo, porém, deu exuberantes provas dos maiores heroismos e da mais admiravel abnegação.

A União Americana, parecendo que pelos seus assombrosos progressos e engrandecimento devia limitar-se a manter a paz e a grandeza de um povo, procurando cada dia mais unir e estreitar as ligações, com os seus Estados, assalta Cuba e as Philippinas e pelo seu poder maritimo submette esses dois povos ao seu protectorado, e não contente com este procedimento absorvente, a pretexto das obras do canal do Panamá, divide a Colombia e sujeita uma de suas partes ou ambas ao seu poder, ainda que sob o fingimento de haver contribuido para a independencia daquelles mesmos povos.

E' o imperialismo transpondo fronteiras e extendendo territorios sob a mascara de expansões commerciaes e de uma politica colonial.

A Russia, o mais vasto imperio do mundo, com os seus vinte e dois milhões de kilometros quadrados de extensão, não se contenta com ser o antemural da Europa na fronteira do Oriente e amparada pelos montes Uraes e rio Ural e Mar Caspio, ter a chave da porta, que poderia dar passagem para o continente asiatico, depois de conseguir o monopolio do Mar Negro, de trazer acorrentada a Polonia, entende que o seu territorio precisa de ser ainda mais ampliado até as muralhas da China e para conseguil-o arrasta o Japão á guerra com a pretensão de plantar o dominio moscovita na Coréa e depois na China, sendo para notar que o Tzar foi quem ha pouco tempo convidára as demais nações a se reunirem em Haya para acceitarem o arbitramento como o meio unico de resolver

todas as divergencias internacionaes. Felizmente vai encontrando serias e terriveis resistencias por parte do Japão, que com toda razão deseja que o Oriente continúe a pertencer á raça amarella e para isso vale-se dos admiraveis recursos de que dispõe, revelando-se ao nivel das principaes potencias da Europa e da America e ostentando os maravilhosos elementos, que a civilização. o patriotismo e o heroismo de um povo lhe proporcionam.

E o que mais compunge o espirito e o coração é que todas essas conquistas são alcançadas com o emprego da cobardia, o que, com algumas restricções, é a guerra moderna. Onde as lutas contemporaneas revelam essa bravura ás vezes tigrina, que distinguiram e exaltaram as guerras de outros tempos? Hoje os exercitos não procuram encontrar-se; mais feliz é aquelle que bem de longe alcança o inimigo e o derrota por meio de seus formidaveis canhões de tiro rapido e da maior precisão. Peiores são esses encontros em que os soldados, á arma branca, corpo a corpo, batiam-se, cantando victoria o mais destro, o mais audaz, o mais valente.

Nos combates navaes, as esquadras não se encontram para dar logar ás abordagens em que feriam-se pugnas as mais sanguinolentas sobre os tombadilhos, brilhando a espada, a machadinha e a bayoneta.

Hoje a esquadra mais poderosa e a mais temida é aquella que dispuzer de unidades navaes mais ligeiras para fugir e de mais resistente couraça para zombar do canhão, que vomita mais longe e com a maior certeza o projectil mortifero. Qual mais possante encouraçado poderá resistir ao torpedo, arma diabolica na expressão de um general turco, ao submarino ou á mina?

Não vimos o que se passou em Cuba e o que se

está passando nos mares do Japão? E' porventura no emprego desses navios qualquer exercito ou marinha revela bravura e valor?

Como nunca, as visitas e as confabulações dos principes se repetem, mas não para combinarem e assentarem sobre a paz e sobre a fraternidade das nações, mas para partilharem e se apossarem de territorios desejados, como se deu agora mesmo com o tratado anglo-francez.

E que se dá com o nosso querido Brazil? Porventura as scenas serão outras, differente é o modo de pensar, os processos não serão os mesmos?

Altera-se a fórma de governo, não por vontade da Nação, mas pelas ameaças e violencias de um grupo armado, que age em *nome da Nação* bestializada, na expressão exacta e feliz de um dos proclamadores do novo regimen, sem que para isso recebesse mandato.

Nos Estados, caricatamente appellidados de soberanos, só se vêem a violencia e a corrupção, exercidas pelas oligarchias, que os tomaram de assalto, notando-se que em quasi todos tem se cuidado especialmente do aspecto material das cidades, dos seus embellezamentos, pretendendo talvez os seus administradores as glorias de Augusto, que, segundo Suetonio, recebeu Roma de tijollo e deixou-a de marmore. Mas Augusto era Augusto e, segundo os historiadores, não teve só essa preoccupação.

O Brazil se acha hoje na situação descripta por um notavel republicano, que se declarou tal antes de 15 de Novembro e cujos serviços, intelligencia e aptidões foram aproveitados em diversos cargos na Republica.

Cesario Alvim, que já não existe, disse assim:

«Vivemos, os republicanos dirigentes, propagandistas e adhesistas a cevar os nossos apetites grosseiros sobre tudo quanto a instituição extincta

deixou accumulado. Dinheiro, credito, moralidade relativa das urnas, integridade da justiça no geral de seus sacerdotes, unidade de ensino, observancia de escalas pelo estudo, pela correcção do procedimento e pelo trabalho na formação de homens de estado, tudo, tudo tem sido varrido de tropel.»

Eis ao que está reduzida a nossa idolatrada patria!!

E então não devemos olhar para o passado e cultivarmos a historia e della tirarmos ensinamentos para o presente e para o futuro?

Laboremus, tendo deante de nós esse repositorio abundante e fecundo de exemplos e de factos que se chama Historia.

Vou concluir, porque estais anciosos para ouvir a palavra scintillante e sympathica de nosso fluente orador, repetindo aqui o trecho eloquentissimo de eximio jornalista:

«Deus de amor e liberdade, illuminai a minha Patria, afim de que ella seja tão util aos seus filhos e aos que vêm para ella como um pomar em flor para quem o cultivou e para as abelhas forasteiras.»

(O orador é saudado por uma prolongada e unanime salva de palmas.)

O Padre Dr. Julio Maria (*)

Exm. Sr. Cons. Presidente, Exmas. Sras., Exm. Sr. Padre Dr. Julio Maria, Meus Senhores:

O illustrado e eloquente orador desta casa, e não o seu humilde substituto, é que devia desempenhar o elevado encargo de, neste momento, saudar o preclaro missionario apostolico que, com o maior desprendimento, obedecendo aos dictames da fé e aos impulsos da caridade, abandonou as glorias da borla e do capello, que tanto soube honrar, o Dr. Julio Cezar de Moraes Carneiro, pela modesta sotaina do Padre Julio Maria. Perderá esta homenagem os brilhos de uma palavra erudita e arrebatadora; nem por isso desmerecerá em sinceridade a saudação que este *Instituto*, cheio de desvanecimento e jubilo, dirige ao seu venerando consocio, ao ter a honra de recebel-o em seu gremio.

Nos fastos das instituições como na historia dos povos, dias ha de excepcional magnitude: são aquelles que traduzem a realisação quasi perfeita de queridos ideaes, por muito tempo sonhados, a corporização magnifica de aspirações altissimas, ou assignalam o triumpho incondicional da justiça, elevando, dominadora, um throno á virtude, coroando de louros o verdadeiro merecimento. O *Instituto Geographico e Historico* da Bahia tem hoje um desses dias grandiosos.

A comprehensão exacta dos destinos traçados pela Providencia ao nosso amado paiz, compre-

(*) Discurso proferido pelo Cons. Filinto Bastos na sessão do Instituto Historico, de 21 de Junho de 1903.

hensão que se tem accentuado pelo conhecimento de suas condições geographicas, desde o extremo sul até ao Amazonas, e que encontra nas lições da historia o criterio seguro para julgar do porvir, pelas circumstancias do momento e pelos feitos do passado; essa comprehensão nitida, perfeita, da sorte que nos aguarda—povo autonomo ou governado pelo estrangeiro—si nos detivermos no caminho escorregadio por onde nos precipitamos, ou si nos deixarmos embahir pelas seducções da anarchia ou da corrupção; essa comprehensão verdadeira e patriotica, meus senhores, em ninguem melhor se evidencia que no nosso eminente consocio. Superior ás suggestões e aos interesses dos grupos audaciosos, que, á sombra de partidos politicos, sem uma organização legitima, pretendem haver recebido do povo brazileiro a delegação do governo; alheio ás fascinações das vaidades terrenas, que costumam carminar de mentiras convencionaes os labios resequidos e frios do scepticismo do seculo; sem esperar os favores, nem receiar os enfados e a má vontade dos situacionistas felizes; o padre Julio Maria sacerdote do direito, antes que fosse ministro de Jesus, bem pode, alto e bom som, auxiliar a nossa instituição com os seus conselhos prudentes, com as doutrinas de sua sabia experiencia, alentando-nos, mostrando-nos a senda que devemos percorrer. E seria isso motivo mais que sufficiente para justificar o empenho deste *Instituto* em contar entre seus associados o insigne philosopho christão, fiel amigo da Republica brazileira.

Credenciaes outras, porém, e da maior relevancia, meus senhores, possue o padre Julio Maria, e ellas lhe dariam, como lhe têm dado, ingresso franco em qualquer notavel instituição. De ha muito é o seu nome festejado, no Brazil inteiro, pelos innumeros trabalhos com que tem enriquecido

a imprensa e as letras patrias; e emquanto publicistas celebres, elegantes literatos, profundos scientistas, insignes cultores das bellas-artes, têm posto seus ideaes na transformação dos programmas de governo, no deslumbramento do estylo e no rendilhado da fórma, na investigação dos arduos problemas que preoccupam a sciencia, no carinhoso aperfeiçoamento das obras estheticas, elle firmou o seu alvo muito além, porque o seu ideal é a salvação do povo brazileiro, na ordem politico-social, pela conservação da soberania no territorio integro, e, na ordem espiritual, pela elevação das almas ao seu Creador, por esse—*sursum corda!*—que, unico sobre a terra, pode dar uma idéa, imperfeita embora, do alvoroço da eterna felicidade.

No regimen abolido em 15 de Novembro de 1889, como no que lhe succedeu, sua palavra prophetica, ungida do mais vivo patriotismo, se fez ouvir; então, o democrata convicto expunha, em toda a sua claridade, a falsa situação da monarchia, e para poupar o Brazil a convulsões, que poderiam arrastal-o aos precipicios da demagogia e do anarchismo, não fazia questão de uma transformação radical de fórma de governo, porquanto, qualquer que este seja, inspirando-se na moralidade e no patriotismo, «é compativel com todos os progressos verdadeiros e beneficos a que possa um povo aspirar.»

Eis o que, ha quasi dezenove annos, escrevia o nosso illustre consocio: «Tão desviado das regras do justo e do honesto está o principio auctoritario, representado pelos diversos orgãos sociaes do poder publico; tão anomala, extravagante e ignominiosa é a crise actual da politica, impellida por uma longa e antiga serie de desatinos a este miseravel extremo em que os interesses da Patria são discutidos e resolvidos, não na tribuna, mas

nos conventiculos; não pelos partidos, mas pelos corrilhos; não por chefes moralisados, mas por caudilhos ambiciosos; tão revoltante e inaudito é tudo isto, que parece chegado o momento em que ao povo compete dizer aos seus ineptos procuradores: «Senhores, basta; restitui-me a procuração que vos dei; ide para as vossas casas.» Agita-se a Nação; convoca-se o paiz aos comicios eleitoraes; proclamam-se medidas que o parlamento deve resolver; esbulha-se o erario, cujas arcas são soldadas com o suor do povo, dos pingues subsidios com que se locupletam legisladores ociosos; e durante tanto tempo nada se faz, nada se projecta, nada se resolve, a não ser o mexerico, a intriga, a escaramuça, a conspiração, o assalto das pastas e das posições! Oh! isto não é um systema de governo: é um pandemonio sem leis nem moral!»

Proclamada a Republica, observa o nosso consocio que tem ella muitos erros, como o declarou, combatendo-os, nas *Conferencias da Assumpção*. Mas, em vez dos conceitos deprimentes de um sectario obcecado, as palavras que promanam de seus labios são as do philosopho que, com imparcialidade e calma, investiga e descobre as causas e os motivos dos acontecimentos para, attenuando as faltas do presente, encaminhar proficuamente os planos de seu patriotismo.

Assim é que elle, ha alguns annos, escrevia: «Esta geração brazileira foi formada em oito annos?! Em oito annos educaram-se todos esses corações, cheios de ambição politica?! Em oito annos, tempo que não basta para formar-se um menino, formou-se um povo?! Em oito annos se prepararam todos os elementos desta crise social? Não é injustiça esquecer que durante meio seculo o Brazil foi preparado para esta triste situação por uma politica racionalista e pagã?!

Já o nosso glorioso conterraneo, Dr. Ruy Bar-

bosa, referindo-se á dissolução dos costumes no imperio, havia dito: «Esses costumes saturaram profundamente o solo, onde se tinha de levantar a Republica e deviam empestal-a por muito tempo. Os males, que hoje nos affligem, são raizes sobreviventes das enfermidades do imperio...Com a Republica mudamos de hygiene; mas não mudamos de sangue. E os males do sangue não se extirpam radicalmente na primeira geração.»

Mas, que se deve fazer, meus senhores, para restituir a esse sangue depauperado as energias que alentam os organismos validos? Que obras devem ser constituidas para firmar-se a Republica em alicerces inabalaveis? Eis o que nos responde o inclyto missionario: «Sem o soccorro de Deus não faremos o nosso edificio politico, ou, antes, não faremos delle cousa melhor do que fizeram os constructores da torre de Babel. Os nossos pequenos interesses locaes e parciaes nos dividirão; os nossos projectos serão confundidos; os nossos nomes serão o escarneo e opprobrio do futuro; e, o que é peior ainda, impotentes para fundarmos um governo só com a sabedoria humana, a obra ficará abandonada ao acaso, á guerra e á conquista... Eu não poderia fazer a propaganda que tenho feito sem admittir a harmonia possivel da democracia com o catholicismo e sem dar um logar na minha pregação ás verdades sociaes do Evangelho.» Ora, estes conceitos se affeiçoam por completo ao que observara o celebre critico Hyppolito Taine: O christianismo é o orgão espiritual, as duas grandes azas indispensaveis para erguer o homem acima de si mesmo, acima da existencia que arrasta sobre a terra e dos acanhados horisontes que della descortina, para o levar pelo caminho da paciencia, da resignação e da esperança até á calma e ao repouso, para o

impellir além da temperança, da pureza e da benevolencia até á dedicação e ao sacrificio. Sempre que, ha 18 seculos, essas azas por si mesmas desfallecem ou são cortadas por outrem, os costumes publicos e os particulares se rebaixam.

«Nem a razão philosophica, nem a cultura esthetica e literaria, nem a mesma honra feudal—militar e cavalheiresca: nenhum codigo, nenhuma administração, nenhum governo bastariam para substituir o christianismo, no que elle pode dar ao mundo, em poderio, em brandura de costumes, em humanidade. Nada pode substituil-o como origem social da honestidade, da boa fé e da justiça.»

Essa convicção profunda do sacerdote de Jesus Christo é, ao mesmo tempo, o palpitar do coração do patriota.

Como ha de mentir a seu paiz o ministro que recebeu sua missão apostolica d'Aquelle que disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida? Por muito facil que pareça preconisar-se a verdade, é certo que, muitissimas vezes, para fazel-o, mister se torna possuir a envergadura dos heróes. Oppor-se, a peito descoberto, aos preconceitos, que o orgulho, gerador do sophisma e do erro, tem elevado á altura de principios incontestaveis; desnudar as chagas sociaes, mal cobertas pelos andrajos da impostura, para sobre ellas derramar o balsamo, que as vae curar, embora seja a cura precedida de dores cruciantes; dizer ao homem que abandone as miserias enganosas das paixões que o chumbam, ainda vivo, ao tumulo da degradação, e que se volte para a esperança, que lhe descortina a salvação suprema; clamar á pseudo-omnipotencia dos dominadores da terra que a sua força, a sua opulencia, as ruidosas ovações dos aulicos fementidos, serão varridas pelo pó dos

tempos—porque, afora Deus e a sua Egreja, tudo é vão e caduco; pregar ao povo que a sua liberdade se deve submetter ás leis, mas que as leis humanas devem subordinar-se ás leis divinas, e que, por isso, um povo que, para obedecer ás leis da terra, esquece os preceitos da religião do seu Deus, é um povo que não sabe comprehender os dons da liberdade: eis, meus senhores, o apanagio dos espiritos de escol, eis o roteiro santo que imprimem á sua propaganda as almas privilegiadas, sobre as quaes lança o Eterno, a mancheias, as dadivas de suas graças infinitas!

Debalde procura o homem sobre a terra duradoura e real quietação; não raro, o prolongado repouso é origem de fundas tristezas, de maguas inconsolaveis. Como no mar da agitação da existencia, poderá o homem firmar os passos sobre a onda revolta que o desequilibra, até arremessal-o ao abysmo? Ai! do que não procura, para norteal-o em sua peregrinação, a estrella da fé!

O nosso eminente consocio tem posto, com pericia, as mãos sobre os males que atormentam o nosso paiz; e, como o medico previdente e bom, não só tem procurado debellal-os radicalmente, mas ainda não se cança de aconselhar o que se deve evitar para que não surjam, por imprevidencia, consequencias ainda mais funestas. Quanto se tem dito e escripto sobre pretenções de potencias estrangeiras, ao nosso territorio, querendo retalhal-o, a seu talante, como si o Brazil fosse a China da America!!... Não faz ainda muito tempo que um illustre brazileiro, secretario de uma de nossas legações, publicou um livro, que adquiriu logo nomeada e recebeu os mais fervidos elogios de um eminente compatriota—ministro do Brazil em uma das mais notaveis côrtes da Europa; nesse livro, estabelecido o confronto entre o allemão e o brazileiro, este é representando como incapaz

de se dirigir e governar, especialmente por essa inferioridade que inoculou no organismo daquelles que, mais audazes, pretendem a supremacia nas cousas publicas, a gotta de sangue que, recordando a Africa, lembra tambem a escravidão; ao passo que o allemão parece ser indicado como o reformador de nossos costumes, o organisador de nossa futura nacionalidade. E esse livro—*Chanaan*—merece logo de uma das republicas do Prata a honra de ser traduzido e divulgado, talvez, meus senhores, como *homenagem á nação amiga*, cujo nome se deu ao celebre ginete offerecido ao ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil!

Ninguem ha, a não ser algum obstinado em sua voluntaria cegueira, ninguem ha que, estudando, mesmo superficialmente, as condições sociaes do Brazil fique sem apprehensões ante a possibilidade de imprevistos successos, que lhes imprimam completa transformação. Como que se empanou sob nuvens carregadas o sol do progresso da nossa cara patria, e uma noite longa e escurissima desceu, funebremente, sobre seus largos horisontes. Não são os carpidores anonymos, os Jeremias ignaros da plebe, que nada têm a perder, esses pobres filhos do povo que, como o povo, sentem de rijo os golpes do latego da fome e das violencias, os unicos que vêem a patria envolta no crepe da amargura. São tambem os proceres prestigiosos das aggremiações dirigentes que, em annunciados banquetes politicos, clamam pela restituição do governo ao povo, esquecido pela Republica, emquanto outros descobrem o salvaterio do actual regimen na panacéa da reforma eleitoral, que poderá ser manipulada, infelizmente, por alguns droguistas da prepotencia e das actas falsas, perdendo assim a efficacia therapeutica.

E' que já não se pode esconder que o paiz tacteia nas trevas do desgoverno.

Felizmente, meus senhores, como ponderou Alexandre Herculano, em seu admiravel opusculo sobre o *Feudalismo*, «por profundas que sejam as trevas em que achemos submerso o espirito humano nas épocas tristes da sua historia, sempre ha no meio dessa immensa noite intelligencias que se alteiem como pharóes e liguem com os seus clarões, ás vezes tenues, a luz que foi com a luz que ha de ser.»

O padre Dr. Julio Maria é uma dessas intelligencias providenciaes: a luz que se irradia de sua pregação tem o seu fóco brilhante no Evangelho, e propagando-se pelo ambiente de vida, esparge beneficos clarões, graças aos quaes se mostra aos olhos do crente a estrada da virtude, defrontada pelos sinuosos caminhos da perdição. E' uma luz celeste que a todos manifesta a sua origem, «luz que purifica sem queimar», que, sobretudo, se derrama, sem os perigos do incendio destruidor. Sua palavra é o pharol acceso no cimo da montanha da patria, para mostrar ao povo, sobre a terra, o porto de sua liberdade, e mais além o Thabor da eterna salvação. Para desvendar-lhe o primeiro, seu verbo é pela pacificação politica e religiosa.

Elle não quer a liberdade da republica romana, «onde ella não passa, na expressão de Tacito, de uma—*turbulentam libertatem*—a liberdade tumultuaria»; elle preconisa a paz, que, como observa illustre critico francez, inspirou uma das mais bellas canções de Petrarca—e que foi bem definida pelo dominicano João de Vicencia, quando clamava perante as multidões: «O', meus irmãos, reine entre vós a paz; porque a paz é a justiça, a paz é a liberdade, a liberdade tranquilla!»

Para mostrar ao povo o monte sagrado da

eterna beatitude, sua palavra apostolica se inflamma no amor de Deus e do proximo, traduzindo as verdades biblicas, reproduzindo as lições da tradição catholica, argumentando com os exemplos que revoam nas variações dos successos da Historia, applicando a cada necessidade, a cada desconforto, o supplemento, a consolação, que os attenua, quando os não extingue, e tudo isto de tal modo que, posto seu coração generoso junto a seus labios eloquentissimos, a inspiração do genio se confunde com as ternuras da dedicação, e passa o homem a olvidar o homem, para contemplar somente o sacerdote do Eterno.

Felizes os que se deixam attrahir por aquella sempiterna luz, de que nos fala o Dante, no *Paraiso*:

O luce eterna, che sola inte sidi,
Sola t'intendi, e da te intelleta
Ed intendenti, te ami ed arridi!

Bemaventurados os que se rendem ao imperio do divino amor.

L'Amor che muove il Sole e l'altre stelle!

* * *

Exm. Sr. Padre Dr. Julio Maria: Este *Instituto*, cheio de satisfação, por vos ter agora em seu modesto recinto, inscrevendo vosso nome glorioso entre os dos seus associados, teve (já vol-o disse) de substituir pelas effusões dos seus mais vivos e nobres sentimentos os primores com que altiloqua palavra devia exalçar o vosso merecimento excepcional; mas, vós sabeis dar excusas á deficiencia da homenagem e não se faz precisa a scintillação de peregrina eloquencia para o reverbéro de vossa fama, para o realce de vosso nome, aureolado pela suavissima claridade da *Stella Maris*, e repetido por milhares de crentes, que bemdizem

o vosso apostolado, a vossa divina propaganda em prol da liberdade, inspirada no Evangelho, fortalecida pela Fé.

Sêde bemvindo!

(Uma salva prolongada de palmas vibrou em toda a sala, sendo o orador felicitado pela mesa do *Instituto* e demais pessoas presentes.)

Decorridos poucos minutos, o presidente da sessão deu a palavra ao Padre Dr. Julio Maria, que se levantou para agradecer aquella honrosa recepção. (*)

Foi na Bahia, foi nesta terra gloriosa que recomeçou o longo e laborioso apostolado que havia realisado em todo o sul do Brazil; foi aqui que deu ás azas de sua fé o vôo arrojado que a impelliu desde a mais bella faixa do Norte até ao rio mais gigantesco do mundo... Deus quiz dar ao mais bello idéal da sua mocidade esta doce satisfação da sua edade madura:—ter feito que a Bahia e o Amazonas estreitassem todos os estados intermediarios no mesmo amplexo religioso...

O orador do Instituto, gloria da magistratura e tambem da nossa geração catholica, attribuiu-lhe talentos, virtudes, heroismo que não possue, impellido nisso, talvez, pelo exito, realmente grandioso e triumphal, da pregação catholico-social, a que desde muitos annos se dedicou. Não foi nenhuma dessas suppostas qualidades, de que S. Ex. fez tão deslumbrante diadema para offertar-lhe, que tem feito a força do seu apostolado.

Si victorias tem tido, (e para que ha de negal-as, si são tão numerosas e tão notorias?) o segredo dellas veiu manifestal-o ao seu nobre auditorio.

(*) O resumo d'esse discurso é dado pelo *Jornal de Noticias*, e para aqui o trasladamos.

(Nota da Redacção.)

Esse segredo é ter sido animado, em todo o seu apostolado, por estes dois amores: o amor de Deus e o amor da Patria.

E quem pode impunemente separar estes dois amores?...

Em longa e vibrante prelecção, que enthusiasmou o numeroso e selecto auditorio, o padre Dr. Julio Maria demonstrou a sublimidade da união de Deus e da Patria, provando que, como a falsa sciencia não pode eliminar Deus da creação do mundo, a falsa sociologia não pode eliminar Deus da formação dos povos. Como a mecanica só explica o mundo *formado*, mas não a *formação* do mundo, a sociologia só pode explicar a *organisação*, mas não a origem das sociedades politicas.

E' por isso, diz o orador, proseguindo noutra ordem de considerações, que a tentativa brazileira de uma patria sem Deus é original, temeraria, e até anti-republicana.

Assim, demonstrou o orador, triumphantemente, a triplice affirmação, mostrando que ainda nenhum povo, nem no paganismo, nem nos tempos modernos, fez essa triste experiencia; que separar o patriotismo da Fé em Deus é desamal-o; e que, finalmente, os mestres da democracia, na Europa e na America do Norte, não comprehendem o regimen republicano sem o culto de Deus.

Deus, diz, proseguindo em considerações que cada vez enlevam mais o auditorio, Deus tem muitas e bellas revelações: a revelação da Sciencia, a revelação da Arte, a revelação da Poesia; e, em quadro magnifico, mostra como na Sciencia—O *numero*, a *molecula*, a *luz*, o *calor*, o *movimento*, o *repouso*, a *vida*, na arte—todas as obas primas em pintura, esculptura, eloquencia, na poesia—todas as inspirações verdadeiras e completas não são menos que revelações de Deus.

A maior, porém, a mais grandiosa das revelações de Deus, é a Historia!

Nessa parte foi ainda muito feliz o eminente conferencista que apreciou a historia com vistas largas, e argumentações indestructiveis, fazendo-o com criterio philosophico dos grandes historiadores.

Assim mostra o elemento *humano* e o elemento *divino* da Historia. Mostra que não só Deus enche a Historia, como faz que a Historia revele a verdadeira religião. A verdadeira religião é tambem a unica religião historica. O christianismo é todo historico: historico no fundo e historico na fórma.

Tão variadas as considerações e tão numerosos os argumentos com que o orador demonstrou as suas affirmativas, que passal-os todos para uma noticia ligeira, como esta, seria talvez impossivel.

Depois de uns 40 minutos entrou o orador na peroração, bello trecho, que bem mereceu o silencio religioso com que foi ouvido e os applausos merecidos que obteve depois.

A peroração do discurso de hontem foi sublime e o seu thema baseou-se em que o dever presente do Brazil é a união de Deus á Patria.

Depois de divagações eloquentes e mimosas interroga o orador: A quem pedir essa união? Já não podemos fazel-o á politica, porque a lucta gloriosa dos partidos se extinguiu e hoje o predominio é de um só partido, o do governo; não podemos ir pedil-a aos homens de estado, pois na sua maioria quasi todos se acham desviados de um plano seguro de governo; já não podemos esperal-a do militarismo, porque, contra a sua propria vontade, é justiça dizel-o, delle arrancaram essa religião, separando-o do seu Deus, o Deus dos exercitos!

Pedil-a á mocidade, que é o futuro, o enthusiasmo, a liberdade, o amor, é debalde, porque ella não venera mais com o ardor verdadeiro das gera-

ções passadas as tradições catholicas da sua patria; pedila-a á imprensa, mas como, si em poucos logares são raros os jornaes catholicos?

Peçamol-a, suppliquemol-a A'quelle proprio que não é sómente a mais alta affirmativa da Sciencia, a mais bella inspiração da Arte, o mais formoso idéal da Poesia: é tambem a mais certa das certezas da Historia e a mais bella das tradições da Patria Brazileira—Deus!

(O padre Dr. Julio Maria foi nessa occasião muito felicitado pelo discurso que acabara de proferir.).

O PRIMEIRO BISPO DO BRAZIL

MEMORIA HISTORICA (*)

POR

Moreira de Azevedo

Era corrente que a bulla *Super specula militantis ecclesiæ* creando o bispado de S. Salvador, o primeiro do Brazil, tinha a data de 1.º de Março de 1555.

Causava extranhesa que a nomeação e confirmação do prelado precedesse de quatro annos á creação do bispado, que devia administrar, mas o visconde de Porto Seguro prova ter sido expedida aquella bulla aos 25 de Fevereiro de 1551. Escreve o douto historiador:

«Verificamos esta data pelo original da bulla (Torre do Tombo, armario 12 m. 31, m. I) que é Anno millesimo quingentesimo, quinquagesimo Quinto Kalendis Martii, o que pelos auctores, que haviamos seguido antes, havia sido lido 1.º de Março de 1555, sendo que o Quinto com letra maiuscula representa o dia.»

Ligaram os auctores Quinto a quinquagesimo e fizerão 1555, passando a bulla a ser de 1.º de Março, por que é esse o dia das kalendas de Março. Im-

(*) Offerecida ao Instituto Historico da Bahia pelo Autor a 12 de Dezembro de 1899. Foi já publicada no vol. XXIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional (1901), pags. 59—67.

(Nota da Redacção)

pressa pela primeira vez em 1806, depois em 1808, e reproduzida por Candido Mendes em 1866 em sua obra Direito Civil e Ecclesiastico Brasileiro, contém essa bulla o provimento e confirmação do bispo.

Traz a data de 1550, more florentino, mas foi passada em 1551, era vulgar, por que foi em 31 de Julho de 1550 que o governo portuguez deu instrucções ao seu embaixador em Roma, Balthazar Faria, para obter a creação do bispado, e o seu provimento na pessoa de Pedro Fernandes.

Ainda mais. Foi lavrada a bulla no segundo anno do pontificado de Julio III, que cingio a tiara em 8 de Fevereiro de 1550, razões estas, que confirmão a data exarada pelo visconde de Porto Seguro.

O nosso amigo Sr. bacharel Antonio Jansen do Paço, digno chefe de secção da Bibliotheca Nacional, chamou a nossa attenção para o post-facio, que acompanha a obra do visconde de Porto Seguro «Historia das Lutas com os Hollandezes no Brasil», 2.ª edição, 1872, no qual discute o referido historiador esta questão, e facultou-nos a consulta de diversos manuscriptos para escrevermos esta memoria. Gratos nos confessamos ao dedicado chefe de secção da Bibliotheca Nacional.

Para cingir a mitra no Brazil foi designado Pedro Fernandes, natural da cidade de Evora, sendo seus progenitores Gil Fernandes Sardinha e Lourença Fernandes, filha de Pedro Fernandes, que tinha o foro de vassalo de el-rei, como se expressa Barbosa Machado. (*)

Não se sabe o anno do seu nascimento, mas na carta de 20 de Maio de 1555 de D. Duarte da Costa a D. João III lê-se:

«Vossa Alteza teve muita razão de dar credito

(*) Rocha Pita diz que era natural de Setubal.

aos papeis do bispo, e ao que lhe de meu filho escreveu, por que parece que um bispo de sessenta annos não quereria infamar um mancebo, meu filho, e fazer-lhe perder o que merece diante de Vossa Alteza, sem causa; mas tenho por mui certo que se Vossa Alteza ouvira as partes... »

Vê-se pois que devia ter nascido Pedro Fernandes em 1495 ou 1496.

Era clerigo secular do habito de S. Pedro, estudou em Paris, recebendo o grau de bacharel em theologia. « Passou de discipulo a mestre nas universidades de Paris e Salamanca, » diz Barbosa Machado. Exerceu o cargo de vigario geral em Gôa na India, e era clerigo em Evora quando foi nomeado bispo de S. Salvador, cuja jurisdicção se estendia a todo o Brazil e ilhas adjacentes, com quanto fossem então seus limites de 50 leguas pelo littoral e 20 pelo interior.

Antes da creação deste bispado pertencia a Bahia quanto ao espiritual ao bispado de Funchal, mas depois dessa instituição tornou-se suffraganeo do arcebispado de Lisboa.

« Era Pedro Fernandes pessoa de muita auctoridade, grande exemplo e estremado pregador », diz Gabriel Soares.

Frei Antonio Roman exprime-se assim: « Pessoa de muitas lettras, auctoridade e experiencia. »

D. Pedro Fernandes partio de Lisboa em 24 de Março de 1551, como assevera em carta escripta a D. João III de Sanctiago de Cabo Verde em 11 de Abril desse anno.

« Partimos de Belém a vinte e quatro de março e aos vinte e sete viemos a vista da Ilha da Madeira. »

Por instancia dos conegos, que comsigo trazia, desembarcou na Ilha de Sanctiago, permanecendo alli quatro dias « no qual tempo, accrescenta o prelado, senti o ser esta terra mais rica de dinheiro que

de virtudes, e não é muito de espantar pois ha tantos annos que carece de pastor.»

Conferio ordens menores a dous individuos por terem breves de Roma, e chrismou 500 ou 600 pessoas. No dia 11 de Abril á noite proseguiu na viagem.

Acompanharam o bispo alguns sacerdotes, conegos e dignidades para formar a sé e igreja cathedral, vindo tambem ornamentos, sinos, objectos de prata e alfaias do serviço da igreja e culto divino.

A armada em que veio o bispo composta do galeão Velho e outros navios mercantes era commandada por Simão da Gama de Andrade, e conduzio gente e mantimentos para a nova cidade do Salvador.

Foi este o nome que o rei ordenou se désse á nascente cidade e não S. Salvador, «pois foi aquelle, escreve Candido Mendes, o primeiro nome da cidade impropria e inexactamente conhecida em nossa epoca por S. Salvador, que não exprime a grandeza da idéa da primeira e tão simples denominação.»

Em uma certidão passada na Bahia aos 19 dias do mez de Julho de 1759, por ordem do desembargador ouvidor do civel Bernardino Falcão de Oliveira, declara o escrivão Antonio de Sepulveda de Carvalho:

«E outrosim consta dos ditos autos, assim pelos termos judiciaes, como pelas certidões, que nelles se achão copiadas, nomear-se em quarenta e duas partes esta cidade com o titulo de Salvador Bahia de Todos os Santos, e em nenhuma parte com o de S. Salvador.»

E' aquelle o nome que vem exarado em todos os antigos livros de registros.

Discordão os auctores sobre o dia e anno da chegada de D. Pedro Fernandes ao Brazil, mas por uma carta do padre Manoel da Nobrega para o pro-

vincial de Portugal fica-se sabendo ter chegado o prelado á Bahia em 22 de Junho de 1551.

Escreve Manoel da Nobrega:

« Vespora da vespora de S. João chegou o bispo a esta Bahia com toda a nau e gente de saude, posto que trouxerão prolixa viagem, e que parecia a todos que não viria, de que a cidade era muito triste, e muito nos tememos querer Nosso Senhor castigar os peccadores desta terra com não nol-a trazer, sed tristitia nostra versa est in gaudium, com o trazer com tanto, que como todos dizem, foi muita obra de Nosso Senhor. »

Era então governador geral do Brazil Thomé de Souza, que viera acõmpanhado dos primeiros jesuitas enviados ao Brazil para catechisar os indigenas. Vieram seis, sendo o chefe da missão Manoel da Nobrega um dos mais illustrados de sua ordem.

Em carta ao padre-mestre Simão expõe elle:

« Chegamos a esta Bahia aos vinte e nove dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era. Receberão-nos com grande alegria. E achamos uma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os padres e irmãos em umas casas a par della ».

Deu o governador principio á edificação da Sé e igreja para o culto divino, sendo esta consagrada á Senhora da Ajuda, a primeira da nova cidade; e que muitos annos servio de matriz. Era de taipa e coberta de palha.

Emquanto não teve residencia propria hospedou-se o diocesano na casa dos jesuitas.

Chegaram com elle quatro sacerdotes da companhia de Jesus para ajudar os seis, que existião na colonia, na doutrina e conversão do gentio.

Produzio grande contentamento a vinda do prelado.

«Com a vinda do bispo foi a terra mui alegre», narra Manoel da Nobrega.

Pregou em 29 de Junho na festa de S. Pedro e S. Paulo, exercendo sua palavra benefico effeito sobre os costumes.

Foi passada em Almeirin a 4 de Dezembro de 1551 a carta de D. João III de apresentação e confirmação do bispo D. Pedro Fernandes. Ha nessa carta uma postilla de 7 do mesmo mez e anno em que se declara:

«Houve o Bispo D. Pedro pagamento de duzentos mil reis em João Gomes Thesoureiro da Casa da India, do primeiro anno do seu Bispado, que acaba em fim de Janeiro do anno que vem de 1552. E por tanto não ha de haver pagamento dos 200$ rs. no dito primeiro anno. A 7 de Dezembro de 1551. André Soares.

Concedeu o governo ao primeiro prelado do Brazil o ordenado de 500 cruzados annuaes, mas a provisão de 25 de Agosto de 1551 mandou darlhe mais cem mil reis annualmente, além dos duzentos mil reis, que já tinha.

Outra provisão marcou-lhe a quantia de vinte mil réis cada anno, do dia que chegasse a sua diocese, para um pregador.

O primeiro pregador da Sé foi o padre Gomes Ribeiro, antigo capellão do rei, e que viera com o bispo.

Ordenou o alvará de 10 de Dezembro de 1551 que se désse embarcação ao prelado quando fosse em visita.

Pela provisão de 17 de Agosto de 1552 nomeou D. Pedro Fernandes os primeiros capellães e moços do côro.

Os capellães foram João de Varzoa, Martim Soares, irmão do vigario da Sé e Bastião Pereira,

«por não achar ao presente, resa a provisão, outros sufficientes que possão encher o numero.» Devião ser seis.

Em moços do côro forão providos João filho de João Velho, e Diogo filho de Matheus de Juro moradores nesta cidade, accrescenta a provisão.

Em carta de 22 de Setembro de 1552 dirigida por D. João III a Thomé de Souza recommendou-lhe que mais perto que podesse ser da Sé ou pegadas com ella, construisse duas casas para o diocesano. Expressou-se assim o rei:

«Muito vos agradecerei fazerem-se as ditas casas com a mais brevidade que puder ser, as quaes terão ao redor de si um xão, em que se possa fazer quintal e jardim.»

Escriptores antigos e modernos dão ao primeiro bispo o nome de Pedro Fernandes Sardinha, mas nas provisões, livros de registros e outros documentos, que compulsamos, não encontramos o sobrenome Sardinha. Frei Vicente do Salvador o chama apenas de D. Pedro Fernandes, e no tratado escripto pelo irmão do prelado, Alvaro Gomes, intitulado—De Conjugio Regis Angliœ cum relicta fratris sui,—impresso em Lisboa em 1551, vê-se no fim um prologo sob o titulo Petrus Fernandus electus Episcopus Braziliensis candido lectore Idibus Martii 1551.

Diz Barbosa Machado que o bispo muito concorreu para a composição deste livro do seu irmão.

Succedeu a Thomé de Souza no governo do Brazil D. Duarte da Costa, que chegou á Bahia em 13 de Julho de 1553, trazendo comsigo dezeseis jesuitas, entre os quaes José de Anchieta, que pelas suas virtudes e saber mereceu a denominação de Apostolo de Novo Mundo.

Os indios e emboados na capitania de S. Vicente o chamavão Nosso Pae, o bispo D. Pedro Leitão—de Servo de Nossa Senhora, e Simão de

Vasconcellos—de Sol da America, Luz da gentilidade, Honra da Companhia, Gloria dos seus irmãos e Exemplar dos Missionarios.

Procurou D. Duarte tratar bem o bispo «não só, expende elle em carta ao rei, assim por sua dignidade e meu cargo, como por Vossa Alteza m'o encommendar.»

«Não era facil a missão do bispo, observa Teixeira de Mello, numa sociedade composta de elementos tão disparatados, em que preponderava o uso consuetudinario do indigena mergulhado na sua secular barbaria, mal alumiado ainda dos raios vivificantes da civilisação européa, e da religião de Christo; no meio de uma população abandonada ao acaso durante meio seculo, entregues os proprios colonos a toda sorte de vicios, a que não achavão freio na observancia das leis, que só em estado embrionario existião.»

«O clero que então havia na colonia participava da influencia do meio em que vivia.»

Do pulpito começou o bispo a censurar os máos habitos e vicios do povo, impondo penitencias e penas espirituaes e temporaes mais ou menos severas. O seu procedimento levantou opposição e descontentamento.

Escrevendo ao padre-mestre Simão, expende Manoel da Nobrega o seguinte:

«Neste comenos chegou o bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual chegarão logo as vozes dos murmuradores.»

Narra Rocha Pitta:

«Procedia o bispo com rigor contra alguns dos moradores, a quem a liberdade de uma nova conquista tinha feito cumplices de algum delicto, que podia emendar-se com menor castigo.»

Tinha o governador um filho chamado D. Alvaro da Costa, que em companhia de outros jovens

entregava-se aos prazeres e á vida dissoluta de uma sociedade mal constituida.

Avisou o diocesano a D. Duarte para que admoestasse o filho, mas ou porque não attendesse o governador ás observações do prelado, ou porque o filho não lhe ouvisse os conselhos, começou D. Pedro Fernandes a condemnar na tribuna sagrada os factos, que se davão na cidade depois da partida de Thomé de Souza.

Offendeu-se o governador com este procedimento.

Em carta de 11 de Abril de 1554 para D. João III expende D. Pedro Fernandes:

«Do que me tomou o governador tamanho aborrecimento que nunca mais me passou pela rua, a defendeu a todos seus pamgodes, que não entrassem em minha casa, nem me visitassem.»

Relata que D. Duarte favorecera os conegos contra elle, e prendera e carregara de ferros um conego que era de seu partido.

Prosegue o bispo:

«De D. Duarte não sei que dizer senão que tirou cá o rebuço, que lá trazia de virtuoso, e trocou a ordem da policia, porque o pae obedece ao filho, e o filho não tem nenhuma reverencia nem acatamento ao pae, e não se faz na terra senão o que D. Alvaro manda.»

Escrevendo ao rei em 8 de Abril de 1555 queixava-se D. Duarte da Costa de querer o prelado usurpar a jurisdicção real, de ser aspero e cubiçoso nas penas que lançava em terra tão nova e pobre, e escandaloso nas grandes excommunhões, que ordenava por pequenas cousas.

Procurara aconselhal-o, mas irritou-se o diocesano e do pulpito e estações começou a fallar contra elle e seu filho.

Tentou fazel-o embarcar para o reino «mas receiei, pondera o governador, que me tivesse Vossa

Alteza em outra conta da que me até aqui teve, e determinei-me de lhe soffrer tudo, porque não lhe achei outro melhor remedio, e não lhe errar pregação nenhuma, e lhe faço a cortezia e honra que lhe fiz quando cheguei a esta terra.»

Informado da conducta irregular de D. Alvaro da Costa communicou D. João III por carta ao governador que muito se descontentara com o procedimento do seu filho, a quem não castigara em consideração de occupar seu pae o cargo de governador da colonia.

Enviou D. Duarte o filho a Portugal participando a el-rei que assim procedia para que seus inimigos não dissessem e escrevessem outras cousas peiores por onde parecesse que ambos mereciam ser castigados, e para requerer a sua ida para o reino, o que muito desejava por sua consciencia e saude.

Pedia que mandasse tirar devassa de seu filho por pessoa sem suspeita, e accrescentava:

«Perguntem-se aos padres de Jesus, aos quaes se não esconde nada, e a todo povo desta terra, tirando pessoas que aqui castiguei, que são tres ou quatro, e se achar delle cousa mortal mande-o castigar como merecer e a mim tambem.»

Terminando esta carta datada da cidade do Salvador a 20 de Maio de 1555 confessava ao rei o seguinte:

«Tenho dez filhos e filhas, mulheres em idade para casar, e minha mulher muito mal disposta, e eu o fico em extremo de disposições, de que foi mister bem curado, como lhe meu filho dirá; não vim a esta terra por cobiça nem por vaidade de honra, nem em idade para folgar de ver mundos novos, (tinha então 51 annos) só o amor do vosso serviço me trouxe sem conselho de parente, nem de ninguem; peço por mercê a Vossa Alteza que a mercê que eu por isto mereço seja mandar-me ir ao tempo que me Vossa Alteza limitou, porque se não

tivera delle já tão pouco por correr, ainda lhe pedira que m'o encurtara, por não estar na conversação do bispo, porque com todo homem me concertara, ainda que fôra diabo, sinão com elle, e este pouco tempo que me fica daqui até Maio para cumprir os tres annos, eu trabalharei que o não gaste todo nesta Bahia, por me excusar de tão terrivel conversação.»

Parece que os jesuitas tambem não presavão a D. Pedro Fernandes, pois em carta do padre Manoel da Nobrega de 5 de Julho de 1559, posto que julgue o prelado homem virtuoso e zeloso da reforma dos costumes, accusa-o de *se dar pouco quanto ao gentio e a sua salvação*, de quem não se considerava bispo.

Era talvez o diocesano rigoroso em suas medidas e violento em suas expressões. Transformava a cadeira da igreja em tribuna de accusação, quando era dalli que a sua palavra sagrada podia acalmar e guiar os espiritos. O atraso moral e religioso da população reclamava calma e prudencia, e mais suavidade do que rigor. Accresce que transpondo os limites da sua jurisdicção exigia o governador as prerogativas do poder real, resultando dahi a luta entre as duas supremas auctoridades da colonia, e formando-se dous grupos, um que apoiava o bispo, outro que defendia o governador.

Em uma de suas cartas relatava D. Duarte da Costa o seguinte:

«E mande-se Vossa Alteza bem informar de como é cortez nos pulpitos e nas estações ao vosso governador e aos vossos officiaes, porque estes são os lugares que o bispo toma para sua vingança, e nestes se não faz nesta terra até agora nenhum serviço a Nosso Senhor, mas nascem do que nelles diz grandes escandalos e prejuizos. Dos padres de Jesus pode Vossa Alteza saber como são delle tra-

tados, e como os ajuda com suas esmolas, e com os favorecer de fóra.».

Attendendo talvez ás queixas do governador, e querendo cortar a lucta entre o poder civil e o religioso, que tanto prejudicava a colonia, o rei chamou o bispo a Portugal.

Em uma carta de Manoel da Nobrega ao padre Ignacio conta elle:

«Por este navio que veio soubemos como El-Rei mandava ir o bispo de cá; e creio que já o não acharei na Bahia.»

Em 2 de Junho de 1556 partio da cidade do Salvador D. Pedro Fernandes. Ia na nau N. Senhora da Ajuda em companhia de Antonio Cardoso de Barros, que viera com Thomé de Souza como provedor-mór, dous conegos, duas mulheres honradas, como se expressa frei Vicente do Salvador, muitos homens nobres e outra muita gente, que por todos erão mais de cem pessoas.

Depois de quatorze dias de viagem surgio grande tormenta, que, arrebatando ancoras e amarras, fez o navio sossobrar na enseada chamada dos Francezes, entre os rios S. Francisco e Coruripe. O visconde de Porto Seguro e Joaquim Caetano da Silva dizem que o naufragio deu-se nos baixos chamados de D. Rodrigo, quasi a foz do Rio Coruripe, algumas leguas ao norte do Rio de S. Francisco, no actual Estado de Alagoas.

Si salvarão-se do sinistro não livrarão-se os naufragos dos Cahetés, indios antropophagos, que conduzindo-os para um local um pouco mais ao norte, na margem esquerda do rio S. Miguel, os mataram e devoraram. Escaparam apenas dous indios, que ião da Bahia, e um portuguez que sabia a lingua do gentio.

Tratando deste acontecimento em carta de 10 de Junho de 1557 expende o padre Blasquez o seguinte:

«Isto é em summa, reverendo padre, o que o anno passado de 1556 escrevemos em a nau em que ia o bispo, a qual se perdeu sessenta leguas desta cidade, não escapando della senão dez pessoas, porque os outros todos os matarão os indios, e segundo seu costume, os comerão; agora está esta cidade sem bispo bem triste e desconsolada.»

Parece mais veridica a opinião de frei Vicente do Salvador, quanto aos tres individuos, que poderam livrar-se por conhecerem a linguagem dos indios.

O bispo pereceu em 16 de Junho de 1556, data sobre a qual não pode existir duvida, pois no traslado da provisão *por que S. A. fez Mercê ao Bispo, Dignidades, Conegos, Capellães da Sé desta cidade* (Bahia) *dos Dizimos das Miuças das Capitanias desta costa por tempo de cinco annos,* ha a seguinte postilla:

«O Bispo D. Pedro Fernandes falleceu a 16 de Junho de 1556. Certifico assim e puz esta Verba. eu Sebastião Alz'. Escrivão da Fazenda. O derradeiro de Dezembro do dito anno. Sebastião Alz'.»

A morte prematura e desastrosa de D. Pedro Fernandes deixou vago o solio episcopal do Brazil, vindo reger a igreja, como visitador e commissario geral, o Dr. Francisco Fernandes.

Si pode haver neste ligeiro trabalho algum merecimento será pela concatenação dos factos sobre o assumpto, que merece estudo e culto, e tambem por ficarem fóra de duvida certos pontos concernentes a esta simples chronica. Assim deixamos especificada a bulla de 25 de Fevereiro de 1551 da creação do bispado e nomeação do prelado, a sua apresentação e confirmação por carta de D. João III de 4 de Dezembro de 1551, a partida do diocesano de Portugal para o Brazil em 24 de Março de 1551, a chegada á cidade do Salvador em 22 de

Junho do mesmo anno e a sua morte em 16 de Junho de 1556.

Além de outros factos relativos á vida de D. Pedro Fernandes, que registrámos, vimos ser este o nome, que vem nas provisões, livros de registros e mais documentos, julgando nós que deve ser o adoptado na historia.

A catastrophe, que causou a morte de D. Pedro Fernandes e de seus companheiros, é um dos factos tristes e dolorosos dos tempos coloniaes.

Alquebrado de annos, pois contava mais de sessenta, torturado por ver o martyrio e morte dos que o cercavão, devião de ser cruciantes os ultimos momentos do primeiro bispo do Brazil. Mergulhando o olhar no céo, e balbuciando sem duvida ardente prece a Deus, pereceu D. Pedro Fernandes.

Sejão estas palavras uma homenagem á memoria desse infeliz sacerdote, o primeiro que cingio a mitra no Brazil, e dos seus desgraçados companheiros trucidados pelos indios, ha mais de tres seculos, em uma praia deserta do territorio brazileiro.

FIM

Rio de Janeiro 12 de Dezembro de 1899.

MOREIRA DE AZEVEDO.

OBRAS CONSULTADAS

Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Brazil, pelo Dr. Antonio Henriques Leal.

Annaes da Bibliotheca Nacional.

Ephemerides Nacionaes, de Teixeira de Mello.

Historia do Brazil, de Rocha Pitta.

Historia Geral do Brazil, do Visconde de Porto Seguro.

Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesus.*

Historia do Brazil, de Frei Vicente do Salvador.

Ephemerides, de Abreu e Lima.

Direito Civil Ecclesiastico Brazileiro, de Candido Mendes.

Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tomos 5, 6, 14, 34, 49, 43, 40, 52.

Pedro de Mariz, *Dialogos.*

Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

Agiologio Lusitano, pelo licenciado George Cardoso.

Frei Antonio Roman.

Tratado Descriptivo do Brazil, por Gabriel Soares.

Historia das Luctas com os Hollandezes no Brazil, pelo Visconde de Porto Seguro.

Livro de Provisões Ecclesiasticas, manuscripto existente na Bibliotheca Nacional.

GEOLOGIA DA BAHIA

Notas sobre a geologia ao longo da Estrada de Ferro Bahia e Minas

POR

John C. Branner (1)

Em Setembro de 1899 realisei duas excursões pela Estrada de Ferro Bahia e Minas, no intuito de adquirir algumas noções sobre a geologia da região por ella atravessada. As observações seguintes foram colhidas durante estas duas excursões, e, não obstante os seus manifestos defeitos, são publicadas como contribuição para a geologia duma parte pouco conhecida do Brazil.

Comquanto as invesgitações geologicas feitas em estradas de ferro sejam proverbialmente pouco fidedignas, as presentes foram effectuadas em circumstancias especialmente favoraveis. O Director da Estrada de Ferro (2), do qual fui hospede quando ali estive, fazia gentilmente parar o trem sempre que eu o desejava, sem contar muitas outras paradas nas estações, para inspecção e devidas á que-

(1) O original desta interessante monographia appareceu, em 1899, nos *Proceedings of the Washington Academy of Sciences,* Vol. II, pp. 185—194, e a presente traducção do inglez é do socio correspondente Alfredo de Carvalho.

(2) Confesso-me summamente penhorado pelas muitas amabilidades com que me distinguio, com referencia a esta excursão, o Dr. João Bley Filho, de Theophilo Ottoni, digno Director da E. de F. Bahia e Minas.

N. do A.

da de troncos de arvorêdos ou de postes telegraphicos atravez da linha. Afim de melhor poder observar a geologia toda a excursão foi feita muito vagarosamente e durante o dia.

As unicas observações geologicas anteriores sobre a região atravessada por esta Estrada de Ferro foram as feitas por Hartt que, em 1866, foi de Santa Clara a Thecphilo Ottoni pela estrada de rodagem então recentemente aberta, que atravessa a região algumas leguas ao sul da Estrada de Ferro e corre parallela a esta até proximo ao seu extremo, onde ambas, a estrada de rodagem e a de Ferro, se acham no valle do Rio Todos os Santos (3). Hartt falla das rochas crystallinas como gneiss veiado de granito.

A Estrada de Ferro Bahia e Minas deixa a costa maritima em Ponta d'Areia, a estação inicial, proximo á cidade de Caravellas, no Estado da Bahia, e percorre em direcção quasi que a oéste até a cidade de Theophilo Ottoni (outr'ora chamada Philadelphia), no Estado de Minas-Geraes, uma distancia de 376 kilometros. A região atravessada consiste de tres zonas bem definidas: uma planice costeira chata, uma zona de taboleiros, em parte coberta de florestas e em parte de campos, e a região das rochas crystallinas.

Ao longo dos dez primeiros kilometros a linha passa por uma planice costeira, chata e arenosa, que se eleva apenas de menos de tres metros acima da preamar. O ponto mais alto medido nesta planice costeira está, proximo á povoação Barra de Caravellas, 2,^{m} 20 acima do nivel da preamar. E' possivel que existam logares um pouco mais elevados na cidade de Caravellas.

Em Ponta de Areia o terreno mais alto está

(3) Geology and Physical Geography of Brazil, by C. F. Hartt. *Boston, 1870, pp. 129—134.*

somente um metro acima do nivel da preamar. As mudanças de nivel na superficie da planice são habitualmente ou muito suaves ou muito abruptas, sendo as encostas extensas, planas e imperceptiveis dum lado e descendo abruptamente do outro. O solo da zona costeira é todo arenoso. Na superficie acha-se escurecido pelo accumulo de detritos vegetaes, mas de dous a seis decimetros abaixo a areia tem o colorido de varios ancenubios do amarello e algumas vezes quasi côr de laranja. E' digno de nota a este respeito que os grandes bancos de areia, em frente á foz do Rio Caravellas, têm a mesma côr amarella. Em muitos logares onde foram excavados poços nestas areias da zona costeira, foram extrahidas grandes quantidades de conchas marinhas, emquanto que em outros logares as formigas e outros animaes cavadores trouxeram á superficie do sólo destas conchas ou seus fragmentos. Em dous logares encontrei pedaços de coral na areia tirada dos taes poços. Um delles era um fragmento de *Heliastrœa aperta* do tamanho dum punho, um coral que cresce abundantemente nos grandes recifes de coral da costa; o outro era um pequeno specimen da pequena *Astrangia solitaria;* ostras e outros bivalves, vermetidœ e gasteropodes são abundantes nesta areia. Os restos de molluscos achados nas areias desta planice costeira têm apparencia muito similar á dos que actualmente vivem ao longo da costa, mas, na falta de collecções, quér dos fosseis quér da fauna costeira existente, nenhuma opinião pode ser expendida com relação á idade geologica precisa da planice costeira. Pode ser Pleoceno, Pleistoceno ou recente.

Além do kilometro 10 a Estrada de Ferro passa gradualmente da baixa planice costeira arenosa para os campos abertos e arenosos.

As areias soltas ao longo desta secção da linha são brancas e têm o aspecto de haverem filtrado

aguas aciduladas. A região é quasi plana e apenas pouco mais elevada do que a planice costeira. As unicas rochas visiveis são grés pretos tenros que affloram nos cortes aos lados da linha; grés similares são encontrados em muitos logares ao longo da costa nordéste do Brazil, sempre em niveis baixos, sendo habitualmente pretos ou côr de rapé, e toda vez que a sua correlação com as rochas visinhas é apparente, ellas descançam inconformavelmente de encontro aos ou sobre o Eoceno (?) eruido.

Na cidade de Caravellas este grés é occasionalmente empregado em muros de arrimo; fui informado que todo elle era trazido em canoas de varias milhas rio acima, só podendo ser extrahido na baixa-mar; nunca foram encontrados fosseis nestes grés pretos; na linha da Estrada de Ferro os grés pretos se acham aqui e ali do kilometro 10 até perto do kilometro 18.

No kilometro 19 a linha rasga um córte de tres a quatro metros numa lombada baixa de argilla arenosa vermelho clara, que presumo ser a margem occidental approximada dos sedimentos do Eoceno (?). Deste ponto até depois da Serra dos Aymorés a Estrada por sobre jazidas de materiaes mais ou menos similares; consideramos, com alguma duvida, estas jazidas como referentes ao Eoceno (?) por causa das observações colligidas mais ao norte nos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, etc. Ao longo da linha da Estrada de Ferro de Bahia e Minas não foram encontradas jazidas fossiliferas; mas, a apparencia geral e as relações estructuraes destas series correspondem ás porções decompostas do Eoceno. (?) Nesta região as jazidas do Eoceno (?) são brancas, amarellas, côr de rosa, vermelhas, de varios ancenubios de cinzento e mosqueadas; constam na maioria de grés tenros e argilas arenosas; sómente em poucos logares formam

estes grés rochas duras: no nivel entre Peruhype e Helvetia, perto do kilometro 68; na visinhança do kilometro 136, 5, perto do Pasto do Godinho, e proximo á caixa d'agua, no kilometro 141, 5, onde o grés tem uma espessura de quatro a seis pés. Em muitos logares as partes superiores das jazidas contêm blocos irregulares de ferro ou de areia cimentada com ferro, do tamanho de dous punhos; estas jazidas sedimentares são tão geralmente horisontaes que em parte alguma ao longo da linha ha apparencia de pendor; entretanto as altitudes da Estrada de Ferro demonstram a existencia dum suave pendor para o lado da costa. As jazidas do Eoceno (?) continuam até e além da Serra dos Aymorés, terminando no kilometro 160; a área do Eoceno (?) forma extensos campos abertos ou « prerias », despidas de arvores, cobertas duma vegetação escassa e rachitica, mas, em alguns pontos semeadas de pequenas «ilhotas» de florestas; em outras partes da jazida de Eoceno (?) crescem algumas das mais bellas florestas que vi no Brazil. As grandes florestas começam perto do kilometro 73 e estendem-se quasi até Theophilo Ottoni, no kilometro 376.

Grande numero de troncos de esplendido paurosa e jacarandá apodrecem ao longo da linha, e nas florestas abundam estas preciosas madeiras.

A estação de Peruhype (kil. 65), junto ao rio do mesmo nome, acha-se na altitude de apenas seis metros acima do nivel do mar, emquanto que o fundo do rio, onde a Estrada de Ferro o atravessa cerca dum terço de kilometro além da estação, a cóta é de apenas 0,50 acima do nivel do mar. Para chegar a este ponto a Estrada de Ferro faz uma grande volta afim de evitar os pantanos e alagados das visinhanças de Caravellas, e, depois de atravessar as collinas do Eoceno (?) numa altitude de

sessenta metros, volta a achar-se quasi que ao nivel do mar.

As collinas ao longo do Rio Peruhype têm cerca de trinta metros de altura, os topos achatados, e descem para o rio em encostas de 35o de inclinação. Além da estacão de Peruhype a Estrada de Ferro galga de novo o cume do planalto sedimentar. No kilometro 67 um córte apresenta bem as usuaes jazidas horisontaes, mosqueadas ou coloridas, numa profundidade de cerca de dez metros; no kilometro 69 a linha acha-se novamente nos campos abertos do topo do planalto, e d'ahi até o kilometro 73, quando a Estrada de Ferro penetra nas florestas, continuam os campos. O topo do planalto (kil. 72-73 perto da estação Helvetia, é mais ou menos ondulado, mas, na realidade consta dum taboleiro plano atravessado por boqueirões e valles, visiveis apenas de muito perto.

No kilometro 128 a Estrada de Ferro desce a um pequeno valle rasgado nas jazidas do Eoceno (?). As jazidas que affloram nos córtes são as usuaes argilas amarellas, vermelhas e mosquedas; algumas contêm blocos endurecidos com ferro, de um metro e mais de diametro. No kilometro 132,5 a Estrada de Ferro alcança o fundo dum pequeno valle estreito, num logar chamado Pasto do Godinho; ali as torrentes alluviaes romperam atravez das jazidas sedimentares, fazendo afflorar algumas pequenas bossas arredondadas das antigas rochas crystallinas subjacentes; estas affloram apenas na extensão de perto dum kilometro. A Estrada de Ferro continúa atravez das rochas do Eoceno (?); o ponto culminante na passagem da Serra dos Aymorés é perto do kilometro 155 (4). Durante

(4) Infelizmente a tabella das altitudes ao longo da Estrada de Ferro não pôde ser encontrada quando estive no escriptorio do Director. Na *Memoria descriptiva sobre a Estrada de Ferro Bahia e Minas*, por M. de Teive e Argollo, *Rio de Janeiro, 1883*, encontrei as altitudes até o kilometro 138, emquanto que a altitude de Theo-

alguns kilometros ao longo do divisor das aguas da Serra dos Aymorés não ha affloramentos de rochas, e é impossivel determinar com precisão onde terminam as rochas sedimentares. No kilometro 160, entretanto, as rochas crystallinas apparecem no fundo dum boqueirão, e, como ali occorrem seixos de grés misturados com blocos de quartzo-monzonitico, parece provavel que este logar esteja proximo da margem dos sedimentos do Eoceno (?), e que a Serra dos Aymorés, onde é atravessada pela Estrada de Ferro, seja revestida pela delgada margem interna destes sedimentos.

A região é coberta por uma espessa floresta. e só occasionalmente é possivel obter golpes de vista sobre a topographia das adjacencias; mas, estes golpes de vista são suggestivos: num ponto (kil. 145) vê-se á direita da linha um pico muito agudo emergindo quasi verticularmente do seio das florestas circumjacentes; mais adiante um outro pico elevado é visivel da Estrada de Ferro, tambem ao norte da linha. Estas montanhas têm todas o mesmo aspecto arredondado e exfoliado tão caracteristico dos picos de rochas crystallinas do Brazil.

A Serra dos Aymorés é um prolongamento da Serra do Mar ao longo desta parte da costa brazileira. Vista do Oceano apresenta-se com o vulto duma grande cadeia de montanhas, dilatando-se de 16° a 21° 30' de latitude S.; é, pois, um facto digno de interesse achar a Estrada de Ferro atravessando esta Serra sobre sedimentos horisontaes. Comtudo a explicação desta anomalia parece consistir em que ao passo que estas jazidas do Eoceno (?) entestam com o renque principal da Serra dos Aymorés,

philo Ottoni vem mencionada no livro de Hartt. No percurso em que a Estrada de Ferro acompanha o rio, donde primeiro attinge o Mucury, o perfil é representado em nivel deste logar até Theophilo Ottoni.

N. do A.

neste ponto particular o amago da Serra é representado sómente por poucos picos isolados que emergiam d'agua como ilhas quando os sedimentos foram depositados. O curso seguido pela Estrada de Ferro é portanto uma especie de brecha aberta no renque da antiga serra, que apenas é representada por estes picos elevados.

A partir do kilometro 160, onde a Estrada de Ferro desce a vertente occidental da Serra, os afflorامentos de rochas crystallinas se tornam cada vez mais frequentes, até que, no estreito valle entre o divisor das aguas e o Mucury, as jazidas do Eoceno (?) desapparecem completamente, e as collinas de ambos os lados são todas de rochas crystallinas, que continuam até proximo á cidade de Theophilo Ottoni. O Professor H. W. Turner, da Commissão Geologica dos Estados Unidos, teve a gentileza de examinar as amostras de rochas colhidas durante esta excursão; a encontrada no logar acima mencionado foi por elle denominada—*quartzo-monzonitico*—accrescentando que é a rocha á qual a maioria dos petrographos dá o nome de *gabbro*.

No kilometro 171 a Estrada de Ferro chega ás margens do Rio Mucury; este curso d'agua corre em quasi toda a sua extensão num leito de rochas crystallinas grosseiras, principalmente de gabbro ou quartzo-monzonitico.

O valle immediato do Mucury, na caixa d'agua Sete de Setembro, perto do kilometro 172, tem pouco mais de meio kilometro de largura no fundo, e as collinas se elevam de ambos os lados á altura de cem metros ou pouco menos. Em toda a sua extensão este valle permanece estreito, e os seus flancos são muito ingremes e densamente arborisados; sómente proximo ás cabeceiras alargam-se um pouco estes valles. No kilometro 188 a Estrada de Ferro passa para a margem direita do rio, que continúa a seguir

até chegar a Theophilo Ottoni. Na estação Mayrink as rochas são de quartzo-monzonitico e de grés grosseiramente granulado; no leito do rio ha bons affloramentos indicando que a seriação das rochas tem a direcção de N 25° E.

Desde onde a Estrada de Ferro penetra no estreito valle do Mucury, no kilometro 172, até o kilometro 345 as rochas são todas ou quartzo-monzoniticos, gneisses ou granitos, predominando as primeiras.

Não me foi possivel verificar o quér que fôsse com referencia á idade relativa destas rochas crystallinas.

O leito do Rio Mucury consta por toda parte destas rochas massiças. Aqui e ali affloram aos lados do estreito canal do rio, collinas destas rochas calvas e arredondadas, e enormes blocos exfoliados são abundantes por toda a area das rochas crystallinas.

Ha bellos exemplos destes blocos em Bias Fortes, kilometro 308. Na parte inferior da faxa crystallina as rochas têm um aspecto muito mais recente do que mais para o interior. Amostras colhidas no kilometro 281 e na estação Francisco de Sá, kilometro 290, foram descriptas pelo Professor Turner como quartzo-monzoniticos.

Em Bias Fortes as rochas são de novo quartzo-monzoniticos.

No kilometro 344 e no kilometro 363 são visiveis picos escalvados de rochas crystallinas exfoliados, elevando-se de 100 a 150 metros acima do valle, ao lado direito da linha. Proximo ao kilometro 345 occorre uma pronunciada mudança geologica. Os quartzo-monzoniticos desapparecem inteiramente; as rochas não têm mais o aspecto recente nem a contextura grosseira das anteriores. mas são gneisses profundamente decompostos e de granulação fina.

No kilometro 355 a mudança é ainda mais accentuada, porquanto deste ponto a Theophilo Ottoni as rochas são principalmente micas e outros schistos, muito falhados, enrugados e atravessados por veios. Todas estas rochas se acham tão decompostas que raramente se observa uma face de rocha dura nos muitos córtes da Estrada de Ferro; setenta e cinco metros antes da estação terminal de Theophilo Ottoni existe um córte, de dez metros de altura, aberto em schistos decompostos e falhados, semeados de pequenos veios de quartzo.

A cidade de Theophilo Ottoni assenta num terreno assaz accidentado, e as suas ruas acompanham a direcção de estreitos valles entre as collinas. Aqui e ali foram abertos fundos córtes nas encostas inferiores destas collinas para nivelamento das ruas ou construcção de casas. Por toda parte estes córtes são em rocha, decomposta *in situ*, e a terra é tão molle que em qualquer parte se póde metter nella uma faca; entretanto a terra sustenta-se em muralhas perpendiculares, semelhantes a muros de pedra ou de tijolo, atravez de todas as vicissitudes climatericas dos tropicos.

Os terrenos das regiões circumjacentes apresentam varios ancenubios de vermelho e amarello.

Antes de realisar a excursão a Minas-Geraes por esta Estrada de Ferro, encontrei um dia nas visinhanças da estação inaugural de Ponta d'Areia, misturados com pedaços do quartzo-monzonitico tão abundante ao longo do Mucury superior, dous fragmentos de calcareo azul do tamanho approximado de dous punhos. Estes fragmentos continham os seguintes fosseis: *Lingula umbonata* Cox. *Orthetes* sp., pedaços de crinoides, um pedaço duma *Pleurotomaria* e varios fragmentos de conchas pertencentes ás *Rhynchonellacea*. Muitas destas formas, tanto quanto é possivel identifical-as, vão do Siluriano ao Carbonifero superior, emquanto

que a *Lingula* se acha apenas nos Carboniferos inferior e superior. Procedi a diligente inquerito com relação á origem destes pedaços de calcareo e fui informado que taes rochas são communs ao longo de todo o Mucury acima de Sete de Setembro.

A esperança, pois, de encontrar estes calcareos fossiliferos *in situ* foi o principal motivo de emprehendermos a excursão a Theophilo Ottoni.

Depois do que fica dito sobre a geologia da região é quasi ocioso acrescentar que estas jazidas fossiliferas não foram encontradas, apezar da constante attenção com que, dum ao outro extremo da Estrada de Ferro, procuramos descobril-as nos affloramentos naturaes, nos córtes e no lastro do leito da linha. Cumpre adduzir que outros fragmentos de materia similar não foram encontrados nos calçamentos de pedras e nos muros da antiga cidade de Caravellas, ou alhures nas visinhanças de Ponta d'Areia e de Barra de Caravellas.

Na realidade não se pode affirmar positivamente que estes fosseis não provenham do Rio Mucury, mas não creio que alli fossem originariamente encontrados; na minha opinião os fragmentos que os continham viéram para Ponta d'Areia em um navio dum outro porto. Fui informado de que a oéste de Theophilo Ottoni, na zona dos schistos decompostos, queimam calcareo para fazer cal, mas estas rochas parecem ser marmores. Não se tem encontrado fosseis nas series de schistos brazileiros, mas estas têm geralmente sido consideradas como pertencentes ao Paleozoico mais antigo, possivelmente ao Siluriano.

Com relação á idade dos quartzo-monzoniticos e as outras rochas crystallinas de aspecto mais recente, mais proximas da costa, não possúo dados sobre os quaes possa assentar uma opinião.

CONCLUSÃO

A secção atraz descripta consta duma serie de jazidas Mesozoicas recobrindo antigas rochas crystallinas.

A questão da idade dos sedimentos não pode ser aqui discutida; é um problema demasiado vasto para ser tratado brevemente. Sem descer a detalhes é sufficiente dizer que a evidencia parece indicar as seguintes conclusões:

I.—A bacia da Bahia, anteriormente considerada como pertencendo ao Cretaceo, é provavelmente do Eoceno, do Terciario ou do Laramie.

II.—As jazidas parcialmente coloridas ao longo da costa, dantes provisoriamente relacionadas com o Terciario, são as mesmas do Eoceno da Bahia.

III.—Os sedimentos são de origem d'agua dôce.

IV.—Não foram encontrados fosseis na secção ao longo da Estrada de Ferro Bahia e Minas, mas parece provavel que estas jazidas sejam a continuação meridional das jazidas da Bahia.

PAGINA DE HISTORIA

O Campo Grande da Bahia—Sua origem—Divida de honra

Pouco conhecida, mesmo de bahianos, é a historia da actual praça *Duque de Caxias*, outr'ora denominada *Campo Grande,* que hoje ostenta, arrogante e *indevidamente*, o bello monumento de marmore e bronze, commemorativo da maior data bahiana, attestado aos vindoiros das gloriosas pugnas travadas pela independencia de nossa Patria.

Quantos, dentre os filhos desta capital, aqui nascidos, aqui educados, terão noticia de haver existido aqui um homem, um padre, de nacionalidade estrangeira, que fez do *Campo Grande* o que elle hoje é, sem medir sacrificios, com louvavel e rara abnegação, pondo sua intelligencia e superior actividade ao serviço de terra estranha, cujos filhos nem o nome, siquer, conhecem do grande bemfeitor?

Modestamente atravessou a vida, como esquecido morreu, o reverendo Eduardo Parker, e com elle as suas boas obras!

A idéa de prestar minha homenagem de bahiano a esse distincto inglês, pela convicção em que estou de muita gente não ter o menor conhecimento delle, como não tem da historia do nosso *Campo Grande*, assumpto de pouca ou nenhuma importancia, bem o sei, para os espiritos da epoca,

em que predominam o indifferentismo e os sentimentos de todas as paixões egoisticas, geradoras da inveja, do despeito e do odio—trindade malefica—destruidora das bôas obras e nobres acções sociaes,—essa idéa compelle-me, a mim, que me não sinto, felizmente, avassallado pela supremacia do Eu, a deixar aqui registada a historia da referida praça.

—

Não é preciso ir muito longe procurar a nobre estirpe do *Campo Grande* da Bahia: basta indagar-se o que era elle ainda ha poucos decennios.

Ha cincoenta annos, quando a Camara Municipal se dignou de olhar para aquellas paragens, existia uma grande e profunda valla, *tão rasa*, que nella edificada uma casa, como as existentes no caes do Pedroso, sua cumieira não se elevaria acima do nivel do actual chão do nobre campo.

Era simplesmente continuação do valle que corre entre a Victoria e o Canella, e se avança até quasi ao logar onde se erguem as casas cujos fundos dão para o fôsso do forte de *S. Pedro*.

De natureza frouxa, corria nas exurradas tanta terra por esse valle abaixo, que constantemente era ameaçado o estreito caminho, então existente, unindo a estrada da Victoria á ladeira do forte de S. Pedro; e, assim, ao proprio forte desse nome, obedecendo ás leis dos caminhos da Bahia, que mandam desprezar todo e qualquer nivellamento.

O furioso valle, na faina de tudo destruir, ameaçava constantemente cortar a propria rua da Victoria, com imminente perigo do transito publico, querendo como separar a velha povoação do Pereira da cidade por Thomé de Souza fundada em 1549.

Em taes condições, deliberou a Camara Municipal dar principio ao entulho do dito valle, man-

dando rebaixar o terreno do lado em que hoje está edificada a casa do sr. dr. Pacifico Pereira, então muito mais alto, e atirar ao valle a terra que dahi saía, assim como a de toda a visinhança, que pudesse ser tirada.

Por impericia, porém, dos directores da obra, ou por qualquer outro motivo, o facto é que em breve se exgottaram os meios pecuniarios da Camara, o trabalho parou, e a escavação encetada, mal dirigida, e, finalmente, abandonada, produsiu com o decorrer do tempo outras irregularidades, e outros valles foram addicionando-se áquelle grande precipicio, quasi mais perigosos ainda, porque eram nos logares anteriormente de tal ou qual passagem livre.

As aguas da chuva, estagnando-se nesses novos fóssos, faziam de sua parte o que podiam, e, assim, não chegar-se-ia a um resultado almejado, si um bahiano, a quem esta terra deve muitas de suas bôas obras, o então desembargador e conselheiro Francisco Gonçalves Martins, Presidente da Bahia, se não compadecesse, pelos fins de 1851, de tal miseria.

Por algum tempo hesitou o Presidente em fazer continuar a obra, tornando-a provincial, pela falta de recursos da Camara, receiando a subida despeza que teria de fazer, havendo tantas outras necessidades a attender, como se expressa na fala recitada a 1 de março de 1852, na abertura da Assembléa provincial.

Duas razões, porém, contribuiram para que o illustre bahiano se resolvesse a metter hombros á empreza.

A principal, certamente, foi ter encontrado um homem capaz, por sua actividade e dedicação—o reverendo Eduardo Parker, capellão da Capella Inglesa, naquella epoca simples salão da casa pertencente ao Club Inglês.

Intelligente, disposto e operoso, desenvolveu o reverendo Parker todas essas suas apreciaveis qualidades na empreza de que foi encarregado, de modo a se poder hoje affirmar—ser esse *Campo Grande*—actualmente *Praça Duque de Caxias*—obra desse distincto inglês, cujo nome, entretanto, muita gente desconhece.

Aproveitando o conselheiro Martins a boa disposição de mr. Parker, applicou na execução daquella obra (segunda phase da creação do *Campo Grande*) 120 africanos, dos que tinham sido apprehendidos pelo governo nas cargas dessa *fazenda*, criminosamente importada para o paiz; não, como elle mesmo o diz, porque entendesse haver maior economia no trabalho, não; mas sim para occupar braços que, ociosos, se agglomeravam nos depositos e enchiam os hospitaes, sem nenhum resultado de utilidade publica, furtando-se até mesmo aos principios de humanidade.

Para abrir campo desimpedido á actividade do illustre inglês, o Presidente da provincia pôz termo ao embargo que a proprietaria, brasileira, de uma casa tinha posto á obra principiada pela Camara—mediante indemnisação de dois contos de réis—envez da anterior reclamação da mesma *patriotica* senhora, superior a deseseis contos, prestando-se, assim, a *magna viuva* embargante a consentir tambem no perfeito alinhamento da praça.

Foi orçada a obra em quarenta e tres contos de réis, inclusive a factura de canos, macadamisação dos caminhos e plantação de arvores, com a qual o reverendo Parker tomou o mais louvavel cuidado, comprando com enorme difficuldade sementes que, primeiro, plantava em cacos e balaios, na varanda da casa da capella, regava de suas proprias mãos, mandando buscar na fonte de S. Pedro cargas e mais cargas d'agua, e depois plantava, elle mesmo,

no alinhamento traçado pelo seu gosto esthetico; plantas essas que, pouco e pouco, desenvolvendo-se, podiam, como ha bem pouco tempo ainda, ser admiradas, pela imponente belleza de suas frondejantes e magestosas ramarias, si a derrubada feróz do machado não tivesse tudo devastado, vae para dez annos, afim de não *ensombrarem* a belleza do monumento ao *Dois de Julho*, a erguer-se, então, no campo por ellas occupado.

E dizer-se que tão selvagem excidio foi perpetrado por homens do governo, por homens intelligentes, e que, vivendo em um meio civilisado, dizem querer acompanhar os progressos de paizes cultos, e imital-os nos exemplos apresentados ao mundo de adiantamento scientifico!

Por isso, ao tempo em que, lá fóra, os poderes publicos se empenham em arborisar praças e ruas, como medida hygienica, os de nossa terra, os que dirigem os destinos da Bahia, mandam, sabiamente, devastar as arvores da cidade, de quasi meio seculo de existencia! para plantarem, em substituição, si o fazem, *ricos* specimens de ALGODOEIROS!

Foi o que fizeram no antigo *Campo Grande*, hoje soberba praça *Duque de Caxias*, que dizem ser a *sala de visitas* da Bahia, por estar erguido nesse local o magestoso monumento á memoria dos Patriotas de 1823.

Deceparam os bellos, frondosos e gigantescos arvoredos, plantados e cultivados, com tão grande dedicação e gosto, pelo reverendo Eduardo Parker, em 1852, naturalmente por *anti-estheticos*.

E uma vez consummado o grande attentado, do qual, até hoje, não sei por que felicidade, tem escapado o nosso parque do *Passeio Publico*, circularam extensa area do referido campo—á qual deram o pomposo titulo de JARDIM—com uns travessões de ferro, dispostos em linhas parallelas,

lembrando gradarias de curral, e fecharam a cincoenta cadeados todo o novo *prodigio de belleza* artistica, para que o povo, certamente, não commettesse o sacrilegio de estragar as *delicadas flores* e tão *raras plantas* do monumental jardim, que encerra em seu seio a monumental memoria.

E assim vive o parque *Duque de Caxias,* ha uns pares de annos, dia e noite fechado, isto é, desde o dia em que foi *aberto* ao goso da população, como um dos melhores logradouros publicos desta cidade, excepção feita de certos e determinados dias de festa nacional.

Que ironia, santo Deus!...

Nem mesmo ao proprio estrangeiro que aqui aporta, e pressuroso corre a admirar, por expontanea curiosidade, o afamado monumento, nem mesmo a esse é dado poder approximar-se da notavel obra d'arte, para aprecial-a de perto, porque mãos e pés profanos podem macular a *pureza* daquelle jardim!

Que satisfaça, quem quizer, a sua curiosidade de longe, e não é pouco, porque ainda fazem grande favor em não cobrirem com um panno o monumento, para preserval-o das intemperies do tempo, como é de costume fazer-se com os *bibelots,* nas casas de familia, só rasgando-se o véo em dias de magna solennidade.

Admiração alguma me causaria isso (aliás o contrario é que me tem surprehendido), em uma terra, *pobre Athenas Brasileira!* onde os poderes publicos permittem ou mandam, *ex mero motu,* pintar um chafariz *de bronze,* como pintaram, no outro dia, a titulo de asseio, aformoseamento ou *cretinice,* o da praça *15 de Novembro,* outro monumento d'arte que possuimos, de fino gosto architectonico, e de tão alto valor que figurou na exposição de Paris de 1868; onde mandam murar com tijollos as columnas de cantaria de Lisboa, da orna-

mentação do edificio da nossa Camara Municipal, ficando assim, escondidas, entre columnas quadradas, como si de nenhum valor fossem; onde mandam pintar ou caiar obras outras de cantaria, que emprestam manifesta grandiosidade ás portadas de antigos edificios, palacios coloniaes que ainda possuimos; onde mandam pintar a tinta azul, bem viva, portas, janellas, grades e platibanda de um templo religioso, qual o da *Conceição da Praia*, todo de marmore construido; onde mandam pintar até a columna de bronze do proprio monumento ao *Dois de Julho*, naturalmente para o bronze *ficar mais novo;* onde, emfim, só me falta vêr mandarem tambem caiar todos os edificios de marmore, entre nós construidos, para ficarem alvos e asseiados!

Bem que necessitavamos aqui de uma sociedade defensora da esthética e mantenedora das leis que presidem ao gosto artistico, *ad instar* da *London Architectural Vigilance Society:* muitas profanações, pelo menos, poderia vedar, para honra nossa.

Eis ahi, em poucas palavras, a historia do nobre donzel que hoje se ufana de ser o primeiro campo da Bahia; porém que ainda está, como ha meio seculo passado, no tempo de Eduardo Parker, virgem de calçamento: no inverno transforma-se em vasto lodaçal, e no verão é poeira de suffocar um pobre ser humano!

Recursos, entretanto, não faltam ao executivo municipal para construir jardins, abrir novas ruas, aformosear a rua Chile e illuminar certa parte da cidade á luz electrica!

E é ahi, em uma praça assim zelosamente cuidada, e com tanto *desvello* aformoseada, que erigiram, INDEVIDAMENTE, o magestoso e importante monumento de marmore branco de Carrara e bronze, o maior, no genero, e mais sumptuoso ainda levan-

tado no Brasil, destinado a perpetuar os feitos heroicos, synthetisados no dia 2 de Julho de 1823!

Para concluir a historia do nosso *Campo Grande*, resta-me somente dizer que depois de entulhado o grande fôsso central da praça, entulhou-se o outro que o separava do *Canella*, rebaixando-se a rua que segue para o *Banco dos Ingleses;* abriu-se a que dahi desce hoje para o mar, para a qual concorreu tambem muito o proprietario Paulo Antonio Quirino, com dinheiro, terreno, pedras e outros materiaes.

Relatada, assim, a origem do *Campo Grande*, para que cada bahiano conheça os homens a quem deve serviços, congreguem-se todos, movidos do nobre sentimento de gratidão, e de mãos dadas aos moradores desse campo e de suas adjacencias, levantem, quanto antes, sinão um monumento, pelo menos modesta *Memoria*, como a existente no largo da *Graça*, ao intelligente, dedicado e laborioso Eduardo Parker, que fez do *Campo Grande* o que elle hoje é, dando-lhe até motivo para ser considerado digno de um monumento da ordem do que lá está erecto.

A *Memoria* a que me refiro, toda de granito da Escossia, erguida, no largo da *Graça*, ao caridoso e popular medico dr. John Ligertwood Paterson, de nacionalidade tambem inglesa, como Eduardo Parker, foi realisada por meio de subscripção publica, que rendeu 11:147$870, promovida pelos amigos, collegas e clientes seus, e com o concurso, ainda, do Governo Municipal, que, agora mesmo, para maior preito de homenagem, acaba de decretar uma lei, denominando *Rua Dr. Paterson* a da *Alegria*, onde durante muitos annos morou o illustre estrangeiro.

Pois bem; promova-se da mesma sorte uma subscripção popular, para identico fim, e, dest'arte, terá a Bahia saldado uma DIVIDA DE HONRA.

Para a consecução de tão nobre tentamen, não faltam ricos moradores daquelle *fashionable south end* que contribuam com seus copiosos recursos em favor de uma obra de justiça, como digno é de todo homem de sentimentos bem formados e a quem a fortuna, principalmente, facilitou demonstral-os.

Que a iniciativa particular corporise mais esta edificante idéa de reconhecimento civico de um povo, sem pensar um só momento na expontaneidade dos governos, que vivem na politica, para a politica e pela politica.

Em subsequente artigo procurarei demonstrar porque o monumento ao *Dois de Julho* foi INDEVIDAMENTE collocado no *Campo Grande*, assumpto do qual me occupei, pela imprensa, em 1891, quando nesta capital se levantou um plebiscito sobre a praça em que, de preferencia, devia ser erguido.

Será mais outra pagina de historia para o estudo e consideração de competentes, porque sob o ponto de vista historico fundamento meus argumentos—para provar que não cabia ao *Campo Grande* e sim ao *Campo do Barbalho*—o direito á distincção.

Bahia—Dezembro de 1903.

SILIO BOCCANERA JUNIOR.
(Socio fundador e effectivo do Instituto)

A ANTIGA PONTE DE CACHOEIRA

De longos annos a construcção de uma ponte sobre o rio Paraguassú entre a então Villa de Cachoeira e a povoação de S. Felix, hoje cidade tambem, constituia a maior aspiração dos seus habitantes, senão a maior preoccupação da sua Camara Municipal.

Tão importante melhoramento, que viria facilitar a communicação entre os seus habitantes, o desenvolvimento da sua industria, do commercio e da agricultura dos municipios visinhos e do alto sertão, não mereceu do governo colonial o necessario acolhimento, e muito menos do governo da então provincia da Bahia. Da ponte primitiva não existe hoje o menor vestigio.

Verifica-se, entretanto, pelos documentos, que pela primeira vez são publicados, e por mim compulsados na Secretaria do Conselho Municipal de Cachoeira e no Archivo Publico d'este Estado, que já em 1816 se havia começado a construir uma ponte de madeira no rio Paraguassú, no mesmo logar em que hoje está assentada a actual ponte de ferro da Estrada de Ferro Central, segundo se diz.

Em sessão da Camara Municipal de 30 de Outubro de 1816, presidida pelo Juiz de Fóra Desembargador Francisco José de Freitas, a que assistiram muitas pessoas gradas, resolve-se levar a effeito a obra projectada por meio de uma Companhia, que ficaria com o direito de cobrar o imposto de portagem ou pedagio, cujo regimento ficou logo

approvado, ou lançar-se uma finta entre todos os habitantes; enviando-se tambem, por intermedio do Conde dos Arcos, um requerimento a D. João VI, a quem se pedia a necessaria auctorisação, e que mandasse levantar a planta da obra por engenheiros.

N'essa mesma sessão ficou resolvido que se requeresse a S. M. para que se dignasse mandar que a Camara da Bahia restituisse á de Cachoeira a quantia de 40.000 cruzados, emprestados ha annos dos dinheiros das terças, por ordem do Governador D. Fernando José de Portugal, para serem applicados na construcção da ponte.

Já em officio anterior, datado de 31 de Julho de 1816, a Camara de Cachoeira allegára ao Governador que tinha sido collectada para reedificação da cidade de Lisboa, destruida pelo terremoto, na quantia de 46:500$000, pagos em 30 annos, e mais a de 15:500$000 para a reedificação do Real Palacio d'Ajuda. (*)

A Carta Regia de 14 de Abril de 1818, deferindo a representação da Camara, ordenou que se continuasse na obra da ponte, por meio de uma Companhia, que contribuisse com os fundos sufficientes, a juro de 6 %, arrecadando os direitos de passagem para satisfação dos premios das acções e sua gradual amortisação, «ficando comtudo livre o transito em canôas pelo rio para os que se não quizessem aproveitar da ponte».

Ao que parece, esta medida não produziu o resultado desejado, porque tendo a Camara em sessão de 11 de Julho de 1819 officiado ao Governador Conde de Palma pedindo que mandasse levantar a planta e fazer o orçamento preciso do custo das obras d'arte, correndo essa despeza por conta do

(*) Este imposto estabelecido em 1756 por dez annos, foi por varias vezes prorogado, de modo que durou mais de 40 annos em beneficio de Lisboa.

«Cofre das terças», resolveu o Conde de Palma ir pessoalmente á Cachoeira verificar a necessidade e o estado das obras levando em sua companhia o Coronel Engenheiro Salvador José Maciel, a quem encarregou da sua execução, cuja despeza sahiria do *dinheiro das terças* por emprestimo, sendo embolsado o cofre respectivo pelo rendimento da ponte, o qual serviria tambem ao depois para a construcção da ponte de pedra.

N'esse officio, firmado em Cachoeira a 6 de Outubro de 1819, no dia em que regressou para a Capital, manifestou o Conde de Palma o desejo de ficar a ponte concluida no fim de cinco mezes, *com a modica despeza de 4 a 5 contos de réis*, e solicitou da Camara a indicação de duas pessoas idoneas, uma que servisse de thesoureiro para receber o dinheiro da Camara e dispendel-o, e outra de escrivão ou guarda livros para a respectiva escripturação.

Em data de 15 de Outubro officiou igualmente ao Coronel Salvador José Maciel enviando-lhe por copia o officio que dirigiu á Camara para que désse inteiro cumprimento, na parte que lhe dizia respeito, podendo fazer as encommendas das madeiras precisas e tomar todas as medidas conducentes a este fim, para que no prazo de 5 mezes estivesse a obra concluida.

Em officio de 20 de Outubro do mesmo anno, dirigido á Camara de Cachoeira, declarou o governador que approvava a nomeação que a mesma Camara fizera de Custodio Vaz Peixoto para thesoureiro e de Francisco Antonio Fernandes Pereira para escrivão, e communicava que «as madeiras para a ponte iam ser encommendadas ao Juiz Conservador das Mattas dos Ilhéos, d'onde podiam vir com brevidade e por menor preço, visto que no districto de Cachoeira *não haviam madeiras pro-*

prias e que com facilidade podessem ser extrahidas para a mencionada construcção. »

A 27 de Junho de 1820 o Conde de Palma officiou ao Juiz de Fóra da villa de Cachoeira accusando o recebimento da quantia de 400$000 destinados para pagamento das madeiras da ponte, e que deviam ser remettidos ao Dr. Ouvidor da Comarca dos Ilhéos, quantia esta que o mesmo governador em officio de 14 havia requisitado, determinando que fosse ella tirada da consignação destinada para a mesma obra.

Recebendo o governador a noticia de que a 6 de Agosto chegára á Cachoeira a primeira remessa das madeiras, officiou á Camara communicando que ficava incumbido da direcção dos trabalhos o brigadeiro José Thomaz Boccaciari, por ter se retirado para o Rio de Janeiro o coronel Salvador José Maciel.

Em 4 de Janeiro de 1821 accusou a recepção do officio da Camara, datado de 30 de Dezembro, ao qual acompanhava a remessa de mais 600$000, que deviam ser remettidos ao Ouvidor da Comarca dos Ilhéos para supprimento do córte de madeiras.

A 27 de Outubro de 1821 chegou ao porto de Cachoeira a segunda remessa das madeiras encommendadas, já por officio da Junta Provisional do Governo da Capital.

E' de suppôr que com o movimento sedicioso, que irrompeu na Capital da Bahia a 10 de Fevereiro de 1821, em favor da revolução de Portugal, e do qual resultou a eleição de uma Junta Provisoria e a retirada do Conde de Palma para o Rio de Janeiro, e bem assim a campanha da independencia iniciada na Villa de Cachoeira a 25 de Junho do anno seguinte, ficasse paralysada a obra da ponte, e inutilisado todo o material, com sacrificio adquirido.

Ainda em 1826 a Camara fez nova tentativa publicando a 23 de Agosto um edital com o fim de

se construir a ponte, destinada a ligar S. Felix á Cachoeira.

O illustrado Dr. Aristides Milton, de saudosa memoria e distincto Cachoeirano, em suas *Ephemerides*, accrescenta: «Sobre se tratar de um melhoramento importante, era essa a condição imposta por D. Pedro I para poder ser elevada de categoria a mesma villa. Nada, porém, a Camara conseguiu.»

Sómente em 7 de Junho de 1885 foi entregue ao transito publico a ponte de ferro *Pedro 2.º*, que liga a cidade de S. Felix a de Cachoeira, devendo-se esse notavel melhoramento á Companhia da Estrada de Ferro Central da Bahia, tendo sido iniciada em 22 de Dezembro de 1881.

A referida ponte mede 353^{m} de comprimento, e consta de 4 vãos, 2 centraes e 2 lateraes.

A secção central é destinada á passagem de trens, carroças, carros e animaes, e as duas lateraes servem para o transito de peões.

JOÃO TORRES.

Bahia, 1904.

TERMO DE VEREAÇÃO DO DIA 30 DE OUT. DE 1816 (1)

Aos trinta dias do mez de outubro de mil oitocentos e deseceis annos n'esta villa de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira na casa da camara onde se achavam presentes o Desembargador Francisco José de Freitas, cavalleiro da ordem de Christo, juiz de Fóra Presidente, com os vereadores actuaes capitão José Paes Cardoso da Silva, o sargento mór Francisco José Antunes da Silva e Almeida, Francisco Antonio Fernandes Pereira e o Procurador Alferes José Gomes Moncorvo, e todos em acto de vereação despacharam papeis a beneficio commum do pôvo.

---

(1) Extr. do 15º L. de actas, a pag. 207 a 208.

E neste acto achando-se presentes as pessoas da governança e outras mais da Nobresa e Povo e os mais acreditados d'elles; foi proposto pelo Desembargador Presidente a necessidade que havia de proseguir-se na obra da Ponte que se principiou a construir no Rio Paraguassú para facilitar a communicação entre os Povos d'esta Villa e os do Porto de S. Felix, pela utilidade consideravel que da execução d'esta obra resultava á agricultura, commercio e o augmento de Povoação d'esta mesma villa e o do Porto de S. Felix, e como para esse fim hera necessario lançar mão do metodo mais facil, e menos oneroso e ao mesmo tempo proporcionado á grandesa da Empresa projectada, parecia justo ouvir os pareceres dos que se achavam presentes, e sendo por elles ouvida a proposta do dito Desembargador Presidente, assentaram que um dos meios de construir a mesma Ponte era formar uma companhia de accionistas d'esta villa ou da cidade da Bahia que se encarregasse de fazer a Ponte com o seu proprio dinheiro, ficando-lhe pertencendo o direito privativo de receberem e arrecadarem a portagem de tudo quanto passar na mesma Ponte, por tantos annos quantos bastem para os accionistas se embolçarem dos capitaes despendidos, e do premio que se convencionar, recorrendo-se á Sua Magestade afim de authorisar ao Illm. e Exm. Snr. Governador d'esta Capitania para que mandando levantar o plano da Ponte por Engenheiros, e feita a avaliação possa receber as Propostas dos Emprehendedores, e fazer com elles todos os contractos que forem convenientes com as condições e seguranças que parecerem justas; e assentaram mais que serviria de Regimento os accionistas receberem os seus direitos a escala seguinte, que se proporá tambem á Sua Magestade para a approvação se lhe parecer justa: « Escala—Pessoas calçadas 20 réis; ditas descalças 10 réis; ditas com carrego 20 réis; cavallos vasios

ou com carga de viveres 40 réis; com carga de generos de negocio 80 réis; gado vaccum e cavallar 40 réis por cabeça; cabras, ovelhas e porcos 10 réis; carros carregados 480 réis, e descarregados 320 réis; Rolos de tabaco rolados pela Ponte 20 réis; Fardos de tabaco rolados 80 réis; Pipas cheias roladas 80 réis; ditas vasias 20 réis; Meias pipas cheias 40 réis; Barris de quatro em pipa 20 réis, tudo rolado; ditos vasios 10 réis; Pretos a páo e corda 20 réis cada um, e nada pelo carrego; Caixa de assucar rolada 160 réis; Os Arrastos que se fizerem com Bois a 40 réis cada Boi. »

E no caso de não ser admissivel este metodo, por falta de accionistas, assentaram por maior numero de votos, que feita a avaliação do que poderá importar a Ponte, por Engenheiros, pessoas peritas, se lançasse huma finta em todos os moradores da Villa e seu Termo proporcionada a cada hum dos moradores segundo as suas posses, ouvindo a Camara para esse fim alguns dos moradores acreditados de cada uma das freguezias para darem as informações necessarias para se fazer o lançamento da finta com a devida proporção, e para ser a finta menos onerosa ao Povo, assentaram de requerer-se á Sua Magestade para que se digne mandar que a Comarca da Bahia pague a quantia de 40,000 cruzados, que esta comarca emprestou ha annos dos dinheiros das terças por ordem do Meritissimo e Excellentissimo Senhor Governador, que então era d'esta Capitania D. Fernando José de Portugal para se applicar a dita quantia na factura da Ponte; e assentaram finalmente que concluida a obra ficasse a passagem da Ponte livre ao Povo, e quanto á conservação da mesma Ponte que está sujeita a arruinar-se pelas grandes enchentes que de tempos em tempos inundão esta villa, tratar-se-hia depois do meio mais conveniente; e de como assim determinaram, mandaram fazer este termo em que assi-

gnaram o Doutor Presidente, Vereadores, Procurador, e mais pessoas assistentes. E eu Jacintho Lopes da Silva, Escrivão da Camara o escrevi. *Freitas.—Paes.—Almeida Pereira.—Moncorvo.* (Seguem-se outras assignaturas.)

REPRESENTAÇÃO DA CAMARA DE CACHOEIRA AO CONDE DOS ARCOS, GOVERNADOR DA CAPITANIA

Illm. e Exm. Snr.—A justa confiança, que geralmente inspira a consideração das singulares e eminentes virtudes de V. Ex., anima a Camara d'esta Villa a pôr respeitosamente nas mãos de V. Ex. para ser levado á Real Presença de S. Magestade o requerimento junto em que com o mais profundo acatamento procuramos obter o assenço regio para se pôr em execução algum dos methodos n'elle lembrados na construcção da Ponte, que se projecta, e a que já se deu um tosco principio sobre o grande Rio Paraguassú, entre a Povoação d'esta Villa e a do Porto de S. Felix.

O prodigioso augmento que de semelhante obra resultaria em poucos annos a uma e outra Povoação, a grande actividade e regularidade que tomaria o nosso commercio, e a facilidade de communicação que gosariam os habitantes d'este termo, e os póvos circumvisinhos, são resultados tão dignos de attenção que ao mesmo tempo que justificam a justiça da nossa humilde representação, não podem deixar de fazer impressão no Benefico e Magnanimo Coração de V. Ex., para que se digne tomar debaixo da sua efficaz protecção a execução de um projecto que é tão util ao Publico, como Glorioso ao nome de V. Ex.

Na verdade, Exm. Snr., entre as innumeraveis obras d'utilidade publica, com que V. Ex. tem

adornado a capital d'esta Comarca, nenhuma talvez concorrerá tanto, pelas suas extensas consequencias, para eternisar a memoria de V. Ex. como a que faz presentemente o objecto dos nossos votos e das nossas supplicas.

Queira pois V. Ex. por sua immensa bondade Dignar-se de annuir ás nossas humildes rogativas e tomar debaixo do seu poderoso auspicio esta obra memoravel e de absoluta necessidade afim de que a villa de Cachoeira possa chegar áquelle ponto de grandesa e consideração a que lhe dão direito inauferivel a sua situação geographica, a suavidade do clima, a fertilidade do terreno e a industria dos seus habitantes; então a sincera gratidão erigirá em nossos corações e nos dos nossos vindouros um monumento eterno que ainda mais do que a mesma ponte fará recordar na mais remota idade com ternura cheia de respeito os gloriosos dias do feliz e incomparavel governo de V. Ex.

Deus Guarde a V. Ex. muitos annos.

Cachoeira, em Camara, 6 de Novembro de 1816.

Illm. e Exm. Snr. Conde dos Arcos, Governador e Capitão General d'esta Capitania.

Francisco José de Freitas
Francisco José da Silva e Almeida
Francisco Antonio Rodrigues Pereira
José Dias d'Affonseca
José Gomes Moncorvo.

Para a Camara da Villa da Cachoeira

Remetto a Vmces. por copia assignada pelo Secretario d'este Governo, para que Vmces. deem seu devido cumprimento, a Carta Regia, que me

foi expedida em 14 de Abril d'este anno (2), pela qual El Rey Nosso Senhor Deferindo a Representação d'essa Camara, Houve por bem Ordenar, que se continúe na obra da Ponte, que se principiara a construir entre essa Villa e o Arraial de S. Felix, que lhe he fronteiro, por meio de huma Companhia de Accionistas da mencionada Villa e d'esta Cidade, que hajão de contribuir com os fundos sufficientes, para este effeito, com o premio annual de 6 por cento, elegendo-se d'entre elles, com approvação d'este Governo, 3 dos mais intelligentes e capazes para administrarem e dirigirem a mesma obra, despendendo n'ella os fundos colligidos por este meio com toda a exacção e escrupulosa contabilidade, e arrecadando os Direitos de passagem da Ponte, descriptos na Relação tão bem junta, que acompanhou o dito Real Diploma, que S. Magestade foi servido estabelecer para satisfação dos premios das referidas acçoens e sua gradual amortisação, ficando com tudo livre o tranzito em Canôas pelo Rio para os que se não quizerem aproveitar da Ponte. Deus guarde a Vmces. Bahia 9 de Junho de 1818. *Conde de Palma.*

Sr. Dr. Juiz de Fóra e Vereadores da Camara da Villa da Cachoeira.

Para a Camara da Villa da Cachoeira

Tendo sido desde que tomei posse do Governo d'esta Capitania hum dos meus mais fortes desejos conhecer pessoalmente esta Villa da Cachoeira, a qual por todas as suas circumstancias merece toda a attenção e desvello da parte do Governo, he

(2) Liv. 39 das Cartas do Governo. Arch. Pub. da Bahia. A Carta Regia de 14 de Abril não consta do respectivo livro do Archivo Publico, nem na Legislação publicada.

(*Nota da Redacção.*)

agora que felizmente pude realisar aquella minha vontade, e desde logo conheci que as minhas primeiras vistas se devião dirigir ao conhecimento do Rio a ella junto, para verificar a possibilidade de construir sobre elle huma Ponte, que una esta á Povoação de S. Felix, e que por similhante modo se facilitem todas as communicações com a segurança necessaria para commodo do publico e decidido augmento do commercio.

Tanto isto he assim que já de tempos anteriores se reconheceu a importancia de similhante obra; alguns dos meus predecessores procuraram meios de realisal-a, e ultimamente á Informação do Sr. Conde dos Arcos, e sobretudo ao Paternal e Incessante Disvelo d'El Rey Nosso Senhor, devemos nós a Carta firmada pelo Regio Punho em data de 14 de Abril de 1818, que se acha registrada nos livros d'esta Camara, e que determina, não só que se construa a Ponte, mas tambem fixa os meios, de que devem sahir as despezas d'ella.

Isto posto, e sem alterar de maneira alguma a sobre dita Resolução de S. M., convem absolutamente tomar entretanto algumas medidas provisorias, as quaes nos obriga á inspecção ocular a que hontem procedeu o Coronel Engenheiro Salvador José Maciel em minha presença, na presença da Camara, e na de muitas outras pessoas intelligentes, zelosas e interessadas na prompta execução da obra.

São pois as referidas medidas:

Que se comece desde já huma Ponte de madeira, formada pelo plano lembrado pelo referido Coronel, o qual fica tambem encarregado da sua execução;

Que a dita Ponte se conclua no mais breve tempo possivel, sendo para desejar que não exceda o prazo de 5 *mezes;*

Que a limitada despeza d'esta obra saia do

dinheiro das Terças por emprestimo, sendo embolsado o cofre respectivo successivamente pelo rendimento da Ponte, o qual servirá tambem ao depois para a factura da Ponte de pedra, em que cuidarei com toda a attenção;

Que a Camara me proponha dois sujeitos de reconhecida probidade, o primeiro para Thesoureiro e o segundo para Escrivão; ao Thesoureiro competirá receber o dinheiro da Camara e dispendel-o á vista das Folhas e Documentos devidamente legalisados com a rubrica do Coronel Engenheiro director da obra, pertencendo ao Escrivão a guarda dos livros, papeis e sua respectiva escripturação, tomando-lhes contas a Camara no fim de cada mez.

Tendo nós a fortuna de ver concluida esta interessante obra no fim de cinco mezes, com a modica despeza de *quatro a cinco contos de reis,* vendo assim estabelecida com segurança a principal communicação d'esta Villa, pela qual ha tantos annos se suspira, e se trabalha por conseguir, pareceu-me que esta grande vantagem assás mui exuberante paga o nosso trabalho, e entretanto iremos realisando o principal projecto da factura da grande Ponte de pedra, que dará com a maior segurança todo o realce a esta importante Villa.

Concluo por dizer-lhes que o Coronel Engenheiro deve voltar brevissimamente, e bom seria que desde agora se principiassem a ajuntar as principaes madeiras á vista da Relação, que elle houver de apresentar.

Tendo de sahir hoje mesmo d'esta Villa, eu não deveria largal-a sem primeiro manifestar o meu contentamento pelos sentimentos de Respeito, Amor e Obediencia a El-Rey Nosso Senhor, que observei em todos os habitantes da Cachoeira, e nada me parece mais coherente do que aproveitar a ultima parte d'este meu officio para louvar tão

briosas disposições, as quaes sei de certo hão de continuar, não só a bem do assumpto, de que acima tenho tratado, como a respeito de tudo mais, que convier ao serviço de S. M., e bem geral d'este vasto termo. Deus guarde a Vmces. Villa da Cachoeira 6 de Outubro de 1819. *Conde de Palma.* Srs. Presidente e mais Vereadores da Camara d'esta Villa. (3)

(3) Liv. 40 das Cartas do Governo, fl. 143. Arch. Publico da Bahia.

UM VETERANO DA INDEPENDENCIA

PADRE FR. JOSÉ MARIA BRAYNER

(O PADRE DOS COUROS)

Entre os cidadãos que maiores serviços prestaram á causa da Independencia, nota-se o padre Fr. José Maria Brayner, o sacerdote soldado, que não trepidou em abandonar o claustro para luctar ardentemente pelo exito da causa que chamara santa.

Sabemos o quanto era baldo de recursos pecuniarios o general Labatut, e as difficuldades immensas que arrostou para supprir o exercito do que lhe era necessario; este general viu-se, felizmente, auxiliado pelos particulares, que concorreram generosamente para augmentar o effectivo das tropas libertadoras, organisando, fardando e pagando á sua custa varios batalhões que crearam nome illustre naquellas pelejas travadas em nome de uma patria independente e forte.

Entre esses benemeritos, hoje quasi esquecidos, está o padre José Maria Brayner, que trocando o seu habito pela couraça, deixou a mansidão e a paz do claustro para libertar a formosa patria bahiana do dominio portuguez. (1)

Brayner era amigo dedicado de Labatut, e a

(1) A petição com que se apresentou em 12 de Outubro de 1822 ao Governo da Cachoeira, declarando o uniforme e a relação dos voluntarios que formavam a Companhia Guerrilheira de Couraças, está publicada no *Brazil Reino e Brazil Imperio,* vol. 2.°, pag. 9.

historia suspeita ter sido elle quem denunciou ao general a conspiração de que era chefe Felisberto Caldeira, e cujo fim era prendel-o. Foi uma das testemunhas escolhidas por Labatut para figurar no seu processo.

Do *Guaycurú* de 10 de Dezembro de 1850 trasladamos o artigo necrologico, escripto pelo Dr. Mello Moraes, logo que teve noticia do fallecimento do valente e honrado chefe dos couraças, na villa de Itaparica onde era vigario.

. . . . . .

«Já não és o que fostes; a Bahia da independencia!

«Que dos teus filhos que te deram glorias; dos lidadores que te deram nome em tempos passados? Que dos bravos da tua independencia? Raros já vão sendo, e de encontro á lage do sepulchro hoje um, amanhã outro, os vai a morte atirando ignorados de todos!

«Entre este pequeno numero foi o Padre José Maria Brayner, nascido em Pernambuco no 1.º de Março de 1778, de paes honestos e remediados da fortuna.

«Destinado para o estado ecclesiastico, o menino Brayner, depois das primeiras lettras foi cursar as humanidades, e depois com quasi 18 annos entrou para a religião carmelitana, estabelecida na sua mesma provincia, onde foi nomeado mestre; e conhecida a sua capacidade intellectual foi nomeado prior dos Conventos de Goyana e Parahyba do Norte, e posteriormente definidor e visitador geral de sua ordem, sendo encarregado pelo bispo de Pernambuco de visitar o bispado, cuja missão desempenhou satisfatoriamente.

«Voltando ao convento, e estando indigitado a ser provincial, appareceu a revolução de 1817 em Pernambuco, e então levado do amor da patria, e por suas convicções, adheriu á ella, e com os demais

compromettidos veio preso para as cadeias da Bahia, onde jazeu quatro annos, até que proclamando-se a regeneração, foi em 1821 posto em liberdade.

«Desejando o padre J. Maria Brayner viver segregado da politica, attenta a lição que teve, foi estabelecer-se na povoação do Pedrão; e ali permanecendo, declarou-se por esse mesmo tempo a guerra da independencia, e elle cheio de amor pelos seus e pela patria, não quiz ser mudo espectador: veio alistar-se nas fileiras dos combatentes, organisando á sua custa uma companhia vestida de fardas de couro (2), e á testa d'ella marchou para o exercito pacificador apresentando-se ao General Labatut, que então dirigia as operações do exercito.

«Ali encontrando briosos portuguezes, entre os quaes estava o brigadeiro Antonio de Sousa Lima (conhecido pelo Lima de Itaparica) serviu com este, no posto de capitão, e desempenhou, como si fosse militar, os encargos da profissão.

«Finda a luta da independencia, foi o padre José Maria Brayner confirmado no posto de capitão de 1.ª linha; e dissolvida a companhia dos couraças, corpo de legionarios tão valentes, de guerreiros tão invenciveis, foi pelo sr. D. Pedro I condecorado com o commendadorato da Ordem de Christo, e official da ordem imperial do Cruzeiro.

«Em 1834 assentando que devia concluir a sua vida no serviço da igreja, foi collado vigario da freguezia do SS. Sacramento de Itaparica, cujo logar com muita dignidade occupou por espaço de 16 annos, vindo a fallecer no dia 16 de Novembro de 1850.»

Em seguida trasladamos tambem a petição que

(2) A farda de couro que usaram os soldados desse batalhão, e que mais tarde tão celebre se tornou, é hoje rarissima; o Instituto Geographico e Historico possue uma, offerta valiosissima do general Evaristo Ladisláo e Silva.

(Nota da Redacção.)

o illustre patriota dirigiu ao Parlamento relatando os serviços prestados, e protestando com altivez contra o esbulho que lhe queria fazer a Thesouraria do não pagamento do soldo concedido em 4 de Março de 1824, e sim uma simples pensão.

PETIÇÃO

«José Maria Brayner além de ter sido martir da patria e victima dos despotas sequazes de D. João 6.° em 1817, até 1821, cheio em 1822 do patriotismo que sempre teve, a maior das presunções que o acompanham, animou-se zeloso da Causa da Independencia do Brasil, a crear uma companhia de soldados com o titulo—Guerrilha Imperial dos Voluntarios do Pedrão—e com ella marxou para as linhas do Exercito Pacificador, onde foi bem acceito pelo General Labatut e conhecido por Commandante dos Couraças, porque usara a sua Companhia, e egualmente o Supplicante farda de couro, despendeu com o fardamento de quase toda a Companhia, e sustentou-os a sua custa em todas as marxas que lhe eram ordenadas, em todo o tempo que durou a Guerra do Exercito Brasileiro com as Tropas do General Madeira, mostrou que só tinha tomado as Armas para defender a Patria com coragem, denodo, brio e tudo o mais que constitue a honra de um Militar patriota, como é assás notorio.

Acabada a guerra, guarneceu com a sua tropa a Cidade, emquanto se organisarão as tropas de 1.ª Linha, até que passando á Côrte do Rio de Janeiro, apresentou-se a S. M. I., a quem o supplicante requerendo em remuneração dos seus serviços o Soldo de Capitam de 1.ª Linha, gratificação, e etape, o mesmo Augusto Senhor, tomando os serviços do supplicante em sua alta consideração, dêo-lhe o Soldo de Capitam de 1.ª Linha, como tudo

hade constar da Petição que o supplicante fez subir a presença de S. M. I., que se acha no Archivo da Secretaria da Guerra, disendo o mesmo Augusto Imperador em publica Audiencia que assim mandava porque não tardava que o Soldo tivesse augmento, no qual devia o supplicante tão bem entrar, o que não succederia se fosse pensão, e que se não lhe dava gratificação, e etape, era por não estar o Supplicante em activo serviço.

Ora o supplicante contente com o Soldo de Capitam de 1.ª Linha, e muito mais por estar certo de entrar no augmento com outros Militares, nada mais requereo, retirou-se da Côrte para a Bahia onde apresentou o Decreto Imperial ao Presidente da Provincia, e este o mandou cumprir a vista do que o Thesoureiro Geral das Tropas discontou logo no Soldo a Patente do Supplicante, e quando veio a nova tabella do augmento do Soldo, entrou para ella a pagar ao Supplicante, sem que o requeresse e em virtude sómente da letra do Decreto que concedeo soldo ao Supplicante.

Aparece finalmente a Lei do Orçamento, e a Commissão das Contas na repartição da Thesouraria Geral das Tropas, decidio que não devia ter o Supplicante o Soldo da nova tabella, mas sim uma pensão igual ao antigo soldo de Capitam, isto é 2$000 mensaes, não só para diminuir o que o Supplicante estava percebendo, como tão bem para o esbulhar de todo, e qualquer augmento, ou garantia de soldo com o termo pensão.

Sim: além de ter a Lei do Orçamento tirado ao Supplicante a Capellania da rellaçam da Bahia, sem que toda via ficasse o Supplicante percebendo o seu ordenado, hade ainda mais ser preterido do soldo que devia estar percebendo, do augmento que este pode ter, e dos de mais beneficios que tem os Militares só com o termo pensão? Se o Supplicante quizesse pensão, e não soldo, teria no decurso de

tantos annos requerido ao Poder Legislativo, uma pensão maior, e equivalente aos seus serviços, uma vez que quando sahio do Claustro, e Secularisou-se foi confiado na bôa remuneração aos seus serviços.

Por tanto a vista do expendido, e da manifesta injustiça com que preterirão ao Supplicante das garantias do seu soldo, requer aos Senhores Augustos, e Dignissimos Representantes da Nação, e Pede—Hajão por bem reentregar o Supplicante na posse do seo soldo pela nova tabella, isto é o Soldo de Capitam de 1ª Linha com todas as circumstancias do augmento, e garantias que gosão os Militares de 1ª Linha, ou senão Conceder expressamente por um Decreto ao Supplicante a futura successão daquella Vigararia que vagar na Bahia, ou em Pernambuco, que for do agrado do Supplicante; ou finalmente conceder ao Supplicante o privilegio de poder passar a outro qualquer Cidadão as duas Commendas de Christo, e do Cruzeiro, com todos os privilegios que gosa o Supplicante, afim de que não pese mais sobre elle sem meios de subsistencia, e a necessidade de se tratar com muita decencia, etc.

O Supplicante está persuadido de que a Augusta Assembléa Legislativa não deixará de attender a sua queixa tão justa, quanto digna de sua alta consideração, afim de que este exemplo anime sempre a todos na defeza da Patria, e saibão que a sua recompensa será a proporção dos seos serviços, e não venha a verificar-se que de proposito se procura desgostar aos defensores da Patria.—*José Maria Brayner*».

PROVISÃO DE 4 DE MARÇO DE 1824

Marianno José Pereira da Fonseca, etc.

Faço saber á Junta da Fazenda Publica da Provincia da Bahia que S. M. o I. por Dec. de 12 de

Fevereiro ultimo, junto por copia assignada pelo Contador Geral respectivo, houve por bem conceder ao Religioso Carmelita Fr. José Maria Brayner, o soldo respectivo de Capitão de primeira linha, em consideração aos serviços que prestára no exercito do Reconcavo d'essa Provincia.

O que se partecipa á Junta, para sua intelligencia e fiel execução. Carlos José Coelho a fez no Rio de Janeiro, em 4 de Março de 1824. *Marianno José Pereira da Fonseca.*

(Legisl. Brasileira de Nabuco de Araujo, vol. 3.°, pag. 219).

Bahia, 1896.

INNOCENCIO GOES.

LAVRAS DIAMANTINAS (*)

Illm. Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, DD. Secretario da Agricultura do Estado da Bahia

ANTECIPANDO o preparo de um relatorio detalhado sobre os estudos effectuados nas regiões diamantinas do alto Paraguassú e do Salobro, para o qual me faltam agora tempo e outros elementos necessarios, passo a expôr em breves palavras algumas das conclusões geraes que me parecem ser de mais immediata importancia.

A excursão para as Lavras Diamantinas dava occasião para reconhecer, nos seus traços geraes, a estructura geologica da bacia do rio Paraguassú, que, na sua parte superior, inclue a principal e maior região diamantina do Estado da Bahia, a assim chamada Chapada Diamantina.

O rio Paraguassú, no seu curso, atravessa quatro regiões bem distinctas na sua composição geologica e por consequencia nos seus caracteres topographico e economico.

A primeira região, que abrange todo o districto das cabeceiras do rio e do seu principal tributario, o Santo Antonio, estende-se até a cabeceira da Passagem de Andarahy; a segunda, deste ponto até a povoação de Bebedouro, cerca de 70 kilometros, pela estrada de rodagem, abaixo da Passagem e 20

(*) Relatorio apresentado ao Dr. Secretario da Agricultura da Bahia pelo socio Dr. Orville Derby de volta de sua viagem ás Lavras Diamantinas e ao Salobro, ao sul do Estado.

kilometros acima da estação terminal da estrada de ferro em Bandeira de Mello; a terceira, de Bebedouro até a Cidade de Maragogipe com a largura de cerca de 30 kilometros, e a quarta, deste ultimo ponto até a barra do rio com a largura de poucos kilometros apenas.

A primeira região é constituida, essencialmente, por possantes camadas de grez duro e avermelhado, que muitas vezes passa a conglomerado. Estas camadas, cuja espessura é estimada em mais de 500 metros, são profundamente perturbadas, sendo levantadas em dobras que se póde comparar ás ondas do mar, e atravessadas por fracturas, ou falhas, com levantamento de um lado, produzindo enormes paredões a pique. Assim: é uma região essencialmente montanhosa apresentando o typo de estructura oreographica, caracteristico das montanhas da parte oriental do continente norte americano e por isto conhecida pela denominação de « typo appalachiano ».

A elevação geral da região é de cerca de 1000 metros, elevando-se alguns picos e serranias uns 200 ou 500 metros acima deste nivel e descendo os valles mais excavados uns 700 metros abaixo delle.

Em virtude da dureza das rochas e das perturbações (dobras e falhas) que estas têm soffrido, a topographia é extremamente accidentada e agreste, apresentando innumeros e enormes massiços, ou serranias, de rochas quasi completamente despidas de sólo e por consequencia de vegetação, intermediadas com manchas de terreno com contornos mais suaves, onde a decomposição da rocha tem fornecido uma capa espessa de sólo aravel, coberto geralmente com vegetação campestre em alguns logares, por mattas. Em virtude da composição predominantemente arenosa das rochas subjacentes, o sólo desta região é, em geral, fraco e, por consequencia,

mais appropriado á criação do gado do que á lavoura.

Quanto á riqueza mineral, a unica até hoje aproveitada é a de diamantes e carbonados, e a sua constituição geologica pouca esperança offerece da existencia de outra, a não ser, num ou outro ponto, onde alguma outra formação mais antiga possa porventura aflorar na superficie.

A segunda região é constituida por camadas de grez avermelhado que, em parte, se assemelha bastante em aspecto ao da primeira região, sendo, porém, pela maior parte, mais argilloso e molle e tendo intercaladas uma ou mais camadas de calcareo de umas dezenas de metros de espessura.

A espessua da formação parece ser de 200 a 300 metros e as suas camadas jazem em posição proximamente horizontal, sendo, porém, provavel que tenha havido alguns deslocamentos no sentido vertical por meio de falhas.

Em virtude desta constituição geologica, a região é relativamente plana com a elevação geral de 50 a 60 metros, mas accidentada pela excavação dos valles do Paraguassú e de seu tributario o Rio Una que descem até uns duzentos e tantos metros abaixo deste nivel geral.

A decomposição das rochas é muito mais pronunciada do que na primeira região, de modo que é somente nas encostas mais bruscas que se percebe a natureza das rochas subjacentes.

O calcareo, quando encoberto, como geralmente acontece, se revela muitas vezes pelas segregações silicosas (pederneira) contidas nelle, as quaes livres da rocha encaixante pela decomposição desta, alastram muitos trechos da estrada.

A capa do sólo que encobre a região é, geralmente, bastante espessa e sustenta mattas que em muitos pontos merecem a denominação de frondosas. Onde aflora o calcareo o sólo é de cor ver-

melha escura e de consistencia gordurosa em virtude da sua riqueza em cal, sendo por este motivo preferido pelos poucos lavradores, que se têm estabelecido na região, apezar da sua deficiencia em aguas correntes que, como é usual nas regiões calcareas, se somem nas fracturas e cavernas que abundam na rocha.

As cachoeiras formadas no Rio Paraguassú pelas rochas desta região fornecem diamantes e carbonados, explorados pelo processo de mergulho, mas é duvidoso se provêm das rochas proprias da região ou se são transportados da visinha.

Nada consta da existencia de outras riquezas mineraes nesta região, a não ser a pedra calcarea que tem sido explorada em alguns pontos para o fabrico de cal.

Ao que parece, esta formação de grez e calcareo que caracterisa uma zona de umas dezenas de kilometros de largura, margeando a fralda oriental da serra das Lavras, se estende para o norte constituindo uma boa parte da assim chamada Matta do Orobó e para o sul, na região calcarea do Brejo Grande. Pelo lado agricola é talvez a zona mais promettedora do sertão central do Estado.

A terceira região é constituida de rochas gneissicas abundantemente injectadas por erupções plutonicas, predominando, ao que parece, as de typo granitico. As suas partes mais baixas demoram entre as cotas de 200 e 300 metros acima do nivel do mar, sendo notavel, em vista da sua constituição geologica, a extensão de terrenos relativamente planos ao longo do rio e da estrada de ferro.

Acima desta base relativamente baixa e nivelada, elevam-se serrotes e serranias até a altura de 800 metros e mais metros. As partes baixas ao longo da estrada são revestidas pela vegetação caracteristica denominada «catinga» mas, ao que parece, as partes mais elevadas são, pela maior

parte, cobertas por mattas e gozam da fama de fertilidade. A minha passagem rapida por esta zona em trem de estrada de ferro não me permittiu observações a respeito da sua capacidade agricola ou da sua riqueza mineral, mas em diversos logares tive occasião de observar que a capa do sólo é muito delgada, mesmo nos logares planos onde era de esperar maior espessura, e que muitos dos serrotes graniticos eram quasi completamente despidos de vegetação. Pela sua constituição geologica, tanto quanto esta podia ser percebida, será de esperar que, em algumas partes, haja jazidas de manganez, ferro, graphito e talvez outros mineraes de valor economico.

A quarta região é constituida por camadas de grez molle de edade cretacea e terciaria que caracteriza a região do reconcavo da Bahia, que pouco interesse offerece para o presente estudo.

Os diamantes, incluindo neste termo os carbonatos que na região da Chapada Bahiana raras vezes ou nunca deixam de acompanhar os diamantes verdadeiros, são especialmente caracteristicos da primeira região e a sua occurrencia esporadica na segunda e terceira póde com certa plausibilidade ser attribuida ao transporte antigo ou moderno, de elementos derivados della. Em todas as localidades examinadas (Santa Isabel, Chique-Chique, Andarahy, Lençóes e Palmeiras), a sua occurrencia acha-se intimamente ligada com a de uma grossa camada de conglomerado, que se apresenta perto do meio da formação de grez acima descripta. Este conglomerado representa um deposito de cascalho formado numa epoca geologica remota pelo mesmo modo por que se formaram, e ainda hoje se formam, os cascalhos (conglomerados incoherentes e ainda não transformados em pedra) em que os mineiros procuram os diamantes.

Em diversos pontos, é evidente que uma parte

do cascalho dos mineiros é simplesmente o conglomerado decomposto *in situ*, sem que os elementos tenham soffrido o minimo transporte ou rearranjo moderno. Assim se acha repetido nesta região o mesmo phenomeno já observado na região diamantina em Minas-Geraes, onde existem diversas lavras importantes em conglomerado decomposto e onde, em Grão-Mogol, se tem encontrado o diamante effectivamente encravado no conglomerado duro.

Os cascalhos modernos e não consolidados contêm naturalmente uma mistura de elementos derivados de todas as rochas desintegradas da visinhança, mas, onde são mais ricos, é evidente que a maior parte destes elementos provêm do conglomerado, ou «pedra cravada» como os mineiros a denominam, que raras vezes deixa de se apresentar em contacto immediato ou na visinhança proxima dos garimpos mais productivos. Assim é evidente que o grande, senão o unico, repositorio dos diamantes da região é este conglomerado, ou cascalho, fossilizado, intercalado no meio da grande formação de grez que caracteriza as serras das Lavras.

A camada maior do conglomerado apresenta-se com a espessura média de 6 a 10 metros, tendo, porém, em muitos pontos, algumas intercalações delgadas de grez fino. Como ficou dito, a sua posição é proximamente no meio da grande formação de grez, de modo que, em termos geraes, ha cerca de 250 metros de grez abaixo delle e outro tanto acima. No grez superior á grande camada de conglomerado existem muitos seixos espalhados, bem como intercalações delgadas de verdadeiro conglomerado, dando a toda a formação, do meio para cima, um caracter conglomeratico. No grez inferior, porém, não se observa este caracteristico e esta e outras circumstancias fazem suspeitar que se deve estabelecer uma divisão geologica na base do conglomerado, referindo as camadas inferiores a uma

formação independente e mais antiga do que as que lhes jazem por cima. Entre estas circumstancias, avulta a de serem muitos dos seixos e grandes blocos, encravados no conglomerado, identicos em aspecto com a rocha das camadas inferiores.

O conglomerado apresenta maior resistencia á acção destruidora dos agentes atmosphericos do que a maior parte das camadas que se acham associadas com elle, e por isto se salienta e se apresenta na superficie da grande maioria dos accidentes do terreno, dando-lhes um caracter extremamente aspero e pittoresco.

As camadas de grez superiores a elle são especialmente susceptiveis a esta acção e acham-se em muitas partes corroidas, dando logar á formação de valles que de um lado apresentam grandes superficies de conglomerado postas a nú.

Assim, em quasi toda a fralda oriental da serra, no trecho entre Santa Izabel e Lençóes, na distancia de mais de 60 kilometros, o conglomerado se apresenta cobrindo quasi toda a encosta da serra, como as telhas de um tecto inclinado, para mergulhar, com a inclinação de 20 a 30 graus para leste, no fundo dos valles dos rios Piabas, Chique-Chique, Andarahy e S. José, que fraldejam as serras neste trecho, sendo o outro lado dos seus valles formado principalmente pelas camadas de grez superior.

Em virtude do dobramento de toda a formação, as camadas rochosas acham-se repetidas diversas vezes ao longo de uma linha normal á orientação geral da serra da região, que é do sul para o norte. Estas dobras podem ser facilmente reconhecidas pelos afloramentos do conglomerado que, ao longo de uma linha E-O, se apresenta em diversos pontos, inclinando-se, ora para leste e ora para o oeste.

Assim, por exemplo, no referido trecho Santa Izabel e Lençóes, a inclinação do conglomerado é sempre para leste, formando elle toda a fralda ori-

ental da serra como um lado do tecto de uma casa, mas ao dobrar o alto da serra, elle reapparece, depois de uma interrupção em que se apresentam em grande possança as camadas de grez inferior com inclinação para o oeste.

Depois de uma outra interrupção occupada pelas camadas do grez superior (tendo o conglomerado mergulhado debaixo dellas), a mesma rocha reapparece na visinhança de Palmeiras, reapparecendo ao mesmo tempo os garimpos de diamantes.

Assim, tambem, a julgar pelas informações colhidas, acontece com as serras e garimpos da Chapada Velha, Santo Ignacio e outros, que para o oeste estabelecem uma cadeia de serras diamantinas e garimpos que se estende até perto das margens do rio São Francisco.

Sendo exacto, como me parece fóra de duvida, que a formação conglomeratica, ou o cascalho antigo, é o grande repositorio dos diamantes e carbonados da região das Lavras, segue-se que o stock destes mineraes ainda em ser, deve ser enorme. Os pontos de mais facil ataque já lavrados são insignificantes, em comparação com a massa do material contendo as pedras preciosas, que ainda se acha intacta.

E', porém, evidente que somente uma parte relativamente pequena desta massa póde ser lavrada com proveito pelos processos actualmente empregados.

Resta a saber se a technica moderna, aproveitando a força hydraulica que abunda na região em condições excepcionalmente favoraveis, offerece meios de lavral-a com uma despeza menor do que o valor do producto.

E' questão a ser resolvida pelo engenheiro de minas e não pelo geologo, mas me parece que as probabilidades de uma solução favoravel são bas-

tante fortes para justificar serios estudos e experiencias neste sentido.

Para os emprehender, ou, pelo menos, aproveitar depois de feitos, seria necessario tornar a região mais accessivel pelo prolongamento da estrada de ferro até Andarahy ou melhor, Lençóes, pontos estes que podem ser alcançados sem encontrar difficuldades technicas de maior monta.

Ao meu ver, as possibilidades de um desenvolvimento maior da industria mineira na zona fronteira justificam um estudo serio da questão deste prolongamento.

Fóra da região da serra das Lavras, propriamente dita, a qual, no districto examinado, termina a leste, na escarpa coberta pelo conglomerado que se estende de Lençóes em direcção a Santa Izabel, as lavras de diamantes em terra tornam-se escassas ou faltam completamente.

Em alguns pontos, porém, se tem explorado, pelo processo de mergulho, o leito do rio Paraguassú e alguns destes pontos se acham em tal distancia da serra que é difficil acreditar que os diamantes tenham sido transportados della. O mais importante destes pontos é a cachoeira do Funil, perto de Bebedouro e, por consequencia, na margem oriental da região de grez e calcareo acima descripta. Essa cachoeira é formada por grossa camada de conglomerado bastante parecido com o da região das Lavras, mas que, parece, deve pertencer a um outro horizonte geologico, superior ao da serra. Os seus seixos são principalmente de rochas graniticas e o conglomerado os assenta immediatamente sobre rochas desta natureza. Parece provavel que os diamantes encontrados neste logar provêm do conglomerado local ou de algumas das rochas associadas com elle, mas sobre este ponto nada pude observar de caracter decisivo.

Como a serie geologica desta segunda zona é

mais recente do que a da serra e assim presumivelmente formada em parte de districtos dirivados desta, ha uma forte presumpção que, em uma ou outra parte ella tambem seja diamantifera. A «formação» ou «pé da batea» do cascalho pescado na cachoeira do Funil differe notavelmente da das Lavras na maior abundancia de elementos graniticos, devido isto, presumivelmente, a desaguarem na visinhança corregos, que drenam districtos graniticos e gneissicos.

Quanto ao horizonte geologico a que devem ser referidas as duas (ou tres) series rochosas acima indicadas, nada pude observar de decisivo, sendo infructiferas as pesquizas em procura de fosseis que podiam elucidar esta questão. Por diversos motivos, que seria fastidioso expor neste logar, julgo serem mais antigas do que a edade secundaria a que se referem as jazidas de diamantes da Africa Austral e da região de Bagagem em Minas Geraes, e que, eventualmente, provar-se-á pertencerem á parte media ou superior (Siluriana a Carbonifera) da edade anterior, ou Paleozoica.

A região diamantifera de Salobro, do municipio de Cannavieiras, offerece um interesse especial por differir notavelmente das outras regiões diamantiferas do Brazil pela sua proximidade (60 kilometros mais ou menos) do mar e pela falta das asperezas topographicas, que geralmente se associam com a occurrencia do diamante. A região é medianamente accidentada com a elevação de pouco mais de cem metros, e as serras mais altas que se avistam no horizonte nenhuma relação apparente têm com a occurrencia do diamante no rio Salobro. Toda a visinhança é coberta por uma espessa capa de solo, sustentando mattas frondosas que encobrem as rochas e difficultam as observações geologicas.

Nas margens e nas cachoeiras do rio Pardo, fron-

teiras as lavras de Salobro e apenas 6 kilometros distantes, pude verificar que as rochas subjacentes da região consistem em uma serie de camadas de grez e schistos argillosos tendo intercalada uma grossa camada de conglomerado constituido por blocos rolados de diversos typos de rochas graniticas e gneissicas. Essa serie deve ter algumas centenas de metros de espessura e acha-se perturbada, apresentando uma forte inclinação para o leste.

No leito do rio Salobro e dos seus pequenos tributarios, este conglomerado se apresenta em diversos pontos e as lavras até hoje abertas acham-se na visinhança immediata dos seus afloramentos. Para verificar a hypothese da proveniencia dos diamantes do conglomerado o Sr. Pedro Benazet teve a amabilidade de mandar lavar, em separado, cerca de um e meio metros cubicos de conglomerado decomposto, escolhidos por mim para este fim. O resultado foi um diamante pezando 3 grãos. Assim parece fóra de duvida que aqui, como nas Lavras, o diamante tem uma relação directa com o conglomerado, que assim fornece um precioso guia, de facil encontro e reconhecimento, para as pesquizas na zona do litoral.

E' indubitavel que uma formação tão possante como a exposta nos rios Pardo e Salobro terá grande extensão nesta zona, e ha forte probabilidade que em muitos, senão em todos os pontos em que aflorar, ella será diamantifera como no Salobro. Este ultimo districto, aliás, ainda offerece um campo bastante grande para as operações do mineiro.

Saúde e fraternidade.

Bahia, 23 de Maio de 1905.

ORVILLE A. DERBY.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1903

99.ª SESSÃO EM 11 DE JANEIRO DE 1903

Presidencia do Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 11 de Janeiro de 1903, á uma hora da tarde, no salão do Instituto, á Praça 15 de Novembro, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires e João Torres, Ferreira Braga, Alfredo Soledade, Gonçalo de Athayde, Henrique Praguer, Comm. Salvador Pires, Joaquim de Sant'Anna e Isaias Santos, foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O 1.º Secretario procede á leitura do expediente: Cartas, do director da Bibliotheca Nacional de Santiago, do Chile, agradecendo as publicações enviadas pelo Instituto por intermedio do commandante do cruzador *Chacabuco*, e do socio Dr. José Francisco da Silva Lima, agradecendo em nome da familia do Dr. Manuel Victorino Pereira as manifestações de pezar prestadas ao pranteado bahiano.

O Sr. Presidente recordando o passamento do socio fundador Dr. Innocencio Munhoz, cujo elogio fez, pondo em relevo os inestimaveis serviços prestados ao Instituto, propõe que se consigne na acta de hoje um voto de pezar, o que é approvado.

Procede-se á leitura do projecto de orçamento da receita e despeza do Instituto para 1903, com o parecer da commissão respectiva opinando pela approvação do referido orçamento; e posto em discussão é approvado.

RECEITA

A receita do Instituto para o anno de 1903 é orçada em 24:827$000, a saber:

§ 1.º Subvenção estadual, inclusive a dos annos anteriores não recebidas	13:500$000
§ 2.º Subvenção federal, idem, idem.	7:500$000
§ 3.º Subvenção municipal, idem, idem	1:250$000
§ 4.º Mensalidade de socios . . .	1:764$000
§ 5.º Idem em atrazo com 50 % . .	413$000
§ 6.º Joias de socios.	400$000

DESPEZA

A despeza para o anno de 1903 é orçada em 24:523$000:

§ 1.º Para pagamento de uma lettra ao Banco Auxiliar e juros da hypotheca	14:000$000
§ 2.º A credores diversos	7:500$000
§ 3.º Ordenados dos empregados . .	1:400$000
§ 4.º Impressão da *Revista*. . . .	1:000$000
§ 5.º Despezas Geraes	623$800

ADDITIVO

E' autorizada a Mesa Administrativa a realisar a venda da concessão da loteria do Instituto, ou a effectuar a respeito da mesma qualquer outra transacção que entender conveniente.

São lidos e approvados em escrutinio secreto os pareceres da commissão de admissão opinando pela acceitação dos Drs. Menandro dos Reis Meirelles Filho e Augusto Flavio Gomes Villaça, engenheiro Luiz Meirelles da Silva, e do negociante Vicente Ferreira Lins do Amaral na qualidade de socios effe-

ctivos, e do Dr. Antonio Augusto Cardoso de Castro, na qualidade de socio correspondente.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente.— *Isaias de C. Santos*, servindo de 1.° Secretario.— *Gonçalo de Athayde Pereira.*

100.ª SESSÃO EM 8 DE MARÇO DE 1903

Presidencia do Cons. Dr. Salvador Pires

A' uma hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires, Drs. Isaias Santos e Joaquim Pires, Comm. Salvador Pires, Cap. Ferreira Braga, Eng. Genesio Neves, Gonçalo de Athayde, Eloy Guimarães e Castro Menezes, é aberta a sessão, servindo de 2.° Secretario o Coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O 1.° Secretario procede á leitura do expediente:

Officio do socio Desembargador Paranhos Montenegro enviando 104 vols. de differentes obras para a bibliotheca, e declarando que, havendo despendido com o encaixotamento e frete a quantia de 32$000, offerecia essa quantia para os cofres do Instituto, como nos annos anteriores; communicando tambem que, por seu intermedio, o socio Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida fazia offerta de uma Collecção da Revista do Archivo Publico de S. Paulo.

Officios do Presidente da Associação Commercial, e do 1.° Secretario do Instituto Archeologico Pernambucano communicando a eleição das novas Directorias.

Carta do cidadão João Luiz Pimenta enviando, em nome dos alumnos do Gymnasio, para ser guardado no Instituto o estandarte que encimou o carro

allegorico que fez parte do grande prestito popular em honra ao povo chileno, n'esta capital.

O Sr. Presidente dá noticia do fallecimento do socio effectivo Pharm. Alfredo Accioli do Prado, no Estado de Sergipe, e propõe que se lance na acta um voto de pezar, o que é approvado.

O Sr. Thesoureiro faz a leitura do demonstrativo da receita e despeza durante o anno de 1902, o qual é enviado á Commissão de orçamento para dar o seu parecer.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Salvador Pires de C. e Albuquerque, Presidente.—*João N. Torres,* 1.° Secretario.—*Isaias de Carvalho Santos,* 2.° Secretario.

101.ª SESSÃO EM 19 DE ABRIL DE 1903

Presidencia do Cons. Dr. Salvador Pires

A' uma hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires, Cons. João Torres, Cap. Ferreira Braga, Drs. Isaias Santos, Braz do Amaral e Reis Magalhães, Comm. Salvador Pires, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde e Padre Luiz da França, é aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Cons. 1.° Secretario procede á leitura do expediente, que constou do seguinte: Officios—do Dr. Francisco João Fernandes, presidente do Conselho Municipal d'esta cidade, enviando o livro da acta do assentamento da pedra para a elevação do monumento ao *Dois de Julho* no Campo dos Martyres;—de J. Balta, director do Corpo de Engenheiros de minas, do Perú, enviando o 1.° Boletim;—do 1.° secretario da Sociedade Hespanhola de Beneficencia enviando a relação da dire-

ctoria eleita para 1903;—do director da Bibliotheca Publica Pelotense pedindo as publicações do Instituto.

Propostas para a admissão de socios na qualidade de correspondentes, o Padre Raphael M. Galanti, professor do Collegio Anchieta em Nova Friburgo, e o Dr. Elpidio de Mesquita, advogado na cidade do Rio de Janeiro.

O Sr. Presidente communica o fallecimento dos socios correspondentes Dr. Augusto Victorino Alves do S. Blake, a 24 de Março ultimo, no Rio de Janeiro, e Coronel Francisco Felix de Araujo, a 16 de Abril, em Barbacena, e propõe que se lance na acta votos de pezar, o que é approvado.

O Dr. Braz do Amaral pede a palavra e lembra a difficuldade em que se encontra para fazer as biographias dos socios fallecidos, e propõe-se a apresentar na sessão anniversaria de 3 de Maio uma memoria historica em rectificação do trabalho publicado por Cosme de Salles, no Rio, e aqui transcripto no *Diario de Noticias*.

O Instituto approva a proposta, resolvendo que os discursos necrologicos sejam feitos em outras sessões, como permitte o Additivo aos Estatutos, votado em Outubro de 1895.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.—Gonçalo de Athayde Pereira.

102.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1903

SESSÃO SOLEMNE DE ANNIVERSARIO

Presidencia do Cons. João Torres

Aos tres de Maio de 1903, á uma hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Cons. João Torres, 1.º Secretario, Cons. Filinto Bastos, Ben-

jamim e Eduardo Silva, Drs. Braz do Amaral, Silva Lima, Reis Magalhães, Barbuda, Virgilio de Lemos, Junqueira Ayres, Cabussú, Joaquim Pires, Calasans, Isaias Santos e Joaquim Tanajura, Ferreira Braga, Pimenta Bastos, Silio Boccanera, Praguer, Conegos Manfredo e Tapiranga, Comm. Sant'Anna, Luiz Filgueiras, Coronel Athayde, Prof. Nazareth, Damasceno Vieira e Eloy Guimarães, achando-se presentes os presidentes dos Tribunaes de Appellação, e de Conflictos, representantes do Congresso Estadual, da Associação Commercial e de varias classes sociaes, foi aberta a sessão pelo Cons. João Torres, 1.º Secretario, na ausencia do Presidente Cons. Salvador Pires, servindo de secretarios os Drs. Isaias Santos e Reis Magalhães.

Em seguida, pelo mesmo Presidente foi lido o relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno social findo, minucioso e cheio de informações sobre todas as occurrencias havidas.

O 1.º Secretario faz a leitura de uma carta da Exm.ª D. Maria Amelia da Silva Lima Pereira, viuva do pranteado Dr. Manuel Victorino Pereira, fazendo offerta ao Instituto das Memorias e Mappas apresentados ao Governo da Suissa pelo representante do Brazil na questão do Amapá, e que foram offerecidos a seu marido pelo Exm. Barão do Rio Branco. O Sr. Presidente mandou consignar na acta que, tão valiosa offerta era recebida com especial agrado.

Com a palavra o Dr. Pedro Julio Barbuda, leu substancioso trabalho intitulado «*Evolução litteraria das linguas ou Litteratura, sua definição e divisão do seu estudo. Genese da litteratura portugueza.*»

Finalmente o Dr. Braz do Amaral leu notavel memoria historica sobre os acontecimentos havidos na Bahia, em 1891, em seguida ao golpe de Estado

do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, que foi ouvida com interesse geral.

Nada mais havendo, o Sr. Presidente agradece ás pessoas presentes o seu comparecimento e levanta a sessão.

João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.—Gonçalo de Athayde Pereira.

RELATORIO DO CONS. 1.º SECRETARIO

Meus Senhores:

Commemora hoje o Instituto Geographico e Historico da Bahia, com uma sessão solemne, o 9.º anniversario de sua installação.

Conta elle mais um dia de vida litteraria, e apezar das difficuldades com que luta, e da má vontade que é a indifferença, vai proseguindo em sua marcha patriotica e scientifica, attestando o valor intellectual dos nossos homens.

No desempenho da honrosa tarefa que a vossa benevolencia me tem conferido, e em obediencia ao art. 28 § 8.º dos nossos Estatutos, ainda uma vez cabe-me a honra de, congratulando-me comvosco, relatar-vos as principaes occurrencias havidas durante o anno social; e para não fatigar a vossa attenção farei rapida enumeração dos nossos trabalhos.

Com toda regularidade effectuaram-se as sessões do Instituto, as ordinarias, em numero de 9 e a sessão magna a 3 de Maio.

Na sessão de 20 de Abril é lido o parecer sobre as contas do Sr. Thesoureiro, do exercicio de 1901, as quaes são approvadas.

Como deveis estar lembrados, a sessão de 3 de Maio foi uma das mais proveitosas para o Instituto, sendo lidas 3 importantes monographias, que foram justamente apreciadas pelo auditorio.

O Dr. Julio Barbuda leu extenso e erudito estudo sobre a *Evolução litteraria da lingua portugueza no Brazil.*

Coube depois a palavra ao illustrado orador do Instituto, Dr. Braz do Amaral, fazendo a leitura de um primoroso trabalho de descripção da antiga Capella dos Jesuitas, na Faculdade de Medicina, e de investigação historica quanto á versão corrente de que os Jesuitas ali haviam deixado alfaias e riquezas em algum esconderijo; trabalho este feito em commum com o Dr. Innocencio Munhoz, de saudosa memoria para esta associação.

Em seguida usa da palavra o distincto professor Alexandre Borges dos Reis, e leu substancioso trabalho de interesse historico sob o titulo—*Colonos indigenas e escravos. Os Jesuitas e a cathechese. Historia do Brazil.*

Fallou por ultimo o socio Damasceno Vieira, lendo patriotico discurso de saudação ao Instituto pela festa commemorativa.

Na sessão de 18 de Maio é lida a carta em que o socio honorario General Dr. Dionizio de Cerqueira enviava ao Instituto o donativo de 100$, e vota-se o orçamento confeccionado para o exercicio de 1902, ficando a Meza autorizada a transigir com as loterias do Instituto.

Na sessão de 25 de Maio procede-se á eleição da Meza e das commissões, sendo a Meza ainda uma vez reeleita e empossada n'esse dia; lançando-se na acta um voto de pezar pela morte tragica do illustre aeronauta brazileiro Dr. Augusto Severo, e transmittindo-se aos parentes do inditoso compatriota os sentimentos do Instituto.

Na sessão de 14 de Setembro lança-se igualmente um voto de louvor á commissão de socios que levou a effeito o concerto vocal e instrumental em beneficio do Instituto, dirigido e organisado pela eximia pianista e consocia a Exm. D. Maria

Elisa Valente Moniz de Aragão, que, por proposta da Meza, é elevada a socia honoraria por deliberação unanime da assembléa.

Na sessão de 19 de Outubro procede-se á leitura da memoria enviada pelo Dr. Hermam Von Ihering, director do Museu de S. Paulo sobre *as abelhas indigenas sociaes do Brazil*, sendo resolvido que fosse publicada pela imprensa: vota-se tambem, sob proposta do 1.º Secretario, que fossem expedidos os diplomas de socios, independente de contribuição, aos Dr. Alberto dos Santos Dumont, Von Ihering e prof. Emilio Augusto Goeldi, director do Museu do Pará, hoje Museu Goeldi, pelos valiosos serviços por elles prestados ao Brazil.

Na sessão de 16 de Novembro o Presidente, referindo-se á grande perda que acabava de soffrer a Bahia com o fallecimento do Dr. Manuel Victorino Pereira, propoz um voto de pezar pela perda de tão notavel bahiano e que o Instituto se associasse a todas as homenagens que lhe fossem prestadas n'esta capital.

Finalmente o Dr. Joaquim Pires fundamenta uma moção de felicitações ao illustre consocio Dr. José Joaquim Seabra, pela sua nomeação ao cargo de ministro da Justiça.

O Instituto teve a infelicidade de perder, no anno que findou, 8 illustres membros, cujos serviços por elles prestados serão opportunamente rememorados pela palavra eloquente do nosso orador, taes são elles: Barão de Pereira Franco, a 20 de Janeiro; Conego João Paranhos da Silva, a 30 de Janeiro; Pharmaceutico Eudoxio Pereira da Costa, a 5 de Fevereiro; Dr. Adolpho Tourinho, a 4 de Maio; Dr. José de Oliveira Leite, a 10 de Maio; Pedro Muniz Leão Velloso, a 11 de Julho; Dr. Mariano

Pelliza, a 11 de Agosto; e Dr. Innocencio Munhoz Goes, a 28 de Dezembro.

Em compensação d'estas perdas vieram alistar-se nas nossas fileiras muitos outros cavalheiros, dos quaes 16 solicitaram já os seus diplomas.

Como nos annos anteriores, foram feitas á bibliotheca, ao archivo e ao museu do Instituto valiosas offertas de livros, mappas, medalhas, moedas, manuscriptos e jornaes, como consta das relações que serão publicadas em nossa *Revista*.

Cumpre entretanto salientar as seguintes: do socio desembargador Thomaz Montenegro, 137 vols. de diversas obras; do socio capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, 141 vols. de varias obras de sua bibliotheca particular, 4 moedas antigas, 1 de ouro e 3 de prata, retiradas de tumulos antiquissimos em Marrocos, e 15 moedas de cobre antigas;—da Exm.ª Viscondessa de Cavalcanti, eximia consocia, 72 vols., inclusive classicos latinos, cujo valor está nas edições;—do socio Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, 150 vols.;—de D. Maria José Serra, o retrato do grande pintor bahiano Franco Vellasco;—do socio major Rogociano Teixeira, um livro contendo o discurso autographo proferido pelo Cons. Ruy Barbosa no Supremo Tribunal em 26 de Março de 1898, impetrando *habeas corpus* em favor dos implicados no attentado de 5 de Novembro de 1897, prefaciado pelo Dr. Aristides Milton; um outro contendo diversos trabalhos do Dr. Ruy Barbosa;—do socio Francisco Xavier Marques, diversas producções poeticas do illustre bahiano professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan;—do socio Cons. Francisco Sodré Pereira, varios manuscriptos que acompanharam á petição de graça e perdão que o Dr. Francisco Sabino impetrou á Regencia Permanente em 1834 pelo assassinato do alferes José Joaquim Moreira no dia 7 de Novembro de 1833, e varios periodicos do tempo da Regencia,

de cuja luta politica o delicto originou-se;—do socio Dr. José Antonio Costa, 100 moedas de varios paizes;—do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo, um catalogo movel de classificação decimal de Devey, com dedicatoria;—do Dr. Anisio de Carvalho, um arco artisticamente trabalhado e uma collecção de flechas de varias especies, obtidos dos Bororós Coroados, de Matto Grosso;—do Dr. José Felix da Cunha Menezes, duas moedas antigas romanas;—do socio Eloy Guimarães, lavas do Vesuvio e 55 moedas estrangeiras de cobre e nikel de 12 paizes differentes;—do cidadão Virgilio Pires de Carvalho, 4 projectis de guerra que pertenceram a seu pai o major Salvador Pires de Aragão e varias brochuras; do socio Capitão Manoel Raymundo Querino, 3 medalhas da Campanha do Paraguay, pertencentes ao tenente-coronel Feliciano Pimentel do 54 de voluntarios;—do socio coronel Gonçalo de Athayde, um fossil da região amazonica; do Provedor do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, uma das bandeiras, do regimen imperial, existentes n'aquelle Collegio.

A Meza julga de seu dever consignar em nome do Instituto um voto de reconhecimento a todos aquelles que tão generosamente concorreram para o augmento de suas collecções.

A nossa bibliotheca continúa a ser frequentada por diversos cavalheiros, representantes de todas as classes sociaes; e pelos motivos já expostos no relatorio anterior a catalogação dos livros não está concluida.

Como as demais associações litterarias e estabelecimentos pios, o Instituto tem estado privado de receber o auxilio consignado no orçamento da receita e despeza do Estado, acreditando a Meza que os poderes do Estado continuarão a auxilial-o, como têm feito, convicto da sua utilidade, e garantindo a sua estabilidade.

Comprehendeis que, estando destinada a subvenção federal para a amortisação da hypotheca do predio, o Instituto não pode preencher os seus fins sómente com a subvenção municipal e com as annuidades dos socios, na importancia de Réis 1:480$000.

Por esse motivo só foi publicado e distribuido o vol. da *Revista* relativo ao anno de 1901.

O do anno de 1902 deverá apparecer brevemente, tendo a Commissão de redacção acceitado o offerecimento feito por operoso e dedicado consocio para a impressão gratuita d'esse volume.

Do balancete apresentado pelo sr. Thesoureiro constam especificadamente as verbas da renda arrecadada e despeza effectuada, cujo resumo é o seguinte:

Receita	9:823$000
Despeza	9:525$000

Bahia, 3 de Maio de 1903.

O 1.º Secretario,

João Nepomuceno Torres.

103.ª SESSÃO EM 10 DE MAIO DE 1903

Presidencia do 1.º Secretario Cons. João Torres

Aos 10 de Maio de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. João Torres, Drs. Barbuda, Freire de Carvalho, Isaias Santos e Tanajura, Comms. Salvador Pires e Joaquim de Santa'Anna, Luiz Filgueiras, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Henrique Praguer, Coronel Athayde, Professores Nazareth e Santos Sá, Gonçalves Neves e Eng. Pimenta Bastos, foi aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas de 19 de Abril e de 3 de Maio.

Lê-se no expediente um officio da Sociedade Bahiana de Agricultura enviando a relação dos novos funccionarios eleitos para a directoria do Conselho Superior, e pareceres da commissão de admissão de socios, que ficam sobre a meza para serem votados na sessão seguinte.

O sr. presidente declara que a sessão foi convocada para a eleição da Meza e das Commissões, e por falta de numero para funccionar a assembléa geral fica adiada para o domingo proximo.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

João Nepomuceno Torres.—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.— Isaias de Carvalho Santos.

104.ª SESSÃO EM 17 DE MAIO DE 1903

Presidencia do Cons. João Torres

Aos 17 de Maio de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. João Torres, 1 ° Secretario, Drs. Freire de Carvalho, Reis Magalhães e Isaias Santos, Ferreira Braga, Comms. Salvador Pires e Joaquim de Sant'Anna, Luiz Filgueiras, Coronel Athayde e Eloy Guimarães, abre-se a sessão, servindo de 2.° Secretario o Dr. Reis Magalhães.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada.

O Sr. Presidente communica o fallecimento do socio Cons. Dr. Francisco Maria Sodré Pereira, salientando os serviços por elle prestados ao Instituto e ao Brazil, e propõe que se lance na acta um voto de pezar, nomeando uma commissão para dar pezames á familia e representar o Instituto no sahimento funebre.

O 1.° Secretario dá noticia do seguinte expedi-

ente: Carta convite do Gremio Litterario, para o Instituto se fazer representar na sessão magna commemorativa do 43.° anniversario de sua installação. E' nomeada a commissão composta dos socios Ferreira Braga e Filgueiras.

Officios, do socio Dr. Emilio Gœldi, agradecendo o diploma de socio, e enviando publicações do Museu Paraense,—e do senador Antonio José de Lemos, Intendente da cidade de Belém, do Pará, enviando o seu relatorio e o Album da cidade.

O Sr. Presidenle manda agradecer as offertas recebidas.

Foram approvados por escrutinio secreto e proclamados socios correspondentes o Dr. Elpidio de Mesquita, residente na cidade do Rio de Janeiro, e o Padre Raphael M. Galanti, professor do Collegio Anchieta, em Nova Friburgo; e socios effectivos Dr. Joaquim Celso Moreira Spinola e Major Joaquim Carneiro de Campos, residentes n'esta Capital.

Em seguida, passando-se a proceder á eleição da Meza administrativa e das commissões para o anno social de 1903—1904, correu o escrutinio secreto e deu o seguinte resultado:

Presidente, Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

1.° Vice-Presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias.

2.° Dito, Cons. Pedro Marianni.

1.° Secretario, Cons. João Nepomuceno Torres.

2.° Dito, Dr. Isaias de Carvalho Santos.

Supplentes, Major Aloysio de Carvalho e Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.

Orador, Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.

Supplente, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.

Commissão de admissão—Eloy de Oliveira

Guimarães, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Pharm. Joaquim Manuel de Sant'Anna.

Commissão de fundos e orçamento—Dr. Alfredo Cesar Cabussú, Horacio Urpia, Comm. Salvador Pires de Carvalho.

Redacção da Revista e Estatutos—Cons. João Nepomuceno Torres,—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães,—Conego Manfredo Alves de Lima.

Manuscriptos e Documentos—Cons. Filinto J. Ferreira Bastos,—Dr. Egas M. Barretto de Aragão,—Eng. Silio Boccanera.

Geographia, Historia e Ethnographia—Dr. Francisco M. Goes Calmon,—Prof. Antonio Alexandre Borges dos Reis,—Pharm. Luiz Antonio Filgueiras.

Estatistica e Demographia—Drs. Joaquim Tanajura e Aurelio Pires de Carvalho, e Prof Elias Nazareth.

Topographia e Archeologia—Prof. Francisco Torquato Bahia,—Eng. João Pimenta Bastos,—e Dr. Julio da Gama.

Philatelia, Numismatica e Ceramica—Francisco Ferraro,—Dr. Guilherme Fœppel,—e Cap. Manoel R. Querino.

Mappas, Retratos e Cartas Geographicas—Alfredo Soledade,—Dr. José Julio de Calasans,— e Dr. Joaquim Pires Muniz.

Biographias—Dr. Manuel Joaquim de Sousa Britto,—Dr. Guilherme Pereira Rebello,—e Damasceno Vieira.

Finda a eleição o sr. presidente declarou empossados os socios eleitos, e levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.

João Nepomuceno Torres, P. I.—*Antonio A. Borges dos Reis.—Isaias de Carvalho Santos.*

105.ª SESSÃO EM 21 DE JUNHO DE 1903

Presidencia do Cons. João Torres

Aos 21 de Junho de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios srs. Cons.os João Torres, 1.º secretario, Filinto Bastos e Carneiro da Rocha, Drs. Silva Lima, Araujo Pinho, Egas Muniz, Joaquim Pires, Odilon dos Santos, Reis Magalhães, Virgilio de Lemos, Cabussú, Guilherme Muniz e Julio de Barbuda, Conegos Tapiranga e Manfredo de Lima, Comms. Sant'Anna e Salvador Pires, Professores Borges dos Reis e Elias Nazareth, Coronel Gonçalo de Athayde, Eloy Guimarães, Damasceno Vieira, Alfredo Requião, Aloysio de Carvalho, Barão de S. Francisco, Ferreira Braga, Nicolao Tolentino, Major Carneiro de Campos, Isaias de Carvalho, 2.º secretario, e com a presença de Exmas. Sras. e de representantes de varias classes sociaes, o 1.º secretario assume a presidencia declarando aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Carta do Padre Raphael Galanti agradecendo a sua eleição de socio correspondente. Officios do Dr. Intendente Municipal enviando o seu Relatorio e leis votadas pelo Concelho Municipal, e convidando o Instituto para a inauguração solemne do jardim da Praça *15 de Novembro,* onde se acha situado o mesmo Instituto, a 31 de Maio ultimo. Officios das Sociedades Beneficencia Caixeiral, Beneficencia Academica e Gremio Litterario enviando as relações das novas directorias eleitas. Officio da Commissão promotora dos festejos do dia 2 de Julho convidando o Instituto a tomar parte na romaria civica até o parque *Duque de Caxias,* onde se acha levantado o monumento commemorativo da independencia.

As offertas são recebidas com especial agrado, e vão mencionadas no Appendice.

O sr. presidente declara que o Instituto concorrera á inauguração do jardim da Praça 15 de Novembro, abrindo o seu edificio, onde, em presença de muitos socios, foi lavrada a acta da inauguração, e que a presente sessão foi convocada para o fim de dar-se posse solemne ao socio eleito Padre Dr. Julio Maria, de passagem por esta Capital, e nomêa uma commissão composta dos socios Cons. Carneiro da Rocha e Conegos Manfredo e Tapiranga para darem entrada ao mesmo consocio, que é recebido com as formalidades do estylo, tomando assento ao lado da Meza.

Com a palavra o Cons. Filinto Bastos, supplente de Orador, saúda ao novo consocio, apresentando-lhe as boas vindas, sendo muito felicitado ao terminar; depois do que o Padre Dr. Julio Maria profere substancioso discurso de agradecimento, sendo igualmente felicitado.

O Professor Borges dos Reis obtem a palavra para assumpto urgente, que não admittia delongas, e declarou que lêra em um dos jornaes da tarde, que a Commissão das festas ao 2 de Julho pretendia collocar uma placa no largo do *Barbalho,* mudando a sua denominação para *Praça Barão do Triumpho,* e, protestando em nome da justiça historica, apresentava o seguinte requerimento, que é unanimemente approvado:

Requeiro que a Meza do « Instituto Geographico e Historico da Bahia » procure entender-se com o Exm. Sr. Dr. intendente municipal no sentido de ser conservada ao largo do Barbalho a sua actual denominação, como uma homenagem prestada a Luiz Barbalho Bezerra, illustre capitão que naquelle sitio defendeu brilhantemente esta cidade contra os assaltos dos hollandezes em 1638. Em sessão, 21

de Junho de 1903.—*Antonio Alexandre Borges dos Reis.*

Nada mais havendo a tratar-se, levanta-se a sessão.

Approvada em sessão de 2 de Agosto.

Salvador Pires de C. e Albuquerque, Presidente.—*João N. Torres.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

106.ª SESSÃO EM 2 DE AGOSTO DE 1903

Presidencia do Exm. Cons. Salvador Pires

Aos 2 de Agosto de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires, presidente, e João Torres, Drs. Cabussú e Isaias Santos, Comm. Sant'Anna, Eloy Guimarães, Ferreira Braga, Coronel Gonçalo de Athayde e Prof. Santos Sá, é aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. João Torres, antes da leitura do expediente, declarou que a Meza se entendera com o Dr. Intendente, e foi scientificada de não haver projecto de mudança de nome do largo do Barbalho, e que portanto nada tinha que providenciar sobre a materia da proposta do professor Borges dos Reis.

EXPEDIENTE

Cartas, do socio Dr. Francisco Calmon offerecendo para o archivo varios autographos de trabalhos sobre a historia e litteratura patria, deixados pelo fallecido consocio Dr. Innocencio Munhoz;—do secretario da Bibliotheca Pelotense enviando um exemplar do poema *Uruguay,* de Basilio da Gama; —do secretario da Sociedade Nacional de Agricultura enviando as bases do Congresso das applicações industriaes do alcool.

São lidas e vão á commissão respectiva duas propostas para admissão de socios.

O Sr. Presidente dá noticia do fallecimento dos socios effectivos Drs. Manuel Adalberto de Oliveira Guimarães, a 29 de Junho: Dyonisio Gonçalves Martins, no dia 2 de Julho; e Joaquim Matheus dos Santos, tambem a 2 de Julho, na cidade de Berlim, propondo que se consignasse na acta votos de pezar, o que é approvado.

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da commissão de fundos e orçamento sobre as contas do Sr. Thesoureiro, durante o anno de 1902, tendo importado a receita em 9:949$050, e a despeza em 9:713$480.

E' lido e approvado em escrutinio secreto o parecer da commissão de admissão, sendo proclamado socio effectivo o coronel Manuel Gonçalves da Costa Drummond.

O Sr. Presidente declara que, pretendendo transferir a sua residencia para a cidade do Rio de Janeiro, fazia as suas despedidas ao Instituto, agradecendo a todos os consocios as provas de consideração com que fôra distinguido sempre, e especialmente pela sua reeleição por seis vezes para dirigir os destinos do mesmo Instituto, ao qual offerecia os seus serviços ali.

O Cons. João Torres, 1.° Secretario, pede a palavra, e, salientando os serviços prestados ao Instituto pelo Cons. Salvador Pires, propõe que, de accordo com o art. 17 dos Estatutos, o Instituto lhe conferisse o titulo de Presidente honorario.

Estando a proposta assignada por todos os socios presentes, foi considerada approvada nos termos do § 1.° do cit. art. 17.

O Sr. Presidente agradece mais esta prova de consideração, e levanta a sessão.

João Nepomuceno Torres.—Antonio A. Borges dos Reis.—Gonçalo de Athayde Pereira.

107ª SESSÃO EM 30 DE AGOSTO DE 1903

Presidencia do Cons. João Torres, 1.º Secretario

Aos 30 de Agosto de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios os Srs. Cons. João Torres, 1.º Secretario, Drs. Guilherme Muniz, Alvaro Cóva, Augusto Goes, Octacilio dos Santos, Victal Soares, Joaquim Tanajura e Julio da Gama, Professores Borges dos Reis, Torquato Bahia, Elias Nazareth e Santos Sá, Conego Manfredo, Coronel Athayde, Luiz Filgueiras, Ferreira Braga, Comm. Sant'Anna e Salvador Pires, Coronel Francisco Gonçalves, Cons. Filinto Bastos, Pimenta Bastos, Manuel Drummond, Soledade, Gonçalves Neves, Alfredo Requião e Damasceno Vieira, foi aberta a sessão pelo 1.º Secretario, na ausencia dos vice-presidentes, convidando para secretarios os socios Coronel Athayde e Professor Borges dos Reis.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

No expediente são lidos os seguintes officios:—da directoria do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia agradecendo a concessão do salão nobre onde se realisou a sessão de installação do mesmo Instituto a 15 do mez findante;—do director da Bibliotheca Nacional communicando que alli se acham 5 pacotes de publicações estrangeiras com destino ao Instituto da Bahia;—do Comm. Provedor da Santa Casa da Misericordia enviando um exemplar do Relatorio relativo ao biennio de 1901 a 1902;—do 1.º Secretario do Instituto de S. Paulo agradecendo as Revistas e publicações, que reclamou, e solicitando a remessa da medalha commemorativa do centenario do Brazil.

O Cons. Presidente propõe que se lance na acta um voto de pezar pelo fallecimento do socio effectivo capitão de fragata reformado Estanislau Prze-

wodoski, n'esta capital a 25 do mez findante, o que é approvado.

Declara em seguida que o assumpto principal da presente sessão era a eleição para presidente do Instituto na vaga do Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, que transferiu sua residencia para a cidade do Rio de Janeiro.

Procede-se á eleição por escrutinio secreto, são recebidas 24 cedulas, sendo eleito por 24 votos presidente o Cons. Antonio Carneiro da Rocha.

E' lida e approvada uma proposta da Meza elevando a socio benemerito, de accordo com o art. 15 dos Estatutos, o socio honorario Dr. José Francisco da Silva Lima, pelos relevantes serviços prestados ao Instituto, sendo nomeada uma commissão composta dos socios Dr. Tanajura, Coronel Athayde e Ferreira Braga para levar áquelle distincto consocio o respectivo diploma.

O Coronel Athayde propõe que se nomeasse uma commissão para representar o Instituto nas festas que a *Liga de Educação Civica* promove a 7 de Setembro e felicitar á sua directoria, o que é approvado; sendo nomeada uma commissão composta dos socios Damasceno Vieira e professores Torquato Bahia e Nazareth.

Foram lidos e approvados por escrutinio secreto os pareceres sobre a admissão do professor Luiz Augusto Alves da Cunha na classe dos effectivos, e na de correspondentes o Dr. Oscar Leal, medico e jornalista, residente em Lisboa, e Coronel João Brigido dos Santos, litterato e historiador, residente no Ceará, cidade de Fortaleza.

O Cons. Presidente designa o proximo domingo para a posse do presidente eleito, a quem se dará sciencia da sua eleição.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

João Nepomuceno Torres.—Dr. *Joaquim Tanajura.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

108ª SESSÃO EM 6 DE SETEMBRO DE 1903

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 6 de Setembro de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios os Srs. Cons. Carneiro da Rocha, presidente, Cons. João Torres, 1.º secretario, Drs. Braz do Amaral, e Joaquim Tanajura, Barão de S. Francisco, Des. Gonçalves, Coronel Athayde, Comms. Sant'Anna e Salvador Pires, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Luiz Filgueiras, Major Carneiro de Campos, Professores Nazareth e Santos Sá, Damasceno Vieira e Dr. Isaias de Carvalho, 2.º secretario, foi aberta a sessão pelo Cons. 1.º secretario.

E' lida, e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Officio do Barão de Studart, pela Commissão do Tricentenario do Ceará, enviando uma medalha commemorativa das festas ali celebradas; carta do socio Professor Borges dos Reis enviando para a bibliotheca 50 exemplares do seu trabalho *Os Indigenas da Bahia.*

O Cons. João Torres declara que o fim especial da sessão convocada era dar posse ao novo presidente eleito, pelo que convidava o Cons. Carneiro da Rocha a assumir a presidencia, felicitando-o e ao Instituto por tão merecida escolha.

O Cons. Carneiro agradece aos seus consocios a prova de estima e consideração com que o haviam distinguido, e protesta envidar todos os esforços pelo progresso do Instituto.

O Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto, pede a palavra e cumprimenta, com satisfação, o cidadão que, pelo suffragio unanime dos consocios foi elevado ao posto mais alto da sociedade.

Refere-se com expressões de elogio aos dois

primeiros presidentes do Instituto, estendendo-se em considerações sobre as necessidades e difficuldades da sociedade e da administração, citando, com pezar, a falta de trabalhos e de estudos.

E concluindo, pede ao novo presidente que, por suas numerosas relações e influencia, avigore as energias do Instituto e promova a realisação de estudos para que sejam proficuos os esforços dos iniciadores da fundação da associação, quando, no pensamento de estimular e aproveitar os talentos e as vocações inertes em nosso meio, creou numerosas secções nas quaes os socios se poderão distinguir com vantagem propria e proveito para a patria.

O Cons. Presidente de novo agradece, e reitera o protesto feito de envidar esforços pelo progredimento do Instituto; e referindo-se á proxima chegada do aeronauta Santos Dumont, propõe que se lance na acta um voto de felicitações ao illustre consocio pela sua chegada á patria, enviando-se-lhe telegramma n'esse sentido; o que é approvado.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

109.ª SESSÃO EM 6 DE DEZEMBRO DE 1903

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 6 de Dezembro de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, major Aloysio de Carvalho, Ferreira Braga, Comm. Salvador Pires, Prof. Luiz Augusto e Dr. Isaias de Carvalho, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario procede á leitura do expediente, sendo lidos varios officios das autori-

dades do Estado accusando o recebimento da communicação da eleição e posse do novo Presidente do Instituto, e dá noticia de offertas de livros e artefactos de indigenas para o museu do Instituto, que vão adiante publicadas; Officio do Dr. José Francisco da Silva Lima agradecendo a communicação de haver sido elevado á cathegoria de socio benemerito.

O 1.º Secretario declara que já se acha impressa a Relação dos socios do Instituto, desde a sua fundação, e será distribuida com a proxima *Revista*.

Pelo Cons. Presidente foram dadas informações sobre as providencias tomadas no sentido de resolver-se a crise financeira, declarando não haver tempo de levar-se por diante a idéa de um concerto, e que seria negativo o resultado de outra qualquer funcção publica.

O Sr. Aloysio de Carvalho, justificando a ausencia do Sr. Damasceno Vieira, apresenta a seguinte proposta, por ambos assignada, a qual é approvada: «Propomos que o Instituto Geographico e Historico da Bahia, obedecendo aos seus fins e tradições realise a 10 de Março de 1904 uma sessão literaria commemorativa do primeiro centenario do nascimento do grande poeta repentista bahiano, Francisco Muniz Barretto, ficando a Meza autorisada a agir no sentido de se effectuar essa commemoração.

Bahia, 6 de Dezembro de 1903. (Assignados) *Aloysio de Carvalho—Damasceno Vieira.*»

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

OFFERTAS EM 1903

Pelas respectivas redacções foram enviadas á bibliotheca do Instituto, durante o anno de 1903, as seguintes Revistas:

Gazeta Medica da Bahia, vols. 34—35, 1903; *Revista do Gremio Litterario da Bahia*, vol. II, 1903; *Leituras Recreativas* (Lyceu Salesiano da Bahia) 1903; *A Agricultura Tropical* (Bahia) 1903; *Ad Lucem* (Bahia) 1903, anno I; Boletins da Secretaria de Agricultura, Industria e Viação da Bahia, anno I, 1903; Idem da do Estado de S. Paulo, 1903; *Revista da Academia Cearense,* vol. VIII, 1903; Idem do Instituto do Ceará, vol. XVII; Idem do Instituto Archeologico Pernambucano ns. 57 e 58, vol. X, 1903; Idem do Instituto Historico Brazileiro, vols. 62 e 63 (1900 e 1901); Idem do Instituto Historico do Rio Grande do Norte, vol. I, 1903; Idem do Instituto Historico de S. Paulo, vol. VII, 1902; Idem do Museu de S. Paulo, vol. 5.°, 1902; *Revista Maritima Brazileira,* vol, 43.°, 1903; *Annuario Maritimo para 1902 e 1903; Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno VIII, Janeiro a Junho de 1903; Boletim do Museu Paraense, vol. III, 1903; *Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes* de Campinas, 1903; *Jornal dos Agricultores*, Rio, 1901 a 1903; *Annaes do Brazil*, 2.° anno, 1903; *Revista Academica da Faculdade do Recife*, annos X e XI, 1902 e 1903; *Revista Franco-Italiana,* 1903; Boletins das Sociedades de Geographia de Lisboa, de Madrid, de Roma, de Paris, de Berna e Genebra, de New York, de Lima, etc.; Annaes do Museu Nacional do Mexico, 2.ª época, 1903.

—Pelo socio Cons. Carneiro da Rocha:—Uma collecção dos Annaes do Parlamento brazileiro, no antigo regimen.

—Pelo socio Desembargador Paranhos Montenegro:—Diccionario Geographico do Brazil, pelo Dr. Alfredo Moreira Pinto, 3 vols.; Annaes da Camara dos Deputados de 1900 a 1902; Relatorios dos ministros e secretarios de Estado em 1902; Campos Salles, Discursos, 2 vols.; Commemoração do 4.° Centenario do Brazil pelo Instituto Historico Brazileiro; O Codigo Civil na Camara dos Deputados por Juvenal Pacheco, 1902; Brazil—4.°Centenario do descobrimento, pelo Dr. Zeferino Candido, 1500—1900; Mortos illustres, pelo Dr. Miranda Azevedo (1900-1901); Questão de limites do Paraná, pelo Cons. Barradas; O Livro do Centenario, vol. III; Historia da Politica Commercial da França, 2 vols.; «Fallencias», discursos na Camara dos Deputados, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Satyro de Oliveira Dias:—Leis da Republica (1899 a 1901) 6 vols.; O Livro do Centenario, vol. III.

—Pelo socio Dr. Joaquim de Tolledo Piza:—Publicações do Archivo Publico de S. Paulo (Documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo), 41 vols.; Diario da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso e S. Paulo em 1780 a 1790.

—Pela Exma. Sra. D. Maria Amelia da Silva Lima Pereira:—O Oyapoch e o Amazonas, 2 vols.; Memorias e mappas das fronteiras do Brazil e a Goyanna Franceza apresentados ao governo da Suissa, na questão do Amapá, pelo representante do Brazil, o Barão do Rio Branco.

—Pelo socio Dr. Francisco de Goes Calmon: varios autographos e manuscriptos.

—Pelo Dr. Silverio José Nery, governador do

Amazonas:—Mappa Geographico do Estado do Amazonas, organisado por Ermano Stradelli, 1901; mappa da cidade do Acre; Collecção das Leis do Estado de 1894 a 1900, 1901 e 1902; The Land of the Amazonas, by G. Humphrey; Limites com a Guyanna Ingleza, por Ernesto Mattoso; O Muyrakitã (Amazonas nos tempos prehistoricos), por Barbosa Rodrigues, 2 vols.; Julgados e Decisões do Supremo Tribunal do Estado, 1897 a 1899; Estudos sobre o Amazonas, por Torquato Tapajós; Questões Penitenciarias, por Pedro Baptista; Obras de Bento Aranha; Cultura dos Campos, por Assis Brazil; *Vellosia*, contribuição do Museu Botanico do Amazonas, 2 vols.; A Amazonia na exposição de 1900.

—Pela Directoria do Museu Nacional:—Archivo do Museu, vol. XII.

—Pela Secretaria do Tribunal de Appellação e Revista da Bahia:—O Relatorio dos trabalhos do Tribunal, contendo as decisões e julgados (1903).

Pelo Dr. Director da Bibliotheca Nacional:—Annaes, vol. XXIII (1901).

—Pelo Dr. Director do Archivo Publico Nacional:—Publicações do Archivo Publico, 4 vols.

—Pelo socio Barão de Studart: Volume commemorativo do Tricentenario da fundação do Ceará (1603-1903); a medalha commemorativa; Francisco Pinto e Luiz Figueira, o mais antigo documento sobre a historia do Ceará; Historia Portugueza (1610-1640) por Manuel Severim de Faria.

—Pelo socio Dr. Manuel de Mello M. Barata:—Relação dos manuscriptos portuguezes e estrangeiros de interesse para o Brazil, existentes no Museu Britannico de Londres, coordenada por Oliveira Lima, 1903.

—Pelo socio Cons. Filinto Bastos:—O primeiro Congresso Catholico Brazileiro, celebrado na Bahia em 1900 (Actas e documentos).

—Pelo socio Dr. Manuel L. do Rego:—Obras dramaticas de G. Shakespeare, 8 vols.

—Pelo socio Dr. Emilio Gœldi:—As monographias do Museu Paraense—Os mosquitos no Pará; Os mamiferos do Brazil; Aves do Brazil; Arboretum Amazonicum; Veados galheiros do Brazil; Album das Aves amazonicas, 1.° e 2.° fasciculos.

—Pelo senador Antonio Lemos, Intendente da cidade de Belém: Relatorio de 1902; Album de Belém.

—Pela Secretaria do Instituto Historico de S. Paulo: *Padre José de Anchieta*—(Cartas ineditas —edição commemorativa do centenario do Brazil).

—Pelo socio Padre Raphael M. Galanti: Compendio de Historia do Brazil, vols. II e III.

—Pelo socio Dr. Cezar Zama:—Prosadores e Poetas latinos.

—Pelo socio João B. Perdigão de Oliveira: Leis do Estado do Ceará em 1902; Relatorio do secretario da Justiça em 1903; Julgados e Decisões da Relação do Ceará, 1902; Almanak do Ceará para 1903.

—Pelo socio Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira: O Pará em 1900 (4.° centenario); A Ilha de Marajó, por Ferreira Penna; Affonso Celso contra Affonso Celso, ou oito annos de parlamento.

—Pelo socio Coronel Raymundo Cyriaco A. da Cunha:—Estudos Brazileiros, por José Verissimo.

Pelo socio Dr. Eduardo Velloso:—Theoria e Pratica das Fallencias e liquidações, 1902.

—Pelo socio Dr. Octaviano Suzart: Collecção de arcos, flechas e outros artefactos indigenas da região amazonica.

—Pelo 1.° Secretario Cons. João Torres: Collecções d'*O Malho* e d'*A Avenida*, jornaes illustrados.

—Pelo socio major Rogociano Teixeira:—Commercio e navegação com as republicas limitrophes,

por Luiz Rodolpho de Albuquerque; autographos, e a medalha da exposição de apparelhos a alcool, no Rio de Janeiro.

—Pelo Dr. Americo Barreira:—Alagoinhas e seu municipio, 1902.

—Pelo Dr. Francisco Lobo Leite Pereira:—Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes.

—Pelo Dr. Alcides Torres: A sua these «Feridas por projectis e seu tratamento em campanha»; Recordações da vida parlamentar de Antonio Pereira Rebouças, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Von Ihering: Relatorio annual do Instituto Agronomico de S. Paulo, 1902; Os mamiferos de S. Paulo e Rio Grande; As aves e peixes do Rio Grande do Sul.

—Pelo 2.° Tenente Nuno Pirajá da Silva:—Organisação naval; Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brazileira, pelo almirante Jaceguay; Catalogo historico do museu naval; Do Rio a Buenos Ayres, episodios e impressões de viagem, por Arthur Dias.

—Pela Bibliotheca Publica Pelotense: O Uruguay, de José Basilio da Gama, homenagem ao 4.° centenario do Brazil.

—Pelo socio coronel João Brigido:—O general Pedro Labatut, Fortaleza, 1903.

—Pelos alumnos do Gymnasio da Bahia: O estandarte que figurou nas festas chilenas promovidas n'esta capital.

—Pelo Dr. João Fernandes, presidente do Conselho Municipal: O livro da acta do assentamento da pedra para o monumento ao *2 de Julho* no Campo dos Martyres.

—Pelo major Ivo Pedro de Souza Pinheiro:—Uma giboia para o museu.

—Pela Smithsonian Institution, de Washinghton:—Annual Report (1897 a 1900) 7 vols.

—Pelo Archivo General de la Nacion (Buenos-Ayres): Partes Oficiales y Documentos relativos a la guerra de la independencia argentina, vol. III (1902).

—Pela Bibliotheca Nacional do Chile: «Projectos do Cod. do Proc. Penal e da Organisação dos Tribunaes, 3 vols.; Questão Chileno-Argentina de limites, por Francisco Fonk; Exposição Chilena ao Arbitro Britannico na questão de limites; Los Problemas internacionales de Chile, por Luiz Luco, 2 vols.; Juizo da imprensa sobre D. Manoel Montt.

—Pela Secretaria do ministerio de Fomento (Perú): Inauguracion de la exposicion del alcohol; Padron general de minas; Boletins del Cuerpo de ingenieros de minas del Perú; El Perú atraves de los Andes; La industria de las gomas em el Perú; Mines and mining in Perú; Vias del Pacifico al Madre de Dios.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1904

110ª SESSÃO EM 10 DE MARÇO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 10 de Março de 1904, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Drs. Isaias Santos, Satyro Dias e Pimenta Bastos, Coronel Gonçalo de Athayde, Alfredo Soledade, Luiz Filgueiras e Ferreira Braga, é declarada aberta a sessão.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da sessão anterior, que é approvada.

O 1.º Secretario procede á leitura do expediente, a saber: Officios dos Secretarios da Bibliotheca Publica Pelotense e do Lyceu de Artes e Officios da Bahia communicando as Directorias eleitas para o anno de 1904; do Director da Secretaria do Ministerio de Fomento, em Lima, enviando varias publicações officiaes; Carta do Alferes Paulino Nuro, enviando, por intermedio do Dr. Satyro Dias, exemplares do *Volatil Bartholomeu de Gusmão*, descoberta do mesmo Alferes.

As demais offertas constam do Appendice.

Em seguida o Cons. Presidente declara que, durante as ferias do Instituto, passou por esta Capital o crusador italiano *Liguria* sob o commando do principe Luiz de Saboya, Duque dos Abruzzos, e não podendo o Instituto realisar uma sessão so-

lemne em homenagem ao sabio e intrepido explorador do Norte, em virtude da pequena demora do crusador em nosso porto, resolveu conferir-lhe o diploma de socio honorario do Instituto em data de 9 de Janeiro do corrente anno; e por meio de uma commissão composta do mesmo Presidente, Dr. Braz do Amaral, Aloysio de Carvalho e Coronel Athayde, foi a bordo felicitar o Sr. Duque e offerecer-lhe o referido diploma, uma medalha commemorativa do 4.° Centenario do Brazil e exemplares de trabalhos publicados pelo Instituto, o que elle agradeceu muito penhorado.

Referindo-se á deliberação do Instituto para commemorar-se o centenario do nascimento do grande repentista bahiano Francisco Muniz Barretto, disse que a Mesa se sentiu em difficuldade para leval-a a effeito, desde que a sessão só podia ter logar á noite do dia 10 de Março, dia util, e no proprio edificio do Instituto, que só poderia ser illuminado com grande despeza.

Dá noticia do fallecimento dos seguintes consocios: a 18 de Dezembro de 1903, na Cidade de Caetité, n'este Estado, o Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, socio fundador e honorario;—a 30 de Dezembro do mesmo anno, n'esta Capital, o Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, socio effectivo e fundador e que fez parte da Commissão de orçamento desde a installação; —a 10 de Janeiro do corrente anno, na cidade do Recife, o socio correspondente major José Domingues Codeceira;—a 26 de Janeiro, na Capital Federal, o Dr. Aristides Augusto Milton, deputado por este Estado, socio correspondente e fundador; —a 14 de Fevereiro, nesta Capital, o socio effectivo Manuel Pinto Novaes;—a 29 de Fevereiro, na Cidade de Lisboa, o socio effectivo e remido, Commendador Albano Pereira de Carvalho;—a 2 de Março o socio effectivo fundador, Commendador

Laurindo de Oliveira Regis: faz referencias elogiosas aos serviços por elles prestados ás lettras patrias e especialmente ao Instituto, propondo que se lance na acta um voto de pezar, o que é unanimemente approvado.

O Sr. Thesoureiro lembra que se torna urgente a obra, já autorisada em assembléa geral, no salão da bibliotheca, tendo-se compromettido o socio Pimenta Bastos a fazel-a, e ser indemnisado quando permittirem as condições do Instituto. Autorisou-se o Sr. Thesoureiro a acceitar a offerta do socio engenheiro Pimenta Bastos, ou proceder ao concerto como julgar mais conveniente.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.

III.ª SESSÃO EM 17 DE ABRIL DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 17 de Abril de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Dr. Satyro Dias, Coronel Athayde, Ferreira Braga, Conego Manfredo, Eloy Guimarães e Prof. Luiz Augusto, é aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o Coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Depois da leitura do expediente, o Cons. 1.º Secretario propoz que, approximando-se o dia da sessão magna anniversaria, fosse ella feita com a maxima economia e solemnidade do costume, lembrando a conveniencia de serem feitas n'esse dia as biographias dos socios fallecidos; e tambem que, achando-se n'esta capital o distincto consocio engenheiro Theodoro Sampaio, Orador do Instituto de

S. Paulo, se nomeasse uma commissão para dar-lhe as boas vindas e convidal-o para assistir á sessão anniversaria, o que é approvado, sendo nomeada a commissão, composta do mesmo socio Cons. Torres e Coronel Gonçalo de Athayde.

O Sr. Thesoureiro procede á leitura do Demonstrativo da receita e despeza do Instituto durante o anno de 1903, o qual é enviado á Commissão de orçamento para os devidos fins.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.

112.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1904

Sessão magna de anniversario, sob a presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 3 de Maio de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes o Governador do Estado Dr. Severino dos Santos Vieira, os presidentes dos Tribunaes, representantes do Congresso do Estado, da Associação Commercial, das Faculdades de Direito e de Medicina, da imprensa e de varias classes sociaes, e os socios Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons.os João Torres, Eduardo Silva, Botelho Benjamin, Pedro Mariani, Drs. Braz do Amaral, Silva Lima, Satyro Dias, Araujo Pinho, Jeronymo Gonsalves, Guilherme Muniz, Julio da Gama, Deocleciano Ramos, Virgilio de Lemos, Pedro Vianna, Victal Soares e Celso Spinola, Engenheiros Theodoro Sampaio, Imbassahy e Boccanera, Professores Torquato Bahia, Borges dos Reis, Nazareth e Luiz Augusto, Barão de S. Francisco, Conegos Manfredo e Tapiranga, Padres Dr Samuel e Luiz da França, Coroneis Athayde e Martiniano de Almeida, Ferreira Braga, Eloy Gui-

marães e Luiz Filgueiras, foi declarada aberta a sessão.

O Sr. Presidente proferiu substancioso discurso referente á data festejada.

Em seguida dando a palavra ao Cons. 1.º Secretario, este procedeu á leitura do seu Relatorio sobre os trabalhos do Instituto durante o anno social findo; dando noticia das valiosas offertas de livros, hoje recebidas, e feitas pelos socios Drs. Felix Gaspar, Luiz Vianna e Francisco de Goés Calmon, as quaes vão adiante publicadas.

Usa tambem da palavra o socio engenheiro Theodoro Sampaio, o qual agradece a saudação que lhe foi feita pelo Instituto, e em nome do Instituto Historico de S. Paulo saúda o Instituto da Bahia pelo 10.º anniversario de sua fundação.

Finalmente o Dr. Braz do Amaral, orador official, occupa a attenção do auditorio durante hora e meia, lendo importante Memoria historica sobre *A Proclamação da Republica na Bahia.*

Durante o acto tocou a musica do 1.º batalhão do Regimento Policial.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.

RELATORIO DO CONS. 1.º SECRETARIO

Sr. Presidente—Illustres Consocios.

No desempenho da honrosa tarefa que a vossa benevolencia me tem confiado, e em observancia ao art. 28 § 8.º dos Estatutos, cabe-me ainda uma vez o dever de relatar-vos as principaes occurrencias havidas durante o anno social.

Commemora hoje o Instituto o seu decimo anno

de vida litteraria, contra a previsão dos espiritos os menos incredulos.

Seria tarefa fastidiosa rememorar n'este momento o que foi este decennio de luctas e de ingentes esforços, atravez das difficuldades inherentes ao nosso meio, a que poucas associações resistem; a organisação do Instituto e sua definitiva installação em predio proprio, o brilhantismo das festas civicas por elle promovidas por occasião dos centenarios de Antonio Vieira e do descobrimento do Brazil, os trabalhos emfim já publicados, e de que dão testemunho a sua *Revista* nos seus nove volumes.

E' com desvanecimento que vos recordo esse facto, porque sabeis por experiencia o que valem dez annos de existencia de uma instituição como esta, que tomou sob seus hombros desempenhar tão vasto programma, e que se vê ha quatro annos privada do auxilio official, necessario e indispensavel para a sua estabilidade, e para que possa conseguir os seus fins.

Entretanto, tem o Instituto, no estreito limite dos recursos pecuniarios de que dispõe, procurado desempenhar o encargo que lhe é imposto pelos Estatutos, mantendo relações de estreita solidariedade com os Institutos Historicos do Brazil e principaes sociedades Geographicas do estrangeiro na permuta dos seus trabalhos.

Durante o anno social de 1903 foram effectuadas com toda regularidade as sessões do Instituto, sendo 11 ordinarias e 1 magna—a de 3 de Maio.

Na sessão de 3 de Maio o socio Dr. Pedro Julio Barbuda lê um substancioso trabalho intitulado —«*Evolução litteraria das linguas, ou Litteratura, sua definição e divisão de seu estudo. Genese da litteratura portugueza*».

Seguiu-se com a palavra o nosso illustrado orador e historiographo Dr. Braz do Amaral lendo notavel memoria historica sobre os acontecimentos

havidos na Bahia, em seguida ao golpe de Estado do marechal Deodoro da Fonseca, e cuja verdade historica, apesar da discussão pessoal que posteriormente travou-se na imprensa, não foi seriamente contestada.

Em assembléa geral de 17 de Maio foram regularmente eleitas a Meza Administrativa e as Commissões que funccionaram n'esse anno.

Na sessão de 21 de Junho, designada especialmente para a recepção e posse do socio Padre Dr. Julio Maria, o Cons. Filinto Bastos, orador adjuncto, perante numeroso e selecto auditorio, leu importante discurso de saudação ao novo consocio, apresentando-lhe as boas vindas; seguindo-se com a palavra o Padre Julio Maria que agradeceu tão honrosa recepção.

Na sessão de 2 de Agosto o Instituto confere ao seu Presidente Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, que transferiu a sua residencia para a Capital Federal, o titulo de Presidente honorario, na fórma do art. 17 dos Estatutos, em cujo cargo havia sido reeleito seis vezes.

Em assembléa geral de 30 do mesmo mez é eleito por unanimidade de votos para o cargo de Presidente o illustrado Cons. Dr. Antonio Carneiro da Rocha, a quem o Instituto solicitou o prestigio de seu nome e os seus serviços em prol do seu progresso e desenvolvimento.

N'esta mesma sessão é elevado a socio benemerito o illustrado medico e litterato Dr. José Francisco da Silva Lima, pelos relevantes serviços prestados ao Instituto, sendo nomeada uma commissão para levar áquelle consocio o respectivo diploma.

Na sessão de 6 de Setembro, depois de felicitado pelo orador, toma posse solemne do cargo para que foi eleito o nosso illustre Presidente, agradecendo a sua eleição e promettendo envidar todos os seus

esforços pelo progresso do Instituto; resolvendo-se ainda que fosse enviado um telegramma de felicitações ao consocio Dr. Santos Dumont pela sua chegada á patria.

Na sessão de 6 de Dezembro resolve o Instituto, sob proposta do socio major Aloysio de Carvalho, que no dia 10 de Março do corrente anno se realisasse uma sessão litteraria commemorativa do 1.º centenario do nascimento do grande poeta repentista bahiano Francisco Muniz Barretto, commemoração que infelizmente não poude ter logar.

Finalmente, durante as ferias do Instituto, passou por esta Capital o cruzador italiano *Liguria* sob o commando do principe Luiz de Saboia, duque dos Abruzos; e não podendo o Instituto realisar uma sessão solemne em homenagem ao sabio e intrepido explorador do Pólo do Norte, em virtude da pouca demora do cruzador em nosso porto, resolve conferir-lhe o diploma de socio honorario; sendo nomeada uma commissão de socios para felicitar ao mesmo duque, levar-lhe o diploma, a medalha commemorativa do centenario do Brazil e exemplares de trabalhos publicados pelo Instituto.

Como nos annos anteriores foram feitas á bibliotheca, ao archivo e ao museu valiosas offertas de livros, mappas, medalhas e moedas, jornaes, mineraes e artefactos indigenas, cuja relação será opportunamente publicada na *Revista;* e d'entre ellas salientam-se as seguintes:

—Pela Exm.ª D. Maria Amelia da Silva Lima Pereira, viuva do pranteado bahiano Dr. Manuel Victorino,—O Oyapoch e o Amazonas, e 2 vols. de mappas das Fronteiras do Brazil e a Guyanna Franceza, anteriores ao tratado de Utrecht de 1713—apresentados ao governo da Confederação Suissa, arbitro escolhido segundo as estipulações do tratado de 1897 entre o Brazil e a França.

Pelo socio Dr. Francisco Calmon,—varios auto-

graphos de trabalhos deixados pelo fallecido consocio Dr. Innocencio Munhoz, alguns d'elles ineditos, e com os quaes enriqueceu a historia e a litteratura patrias.

Pelo socio benemerito Desembargador Thomaz Montenegro, 104 volumes de differentes obras.

Pelo socio Dr. Joaquim de Toledo Piza,—a publicação official de documentos para a historia e costumes de S. Paulo, em 41 vols.

Pelo Dr. Silverio Nery, governador do Amazonas—mappa geographico do Estado do Amazonas, e outro da cidade do Acre, além de varias outras publicações officiaes.

Pelo Intendente da Cidade de Belém,—Album da mesma cidade em 1902, e O Pará em 1900, obra commemorativa do 4.° centenario do Brazil.

Pela bibliotheca nacional do Chile,—Projectos do Cod. do Processo Penal e da Organisacão dos Tribunaes 3 vols. Questão Chileno Argentina de limites 2 vols., e outras obras.

Pelo socio Barão de Studart,—Medalha commemorativa do *Tricentenario do Ceará em 1903,* e obras publicadas por occasião do mesmo centenario.

Pelo socio Dr. Emilio Gœldi,—director do Museu Paraense,—Album das Aves Amazonicas, Arboretum Amazonicum, Os veados Galheiros, e Memorias do Museu.

Pelo socio major Rogociano Teixeira — autographos e a medalha commemorativa da exposição internacional de apparelhos a alcool, no Rio de Janeiro.

Pelo socio prof. Borges dos Reis—50 exemplares da sua monographia sobre os indigenas da Bahia.

Pelos alumnos do Gymnasio da Bahia—o estandarte que figurou em carro allegorico nas festas chilenas promovidas n'esta Capital.

Pelo presidente do Conselho Municipal d'esta

cidade— o livro da acta do assentamento da pedra para a elevação do monumento commemorativo do grande dia *2 de Julho*, no Campo dos Martyres.

O Instituto adquiriu por compra uma collecção de mappas da guerra do Paraguay, por Jourdan.

Ainda durante o anno que passou não poucos foram os nossos collaboradores ceifados pela morte, e cujos nomes aqui registramos com saudade, taes são: o Pharm.° Alfredo Accioli do Prado, a 10 de Janeiro, em Sergipe; Dr. Augusto Victorino do Sacramento Blake a 24 de Março, no Rio de Janeiro; coronel Francisco Felix de Araujo a 16 de Abril, em Barbacena; Cons. Dr. Francisco Sodré Pereira, a 16 de Maio, n'esta Capital; Dr. Manuel Adalberto de Oliveira Guimarães, a 29 de Junho, no Rio de Janeiro; Eng. Dionisyo Gonçalves Martins e Dr. Joaquim Matheus dos Santos, no dia 2 de Julho, o primeiro n'esta Capital, e o segundo em Berlim; o capitão de fragata Eng.° Estanislau Prezewodosky a 25 de Agosto n'esta Capital; o coronel Tranquilino Borburema, a 9 de Setembro, e o commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque a 30 de Dezembro, o qual serviu na commissão de fazenda desde a installação do Instituto.

A' grata memoria desses saudosos companheiros a palavra eloquente do nossso illustrado orador prestará a devida homenagem, em sessões ordinarias, como é permittido pelo additivo aos Estatutos, votado em Outubro de 1895.

Durante o anno foram acceitos 20 socios para reforçar nossas fileiras, sendo 1 na qualidade de honorario, 14 na de effectivos e 5 na de correspondentes.

Pelo balancete da receita e despeza, apresentado pelo nosso digno thesoureiro, verifica-se que a receita importou em 10:210$700, e a despeza em..... 10:532$000, com um deficit de 322$000.

Como sabeis, a subvenção federal na importan-

cia de 5:000$000 é applicada exclusivamente na amortisação e juros da hypotheca do predio, de fórma que o Instituto, tendo satisfeito outros compromissos anteriores com a quantia restante, é forçado a fazer a sua despeza ordinaria com o recebimento das joias e mensalidades dos socios na importancia de 1:700$000, manifestamente insufficiente.

Como já tive occasião de dizer-vos, o não recebimento ha 4 annos do subsidio votado pelo Congresso Estadual para uma instituição que elle reconheceu de utilidade publica, tem perturbado a vida economica do Instituto, e paralysado o seu desenvolvimento.

Todas as despezas que não eram de urgencia indispensavel foram adiadas, como encadernação de livros, impressão da *Revista*, assignaturas de revistas e jornaes, etc.

De trimensal que era a nossa *Revista* durante 8 annos passou a ser annua, e mesmo assim a de 1901 foi impressa, tendo eu adiantado a sua impressão; a de 1902 somente hoje é distribuida graças ao valioso offerecimento da sua impressão gratuita pelo operoso consocio Prof. Borges dos Reis.

Em nome da Meza consigno aqui um voto de agradecimento e gratidão a tão illustre consocio.

Quando serão porém publicadas as *Revistas* de 1903 e de 1904?

A Meza será necessaria e fatalmente forçada a fazer um appello aos vossos sentimentos generosos para esse fim.

Taes são, senhores, as principaes occurrencias havidas durante o anno que findou.

Trabalhemos com resolução e coragem, poucos embora, reagindo com energia contra este espirito

de indifferença que tudo procura avassallar entre nós.

Bahia, 3 de Maio de 1904.

João Torres.
1.º Secr.º

113.ª SESSÃO EM 22 DE MAIO DE 1904

Presidencia do Snr. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 22 dias de Maio de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, presidente, João Torres, Filinto Bastos e Braulio, Des. Jeronymo Gonçalves, Drs. Augusto Goes, Cabussú, Padre Dr. Samuel, Conego Manfredo, Padre Luiz da França, Coronel Athayde, Professores Nazareth e Luiz Augusto, Luiz Filgueiras, Santos Sá, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Gonsalves Neves, Manuel Drummond e Demetrio Pires, abre-se a sessão, servindo de 2.º secretario o coronel Athayde.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 17 de Abril e 3 de Maio.

O Cons. 1.º secretario procede á leitura do expediente: Cartas, da Directoria do Centro de Sciencias e Lettras de Campinas solicitando a remessa de autographos e quaesquer outras informações para o « Archivo de Carlos Gomes », que pretende fundar n'aquella cidade; dos srs. Reis & Comp. enviando 600 exemplares do n. 28 da *Revista* do Instituto, offerta feita pelo socio professor Antonio Alexandre Borges dos Reis; do tabellião do Termo de Tucano, João Pereira de Britto, enviando para o Instituto o traslado do processo pelo barbaro assassinato do Dr. Joaquim Procopio Ferreira de Andrade.

Declarou o Cons. presidente que a presente ses

são foi convocada para o fim especial da eleição da Meza e das commissões, deixando de ter logar no dia 15, por ter n'esse dia fallecido o distincto consocio Dr. José Octacilio dos Santos, a cujo sahimento funebre compareceu toda a Meza administrativa e grande numero de socios, pelo que propunha que se lançasse na acta um voto de sincero pezar; e que não tendo comparecido numero legal para a assembléa geral, ficava a eleição adiada para o proximo domingo, passando o Instituto a funccionar em sessão ordinaria.

Com a palavra o Dr. Cabussú, justifica um additivo á proposta do Sr. presidente, salientando os serviços do Dr. Octacilio, no sentido de ser nomeada uma commissão para dar pesames á sua desolada familia e assistir aos suffragios do 30° dia do seu passamento, o que é approvado; sendo designados para esse fim os socios Drs. Cabussú e Jeronymo Gonsalves, e Eloy Guimarães.

E' lida, e vai á respectiva commissão, uma proposta assignada pela Meza, para que, de accordo com o § 2°. do art. 13 dos Estatutos, seja conferido ao socio effectivo professor Antonio Alexandre Borges dos Reis o titulo de socio honorario em vista da offerta da publicação do n. 28 da *Revista*.

O Cons. João Torres, justificando a proposta da Meza, diz que esta será forçada a fazer um appello a todos os illustres membros do Instituto para que não fique adiada a publicação das suas *Revistas*; uma vez que a receita ordinaria é insufficiente para essa despeza, imprescindivel para a vida do Instituto.

O Cons. presidente faz larga exposição sobre o estado financeiro do Instituto, e promette providenciar antes de tudo, junto ao Dr. Governador eleito

sôbre o recebimento das subvenções vencidas e não pagas.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Gonçalo de Atahyde Pereira.

114°. SESSÃO EM 29 DE MAIO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 29 de Maio de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons.os Carneiro da Rocha, presidente, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Julio da Gama, Guilherme Muniz, Egas Muniz, Victal Soares, Conego Manfredo, coroneis Athayde e Martiniano de Almeida, Professor Nazareth, Eloy Guimarães, Ferreira Braga, Manuel Querino e Luiz Filgueiras, abre-se a sessão, servindo de 2°. secretario o coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1°. secretario faz a leitura do expediente: Officio do Delegado do Estado Maior do exercito, junto ao commandante do 3°. districto militar, solicitando permissão para que um dos seus auxiliares tire copia das cartas hydrographicas do Rio São Francisco existentes no archivo do Instituto afim de figurar na carta geographica da Bahia; mandou-se attender ao pedido: Offerta de livros pelo consocio Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo; Uma proposta para socios correspodentes, que vae á commissão respectiva: Parecer da commissão de admissão favoravel á proposta da Meza elevando o socio effectivo professor Antonio Alexandre Borges dos Reis a honorario, o qual fica sobre a meza para ser votado na proxima sessão.

Procede-se em seguida á eleição da Meza Administrativa e das commissões, e corrido o escrutinio

são recebidas 16 cedulas, dando em resultado ser reeleita a Meza Administrativa. (*)

As commissões foram igualmente reeleitas, com excepção das seguintes:

Commissão de admissão:—Eloy Guimarães, coronel Gonçalo de Athayde e Dr. Guilherme Muniz B. de Aragão.

Estatutos e Redacção da Revista:—Cons. João N. Torres, Professor Torquato Bahia e Conego Manfredo de Lima.

Estatistica e Demographia:—Drs. Antonio Pacifico Pereira e Joaquim Tanajura, e Professor Elias Nazareth.

Topographia e Archeologia:—Dr. Julio da Gama, Professor Torquato Bahia e Eng.º Affonso Maciel.

Concluida a apuração, o Cons. presidente declara empossados, na forma dos Estatutos, os socios presentes que foram eleitos, fazendo-se as communicações devidas, e publicando-se pela imprensa o resultado da eleição.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

115.ª SESSÃO EM 3 DE JULHO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 3 de Julho de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, e presentes os socios Srs Cons.os Carneiro da Rocha, presidente, e João Torres, Drs. Joaquim Tanajura e Alexandre de Souza, Coroneis Athayde e Francisco Gonsalves, Eloy Guimarães,

(*) Vide acta n. 104 de 17 de Maio de 1903.

Ferreira Braga e Dr. Isaias Santos, 2°. secretario, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Cons. 1.° Secretario faz a leitura do expediente, constante de officios de varias autoridades agradecendo a communicação da eleição da Meza Administrativa do Instituto; propostas para admissão de socios effectivos e correspondentes, bem como de uma outra, assignada pela Meza, conferindo o titulo de socio honorario ao Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, de accordo com o art. 13 § 1.° dos Estatutos, pelos relevantes serviços prestados ao Brazil na questão de limites com a Guyanna Ingleza. Vae á commissão de admissão para o respectivo parecer.

O Cons. Presidente propõe que se lance na acta um voto de louvor áquelle distincto diplomata e litterato, pelo zelo e alta competencia demonstrados nessa momentosa questão, officiando-se nesse sentido ao illustre compatriota, o que foi approvado; e mais que se lançasse, tambem, na acta, votos de pezar pelo fallecimento do socio correspondente e fundador, Dr. Antonio Pereira de Castro, magistrado aposentado, fallecimento occorrido a 10 de Março do corrente anno e de que só agora teve conhecimento, e do socio effectivo, Capitão Ignacio Mendo Filho, n'esta capital, a 18 de Junho ultimo.

O Cons. 1.° Secretario lê o projecto de orçamento da receita e despeza do Instituto para o corrente anno, apresentado pela Commissão de fundos e orçamento e o parecer da Commissão de admissão sobre a proposta de socios apresentados em 29 de Maio, os quaes ficam sobre a meza para serem votados na sessão proxima.

Em seguida é lido e approvado o parecer da Commissão de orçamento sobre o demonstrativo da Receita e Despeza do anno de 1903.

A *Receita* importou em 10:210$729, a saber:

Saldo do anno anterior . . .	235$563
Subvenção federal	6:666$666
Idem municipal	1:250$000
Joias de socios e remissão . . .	900$000
Donativos	20$000
Mensalidades	1:138$500

A *Despeza* importou em 10:532$186, a saber:

Despezas Geraes	854$320
Ordenados e commissão ao cobrador	1:588$200
Ao Banco Auxiliar, Amortisação	3:997$830
Idem de juros	2:668$836
Contas a diversos	423$000
Compra de livros	70$000
Impressão da *Revista*	930$000
Saldo a favor do Thesoureiro . .	321$459

Em seguida, é posto a votos e approvado, por escrutinio secreto, o parecer da commissão de admissão elevando a socio honorario o Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Victal Soares.

116.ª SESSÃO EM 7 DE AGOSTO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 7 de Agosto de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons.os Carneiro da Rocha, Presidente, João Torres, Ferreira Braga, Dr. Victal Soares, Damasceno Vieira, Padre Dr. Samuel e Professor Luiz Augusto, abre-se a sessão, servindo de 2.º Secretario o Dr. Victal Soares.

E' lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario faz a leitura do expediente que constou de diversos officios, e d'entre elles um da Bibliotheca Nacional do Rio, communicando acharem-se alli quatro pacotes de publicações procedentes do estrangeiro destinados a este Instituto, e de cartas accusando a remessa das diversas offertas que vão adiante declaradas.

Finda a leitura do expediente, o Cons. Presidente communicou o fallecimento do socio effectivo, Dr. Manuel Alfredo de Carvalho e propoz que se inserisse na acta um voto de pezar, o que foi approvado.

Passou-se á leitura do parecer da Commissão de admissão de socios, favoravel ás propostas dos socios correspondentes: Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley, Dr. Göran Bjorkman, Conde Angelo de Gubernatis, Xavier de Ricard, D. Leonardo Elliz, D. Clemente Barahona Vêga, Philéas Lebesgue, propostas que, submettidas á votação, por escrutinio secreto, são approvadas.

Em seguida é lido, e approvado sem debate, o projecto de orçamento da Receita e Despeza para o corrente anno de 1904, sendo calculada a receita em 23:160$500, e a despeza em 18:650$318, com um additivo nos seguintes termos: Fica a Meza autorizada a transigir com o debito do Estado, de subvenções atrasadas, na importancia de 15 contos de réis, applicando-se essa quantia á amortisação do debito hypothecario e outros, e bem assim promover a extracção das loterias. (Assignado). *A. Cabussú.—Horacio Urpia.—Manuel Francisco Gonsalves.*

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha,—João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.

117ª SESSÃO EM 18 DE SETEMBRO DE 1904

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 18 de Setembro de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Carneiro da Rocha e João Torres, Coronel Gonçalo de Athayde, Professores Santos Sá e Luiz Augusto, Eloy Guimarães e Capitão Ferreira Braga, é aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario procede á leitura do expediente:

Officio do Presidente do Instituto Historico do Rio Grande do Norte pedindo a remessa de copias authenticas de documentos sobre o processo e execução do grande martyr da revolução de 1817, Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro. Mandou-se verificar o que consta do archivo e satisfazer o pedido. Cartas, do socio Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley agradecendo a sua eleição de socio correspondente; do socio Luiz Rodolpho Cavalcante, enviando dois exemplares do seu trabalho sobre a creação das Casas da moeda no Brazil, e do seu relatorio sobre a Casa da moeda do Rio de Janeiro; do socio José J. Biedma, sub-director do Archivo Nacional de Buenos-Ayres, enviando sentidos pezames pelo fallecimento do illustre consocio Dr. Innocencio Munhoz de Araujo Góes, que elle considera—«uma grande perda para o grupo dos intellectuaes que fórma o Instituto»; do socio general Dr. Dionysio de Cerqueira agradecendo a *Revista*, e declarando que, logo que regresse dos trabalhos da commissão de limites no territorio das Missões, enviará varias obras constantes do pedido da Secretaria do Instituto, ao qual offerece os seus serviços; do Dr. Manuel Ballivian, director

da Officina Nacional de immigração e propaganda geographica de La Paz, enviando varios Boletins da Officina Nacional e da Sociedade Geographica da mesma cidade, de que é Presidente.

São lidos os pareceres da commissão de admissão favoraveis ás propostas: para socio honorario o Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo; para socios correspondentes o Dr. Pedro Escurra, chefe da Commissão Argentina com o Brazil no territorio das Missões, Julius Meili, numismata, residente em Zurick, Dr. José da Rocha Leal, residente em Valença, Chichorro da Gama, bibliothecario do Archivo Publico Nacional e Dr. Domingos Sergio de Carvalho, residente no Rio de Janeiro; e para socios effectivos o engenheiro Antonio Amaral, Dr. Oscar Freire e Dr. João Alfredo Conde, residentes n'esta Capital; pareceres que ficam sobre a meza para serem votados na seguinte sessão.

O Cons. Presidente dá noticia do fallecimento do socio correspondente Dr. José Isidoro Martins Junior no dia 22 de Agosto, na cidade do Rio de Janeiro, illustrado professor da Faculdade do Recife, e propoz que se lançasse na acta um voto de sincero pezar, o que foi approvado.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

118ª SESSÃO EM 6 DE NOVEMBRO DE 1904

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 6 de Novembro de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Conselheiros Carneiro da Rocha e João Torres, Coronel Athayde, servindo de 2.º Secretario, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Padre Luiz da França,

Professores Santos Sá e Luiz Augusto e Capitão Ferreira Braga, é declarada aberta a sessão.

O Cons. 1.º Secretario deu conta do seguinte expediente: Cartas, de J. Scherrer, de Zurich, enviando o bosquejo biographico do grande numismata Julius Meili com a relação dos trabalhos por elle publicados; do socio Julius Meili enviando o seu trabalho «Moedas da Colonia do Brazil» (1897), representando a parte descriptiva das 59 principaes estampas publicadas em 1895, e solicitando copias das armas da cidade da Bahia e do actual Estado; do socio Dr. Manuel Barata enviando Annaes do Senado Federal, correspondentes aos annos de 1894 a 1902 e Relatorios do Presidente do Senado de 1898 a 1903, e um exemplar da Carta Congratulatoria «Aos Bahienses fieis e valorosos» por Domingos Alves Branco Muniz Barretto, que reputa de extrema raridade. Mandou-se responder agradecendo.

O Cons. Presidente declara que o Instituto se fez representar na sessão commemorativa do Lyceu de Artes e Officios, a 23 de Outubro; e que tendo fallecido na cidade da Victoria, do Estado do Espirito Santo, o operoso consocio Dr. José Joaquim Peçanha Povoa, director da instrucção publica, propunha que se lançasse na acta um voto de pezar, o que foi approvado.

Em seguida procede-se á votação, por escrutinio secreto, dos pareceres que ficaram adiados da sessão anterior sobre a admissão de socios, que são approvados, sendo proclamados socios os cidadãos cujos nomes se acham mencionados na acta anterior, fazendo-se as necessarias communicações.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

119.ª SESSÃO EM 11 DE DEZEMBRO DE 1904

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 11 de Dezembro de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons.os Carneiro da Rocha e João Torres, Capitão Ferreira Braga, Professores Torquato Bahia e Luiz Augusto, Gonçalves Neves, Coronel Athayde, Padre Luiz da França, Eloy Guimarães e Dr. Isaias Santos, 2.º Secretario, foi aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario faz a leitura do expediente.

Cartas: do socio desembargador Thomaz Montenegro communicando a Ordem do Thesouro para pagamento do 1.º semestre da subvenção federal concedida ao Instituto; do Dr. Manuel Alvaro Sá Vianna enviando os 2 vols. dos trabalhos do Congresso Juridico; do consocio Dr. José Joaquim Seabra, Secretario do Interior e Justiça, enviando os Relatorios de 1903 e 1904, as Leis Usuaes, e Accordãos do Supremo Tribunal de Justiça de 1895 a 1900; do Dr. Alfredo Conde declarando acceitar a sua eleição de socio effectivo; do socio Dr. Frederico Lisboa offerecendo ao Instituto o retrato de seu pae o chefe de divisão Augusto Venceslau da Silva Lisboa, um dos veteranos da independencia do Brazil, offerta que é recebida com especial agrado; do socio José J. Biedma, director do Archivo Geral de Buenos-Ayres, offerecendo os seus serviços ao Instituto, e enviando 4 vols. de obras para a bibliotheca.

O Cons. 1.º Secretario communica que no dia 8 do corrente compareceu á sessão litteraria celebrada no Archivo Publico, por occasião de ser ali collocado o retrato do fallecido director e fundador Dr. Francisco Vicente Vianna, representando a Meza Administrativa.

O Cons. Presidente declarou que havia recebido, por intermedio do Dr. Graça Aranha, uma carta do nosso eminente consocio Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, ministro brazileiro em Londres, fazendo offerta ao Instituto de 18 volumes das Memorias, inclusive o Attlas sobre a questão de limites entre a Guyanna Ingleza e o Brazil.

Na referida carta accrescenta o illustre brazileiro, alludindo á sentença, «que intervieram no julgamento das provas as novas exigencias do direito publico europeu sobre a occupação effectiva de territorios, e que por ellas dois terços do nosso territorio seriam considerados sem dono. A sentença declarou o empate da causa, e, por esse motivo sómente, repartiu o territorio entre os demandantes. Não o repartiu por achar melhor o titulo inglez a léste do *Tacutú* e o brazileiro a léste do *Cotingo*, mas por não poder estabelecer a preferencia do direito de nenhuma das Partes. Em taes circumstancias folgo de haver recuperado para nós a posse do trecho que mais nos convinha. Esses 18 volumes foram apresentados dentro de um anno.»

O Instituto resolve que se consigne na acta, que tão valiosa offerta é recebida com especial agrado.

Nada mais havendo, o Sr. Presidente proclama as ferias do Instituto, e levanta a sessão.

E para constar lavra-se a presente acta que vai assignada pela Meza. *Antonio Carneiro da Rocha. —João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.*

OFFERTAS EM 1904

Pelas respectivas redacções foram enviadas á bibliotheca do Instituto, durante o anno de 1904, as seguintes Revistas:

Gazeta Medica da Bahia, vols. 35—36, 1904; *L'Italia*, Bahia, organo della Colonia italiana; *Revista do Gremio Litterario da Bahia*, anno 3.° 1903—1904; *Ad Lucem* (Bahia), anno 2.° 1904; *Revista da Associação Typographica Bahiana*, anno 2.°, 1903; Boletins da Secretaria da Agricultura, Industria e Viação da Bahia, vols. 2 e 3 (1903—1904); Idem do Estado de S. Paulo, 1904; *A Lavoura* (Sociedade Nacional de Agricultura), anno VII (1903—1904); *Revista Commercial e Financeira* (Rio) 1904; *Jornal dos Agricultores*, anno IV, 1904; *Revista Militar do Exercito*, anno VI, 1904; *Revista Maritima Brazileira* (anno 23—24) 1904; *Brazilian Mining Review* (Rio) vol. 1.°, 1904; *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, vols. 64 e 65 (1902—1903); Idem do Instituto do Ceará, vol. XVIII, 1904; Idem do Instituto Archeologico Pernambucano, n. 59, vol. X; Idem do Instituto Historico do Rio Grande do Norte, ns. 1 e 2 do vol. 2.°, 1904; Idem do Instituto Archeologico Alagoano, n. 1 do vol. IV (1904); Idem do Instituto Historico de S. Paulo, vol. 8.°, 1903; *Revista do Archivo Publico Mineiro* (Janeiro a Junho, 1904); *Revista do Centro de Sciencias e Letras de Campinas*, ns. 6 e 7, 1904; *Luz*, revista de sciencias e lettras, Porto Alegre, 1904; *A Escola*, revista de ensino, Pará, vol. 8.°, 1904; *Revista Agricola, Commercial e Industrial Mineira*, vol 1°, 1904;

A Cartophilia (Rio), anno 1°, 1904; Boletins do Museu Gœldi (Pará) vol. IV, 1904: Idem da Officina Nacional de Propaganda Geographica de La Paz, 1901 a 1903; *O Oriente Portuguez* (revista da commissão archeologica da India Portugueza) anno 1°, 1904; Boletins do Museu Nacional do Mexico; do Corpo de Engenheiros de Minas do Perú; das Sociedades Geographicas de Lima (Perú) e de La Paz (Bolivia); da Academia de Bellas Lettras e Historia de Stocholmo (Suecia) 1898—1903; e das demais sociedades geographicas que permutam com o Instituto.

—Pelo Ministerio de Fomento (Perú): Boletins do Ministerio (1904); Memorias sobre diversas viagens emprehendidas por engenheiros agronomos, 1902; A demarcação politica do Perú.

—Pela Sociedade de Ethnographia de Paris: Memorias e Boletins da mesma Sociedade, e 4 da Revista Oriental e Americana.

—Pelo Dr. Director da Bibliotheca Nacional (Rio de Janeiro): Annaes da Bibliotheca, vols. 24 e 25 (1902 e 1903); Cartas do Brazil do Padre Manuel da Nobrega (1549—1560); Guerra do Paraguay, pelo 1° tenente E. Jourdan.

—Pela directoria da Sociedade Nacional de Agricultura: As monographias — Melhoramentos dos terrenos de cultura; O assucar e o alcool na Bahia, pelo engenheiro Miguel Calmon; Meios para debellar as crises no Brazil, pelo Dr. A. Bernachi.

—Pela Inspectoria Geral de Terras (Bahia): Breve noticia sobre a propriedade rural, pelo engenheiro Joaquim Francisco Gonçalves.

—Pela Secretaria da Agricultura (Bahia): Noticia descriptiva do Campo pratico de viticultura, na cidade do Joazeiro, pelo engenheiro João Silveira.

—Pelo Presidente da Associação Commercial da Bahia: Relatorio da Directoria, 1904.

—Pelo socio Dr. Octaviano Muniz Barretto, Inspector Geral do Ensino, Bahia: Relatorio da Inspectoria ao Secretario do Interior em 1904.

—Pela Secretaria da Justiça do Ceará: Revista Annual dos Julgados e Decisões da Relação de Fortaleza em 1903 (1904).

—Pelo Director do Museu Nacional de Montevidéo: Geografia Fisica e Esferica del Paraguay por D. Felix de Azara, vol. I.

—Pelo socio Dr. Felix Gaspar: Mappa Geographico do Estado do Amazonas; *Sertum Palmarum Brasiliencium*, pelo sabio naturalista Dr. Barbosa Rodrigues, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Francisco Marques de Goes Calmon: O Protesto, em original, elaborado pelo Dr. Augusto Guimarães, presidente da Camara Municipal da cidade da Bahia, contra a proclamação da Republica em 1889.

—Pelo socio Dr. Satyro de Oliveira Dias: O Attlas do Brazil pelo Senador Candido Mendes de Almeida; Relatorios dos Ministros e Secretarios de Estado em 1904, 9 vols.

—Pelo socio Desembargador Thomaz Montenegro: Projecto approvando o tratado do Acre, assignado em Petropolis, a 17 de Novembro de 1903.

—Pelo socio Cons. Luiz Vianna: Memorias e Mappas, apresentados ao governo da Suissa na questão do Amapá, 11 vols.

—Pelo socio Dr. Francisco de Paula Guimarães: Annaes do Parlamento Brazileiro (Assembléa Constituinte, 5 vols.); Collecção Completa dos Annaes da Camara dos Deputados (Congresso Nacional) de 1891 a 1903, 107 vols.

—Pelo socio Dr. José Joaquim Seabra: Relatorios do Ministerio da Justiça em 1903 e 1904, 4

vols.; Leis Usuaes da Republica, 1 vol.; Accordãos do Supremo Tribunal Federal de 1895, 98, 99 e 1900, 4 vols.; Mensagem do Presidente da Republica em 1890 e 1891.

—Pelo socio Dr. Manuel de Mello Cardoso Barata: Annaes do Senado Federal de 1894 a 1902; Relatorios do Presidente do Senado de 1898 a 1904; Carta congratulatoria aos Bahienses por Domingos A. Branco Moniz Barretto.

—Pelo socio Dr. Joaquim Nabuco: Collecção completa das Memorias e Attlas sobre a questão de limites entre o Brazil e a Guyanna Ingleza (18 vols.).

—Pelo Dr. Manuel Alvaro Sá Vianna: Actos e Discussões do Congresso juridico Americano, 2 vols., 1902 e 1904.

—Pelo socio Dr. Frederico Lisboa: Discurso proferido pelo Dr. Francisco Vicente Vianna no Archivo Publico da Bahia, em 1891; Retrato emmoldurado de seu pai, o chefe de divisão Augusto Venceslau da Silva Lisboa, veterano da independencia.

—Pelo socio Dr. José Francisco da Silva Lima: Varios numeros da Gazeta Medica da Bahia, 1.ª Serie, 1868 e 1869.

—Pelo socio major Rogociano Pires Teixeira: Relatorio do Ministro da Fazenda em 1904, 2 vols.; Annaes do Parlamento Nacional, 45 vols.; Annaes do Congresso Nacional (Camara dos Deputados) 34 vols.; Fac-simile da Constituição da Republica em 24 de Fevereiro de 1891; Organisações e programmas ministeriaes de 1822 a 1889; Relatorios de Ministros de Estado, 25 vols.; Projecto e pareceres da Camara e do Senado approvando o tratado de Petropolis sobre o Acre, contendo os respectivos mappas; Discurso do Cons. Ruy Barbosa no Collegio Anchieta em 1903; e varios opusculos so-

bre estatistica e administração publica; Revista Brazileira, 92 fasciculos, 1895 a 1899.

—Pelo socio Cons. Filinto Bastos: Discurso do Cons. Ruy Barbosa no Collegio Anchieta (Rio) 1903; Gôa sob a dominação portugueza, Margão, 1897; Padre André Gomes, estudo bibliographico, Gôa, 1897; Os Santos martyres de Cunculim, Margão, 1894; Paginas de pedra da India portugueza; A Conjuração de 1787 em Gôa por Cunha Rivara, Gôa, 1875; Introducção ao estudo da jurisprudencia portugueza, Margão, 1887; Documentos Konkanis para a historia de Gôa, por Philoteio de Andrade; Viagem de Gôa a Bombahim, por Luiz Miguel de Abreu, 1875; Primeiro Congresso Catholico Brazileiro em 1900: Theses para concurso do Dr. Antonio Joaquim de Passos e Celso Thyrse.

—Pelo socio Dr. Cesar Zama: Decretos do Governo Provisorio da Republica, 5 vols.; Projecto do Codigo Civil pelo Senador J. Felicio dos Santos; Historia da revolta de Novembro de 1891 por Custodio de Mello: Relatorio sobre a navegabilidade do Paraguassú pelo Dr. Cunha Galvão; Relatorio sobre a molestia do cafeeiro na provincia do Rio de Janeiro pelo Dr. Emilio Gœldi (1887); Le Bresil a l'exposition de S. Petersburgo (1884); Catalogo da Exposição bahiana em 1875 pelo engenheiro Dionisio Gonçalves Martins.

—Pelo Cons. Dr. Cincinato Pinto da Silva: Historia da missão dos padres Capuchinhos no Maranhão pelo padre Abbeville; Bellas Artes, por Felix Ferreira; Missão especial do Visconde de Abrantes, 2 vols.; Os homens de cêra, drama de Cincinato P. da Silva, Bahia, 1861; Memoria sobre a provincia do Maranhão por Cesar Marques; Apontamentos sobre o mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro; A Republica do Paraguay, por Alfredo Gratry; Do Poder Americano por Possin, 2 vols.; As marinhas da França e da Inglaterra, por Xavier

Raymond; A Inglaterra comparada á França; O anno philosophico, por Pillon, 2 vols.; Sciencia e democracia, por Meunier, 2 vols.; e outras obras.

—Pelo socio Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida: Apontamentos Historicos da provincia de S. Paulo, por Azevedo Marques, 2 vols.; Vida e Escriptos de José da Silva Lisboa, por Valle Cabral; Biographia de João Pedro da Veiga; Biographia de Theophilo Ottoni; Vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu de Gusmão; Annotações á Memoria do Visconde de S. Leopoldo pelo Cons. Manuel José Maria da Costa e Sá, 1839; O Lyceu Litterario Portuguez, edição commemorativa; Quadro Historico da provincia de S. Paulo, por Machado de Oliveira, 1864; e outros opusculos.

—Pelo socio Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo: Reforma do Banco de Credito real e creação de Bancos de Credito Agricola; Factos Historicos da politica republicana (Discursos); Biographia do Dr. Americo Brasiliense, pelo Dr. Carlos Villalba; Mineração do ouro, por Ernesto Young; A liberdade profissional perante a Constituição, pelo offertante; A primeira concessão de estrada de ferro no Brazil, por Garcia Redondo.

—Pelo socio Capitão de mar e guerra Alves Camara: A estrada de ferro de Mauá e o Visconde de Mauá, pelo Dr. Paula Freitas; O telegrapho no Brazil, por Ernesto Senna.

—Pelo socio Luiz Rodolpho Cavalcante: Relatorio sobre a Casa da Moeda do Rio de Janeiro; Estudos sobre a circulação metalica no Brazil, pelo Dr. Candido de Azevedo Coutinho.

—Pelo socio Julius Meili, de Zurich: O Meio Circulante no Brazil—A moeda fiduciaria—1771 até 1900—(1903); Moedas da Colonia do Brazil (1897).

—Pelo socio Dr. Alfredo de Carvalho: A verda-

deira naturalidade de D. Antonio Felippe Camarão, estudo historico, pelo Dr. Pereira da Costa, Recife, 1904.

—Pelo socio Engenheiro Silio Boccanera: «A Bahia a Carlos Gomes», 1 vol., 1904; e um manuscripto.

—Pelo socio Damasceno Vieira: «Memorias Historicas Brazileiras» (1500—1837) 2 vols., Bahia, 1903.

—Pelo socio Coronel Raymundo Cyriaco A. da Cunha: Anthologia Amazonica, por Eustaquio de Azevedo; Cosmorama, versos de Romeu Mariz.

—Pelo Dr. Tavares de Lyra: Apontamentos sobre a questão de limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Carlos Reis: Education in the State of São Paulo, Brasil.

—Pelo socio Conego Miguel Calmon de Aragão Bulcão: Noticias historicas e estatisticas do municipio de Resende (Rio), por João de Azevedo Maia.

—Pelo Coronel Manuel de Medeiros Borges: Descripção dos municipios da bacia do S. Francisco no Estado da Bahia (1901).

—Pelo socio Dr. Emilio Gœldi: Os Mosquitos no Pará; As aves brasilicas, e outras publicações, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Vicente Chermont de Miranda: O mal das cadeiras.

—Pelo socio Dr. Vicente Ferrer de Barros Vanderley: A execução de Silvino de Macedo, estudo critico e historico pelo offertante; A Cultura Academica, Revista, Recife, 1904; O espartilho e a mulher, these do Dr. Sabino de Pinho.

—Pelo Dr. José Zeferino da Cunha: *O Rio Grande*, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Alfredo Britto, director da Faculdade de Medicina: Memorias Historicas (1900 a 1901); Revista dos Cursos; Breve noticia

sobre a Faculdade para a Exposição Universal de S. Luiz.

—Pelo Dr Arthur Orlando: Propedeutica politico-judiciaria; Ensaios de Critica (Recife), pelo offertante.

—Pelo socio general Manuel Landaeta Rosales: Los piratas y esquadras estrangeiras en las aguas y costas de Venesuela, pelo offertante; Riquesa circulante en Venesuela; Resumen de la vida publica del eminente ciudadano general Jacinto Pachano; Trabajos de la oficina de Historia Natural.

—Pelo Sr. Jonathas Dymond: Ensayos sobre los Principios de Moral e los derechos e obligaciones del genero humano (Philadelphia), 1903.

—Pelo socio J. Biedma, director do Archivo Nacional de Buenos-Ayres: Monetario argentino-americano de Bartholomeu Mitre; José Manuel Estrada, por Henrique Vedia; Dr. Angelo Justiniano Carranza, Buenos-Ayres, 1900: «Collecção de moedas e medalhas dos Estados Unidos», 1652 a 1858, por Alexandre Wattemare, trad. por Alexandre Rosa, Buenos Ayres, 1904.

—Pelo socio J. C. Brauner: Recifes e bancos de coral da costa do Brazil, e sua relação geologica e geographica, 1 vol.

—Pelo socio Demetrio Pires: A descripção do municipio da Feira de Sant'Anna.

—Pelo Sr. Antonio Joaquim Barbosa Vianna (da Academia Pernambucana): Collecção das Revistas da Academia, ns. 1 a 8 (1901 a 1902); O Recife, 1900, 4.° centenario do Brazil, pelo offertante.

—Pela Exma. Sra. D. Leopoldina Clementina Milton: Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton (Bahia, 1903).

—Pelo socio Dr. Eduardo Velloso: Tratado de direito commercial maritimo (Bahia, 1904), pelo offertante.

Pelo Dr. Sallustio de Carvalho: Tratado de Geographia—Historica, por Casaldo Giraldes, 4 vols.; O Panorama (1837—1858) 15 vols.; Assentos da Supplicação; Tratado dos testamentos e outros.

—Pelo socio Alberto F. Rodrigues: Relatorio da Secretaria das obras publicas do Rio Grande do Sul, 1904; Almanach Popular Brazileiro para 1899; Jornaes antigos do Rio de Janeiro (1822 a 1830).

—Pelo Dr. Arthur José da Silva: A sua these *A Catuaba*, estudo clinico, 1904.

—Pelo socio Cons. João Torres: Uma collecção d'*O Malho*, de 1904; Almanach Brazileiro Garnier, anno 3.° para 1905; Idem Luso-Brazileiro para 1905: Idem do Rio Grande para 1905.

—Pelos Srs. Medeiros & Comp.ª, de São Paulo: O Annuario Commercial de S. Paulo para 1904.

—Pelo socio Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis: Almanack do Estado da Bahia (1904—1905).

—Pelo socio Engenheiro José Feliciano da Rocha: Collecção de almanacks Luso-Brazileiros.

—Pelo Sr. Lafayette Borburema: Um amarrado de flechas e ornatos indigenas da região Amazonica.

—Pelo socio Dr. Joaquim Pires: Uma preguiça da região Amazonica para o museu.

—Pelo Dr. Antonio Borges dos Santos, da cidade de Tabatinga, Goyaz: Uma moeda de prata de 1695, reinado de D. Pedro 2°, de Portugal.

—Pelo Alferes Paulino Nuro: Exemplares do Volatil Bartholomeu de Gusmão, de sua invenção.

—Pelo Secretario da Bibliotheca Publica Pelotense: Catalogo illustrado da exposição artistica, commemorativa do 28.° anniversario de sua fundação.

—Pelo Sr. Anatolio Valladares: Uma collecção de cartões postaes com retratos de homens politicos do Brazil.

BAHIANOS ILLUSTRES

(APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS)

Conselheiro Rodolpho Dantas

Á's 5 horas da manhã de 12 de Setembro de 1901 falleceu em Paris, depois de ter soffrido melindrosa operação, o Cons. Rodolpho Epiphanio de Souza Dantas, em edade e em vigor intellectual que muito ainda podia dar á patria.

O Cons. R. Dantas era uma das mais sympathicas figuras da moderna geração dos estadistas do imperio: em outro meio e em outra época que tivesse vivido, o seu nome figuraria ao lado dos mais afamados intellectuaes, com desvanecimento para as glorias latinas.

Filho do illustre estadista Cons. Manuel Pinto de Souza Dantas e da Exma. Sra. D. Amalia Josephina Barata de Souza Dantas, nasceu na então provincia da Bahia em 14 de Outubro de 1854.

Fez o curso de humanidades, parte na Bahia, parte na antiga Côrte.

Cursou as academias de Direito de S. Paulo e do Recife, onde recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes em 1874.

Chegando á Bahia dedicou-se á advocacia e á imprensa, entrando logo para a redacção do *Diario da Bahia*, em defesa das theses, que o partido liberal (em opposição) agitava e discutia para conquistar pela popularidade o poder, revelando desde logo qualidades que se desenvolveram e firmaram,

dando direito a ser tido como um dos nossos mais correctos e eruditos periodistas. (*)

Ao lado de Leão Velloso e de Ruy Barbosa, Rodolpho Dantas figurava com fulgor, e assim se manteve até 1879, quando, pela ascenção dos liberaes ao governo, foi eleito deputado geral.

A sua carreira na parlamento foi rapida e brilhante, e fez parte do gabinete de 21 de Janeiro de 1882, organisado pelo Cons. Martinho Campos, occupando a pasta do Imperio.

Apreciando essa phase de sua vida, escreve contemporaneo insuspeito:

«E foi mais pelos seus meritos individuaes do que pelas condições afortunadas de nascimento que o vimos figurar na Camara dos deputados, honrando, sim, o cognome que trazia, mas conquistando para o seu nome proprio o brilho que só o talento, a illustração e o trabalho podem dar.»

Deixando o ministerio, entregou-se á advocacia e á lavoura, tendo-se casado com a Sra. D. Alice Clemente Pinto, filha do então visconde de S. Clemente, de cujo enlace teve cinco filhos.

Parlamentar correcto, tinha a eloquencia facil, elegante e imaginosa que parece um dom peculiar aos oradores bahianos.

A esses dotes naturaes, reunia vasta illustração sociologica e cultivo litterario, que serviam admiravelmente para o tornar um discutidor habil e feliz—do que deixou provas nas paginas dos *Annaes do Parlamento*.

Entre ellas sobreleva mencionar as relativas ás questões de instrucção publica e á lucta que sustentou contra Ferreira Vianna por causa do credito necessario para as despezas das commissões encarregadas de observar a passagem de Venus.

Outra brilhante pagina parlamentar é a sua

(*) *Correio da Manhã*, Set. de 1901.

apresentação do projecto de emancipação dos sexagenarios, no ministerio Dantas.

A republica não poude conquistal-o; entretanto, em 1891, acreditando passado o periodo revolucionario do paiz, resolveu combater pela melhor comprehensão de um certo numero de idéas liberaes, e contribuir com seu criterio para o progresso da patria.

Reuniu uma phalange de companheiros do valor de Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Barbosa Rodrigues, J. Verissimo e outros, e fundou o *Jornal do Brazil*, occupando o cargo de redactor chefe; e cumpriam, sem temor nem hesitações, o desenvolvimento de seu programma, com tal energia e successo, que a dictadura obrigou-os a abandonar não só a tenda de trabalho, mas a terra natal, para não serem trucidados!

Rodolpho, então desgostoso e desilludido, retirou-se á vida privada, isto em 1892, e adquiriu importante propriedade agricola em S. Paulo, para onde se transportou com sua familia e seus queridos e escolhidos livros.

E assim ficou o Brazil privado da collaboração de um dos seus mais competentes talentos, pela mesquinhez de uma politica violenta e sem criterio.

Em corroboração d'este juizo, manifestou-se, na tribuna da Camara dos Deputados, a palavra insuspeita do deputado bahiano Ignacio Tosta, quando propoz um voto de pezar pelo passamento do preclaro cidadão:

«Vem propor á Camara um voto de pezar na acta pelo prematuro passamento do Cons. Rodolpho Dantas, que, nos tempos do Imperio, representou papel saliente na imprensa politica, no parlamento e nos conselhos da corôa.

Academico, deixou sulcos luminosos na Faculdade do Recife, e angariou a admiração e as sympathias dos collegas.

Jornalista politico, batalhou no *Diario da Bahia*, ao lado de Ruy Barbosa e de Leão Velloso, com grande proveito para a causa liberal e para a patria.

Parlamentar distincto, revelou-se orador correcto e erudito na tribuna da Camara.

Ministro, foi um prototypo do bom senso e honestidade.

Na questão do credito para a observação do planeta Venus terçou as armas no parlamento com os mais notaveis oradores do tempo. Sahiu victorioso: o credito foi votado e a commissão scientifica desempenhou a sua missão com proveito para a sciencia.»

Dr. *Miranda Azevedo.*

(Extr. dos Mortos Illustres.)

Dr. Francisco de Castro

Na manhã de 11 de Outubro de 1901 falleceu no Rio de Janeiro este notavel medico brazileiro, cujo talento, erudição e tino profissional faziam d'elle uma das mais brilhantes glorias contemporaneas do seu paiz.

Filho legitimo do commendador Joaquim de Castro Guimarães e de D. Maria Heloisa de Mattos Castro, ambos já fallecidos, o Dr. Francisco de Castro nasceu na capital da Bahia em 17 de Setembro de 1857.

Depois de estudar o curso preparatorio no Atheneu Bahiano, seguiu para Paris, onde se aperfeiçoou na lingua franceza, que manejava primorosamente, como provam trabalhos que na mesma lingua escreveu e publicou.

Em 1874 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, da qual pediu transferencia para a

do Rio de Janeiro, voltando a receber o grau na Escola Bahiana, em virtude dos acontecimentos escolares, que, em 1879, se deram na Faculdade fluminense.

Em 1880 sustentou distinctamente a sua these inaugural, importante trabalho scientifico sobre a «Correlação das funcções physiologicas.»

Foi, após brilhante concurso, nomeado ajudante da cadeira de clinica medica da Faculdade do Rio, cadeira de que era professor o insigne Dr. Torres Homem, e depois substituto e cathedratico da cadeira de propedeutica em fins de 1890.

Exerceu tambem os cargos de director do Instituto Sanitario Federal, e de vice-director e director da já referida Faculdade em 1901.

O Dr. Francisco de Castro não era só medico illustre, professor abalisado e prelector correcto e elegante, foi tambem poeta e litterato de notavel merecimento, tendo sido ultimamente eleito socio da Academia Brazileira de Lettras.

São importantes as suas investigações scientificas no estudo das pyrexias reinantes no Rio de Janeiro; e foi extremamente brilhante a parte que tomou na celebre questão «Abel Parente», dando á publicidade um trabalho magistral, em que a mesma questão era tractada sob o triplice aspecto scientifico, juridico e social. Como poeta publicou em 1878 um volume de versos—*Harmonias Errantes*, prefaciado por Machado de Assis, e posteriormente, em differentes jornaes, algumas excellentes poesias, destacando-se entre ellas a que escreveu em homenagem a Castro Alves, no decennio do fallecimento no Cantor dos Escravos (1881).

O Dr. Francisco de Castro dispondo de grande e variada illustração, exprimia-se com eloquencia e fluencia na cadeira de que era mestre eximio, accrescenta um dos seus biographos. (*)

(*) Revista Medica de S. Paulo, Out. de 1901, pelo Dr. Rubião Meira.

«Cada licção que professava era um grito de guerra, um louro a mais; deixava convencidos os que se approximavam tibios; erguia o espirito dos noveis, abria-lhes horisontes mais vastos até então por descortinar, patenteava-lhes as bellezas do terreno ignoto. Suas aulas tinham concurrencia desusada.

Formou pouco a pouco uma verdadeira eschola; a seu lado trabalhavam moços cheios de fé, compenetrados da sciencia do mestre, avidos de saber e de renome.

A sua linguagem scientifica, que em suas obras é de um apuro accessivel á critica, mas que nem por isso as desmerece, antes as exalça, era suave, branda, harmoniosa, encantava e seduzia, ensinava e convencia.

Tinha uma abundancia de synonimos. Era este um dos seus grandes meritos: elle não fallava só para os intelligentes, para os mais lucidos.

Infelizmente a morte que tão cedo o roubou ás lettras patrias, impediu que tantas bellezas ficassem perpetuadas nos livros e que passassem aos vindouros.»

Dr. Pires Caldas

A 26 de Novembro de 1901 falleceu n'esta Capital, na idade de 85 annos, o Dr. Manuel Maria Pires Caldas, habil e distincto cirurgião, e um dos fundadores da *Gazeta Medica da Bahia*, cujo primeiro numero veio á luz da publicidade em 10 de Julho de 1866.

Ao Dr. José Francisco da Silva Lima pedimos venia para transcrever os dados biographicos, publicados na *Gazeta Medica*:

«O Dr. Pires Caldas nasceu n'esta cidade em 22 de Outubro de 1816. Tendo terminado os seus estu-

dos preparatorios, matriculou-se em 1834 na nossa Faculdade de Medicina, onde se distinguiu em todas as materias do curso, e obteve o seu diploma de doutor em 28 de Novembro de 1840.

Do primeiro decennio de sua vida de clinico pouco se sabe, a não ser que elle não se salientou entre os seus collegas contemporaneos, talvez pelo seu caracter modesto e reservado, occupando boa parte do tempo em estudos de gabinete, e no da musica, de que era cultor apaixonado.

E' possivel que a escassez de trabalho na clinica civil o levasse a solicitar, ou acceitar o cargo, que exerceu por alguns annos, de cirurgião ajudante do Corpo de Policia, para o qual foi nomeado em 9 de Abril de 1853, pelo presidente da provincia Dr. João Mauricio Wanderley, depois barão de Cotegipe. Poucos dias eram passados quando, em 13 d'aquelle mez, teve ordem de marchar com uma expedição para o centro (Amargosa), onde a força publica teve de intervir contra as incursões dos indios.

Em 1855, por occasião da epidemia de cholera morbus, foi nomeado pelo governo provincial para tratar dos doentes pobres na parochia de sua residencia (Conceição da Praia), onde prestou valiosos serviços.

O Dr. Caldas continuou a viver em modesto retrahimento, quasi obscuridade até 1860, quando travou relações profissionaes com o sempre lembrado Dr. Paterson em conferencias e operações cirurgicas. Lembro-me que este meu lamentado collega e amigo perguntou-me um dia se eu conhecia o Dr. Caldas?

Ao que respondi que apenas de vista e de nome. Pois saiba, disse o Dr. Paterson, que está ali um habil cirurgião. E d'ahi em diante o Dr. Caldas, arrancado, por assim dizer, á obscuridade em que

vivera, veio a occupar uma posição conspicua entre os mais distinctos operadores do seu tempo.

Postas assim em evidencia as aptidões do Dr. Caldas, até então quasi desconhecidas do publico e da propria classe medica, a sua carreira profissional foi uma das mais notaveis e operosas. A Santa Casa de Misericordia nomeou-o para cirurgião do Asylo dos Expostos, e pouco depois para o antigo Hospital de Caridade, de onde passou a exercer as mesmas funcções no novo Hospital de Santa Isabel; cargo que deixou ha alguns annos por incompativel com a sua avançada edade.

Comquanto o Dr. Caldas propendesse mais particularmente para a pratica da cirurgia em geral, elle exerceu tambem a clinica medica, a oculistica e a obstetricia; mas a especialidade da sua predilecção, e na qual, pode-se dizer, ninguem entre nós o excedeu em habilidade e experiencia, foi a das molestias dos orgãos genito-urinarios, algumas das quaes exigem que o operador disponha de requisitos especiaes, que nem todos possuem no mesmo gráo e numero como elle possuia; taes são, entre outros, a paciencia, a delicadeza, a lentidão e a segurança no manejo de instrumentos que de outra sorte podem dar logar a consequencias desastrosas.

Esta especie de encyclopedismo a que me referi não é para admirar nos tempos em que quasi não havia especialidades; si o medico era, ou devia ser encyclopedico, era porque, praticamente, o publico o considerava como tal; e, demais, isso não era tão difficil, ou mesmo impossivel como hoje, que o vasto dominio das sciencias medicas exige mais particular e profundo estudo em cada um dos seus ramos.

O Dr. Caldas nunca hesitou em praticar uma operação por mais difficil e arriscada que fosse, uma vez convencido da sua necessidade, sem, comtudo, se deixar impellir por essa *vis operandi* que

nem sempre, nem mesmo com os exemplos de temeridades felizes, que a prudencia não permitte imitar. O grande respeito que elle tinha pela vida humana não lhe consentia arriscal-a inutilmente. Nos casos difficeis nunca deixava de ouvir opiniões autorisadas e cercar-se de todas as garantias que podessem assegurar o bom exito das operações.

Como operador não foi, talvez, dos mais brilhantes pelo que respeita á rapidez e á destreza na execução, que tanto impressionam os circumstantes; tinha, porém, as qualidades do artista que attenta mais na perfeição do que na celeridade do seu trabalho; e assim procedia sempre que a urgencia do caso não exigisse o contrario.

Durante a sua longa vida profissional, a medicina em geral como sciencia e a cirurgia como arte passaram por successivas phases de evolução e de progresso, taes como nunca em egual periodo de tempo se tinham visto em seculos passados; e elle assistiu a essa evolução, quasi transformação da sciencia do seu tempo de estudante na sciencia de hoje, sem sahir do seu paiz, acompanhando esse movimento sem se deixar ficar um só momento em atraso, e sem ir ao velho mundo inspirar-se directamente na pratica dos grandes mestres.

O que elle foi deveu ao proprio esforço, ao estudo incessante, á experiencia que foi successivamente adquirindo na pratica de longos annos, e ao amor á profissão a que consagrou o melhor das suas energias e da sua actividade.

Contribuiu para a *Gazeta Medica* por alguns annos com trabalhos de grande valor pratico, especialmente em observações de casos de cirurgia da sua clinica hospitalar. Os seus artigos, em estylo singelo e linguagem correcta, revelam um observador consummado, e um mestre que expõe com clareza e methodo, e discute com lucidez e criterio os assumptos de que se occupa.

Grande parte d'esses escriptos, particularmente os que se referem ás talhas, ás ligaduras de arterias e ás uretrotomias interna, externa e retrograda, são verdadeiras prelecções clinicas, não destituidas de originalidade, nas quaes se encontra a erudição a par do interesse pratico.

O Dr. Caldas foi sempre estimado e respeitado pelos seus collegas, que tinham em grande apreço as suas qualidades pessoaes, a sua escrupulosa lealdade, os seus meritos como habil operador, qualidades a que se associava a dedicação aos doentes de qualquer categoria ou posição social que fossem, acolhendo com particular carinho os pobres que solicitavam os seus serviços.»

Barão de Pereira Franco

Na Capital Federal falleceu no dia 20 de Janeiro de 1902, o velho magistrado Barão de Pereira Franco, um dos mais antigos e mais conspicuos membros do Supremo Tribunal Federal.

O Barão de Pereira Franco, Luiz Antonio Pereira Franco, filho de Luiz Antonio Pereira Franco e de D. Leonor Felisberta Pereira Franco, nasceu na capital da Bahia em 19 de Outubro de 1826.

Com 21 annos de edade, em 13 de Outubro de 1847, recebeu o gráo de sciencias juridicas e sociaes pela academia de Olinda, em Pernambuco.

Serviu á patria em tres carreiras distinctas, tendo chegado em todas ao ultimo gráo.

Na magistratura, depois de ter exercido o cargo de juiz municipal e de orphãos nos termos da Purificação e Nazareth, foi nomeado juiz de direito da comarca da Feira de Sant'Anna, no Estado da Bahia; foi depois juiz de orphãos e ausentes da Capital da Bahia, onde serviu até que foi nomeado juiz de di-

reito da 1.ª vara civel, do commercio, e dos feitos da Fazenda, sendo promovido a Desembargador da Relação da Côrte, aposentando-se em 1888 quando foi eleito e escolhido Senador do imperio pela Bahia, tendo n'essa occasião sido agraciado com o titulo de Barão com grandeza.

Exerceu o illustre cidadão varios cargos administrativos, e outros de representação, a que foi chamado pelo voto popular.

Em 1853 presidiu a provincia de Sergipe, depois de ter recusado a presidencia da provincia do Espirito Santo. Em 1854 foi Director Geral dos estudos na Bahia, e exerceu durante dous annos esse cargo, regularisando os serviços d'essa importante repartição, havia pouco creada.

Em 1870 foi ministro da marinha do gabinete de 29 de Setembro, presidido pelo visconde, depois marquez de S. Vicente, sendo-lhe conferido o titulo de conselho: em 1871 recusou a presidencia da provincia de Pernambuco e depois a da Bahia.

Em 1875 foi outra vez ministro da marinha, no ministerio de 25 de Junho, presidido pelo Duque de Caxias, tendo sido encarregado durante dous mezes da pasta da guerra, por molestia do Duque. Só em 1878, a 7 de Janeiro, retirou-se do poder, quando deu o ministerio a sua demissão.

Na carreira parlamentar, serviu na Assembléa Provincial da Bahia em 1848, e durante mais sete legislaturas foi sempre reeleito. Em 1853 foi eleito Deputado á Assembléa Geral Legislativa, e reeleito depois nas quatro legislaturas seguintes de 1861 a 1880.

Em 1873 fez parte, em primeiro logar, de uma lista triplice para senador, tendo recahido a escolha imperial no ministro da guerra de então; em 1888, porém, fazendo parte de outra lista, foi escolhido senador, e tomou assento no Senado a 5 de Maio d'esse anno.

Dissolvido o Senado, pela proclamação da republica em 1889, foi pouco depois nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, onde serviu com honra e distincção, tendo o seu nome prestigiado pelos antecedentes de sua carreira publica, e pela rijeza e honestidade do seu caracter impolluto e independente na distribuição da justiça.

Desde 1893 exercia o logar de vice-presidente d'aquelle tribunal, tendo exercido a presidencia por vezes e durante mezes seguidos, no impedimento do respectivo presidente.

O illustre extincto era presidente da Sociedade Bahiana de Beneficencia, desde a sua fundação, exercendo esse cargo ha 22 annos, e socio fundador do nosso Instituto Historico, a quem deixou valiosas offertas.

Conselheiro Leão Velloso

O Cons.º Pedro Leão Velloso, fallecido no Rio de Janeiro, a 2 de Março de 1902, foi uma das figuras mais respeitadas do antigo regimen.

Dos seus serviços á patria, do seu notavel perfil de jornalista, da sua grande figura de trabalhador liberal dão testemunho os archivos do *Diario da Bahia*, onde mais fulgurou o seu talento de publicista.

Nascido no municipio do Inhambupe, n'este Estado, em 1.º de Janeiro de 1828, formou-se em Pernambuco, onde consorciou-se com a Exma. Sra. D. Francisca Autran, filha do Cons. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, lente daquella Faculdade, e filho tambem d'este Estado.

Occupou successivamente até a sua morte, aos 74 annos, os seguintes cargos: deputado á Assembléa provincial da Bahia; magistratura em Sergipe; presidente das provincias do Espirito Santo, Ala-

goas, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauhy, da Bahia, como vice-presidente, de Março a Outubro de 1866, prestando relevantes serviços á guerra do Paraguay, do Ceará, e do Pará, em 1868, quando, em virtude da queda do partido liberal, entrou para o *Diario da Bahia*. D'ahi datam os triumphos da sua penna de jornalista durante o decennio de opposição, tendo collaboradores da ordem do Cons. Manuel Dantas, Bellarmino, Ruy Barbosa e outros.

Eleito deputado geral em 1876, transferiu sua residencia para o Rio de Janeiro, sendo eleito senador do imperio em 1878, na mesma lista com Manuel Dantas, para substituirem Nabuco e Zacharias; foi ministro em 1882 no gabinete Paranaguá, e conselheiro de Estado em 1889.

Com a proclamação da Republica, em 1889, o illustre bahiano afastou-se da vida publica.

O Dr. Manuel Victorino, sob o titulo *um morto illustre*, escreveu no *Correio da Manhã* os seguintes conceitos sobre a morte do pranteado bahiano:

«Vão se finando dia a dia os homens notaveis da minha terra natal.

Luctas e serviços memoraveis os tinham consagrado e apontava-se nos altos cargos e posições a benemerencia com que elles se haviam imposto e notabilisado.

Ambos os partidos politicos haviam enriquecido o patrimonio de glorias e reputações nacionaes com a fama e os trabalhos de estadistas, parlamentares e jornalistas, que nos conselhos da corôa, na tribuna legislativa e nos debates da imprensa deixavam um escrinio precioso de leis e de doutrinas.

Leão Velloso era um d'elles: periodo fecundissimo para a minha terra foi esse em que o jornalismo bahiano o teve nas suas tendas. Dez annos de imprensa e de opposição não lhe fatigaram o talento, nem o caracter.

Sabem todos quantos conheceram a Bahia de 1868 a 1878 que formidavel tenda de combate não foi a redacção do *Diario*, durante todo aquelle tempo.

Dez annos, dia a dia, o *Diario da Bahia* constituiu-se o poderoso defensor das idéas e principios liberaes, e pode-se dizer que foi elle a *alma mater* de reorganisação do partido, em todo o imperio.

Leão Velloso foi sempre nas columnas do glorioso orgão o redactor doutrinario ou o erudito de historia politica e de jurisprudencia parlamentar.

Conhecia profundamente a historia das instituições e dos governos da Inglaterra.

A vida dos Jorges, sobretudo Jorge III, todo o estudo do poder pessoal, no paiz classico do parlamentarismo, as questões que se suscitaram ácerca da eleição directa, tudo isso foi apreciado com extraordinaria elevação de vistas e primoroso apuro na fórma e no estylo.

Para elle a imprensa foi um apostolado: o jornal, a mais ampla e vasta das tribunas de onde devia descer a doutrina que vivifica a bondade e o amor que educam a confiança e a serenidade que dominam. Não ha memoria que a penna do illustre escriptor resvalasse para o doesto e para a injuria.»

Almirante Custodio José de Mello

A's 3 horas da tarde do dia 15 de Março de 1902 tombou fulminado pela morte, na cidade do Rio de Janeiro, o almirante Custodio José de Mello, uma das figuras proeminentes da nossa marinha de guerra.

Reunindo em si todos os predicados exigidos para um official de marinha moderna, um verdadei-

ro *gentleman*, seus conhecimentos profundos do armamento naval hodierno o sagravam artilheiro e torpedista, sem rival, entre os seus pares.

Homem de estudo, ao mesmo tempo que homem de acção, tanto se achava bem no passadiço do navio commandando a manobra, como dirigindo os movimentos de uma esquadra.

Filho legitimo de José Francisco de Mello e de D. Maria Rosa Moreira da Silva, nasceu na cidade da Bahia a 9 de Junho de 1840.

Da sua honrosa fé de officio consta que em Fevereiro de 1856 se lhe assentou praça de aspirante a guarda marinha, matriculando-se no 1.º anno, tendo feito varias viagens de instrucção na costa do Brazil.

A 5 de Maio de 1866 seguiu no couraçado *Rio de Janeiro* para o Rio da Prata, que ficou pertencendo á esquadra em operações contra o governo do Paraguay.

Foi elle um dos poucos que escaparam da explosão do couraçado *Rio de Janeiro* pelo arrebentamento de um torpedo na prôa do navio na tarde do dia 2 de Setembro de 1866, no ataque de Curuzú.

No commando de outros navios foi elogiado pela bravura, intelligencia e actividade de que deu provas no combate naval de Curupaity, nos diversos bombardeiamentos e reconhecimentos contra as baterias de Curupaity, e nas passagens das fortificações de Humaytá e Timbó, tendo voltado ao Brazil com o posto de capitão-tenente depois de terminada a campanha.

Desempenhou varias commissões do governo na Europa, entre ellas a de ter ido buscar o *Aquidaban*.

Em 1888 passou a commandar o cruzador *Barroso*, no qual fez a viagem de circumnavegação,

sendo em 8 de Janeiro de 1890, ainda em viagem, promovido a contra-almirante.

Fez parte da Constituinte republicana, como representante da Bahia; e, tendo tomado parte no movimento de 23 de Novembro de 1891 contra o marechal Deodoro, foi nomeado Ministro da Marinha, e interinamente da Guerra no 1.° ministerio do marechal Floriano Peixoto, contra quem organisou a revolta de 6 de Setembro de 1893, onde teve occasião de se fazer conhecido pelo paiz inteiro.

(Extr. da *Revista Maritima Brazileira,* Março de 1902).

Dr. Adolpho Tourinho

Victima de cruel enfermidade, que ha muito lhe minava a existencia, falleceu nesta capital, no dia 4 de Maio de 1902, o nosso distincto conterraneo e consocio Dr. Adolpho Frederico Tourinho.

Filho legitimo do Comm. José Vicente Gonçalves Tourinho e de D. Maria Eufrosina Ferreira Tourinho, nasceu Adolpho Tourinho na cidade de Santo Amaro, n'este Estado, em 25 de Março de 1855.

Frequentou o collegio Pedro II do grande educador Dr. Antonio Augusto Guimarães, e o externato *2 de Dezembro* do religioso benedictino Frei Lourenço.

Concluindo o curso de preparatorios, matriculou-se em Março de 1874 na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 30 de Outubro de 1878 na Faculdade de S. Paulo.

Exerceu os cargos de Promotor Publico das comarcas de Imperatriz e Atalaia em 1879, no Estado de Alagoas.

Por Dec. de 13 de Setembro do mesmo anno foi nomeado Juiz municipal e de orphãos do termo de

Areia, n'este Estado, sendo posteriormente removido para o de Valença, onde foi reconduzido por Dec. de 17 de Novembro de 1883, recebendo dos seus jurisdiccionados as mais inequivocas provas de estima e consideração pela sua conducta intelligente e honesta.

Tendo obtido a exoneração do cargo de juiz municipal, fundou n'esta Capital, em 3 de Fevereiro de 1885, o Collegio *S. Salvador* no predio onde actualmente funcciona a sociedade maçonica *U do Schleusner*, á Rua das Vassouras, passando a funccionar de Fevereiro de 1886 em diante no Palacete Berquó, á rua do Visconde de Itaparica, n. 8.

Graças ao corpo docente e á administração que soube imprimir ao seu estabelecimento de educação, obteve por Dec. do Governo da Republica de 1.º de Setembro de 1900 que elle fosse equiparado ao Gymnasio Nacional.

Espirito profundamente religioso, pertencia elle a um grande numero de irmandades, especialmente á d'Ajuda, onde na qualidade de Provedor prestou relevantes serviços, inclusive o da extincção da divida da referida irmandade.

Exerceu tambem os logares de membro no Conselho Municipal d'esta Capital em 1890 e 1892 por nomeação do governo provisorio do Estado, e membro do Conselho Superior do Ensino.

Em 10 de Janeiro de 1880 casara-se com sua prima, a Exma. Sra. D. Maria Francisca Tourinho, filha do fallecido Conselheiro Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho, actual proprietaria do Gymnasio S. Salvador.

Frei Joaquim do Espirito Santo

A 26 de Julho de 1902 falleceu n'esta Capital, na idade de 74 annos, o eminente sacerdote e francis-

cano Frei Joaquim do Espirito Santo, cuja solida illustração era uma honra para a Bahia.

Religioso exemplar, era muito estimado pelos seus confrades, aos quaes prestou relevantes serviços.

Na pessoa de Frei Joaquim perdem elles o seu mais illustrado companheiro, e cuja intelligencia abraçava todos os assumptos com uma promptidão admiravel: de todos os ramos dos conhecimentos humanos o illustre franciscano tinha valiosos estudos.

São estes os principaes factos de sua vida:

Nasceu Frei Joaquim do Espirito Santo em 6 de Fevereiro de 1829, n'esta cidade do Salvador, recebendo o nome de Joaquim Simplicio, e seus paes chamaram-se Joaquim Simplicio Ferreira da Rocha e Maria Joaquina da Rocha, residentes ambos n'esta cidade.

Tendo completado, com aproveitamento notavel, o curso de humanidades, e manifestando verdadeira vocação sacerdotal e sobretudo monastica, recolheu-se *sponte sua* ao convento de S. Francisco n'esta capital, em 1844, e um anno depois fazia a sua solemne profissão de fé.

Em 23 de Maio de 1850 seguiu para o convento de Olinda, ahi terminou o seu curso theologico, celebrando a sua primeira missa a 11 de Abril de 1852.

Entregando-se á pregação, revelou-se orador tão illustre, que em 1854 lhe foi conferido o titulo de pregador honorario da capella imperial, e no mesmo anno nomeado lente de eloquencia sagrada do seminario d'aquella diocese, sendo dispensado de todas as provas de aptidão pelo bispo D. João da Purificação.

De Maio de 1857 a 1869 exerceu o cargo de capellão da estação naval de Pernambuco, como tambem foi director do collegio dos orphãos naquelle

Estado de 1867 a 1874, além de importantes commissões que lhe foram confiadas em sua ordem.

Fallecendo seu cunhado, o Dr. Antonio Ribeiro Lima, embarcou para esta capital, onde aportou em Setembro de 1876, sendo nomeado no anno seguinte professor de religião das escolas normaes da Bahia, entrando em exercicio a 20 de Março de 1877, nomeação mais tarde confirmada pela Assembléa, e tornada vitalicia.

Extincta pela reforma do ensino a cadeira que regia, requereu a sua aposentadoria, que foi concedida por Acto de 17 de Outubro de 1895; e sentindo-se gravemente enfermo, resolveu transferir a sua residencia para a fronteira cidade de Itaparica.

N'essa nova phase de sua vida publica, dispondo de elevada intelligencia e grande erudição nas cousas sagradas e profanas, manifestou sempre a seus collegas e discipulos grandesa d'alma e rectidão em seus julgamentos, jamais transigindo com a justiça.

Durante muitos annos foi professor de philosophia e depois de lithurgia do seminario archiepiscopal, kalendarista e examinador synodal.

Em 17 de Fevereiro de 1902 foi condecorado pelo superior geral da ordem seraphica com séde em Roma com o titulo de ministro provincial no Brazil, em attenção ao seu alto merito e aos relevantes serviços que prestou para a restauração de sua ordem na Bahia.

Instituições em Correspondencia

AMERICA DO SUL

BRAZIL

Museu Paraense de Historia Natural	Belém
Bibliotheca e Archivo Publico do Pará	»
Bibliotheca Publica do Maranhão	S. Luiz
Academia Cearense	Fortaleza
Instituto Historico do Ceará .	»
Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte	Natal
Academia Pernambucana de Lettras	Recife
Bibliotheca Publica	»
Faculdade de Direito do Recife (Revista Academica) . . .	»
Gabinete Portuguez de Leitura.	»
Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano . . .	»
Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. . . .	Maceió
Sociedade Sergipana de Agricultura	Aracajú
Archivo Publico da Bahia . .	Bahia
Bibliotheca Publica da Bahia :	»
Bibliotheca Municipal . . .	»
Club Litterario Nazareno (Nazareth)	»

Faculdade de Medicina . . .	Bahia
Faculdade Livre de Direito. .	»
Gabinete Portuguez de Leitura.	»
Gremio Litterario	»
Lyceu de Artes e Officios . .	»
Escola Polytechnica	»
Archivo Publico Nacional . .	Rio de Janeiro
Bibliotheca Nacional (Annaes) .	»
Bibliotheca Municipal . . .	»
Bibliotheca e Museu da Marinha (Revista Maritima). . .	»
Club de Engenharia	»
Estado Maior do Exercito (Revista Militar)	»
Gabinete Portuguez de Leitura.	»
Instituto Historico e Geographico Brazileiro	»
Instituto dos Bachareis em Lettras	»
Instituto Polytechnico Brazileiro (Revista).	»
Instituto da ordem dos Advogados	»
Museu Nacional (Archivos) . .	»
Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro	»
Sociedade Nacional de Agricultura (A Lavoura)	»
Archivo Publico Mineiro (Revista	Bello Horizonte
Archivo Publico de S. Paulo (Revista	S. Paulo
Bibliotheca Publica	»
Centro de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas (Revista).	»
Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo	»
Escola Polytechnica (Annuario)	»

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo	S. Paulo
Museu Paulista (Revista) . .	»
Sociedade Scientifica de S. Paulo	»
Secretaria de Agricultura, Commercio, e Obras Publicas (Boletim)	»
Instituto Historico de Santa Catharina	Florianopolis
Bibliotheca Publica Pelotense .	Pelotas

URUGUAY

Museu Nacional (Anales) . .	Montevidéo
Bibliotheca Nacional . . .	»

ARGENTINA

Instituto Geographico Argentino	Buenos-Ayres
Museu Nacional (Annaes) . .	»
Sociedad Cientifica de Buenos-Ayres.	»
Museu de La Plata	La Plata

PARAGUAY

Instituto Paraguayo	Assumpção

CHILE

Bibliotheca Nacional de Santiago	Santiago

PERU'

Cuerpo de Ingenieros de Minas	Lima
Ministerio de Fomento (Boletim)	»
Sociedade de Geographia de Lima.	»

BOLIVIA

Oficina Nacional de Propaganda Geographica	La Paz

Sociedade de Geographia de La Paz	La Paz
Sociedade Geographica de Sucre	Sucre

VENEZUELA

Academia Nacional de la Historia	Caracas

AMERICA DO NORTE

ESTADOS-UNIDOS

American Geographical Society	New-York
National Geographic Society .	Washinghton
Smithsonian Institution (Annual Report)	»
U. S. National Museum. . .	»

MEXICO

Museu Nacional de Mexico . .	Mexico
Secretaria de Fomento (Boletim)	»
Sociedad Mejicana de Geografia y estadistica.	»

EUROPA

PORTUGAL

Academia Real de Sciencias de Lisboa	Lisboa
Bibliotheca Nacional de Lisboa	»
Sociedade de Geographia de Lisboa	»

HESPANHA

Academia Real de Sciencias .	Madrid
Real Academia de la Historia .	»
Sociedade Geographica de Madrid	»

ITALIA

Revista Franco-Italiana e do Mundo Latino	Napoles
Società Geografica Italiana . .	Roma

SUISSA

Société de Geographie de Geneve (Le Goble)	Geneve
Société Neuchateloise de Geographie	Neuchatel

FRANÇA

Société de Ethnographie . .	Paris
Société de Geographie de Paris (La Geographie)	»
Société de Geographie Commerciale	»
Société de Geographie Commerciale du Havre	Havre
Société de Geographie Commerciale de Bordeaux	Bordeaux
Société de Geographie Commerciale de Marseille	Marseille

BELGICA

Société Royale Belge de Geographie	Bruxellas
Société Royale de Geographie d'Anvers.	Anvers

INGLATERRA

Royal Geographical Society .	Londres

SUECIA

Academia de Bellas Lettras, Historia e das Antiguidades de Stockolmo	Stockolmo

ASIA

INDIA PORTUGUEZA

Commissão Archeologica da India Portugueza (O Oriente Portuguez) . . . . . Nova Goa

SUMMARIO DO N. 30

PAGS.

Memoria Historica sobre a proclamaçao da republica na Bahia, pelo socio Dr. Braz do Amaral. 3
Discurso do Cons. Antonio Carneiro da Rocha, presidente do Instituto, na sessão anniversaria de 3 de Maio de 1904 51
O Padre Dr. Julio Maria. Discurso do Cons. Filinto Bastos na sessão de 21 de Junho de 1903 69
O primeiro bispo do Brazil. Memoria Historica pelo Dr. Moreira de Azevedo 83
Geologia da Bahia. Notas sobre a geologia ao longo da estrada de ferro Bahia e Minas, pelo socio Dr. John C. Branner 91
Pagina de historia. O Campo Grande da Bahia, sua origem, divida de honra, pelo socio Eng. Silio Boccanera Junior 111
A antiga ponte de Cachoeira, pelo Cons. João Torres . . 121
Um veterano da independencia. Padre Frei José Maria Brayner (O padre dos couros), pelo Dr. Innocencio Góes 135
Lavras Diamantinas. Relatorio apresentado ao Secretario da Agricultura da Bahia, pelo socio Dr. Orville Derby . 143
Actas das Sessões e Offertas em 1903 155
Actas das Sessões e Offertas em 1904 185

BAHIANOS ILLUSTRES:

Conselheiro Rodolpho Dantas. 219
Dr. Francisco de Castro 222
Dr. Pires Caldas 224
Barão de Pereira Franco 228
Conselheiro Leão Velloso 231
Almirante Custodio de Mello. 232
Dr. Adolpho Tourinho 234
Frei Joaquim do Espirito Santo 235
Instituições em Correspondencia 239

MESA ADMINISTRATIVA

Presidente—Cons. Dr. Antonio Carneiro da Rocha.
1.° Secretario—Cons. Dr. João Nepomuceno Torres.
2.° Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos.
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.
Thesoureiro—Capitão Francisco G. Ferreira Braga.

REDACÇÃO

Cons. João Nepomuceno Torres.
Prof.or Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo.
Conego Manfredo Alves de Lima.

SÉDE DO INSTITUTO—Praça 15 de Novembro.

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

1905

ANNO XII VOL. XII N. 31

1906

LITHO-TYP. E ENC. REIS & C
Rua Dr. Manoel Victorino, 23 e 25
BAHIA

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

1905

ANNO XII VOL. XII N. 31

1906

LITHO-TYP. E ENC. REIS & C.
Rua Dr. Manoel Victorino, 23 e 25
BAHIA

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

Anno XII 1905 Num. 31

O Repentista Moniz Barretto (*)

DELIBEROU o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* que, nesta sessão solemne, commemorativa do undecimo anniversario de sua fundação, se apresentasse uma memoria historica sobre a individualidade poetica de Francisco Moniz Barretto, conhecido popularmente pelo *poeta Moniz*.

Incumbido, pelo *Instituto*, de desempenhar tal encargo, eu, que não tive a honra de conhecer, de pessoa, o inspirado bahiano, recorri a apontamentos valiosos, que, sobre elle, consegui alcançar, já por meio de jornaes e obras impressas, já por meio de manuscriptos, que alguns intimos do poeta, obsequiosamente, me quizeram fornecer,

(*) Memoria lida na sessão de 3 de Maio de 1905, pelo socio João Damasceno Vieira.

e, assim apparelhado, venho submetter ao vosso esclarecido criterio o resultado de minhas investigações.

Nasceu Francisco Moniz Barretto, na Villa de Jaguaripe, a 10 de Março de 1804.

Foram seus paes o tenente-coronel Luiz Antonio Moniz Barretto da Silveira e D. Maria Francisca Pires de Albuquerque Moniz.

Prestados seus exames de humanidades, tencionava seguir para a universidade de Coimbra, afim de formar-se em jurisprudencia, quando a guerra bahiana de 1822, impulsionando-lhe a alma patriotica, o fez esquecer a propria individualidade, para assentar praça, no exercito, como 1.° cadete, e ir combater, ao lado de seus conterrancos, as forças portuguezas, revoltadas contra o grande acontecimento, proclamado, a 7 de Setembro de 1822, á margem do Ypiranga.

Assim iniciou elle a sua carreira publica, aos dezoito annos offerecendo seu sangue á mais nobre das causas, que é a da Patria.

Depois de assistir á victoriosa entrada das forças bahianas nesta capital, no memoravel 2 de Julho de 1823, quando viu pacificada a terra natalicia, marchou para o Rio Grande do Sul, como 2.° tenente de artilheria, a tomar parte na guerra da Cisplatina.

Acalmado o conflicto, em 1828, pela independencia daquella nossa provincia, emancipada em Republica Oriental do Uruguay, pediu demissão do exercito e veiu aqui, continuar a prestar serviços publicos, como 1.° escripturario da alfandega, emprego que exerceu até o anno de 1862, em que se aposentou.

Desde os quinze annos de edade, isto é, desde 1819, até 1834, entregou-se exclusivamente a improvisos, e só de 1835 em deante applicou-se, com esmero a com-

posições de gabinetes, e preparou dois volumes de versos, que, em 1855, deu á publicidade, sob o titulo *Classicos e romanticos* e sub-titulo *Exercicios poeticos*, impressos na typographia bahiana de *Camillo de Lellis Masson & C.*

O 1.° volume consta de poesias de occasião, consagradas a anniversarios natalicios, a festas de casamentos, á morte de vultos eminentes e a pessoas de amizade, e versos escriptos em albuns, sobresahindo, de todos esses trabalhos, a apologia feita á—*Mulher* poesia que serve de frontão ao livro.

No 2.° volume se acham publicadas interessantes glosas, sonetos laudatorios e satyricos e algumas odes de vôos arrojados.

Para se poder bem avaliar Moniz Barretto necessario se torna estudar o meio em que elle viveu, as fortes correntes de idéas, que nelle incidiram e o fizeram vibrar.

Naquelle tempo abundavam na Bahia talentos da ordem de Junqueira Freire, Laurindo Rabello, Agrario de Menezes, Gualberto dos Passos, Rodrigues da Costa, Luiz Alvares dos Santos, frei Bastos, d. Romualdo de Seixas, Antonio Augusto de Mendonça, visconde da Pedra Branca, Franklin Doria e a delicada poetisa d. Adelia Fonseca, a mimosa *Sapho bahiana.*

Consideravam-se quasi todos discipulos de *Moniz* e de tal se orgulhavam.

Muitos desses intellectuaes estabeleciam litterarios certames, porfiavam em medir as suas forças, glosando motes, pondo em jogo todos os recursos da mente abrasada pelo ardor apollineo e, nas festas publicas ou particulares, verdadeiras justas cavalheirescas se realisa-

vam, em prol do bello, representado ou pelo amor ou pelo patriotismo.

Assim impulsionada por personalidades brilhantes, vivia esta capital entregue a continuas festas da intelligencia, e de que Moniz Barretto era o chefe inquestionavel.

Producto desse meio effervescente, elle, por si só, representava, em todas as suas cambiantes, a alma da Bahia.

A natureza e o estimulo havia feito uma personalidade distincta de todas as outras.

Qual o seu physico e de que modo effectuava os seus improvisos admiraveis?

Ninguem mais capaz de o descrever *de visu*, do que um seu discipulo e filho, observador de talento, apreciado poeta e testemunha de suas surprehendentes victorias.

Leamos, pois, o que delle disse Rosendo Moniz, á pag. 132 de seu formoso e eloquente livro, intitulado *Moniz Barretto, o repentista:*

« O Bocage brasileiro era bastante alto, esbelto, robusto, de temperamento sanguineo-nervoso, de cutis fina e clara, de fronte amplissima, emmoldurada por basto cabello á escovinha, de olhos castanhos, semiabertos quasi sempre, mas significativos, de indole mansa e fidedigna, a reflectir-se em physionomia de continuo prazenteira.

« Quando disposto a recitar, passado o indispensavel, periodo da incubação, durante o qual, sorvida uma pitada de rapé, lhe eram indifferentes o silencio ou o bulicio dos circumstantes, a inercia ou o movimento do proprio corpo, o inspirado bahiano, batendo palmas, para chamar a attenção, e assumindo a attitude

majestosa de quem sabe imperar nas almas, desferia o pensamento na voz possante, sonorosa e firme, com a dicção irreprehensivel de esmerado ledor academico, ou provecto artista dramatico.

« Moniz Barretto poetava serenamente, decentemente, como o general que entra em fogo com todos os distinctivos e sem perder o sangue frio; incapaz de esquecer a delicadeza para com as damas ou de recuar perante adversarios temiveis...

« Por mais que se prolongasse a tensão do pensamento n'aquelle cerebro, a influencia do espirito sobre a materia fazia-se perceber apenas por ligeira transpiração, que aljofrava a fronte do repentista.

« Quanto ao dom de reproduzir integralmente, passados trinta ou quarenta annos, o que se formara n'um minuto, a memoria do ancião, promptissima e tenaz, desmentia o facto patente na ordem natural das cousas e tão explicavel pela observação psychologica, isto é, que as faculdades e as funcções se gastam com o decurso do tempo.

« Recolhido o poeta em seu lar, ou aviventando os lares alheios, bastava dizer-lhe um amigo: « Moniz, repete aquelle soneto, glosado ao verso

Ferros, escravidão, ludibrio e morte.

« Não se fazia esperar a recitação da peça inteiriça, improvisada com outras, em honra ao 2 de Julho, no theatrinho do Maciel, em 1835.

« Não obstante, porém, tantas impressões de enthusiasmo, repercutidas dentro e fóra do Brasil, parecia hoje gratuito e fabuloso o poder de tão importante intellecto aos estreitos limites de uma provincia, si aos applausos da turba, dissipaveis, quaes nuvens de

incenso e espumas do mar, não sobrevivessem magnificos versos, guardados na memoria de amigos, ou esparsos entre os papeis do auctor, ou entregues ao tempo na luz irradiante e amplissima dos prelos.

« Só em homenagem ao 2 de Julho, ha muitas dezenas de poesias, longas, em metrificações differentes, sem contar innumeras decimas e colcheias, que, por escrupulos de modestia, ou talvez esquecimento, deixaram de ser trasladadas ao papel.

« Que veia inesgotavel! Que mina de improvisos!

« Só nas columnas do *Argos Bahiano*, de 9 de Julho de 1852, estão insertos quatro sonetos, oito colcheias e seis decimas, glosados a motes de Gualberto dos Passos e Laurindo Rabello, este, modesto e condigno emulo, aquelle, despeitoso e sempre derrotado antagonista do improvisador.

« Foi por estrondosos triumphos que se firmou a primazia do estro de Moniz Barretto, habillissimo em perceber os affectos mais reconditos, ferir todas as cordas do sentimentalismo e consolar os revezes mais pungentes. »

Eis, senhores, como a penna vigorosa e firme de Rosendo soube traçar o retrato physico e intellectual de seu genitor illustre.

Como o fim principal desta memoria é trazer a publico a feição caracteristica do poeta, como repentista sem rival, escolhi, dentre as suas producções do genero improviso, trabalhos que não appareceram em seus dois livros, mas foram conservados na memoria de contemporaneos.

E' um resgate que se faz ao esquecimento; restituem-se á vida producções que, por sua originalidade, não devem cahir no abandono, que significa a morte.

Citarei os trabalhos mais notaveis.

Convidado, uma occasião, a jantar em casa de Olympio Manuel de Castro, empregado da alfandega, o qual festejava o anniversario natalicio de sua esposa, encontrou-se o poeta com o padre Pitta, que em Pirajuhia exercia as funcções de vigario.

A' mesa, por occasião dos brindes, presenciou o sacerdote os improvisos com que o repentista festejava os donos da casa e as calorosas palmas, com que o auditorio, suspenso e maravilhado, o applaudia.

Querendo tomar parte no geral contentamento, e, por sua vez, recolher, como sua, uma perola literaria, dentre as muitas que se espalhavam em torno de si, o vigario pediu ao poeta que lhe glosasse um mote.

Para este curioso incidente convergiram as attenções.

Sabia Moniz que o padre era um galanteador do sexo fragil, preoccupado com devaneios amorosos, mais entregue ás paixões do seculo, do que ao encargo de bom pastor, incumbido de encaminhar á bemaventurança o seu rebanho de Pirajuhia.

Feito o necessario silencio, o sacerdote recitou, em voz alta, este

MOTE

Duros golpes da saudade
Tenho constante soffrido;
Em lamentar tua ausencia
Tenho meu pranto exhaurido.

Pouco depois, o poeta, batendo no hombro do padre, improvisou esta

GLOSA

Reverendo. Em padre ou frade,
Perdôe-me, assenta mui mal
Paixão que produz, fatal,
Duros golpes da saudade.
Permitta a minha amizade
Fazer-lhe, pois, um pedido:
Fuja desse deus de Gnido;
Agarre-se ao breviario;
Não soffra o que por, fadario,
Tenho constante soffrido.

Faça vossa reverencia
Cruz a quem disser: « Meu bem,
Meu peito penado tem
Em lamentar tua ausencia. »
Não aras da penitencia
Lave as manchas de Cupido,
Olhe, por ter me rendido
Ao jugo desse traidor,
Eu, mil vezes peccador,
Tenho o meu pranto exhaurido.

Excusado é dizer que a glosa produziu a mais franca hilaridade.

Em vez de perola, o padre, inesperadamente, apanhou uma setta, arrojada contra o seu amor-proprio.

Outra occasião, em festa familiar (não havia na Bahia festa familiar, de importancia a que o repentista não fosse obrigado a comparecer) uma senhora de espirito, para collocal-o em difficuldades, pediu-lhe glosa para este

MOTE

Os votos que os homens fazem
São mais ligeiros que o vento.

Entre geraes applausos, Moniz fez reverter a satyra contra as mulheres, declamando esta

GLOSA

Com elles na campa jazem
Respirando inda verdade,
Duram té na Eternidade
Os votos que os homens fazem.
Mas, as mulheres que os trazem
Só no leve pensamento,
Os esquecem num momento,
E seus protestos de amar
São mais incertos que o mar,
São mais ligeiros que o vento.

Um dos seus mais bellos improvisos foi, de certo, o soneto obrigado a concluir com o verso

Isto é amor, e deste amor se morre

A inspirada producção, diz Rosendo, «irrompeu dos labios de Moniz Barretto, sob a pressão do momento, a pedido de seductoras damas, agrupadas em torno do improvisador, para lhe ouvirem a condigna glosa ao bello verso do egregio maranhense (Gonçalves Dias)»:

Ver, e do que vê logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente;
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai maguado;

Aquillo que não foi inda logrado.
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente;
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se prive;
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é — a todos nós occorre:
Isto é amor, e deste amor se vive;
Isto é amor, e deste amor se morre.

Extraordinarios tambem foram os improvisos proferidos pelo vate, em casa do consul portuguez, Augusto Peixoto, morador á ladeira de S. Bento, casa hoje occupada pelo *Hotel Pariz.*

Jantava-se. Entre os convivas explendia de formosura e de graça a celebre actriz lusitana Emilia das Neves, então no zenith de sua gloria.

Portuguezes e brazileiros, alli reunidos em fina sociedade, sentiam-se no dever de prestar homenagem á grande artista, que exercia sobre as platéas arrebatadora fascinação. Era preciso que um poeta, um ser predestinado, uma organisação superior interpretasse, por meio da palavra harmoniosa, o palpitar de tantos corações febris.

Foi acclamado Moniz para que, em nome dos convivas, erguesse um brinde eloquente e glorificador áquella fulgurante estrella da Arte.

Reconcentra-se o poeta, por um momento, emquanto a sociedade se entrega ás alegrias da festa.

Imaginados os quatorze versos de um soneto, o repentista bate palmas e, em meio um silencio quasi religioso, recita:

Por sabios e poetas sublimado
Teu nome illustre pelo orbe vôa;
Outra Ristori a fama te apregôa,
Outra Rachel no portuguez tablado.

Ao teu poder magnetico, prostrado
O mais rude auditorio se agrilhôa;
Despir-te a fronte de immortal corôa
Não pode o tempo, não consegue o fado.

De actriz o seu condão é sem segundo;
Na scena, a cada instante, uma victoria.
Sabes das almas conquistar o fundo.

Impera, Emilia! E' teu dominio — a historia;
Teu solio — o palco; tua côrte — o mundo;
Teu sceptro — o drama; teu diadema — a gloria!

Commovida e deslumbrada, deante daquella genial manifestação, Emilia das Neves levanta-se, corre a abraçar o inspirado improvisador e dá-lhe na face um beijo.

Sob a impressão electrisante desse beijo, dessa homenagem prestada por uma mulher, duplamente aureolada pela belleza e pelo talento, Moniz Barretto sente novas inspirações acudir-lhe, em borbotões, ao cerebro; impõe silencio á salva de palmas e, deante do auditorio enlevado e surpreso, declama quadras, que semelham luminosa torrente:

Como, sendo tu das *Neves*,
Musa que vieste aqui,
Assim queima o peito á gente
Um beijo dado por ti?!...

O que na face me déste,
Que accendeu-me o coração,
Não foi osculo de — *neves*,
Foi um beijo de *vulcão*.

Neves — tenho eu na cabeça
Do tempo pelos vaivens;
Tu és só *neves* no nome,
Té nos labios *fogo* tens.

Beijando, não és — das *Neves*,
Do *sol*, Emilia, tu és;
Como neves se derretem
Os corações a teus pés.

O meu, que *neve* já era,
Ao toque do beijo teu,
Todo ardor senti na chamma
Que da face lhe desceu.

Errou quem o sobrenome
De — *Neves* — te poz, actriz;
Que és das *lavas*, não das *neves*,
Minh' alma, accesa, me diz.

Chamem-te embora das *Neves*;
Vesuvio te hei de eu chamar,
Emquanto a impressão do beijo,
Que me dêste, conservar.

Oh! se de irmã esse beijo
Produziu tamanho ardor,
Que incendio não promovera
Se fosse um beijo de amor!...

Não te chames mais das Neves,
Mulher, que abrazas assim;
Chama-te antes das *Luzes*
E não te esqueças de mim.

Se me promettes, Emilia,
De hora em hora um beijo igual
Por sobre neves ou fogo
Dou commigo em Portugal.

Considera-se este um de seus mais applaudidos triumphos de improvisação.

Em folhetim, publicado no *Jornal de Noticias*, de 16 de março de 1903, o poeta bahiano Aloysio de Carvalho, sob o pseudonymo de *Lulú Parola*, deu noticia de um magnifico improviso, extrahido de um caderno particular, escripto por Moniz Barretto.

Com a maxima gentileza, o espirituoso jornalista proporcionou-me o prazer de compulsar o manuscripto, do qual extrahi o facto sensacional, occorrido no Theatro S. João.

Na noite de 6 de Dezembro de 1845, depois de ter a artista italiana Adelaide Tassini Mugnai cantado, admiravelmente, em espectaculo de despedida, Moniz Barreto, lamentando a partida, recitou de improviso este soneto:

Daqui, hoje comtigo a vida, o encanto
Se vae, inspiração da musa minha!
Euterpe que a rever-se em ti só vinha,
Ao Pindo, eil-a, volveu desfeita em pranto.

Sem ti sobrevirá triste quebranto
Ao prazer que até hoje aqui se tinha.
Té que tornes á scena em que és rainha...

Neste ponto, quatro ou seis individuos, contrarios á Mugnai, tentam interrompel-o e fazel-o calar com estrepito de pés e um grito de fóra! elle, porém, sem se perturbar, impondo silencio, com um gesto imperativo, continúa:

Nos mudos labios dormirá meu canto!

Mulher sublime! de que anjo herdaste
Essa voz sem segunda em bocca humana?
De que cofres docéo graças tiraste?

Mulher sublime! d'entre nós, tyranna,
Nunca sorte cruel, nunca te afaste,
Nem torpe intriga victorie ufana!

Prestada esta homenagem á artista, o poeta volta-se para o grupo de pateadores e de prompto lhes vibra esta satyra:

Quem de outro os direitos não respeita
E ataca intolerante alheio gosto,
De homem só possue a fórma, o rosto,
Alma de lenho tem, immunda, estreita.

Por impulsos dess'alma, ao mal affeita,
Fere ao que nobre vive no seu posto,
Sem pensar que causando aos mais desgosto,
A maiores pezares se sujeita.

De quem assim deveres atropella
O grasno ouvi, que a gravidade vossa
Manchou, de minha terra, ó gente bella!

E cuidam que isso deslustrar-me possa?
Assim não triumphaes de mim, nem della:
O oprobrio vos pertence — a gloria é nossa!

Geral foi a admiração, deante deste inesperado e estupendo improviso!

Imaginae, senhores, a explosão de palmas, que coroou a nobilissima represalia do poeta.

Outro improviso, vibrante de ardor civico, foi tambem proferido no *Theatro S. João* quando alli se effectuou imponente apotheose ao general Pedro Labatut.

Findo o primeiro acto de um drama patriotico, pronunciaram-se discursos de louvor ao valente cabo de guerra; levantadas poesias enalteceram-lhe os me-

ritos, por entre palmas e vivas; porém, a multidão, que se premia no theatro, não se mostrava satisfeita em suas explosões de enthusiasmo: precisava de uma voz, que concretizasse todos os sentimentos, de um grande poeta, que, fazendo de todos os corações uma corôa, entrelaçada de patriotismo e de gratidão, a fosse depôr, como homenagem civica, sobre a fronte daquelle official benemerito.

Vozes reclamaram: «Moniz! o poeta Moniz! fale o poeta Moniz!» «Então, diz uma testemunha do facto, Dr. Alexandre José de Barros Bittencourt, como resposta a essas insistentes acclamações ergueu-se o gigante do bahiano Parnaso!

Pareceu crescer além de sua elevada estatura!

Os traços de sua physionomia, um tanto feia se modificaram e o Moniz ficou bonito! Aquelle nariz grosso tornou-se aquilino, e de aguia foi tambem seu olhar firme e penetrante para o general, parecendo querer ir até elle nos arrebatamentos de seu estro.»

Com voz pausada e firme o repentista declamou este magistral soneto:

Vê, nobre Labatut, contempla o effeito
De tuas lides marciaes de outr'ora!
Olha como a Bahia commemora
De sua liberdade o heroico feito!

Aqui, consolação beba teu peito!
Aqui, tua saude ache melhora,
E folgue o povo que tão grato chora
Ver-te das dores no penoso leito.

Olha como te afagam os bahianos,
Como és por seus vates decantado,
Tu, guerreiro, terror dos luzitanos!

Do povo que serviste, abençoado,
Rindo de ingratos, rindo de tyrannos,
Morrerás grande, morrerás vingado!

«Sabem os que conviveram com o celebre repentista que elle facilmente reproduzia seus improvisos com a maior fidelidade, e o immenso soneto foi muitas vezes repetido, entre ruidosos applausos.»

O poeta que assim deslumbra, pelo fogo sagrado da inspiração, espontanea e brilhantissima, não é um homem vulgar, é uma capacidade excepcional, que honra á literatura de qualquer paiz.

Para dar o devido realce a esta memoria, devo apresentar agora algumas das poesias de gabinete, versos em que o estro não se expõe aos riscos do acaso, porém marcha seguro guiado pela reflexão, ao determinado fim.

Devo dizer que, entre tantas producções de elevado merito, não me foi de todo facil a escolha — tantas eram ellas a disputar preferencias perante o criterio do julgador.

As que exponho, me parece, estão na altura de ornamentar condignamente esta festa de letras:

CHRISTO NO GOLGOTHA

Ao martyrio da Cruz, de bens fecundo,
De Deus caminha o placido Cordeiro!
Em denso véo de trevas o luzeiro
Do dia se retrae com dó profundo.

Ao vozear do bando furibundo,
Treme do Golgotha o sagrado outeiro;
Dos rebatidos cravos do madeiro
Brotam faiscas que dão luz ao mundo.

Alli, de sangue lagrimas vertendo
Das Virgens a superna Majestade
Ao supplico do Filho assiste horrendo!...

Cumpre-se a pharisaica atrocidade:
Aos seus verdugos o perdão dizendo,
Morre o Christo... e renasce a humanidade.

Quando se deu *a questão Christie,* em 1862, e parecia imminente um conflicto com a Inglaterra, que havia aprisionado cinco navios nossos e ameaçado bombardear a cidade do Rio de Janeiro, Moniz Barretto, como interprete da dignidade nacional, fez de seus versos flammantes raios contra a prepotencia bretã.

Como é patriotico este brado!

REPULSA

Diga a França, diga a Hollanda
O que é este sólo-rei,
Se extrangeira mão nefanda
Toca ousada em sua grei.
Do seu heroismo ainda
Nos priscos tempos de Olinda
A gloria falando está;
De sua audacia e bravura
Ainda o echo murmura
Nos campos de Pirajá.

No seu throno fluctuante
Venha essa ilhôa feliz,
Venha, que o indio gigante
De seus avós não desdiz!
Para as bellicas porfias
Vieiras, Henriques Dias
Hão de entre nós renascer.
Quando afouto ás armas corre,
Este povo, ou vence ou morre,
Para escravo não viver.
. . . . . .

Do Gama aos netos que importa
Britannica esquadra hostil?
Abrir talvez ella a porta
Venha a glorias do Brazil!
D'America *portuguezes*
Somos, e não *irlandezes*
Que Albion sujeitos tem:
Do jugo nos desprendemos
Da mãe-patria; não seremos
Mais colonia de ninguem.

É notavel a nobre altivez com que elle pediu ao monarcha brazileiro Pedro II protecção para os soldados da independencia, reduzidos á miseria, condemnando, ao mesmo tempo o servilismo dos palacianos, que, de joelhos, beijavam a mão ao imperador:

Quem vestiu de bravo a farda
Não deve andrajos vestir;
Mão que deu fogo á bombarda
Não deve esmolas pedir.
E' um desar para o estado,
Um exemplo que ao soldado
De hoje os brios destróe,
Que ahi penem, na indigencia,
Obreiros da Independencia,
Soldados do seu heroe.

Do teu coração humano,
Sim, esperamos, Senhor,
Ver do infeliz veterano
Secco o pranto, extincta a dor.
O collo, então, reverentes,
Te curvarão mais contentes
Os velhos soldados teus.
O joelho, não; que da guerra
A lei só manda que em terra
O ponha o soldado a Deus.

Como um eloquente testemunho da sensibilidade de seu coração, possúo o soneto inedito, por elle offerecido, em Dezembro de 1860, ao Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes, após o fallecimento do filho deste cidadão o guarda-marinha José de Araujo Góes, uma das victimas do naufragio da corveta *D. Isabel*, soneto recitado na egreja da Santa Casa de Misericordia, por occasião das exequias:

Flor das mais bellas da naval cohorte
Victima do furor da tempestade,
Do pégo na profunda immensidade
Sorveu teu filho prematura morte.

Tu'alma de christão, nos transes forte,
Prostada ante a Divina Magestade,
Vem mitigar a paternal saudade,
Orar do morto pela eterna sorte.

Santa Religião, teu apanagio
Nos contrastes da vida transitoria,
Corôa, illustre Góes, o teu suffragio.

Teu filho, a quem no mundo honra a memoria,
Enxuga as vestes do cruel naufragio
Ao sol perenne da celeste gloria.

Profundamente bahiano, amando esta terra com toda a força de seu espirito, com todo o ardor de seu coração, exaltou-a num hymno de enthusiasmo, de que são estas as finaes estrophes:

Que rica vegetação
Pompêa no solo meu!
Que abundancia! que matizes!
Que brilho em tudo que é seu!
Que magestade de montes!
Que murmurio de fontes!

Nas campinas que verdor!
Que poesia, que estudo
Aqui acha o sabio em tudo,
Acha em tudo o trovador!

Eu não troco a minha terra
Por nenhuma do além-mar;
Delicias que nella góso
Noutra não hei de gosar.
Possuir os ossos meus
Só ha de — mercê de Deus,
Minha Bahia gentil,
A terra dos meus ardores
Dos meus primeiros amores
Princeza do meu Brasil!

Realisou-se a vontade do poeta. Seus ossos, piedosamente recolhidos por seus filhos Rosendo e Francisco em uma urna de metal, foram collocados debaixo de uma das lages da egreja matriz de S. Pedro, com esta inscripção, hoje apagada pelo tempo:

RESTOS MORTAES
de
FRANCISCO MONIZ BARRETTO

NASCIDO A 10 DE MARÇO DE 1804

FALLECIDO A 2 DE JUNHO DE 1868

—

O passado aqui luz. Christão, não pises
Esta lousa que sempre ha do lembrar
O egregio bardo, exemplo de infelizes,
Da patria benemerito exemplar.

—

Tributo de amor filial.

Após a sua morte, os artigos de jornaes, as poesias e discursos a elle consagrados foram reunidos em folheto, sob o titulo *Suspiros e goivos lançados sobre o ataúde do primeiro poeta improvisador da lingua portugueza, Francisco Moniz Barretto, por alguns dos seus discipulos, amigos e admiradores.* Ahi se acham, entrelaçadas em fórma de côroa, as homenagens do *Jornal da Bahia, Diario da Bahia, Bahia Illustrada, Interesse Publico,* e de D. Augusto A. Peixoto, José Lopes Pereira de Carvalho, Domingos Joaquim da Fonseca, A. A. de Mendonça, J. A. da Cunha, A. Lopes Cardoso, D. Adelia Josephina de Castro Fonseca, A. P. Chichorro da Gama, Antonio Eustaquio Moniz Barretto, D. Maria Leopoldina Ribeiro Sanches, Salles Guimarães, Francisco Moniz Barretto Junior e Silvio Mauro Moniz Barretto.

Sob a dolorosa impressão causada pelo seu passamento, o poeta Rodrigues Costa, em folhetim publicado no *Jornal da Bahia,* rendeu a Moniz Barretto levantado tributo de amizade e de veneração, dizendo:

« Não ha duvidal-o: era o *Beranger brasileiro.* Além dos dotes excepcionaes com que approuve á natureza enriquecer aquella cabeça predestinada, deu-se na vida de Moniz Barretto a coincidencia feliz de entoar as suas primeiras canções ao som dos clarins da independencia nos campos de Pirajá e do Cabrito. Poeta e soldado da liberdade, ao mesmo tempo, imaginae as impressões por que teria passado aquelle coração magnanimo, empunhando com uma das mãos o alaude, e com a outra a espingarda da Patria!

Quem sabe se a essa feliz occurrencia não poderá attribuir-se a pujança poetica daquella mente, que em toda a sua peregrinação por este mundo jámais teve um

dia, um instante sequer, em que não produzisse e produzisse bem.

Era, na verdade, uma vertente inesgotavel de poesia, que admirava a quantos se lhe approximassem.

Fossem quaes fossem as circumstancias em que se achasse, nunca aquelle estro prodigioso sentiu-se enfraquecer, nunca deixou de acudir de improviso ao reclamo da situação e do momento.»

Tal foi, em parte, o sentido preito de seu dovotado discipulo.

Moniz Barretto idealisava um poema, que deveria ter por assumpto a Independencia do Brazil, quando o victimou uma lesão cardiaca: morreu abraçado ao livro de poesias *Cantos da aurora*, de seu filho Rosendo, livro que o acompanhou á sepultura.

A' Bahia, tão ciosa em manter conhecidas e acatadas as suas glorias literarias e politicas, condecorando praças e ruas com os nomes laureados de Castro Alves, Conselheiro Saraiva, Conselheiro Dantas, Visconde do Rio Branco, Manuel Victorino e Ruy Barbosa, á Bahia corre o dever de saldar uma divida de gratidão, dando egualmente a um logar de transito publico a denominação de Repentista Moniz.

Duas palavras apenas, Repentista Moniz, despertarão no extrangeiro a curiosidade natural de indagar por que razão se perpetúa publicamente o nome de um poeta, e a explicação, senhores, será uma honra não só para esta terra, como para todo o Brazil!

Repentista Moniz!... para a mocidade estudiosa significará simultaneamente um raro engenho poetico e um caracter espartano, um prototypo de hombridade e de patriotismo, digno de ser apontado, como exemplo,

á geração moderna, que lucta pela posse de um ideal immaculado!

Repentista Moniz! nome que concretiza uma das mais movimentadas e fulgurantes phases intellectuaes por que tem atravessado esta formosa *princeza de nosso Brazil*, que esquece profundas maguas, cantando á beira-mar os feitos de seus filhos benemeritos!...

Repentista Moniz! o ser privilegiado, produzindo pela natureza para o encanto e assombro dos que o ouviram estaticos, assombro e encanto, que a geração actual recolhe para os transmittir á posteridade, como um legado precioso, como um patrimonio nacional!

Translucido espirito, que vencendo a contingencia da morte, pairas no espaço em pleno goso da immortalidade compensadora de uma vida ephemera, atravessada de acerbas provações, recebe nas minhas palavras a homenagem que o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* consagra á tua memoria!

Nos conterraneos e admiradores, aqui congregados e accordes no mesmo preito, vê a imagem de tua idolatrada Bahia, da Bahia mãe extremosa, que, neste dia de festa nacional, rememorando o que foste, exclama, pela voz do poeta Antonio Augusto de Mendonça:

.....Honrremos,
Como um thesouro de ineffavel preço,
A memoria do bardo que expirando
Coroado de louros e de espinhos,
Legou á Patria, a nós, ao mundo, ao tempo
O nome e o coração nas obras suas!

(O orador é applaudido e abraçado pelas pessoas presentes).

Damasceno Vieira.

DISCURSO

DO

PRESIDENTE DO INSTITUTO

Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha

NA SESSÃO ANNIVERSARIA DE 3 DE MAIO DE 1905

Exmos. representantes do Poder Publico — Illustres cidadãos, que accederam aos nossos convites Dignissimos associados — Distincto auditorio:

QUANDO, o anno passado, neste dia e em egual solemnidade, tive a honra de dirigir-vos a palavra, como uma das funcções do cargo que immerecidamente me confiaram, disse: Não posso ter a satisfação de annunciar-vos a prosperidade deste Instituto, pois que experimenta e atravessa elle as mesmas difficuldades que outras associações de identica ou semelhante organisação.»

É passado um anno e em vez de alviçareiro e de annunciar uma aurora, sinto declarar-vos que a nossa existencia arrasta-se em maiores difficuldades, tacteamos em noite tenebrosa.

Referia-me então á falta de pagamento das subvenções orçamentarias, alludia ao retardamento de recursos, outrora pontuaes; mantinha, porém, a esperança de

que essa situação melhorasse e que chegassemos a receber com regularidade os beneficios pecuniarios, que os cofres publicos nos dispensavam.

Hoje nos achamos em posição mais precaria, porque embora houvessemos recebido uma quota das subvenções em atrazo, dissiparam-se todas as espectativas, não nos dando mais assento no banquete do orçamento estadoal. Tinhamos uma subvenção exigua, é verdade, mas que auxiliava a nossa existencia e animava o nosso progredir, e hoje estamos privados inteiramente desse recurso.

Acreditamos que o Congresso bahiano não reflectiu no acto que praticou, arrancando a diminuta subvenção de trez contos de réis, que percebiamos annualmente dos cofres estadoaes, foi um acto desponderado e desastroso, permittam que assim qualifique a suppressão com que o poder legislativo do Estado nos fulminou.

Não foi um procedimento menos acertado sómente, mas evidentemente illegal, porque o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* não é uma associação de caracter meramente particular.

Além dos inestimaveis serviços, que ha prestado, a sua existencia foi reconhecida por uma lei do Estado, que o proclamou uma associação *de reconhecida utilidade publica.*

É assim que a resolução n. 10, de 13 de Agosto de 1895 dispoz:

«Art. 1.° É concedida á associação installada nesta capital a 13 de Maio de 1894, sob a denominação de *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, de *reconhecida utilidade publica*, como auxilio á publicação de sua *Revista Trimensal e outros encargos*, a subvenção annual de 6:000$ obrigando-se o Instituto a consagrar metade

da *Revista* á publicação de documentos ineditos do «Archivo Publico».

Art. 3.º É o governo autorizado a mandar entregar á mesa administrativa do Instituto, que ficará responsavel para com o Estado no caso de dissolução da sociedade, os objectos de ethnographia, numismatica, retratos de homens celebres existentes no Instituto Official e pertencentes ao antigo Museu do Estado, bem como os que houverem em duplicata no gabinete de historia natural e possam ser dispensados».

Esta mesma lei no seu Art. 2.º e a n. 91 de 30 de Julho do mesmo anno concederam ao Instituto loterias e alguns outros favores.

Já vêdes que a este Instituto, além de considerado de reconhecida utilidade publica, foram commettidas funcções importantes, incumbencias de valor real para a Historia e para o Estado, que as mesas administrativas que me precederam procuraram desempenhar cabalmente, o que é notorio e se póde verificar principalmente nos vinte e nove fasciculos já publicados da nossa *Revista.*

A Bahia ainda recorda-se do que foram as festas da commemoração do quarto centenario da Descoberta do Brazil e das homenagens que prestamos á excelsa memoria do eximio prégador — o padre Antonio Vieira.

O poder legislativo deu-nos estes encargos, constituiu-nos repositorio de ethnographia, de numismatica, de retratos de homens celebres, temo-nos esforçado por corresponder a tão assignalada confiança e como nos collocam na posição de quasi fechar as portas?

Desde 1895 até 1901 tivemos e recebemos do thesouro estadoal a subvenção de 6:000$000, decretada pela citada lei n. 110 e respeitada pelos orçamentos, que a ella

se seguiram: de 1902 a 1904 aquella subvenção foi reduzida á metade e, afinal, foi annullada completamente pela lei n. 535, de 30 de Junho do anno passado.

Neste procedimento do Congresso vai alguma coisa de quebramento da fé dos contratos, porque, sendo nos impostas obrigações mediante uma subvenção, não podia esta ser retirada sem que tivessemos incorrido em alguma falta.

Temos deixado de commemorar certas datas e de honrar cidadãos illustres, perpetuando-lhes a memoria e os seus feitos magnanimos por falta de meios precisos para taes glorificações.

Não faria eu esta queixa em occasião tão solemne senão visse que cada vez mais prepondera o collectivismo sobre o individualismo e em todas as relações da vida civil firma-se o principio da assistencia e da tutella dos poderes publicos. Neste mesmo Estado não se procura crear instituições congeneres a muitas existentes e que deveriam caber antes á iniciativa individual se fossem ellas precisas?

Por conveniencia de uma nova politica de intervenção do Estado em quasi todos os negocios, como o representante das diversas individualidades, que constituem a communhão social, ou pela necessidade de armaro poder de uma enorme autoridade para contrastar com as expressões mesmo legitimas, da liberdade, vemos em quasi todos os paizes, qualquer que seja o regimen politico adoptado, a preponderancia do Estado sobre o cidadão.

Entre nós mesmo, a intervenção do poder publico se manifesta e se faz sentir nas coisas minimas, sendo essa intervenção exaggerada um dos factores deste estado de atrophia e de aviltamento moral e mal social,

denunciados pelos proceres do regimen republicano e por aquelles que, tendo contribuido para a instalação do novo regimen no Brazil, não têm procurado dominar esse estado pathologico do paiz e limitam-se a denunciar e a exprobar.

Sem ir mais longe invocaremos, sobre o estado do paiz, os conceitos, justos e de uma verdade esmagadora, de um illustrado senador, ao apresentar no nosso senado, ha poucos dias, a moção de adhesão á candidatura muito natural e legitima do eminente bahiano, que é uma fulguração não só da Bahia como da America Meridional.

O illustre senador Araujo Pinho, ao começar a sua oração, disse:

« Avultam de toda a parte difficuldades e perigos. Sentem todos as inquietações de um mal-estar indefinivel. Ninguem vive despreoccupado do futuro. Reina o descontentamento, lavra a desconfiança. Cahiram em collapso quasi todas as nossas energias.

. . . . . .

« A unica realidade, que magôa dolorosamente o cidadão e o faz dar um signal de vida, ainda assim em lamentos timidos, é o imposto, que paga com sacrificio enorme para os desperdicios da megalomania. Essa apathia geral, acreditam piamente alguns esculapios politicos que é um achaque irremediavel; que géla a Nação até á medula; suspeitam outros, porém, que seja um symptoma grave de uma crise nervosa, que é prudente atalhar. »

Se lerdes outros discursos, escriptos, monographias de republicanos historicos e adhesistas, encontrareis as

mesmas reflexões, as mesmas increpações, os mesmos estigmas.

Eu quizera que esses que têm a responsabilidade da nova ordem politica não se limitassem a apontar os males da Patria e a verberal-os, mas procurassem dar-lhes remedio e dirigissem a navegação do paiz por um rumo mais seguro e recto ao porto desejado. Mas, infelizmente, vejo que no momento da acção quebram os remos e deixam a embarcação á mercê das ondas e, ás vezes, *vogam* á feição dos *ventos reinantes*, esquecendo-se o que proclamaram na vespera.

A unica força real, incontestável, poderosa e effectiva, proclamam e affirmam todos, é o poder publico, e não pedimos para este Instituto senão uma particula da influencia benefica desse minotauro.

Não posso ser censurado por usar desta linguagem. O que nos está estragando e aviltando é tambem esse apoio incondicional, é esse receio de dizer a verdade com a maxima franqueza; os eunucos só podem convir aos sultões.

Tenho esperança de que o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* venha a contar dias mais felizes, porque a Providencia Divina não nos abandona e ainda confio que a reflexão patriotica volte ao espirito dos que dirigem o Paiz.

Concluirei repetindo algumas palavras do manifesto, que o eloquente Castellar dirigiu aos eleitores de Barcelona e Valencia:

« A patria não pertence a um partido, a uma familia, a um governo; a patria, como o ar e a luz, pertence a todos; a sua vida é a nossa vida, o seu esplendor o nosso esplendor. Não espereis ser grandes cidadãos sobre as

ruinas da nação desmembrada, não espereis que os povos reduzidos á miseria, ensanguentados pela guerra, deshonrados pela bancarrota aspirem nunca o bem supremo das saúdes robustas e das almas serenas — a liberdade.

Defendendo a causa favoravel á grandeza da patria servis, sustentaes a justiça, adqueris assim a força para combater os males, que nos acabrunham e envelhecem. » (*Applausos Geraes*).

Bahia, 3 de Maio de 1905.

Antonio Carneiro da Rocha

DISCURSO

DO

Conselheiro Filinto Bastos

SUPPLENTE DE ORADOR

Na Sessão de 3 de Maio de 1905

Exm. Sr. Cons. Presidente

Meus Senhores

Si não se enramam, hoje, pelas columnas deste *Instituto* os louros viridentes da gloria, é certo que as rosas singelas da alegria perfumam esta casa, na commemoração modesta de mais um feliz anniversario.

Acontecimento não é de somenos relevancia este que aqui nos congrega: cuidados pelos estudos da Historia e de quanto nos enaltece justamente — não valem, no mercantilismo hodierno, como poderoso elemento da civilisação de um povo.

O deslumbramento das posições eminentes, a conquista rapida de riquezas colossaes, as phantasias do mando absoluto para a sujeição de todos e de tudo ao poder majestatico do ouro, eis a preoccupação, universalmente endeosada, dos espiritos chamados superiores, daquelles a quem, dizem, se devem confiar a direcção

suprema das sociedades e os destinos mysteriosos dos seculos. Quedam em plano infimo, na penumbra da indifferença, os obreiros do progresso; e não só a turbamulta dos trabalhadores anonymos, mas até não raro aquelles que foram assignalados genios pela dextra do Omnipotente. Si algumas vezes a palavra santa da verdade exalça os grandes benemeritos, nas reivindicações da Historia; quantas outras esmorecem, definham e morrem as arrojadas dedicações, como aconteceu ao immortal Genovez, descobridor do Novo Mundo, a cujo espirito magnanimo falhou até, na phrase de um escriptor americano, a consolação da realidade de sua empreza, entre os gelos da velhice e os cuidados da penuria, o desdem da multidão inconstante e a injustiça de um rei ingrato!

Não desertarão, entretanto, seus postos os fieis lidadores; porfiarão por seu idéal, norteados, attrahidos, pelo pharol do progredir. Alenta-os a esperança de que, cedo ou tarde, será conhecida a solidez dos alicerces que levantaram, a utilidade do edificio que construiram: é quanto lhes basta. Que importa conhecer-lhes os nomes?

Nossa modesta instituição, meus Senhores, vae aos poucos enthesourando em seu archivo monumentos preciosissimos, que, desconhecidos, ou menosprezados, seriam, sem a sua efficaz e paciente cooperação, entregues á destruição do tempo ou das chammas.

Sua bibliotheca, onde se encontram poucos milhares de volumes, entre os quaes algumas obras hoje raras, outras de elevado custo e alguns mappas importantes; suas collecções, muito pobres embora, e não classificadas devidamente; deixam-nos a grata convicção de que, si este *Instituto* não tem feito muito e se acha á grande distancia do alvo desejado, nem por isso tem ficado

ocioso, ou timorato ante os empecilhos que lhe têm surgido em frente. Sua *Revista*, cuja publicação ha encontrado as maiores difficuldades para ser feita regularmente, attesta que improficuos não têm sido os esforços envidados para o exame das nossas chronicas, a descripção de edificações celebres, a conscienciosa collaboração na formação da Historia Brasileira. E tudo isto, com que recursos, com que fontes abundantes de receita? Com os sacrificios da boa vontade, com as energias, que se vão esgotando, de algumas dedicações raras!

Installado definitivamente em 13 de Maio de 1894, graças á patriotica iniciativa de conspicuos bahianos, alguns dos quaes já escondidos nas estreitezas do sepulcro, mas considerado como data official de sua installação o dia 3 de Maio, em homenagem ao *Instituto Historico da Bahia*, fundado em 1856; o nosso instituto declarado instituição de utilidade publica por lei do Estado, tem visto, pouco a pouco, apagar-se-lhe a luz, que o deixava mover-se, mais ou menos desembaraçado, na realisação de seu nobre e grandioso empenho. Mas, nem por isso abandonou o campo, e vae e irá por deante, animado pela fé, que, no dizer das santas escripturas, pode remover montanhas.

E que grande emprehendimento não tem sido varrido pelo tufão das contrariedades? Seria pretender para a nossa instituição o cumulo das venturas, que raramente bafejam as emprezas desinteressadas e verdadeiramente patrioticas, esperar que sómente flores tivessem de coroar-lhe a existencia.

E é de salientar-se que, tendo tido vida muito curta o instituto de 1856, sem embargo dos nomes que o prestigiavam, este vae, já por 11 annos, satisfazendo os

pesados compromissos que contrahiu, relativamente prospero, não obstante os desfavores, que não tem merecido. E seria isto motivo poderoso de grande consolação a todos os que amamos esta generosa terra, cujo progredimento não acompanha os surtos de aguia soberba, mas se opera de um modo lento e calmo. Oxalá possa a nossa sociedade continuar, embora morosamente, na trilha, pela qual, com patriotismo, enveredou, e que daqui a muitos annos se vejam ainda os fructos de seus labores! Será pelo menos um protesto da Bahia contra os que se atreverem a lapidal-a como refractaria aos impulsos da civilisação.

Em 1503, a segunda expedição mandada pelo Rei Venturoso a explorar o littoral do Brasil descobriu a bahia de Todos os Santos, em cujas aguas esmeraldinas se reflectiu, algum tempo depois, do alto de suas collinas, a Villa Velha do Caramurú, e mais tarde, a cidade do Salvador, fundada por Thomé de Souza, e capital do governo geral do Brasil. Prosperando a sua colonia americana. resolveu Portugal dividil-a em dois governos geraes, continuando na Bahia a séde do governo do norte.

São bem conhecidos os fastos da nossa vida colonial. Si durante as guerras que teve de enfrentar se mostrou a cidade do Salvador capaz de luctar e resistir, como na expulsão dos hollandezes, no remanso da paz cultiva carinhosamente as sciencias, as letras e as artes, enviando á metropole homens superiores pelos talentos e pelo saber. Distingue-se entre os classicos da lingua um padre Francisco de Souza; assombra ás côrtes a satyra inexcedivel de um Gregorio de Mattos; admiram-se a paciencia e os estudos de Fr. Vicente do Salvador e de Sebastião da Rocha Pitta; brilham nas cathedras da Universidade de Coimbra, entre outros, José da Silva

Lisboa e Alexandre Rodrigues Ferreira: e por toda a parte, e sempre, ostenta a Bahia os magnificos brazões da alta mentalidade e do real merecimento de filhos gloriosos.

Nas luctas da independencia, os seus soldados, na maioria bisonhos e mal apercebidos para os misteres da guerra, sabem portar-se com denodo, dispostos a todos os sacrificios do patriotismo; e mais que isso, as filhas dos claustros não receiam disputar a palma do martyrio, quando não cingem as frontes dos vencedores com as coôras entretecidas, em meio a fervidas preces ao Senhor Deus dos exercitos pela redempção da Patria querida.

Proclamado o Imperio, na Constituinte, os seus representantes se mantêm firmes na altura da confiança que mereceram; e depois, pouco a pouco, a Bahia, gloriosa entre as gloriosas provincias, que desde o alto norte, onde são assombro e maravilha as grandezas do Amazonas, até ao extremo sul, onde, ás rajadas do *minuano* se tem levantado mais de um Cid triumphante, e onde, na expressão feliz do nosso Castro Alves,

> não treme o livro de hombrear com o sabre
> nem cora o sabre de chamar-lhe irmão,

a Bahia, meus Senhores, conquistou a hegemonia na direcção suprema do governo. Essa hegemonia não lhe foi contestada pelas notabilidades superiores das demais provincias brasileiras, porque era o galardão do seu reconhecido merito, visto como, na phrase do eminente representante do Ceará, o illustrado senador Pompeu, «quasi todos os nossos homens de estado, que haviam fulgurado na politica, eram filhos da Bahia.»

E' que a supremacia imposta pela prudencia e pelo criterio, oriundos do estudo e da meditação, revela

incontestavelmente um gráo de cultura, que só o amor do progresso, o zelo pela civilisação, podem formar. E a Bahia, meus Senhores, mesmo com a sua edificação antiquada, desprovida de quasi tudo quanto as necessidades do transporte, os conchegos do conforto, têm estabelecido para as cidades e populações bafejadas pelas auras da riqueza ou transformados pela cornucopia dos favores publicos, acariciou sempre, acaricia ainda, os dons da intelligencia, as dadivas puras do espirito; e muito embora presa de ferrenhos pulsos, que não a deixavam mover-se e sublimar-se, como pretendia, nem por isso odiava o progresso, cujos beneficios conhecia e amava, e oppunha ao atrazo material, que a atrophiava a contragosto, a sua opulencia mental.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia saberá guardar as tradições bahianas, transmittindo-as ás gerações vindouras, para que possam dignamente defendel-as e honral-as, quando lançarem improperios contra a estatua da heroina derribada de seu pedestal pelos caprichos do destino.

Cumpre-nos a todos secundar, alentar os esforços daquelles que, com seriedade, se hão imposto a tarefa de resolver o problema da vitalidade deste *Instituto.*

Tão digno de encomios, como o alargamento do commercio de um povo, pela abertura de novos caminhos para a facilidade das communicações e dos transportes; tão elogiavel quanto um seguro plano, segundo o qual a publica riqueza não se avoluma com a miseria crescente dos contribuintes, mas se constitue, graças a bem entendida economia e á sabia exploração de novas fontes de receita, ou das já existentes; é a animação ás instituições que visam á divulgação das letras e das sciencias, augmentando os cabedaes do saber de um povo, pois é

este o cadinho onde se apura a sua cultura espiritual, e a prova do que pode elle valer ante as nações verdadeiramente progressistas.

É tambem hoje dia de festa nacional, pelo descobrimento do Brazil.

Tantos annos decorridos já, e, no entanto, parece, meus senhores, que o extraordinario successo não corresponde ainda em realidade benefica ás esperanças que elle trouxe comsigo alviçareiras.

Como que ao genio de seu destino se oppõe, inflexivel, medonho collosso, engendrado pela inveja e pelo odio, a embargar-lhe os passos na conquista de suas glorias, impossibilitando a posse definitiva e perenne de todos os dons da liberdade; e para a victoria do insidioso Satan não se ergueu ainda um daquelles magnificos Archanjos das sublimes legiões, de que nos fala a inspiração de Milton. Impetos de coragem, esforços ingentes, luctas renhidas, tudo tem ficado muito aquem do resultado entrevisto; e assim vae o desanimo, como se fôra lei irrevogavel e fatal, avassalando a tudo, lembrando aos bastardos do progresso a sublimidade do Nirvana do Oriente.

Qual o ponto culminante da historia patria, que pode assignalar a pujança de seu desenvolvimento, a plena maturidade de sua capacidade politica? A vida nacional, politica, de um povo começa propriamente com a sua independencia, com a sua illimitada autonomia; os feitos brilhantes, ou luctuosos, do periodo colonial, ainda que reflictam o seu poder e caracter, vão de direito incorporar-se á historia da metropole.

Si nossas vistas se volverem para o preterito, e perscrutarmos quanto succedeu desde que D. João VI

aportou ás plagas brazileiras até a proclamação do Ypiranga, não sei si o brado de — independencia ou morte! — do primeiro imperador, foi a sublime expansão de uma alma apaixonada pela nacionalidade brazileira, ou o prudente assentimento, feito, de modo solemne, ao paternal conselho de depôr sobre a cabeça uma corôa que ousado aventureiro poderia cobiçar.

Tivemos uma independencia, em que se manteve o desconhecimento da egualdade dos brazileiros, que continuaram divididos em senhores e escravos. O mesmo crime fôra perpetrado pela grande nação norte-americana; alli, porém, o sangue derramado em uma guerra pavorosa procurou purificar a delinquente; não obstante, expungida a nodoa do captiveiro, continuou a sombra da antiga dominação a empanar, até hoje, a liberdade nos Estados Unidos, onde não se supporta a equiparação entre brancos e negros, como si estes não tivessem tambem coração para a terra, em que nasceram. È certo que o nosso mal de origem mereceu logo os cuidados de alguns patriotas, para ser attenuado, emquanto não erradicado das instituições. Decretada a suppressão do trafico africano, só muitos annos depois é que, effectivamente, cessou, graças em grande parte ao glorioso brazileiro adoptivo, nascido em terras da Africa, o venerando Eusebio de Queiroz, não nos faltando tambem o aviso da vigilante Inglaterra, chamando-nos ao cumprimento do dever.

No Brazil, a lucta pela liberdade dos escravos teve scenas grandiosas, mas ficou muito aquem da tragedia da grandiosa Republica da America Septentrional.

Fizemos a abolição gradualmente; e foi essa a conquista liberal, que interessando o povo e os seus representantes na assembléa, vibrou mais intensamente a nota

do patriotismo. O coração da Patria estremeceu de jubilo em 13 de Maio de 1888. Entretanto, meus Senhores, emquanto o mais brilhante acontecimento da nossa vida parecia aclarar os horisontes da politica brazileira com as irradiações da liberdade, minava-nos internamente um grande morbo; a desconfiança, o despeito, a preterição de representantes das classes armadas haviam, desde alguns annos, levantado contra os ministerios e a Corôa a voz do protesto, nem sempre comedido e respeitoso; e os que se locupletavam com os trabalhos dos escravos, os herdeiros dos traficantes do ebano humano, juntaram surdas, mas odientas, imprecações contra o *poder pessoal*, tão malsinado pelos partidos em opposição, e veio a explodir inopinadamente em 15 de Novembro de 1889 a abolição da monarchia.

Proclamada a Republica, estupefacto o povo, surpresos na sua maioria os campeões da propaganda anti-monarchica; dentro em pouco a intriga e as ambições começaram de tentar o aviltamento da grande aspiração da democracia; e até inimitavel jornalista, que, no *Diario de Noticias*, da côrte, havia com tanto denodo profligado os erros dos ultimos governos, mostrando-lhes o unico caminho a seguir, sentiu como a perfidia e a baixeza procuravam anniquilar os seus planos de ministro da fazenda do governo provisorio, e teve o mesmo eminente patriota e sabio jurisconsulto de oppôr á republica do estado de sitio a ante mural do *habeas-corpus*, em orações demosthenicas.

Proclamado o imperio, Pedro I, por um acto violento, dissolveu a Constituinte, para mais tarde, em 25 de Março de 1824, nos entregar a carta pela qual nos regemos até 1889; teve, porém, o primeiro imperador de abdicar, forçado a ir procurar no reino portuguez um

sceptro, que o Brazil já lhe não podia confiar. No segundo imperio, mormente depois do acto addicional, algumas leis, alguns actos, puzeram em relevo a nossa vida politica, servida por um parlamento, ao qual não faltaram talentos de escol, caracteres adamantinos. Algo se fez, é certo; muito pouco, entretanto, para as nossas necessidades reaes, substituindo-se os dois partidos nas pastas do governo, embaraçando na opposição o que pretenderam quando nas graças da Corôa, e declarando optimo quanto anteriormente qualificavam de pessimo. Sabemos de pamphletos causticantes, de phrases mordentes, de alguns politicos, que occuparam posições eminentes, expondo a pessoa do monarcha á irrisão, quando não á execração publica, e deprimindo os altos postos da governança, que diziam occupados por lacaios do paço, a cujas fardas alcunhavam sarcasticamente de *librés*. Não obstante, tivemos a abolição da escravidão, a verdade eleitoral, muitas leis notaveis, e recebemos do extincto imperio o territorio nacional integro, justamente em um periodo em que era elevadissimo o nosso credito, a ter importancia o cambio de nossa moeda.

Com o governo republicano, é innegavel que a nossa diplomacia, especialmente representada pelo barão do Rio Branco e pelo Dr. Joaquim Nabuco, tem regulado brilhantemente antiquissimas pendencias internacionaes de limites, e os nossos direitos, si não sempre, têm alcançado quasi sempre plena victoria. Parece-me, porém, que algum perigo se insinua pelos estados, que se olham pouco amistosamente, por causa de limites litigiosos, dando logar a scenas, como as occorridas entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, o Paraná e Santa Catharina; e não sei si algum perigo maior se nos antolha, attenta a desorganisação de nossas classes armadas, oriunda, em

grande parte, da falta de confiança, particularmente do exercito, no chefe do governo da republica, ou nos seus secretarios.

« Diz-nos a historia, observa o illustre militar e escriptor portuguez, Osorio de Vasconcellos, diz-nos a historia, a manifestação empirica da lei providencial que concatena os factos e os acontecimentos, que os paizes sem organisação militar são destinados fatalmente a morrer pela conquista. Ora, na organisação militar é mistér evitar dois escolhos, dois parceis, ambos egualmente perigosos: o despotismo, pelo exercito; a conquista, pela ausencia delle. »

Não serei eu quem vos diga, meus Senhores, si taes escólhos se levantam pavorosos ante a nave da Patria, e si aparcellado é o mar que ella singra; vós o sabeis melhor do que eu.

Sem embargo de muito preconizada a consolidação da Republica, é indubitavel que alguns elementos, muito poderosos, lhe fallecem ainda para a confiança do povo, para que este ame ao governo de seu paiz, pois que tal governo, si lhe não pareceu extemporaneo, lhe apparece ainda como uma constituição incompleta, que se não amolda ás suas mais palpitantes necessidades, como uma democracia invertida, em que o governo não é do povo pelo povo, mas a submissão do povo ás olygarchias, que se succedem.

Enfrentando a Patria querida, cingindo a clamyde pura da Republica liberal e justa, levantemos os corações ao Omnipotente para que desappareçam as tenebras, que a envolvem, accumuladas pelo egoismo e pela perfidia.

A data gloriosa de 3 de Maio não deve ter as scintillações offuscadas pelos erros da Republica de 15 de Novembro de 1889; o amor da Patria, que, na phrase do poeta

inglez, só se anniquila pela morte, pode operar prodigios, fazendo echoar o clarim da justiça, e chamando á culminancia da direcção dos publicos negocios os mais competentes pelo talento, pelo saber e pelas virtudes, sem preoccupações de interesses de alguma zona, que pretende os foros de privilegiada, nenhum outro privilegio sanccionando que o resultante do merito excepcional provado em muitas refregas, por muitas victorias corôado.

Desculpae-me, Senhores, si vos roubei o tempo, externando-me tão incompetentemente sobre assumptos extranhos ao discurso official desta solemnidade, o qual, segundo disposição estatuaria, devia ser consagrado á memoria dos socios fallecidos.

Espero que os meus illustres consocios me hajam de antemão relevado falta involuntaria, que se originou da impossibilidade em que me achei, convidado ha poucos dias para substituir o orador official, de colher dados biographicos dos socios fallecidos nestes ultimos annos, sendo que, dentre elles, alguns ha, cuja necrologia impunha detido estudo e apreciações elevadas e ficaria sacrificada por ligeiros e incompletos traços biographicos.

Nem por isso deixará o *Instituto* de ir em pia romagem á silenciosa e santa cidade dos mortos, levando aos tumulos dos companheiros, que já se foram, braçadas de cyprestes e corôas de goivos e saudades, symbolos de piedosa recordação, reverente preito a sua memoria. E os crentes, além dessas demonstrações do culto humano,

farão votos pela beatitude intermina daquelles, a cujos olhos embaciados passou a derradeira visão da existencia quando recebiam o osculo de infinito amor, de paz eterna do Redemptor dos homens. *(Applausos geraes).*

Bahia, 3 de Maio de 1905.

Filinto Bastos.

RELATORIO

DO

PRIMEIRO SECRETARIO

Cons. João Nepomuceno Torres

Exm. Sr. Cons. Presidente,

Illustres Consocios:

ABE-ME ainda uma vez a honra de occupar a vossa attenção, no cumprimento do dever que me impõem os estatutos, não só para apresentar-vos as minhas sinceras congratulações na presente sessão magna, em que o *Instituto* commemora o 11.° anniversario da sua installação, como tambem para relatar as principaes occurrencias havidas durante o anno social, assumpto este pouco attrahente e para o qual peço toda a vossa benevolencia.

O anno que passou, se não foi dos mais felizes e proficuos para o *Instituto*, não deixa comtudo de attestar que a nossa associação continúa a dar irrecusavel testemunho da nossa dedicação ás lettras patrias, correspondendo á grandeza dos fins a que elle se destina.

Dir-se-ia entretanto que o desanimo, o indifferentismo vae-se apoderando tambem do alentado espirito de muitos dos nossos consocios, attenta a escassez dos trabalhos

apresentados, quando o *Instituto* conta em seu seio as maiores mentalidades da Bahia.

Sustentando-se pela boa vontade de alguns homens em quem não tem faltado a coragem civica de levar de vencida as difficuldades que surgem, o *Instituto* muito já tem cooperado para a elucidação de certos actos historicos.

A nossa *Revista* dá testemunho, nos seus 10 volumes já publicados, do brilhantismo com que foram celebrados os centenarios do grande e famoso orador padre Antonio Vieira, e do descobrimento do Brazil; a publicação de documentos ineditos sobre a guerra da Independencia na Bahia; a revolução da *Sabinada*, que não podia ser escripta no regimen extincto; a proclamação do governo federativo na cidade de Cachoeira, em 1832, ou a revolução dos *Guanaes*; as questões de limites com os Estados visinhos; as explorações dos subterraneos da capital, e muitos outros acontecimentos de que os escriptores ignoravam, por completo, por terem sido saqueados os documentos que agora vão apparecendo em mãos particulares e nas repartições da Capital Federal, onde foram vendidos.

Como sabeis, a historia não é uma simples descripção de factos: elles devem ser estudados á luz da critica philosophica.

Como diz o Dr. Augusto de Lima, distincto literato e director do *Archivo Publico Mineiro*, ella não é uma photographia morta de acontecimentos e de homens. E' um tribunal aberto, em que a posteridade julga com os elementos da ultima cultura social.

E, si é certo que a historia do Brazil, como a da Bahia, está eivada de lendas e erros graves, o benemerito Instituto Historico Brazileiro, e os demais Institutos

que se têm fundado nos Estados, muito se têm esforçado, revolvendo os archivos da Europa e da Republica para que a verdade historica seja restabelecida, com a publicação de Memorias e outros trabalhos em suas *Revistas*.

O nosso illustrado orador e historiographo, Dr. Braz do Amaral, que está em caminho da Europa, tomou a si a ardua e espinhosa tarefa de fazer a historia do periodo republicano na Bahia.

A sua 1.ª conferencia versou sobre os luctuosos acontecimentos de 24 de Novembro de 1891 e consequente deposição do governador eleito Dr. José Gonçalves da Silva, que elle estudou á vista das noticias da imprensa e recebendo informações minuciosas das proprias figuras que nelles tomaram parte. Esse trabalho, como já disse aqui, não foi seriamente contestado, apezar da longa serie de artigos publicados pelo ex-governador.

No anno passado leu elle a sua 2.ª memoria sobre a Proclamação da Republica na Bahia, estudando a *Propaganda*, o 15 *de Junho* e, finalmente, os dias 16, 17 e 18 de Novembro de 1889.

Hoje vinha entreter o Instituto com a 3.ª Memoria, em que se occuparia das 3 administrações dos governadores Dr. Virgilio Damasio, Dr. Manoel Victorino e sua deposição, e do Marechal Hermes da Fonseca, trabalho este que ficará adiado para o anno vindouro.

Senhores, nós do Instituto tomámos o compromisso de dizer a verdade, ainda que desagrade e por mais dolorosa que ella seja.

Nada de subterfugios. Tudo entre nós está por se fazer.

Não ha um observatorio e não temos a hora official; não temos um museu nas condições em que se acham

os dos Estados de S. Paulo e do Pará; não ha museu commercial onde o extrangeiro de relance veja os nossos productos. as nossas riquezas mineraes, com os respectivos preços e logares onde são encontrados; não ha uma chorographia completa dos nossos municipios, de fórma que os seus limites não são conhecidos, ignorando-se até as datas da creação de muitos delles e das respectivas freguezias; não está devidamente organizado o serviço de estatistica e cadastral, geographico e geologico do Estado, emfim os nossos archivos... vão mal amparados.

Que nos reserva o futuro? O Instituto, sem o auxilio official, poderá executar esse programma vasto e grandioso que se acha traçado em seus estatutos?

—

O Instituto, durante o anno social de 1904, celebrou 9 sessões ordinarias, além da sessão magna de 3 de Maio, todas presididas pelo nosso infatigavel e illustre presidente, conselheiro Carneiro da Rocha, a quem o Instituto em bôa hora confiou a sua direcção.

Procedeu-se a eleição da mesa administrativa. que foi reeleita, e das commissões que deviam funccionar durante o anno social; foram tomadas as contas ao sr. thesoureiro, e votado o orçamento da receita e despesa, sendo tomadas outras medidas administrativas.

Por proposta dos socios Aloysio de Carvalho e Damasceno Vieira, o Instituto devia commemorar, com uma sessão solemne, a 10 de Março do anno passado, o primeiro centenario do nascimento do grande poeta repentista bahiano Francisco Moniz Barretto. Por circumstancias que o Instituto conhece, essa commemoração não se fez nesse dia, e na sessão de hoje o sr. Damasceno Vieira fará o elogio do poeta com a competencia que todos lhe reconhecem.

A' exposição universal de S. Luiz concorreu o Instituto, enviando photographias e os diversos trabalhos que tem publicado, e nos é grato mencionar que o Instituto foi graciosamente premiado com uma medalha de ouro, no grupo 8.º— *fórmas diversas de educação.*

Tão esplendido triumpho, sómente conferido a outro Instituto, o de São Paulo, se deve á publicação da Carta de Vaz Caminha, contendo o fac-simile do texto original, a versão em italico no portuguez da época e no portuguez actual.

Durante o anno passado teve o Instituto a infelicidade de perder onze consocios, cujos nomes aqui registamos com saudade, e são elles: major José Domingues Codeceira, a 10 de Janeiro; dr. Aristides Augusto Milton, a 26 de Janeiro; commendador Manoel Pinto Novaes, a 14 de Fevereiro; commendador Albano Pereira de Carvalho, em Lisboa, a 29 de Fevereiro; commendador Laurindo Alves de Oliveira Regis, a 2 de Março; dr. Antonio Pereira de Castro, a 10 de Março; dr. José Octacilio dos Santos, a 15 de Maio; capitão Ignacio Mendo Filho, a 18 de Junho; dr. Manuel Alfredo de Carvalho, a 5 de Agosto; dr. José Isidoro Martins Junior, a 22 de Agosto; e dr. José Joaquim Peçanha Póvoa, a 16 de Setembro.

Foram proclamados socios honorarios: o professor Antonio Alexandre Borges dos Reis e o dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, lavrando-se na acta respectiva um voto de louvor ao distincto diplomata e literato pelo zelo e alta competencia demonstrados na questão de limites com a Guyana Ingleza.

Foram inscriptos: na classe dos effectivos, os drs. Oscar Freire e João Alfredo Conde; na dos correspondentes, o dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo,

distincto advogado residente no Recife; o dr. Goran Bjorkman, da Academia Real da Suecia; conde Angelo de Gubernatis, distincto professor da Universidade Real de Roma; Xavier de Ricard, redactor do *Figaro*, em Paris; Philéas Lebesgue, literato, residente na França; d. Leonardo Elliz e d. Clemente Barahona Veiga, jornalistas chilenos; dr. d. Pedro Ezcurra, chefe da commissão argentina de limites com o Brazil, residente em Boenos-Aires; e Julius Meili, o grande numismata, residente em Zurich, na Suissa.

Entre as muitas offertas de livros, mappas, moedas, medalhas, jornaes e artefactos indigenas feitas ao Instituto, destacarei as seguintes:

Pelo exm. conselheiro presidente: uma collecção de Annaes do Parlamento Brazileiro, no antigo regimen, 4 moedas e uma estante para o salão da bibliotheca.

Pelo socio major Rogociano Pires Teixeira, o facsimile da Constituição da Republica, em 24 de fevereiro de 1891; 68 volumes de Annaes do Parlamento, sendo 23 encadernados, 34 volumes de relatorios de ministros e 92 fasciculos da *Revista Brasileira*.

Pelo socio conselheiro Luiz Vianna: 11 volumes contendo os mappas e as Memorias apresentadas pelo Governo Brazileiro ao da Suissa, na questão de limites da Guyanna Franceza com o Amapá.

Pelo socio dr. Francisco Marques de Góes Calmon: o protesto, em original, elaborado, pelo dr. Augusto Guimarães, presidente da Camara Municipal da Bahia, contra a proclamação da Republica em 1889.

Pelo socio desembargador Thomaz Montenegro: Copia do tratado de Petropolis com a Bolivia sobre o territorio do Acre: questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, 2 volumes.

Pelo socio dr. Felix Gaspar: Sertum Palmarum Brasiliensium do sabio naturalista brazileiro Barbosa Rodrigues, 2 volumes, e o mappa geographico do Estado do Amazonas.

Pelos socios Damasceno Vieira e engenheiro Silio Boccanera os seus trabalhos — *Memorias Brasileiras*, 2 volumes, e *A Bahia* a *Carlos Gomes*.

Pelo socio dr. Satyro Dias: o Atlas do Brazil pelo senador Candido Mendes de Almeida, obra rara, e exemplares do volatil Bartholomeu de Gusmão, invenção do alferes Paulino Nuro.

Pelo socio Barão de Stuart: as publicações commemorativas do tricentenario do Ceará e a fundação da cidade de Fortaleza.

Pelo socio Julius Meili: moedas da colonia do Brazil e O Meio Circulante no Brazil, valioso album da moeda fiduciaria de 1771 e 1900.

Pelo socio conselheiro Filinto Bastos: varias publicações sobre a India Portugueza.

Pelo socio dr. Manuel de Mello Cardoso Barata, senador federal: os annaes do senado federal de 1899 a 1903, e relatorios do presidente do senado.

Pelo socio dr. Paula Guimarães: annaes da assembléa constituinte de 1823 e collecção completa dos Annaes do Congresso Federal de 1891 a 1903, 107 volumes.

Pelo socio dr. Joaquim Aurelio Nabuco: 18 volumes de Memorias, inclusive o Atlas, sobre a questão de limites com a Guyanna Ingleza.

Pelo socio dr. Frederico Lisboa: o retrato em moldura de seu pai, o chefe de divisão Augusto Wenceslau da Silva Lisboa, um dos veteranos da Independencia do Brazil.

Pelos socios dr. Joaquim Piza e Almeida e dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo: varios opusculos sobre assumptos historicos, politicos e economicos.

Pelo Cons. dr. Cincinato Pinto da Silva: 40 volumes de obras diversas encadernadas.

Pelo academico Lafayette Borburema: um amarrado de flechas e ornatos indigenas da região amazonica.

Pelo dr. Manuel Alvaro Sá Vianna: Actas e discussões do Congresso Juridico Americano, em 1900, 2 volumes.

A situação financeira do Instituto ainda não é lisongeira, como fez salientar o conselheiro presidente.

A suspensão da subvenção concedida pelo Estado, durante o quatriennio passado, veio perturbar a vida economica do *Instituto.*

Tendo, porém, o illustre governador do Estado accedido á solicitação que lhe foi feita pelo conselheiro presidente e mandado satisfazer o debito do Estado para com o *Instituto* na importancia de 15 contos de réis, com essa quantia será paga a divida fluctuante e amortizado em grande parte o debito hipothecario com o *Banco Auxiliar,* a quem é egualmente entregue a subvenção federal na importancia de 5 contos annuaes.

Pelo balancete da receita e despeza, apresentado pelo nosso digno thesoureiro, a receita do anno passado importou em 5:506$333 e a despeza em 5:183$967 com um saldo a favor do *Instituto* de 322$366.

Por esse motivo a impressão da nossa *Revista* não se tem feito com regularidade; e tendo o nosso operoso consocio professor Borges dos Reis mandado fazer á sua custa a publicação das *Revistas* correspondentes aos annos de 1902 e 1903 a mesa administrativa não

póde deixar de lhe render, de publico, sincero tributo de reconhecimento.

Convém que providencieis sobre a impressão das *Revistas* de 1904 e de 1905, para que não fique assás retardada a publicação dos nossos trabalhos.

Senhores consocios: Permitti que antes de ceder a palavra ao illustrado collega e emerito professor, que vae substituir ao orador do *Instituto*, eu faça um appello, cheio de confiança, ao vosso patriotismo.

Fechae os vossos ouvidos aos que procuram entibiar o vosso animo.

Persistencia e coragem no trabalho!

A poderosa Companhia de Jesus, que teve o seu inicio pela reunião de dez associados, progrediu tanto que um historiador brazileiro, o Sr. Mello Moraes, chegou a dizer que ella nunca teve infancia, — nasceu viril.

De vossas luzes, pois, e do vosso concurso principalmente, depende o futuro e o engrandecimento do *Instituto*.

Bahia, 3 de Maio de 1905.

O 1.º Secretario,

João N. Torres.

BAHIA-ESPIRITO SANTO

LIMITE ENTRE OS DOUS ESTADOS

MEMORIA LIDA NA SESSÃO MAGNA

DE

3 DE MAIO DE 1906

PELO ORADOR

DR. BRAZ DO AMARAL

Em nome do *Instituto* agradeço aos senhores presentes o terem vindo aqui.

Numa sociedade tão profundamente doente como esta, tão seriamente ferida nas funcções essenciaes á vida, que parece já condemnada á morte pelo marasmo, pela asphyxia lenta, pela anemia desoladora dos organismos fadados a desapparecer, tão tristemente attingida pelas causas deprimentes que de ha muito agem para esmagal-a, que a estrangulam no peior dos anniquilamentos, é sempre motivo para jubilo notar que algumas pessoas, almas mais altruistas, ou caracteres mais energicos, reagindo contra o torpôr, a indifferença estiolante, o somno enervante que pesa sobre tudo e sobre todos, vem ainda aqui, a sessão de uma instituição da ordem desta, resignadas a perder duas ou tres horas fóra dos elementos acabrunhadores mas empolgantes que levam de vencida a nossa terra, a nossa sociedade, a nossa vida civil, outr'ora tão vivaz e tão energica, na onda derivante em que segue arrastada, com as illusões e as esperanças perdidas, na submersão

das mais nobres instituições decahidas, como os jurys que se desmoralisam cada dia mais, os parlamentos votados desde a origem ás mais miserandas apprehensões e que se revelam não poucas vezes indignos da sua eminente missão.

Tem o Estado da Bahia os mesmos limites que a antiga provincia deste nome por havel-o assim estabelecido um decreto do Governo Provisorio e tinham as provincias os das antigas capitanias que nellas se achavam incorporadas, pelo haver assim declarado o Governo Imperial logo após a Independencia, commettendo á Assembléa Geral a tarefa de resolver definitivamente sobre os limites das provincias. Não o tendo ella feitto segue-se que permaneceu a divisão primitiva das referidas capitanias por não ter sido feita lei alguma que estatuisse o contrario.

A Bahia se compõe dos territorios de tres capitanias que ao seu governo foram ajuntadas e que a este ficaram subordinados por decretos de S. Majestade Fidelissima, o rei de Portugal, os quaes não foram abrogados por disposções dos poderes competentes; isto é, pelas constituições do Imperio e da Republica, que se lhe seguiu, ou por lei reguladora de suas camaras legislativas.

As tres capitanias foram as da Bahia propriamente dita, Ilhéos de Porto-Seguro.

E' sobre os limites desta ultima que desde 1823 se agita uma interessante questão, que vae ser o assumpto deste modesto trabalho.

Dão os mappas do Brazil e até os da Bahia como raia meridional deste Estado o rio Mucury. Este erro, editado por um e seguido por outros tem sido reproduzido por qausi todos.

Quando a Bahia mandou imprimir uma *noticia* destinada a ser distribuida na exposição de Philadelphia em 1876, foi pelo Sr. Manoel Jesuino Ferreira, elaborador da noticia, mencionado o rio Mucury, como limite, o que está tambem exarado no mappa da provincia do engenheiro Baggi.

A provincia visinha do Espirito Santo calara-se deante destes erros o que era do seu interesse, mesmo porque não tinha obrigação de defender os direitos de outrem.

Apenas o mappa do engenheiro Teive e Argollo dá o limite pelas *Itaúnas*, um pouco mais ao sul, que é linha das terras de lavoira da villa de S. José de Porto Alegre.

Poucos sabem da pendencia, e se não fossem as pretenções invasoras do Espirito Santo, a questão continuaria provalmente por muito tempo ainda nestes termos.

Eis como se deu a intercurrencia dos factos que motivaram a agitação presente.

A existencia de minas valiosas foi mais uma vez causa excitante da questão.

Jazidas de areias monaziticas que, trazidas pela esteira dagua subterranea affloram, sob os pés do viajante em toda a costa da Bahia, desde as barreiras de Porto Seguro para o sul, tem no riacho das Ostras, um dos cursos dagoa daquella região, riquissimo veio que é ambicionado pelos nossos visinhos, como vamos ver.

No tempo em que era governador do Estado o Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, creou o governo do Espirito Santo uma mesa de rendas em terrenos da villa de S. José de Porto Alegre.

Ora, pelos autos da creação de S. José, a camara daquella povoação teve, não só as leguas de terra do seu

patrimonio, como mais 4 leguas para lavoiras dos seus habitantes; pelo que o governo da Bahia não poude consentir neste attentado commettido á posse e dominio dos seus governados pela administração de um outro Estado.

Reclamou, portanto, o governo da Bahia, e a mesa de rendas foi retirada, mas se chegou neste tempo ao conhecimento de um facto grave, que foi o seguinte:

Havia na margem do *Itaúnas* um marco de pedra que indicava o limite das terras do municipio de S. José, ali existente desde a fundação da villa. — O marco tinha desapparecido, coincidindo isso com a creação da mesa de rendas pelo Espirito Santo!

Foi então lavrado um marco de madeira destinado a substituir o primeiro e que tambem desappareceu como elle destruido pelas mesmas mãos interessadas em fazer desapparecer os vestigios e provas do direito que sempre teve a Bahia sobre as terras ao norte do Rio Doce.

Correram alguns annos e ha pouco se soube outro facto não menos grave — Tirava-se areia monazitica no riacho das Ostras e visinhanças, a qual era levada para S. Matheus de onde era exportada, perdendo assim o thesouro da Bahia em proveito do Espirito Santo os impostos respectivos.

Então o governador actual, Dr. José Marcellino, mandou occupar a Zona em que se fazia clandestinamente a extracção por um destacamento de forças estaduaes, sob direcção de um delegado regional.

Pouco depois aportava aqui um commissario extraordinario, o Sr. Dr. Honorio Coutinho, habilitado pelo governo do Espirito Santo para tratar com o da Bahia sobre o assumpto.

Tal é, em resumo, o historico da parte diplomatica da questão.

O Dr. Carlos Junqueira Ayres, director da Secretaria do Interior, foi encarregado pelo actual governador de estudar o caso e de tratar com o commissario do Espirito Santo.

Valendo-se de documentos existentes no Archivo Publico, dos fornecidos pela correspondencia da provincia no tempo do Imperio e outros ainda, escreveu o Dr. Ayres uma refutação aos considerandos do Sr. Honorio Coutinho.

Achando-me de partida para a Europa encarregou-me o commissario bahiano, em nome do governador, de pesquisar nos archivos portuguezes o que pudesse esclarecer o assumpto.

Devo dizer que por este trabalho, assim como pela representação da Bahia no Congresso da Tuberculose de Paris não percebi remuneração, ajuda de custo ou vantagem outra, além da licença por 6 mezes com os vencimentos do meu modesto cargo de professor do Gymnasio do Estado.

Não é na Torre do Tombo, como suppõem muitos, mas sim no Archivo Ultramarino, importante annexo á Bibliotheca Nacional de Lisboa, que se encontra a historia da administração colonial do Brazil.

Pude ali fazer algumas investigações, graças á licença que para mim foi obtida pelo embaixador brazileiro e convenci-me, em pouco, de que é realmente naquelle rico repositorio que se acha todo ou quasi todo o passado do Brazil nos tres seculos de dominação da metropole.

E' ali realmente que se tem ido buscar nos ultimos dez annos as raizes dos direitos de doação, posse, conquista, compra, confiscação e tratados a respeito de territorios em nosso paiz e dali tem tirado, tanto

a diplomacia brazileira como a das nações que comnosco tem tido litigios, a luz sobre graves questões que por vezes tem chegado a ameaçar a paz da America.

Os laudos arbitraes, as soluções dos litigios das Missões, do Amapá, da Guiana, têm dali sahido por se haverem firmado nos documentos ali encontrados.

Como tantas vezes acontece em trabalhos desta natureza não foram felizes as investigações nos primeiros dias, mas fui depois descobrindo valiosos documentos que estabelecem de maneira inconcussa o direito que á Bahia assiste, não somente sobre a cidade de S. Matheus e seu municipio como á reivindicação de todo o territorio que pela orla do mar se extende até á barra do rio Doce e pelo interior, seguindo o curso do dito rio, até os logares denominados *Porto da Regencia Augusta, Porto do Souza* e *Escadinhas*.

E' fòra de duvida que sempre, durante todo o tempo em que durou a denominação portugueza, o territorio que vae do Mucury ao rio Doce fez parte da capitania de Porto Seguro.

Já em 1581, quando as capitanias passaram para as possessões da corôa de Castella, na occasião em que foi feito uma especie de balanço das terras que se incorporaram á Hespanha, foram citadas por todos os autores as duas aldeias de indios cathequisados *S. André* e *S. Matheus* e a villa de Santa Cruz, na capitania de Porto Seguro, a qual revertera á corôa luzitana por confisco aos duques de Aveiro.

Os documentos que vão em seguida, uns transcriptos, outros indicados e cujos originaes se encontram no Archivo Ultramarino de Lisboa, onde podem ser copiados e authenticados facilmente, tiram qualquer duvida que possa existir a respeito do direito que tem o Estado da

Bahia a todo o territorio até o rio Doce, de cujo dominio e goso tem sido privado tão injusta como indevidamente, soffrendo o prejuizo da suspensão da posse, das taxas e direitos sobre a população, riquezas, productos e propriedades, portos, rios, costas e florestas, sem compensação de qualquer especie, nem sequer ajuste, mesmo abusivo, que tal o determinasse.

Passo em seguida as provas do que ahi fica dito.

Existe no Archivo Ultramarino um livro cujo unico exemplar se presume ser esse, mandado imprimir pelo Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, o celebre ministro de D. João VI; neste interessantissimo trabalho official se encontram preciosos subsidios em favor do direito da Bahia sobre toda a margem superior do rio Doce, por ter sido esta sempre a divisa meridional da capitania de Porto-Seguro.

Tocando-se neste assumpto convém estabelecer bem claramente que, na epocha em que se fez a divisão do Brazil em capitanias, não era nem podia ser perfeito o conhecimento que tinham os portuguezes do littoral.

Haviam elles desembarcado em diversos pontos, mas não podiam deixar de ser superficiaes muitas explorações que haviam feito. Serviam-se de certos pontos como referencias, mas não podiam ter cabal conhecimento das terras que marginam a costa.

Em muitos logares conheciam apenas o carão da praia, na expressão de Vaz Caminha, e todas as reintrancias e saliencias, todas as restingas, boccas de rios, promontorios, alagadiços; todas as pequenas enseadas não haviam sido exploradas nem sobre as dimensões destas, das depressões e adiantamentos da costa pelo mar podiam ter medidas certas.

As distancias eram e só podiam ser calculadas do

mar e só se pòde entender nas extensões de leguas que o rei deu a cada donatario a linha geral da costa e nunca uma exacta medida das praias, incluindo os braços e lagoas que elle banha no interior de um porto ou enseada.

Pelo que quando se diz que o rei deu 50 leguas a um dos donatarios seria absurdo acreditar que ellas estivessem exactamente medidas. E tanto foi assim que se levantaram duvidas sobre esses dominios, quando os donatarios que iam reconhecer o que de facto lhes pertencia verificavam que havia terra de menos do que resava a doação.

Teremos disso dentro em pouco uma prova.

O livro de D. Rodrigo de Souza Coutinho, ou antes do governo portuguez, diz que a capitania do Porto-Seguro teve 50 leguas, que elle começa a descrever da raia meridional da de Ilheus até o rio Doce, comprehendendo esta distancia a capitania de Porto-Seguro.

Só depois é que se abre o capitulo da descripção do Espirito-Santo em que elle diz que do rio Doce ao dos Magos, onde aportou Vasco Fernandes Coutinho, donatario, vão 8 leguas, continuando a enumerar com exactidão o que de mais interessante se encontra.

Os factos mais notaveis dos primeiros tempos da colonia são tão escrupulosamente narrados, que não é possivel admittir que não soubesse bem o governo portuguez até onde chegavam as terras do donatario de Porto Seguro. E' assim que vem referida a investida dos aborigenes sobre a gente de Vasco Fernandes Coutinho, que foi obrigada a refugiar-se em terras bahianas, onde chegaram para lhes acudir, as providencias do governador, o celebre Mem de Sá, o qual mandou em

auxilio dos fugitivos uma expedição commandada por seu proprio filho Fernão de Sá, o desembarque deste no Juquericaré (*), onde foram todos, fugitivos e auxiliares, assaltados pelos indios e o epilogo de tudo isto, que foi haver sido a expedição arrojada ao mar, morrendo seu moço commandante, Fernão de Sá.

E' tambem narrada com a exactidão costumada no livro do Conde de Linhares a indicação feita ao 4.° governador geral do Brazil, D. Luiz de Britto e Almeida, sobre a existencia de minas de esmeraldas por Sebastião Fernandes Tourinho, colono de Porto Seguro, sobrinho do donatario, que foi quem primeiro subiu o rio Doce, entrada que motivou a expedição pelo mesmo governador e levada a effeito por Antonio Dias Adorno pelo rio Caravellas.

Ora, Sebastião Fernandes Tourinho não poderia entrar no Rio Doce se este não pertencesse á capitania de Porto-Seguro, á qual elle Fernandes Tourinho pertencia e onde morava, pois nem a legislação da epocha nem os costumes permittiam que colonos de um donatario entrassem pelas terras e rios de outros.

Encarregara-me o Dr. Ayres de Almeida de verificar se tinha havido accôrdo para cessão de terras por parte do donatario de Porto-Seguro, Pero de Campos Tourinho, em favor de Vasco Fernandes Coutinho, donatario do Espirito-Santo.

Absolutamente nada encontrei além da reclamação feita por Pero de Góes da Silveira, donatario da capitania da Parahyba do Sul sobre a qual diz o livro citado:

«Despachou-lhe Sua Alteza a supplica, dando-lhe 30 leguas de terras, que principiariam onde acabasse a capitania de Vasco Fernandes Coutinho e que não ha-

(*) E' o Cricaré de Southey, é o S. Matheus de hoje.

vendo nesta distancia as 30 leguas, entre o dito Vasco e Martim Affonso de Souza lhe fazia sómente mercê das que entre ambos medeassem, que não passaria do baixio dos Prégos ».

Isto prova, conforme ha pouco adeantamos, que tomando as distancias do mar acontecia que não chegavam exactamente as terras á conta das marcadas nos foraes, o que indica quão pouco valor tem a allegação de que não ia a capitania de Porto-Seguro dos Ilhéos ao rio Doce, porque ha nesta distancia mais do que as 50 leguas doadas a Pero de Campos Tourinho.

Não podendo portanto pela reclamação chegar Pero de Góes a completar as 3 leguas entraram em accôrdo particular o dito Pero de Góes da Silveira e Vasco Fernandes Coutinho, accôrdo que foi, como devia ser, homologado pelo rei, senhor e doador.

Sobre a capitania de Porto-Seguro não ha noticia ou sequer menção de accôrdo entre o seu donatario e o do Espirito-Santo para que entrasse este na posse e dominio de terras que tivesssem sido doadas ao outro e, como é logico, nada tambem se encontra relativamente á necessaria homologação regia, sem a qual seria inutil e nullo qualquer accôrdo particular.

Não é só isto. Depois deste periodo, procedeu o governo portuguez de modo a revelar que nunca teve conhecimento de accôrdo algum neste sentido, tanto no tempo em que esteve de posse de uma só destas capitanias por confisco, como quando a outra tambem reverteu á corôa por compra.

E' evidente que se o governo não comprehendesse como capitania de Porto-Seguro todo o territorio até o rio Doce, não teria procedido como procedeu depois e sempre, em todos os seus actos, dando jurisdicção aos

magistrados de Porto-Seguro sobre todo o districto da referida capitania, approvando o que estes praticaram, assim o entendendo e não alludindo sequer de qualquer modo, por mais remoto que fosse, ao pretendido accôrdo que aliás teria sido nullo desde que, revertendo as duas capitanïas á corôa, não o levasse mais o rei em conta.

O exame dos documentos seguintes prova isso de um modo peremptorio.

Em 1763 resolveu o rei incrementar a capitania de Porto-Seguro e creou ali uma ouvidoria dando ao bacharel Thomé Couceiro de Abreu, poderes e instrucções especiaes para fundar villas e povoados nos pontos mais importantes.

Transcrevo na integra a nomeação do 1.º ouvidor :

« Attendendo á importancia da capitania de Porto-Seguro, em que se acham já estabelecidas algumas villas e que é necessario estabelecer novas, e a que sem o governo civil não poderão fazer grandes progressos com que desejo beneficiar os meus vassallos, Hei por bem erigil-a em ouvidoria, *cuja comarca se estenderá por todo o seu districto* e attendendo á litteratura, zelo, e prestimo do corregedor de Thomar, Thomé Couceiro de Abreu, o nomeio para ir crear a dita ouvidoria e depois de Me servir nella por 3 annos e o mais que decorrer emquanto Eu não mandar o contrario, fazendo-se a dita creação e estabelecimento á Minha satisfacção.

Palacio da Ajuda, 2 de Abril de 1763. Com a rubrica de Sua Magestade. »

No *livro dos decretos* se encontram com a nomeação de Couceiro os seguintes documentos: officio ao arcebispo da Bahia para dar ao novo ouvidor os sacerdotes de que elle precisar para a cathechese e colonização da nova ouvidoria; idem ao Conde de Villa-Flôr, governador de

Pernambuco, para onde se dirigia a fróta em que seguiu o magistrado, afim de que este preste todo o apoio para o bom desempenho da commissão de que estava encarregado Couceiro e possa elle seguir logo para a Bahia; idem ao governador geral do Brazil dando parte da incumbencia de que se achava investido o ouvidor de Porto Seguro; idem ao provedor-mór para pagar..... 600$000 annuaes ao magistrado e fazel-o incluir em folha desde o seu embarque.

Havia tambem o Dr. Ayres me encarregado de descobrir a integra das *Instrucções* que serviram de base e orientação a Thomé Couceiro.

Tive a fortuna de encontral-as, estão marcadas para a copia e authenticação e constituem um precioso documento comprobatorio do direito da Bahia, assim como da capacidade administrativa e do tino politico do grande homem de Estado que então governava Portugal, o marquez de Pombal.

Foram dezoito as *instrucções* dadas a Couceiro e dellas transcrevo as passagens mais interessantes.

8.ª (na integra)

Huma das partes principaes *daquella capitania é o importante rio de S. Matheos* no qual, alem de se dizer que ha preciosas madeiras para construcções de Naus, se affirma tambem que decorrendo pela serra dos Christaes, traz o seu nascimento das Minas do Serro do Frio.

E como os moradores que se forem estabelecer nas margens do dito rio, achando a noticia de que por elle podem ir áquellas preciosissimas terras não cuidarão em outra cousa alguma senão a de se passarem a ellas, deve vmcê por hora vigiar com todo o cuidado que nenhum passe daquelles limites que vmcê lhe assignar até nova ordem de Sua Magestade.

9.ª (em parte; tratanto da colonisação) dilatarem os seus descobrimentos a favor da Barra do mesmo rio S. Matheos para o seu commercio e cultura.

12.ª (na intrega)

Sua Magestade se acha informado de que assim na costa de mar do rio de S. Matheos como no em que desagua o rio das Caravellas, se avistam balleas.

E deve você mandar observar se será facil sua pesca em qualquer des dois rios, digo sua pesca e estabelecerem-se em qualquer dos dois rios fabricas de azeite do mesmo peixe para o mesmo Senhor dar os meios de se aproveitar esta interessante pescaria.

13.ª (em parte)

A communicação da nova ouvidoria que vmcê vae crear com a do Espirito Santo he summamente interessante tanto ao serviço de Sua Magestade, como ao bem commum daquelles moradores. Pelo que ordena o mesmo Senhor que vmcê dê toda a providencia que julgar necessaria para que as duas ouvidorias se façam communicar visto o interesse reciproco que a ambas se segue.

16ª (na integra)

Uma das averiguações que vmcê deve fazer logo que chegue á dita capitania e com o maior segredo he examinar a largura e fundo dos dois rios de S. Matheus e das Caravellas, vendo quantas braças de agua tem na baixa-mar em aguas vivas e a quanto sobem as mesmas aguas na prea-mar, quantas leguas de cada um dos ditos rios se podem navegar desde as suas barras até onde forem praticaveis no paiz descoberto e os fundos que nelles se forem achando.

Tendo vmcê nesta diligencia o maior cuidado, dando conta a Sua Magestade do que achar a este

respeito, da sua mesma lettra; sem que possa expedir-se por amanuense algum, porque tem consequencias gravissimas a relaxação desse segredo.

17ª (na integra)

Ordena tambem Sua Magestade que assim n'aquellas povoações chamadas aldeias que estão já domesticadas como nas que de novo se estabelecerem com indios decidos logo que estes se descerem no competente numero se vão estabelecendo novas villas e se vão abolindo os barbaros e antigos nomes que tiveram e se lhe vão pondo alguns outros nomes novos das cidades e villas deste reino.

Estas instrucções datadas de 30 de Abril de 1763 mostram evidentemente que o rio S. Matheus fazia parte da ouvidoria de Porto Seguro, a qual comprehendia toda a capitania; que a missão do 1.º ouvidor foi explorar o territorio, os cursos d'agua, tirando de seu conhecimento as observações que podessem servir á politica e defeza do paiz, assim como á fundação de povoações que elle foi encarregado de erigir tambem.

Vejamos agora como aquelle magistrado comprehendeu a sua commissão, como a cumpriu e como o governo approvou os seus actos de posse, exploração e colonização, approvação que é o que existe de legal até hoje sobre e assumpto, por haver emanado do poder competente, para fazel-o, o rei de Portugal!

Em 8 de Dezembro de 1763 o ouvidor Thomé Couceiro de Abreu escreve ao rei dando parte da sua chegada e descreve a parte norte da sua ouvidoria; e em 16 de Junho de 1764 outra carta em que descreve a parte sul da mesma, o rio de S. Matheus, etc., acompanhando esta missiva de todas as informações que viera

encarregado de tomar sobre a barra do rio S. Matheus, sondagens, etc.

Numa destas cartas o magistrado, tratando de sua ouvidoria diz terminantemente que o rio *Doce* se fecha pelo sul.

Thomé Couceiro falleceu no exercicio de seus pesados deveres e o monarcha, por decreto de 13 de Setembro de 1766, nomeou-lhe um successor, como se vê do decreto abaixo, copiado na sua integra:

« Attendendo á importancia da capitania de Porto Seguro em que se acham estabelecidas já algumas villas, além das que tinha mandado estabelecer pelo bacharel Thomé Couceiro de Abreu, e que as não chegou a erigir pelo seu fallecimento, E tendo em consideração o prestimo do bacharel José Xavier Machado Monteiro Hei resolvido nomeal-o para continuar a creação da dita ouvidoria e depois de elle servir nella por 3 annos e o mais que decorrer emquanto Eu não mandar o contrario, fazendo a dita creação e estabelecimentos á Minha satisfação lhe haverei o dito logar como se houvesse servido na Relação do Porto.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 13 de Setembro de 1766.

Com a rubrica de Sua Magestade.

Este importante documento confirma, portanto, que a nomeação de Couceiro tivera por objecto a fundação de povoações, e o que é de mais valor ainda, approva o modo pelo qual o 1° ouvidor de Porto-Seguro comprehendera e cumprira as suas instrucções, exercendo jurisdicção sobre todo o territorio até o rio Doce, fundando nucleos de povoação nas margens do rio S. Matheus, ordenando ao seu successor *continuar* a tarefa que elle não chegara a executar completamente por haver morrido.

E de que Thomé Couceiro exercera jurisdicção incon-

testavel e incontestada até o rio Doce, prova-o o facto seguinte:

Em 4 de Dezembro de 1765 o capitão-mór do Espirito-Santo, Anastacio Joaquim da Silva Furtado, solicita das autoridades da Bahia a prisão de nove desertores que se haviam refugiado em territorio da ouvidoria de Porto Seguro, *na direcção de S. Matheus.*

O capitão-mór pede que sejam dadas ordens ao capitão-mór de Caravellas e S. Matheus para que tenham todo o cuidado em os prenderem e remetterem.

Parece nada mais ser preciso accrescentar.

O magistrado nomeado para succeder a Thomé Couceiro de Abreu, José Xavier Machado Monteiro escreve por seu turno ao governo portuguez, dando conta do estado em que encontrou a sua ouvidoria, e diz positivamente que o limite della com o Espirito Santo é pelo rio Doce.

Na sua carta de 2 de Abril de 1767, elle noticia o povoamento das novas villas de Viçosa e S. José de Porto Alegre, de accordo com as instrucções recebidas e envia os autos da creação de Viçosa, assim como uma planta de Porto-Alegre e outra do Prado.

Na de 10 de Maio de 1770 o ouvidor menciona o que fez na barra do rio Doce, limite da sua ouvidoria, dizendo que estabeleceu ali vinte e tantos casaes, que deseja fundar naquelle logar uma povoação maior, mas que da capitania do Espirito-Santo não o ajudam, como elle esperava.

Dá conta ao rei da construcção da casa da Camara de S. Matheus, assim como da cadeia e da erecção do pelourinho da mesma villa.

Sobre o rio Doce, diz terminantemente: *Espero gente para fundar uma bôa povoação na barra deste rio, que é muito caudaloso, onde podem entrar lanchas e sumacas*

e por aqui abrir a communicação com a visinha capital do Espirito Santo» (textual).

Como se vê, não é do riacho Doce, curso d'agua insignificante, sem porto onde possam *entrar lanchas e sumacas*, a que se refere o ouvidor e sim ao verdadeiro e grande rio Doce.

Na mesma carta accrescenta ainda Xavier Monteiro: *No dizer dos praticos, estas terras são as mais ferteis das costas da Bahia»* (textual).

Dez estradas, refere ainda, terem sido abertas na sua comarca, entre as quas uma *de Porto Alegre a S. Matheus*, do sitio chamado das Velhas, aonde ha um alto rochedo chamado «Tromba do Bóde» (textual).

Ainda se encontra uma outra carta não menos expressiva e precisa, de 24 de Setembro de 1667, em que trata o operoso ouvidor do rio Doce, dizendo que é indispensavel lhe mandem gente, afim de continuar a desenvolver os estabelecimentos começados, e porque, repete sempre, é preciso, de accordo com as instrucções recebidas, abrir estradas para o commercio e communicações com o *Espirito Santo na Barra do rio Doce*, que é caudaloso, pelo que se torna urgente fundar uma bôa povoação na sua barra (textual).

Foi este honesto e dedicado servidor do seu paiz quem fundou não só a povoação da barra do rio Doce, como a de Curumuchatiba, além de Porto Alegre, Viçosa, etc.

Na de S. Matheus encontrara já estabelecidos muitos casaes que lá collocara o 1.º ouvidor, levantando, porém, a cadeia, a casa da camara e o pelourinho.

Este homem, do qual muita gente no sul da Bahia não sabe o nome, foi o mais intelligente, energico e capaz administrador que jamais teve aquella zona, e quasi todas as suas actuaes cidades lhe devem umas a exis-

tencia, outras os primeiros passos no caminho do progresso.

Passando dos documentos já apontados para outros de ordem diversa, para os assentamentos officiaes se encontra o seguinte na relação dos officios de Justiça e Fazenda da Bahia, com as avaliações e Direitos concernentes. A relação que está assignada por João Ferreira da Costa e Silva Sampaio, tem a data de 20 de Maio de 1806 e foi remettida copiada por um officio do Conde da Ponte de 26 do mesmo mez e anno.

A relação cita todas as villas da Bahia e entre ellas S. Matheus com a declaração, *ad-instar* do que se vê nas outras S. Matheus—Tabelião e escrivão de orphãos almotaceria—50$000.

Emolumentos—5$000.

Compulsando tambem as listas dos officiaes dos terços de ordenanças da capitania de Porto-Seguro lá se encontram os nomes dos da villa de S. Matheus.

E quando no documento respectivo se procura tanto o assentamento dos officios de justiça, como das listas dos officiaes dos terços, nada se encontra, como é logico, relativamente a S. Matheus e seu districto, que se estendia até o rio Doce.

Passando para o livro da Provedoria de 1758 em diante, e que, segundo o respectivo termo de abertura, devia servir «para se lançar nelle todas as contas do serviço de Sua Magestade, pertencentes á cidade da Bahia, capital do Brazil e suas comarcas», se encontra enumeração de todas as villas, entre as quaes está S. Matheus.

Quando se chega ás villas do Espirito-Santo menciona apenas o precioso registro as seguintes:

Villa da Victoria;

Villa da Guarapari;

Villa de S. Salvador dos Campos de Goytacazes;
Villa de S. João dos Campos de Goytacazes.

Nem o mais pequeno povoado ao norte do rio Doce, porque até então não se iniciara a politica de invasão, ao mesmo tempo sorrateira e audaz, que vae arrancando marcos, se apoderando das terras dos visinhos e protestando que esses marcos divisorios não existiram.

Para que este assumpto fique bem elucidado convem citar agora outros documentos, assignados, não mais na Bahia, mas na Victoria, capital do Espirito-Santo, assignaturas que são as dos seus ouvidores e governadores, pelo que não podem passar por suspeitos.

Ignacio João Monjardino, nomeado capitão-mor e ouvidor do Espirito-Santo, em 1790 (portanto muito depois de fundada S. Matheus) officia ao rei noticiando a posse que havia tomado do seu cargo em minuciosa exposição descreve o estado em que encontrou a sua capitania.

Diz elle que «*decorrendo a capitania por parte do Norte, de onde chega e limita-se esta comarca com a de Porto Seguro, que é o logar do rio Doce que dista desta cidade principal 26 leguas, não ha outra villa senão a da Nova Almeida;* (textual) continuando, refere que o vice-rei já havia mandado por alli um destacamento, que esse logar já havia sido noutro tempo povoado (refere-se naturalmente ao estabelecimento fundado por Xavier Monteiro), lamenta que a povoação houvesse quasi desapparecido pela desunião, e menciona que *neste limite das duas comarcas estão de um lado a egreja e alguns habitantes, da parte do Norte que he a de Porto Seguro e outros da parte do Sul que he a desta capitania* (textual).

A este relatorio acompanha um mappa das villas

do Espirito Santo, discriminando as creanças, adultos e individuos do sexo masculino e feminino, etc.

As villas são Nossa Senhora da Victoria, Villa do Espirito Santo, Guarapari, Benevente e villa Nova do Almeida. Este trabalho é minucioso, conscienciosamente feito, honra o funccionario que o assignou e é datado da Victoria, de 11 Junho de 1790.

Em fins do seculo decimo oitavo o governo da metropole resolveu enviar um governador para o Espirito-Santo e nomeou para esse cargo o capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes.

Era um homem de grande merecimento e competencia scientifica, e já tinha levantado a planta da Bahia desde a Torre do Garcia de Avila até os Ilhéos, quando foi tomar posse do seu governo.

Dalli dirigiu uma *memoria* muito interessante ao rei sobre a capitania do Espirito Santo e o rio Doce que explorou e que desejava abrir ao commercio e productos das tres capitanias nelle confinantes, Bahia, Minas-Geraes e Espirito Santo.

E para que não possa ficar o vislumbre de uma duvida sobre este assumpto cito os documentos abaixo que lá estão no Archivo Ultramarino:

Aos srs. Gomes e Mello—Agora chego de concluir a abertura do Rio Doce franqueado a lanchas desde a sua barra até o novo porto da Regencia Augusta, e della até as Escadinhas e Porto do Souza, que faz o limite das duas capitanias, onde estabeleci destacamento guarnecido de artilheria.

N. Senhora da Victoria, 5 de Novembro de 1800. *Antonio Pires da Silva Pontes.*

Encontra-se tambem um officio dirigido ao rei por D. Fernando José de Portugal, governador da Bahia, com a descripção que fez o governador do Espirito

Santo do rio Doce, o governador Antonio Pires da Silva Pontes, communicando que estabelecera o destacamento do Porto do Souza para impedir o extravio de diamantes ouro.

Ainda na *Memoria* sobre a capitania do Espirito Santo e Rio Doce o citado governador Antonio Pires conta como achou a povoação da barra do mesmo rio e lembra diversas medidas para desenvolver a sua capitania, dizendo positivamente que sendo rodeada de gentio inimigo todo o perimetro da colonia, desde a barra do Rio Doce ao Norte até a barra de Parahyba ao sul (textual). O documento é datado da Victoria, 25 de Agosto de 1802.

Uma outra prova de que o Rio Doce foi sempre o ponto commum de encontro das fronteiras das tres capitanias de Bahia, Minas e Espirito Santo está em que todo a correspondencia dos tres governos para a metropole e vice-versa sobre a navegação deste rio é redigida de modo a tornar evidente que nunca se pensou de outra maneira, tanto em Portugal como no Brazil.

Em 15 de Dezembro de 1806 o visconde de Anadia officia do palacio de Mafra ao conde da Ponte, governador da Bahia, ao governador do Espirito Santo e ao de Minas sobre as representações, que recebera, entre si contrarias, sobre a abertura e navegação do Rio Doce, por ser commum o interesse das tres administrações sobre este curso d'agua.

Em 1801 tambem tendo Manoel José de Mello offerecido a quantia de 4:800$000 para auxiliar a abertura do Rio Doce se encontra o seguinte officio:

Levei á Augusta Presença do Principe Regente Nosso Senhor o officio que vmcê me dirigiu em 23 de Novembro do anno proximo passado e Sua Alteza Real se dignou de fazer acceitação da patriotica prestação de

4:800$000 que vmcê diz deseja dar para a boa obra da abertura do Rio Doce, havendo já mandado as ferramentas que lhe foram pedidas pelo governador do Espirito Santo Antonio, Pires da Silva Pontes em officio de 28 de Julho do anno proximo passado.

O mesmo Senhor manda louvar muito o zelo com que vmcê se distingue no seu Real Serviço, promovendo com tanto desvello a cultura da pimenta nas comarcas *dessa capitania da Bahia* e espera Sua Alteza Real continuará em animar com egual interesse este tão importante ramo de commercio. « Palacio de Queluz, 21 de Janeiro de 1801.—D. *Rodrigo de Souza Coutinho.*»

Depois de elevado o Brazil á cathegoria de reino, não são menos precisas e concludentes as provas a respeito da capitania a que pertencia S. Matheus com todo o seu districto até o Rio Doce, como se vê da provisão seguinte:

D. João, por graça de Deus, rey de Portugal, Brasil e dos Algarves.—Faço saber a vós, capitão-general e governador da capitania da Bahia, que tomando em consideração a necessidade que ha para educação da mocidade de Aulas de primeiras lettras na Villa de S. Matheos e povoação de Santa Cruz, da comarca de Porto-Seguro, Hei por bem crear, nas referidas villa e povoação, uma cadeira de primeiras lettras, tendo cada uma o ordenado que se acha estabelecido para cadeiras desta natureza, segundo os respectivos termos, o que mando participar no sentido, digo, na forma das minhas Reaes ordens.

El-rey Nosso Senhor o mandou pelos ministros abaixo assignados, do Seu conselho como dezembargadores do Paço: João Pedro Maynard da Fonseca e Sá o fez no Rio de Janeiro a 18 de Novembro de 1810. Ber-

nardo José de Souza Lobato o fez escrever.—*Bernardo José da Cunha Guzmão e Vasconcellos.*

Parece escusado accrescentar outros factos, citar outros documentos. A' saciedade o Archivo Ultramarino lá está com os seus preciosos manuscriptos para provar que todo o territorio, pela costa até o rio Doce e pelo interior, seguindo o curso do dito rio, pelo Porto do Souza até as Escadinhas, é territorio bahiano, da capitania de Porto-Seguro, e o que mais importante é, sob o ponto de vista do direito em uso entre os povos cultos actualmente, desbravado e colonizado por bahianos, que sempre reconheceram a jurisdicção da Bahia; que as suas cidades foram fundadas por autoridades bahianas, e que só por circumstancias anormaes e sem o menor alicerce legal se acha occupada por intrusos, os quaes pretendem obter de governos regularmente constituidos actos que sirvam de ponto de apoio para posse definitiva.

Ha muitos annos se arrasta esta questão.

Parece, porém, que chegamos ao dia em que se póde reconstituir toda a verdade historica, afim de alcançar a Bahia uma solução justa, a unica digna, que é a fronteira legitima, solução que é mister não se demore mais.

Como porém se fez este despojo, resta perguntar? Do exame do que ha publicado no Brazil, comparado agora com os documentos ineditos, que, sem discrepancia, revelam ter sido sempre nos tempos coloniaes a margem septentrional do rio Doce, pertencente á capitania de Porto-Seguro, se chega á comprehensão do seguinte:

Em 1823, no tempo da lucta da independencia, justamente quando a Bahia se deixava sangrar pela

emancipação de todo o paiz, levando até o sacrificio o seu patriotismo, prevaleceu em S. Matheus o alvitre pusilanime ou politico de adherir nas manifestações da independencia, dirigindo-se ao governo do Espirito Santo, o que até certo ponto se comprehende, attendendo-se a situação em que se achava a Bahia, flagellada pela guerra, invertida como se achava a ordem ou marcha regular do seu governo; pois o general portuguez Madeira se mantinha apenas na capital, onde estava bloqueado, e os guerrilheiros patriotas do reconcavo sustentavam a campanha, tendo relações, as vezes difficilimas, tanto com o resto de todo o territorio da provincia, como com o governo do Rio de Janeiro e com o almirante Cochrane que dominava no mar.

Não se sabia ainda quem venceria, pois da resistencia do general portuguez, da chegada de uma esquadra lusitana e do heroismo e da dedicação dos bahianos dependia a sorte dos combates e o exito da lucta.

Não era desassisado suppor que no Maranhão e Pará, Montevidéo e na Bahia continuasse firme o poder da metropole que tinha nesses pontos tropas aguerridas e fieis.

O alvitre de S. Matheus não deixa de ter sua explicação, pois bem sabido é que se inclinam em geral os individuos a não compartilhar das provações e perigos, pelo que não era commodo unir-se alguem á Bahia que supportava todo o peso da guerra.

Isto se tem dado em muitas occasiões e em épocas como aquella, entre todos os povos, se bem que sempre considerado tal procedimento como dubio, pouco corajoso e prejudicial, tanto que tem sido castigado muitissimas vezes por governos, generaes e todos os que

têm exercido autoridade em épocas de campanhas e em periodos revolucionarios.

O que porém absolutamente não se pode admittir em direito e em boa moral, base da justiça e das relações dos estados, é que um se aproveite dessas circumstancias todas fortuitas e occasionaes para se constituir definitivamente dono de um territorio em taes condições e gozar dos proventos das taxas sobre a população, portos, e vantagens outras de qualquer ordem ou especie.

Em direito, perante qualquer tribunal competente, não é apoio o aviso de 10 de Abril de 1823, que diz:

« Sendo presente a S. Magestade o Imperador o officio do Governo Provisorio do Espirito Santo de 20 de Março proximo passado, em que representa que tendo-se a villa de S. Matheus unido á referida Provincia para reclamação do mesmo Augusto Senhor e pretendendo agora o Conselho Interino do Governo da Bahia que a dita villa se lhe reconheça sujeita, entra em duvida a qual das duas Provincias deve ficar pertencendo aquella villa — Manda pela secretaria de Estado dos Negocios do Imperio participar ao referido governo que deve reconhecer-se sujeita áquella que lhe ficar mais proxima até que a Assembléa Geral do Brazil determine os limites da Provincia. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.* »

E', como se vê, um curioso documento e muito importante, pois por elle se percebe que S. Matheus *uniu-se* ao Espirito Santo na época em que a guerra flagellava a Bahia, ou por pusillanimidade dos seus habitantes, ou por entenderem assim garantir mais a sua adhesão á independencia, por não se estender á vizinha capitania a lucta e ficar ella mais proxima do Rio, onde se estabelecera o governo imperial.

O decreto de 11 de Agosto de 1831 (este é pelo menos um decreto) diz que « a notavel capella filial da povoação de S. Matheus que já tem pia baptismal seja erecta em parochia, abrangendo a mesma povoação e todos os povos estabelecidos nas margens de leste dos rios Preto e Sant'Anna, dividindo-se com a freguezia da dita villa, ao oeste pelos referidos rios, ao sul com a de Nossa Senhora da Conceição de Linhares pela Barra Secca e ao norte com a de S. José de Porto Alegre de Mucury pelas Itaúnas. »

Como ahi está, nada adeanta sobre a provincia a que pertence S. Matheus esta divisão de parochias, porque *só a Assembléa Geral poderia resolver isto*, nos termos do aviso de 1823, pelo que, mesmo que o fizesse, seria illegal por incompetente.

Olhando para um dos mappas de Minas, Bahia e Espirito Santo do engenheiro Cockrat de Sá poder-se-ha rapida e devidamente avaliar a importancia e dimensões da rica faixa de terra, *as melhores das costas da Bahia* no dizer do 2.° ouvidor de Porto Seguro, Xavier Monteiro, das quaes pretende o Espirito Santo apoderar-se, que occupa por astucia e sob pretextos arguciosos, aproveitando-se do facto citado na época tempestuosa da independencia e cuja posse mantem, abusiva e injustamente, em contrario a todos os principios de direito que regem a materia e aos mais comesinhos sentimentos de amor á paz, ao respeito reciproco e á boa amizade que devem presidir ás relações dos Estados da União, uns para com os outros.

O rio Doce sae de Minas-Geraes, na serra de Aymorés, onde ha a ilha da Natividade.

Dos contrafortes da serra elle se precipita em uma cachoeira chamada das Escadinhas.

Nas Escadinhas se encontraram sempre as fronteiras das tres capitanias, hoje estados, limitrophes de Espirito Santo, Minas e Porto-Seguro, hoje Bahia, correndo a fronteira da Bahia com Minas Geraes dahi para o norte pelo alto da serra, na linha de divisão das aguas.

A margem superior do rio Doce é da Bahia, a inferior do Espirito-Santo.

O porto da Regencia está á pouca distancia da barra deste rio, o porto do Souza, a que se refere o governador Antonio Pires, muito para cima, seguindo o curso do dito rio; muito para cima ainda Escadinhas, ultimo ponto da fronteira, tambem citado claramente pelo referido governador, que foi ao mesmo tempo explorador e geographo.

Esta é a verdade historica da questão.

O facto de haver um riacho Doce ao norte de S. Matheus, que é o limite das terras de lavoura da villa de S. José de Porto Alegre, deu causa a uma deploravel confusão em que muito se tem laborado.

Em conclusão: de tudo se averigua que a capitania de Porto Seguro sempre se estendeu até o rio Doce e que não só não ha noticia de accordo entre Pero de Campos Tourinho e Vasco Fernandes Coutinho, em proveito deste, como tambem os actos do governo portuguez demonstram que elle nunca existiu, ou não teve a indispensavel approvação régia, ou foi abrogado; que a capitania de Porto-Seguro *com todo o seu districto* foi constituida em ouvidoria em 1763, conforme se vê do decreto de nomeação de Thomé Couceiro, seu 1° ouvidor; que o rei, senhor da terra e soberano absoluto de seus vassallos, exercia, além destes motivos, um acto que estava na plena esphera de sua autoridade, porque as duas capitanias de Porto-Seguro e Espirito-Santo já

haviam revertido ambas á corôa, uma por confisco e outra por compra; que S. Matheus, um dos mais antigos povoados do Brazil, pois desde 1581, figura com S. Jorge, como aldeias de indios cathechisados da capitania de Porto-Seguro, foi repovoada e recolonisada pelo magistrado Thomé Couceiro, e elevada a villa por Xavier Monteiro ambos ouvidores de Porto-Seguro, tendo sido o seu pelourinho, a sua cadeia e a sua casa da Camara, levantadas e construidas pelo ultimo delles; que a margem superior do rio Doce foi colonisada pela Bahia: que foi uma autoridade bahiana, o ouvidor de Porto Seguro, Xavier Monteiro, quem fundou a povoação da barra do rio Doce; que todos os capitães-móres, ouvidores e governadores do Espirito-Santo, Anastacio Furtado, Ignacio Monjardino, Silva Pontes, tiveram o rio Doce como o limite norte da referida capitania e a linha que a separava da comarça de Porto-Seguro, desde a barra do mesmo rio até as Escadinhas, passando pelo Porto Regencia e Porto do Souza; que foi S. Matheus quem reuniu-se ao Espirito Santo, o que a citada villa não podia fazer, por não o permittir a legislação da metropole nem a do imperio que a substituio; que este facto, talvez opportuno em consequencia da guerra da independencia não foi acceito como seguro e legitimo pelo proprio governo do Espirito Santo, o qual, com boa fé que o honra, naquelle tempo, declarou que a villa não lhe pertencia, apresentando duvidas sobre o caso ao governo imperial; que este adoptou uma solução provisoria, aconselhada pelas exigencias do momento; que por um simples aviso, em hypothese alguma, não poderia o governo imperial tirar á Bahia parte do seu territorio por não ter attribuições para fazel-o; que a assembléa geral, á qual o governo deixou o cuidado de resolver sobre os limites das pro-

vincias, não o tendo feito, ficou a questão no mesmo pé, isto é, inalterado o direito da Bahia sobre todas as terras até o rio Doce, desde que cessou a guerra; que o governo da Bahia reclamou e protestou immediatamente sobre o facto anormal, como o revela o mesmo aviso de 1823; que tendo sido creada para o Espirito Santo uma fronteira de phantasia pelo Mucury e talvez por não haver ainda a Bahia reclamado energicamente, limitando-se a exhibir até agora as provas do seu direito sobre o que lhe deve ser entregue, entendeu o Espirito Santo, não se contentando já com o municipio de S. Matheus, pretender estender o seu dominio sobre o municipio de S. José de Porto Alegre, em manifesto e progressivo ataque á integridade do territorio do Estado; que não tendo feito a Bahia tratado, ajuste ou accordo de especie alguma sobre territorios que formam o seu patrimonio historico, cabe-lhe o direito e até o dever de integralisal-o, assim como os proventos, tributos, etc., de que tem sido privada, questão esta porém que é toda politica e está fóra do objectivo deste trabalho.

O governo provisorio do Espirito Santo não disse em 1823 que a villa lhe pertencia nem o podia dizer; não manifestou pretenção alguma sobre ella; pois só mais tarde foi que começou a inventar argumentos para fundamentar as suas pretenções e teve até duvidas muito naturaes sobre o que devia fazer.

O aviso de 1823 não é uma sentença arbitral nem coisa que se pareça; é um simples aviso, ditado pelo interesse politico do momento, que era o da distancia menor, e tanto José Bonifacio e o Imperador sabiam que não lhes era permittido fazer cousa tão grave como era a alteração da fronteira de duas provincias, que deixaram a solução real, verdadeira, definitiva para a Assembléa

Geral, unica competente para legislar e resolver sobre a sorte das provincias como bem doutrina o citado aviso.

Até ahi emanara a lei da vontade do rei; da resolução emancipadora, que desfaldara a bandeira constitucional em deante, só da Assembléa Geral podia ella emanar.

Quanto a S. Matheus não se pode admittir que algum espirito serio e de estadista acceite caber ás localidades pequenas a faculdade de se bandear para este ou aquelle lado nos casos em que o Estado, paiz ou provincia a a que se acham vinculados atravesse uma difficuldade como a luta pela defeza commum numa guerra extrangeira.

Mesmo que o motivo da adhesão de S. Matheus não fosse eximir-se aos seus deveres patrioticos, chegariamos á ruina e desapparecimento das mais possantes nacionalidades por este comico processo á proporção que elles fossem tendo difficuldades e provações a supportar, pelo que nenhum povo, governo ou tribunal pode toleral-o em principio e muito menos na applicação.

Dos autores brazileiros mais lidos o que revela melhor conhecimento da questão é o sr. Candido Mendes, que diz só bastar a vista do mappa para indicar como é absurdo o limite de uma capitania como a da Bahia por um rio da ordem do Mucury.

Accrescenta que é de conveniencia se mantenha o Espirito Santo na posse do territorio usurpado.

O sr. Candido Mendes, porém, não declarou os motivos, que é de presumir fossem ponderosos, para considerar assim, de modo que o seu pronunciamento sem as justificativas precisas lembra um pouco a sinistra resolução de Caio Octavio quando lhe intercediam pelos prisioneiros de Perouse, dos quaes uns eram pessoas distinctas, carregadas de serviços e outros manifestamente innocentes, arrastados pelas desgraças

daquelles tempos á voragem da guerra civil, mas sobre as quaes o tyrano impenetravel só respondia: « É preciso que elles morram! »

Talvez que a opinião tão contraria á justiça do Sr. Candido Mendes, se tivesse originado em alguma preoccupação de ordem secundaria, do genero das que nós chamamos bairristas.

No tempo em que elle escrevia não haviam ainda agido ou produzido seus effeitos as causas deprimentes que tanto têm feito descahir a Bahia do prestigio e importancia de que gosava nos tempos em que possuia filhos mais altruitas e dedicados a ella.

Havia ciume das outras provincias e muitos factos assim como numerosas passagens e referencias de toda a especie, revelam esta corrente de idéas.

A Bahia causava todo o despeito que a prosperidade e a preponderancia sempre produzem, e podia parecer que á poderosa provincia não fizesse falta o bocado que havia cahido sob a mão do vizinho.

A questão do direito se põe toda de lado quando se pensa assim.

Entretanto os tempos mudaram e o rico de outras éras se acha hoje em situação tão precaria, que seria provar que não aprendeu com o infortunio e continúa a fazer o papel burlesco e irritante do perdulario, se não defender o patrimonio que lhe pertence e que servirá, não para o superfluo, mas para concorrer a dar-lhe o estrictamente necessario e indispensavel á existencia do que chegou a carecer.

Como bem me dizia ha um anno o distincto patriota, sincero bahiano, e habilissimo funccionario Dr. Ayres

de Almeida, sacrificado numa posição em que não pode ser util ao Estado como o seria se bem pudesse ser aproveitado o seu preparo; a Bahia tem sido despojada do que é seu legitimamente, já desde muitos annos, e não cessa infelizmente esse despojo.

E quando terminará para a nossa terra essa via dolorosa?

Tem desde alguns annos para cá entrado o Estado da Bahia em varias emprezas commerciaes, intervindo em companhias, encampações, reorganizações, compra e outros negocios, ou para salvaguardar interesses já existentes ou por outros motivos; estas operações que talvez tragam um dia beneficios ao thesouro taes que compensem os capitaes nellas empenhados, exigem algumas dellas oneroso custeio. O que seria preciso para manter a posse de S. Matheus e seu municipio, isto é, o pagamento da sua justiça e da sua policia seriam compensados de certo pela receita do porto alludido, das mesas de renda e das explorações de areias monaziticas.

Não possuo autoridade para aconselhar cousas que me occorrem aos que têm a responsabilidade da direcção dos negocios do meu Estado; mas, com a lealdade que devo á minha terra, os privilegios que dão as nossas leis a todos os cidadãos, e servindo-me da importancia que esta associação conseguiu alcançar, abalanço-me ás breves considerações seguintes:

Tem diversas vezes a Bahia posto em jogo o prestigio de seu grande nome, tanto official como officiosamente, por interesses de partido e até outros.

Não seria o caso agora de fazel-o nobremente para reivindicar o que legitimamente é seu?

Posso enganar-me. mas penso dizer a verdade declarando que o dinheiro empregado em questões como esta não é o que segue caminho errado, nem dá logar a pronunciamentos o seu dispendio, pois sobre taes despezas dirão todos os bahianos como Duguesclin ao inglez — «Sabei pois que não ha mulher em França que não esteja disposta a fiar para pagar o meu resgate.»

3 de Maio de 1906.

Dr. Braz do Amaral.

Os artistas Bahianos

INDICAÇÕES BIOGRAPHICAS

No intuito de tornar conhecido, si bem que resumidamente, o merecimento incontestavel de alguns artistas que floresceram nos seculos 18° e 19°, a par de poetas, escriptores e jornalistas, enaltecendo as glorias desta terra; porque a Bahia «durante mais de uma geração será a mãe dos nossos principaes estadistas (1)»; «no Brazil, a Bahia é como a primeira filha do governo colonisador e como a primeira mãe da colonisação, do progresso e do futuro. A Bahia foi o seio que amamentou, a cabeça que dirigiu, o braço potente que defendeu quasi todas as capitanias que hoje formam a Republica dos Estados Unidos do Brazil. A' ella é de direito a veneração e o reconhecimento dos actuaes estados, no outro tempo seus amamentados, dirigidos, tutelados e defendidos.

E' uma mãe ennobrecida e prestigiada pelas bençãos filiaes das gerações do passado.» (2)

Egualmente, foi o berço das artes e officios, o fóco productor de artistas e obras d'arte, que abasteceu todo paiz, no periodo de mais de dois seculos.

(1) Dr. Joaquim Nabuco—Um estadista do imperio.
(2) Dr. Macedo—«Corographia do Brazil»—1873.

Portanto, como preito de homenagem tributada á memoria do merito esquecido, deliberei traçar, embora pallidamente, estas indicações, sem outra pretenção a não ser a satisfação de dedicar um pequeno esforço, em favor da classe a que pertenço.

Realmente, contrista a situação actual da Bahia; na razão inversa do progredir de seus ex-tutelados, quebrados os florões de sua nobreza, estacionaria e abatida por ingratidão de seus filhos.

No desenvolver das artes, na Bahia, progrediu com especial vigor a esculptura; depois a pintura historica, na parte que se refere aos fastos do Christianismo, o elemento revelador de artisticos genios, em todas as épocas, em todos os paizes.

De architectura pouco ha que mencionar; excepção feita da egreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, o unico templo que apresenta um estylo determinado.

Só depois que chegou da Europa o Dr. José Frederico Allioni, engenheiro, verdadeira illustração de sua classe, foi que a Bahia começou a perceber as bellezas architectonicas, que recommendaram á posteridade, Vitruvio, Vignole, Secamozio e tantos outros.

Na Escola de Bellas Artes da qual foi o illustre engenheiro um auxiliar efficaz, na sua fundação, ahi começou o ensino de architectura que estendeu-se aos projectos de construcções novas e arranjos em construcções antigas. Os poderes publicos ainda não estão convencidos da necessidade de uma planta cadastral da Cidade, nem tampouco de modelos ou typos architectonicos nas edificações. Cada qual edifica como quer, desprezando as condições estheticas e as conveniencias de salubridade.

Datam dos tempos coloniaes, edificações irregulares,

baixas, no estyle feio e forte; templos no meio de ruas estreitas, tortuosas e de máo calçamento, verdadeiros productos da incuria, e que ainda são reproduzidos, talvez como recordação historica do barbarismo, ou como fructo do desleixo habitual.

Dentre os trabalhos que podem ser mencionados, pertencentes ao inicio d'architectura, citaremos: o edificio onde funccionam o Senado estadual, Tribunaes de Appellação e de Conflictos; a Escola de Bellas-Artes, projectos e direcção do engenheiro Allioni; o edificio do Conselho Municipal, sendo o projecto de reforma do architecto Caminhoá; o Gymnasio estadual; Drogaria America, as capellas da Providencia e Coração de Jesus, e, bem assim, a do Cemiterio do Campo Santo, todas no estylo gothico.

O Palacio do Governo, o edificio da Escola de Medicina e Pharmacia, excellentes propriedades particulares nos arrabaldes do Rio Vermelho, Itapagipe e notadamente no districto da Victoria.

E, sem contestação, cabe ao engenheiro Allioni a gloria de ter introduzido na Bahia o pouco que se conhece de architectura.

No entretanto floresceu com muito gosto o trabalho de entalhador, um ramo especial d'architectura, como ahi está para attestar, a magnificencia interna dos templos, cuja ornamentação satisfaz por completo o espirito mais exigente e contemplativo do visitante.

A musica propriamente dita só no começo do seculo passado começou a desenvolver-se; já teve seu deslumbramento relativo. Depois cahiu em decadencia e actualmente promette erguer-se, graças aos esforços de Guilherme Mello, R. Domenek e tantos outros que têm seriamente cuidado de assumpto tão importante.

Esculptura

No seculo 18°. a esculptura desenvolveu-se com muita regularidade e gosto. E se por vezes aconteco a côr vir em seu auxilio, nem por isso a esculptura perde o seu valor proprio e natural, o qual nasce da belleza e harmonia na imitação da superficie dos corpos organisados.

Devido a essa circumstancia ella busca imitar de preferencia o homem, porque reune na belleza da fórma, a sublimidade do espirito e a grandeza das paixões: é o objecto principal do culto dos artistas, é o seu modelo mais nobre. Formado de elementos geometricos diversos, animado pela luz divina do espirito, o homem, considerado o melhor modelo na arte, tem necessariamente muitos typos de perfeição; e por isso, sua belleza é uma harmonia, e a harmonia não resulta de uma só, mas de muitas combinações.

A falta de ferramenta apropriada e o desconhecimento de noções de anatomia das fórmas do corpo humano, não obstaram que os artistas do tempo, armados de talento e amôr ao trabalho, produzissem obras de merito real, como se verifica visitando os templos desta cidade.

« Dir-se-hia que a natureza virgem e portentosa do Brazil suppria com suas aspirações patrioticas e arrebatadoras, as academicas e os mestres abalisados que faltaram na America portugueza, a esses e a todos os bellos talentos ». (*)

Chagas. Este operoso esculptor de grande nomeada, de quem a tradição apenas conservou o cognome e o appellido — *Chagas o Cabra* — é o pae, o ponto de partida do esplendor da esculptura na Bahia.

(*) Dr. Macedo — Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro.

Não foi possivel precisar as datas de nascimento e morte deste artista, porque ninguem ignora o pouco apreço a que são votados os homens que se levantam pelo esforço proprio, glorificando a terra de seu berço; e bem assim, intelligencias que peregrinamente vegetam desprovidas do bafêjo aulico, desde o tempo do despotismo aterrador, até hoje, em plena civilisação de palavras, unida a uma democracia sem ideal decente, sem escrupulos, dos banquetes, dos desfalques e sem patriotismo.

Sem embargo, a memoria do grande artista ha de ficar indelevel na justiça da posteridade.

Seus trabalhos conhecidos, são: o monumental grupo de *Nossa Senhora das Dores*, *S. João* e *Magdalena*, o qual é do maior elogio, pela dôr, resignação e ternura que exprime.

Nossa Senhora do Monte do Carmo, de uma expressão admiravel, principalmente o *Menino Deus* que, segundo a tradição, foi copiado de uma creança que o artista considerou um modelo perfeito.

Estas obras estão na Ordem 3ª. do Carmo. Um bem acabado *S. Benedicto*, cujo *Menino Deus* é um primôr artistico, na igreja matriz de Sant'Anna. *Senhor da Redempção*, pertencente a irmandade do mesmo nome, que se venera na igreja do *Corpo Santo*; é um trabalho de alto valor.

Ha uma circumstancia notavel; o *Senhor da Redempção* e *Nossa Senhora do Carmo*, qualquer que seja a posição do observador, parece que as imagens acompanham-n'o com a vista, o que é devido a bôa collocação dos olhos.

Dizem que o artista fôra encarregado da execução de um *Menino Deus* com a condição, porém, de ser egual ao de *Nossa Senhora do Carmo*, que deveria ser remet-

tido para Portugal; e porque o artista se negasse formalmente em acceder, provieram-lhe desgostos, prisões e afinal enlouqueceu.

Glorificado por suas obras, dotado de imaginação brilhante e fertil, aprofundado no mais severo cultivo da arte de sua predilecção, Chagas não poude, na vellice ao menos, receber as ovações a que tinha direito, como premio devido ás importantes producções de seu engenho.

Felix Pereira — Fallecido nos fins do seculo 18. Suas obras conhecidas, são: na matriz de Sant'Anna, a *Padroeira Nossa Senhora das Dôres*, trababalho excellente, cuja expressão tem a nitidez da invocação; e um *Christo* que está nos carneiros da dita matriz.

Bento Sabino dos Reis — Fallecido em 1846, na avançada edade de mais noventa annos.

Caracter severo, chefe da escola de esculptura de seu tempo. Deixou discipulos de merito, seus continuadores.

Suas obras conhecidas são:

Senhora Sant'Anna e *Senhora da Piedade* no Convento de S. Francisco.

Era de uma felicidade extrema na composição de um rosto de velho, como se pode verificar na magnifica effigie de *S. Francisco de Paula*, na Capella do mesmo nome, na freguezia de Santo Antonio Além do Carmo.

A Padroeira da igreja de Sant'Anna, do Rio da Dona; *S. José* e *S. Joaquim*, na matriz de Sant'Anna.

Sua obra prima ou a que constitue a epopéa do artista é um *Senhor dos Passos* e o competente castello que o encerra, cuja historia é a seguinte:

Em 1783 o esculptor Bento Sabino foi procurado por um sertanejo que lhe encommendara uma imagem do *Senhor dos Passos.*

E já pela pericia de que era dotado, e, pelo cumprimento que dava a sua palavra, apromptou-a perfeita e no prazo estipulado.

Apresentado o trabalho ao sertanejo, este para diminuir no valor ajustado, recusou recebel-a pretextando imperfeição. O artista depois de fazer ver as bellezas da arte, inspirando-se em justo orgulho que tinha pela execução, convidou o sertanejo a comparecer na audiencia da auctoridade local, o juiz de paz de Sant'Anna, com seus peritos para julgamento da obra. Feito isto, os peritos do sertanejo julgaram a obra perfeita, e estabeleceram que quem a tinha encommendado deveria recebel-a pelo preço ajustado, e mais as despezas do exame, em cujas custas fôra condemnado, julgando-se afinal tudo por sentença.

O artista sahiu triumphante no pleito, tirou certidão do occorrido, e, quando o sertanejo apresentou-se para cumprir o aresto da justiça, Bento Sabino recebeu somente a importancia das custas e recusou entregar a imagem, declarando não haver preço para sua acquisição.

Passados alguns dias, o artista instituiu com seus discipulos a actual « Devoção de Senhor dos Passos dos Humildes », que se venera em sua Capella, á rua do Tingui, actualmente rua dos Zuavos.

Bonito exemplo legou Bento Sabino aos vindouros.

Manoel Ignacio da Costa — Discipulo de Felix Pereira, falleceu em 1849, tendo mais de setenta annos de idade. Laborioso e fecundo na concepção gigantesca

de suas producções, cujo attestado é o vigor e belleza no talhe de suas obras.

E' impossivel conhecer-se o numero de seus trabalhos, devido principalmente a exportação, e porque os artistas não tomaram notas, nem tampouco firmaram assignatura em suas producções, sendo mais conhecidas: O *anjo da fama,* no Theatro S. João; *quatro anjos* maiores do natural, que na igreja da Piedade sustentavam a cupula do altar mór. Em 1868 o eximio esculptor Baião diminuiu-lhes o tamanho, mudou-os de posição, de modo que actualmente representam allegorias segurando cornucopias.

Senhor da Paciencia, padroeiro da irmandade do mesmo nome; *S. João de Deus*, levantando um louco, na matriz de S. Pedro Velho; *S. Miguel*, de seis palmos; *S. Gonçalo*, de tres palmos; *Sant'Anna*, de cinco palmos; *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, de sete palmos; *Nossa Senhora do Rosario*, de seis palmos, todos na matriz de Sant'Anna.

S. Guilherme, na igreja da Palma; *S. Eduardo*, na Inglaterra.

Suas obras eram caprichosamente acabadas, a roupagem bem desenvolvida e talhada com muito gosto. O *S. Lasaro*, padroeiro do hospital de morpheticos, cuja belleza de roupagem é admiravel, pela imitação feliz que o artista soube dar ao estylo andrajoso que se attribue ao santo. No mesmo hospital tem o artista uma linda imagem da *Piedade*. *S. Jorge*, de tamanho natural, em Maragogipe.

O *Senhor Morto* que sahe em procissão da Ordem 3ª. do Carmo.

Quem quizer ver o que é grandeza, observe esta imagem. Admiram-se aquellas fórmas surprehendentes

de belleza, a naturalidade dos ferimentos da cabeça, que pende sobre o peito, os cabellos em madeixas empastam-se-lhe ensanguentados sobre os olhos já fechados. Não se pode dar á morte do justo tristeza mais profunda, magestade mais solemne. Poucas vezes se tem talhado imagens do *Homem Deus* tão grandiosa.

Uma *Magdalena*, obra de muito merecimento sob qualquer ponto de vista, tanto na belleza do rosto como no talho, expressão e roupagem, na igreja da Lapinha.

No convento de S. Francisco: uma *Conceição*, um *Santo Antonio* e uma *Sant'Anna*.

Uma das obras monumentaes deste artista é um *São Pedro de Alcantara*, que está no convento de S. Francisco.

Verdadeira maravilha artistica. Nesta imagem observa-se mais uma vez o genial talento do artista que a esculpiu, aliás desconhecendo, como é de presumir, as regras de anatomia. O santo, na attitude contemplativa, com o olhar dirigido para o Céo apresenta, de accordo com a posição propria dos beatos que se submettem ao regimen das privações e jejuns continuos, o typo de um individuo magro, mas de uma magresa admiravelmente representada. A região frontal quasi toda descoberta, a testa enrugada, a escavação da região temporal, a saliencia dos ossos malares, a grande depressão da região da bochêcha e as rugas da face são feitas de modo a simular o natural. A posição do pescoço pondo em relevo um dos musculos sternos, onde se vê bem a cartilagem, seus bordos e o começo do canal larynge, são de uma perfeição admiravel.

As mãos descarnadas, as saliencias osseas que constituem as articulações do punho, os ossos do metacarpo, as articulações dos dedos, as veias do pescoço, face e mãos são feitos de modo irreprehensivel.

D. Pedro 2°. quando aqui esteve em 1859, não se conteve em mostrar desejos de possuir esta obra prima; mas teve de ceder á resistencia opposta pelos franciscanos.

Miniaturas

TRABALHOS EM BARRO COZIDO

1.°, Representa a fugida de *Nossa Senhora, S. José* e o *Menino Deus*, para o Egypto; 2.°, O despertar do povo ao ter noticia do nascimento de *Christo*; 3.°, A degollação dos innocentes, onde se vê os algozes de alfange em punho querendo trucidar as creanças e mulheres espavoridas correndo a livrarem-se dos verdugos que as perseguem; 4.°, Os pastores do Egypto contemplando, por gesto e admiração, o nascimento do Messias.

Os sete passos da *Paixão de Christo*, em relevo, na freguezia de S. Fellipe, em Maragogipe.

É o autor do *Caboclo*, um dos emblemas de nossa emancipação politica, nos gloriosos feitos de 1823, de que a tradição diz o seguinte:

No anno immediato á Independencia, os patriotas resolveram festejar com brilhantismo os feitos do *2 de Julho*. Para isso lançaram mão de uma carreta tomada aos lusitanos em Pirajá, enfeitaram-na com ramos de café, fumo, cannas, folha brazileira, etc., e sobre ella collocaram um velho descendente de indigenas. Conduziram o carro e o emblema de occasião, e bem assim o carro da bagagem ao som de pandeiros e violas, aclamações delirantes, fanfarras, porque naquelle tempo ainda não havia musica de batalhões, do Largo da Lapinha ao Terreiro de Jesus, hoje Praça 15 de Novembro.

Em 1826 encommendaram ao esculptor Manuel Ignacio um carro allegorico relativo ao assumpto. (*)

O artista desempenhou-se da incumbencia apresentando o carro actual, cujas rodas são as mesmas da carreta tomada aos lusitanos, em Pirajá, para levarem a effeito os festejos annuaes do triumpho.

O esbelto caboclo, ornado de pennas, aljava e settas, simbolisa o Brazil livre esmagando a tyrania, representada pela serpente que arfa e se estorce sob os pés do indigena que, com a mão direita, crava no animal hervada taquára; e com a esquerda, empunha galhardamente o estandarte nacional.

A serpente está rodeada dos trophéos de guerra com que foi vencida: cornetas, refles, espingardas, espadas, ballas e canhões. Dous pequenos anjos annunciam a victoria; duas cornucopias despejam flores, um escudo.

Em volta do carro diversas ellipses com inscripções relativas aos logares em que se feriram os combates de maior heroismo, como: Pirajá, Cabrito, Cachoeira, Funil, Itaparica, etc.

(*) NOTA. Os senhores José Alvares do Amaral e Damasceno Vieira em suas publicações referentes ao 2 de Julho dão o esculptor Bento Sabino dos Reis como autor do *Caboclo*. Ha engano, é trabalho de Manuel Ignacio da Costa: sempre ouvi dizer por todos os esculptores antigos. E o testemunho de maior peso é o do Snr. Antonio Machado Peçanha, discipulo do referido Manuel Ignacio, que declarou-me ter ouvido dizer seu mestre que, *ainda havia de com um pouco de betume dar as feições caracteristicas da raça indigena no rosto do caboclo*, pois não achava bom.

Deixou ficar como está, a contento de quem lhe tinha encommendado.

Ainda mais. o senhor Peçanha vio nas paredes da officina os traços a lapis do dito caboclo, como era de costume fazer seu mestre com trabalhos de vulto.

Costumava o artista trabalhar durante um anno, seis mezes em obras de madeiera, e o outro tempo em trabalhos de pedra jaspe, barro, casca de cajaseira, na factura de importantes figurinhas, animaes e outros objectos que dizem respeito ás tradicionaes festas do natal.

Em 1846, já elle não trabalhava; aconteceu, porém, chegar do Rio Grande do Sul, um seu filho desterrado, em virtude de se ter compromettido na Revolução da *Sabinada*; o velho enthusiasmou-se, voltou ao trabalho e produziu dous enormes indigenas, que foram collocados na Praça de Palacio, junto ao corêto dos festejos do 2 *de Julho* daquelle anno.

Um dos indigenas carregava cornucopias derramando flôres, fructos, etc.; o outro ostentava a bandeira nacional segurando um coração; todo trabalho de madeira.

Antonio de Souza Paranhos — Nasceu em 1786 e falleceu em 1854.

Trabalhou muito para exportação em obras grandes; bom córte, bastante expressivo na roupagem.

Tem: uma *Nossa Senhora da Piedade*, no convento de S. Francisco

Francisco d'Assis Machado Peçanha — Discipulo de Bento Sabino, e contemporaneo de Paranhos.

Tem: um *S. Roque* na Ordem 3ª. de S. Francisco.

João Baptista Franco — Nasceu em 1824 e falleceu em 1870. Esculptor e modelador que foi do extincto Arsenal de Marinha desta Capital. Assentou as estatuas do Passeio Publico.

Occupava-se principalmente de obras pequenas; e bem assim com vestimentas principescas nas imagens.

Produziu um *S. Cosme* e *S. Damião* vestido a Luiz 15º., trabalho muito bom como miniatura.

Domingos Pereira Baião—Nasceu em 1825 e falleceu em 21 de Agosto de 1871. Descipulo de Bento Sabino dos Reis.

Identificado com a arte foi esculptor eximio, retratista regular e musico de familia. Estudou preparatorios e desenho no «Lyceu Provincial.» Brilhou tanto na elegancia do traço, como na firmeza da execução.

Suas obras estão espalhadas em profusão por todo paiz, sendo mais conhecidas:

Diversos ornatos e o *côro de anjos*, no altar mór do mosteiro da Piedade; duas *imagens da Conceição*, uma que sahe em procissão no dia 8 de Dezembro de cada anno; e outra que fica na sacristia, em exposição na matriz de *Nossa Senhora da Conceição da Praia;* a *Conceição*, padroeira da irmandade dos artistas, na matriz da Sé; *S. Sebastião*, no Ceará; *Senhora da Soledade*, no convento do mesmo nome; *Senhor dos Passos*, uma imagem só que representa todos os sete passos da *Paixão de Christo*, na Feira de Sant'Anna; uma *Conceição*, em Aracajú; *Os sete passos*, no interior do Estado; *Nossa Senhora dos Anjos*, *S. Manuel* e *Santa Ritta*, no convento dos Humildes, em Santo Amaro; o *S. Pedro d'Alcantara*, copia do de Manuel Ignacio, offerecido a D. Pedro 2º. que lhe valeu o titulo de esculptor da Casa Imperial, de que nunca fez uso; uma *Conceição*, na Capella da Ordem 3ª. de S. Francisco, no Cemiterio da Quinta dos Lasaros.

A *Cabocla* um dos emblemas de nossa emancipação politica, nos gloriosos feitos de 1823.

A gentil indigena, vestida de linda plumagem, tem n'uma das mãos o estandarte nacional que fluctúa

desfraldado pelas auras da liberdade; e com a outra mostra ao povo a eloquente legenda dos veteranos da Patria: *Independencia ou morte.*

A esse respeito diz a tradição o seguinte: Em 1846 o Tenente-general Francisco José de Souza Soares d'Andréa, presidente e commandante das armas da provincia, portuguez naturalisado, procurou entender-se com a commissão dos festejos do 2 *de Julho,* e ponderou que não achava conveniente a continuação do caboclo nos festejos; considerava uma humilhação aos portuguezes, visto como elles já se casavam com brazileiras, e que não havia razão para continuar um emblema que significava uma nação esmagando outra.

Achava mais prudente que se fizesse uma cabocla representando Catharina Paraguassú e desapparecesse o tal caboclo.

Estavam as cousas nesse pé, quando no dia 2 de Julho reuniram-se diversos veteranos, com jaqueta e chapéo de couro, e mostraram-se descontentes com a resolução tomada. Discutiram o assumpto e mandaram um parlamentar entender-se com o presidente da provincia.

Em palacio o parlamentar desempenhou suas funcções, motivando o descontentamento de seus collegas pela idéa do general. Dadas as razões pelo presidente, o veterano não se conformou e terminou dizendo: *o cabocolão ha de sahir, custe o que custar, ainda que eu morra; o emblema pertence a nós, não é do governo.*

Retirou-se, e no logar combinado relatou o occorrido aos demais companheiros, que approvaram o seu dito, e foram buscar o caboclo e uniram-se ao prestito.

A idéa de desapparecer o caboclo despertou n'alma popular má vontade contra o presidente; e o enthusiasmo patriotico preparou-se para explodir numa manifestação de desagrado.

Á noite, houve espectaculo de gala, no *Theatro S. João,* para solemnisar a data gloriosa.

Então, como de costume, se fizeram ouvir diversos oradores e poetas.

Nessa occasião, o distincto poeta e homem de letras, Manuel Pessôa da Silva, interpretando o sentimento popular, recitou do camarote onde estava com sua senhora, junto do presidente, a seguinte poesia que foi publicada no *Guaycurú*, n. 213 de 4 de Julho de 1846.

Eil-a:

AO GLORIOSO 2 DE JULHO

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas acções.
Com tyranos não combinão
Brazileiros corações.

GLOSA

IMPROVISADA E RECITADA EM A NOITE DE 2 DE JULHO NO THEATRO PUBLICO, POR MANUEL PESSÔA DA SILVA

Pela marcha lisongeira
Que segue o genero humano
Hoje tentar ser tyrano
E' inaudita cegueira:
Ver-s'ha frustado o que queira
Renovar o terrorismo:
Uma vez com heroismo
Conquistada a liberdade
Reger, dominar não ha de
Nunca mais o despotismo.

Erra o que amamentado
Por leito do cativeiro
Queira o povo brazileiro
Governar pelo passado:
Vae caminho todo errado
Nutrindo taes intenções.
Varie de opiniões,
Pense melhor e conclúa
Que nunca a vontade sua
Regerá nossas acções.

Escoria da humanidade
Quem seu braço renegou
Noutra terra nunca amou
Lealmente a liberdade:
Porém, calcal-o não ha de
Nas que seus heróes se assignão;
Entre si elles se ensinão
De gosal-a eterno juz
São filhos de Santa Cruz
Com tyranos não combinão.

Esse que heroicos Bahianos
Memorão tão nobre feito
Seja um proficuo preceito
A' correcção dos tyranos:
Escarmente-os porque insanos
Não manchem nossos brasões,
Vejão *nelle* esses mandões
Que livres em peitos bravos
Jamais podem ser escravos
Brazileiros corações.

Terminada a recitação, como era de prever, o poeta foi calorosamente applaudido, e quasi todo o auditorio bradava *bis*. Começando de novo, deu-se uma scena desagradavel: o major José da Victoria Soares de Andréa, filho e ajudante de ordens do presidente, sahiu do camarote onde estava, e, dirigindo-se ao poeta, bateu-lhe com o rebenque nas costas. Nessa occasião a

senhora de Manuel Pessôa da Silva espedaçou um leque de marfim no rosto do dito maior, que foi immediatamente preso por ordem de seu pae e retirado do Theatro pelo delegado de policia, Dr. Bernardino Ferreira Pires.

O general Andréa foi sempre muito acatado pelo seu modo justiceiro; esse caso isolado não destróe os seus actos de benemerencia praticados durante o seu governo.

Os patriotas tinham razão; e o general queria cohonestar as cousas. Seu pensamento não visou hostilidade aos bahianos, era o seu modo de pensar.

Aurelio Rodrigues da Silva — Discipulo de Paranhos. —Nasceu em 1834 e falleceu em 25 de Dezembro de 1896. Artista de merito, bastante caprichoso em seus trabalhos, completo em imagens vestidas, o que quer dizer que desempenhava-se bem na roupagem.

Não conhecia preliminares de anatomia; apesar disso foi-se bem n'alguns trabalhos nús.

Suas producções conhecidas são: *S. Vicente de Paulo*, sua obra prima, está em Pernambuco; *Senhor do Bomfim dos Bahianos*, pertencente a uma sociedade, está no Rio de Janeiro; *Senhor Ressuscitado*, na matriz do Pilar; *Coração de Jesus*, na matriz da Penha; *Dito* que sahiu em procissão nas festas do Centenario do Brazil; *Dito* em Porto-Seguro; *Senhor dos Passos* e *Senhor Ressuscitado*, em Macahubas; *S. João Apostolo*, maior do natural, em S. Carlos do Pinhal; *S. Benedicto*, *Menino Deus* e *S. Carlos*, na igreja da Palma; *Senhor Ressuscitado*, na Ordem 3.ª do Boqueirão; *Conceição*, trabalho magnifico, na igreja de S. Bento, em S. Paulo; *Conceição*, no Azylo de Mendicidade; um grupo de *Jesus*, *Maria* e *José*, n'Allemanha; uma collecção de vinte

e tantas imagens da *Conceição*, nos povoados onde passa a Estrada de Ferro de Alagoinhas; *Conceição*, na igreja do Quartel da Palma; *Senhor dos Passos*, na cidade do Prado; *Sant'Anna*, que sahe em procissão da igreja do Rio Vermelho; e uma quantidade enorme de trabalhos exportados.

João Carlos do Sacramento — Nasceu em 1830 e falleceu em 1886. Discipulo de Magalhães Requião. Artista bem regular, grande exportador, não só dos trabalhos feitos em sua officina que era uma verdadeira fabrica, mas tambem de pequenos esculptores de que fazia acquisição.

Não dispunha de conhecimentos indispensaveis á carreira que abraçou, mas, com boa applicação e esforço, conseguiu ter reputação de bom artista. Excellente talhe, lance d'olhos, sabia bem talhar, facilidade de expressão na phisionomia de um rosto velho, como *S. Francisco de Paula*, *S. Joaquim*, *Sant'Anna*, etc.

Fez pequena fortuna com o trabalho, e foi a Europa em viagem de recreio. Tem: um *Senhor Ressuscitado* no interior do Estado.

Produziu muito, porém tudo está no Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul.

Antonio Machado Peçanha — Nasceu em 1835, discipulo de seu tio Francisco Peçanha e de Manuel da Costa. Arrojado e imaginoso na execução de suas obras, muito gosto pela arte, interpreta bem o sentimento do bello.

Seus trabalhos, logo de primeira vista, annunciavam o vigoroso talento do artista; tem: *S. Francisco de Assis*, na Ordem 3.ª de S. Domingos; *Santo Elias*, no convento do Carmo; *Nossa Senhora da Piedade*, no

Estado do Paraná; *S. Sebastião*, no Ceará; *Nossa Senhora da Victoria*, em Ilhéos; *S. Joaquim*, padroeiro do Collegio dos Orphãos, nesta cidade; *S. Manuel*, todas estas obras em tamanho natural; uma estatua da «Liberdade», pertencente ao Dr. Paulo Fontes, de nove palmos; um grupo de tres figuras para os festejos do 2 de Julho; a «Victoria» e a «Liberdade» coroando o Brazil representado por um caboclo; diversas estatuas allegoricas para festejos do Carnaval, como: Guttenberg, Leões e muitas outras bem esboçadas de effeito puramente scenographico. Uma estatua de D. Pedro 2.° que serviu nos festejos do 2 de Julho, maior do natural, um bom esboço, pertence ao «Instituto Geographico e Historico da Bahia.»

Exportou muitos de seus trabalhos e actualmente não vive mais da arte.

Basilio Antonio Rodrigues Setubal — Nasceu em 1836, discipulo de Paranhos. Trabalhou para exportação e pequenas encommendas. Suas obras conhecidas, são: *Senhor dos Passos*, no Estado de Matto-Grosso; *Santo Antonio*, *Santa Maria do Terço*, em *Porto-Seguro*; *São Benedicto* e *São Roque*.

João Guilherme da Rocha Barros — Nasceu em 1851, discipulo de Baião.

Estudou desenho no antigo «Lyceu Provincial» e lecciona no «Lyceu de Artes e Officios». Seus trabalhos conhecidos, são: *São Pedro d'Alcantara*, copia do de Manuel Ignacio, para a colonia do mesmo nome no Paraná; *Conceição*, no Arraial do Sacco; *Nossa Senhora Rainha dos Anjos*, em Nazareth; *Senhora Sant'Anna*, no Pará; *Senhor dos Passos*, no Ceará; dito na Cachoeira; *Senhor Morto*, dito *Ressuscitado*, em Aracajú; *Senhor Morto*, na

Matta de São João; *Senhor Ressuscitado*, na matriz da Penha; idem, no mosteiro da Piedade; *Senhor do Bomfim*, na Ordem 3.ª de S. Domingos, no altar-mór; Nossa Senhora das Dores, em Amargosa; dita na matriz do Coité; *Senhor Bom Jesus da Lapa*, encommenda do Arcebispo D. Jeronymo; *S. José*, em Aracajú; *S. Francisco de Paula*, na igreja do mesmo nome; *Nossa Senhora das Portas do Céo*, no Convento do Carme; restauração das imagens dos altares lateraes da Ordem 3.ª de S. Domingos; obteve medalha de ouro na exposição do «Lyceu de Artes e Officios», trabalha em pedra, jaspe e barro. Tem exportado muitas obras. Produziu ainda os bustos de *Guttenberg*, *Galeno*, *Vitelio* e *Victor-Hugo*.

Domingos de Barros Lisbôa—Nasceu em 1859, discipulo de Eustaquio da Cruz, estudou desenho no «Lyceu de Artes e Officios».

Trabalha em pequenas encommendas e alguma exportação.

Suas obras conhecidas são:

Um grupo de *Nossa Senhora das Dores*, *S. João* e *Magdalena*, na sacristia da igreja do Bomfim; quatro figuras para um carro mortuario de 1ª. classe, no Pará; ditas para outro na capital; uma *Deusa da Saúde*, pertencente ao Dr. Bonifacio Costa; um carro para Carnaval com duas figuras representando a *Fama* e o *Tempo*; uma *cabocla* para os festejos de 2 de Julho de Ilhéos; *Senhor Morto*, de cinco palmos, no Amazonas e um medalhão com a figura da Justiça.

Miniaturas

Erotides Americo d'Araujo Lopes—Nasceu nesta capital, a 17 de Dezembro de 1847. Organisação artistica bem pronunciada, manifestou, desde creança, o gosto

pela arte que, um dia, a posteridade havia de coroar-lhe os esforços. *Motu proprio*, procurou mestre para inicial-o nos segredos da esculptura, de que é um festejado cultor. Discipulo de Beirão, portuguez, que, sendo tamanqueiro, á custa de muito esforço conseguiu, com algum lustre, fazer parte do grupo de esculptores de seu tempo, especialisando-se em imagens de *Nossa Senhora da Piedade.*

Com Erotides e Beirão deu-se o mesmo caso de Raphael com Perugino; depois de certo tempo, Beirão não tinha mais o que ensinar a Erotides: o mestre copiava o traço do discipulo.

Estudou desenho com o professor José Rodrigues Nunes, pai; nessa época o ensino do desenho já estava em decadencia.

A não serem os que tinham aprendido com Velasco, ninguem mais estudava desenho; a maior dedicação não excedia ás raias de copista. Até certo tempo trabalhou Erotides Lopes em obras de madeira, dedicando-se depois a obras de pedra jaspe e casca de cajazeira; é o unico, actualmente, que se tem entregado a trabalhos de miniatura, no que é inexcedivel. Suas obras estão espalhadas em profusão, principalmente na Inglaterra, Portugal, Escossia, Irlanda e França.

Seus trabalhos mais conhecidos. são: *Typos das ruas* — ganhadeiras com gamelas cheias de fructos; domesticos com samburás de compras; africanos carregando agua em barris; animaes amarrados em cestos de conducção; negociantes ambulantes, e tudo mais que relacionar se pode neste genero. Estes trabalhos são feitos de casca de cajazeira.

De pedra: *A supremacia* (Domadora de feras, uma grega domando tres leões), vendido por 500$000, copia de uma gazeta ingleza. *Uma crioula em grande gala,*

vendido por 500$000. *A vivenda do camponez*— contendo casa, arvoredos, curral de bois, uma mulher com uma trouxa de roupa, duas cabras pascendo, um cavalleiro, gallinhas, pintos e outros animaes em roda da casa, vendido por 500$000. *A lucta de dois leões* — em tres grupos; no primeiro, dois leões se accommettem de pé; no segundo, um dos leões mostra-se enfraquecido; no terceiro, um leão subjuga o outro. *Uma aguia tentando suspender um carneiro*; este trabalho pertence ao Dr. Pacifico Pereira. *Uma aguia apanhando uma cobra*— pertence ao Sr. Willcox. *Trabalho interrompido* (É um tigre devorando uma cabra, o qual de repente olha para os lados como que receiando alguma cousa). *Uma collecção* de gallinhas, gallos, pintos e outros objectos em roda. *A lucta do touro com dois leões e uma leôa*, obra de muito merito artistico. Já offereceram um conto de réis; mas a estimativa do artista é superior a esse preço. *Um veado sobre uma rocha*; é a obra prima do artista; trabalho de uma difficuldade extrema, principalmente pela delicadeza das pernas e o desenvolvimento das galhas do animal.

Estes trabalhos recommendam-se pelo gosto, perfeição, delicadeza no talhar da pedra, posições elegantes dos animaes, a fidelidade na interpretação do motivo, emfim, são verdadeiras joias artisticas de subido valor.

Um presepio, tendo quatorze palmos de altura, por oito de largo.

No primeiro plano vê-se a *Lapinha* e o *Menino Deus* deitado, rodeado dos personagens que o adoram; no fundo, ultimo plano, a cidade de Belém, perfeitamente arranjada, com seus zimborios, torres, fortalezas, tudo de madeira.

Descendo da cidade, por montes e serras, os tres reis magos, tres creados relativos ás raças de cada um,

montados em dromedarios, diversos animaes da mesma especie conduzindo cargas; arvores e arbustos de diversos tamanhos; um rebanho, boiada, creações diversas; pastores com offertas, as figuras no gosto antigo, descalças e vestidas de tunica; animaes bebendo agua, outros desviando-se do rebanho; a *adoração* é de madeira pintada fingindo pedra. É um conjuncto de trezentas e tantas figuras, numa disposição feliz. É um caso em que a intelligencia se irradia de contentamento ante um trabalho que produz a melhor das impressões: a arte representando a natureza, em suas manifestações mais sublimes.

Bahia, 1906.

Manuel R. Querino.

(*Continúa*).

MEMORIA HISTORICA

E

Descriptiva do Municipio de S. João do Paraguassú

ESEJANDO prestar um pequeno serviço á terra onde nasci, onde constitui familia e vi nascerem tres dos meus filhos; onde os meus avós e meus paes foram sempre respeitados, dispuz-me a escrever uma memoria descriptiva dos logares que constituem o que hoje chamam *Lavras-Diamantinas*, isto é, toda a zona de mineração comprehendida entre as duas comarcas de Paraguassú e Lavras Diamantinas.

Sei que a outros competia esta tarefa a que ora me proponho, alguns dos quaes, naturaes da localidade, occupam cargos importantes no paiz, que já é um padrão de glorias para o mesmo logar que deve orgulhar-se de ver muitos dos seus filhos em posições elevadas, cercados de prestigio e considerações; mas a cada um o seu papel; e, só o facto de muitos delles prestarem seu contingente em varios departamentos dos poderes publicos, já é bastante para livrarem-se de qualquer censura, que por ventura entendam nossos patricios lançar-lhes.

O humilde trabalho que apresento é em desempenho

de compromisso contrahido com alguns amigos e ao meu proprio desejo de tornar conhecidos e avivados, factos que se prendem ao logar, alguns de summa importancia para o levantamento do torrão natal e o seu desenvolvimento nos centros civilisados.

Estou certo de que este meu proceder não será levado á conta de um jacto de vaidade ou de uma estulta apresentação, quando aliás, na modestia em que sempre tenho vivido, jamais procurei alardear favores nem beneficios a esta terra, que idolatro e para a qual só tenho o desejo de ser util e de contribuir com a minha pequena parcella de esforço para tornal-a mais conhecida por sua riqueza, e fazel-a mais admirada dos centros civilisados, de onde, muitos dos que têm percorrido suas serranias, mostram-se maravilhados na contemplação dos contrastes creados pela natureza e que lhe dão uma belleza peregrina.

Ninguem mais do que o estrangeiro que nos tem visitado pode dar testemunho da belleza desses contrastes, que se casam perfeitamente com as nossas vistas.

De facto, andar-se por serras asperrimas onde medram apenas as bromelias, begonias silvestres, cactus e orchidéas de variedades raras, correndo riscos extraordinarios e perigos, só mesmo uma compensação assaz rendosa justificaria o arrojo dos mineiros nas explorações em que se mettem, acontecendo que alguns, de um momento para outro, se transformam em ricaços quando hontem curtiam extrema pobreza.

Além disso, o nosso mineiro ou garimpeiro, como queiram chamal-o, é muito differente dos mineiros de outros paizes, que enfrentam o trabalho certos da riqueza e pujança de suas minas; entre nós, dá-se o contrario, — o mineiro das Lavras vive sempre de esperanças,

ainda que sob a pressão mais lancinante de uma acabrunhadora pobreza.

E' preciso conhecer-se de perto esses logares, ter-se privado com os seus habitantes, conhecer-lhes suas necessidades e costumes; estudar a conformação e a natureza de seus terrenos, seu systoma de commercio, etc. para se ajuizar da grandeza daquella zona, da belleza de suas paizagens, da riqueza do seu sólo, da amenidade do seu clima e da hospitalidade de seus filhos.

Com as observações proprias colhidas em 10 annos da mais trabalhosa existencia, com as notas adquiridas obsequiosamente de velhos amigos que muito se interessam pelo progresso daquella terra, é que me animo a escrever esta memoria, que, quando nada, terá o valor de ser escripta só pelo desejo de ser util e patriota.

Nascido na Freguezia de S. João do Paraguassú ou Santa Isabel do Paraguassú, por ella começarei o meu trabalho.

1.ª PARTE

Descripção e Historia

São João do Paraguassú, Santa Isabel do Paraguassú, Mucugê, Paraguassú Diamantino, são estes os nomes pelos quaes era conhecida a actual cidade de São João do Paraguassú.

Pela lei n. 271 de 17 de Maio de 1847, foi creada na povoação do Mucugê, da Chapada Diamantina, uma freguezia sob a invocação de São João do Paraguassú.

Por essa mesma lei (Art. 3.º) foi elevada á cathegoria de Villa com a denominação de Santa Isabel do Paraguassú e installada em 7 de Fevereiro de 1848, (1)

(1) Acta lançada no livro da Camara.

sendo o primeiro presidente da Camara, o Dr. Pedro da Silva Rego, medico clinico e capitalista ali residente.

Creado o fôro civil, foi nomeado para o cargo de juiz municipal o Dr. Antonio Agnello Ribeiro, que ali primeiro serviu e começou o seu exercicio em 20 de Abril de 1849, cargo no qual esteve até 12 de Outubro do mesmo anno, quando foi removido para os termos reunidos de Barcellos e Camamú.

A primeira installação do Jury coube ao Juiz de Direito de Minas do Rio de Contas, que até então era cabeça de Comarca em cujo exercicio se achava o Dr. Henrique Jorge Rebello.

De villa que era, passou a cidade por Acto do governo do Estado de 8 de Outubro de 1890, após a proclamação da Republica.

Em 1849, por lei n. 371 de 10 de Novembro, foi creada a cadeira de primeiras lettras para meninos; e pela Resolução n. 547 de 6 Junho de 1855 foi creada a cadeira do sexo feminino.

A freguezia teve por seu primeiro vigario o Padre Martiniano Vieira Celio, o qual celebrou ali a primeira missa em 5 de Agosto de 1849.

Em sessão ordinaria da Camara, de 13 de Setembro do mesmo anno, foi aprensentado por esse sacerdote um requerimento pedindo que se lhe attestasse o dia em que tomou conta da freguezia como vigario encommendado, o que foi satisfeito, attestando-se a data a cima indicada de 5 de Agosto.

Posteriormente teve essa freguezia como seus vigarios os Revs. Padres, Seraphim José dos Santos, cujo nome ainda hoje é proferido com muito acatamento e respeito, Honorato da Conceição Menezes e João Pereira de Miranda, que ultimamente por molestia deixou a fre-

guezia e veio para o seio de sua familia em Santo Amaro. Este, a quem conheci de perto, passou sempre por homem cumpridor dos seus deveres sacerdotaes e foi bastante estimado em toda a freguezia, onde adquiriu fortuna. Cumpre declarar que toda aquella população é muito religiosa e sabe acatar em extremo os sacerdotes incumbidos de parochiar a freguezia.

Ainda hoje faz parte desta freguezia o termo do Andarahy, que comprehende a povoação importante de Chique-Chique.

E' uma freguezia importante e rendosa segundo minha opinião.

Aspecto

A cidade de *S. João do Paragaussú* está collocada na fralda da serra vulgarmente denominada serra da Chapada, que é uma ramificação da do Sincorá.

Desde o logar denominado *Passagem das Piabas*, estrada do Mucugê, sobe-se as serras, passando-se por talhados gigantescos, denominados — Emparedados —, de onde se descortinam horizontes immensos, paizagens lindissimas e mappas extraordinarios de mattas longincuas.

Attinge-se ao *geraes*, planaltos das serras, onde atravessa-se o Combucas e o rio Mucugê e chega-se á cidade por uma garganta da serra.

Dahi seguindo-se a direcção de O, a oito leguas mais ou menos, encontra-se a serra vulgarmente conhecida pelo nome de *Cocal*, perto da qual está o morro do Ouro e brejos da Farinha Molhada, de onde nasce o Paraguassúsinho que d'ahi vem ao *Commercio de Fóra*, onde toma o nome de Paraguassú. Contam-se outros morros importantes e altos, taes como o Cotinguiba e o Tira-Chapéo.

Clima

O clima de *Santa Isabel* pode ser considerado como um verdadeiro clima europeu. Sua temperatura média é de 23°. A temperatura maxima 28° a 30°.; a minima durante a época invernosa é de 7°.

O frio é excessivo no inverno.

Em pleno rigor do verão, a temperatura é sempre agradavel, principalmente pela manhã e á noite. Gosa-se de duas estações durante o anno: a secca que começa em Junho e termina em Outubro.

Em Novembro começam as chuvas ou estação das aguas, que são interrompidas pelo veranico de Janeiro. Quando as estações são bôas sempre ha chuvas e occasiões ha de durarem 15 dias seguidos, privando todas as passagens de rios.

Quasi sempre ha cerrações nas serranias.

A despeito das faladas seccas do sertão, podemos affirmar que o Municipio jamais soffreu falta d'agua; nem mesmo nas duas terriveis seccas de 1869 e 1889, em que muitos corregos seccaram. A secca com seus cortejos de miserias operou os seus effeitos por todos os logares; pelo que soffreram a carestia dos generos de primeira necessidade, não só por falta de pastagens para as tropas que conduzem cereaes para as feiras, como pelo augmento inesperado da população que para ahi immigrou á cata de trabalho e sustento.

O exodo de quasi todo o interior foi para as Lavras e para S. Paulo.

Nessa occasião houve necessidade de recorrer-se a navegação dos rios Paraguassú e Santo Antonio. O estrangeiro que percorrer todo o Municipio de Santa Isabel sentir-se-á bem pela benignidade de seu clima, sob

cuja influencia cultivam-se varias plantas européas como o pecego, a pera, o trigo, a cevada, etc.

Para demonstrar o que é o clima do Municipio basta dizer que tratando-se na Assembléa do Estado da mudança de capital, foi escolhido um ponto pertencente ao municipio e denominado *Cascavel*, banhado pelo Paraguassúsinho e onde foram feitos os estudos necessarios com a approvação do governo.

Os propietarios dos terrenos reuniram-se e fizeram cessão de duas leguas de frente sobre outras tantas de fundo para a installação da cidade.

Esses documentos foram lidos no Congresso e publicados na folha official.

Pelos estudos aproveitados pelo Engr.º Greenhalgh (1) vê-se que a temperatura ali é agradabilissima para qualquer europeu.

O outro logar escolhido á margem do rio Utinga, matta dos Lençóes, foi desprezado pela commissão.

Superficie

E' mais ou menos calculada em cinco leguas quadradas, segundo opinião do Engenheiro Carolino Augusto Bacellar, encarregado do serviço technico da Repartição dos Terrenos Diamantinos, hoje com esperanças de ser transformada em Directoria de Terras, Minas, Immigração e Colonisação.

Penso que a superficie é um pouco maior, levando á risca as linhas de limites do Municipio com os outros vizinhos.

(1) A commissão Greenhalgh compunha-se delle, Major Salvador Pires, desenhista Couto e engenheiros Joaquim Bahiana e Feliciano Lopes.

Limites e Posição

S. João de Paraguassú está a L. S 12°. 59' 46" Greenwich e Long. O—41°. 28' 30"

Sua população é orçada em 12,000 habitantes.

Os limites civis dados na sua creação foram os seguintes: Passagem do Rio de Contas no logar chamado Fazenda do Gado (hoje Jussiape); pela estrada geral abaixo até a passagem do Paraguassúsinho e d'ahi em direitura até as cabeceiras do rio Una; por este abaixo até o rio Paraguassú; extremando com as outras freguezias limitrophes, ao poente, pelas serranias do Sincorá até encontrar os limites da freguezia do Chique-Chique; e ao nascente pelas mattas que acompanham a mesma serrania, respeitando-se os actuaes limites da freguezia de Jacobina e da novamente creada no arraial de Brotas.

Rios Importantes

O *Paraguassú*, que vem da vertente occidental da Serra do Sincorá, nos brejos da Farinha Molhada, perto do Morro do Ouro, atravessa os geraes em dois pequenos braços e depois recebe o *Alpargata*, que vem da serra *Gugáo*, o qual após um curso de mais ou menos seis leguas recebe as aguas do *Catinga Grande*, que vem da Serra do Sincorá a léste, corre para oeste e depois toma a direcção sul, e entra n'aquelle formando um curso da mesma longitude; e depois de correrem umas duas leguas se lançam no Paraguassú, junto ao povóado do *Commercio de Fóra*, distante uma legua de Mucugê ou S. João do Paraguassú.

Seguem-se os rios *Preto*, *Combucas*, *Mucugê*, *Piabas*, *Santo Antonio*, *Timbó* e *Una*, além de outros riachos sem importancia.

Todos esses rios, que vêm ter no Paraguassú, são considerados ricos de diamantes e carbonatos, excepção dos *Timbó* e *Una*, talvez por falta de experiencias e pesquizas em suas nascentes.

Tratando o Dr. Acauã, no seu relatorio apresentado ao governo em 1847 sobre a Serrania do Cocal, onde diz existirem minas auriferas, assim se exprime sobre os rios ora citados:

« É ahi (*Serrania do Cocal*) que se acha um morro denominado do *Ouro* e é deste ao lado de oeste que nasce o *Paraguassú* com o nome de *Paraguassúsinho*, desde aquella fonte até a povoação do *Commercio de Fora* onde chega com um curso de dezoito leguas.

Emquanto corre na Serra donde nasce é aurifero, mas logo que a deixa e entra nas grandes planuras até o *Commercio de Fora*, não se descobriu nelle ainda nem diamantes nem ouro.

A Serrania do Cocal se vae elevando para o norte e em distancia de seis leguas fazendo grande summidade toma ahi o nome de serra da Chapada, de onde começa a ser diamantina e continúa na mesma direcção.

Da serra do Gagáo nasce e segue para o sul o rio *Alpargata*, que depois de um curso de cinco leguas recebe as aguas do rio *Catinga Grande*, que, vindo da Serra do Sincorá a léste, corre primeiro para oeste e depois volta-se para o sul e entra naquelle formando um curso da mesma longitude. Estes dois rios assim unidos, depois de correrem 2 leguas se lançam no Paraguassúsinho junto á povoação do Commercio de Fóra, que dista do Paraguassú Diamantino uma legua.

Fronteiro a esta povoação, ao norte, em distancia della meia legua e outro tanto abaixo da embocadura daquelles rios, desagua no mesmo Paraguassúsinho o

rio Negro (1), que nascendo da mesma serrania do Sincorá recebe uma cadeia de serras, que se abatem para dar-lhe um curso de seis leguas; e abaixo de sua foz duas leguas vem lançar-se o rio Preto depois de um curso de quatro leguas, sahido dos brejos das mesmas serras, que são pertenças da mesma serrania. Ambos estes rios assim como o Alpargata e Catinga Grande são diamantinos tambem.

E' da serrania do Sincorá que nasce a oeste o rio Una, o qual depois de um curso estimado em quinze leguas para léste, vae perder-se no rio Paraguassú, no logar chamado Morro das Araras.

Este rio, o do Timbó e Mucugê e outros corregos que nelles desapparecem, assim como os brejos que o rodeiam são diamantinos; mas as febres de caracter maligno, que affectam os que por elles transitam, têm afugentado totalmente os exploradores.

Da mesma serrania do Sincorá nasce o rio deste nome: é elle o unico que tendo ali sua fonte segue para o sul e vae lançar-se no rio das Contas; aquelle rio cujo curso estimado em vinte leguas em quanto corre na serrania donde nasce é diamantino, e logo que recebe as aguas da serrania do Cocal, por cujas abas vae passar, deixa de o ser e senta-se então sobre o ouro.

Ao norte sete leguas da fonte daquelles dois rios e na mesma serrania do Sincorá está uma serra chamada da Chapadinha: della nascem parallelos e parallelos correm os rios Mucugê e Combucas, que depois de um curso de seis leguas se encontram e confundem-se distante da povoação do Paraguassú Diamantino, meia legua a léste da estrada por onde se vae para o Andaráhy ».

(1) E' tambem conhecido pelo nome de Santo Antonio.

Releva ponderar que o rio Paraguassú é navegavel por meio de vapores até á cidade de Cachoeira, continuando a ser navegavel por meio de canôas e ajôjos até o rio Santo Antonio, no logar denominado *Porto da Gramma*, perto dos Lençóes, 1 legua mais ou menos, o que tem facilitado bastante as conducções de machinismos, pianos, etc., para a cidade dos Lençóes.

Agora mesmo, muitos machinismos importados pela companhia ingleza de S. José têm sido transportados por esses meios.

Pena é que não se tenha ligado grande interesse á essa navegação, promovendo os meios de tornal-a melhor e mais accessivel a todos.

Mesmo que tenhamos em breve o prolongamento da linha de *Bandeira de Mello*, não deveremos desprezar esse recurso que nos facilitou tão prodigamente a natureza.

Não deveremos, jamais, esquecer os beneficios prestados por essa navegação nas épocas das seccas, quando os generos de primeira necessidade attingiram a preços extraordinarios e as tropas não podiam transitar pelas estradas por falta de pastagens.

São factos que não se perdem de vista; e ao contrario não podemos deixar de consignar para que mereçam estimulo da população e auxilio dos governos.

De referencia aos rios da serrania do Sincorá, depois de ter descripto o Paraguassú diz o Dr. Acauã no seu relatorio: «Da Chapadinha nascem parallelos e parallelos correm os rios Mucugê e Combucas, e que depois de um curso de 6 leguas se confundem distante da povoação do « Paraguassú Diamantino », meia legua a leste, na estrada pela qual se vae para Andarahy.

Foi nestes rios que José Pereira do Prado descobriu

riquissimas minas em Setembro de 1844 (1), descoberta que foi divulgada e fez reunir em menos de seis mezes uma população das extremidades desta provincia e das vizinhas em numero de mais de 25 mil pessoas, de maneira que, dentro daquelle tempo, uma grande povoação que tomou o nome de Paraguassú Diamantino, levantou-se á margem do rio *Mucugê* que com o de *Combucas*, a ficou cercando a sul e leste, vindo cercal-a o Paraguassúsinho a oeste e norte, povoação que tendo mais de 2 annos de existencia conta hoje cem lojas e tavernas, 1 milheiro de casas habitadas e que, tornada um centro de relações commerciaes para todos os sertões da provincia, deve decrescer, apesar de existirem os elementos que a fizeram nascer e prosperar, se continuar a existir a ausencia total da autoridade e da justiça; pois que si os homens podem sentar-se em um logar qualquer, associar-se, crear interesses, estabelecer relações e extendel-as sem o auxilio do governo, nada podem assegurar do que tanto fizeram se não vem em seu apoio o mesmo governo, que antes de fazer-se sentir pelo lado odioso de imposições, deve fazer-se conhecer pelo da protecção ás pessôas e á propriedade.»

Era esta a opinião de um homem competente e cheio de responsabilidades; deixava um valioso documento publico entregue ao governo Imperial e que vem corroborar tudo quanto havemos dito sobre a importancia do logar, seu commercio, e faltas de garantias até então.

Continuando em seu relatorio diz o mencionado Dr.: «—Foi em um pôço do rio *Mucugê* que em poucas horas Wenceslau de tal em Outubro do mesmo anno (1846), mergulhando, apanhou 19 oitavas de diamantes.

Nelle apanharam outros individuos mais de 80 oi-

(1) A descoberta do Prado foi em Julho de 1844. Vide «Revista do Instituto Geographico» da Bahia n.º 19, de Março de 1899.

tavas e ultimamente colheu o Capitão Rodrigo Antonio Pereira Castro, em 14 dias de trabalho com 30 trabalhadores, 93 oitavas. Os corregos que por esses dois rios desaguam, os brejos que em suas abas, nas fraldas das serras e nas cavidades dellas se formam, abundaram de diamantes; abundancia que se considera existir nos que ainda por desconhecidos existem virgens.

E' depois que estes dois rios e os de Alpargata e Catinga Grande, Preto e Negro se lançam no Paraguassúsinho, que este com elles engrossando atravessa uma cadeia de serras das qua es umas se abatem e outras subm ergem para fazel-o rebentar em borbotões, depois de um curso subterraneo de mais de uma legua no logar chamado *Passagem do Andarahy,* onde se despede das serras para banhar mattas agricolas extensas e desertas que toma o nome de Paraguassú, com o qual corre até Maragogipe.

Pode-se sem exageração dizer que este rio desde o seu curso naquellas serras, onde recebe os rios que o engrossam, que o enriquecem, até á bocca do Santo Antonio, duas leguas abaixo da Passagem do Andarahy onde rebenta, senta-se sobre diamantes».

Nenhum exagero encontro nas affirmações do Dr. Acauã de referencia a este trecho de seu relatorio, pois que está francamente demonstrado ser o rio Paraguassú o mais rico e abundante das Lavras Diamantinas, tanto em diamantes como em carbornatos, até então não conhecidos dos moradores e historiadores, além de outros muitos mineraes não explorados, mas conhecidos e encontrados em seu leito e margens.

Em toda essa linguagem do Dr. Acauã, vemos a inspiração mais eloquente da verdade traduzida em factos conhecidos e apreciados por aquelles que conhe-

tem as Lavras e têm estudado sua historia daquella época até o presente.

Mineraes

Não precisamos encarecer os que existem no Municipio e constituem grande fonte de commercio e riqueza local: — *o diamante*, *carbonato* e *ballas*.

Os diamantes que são reputados como de mais brilho, gosam sempre de bons preços. Muitas vezes elles apparecem cobertos de uma crosta corada ou barreada, que perdem-na logo que são levados ao fogo.

São communs os diamantes de 3 a 4 quilates; assim como temos verdadeiras curiosidades mineralogicas. Durante a minha permanencia nas Lavras vi diamantes de todas as côres, amarello, verde, azul, côr de ouro, avermelhado e preto já lapidados.

Temos ainda os *vitriés*, que gosam de bons preços e são muito encontrados em quasi todos os garimpos.

Os carbonatos são muito procurados, principalmente os de 1 quilate até 4 quilates.

As *ballas* têm valor superior ao carbonato e são diamantes de fórmas esphericas, incapazes de se prestarem á lapidação por sua resistencia.

Constitue um commercio á parte, como deixei evidenciado em artigo publicado sobre o assumpto.

Parece que alguns escriptores entre nós e até dos mais entendidos, confundem as *ballas* com o *boort* ou

bortz, (1) « diamantes concrecionados que se apresentam sob fórmas spheroides, structura cristalina, côr embaçada e empregado na lapidação do diamante». Quem conhece o commercio de diamantes, sabe que o *bortz* vale muito menos do que os *fundos* de partida (*refugos*); pois que, emquanto os *fundos* são vendidos por 15 schill por quilate na França ou na Allemanha ou na Inglaterra, o *bortz* vale tres sch por quilate. Depois as *ballas* não se prestam como os *refugos* e *bortzs* para a lapidação.

Ahi está porque me parece que ha engano em chamarem as nossas *ballas* de *boort* ou *bortz*. Sobre este ponto, pedi a attenção do illustrado Dr. Arlindo Fragoso quando publicou no *Jornal de Noticias* um artigo sobre a questão do diamante preto.

O carbonato ha pouco tempo gosou do preço de 70$000 por oitava ou 17,5 quilates.

De accordo com as notas extrahidas de correspondencia extrangeira, « a producção annua do carbonato, dos maiores da Bahia (2), é estimada em 30,000 quilates ou 617140 grammas que são remettidas para Paris e d'ahi distribuidas para varios centros europeus e America do Norte. Só este paiz consome 10,000 quilates.

(1) *Bost*, *boor*, *bort ou bord* ou diamante concreto, sem estar acabado, de côr indecisa, fórmas arredondadas e que serve para polir o diamante do commercio.

O carbono ou diamante negro, que é empregado para os mesmos usos e que serve tambem engastado nas extremidades das brocas para perfurar rochas as mais duras, como as de granito, porphyro, e para as quaes o mineiro provido de meios ordinarios teria muito trabalho para cortar ou furar.

Vem depois o diamante crystalisado de fórmas pontudas, pyramidaes ou dodecaedras e algumas vezes esphericas, o verdadeiro diamante limpido, faiscante, as mais das vezes sem côr, porém bonito, não polido pela mão do homem.

L. Limonin — Edicção de 1869.

(2) Até agora não me consta que se tenha encontrado o carbonato em outras minas a não ser nas das Lavras Diamantinas.

Calculando-se essa producção em 35$000 por grão ou 7 L por quilate (cambio de 12 ou 20$000) temos que o valor desse producto das Lavras-Diamantinas attinja á quantia de 4.200:000$ de nossa moeda. O nosso calculo é tomado com média, devendo crescer mais a proporção que for subindo de preço como tem attingido varias vezes a 65$000 o grão ou 260$000 o quilate nas Lavras.

Quanto aos diamantes que são encontrados não só na Bahia como em Minas-Geraes, o calculo é incerto, mas muito superior ao carbonato; comtudo a *fazenda bôa* dá, em média, 800$000 a 1:200$000 por 17,5 quilates; *fazenda inferior* 400$000 a 700$000 idem, e *mêlés* 216$000 a 500$000 o quilate conforme a qualidade.

São conhecidos e universalmente proclamados como ricos em carbonatos e diamantes os garimpos ali situados como o *Mar de Hespanha*, onde sem exagero algum pode-se dizer foram tiradas centenas de contos e ainda hoje contém riquizas immensas, que não podem ser exploradas sem o auxilio de machinismos modernos.

Beiçudo, afamado garimpo conhecido em Santa Isabel e em quasi todos os pontos das Lavras, pela quantidade de diamantes e carbonatos que ali foram encontrados.

Antigamente não se conhecia o carbonato e por isso eram atirados como pedras imprestaveis. Annos após á descoberta das Lavras, sei que um francez, que residia em Andarahy, principiou a comprar certas pedras pretas, ás quaes dava o nome de *ferrujão* (ferrugem grande) chegando a compral-as a 160 réis a oitava ou 17,5 quilates. Mais tarde esas pedras foram obtendo melhores preços do francez e ninguem mais as jogava nas

lavagens. Por fim já em 1880 o carbonato vendia-se a 500 réis o grão ou 36$000 por 17,5 quilates e em 1884 já elle gosava o preço de 8$000 ao grão.

D'ahi para cá o carbonato constituiu o principal commercio das Lavras Diamantinas fazendo a fortuna de alguns commerciantes e desenvolvendo bastante o commercio de quasi todas povoações que cuidam da mineração.

O rio Paraguassú tem provado ser um dos mais ricos nesse mineral como em diamantes. Contém outros muitos mineraes que não têm sido explorados, mas a sua riqueza principal consiste nesses dois importantes mineraes.

Todos os serviços ou garimpos proximos a esse rio são considerados ricos, e assim estão outros proximos ao *Beiçudo*, Poço do Dr. Rego, garimpo importante onde foram retirados muitos diamantes e que primitivamente pertenceu ao Dr. Pedro Rego e onde foram encontradas grande numero de oitavas de carbonatos, quando estes não tinham valor.

Ainda contam-se outros garimpos importantes nas encostas do rio Paraguassú, principalmente nos logares por onde elle corre engrunado.

Temos os garimpos dos rios *Mucugê*, *Combucas* e cabeceiras do rio *Piabas* bem como do *geraes* das *Perdizes*, *Bocca da Matta* e outros muitos que têm feito a prosperidade de alguns dos habitantes do Municipio; prosperidades que appareciam e desappareciam como por encanto.

O garimpo denominado *Siberia*, onde em 1878 a 1879, o Major José da Silva Reis, cidadão digno por todos os titulos e juiz de paz por mais de 30 annos, retirou de um caldeirão na pissarra, mais de 16 oitavas

de finissimos diamantes, encontrando outros caldeirões onde foram achados mais diamantes e carbonatos.

Segundo informações fidedignas, especialmente do Coronel Propercio Santos, cujo nome é pronunciado pela população de S. João de Paraguassú com muita veneração e respeito, os maiores carbonatos até então ali extrahidos não têm attingido ao peso de 50 oitavas.

São communs os de regulação, entre 4 a 20 grãos. Além de alguns de 20 oitavas e 10 oitavas, sei de um que ahi foi ultimamente encontrado pesando 28 oitavas.

Nesse particular, o Municipio pode contar com immensas fontes de riqueza, si continuarem as explorações por meio de machinismos apropriados e modernos.

Nas nossas minas, os diamantes e carbonatos são encontrados de mistura com os cascalhos e estes existem nos leitos de rios, nos morros em differentes alturas, em grutas, em grupiáras, barrancos e em corridos antigos.

Os serviços dos morros se subdividem em grupiáras, morro, cascalhão e gorgulho ou urú (cascalho ordinario e sempre pobre dos altos dos morros).

Nas grutas é commum o *mocororô* branco, amarello e roseo. Esse cascalho nunca excede a 0,^{m}50, é reputado como rico.

Os processos até agora são os mais primitivos e constam da enxadá, frincheiro, alevanca, batêas, carumbés, ralos para *sessar as pedras*, etc.

Por meio de regos com abundancia de agua facilitam o corrimento dos cascalhos que são apurados em *canôas* dentro das corridas já preparadas.

Ultimamente duas companhias estão fazendo trabalhos por meio de machinismos especiaes, e consta-me que a que tem a sua frente o habil engenheiro Dr. J. Richards em Lençóes em breve terá todo trabalho electrico,

que aliás, é de justiça declarar, foi introduzido já alguns 10 annos em Andarahy pelo Dr. Miguel de Teive e Argollo, que bons serviços prestou á população de Andarahy dando rebaixo no rio do mesmo nome, obstando por esse meio as innundações tão frequentes ali.

É provavel que os nossos patricios procurem imitar essas idéas de progesso, facilitando desse modo a mineração e barateando o seu trabalho.

Já o Dr. Orville Derby tractou no seu relatorio sobre as Lavras Diamantinas desse grandioso problema do trabalho mechanico.

Flora e Faúna

O Municipio não possue na sua séde uma exhuberante flóra, por estar collocado entre serras e junto ao *geraes*.

Ha, porém, nas suas immediações capões de mattas virgens, apresentando variedades e bellezas não só pelas folhagens como pelo tronco e flores.

Nas serras e geraes encontram-se as canellas de ema ou candobá, de onde extraem bôa resina para varios misteres do garimpo.

A candeia, o pau ferreiro de onde extraem o carvão para as forjas.

Quantidades extraordinarias e exquisitas de begonias silvestres, orchideás lindas e raras são encontradas tambem nas serras.

Nos capões, ha muitas especies de louros, jatobás, jacarandás de geraes, mangabeiras de onde extraem a borracha.

Muitas plantas medicinaes e de importancia, taes como: a carqueja, usada para as febres, o guiné para os rheumatismos, o velame branco e escuro para as incha-

ções e paralysias, a tibornina ou tiborne para os rheumatismos, jurubeba, usada com vantagem contra a tosse, herva moura para os espasmos da bexiga, o imbé, contra o rheumatismo e inchações, carapiá, contra as molestias de creanças e tosses, herva de rato para extincção dessas pragas; cebolla do matto ou cecem, especifico para a asthma, do que eu mesmo sou testemunha, azedinha contra as febres de mau caracter, caroba e carobinha contra as molestias de pelle e de sangue, salva, usada como sudorifero, barbatimão para o curativo de feridas, purga de campo e ipecacuanha para defluxos, cainana empregada nos rheumatismos e syphilis; *para-tudo* ou casca santa para varias molestias, fedegoso *(cassia occidentalis)* para as molestias do figado e febres, o mastruço, contra os vermes, lirio como purgativo, pega pinto para as molestias da urethra, purga de batata, antisyphilitico, sambaiba para banhos medicinaes, sumaré, tanchagem para molestias de olhos, e tantas outras que seria difficil ennumerar, e que entretanto são apreciadas pelos moradores e levadas ao commercio para negocio.

Logo após a baixa dos diamantes (1871—1872) muitos garimpeiros se decidiram á plantação do café e cereaes; e em quasi todos os pequenos povoados dos arredores do Municipio começou o plantio do café, principalmente em *Guiné, S. João, Paraguassúsinho, Licury* e outros logares, constituindo essa providencia uma bôa receita para o Municipio.

Não se pode negar a superioridade do novo café chapada sobre todos os outros nos mercados europeus. O de *Guiné* e suas immediações são afamados, bem como os de todas as fazendas nos limites do Municipio do Bom Jesus e de Jussiape, antigo logar designado pelo nome de Fazenda do Gado. E'-nos impossivel dar a producção annual do café do Municipio de *S. João do Para-*

guassú, mas podemos garantir que é uma das riquezas delle. Muitos são os cultivadores, sobresaindo, entretanto, ao que nos consta, as fazendas do Coronel Casemiro Martins, Coronel Deoclides do Sacramento, Coronel Propercio Santos, familia Novaes, familia Aguiar, Coronel Antonio Medrado, que além do cultivo do café e cereaes em grande escala, tem manifestado um apurado gosto para a creação de gado cavallar, nas immediações de sua grande propriedade agricola.

Mesmo nas proximidades da cidade encontram-se lindas plantações de cafeeiro, que bem podem dar uma idéa ao visitante da superioridade do sólo para essa cultura.

A fauna não é lá das melhores, porque a situação da cidade junto a serra não dá margens a creação e mantença de animaes de certa especie; não obstante, nas serras encontram-se os gatos de toda especie, gambás, tamanduás, tatús, mocós, quatis; nos geraes, viados, perdizes, capivaras, pacas e cutias, antas, etc.

Muitos passaros e alguns que primam pelo seu canto mavioso—a patatiba, pinta silgo, sabiás, garaúna ou passaro preto, encontrando-se ás vezes, como raridade, alguns de alvura de cysne, como tive occasião de vêr em casa do Coronel Simplicio Braga, no Chique-Chique.

Fontes Thermaes

Entre varios apontamentos que nos forneceu o Cons. João Tores, sobre o Municipio de S. João do Paraguassú, destacamos umas notas do seu fallecido irmão Dr. Tranquillino Torres, que ahi foi juiz muito estimado e que prestou no seu cargo e como particular inestimaveis serviços.

Nessas notas, dizia o illustre homem de letras tão

prematuramente roubado desta vida, ter visitado a fonte thermal existente na margem esquerda do rio Mucugê.

Sem conhecimento algum desse facto tão importante para o meu trabalho, dirigi-me ao Coronel Propercio Antunes dos Santos, cidadão de reconhecido merito e uma das influencias locaes, o qual me affirmou existirem duas fontes sulphurosas no leito do citado rio, acontecendo que a da margem esquerda desapparece sempre com as enchentes do rio.

Das notas do Dr. Tranquillino Torres, vê-se que essas fontes ou antes suas aguas são empregadas para a cura da syphilis e ulceras psoricas.

Prestando-se o logar ao levantamento de uma estação balnear, é pena que os habitantes do Municipio não tenham procurado dar incremento á fundação de um bom estabelecimento que muito concorreria para o levantamento do Municipio.

Tambem não me consta que essas aguas tenham sido analysadas, como foram as das fontes do *Sipó*, tão proclamadas hoje na Bahia.

Como estas, encontradas no rio Mucugê, existem, sem estudos e até abandonadas, as fontes de *Agua Quente* (*Minas do Rio de Contas*), *Paulista* (*Urubú*), fontes de Macahubas, sitas ao sopé da serra geral que corta o Estado e a comarca de O. para o S. a 5 kilometros de distancia d'aquella Villa.

Essas fontes foram examinadas pelo Dr. Tranquillino Torres, quando juiz de direito da Comarca, em companhia do Dr. Gaudencio Spinola. Segundo informações do Dr. Tranquillino essas fontes eram visitadas por enfermos de muitos pontos do Estado e tambem de Minas-Geraes, voltando alguns curados maravilhosamente.

As de *Agua Quente* (*Rio de Contas*) foram por mim

visitadas e estão situadas em terrenos pertencentes ao Coronel Juvencio Antunes Pereira. Dellas tirei muito proveito.

Estou certo de que para o futuro não serão desprezadas essas fontes de riquezas de muitos dos nossos municipios, que precisam de animação para suas industrias.

Oxalá que os meus patricios possam desenvolver, quanto antes, as fontes thermaes do Rio Mucugê, fazendo reclames de suas vantagens!

Ha ali homens intelligentes que desejam a elevação da terra que lhes foi berço, e estes não deixarão em abandono essa fonte de prosperidade do Municipio.

Commercio

O commercio de S. Isabel ou S. João do Paraguassú foi de muita importancia logo no seu inicio, de 1847 até 1870-1871, quando começou a declinar devido as baixas violentas de diamantes com as descobertas das minas do Cabo.

A guerra franco-prussiana contribuiu do mesmo modo para o seu aniquilamento e os prejuizos foram incalculaveis, ficando boas fortunas derrotadas.

D'ahi para cá, a desorientação foi de tal modo, que muitos mineiros abandonaram seus trabalhos por completo e foram buscar recursos na lavoura, principalmente a do café, que começou a medrar e constitue hoje uma das melhores fontes de receita do Municipio.

Com a descoberta das minas do Salobro, em 1882, o commercio veio a soffrer grandemente, com a retirada de grande parte de sua população.

As feiras não estão presentemente tão concorridas

como foram out'ora, quando ali havia commerciantes antigos e influentes e o negocio de diamante era lucrativo e compensador; não obstante é encontrado nellas tudo quanto ha de mister para a bôa alimentação em cereaes, cultivados nas visinhanças, bôa carne secca, requeijão, doces de marmello, verduras, etc.

As explorações de diamantes e carbonatos continuam; e agora mesmo conta o Municipio com duas companhias estrangeiras que exploram o leito do Paraguassú e ambas apparelhadas com material e machinas modernas.

A renda municipal que até 1889 jamais excedera de 2:000$ annuaes, é actualmente orçada em 15:000$, bem como a sua despeza.

O Municipio exporta bastante café que é apreciado na Capital e no estrangeiro, com o titulo de *Café Chapada,* fumo em corda, farinha de mandioca e animaes de criação — vaccum, cavallar, lanigero e suino.

Possue bôas propriedades, algumas luxuosas, casa de camara regular, boa igreja matriz e cemiterio da irmandade.

Mais distante da cidade, contam-se immensas fazendas de criação, principalmente as dos coroneis Antonio Medrado e Augusto Landulpho e outros; fazendas de café do Coronel Casemiro Martins, no Guiné, Coronel Deoclides Sacramento e outras da familia Xavier Aguiar e do coronel Propercio.

E' notavel o habito de previdencia, de ordem e economia que existe entre os habitantes e filhos de Santa Isabel ou Mucugê, o que é uma virtude para o seu estado social.

Ha ali algumas fortunas accumuladas pelo esforço do trabalho continuo. Esse habito tem influenciado bastante sobre o caracter e costumes dos habitantes, de

modo que todos se compenetraram de que na economia está a base da riqueza e felicidade dos povos. Os habitantes de Santa Isabel são dados extraordinariamente ás letras e aos estudos: é uma justiça que se deve fazer áquelle bom e generoso povo da região diamantina para quem auguramos um futuro radiante e muito progresso.

Bahia, 1905.

Gonçalo de Athayde Pereira.

(*Continúa*).

Os primeiros descobrimentos de diamantes

NO

ESTADO DA BAHIA (*)

As noticias correntes a respeito da mineração de diamantes no Estado da Bahia ha referencias vagas de que antes do descobrimento, em 1844, dos ricos depositos do rio Mucugê houve mineração na Chapada Velha, mas faltam pormenores sobre as descobertas que precederam ás de maior importancia de 1844.

Alguns autores attribuem aos celebres viajantes allemães, Spix e Martius que atravessaram a provincia em 1821, o primeiro reconhecimento de existencia de diamantes na Serra do Sincorá; mas o que estes dizem na sua narrativa é que foram informados que alguns diamantes tinham sido encontrados nessa região. É bem possivel que nesse tempo houvesse mineração effectiva por parte de um ou outro garimpeiro, mas, se assim for, essa era de tão pouca importancia e duração que se perdeu a tradição de sua existencia, tanto que a noticia da descoberta nos vem de torna viagem nos escriptos dos acima referidos viajantes estrangeiros.

Certo é que o descobrimento que originou o estabele-

(*) Memoria offerecida ao «Instituto Geographico e Historico da Bahia.»

cimento da industria da mineração permanente teve logar cerca de vinte annos mais tarde e na bacia do São Francisco. Deste existe uma noticia contemporanea que sahiu publicada n'um folheto em Vienna da Austria, em 1846, que serve admiravelmente para completar a historia cujas phases posteriores têm sido tão bem investigadas por diversos socios do «Instituto Historico da Bahia.»

O autor desse folheto, Virgil von Helmreichen, era engenheiro de minas austriaco, o qual estando empregado na mina de ouro de Congo Secco em Minas Geraes se occupou com grande zelo e proficiencia na investigação da geologia e mineralogia do Brazil, remettendo para a Academia de Sciencias de Vienna diversas memorias sobre esses assumptos, das quaes infelizmente só esta em questão chegou a ser aqui publicada. Depois de muitos annos e longas viagens no Brazil Helmreichen chegou em 1851 á cidade da Bahia onde falleceu da febre amarella.

Em 1841 Helmreichen emprehendeu uma viagem para a Serra do Grão Mogol (ou Grão Mogor como elle declarara ser então, no uso local, o modo de escrever a palavra, attrahido pela noticia de lá ser corrente encontrar o diamante encravado na rocha).»

Com a data de Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1843, e com o titulo de *Uber das geognostische Vorkommen der Diamanten und ihre Gewinnungsmethoden auf der Serra do Grão-Mogor in der Provinz Minas Geraes in Brazilien,* (sobre a occorrencia geognostica do diamante e os methodos da sua extracção na Serra do Grão Mogor na Provincia de Minas Geraes no Brazil) elle dirigiu á Academia de Sciencias de Vienna uma memoria que sahiu impressa em 1846 no folheto em questão, e que é um dos mais importantes documentos existentes sobre a

historia e modo de occorrencia do diamante no Brazil e nelle encontramos as referencias sobre os primeiros diamantes descobertos na Bahia.

O que, para o momento, nos interessa nessa memoria é uma extensa nota em que o autor registra as informações que pôde colher a respeito das descobertas no sertão da Bahia que eram, entre os garimpeiros, a grande novidade da epocha. Essas informações eram indubitavelmente dadas por garimpeiros do Grão Mogol que tinham voltado recentemente do sertão bahiano ou que estiveram em correspondencia com parentes e amigos que lá estiveram. A sua data alcança os fins do anno de 1842 ou quando muito o começo do de 1843, na hypothese muito plausivel que depois da sua estada em Grão Mogol, Helmreichen ainda recebia noticias do lá.

Nesse escripto Helmreichen falando do « Garimpeiro do Saco » diz: Muitos dessa gente, da qual se póde com toda propriedade dizer que — sem ter lar estão em toda parte em casa — tomam agora o seu sacco, batêa e almocafre, nas costas, para furar até a serra do Assuruá e outras novas descobertas », e a essa observação accrescenta a seguinte nota:

« As circumstancias não me permittiram visitar pessoalmente a Serra do Assuruá; tive porém occasião de colher informações de pessoas recentemente vindas de lá e merecedoras de toda a confiança, bem que se devia notar que os dados são pela maior parte simples estimativas approximadas, e que as distancias não são em linha recta mas com a inclusão das voltas do caminho.

« Conforme essas informações o recentemente fundado Commercio de Santo Ignacio acha-se situado na Serra do Assuruá, cerca de 7 leguas ao sul de Chique-Chique; 12

leguas ao léste da Villa da Barra do Rio Grande, 140 leguas ao norte do Commercio do Grão Mogol e 100 leguas ao oeste da cidade da Bahia na provincia do mesmo nome. A Serra do Assuruá pertence a um galho occidental que, ao norte de Caetité e entre as cabeceiras de Pará-Mirim e Rio Verde, se destaca da cordilheira que separa as aguas do São Francisco das da zona do littoral da provincia da Bahia e fórma o prolongamento septentrional da Serra do Espinhaço. A Serra do Assuruá toma o seu nome da Lagoa do Assuruá, que se acha afastada meia legua de seu pé e legua e meia do Commercio de Santo Ignacio. Esta lagoa é afamada pela sua riqueza em peixe e pelo sal de cosinha que no tempo secco se apresenta nas suas margens. Tem cerca de 2 leguas de comprimento e de 1 legua de largura e acha-se ligada ao Rio de São Francisco por dois canaes, dos quaes um desemboca perto de Chique-Chique e o outro em frente da Villa da Barra.

« Dou essas informações assim detalhadamente, porque estão em contradicção com os mappas existentes que representam o Rio-Grande acima do Pará-Mirim, ao passo que os viajantes contam que passaram o Pará-Mirim cerca de 14 leguas ao sul do Commercio de Santo Ignacio e cerca de 12 leguas da sua foz no rio S. Francisco, e que esta foz acha-se cerca de 10 leguas acima da do Rio Grande.

«Um certo Morembeque, portuguez de nascimento, passa por ser o primeiro descobridor de ouro e diamantes na Serra do Assuruá. Depois de ter trabalhado ali por muito tempo em segredo, elle propoz ao rei D. João VI mostrar a sua descoberta e o rei mandou authoridades para este fim. Parece, porém, que a recompensa promettida não correspondia ás esperanças de Morembeque, e

por esse motivo houve demoras e elle falleceu antes de revelar o seu segredo.

«A lavagem do cascalho aurifero, que se encontra a 12 leguas ao sudeste do Commercio de Santo Ignacio, na povoação Gentio, foi recomeçada ha alguns annos e consta que foram achadas massas de ouro massiço do pezo de 20 a 40 libras. A falta de agua era, porém, tão grande que no tempo secco, antes da abertura de alguns póços, a propria agua de se beber teve de ser trazida em costas de animaes.

«No principio do anno de 1840 todos os lavadores de ouro passaram a trabalhar em diamantes que foram descobertos por José de Mattos na visinhança do actual Commercio de Santo Ignacio. Desde esse tempo, porém, muitos têm voltado aos trabalhos de ouro.

«A occorrencia de diamantes estende-se do Commercio de Santo Ignacio até S. João sobre um trecho de 3 a 4 leguas.

«A população existente augmentou nos primeiros 20 mezes depois da descoberta a mais de 2000 almas das quaes 600 a 800 eram propriamente mineiros. A producção nesse espaço de tempo foi estimada em 10.000 quilates. Depois da descoberta de diamantes na serra do Morro do Chapéo e especialmente na serra das Aroeiras este numero tem diminuido consideravelmente e em Março de 1843 é calculado em 400 a 500 almas com 140 a 150 mineiros. O maior diamante achado pezou 2 quilates apenas. A maior parte dos diamantes que tenho visto desse logar são quasi todos do pezo de meio grão sómente, tem lustre forte e são mais ou menos coloridos; a oitava ($17\,^1/_2$ quilates) é avaliada em 130$000 a 200$000.

«Tanto quanto posso concluir das informações

recebidas, a formação geologica da parte diamantifera da Serra do Assuruá pertence ao itacolumite, e quasi exclusivamente ao typo massiço do mesmo; e o gorgulho ou cascalho diamantifero parece ser depositado principalmente nas fendas desta rocha. A occorrencia de diamantes do Morro do Chapéo acha-se a cerca de 90 leguas a nornordeste de Caetité e cerca de 28 leguas ao sul de Jacobina Nova, e bem no cume da cadeia principal da Serra do Espinhaço que ahi divide as aguas do Rio Verde e do Paraguassú, dos quaes o primeiro corre para o S. Francisco e o ultimo para o Oceano Atlantico. A descoberta de diamantes nesse logar data de perto do fim do anno de 1841. A população é apenas de 100 a 200 pessoas entre as quaes não se encontra mais do que 30 a 40 mineiros.

« O maior diamante ahi encontrado pezou 4 quilates. Em geral, porém, os diamantes de lá são do pezo médio de meio grão, e se distinguem vantajosamente dos da Serra do Assuruá em que as pedras coloridas apresentam mais frequentemente um tom esverdeado ou azulado, ao passo que os ultimos são mais geralmente amarellados.

« A mais nova e mais importante descoberta de diamantes da provincia da Bahia é na Serra da Chapada Grande, ou como recentemente se chama esta serrania, a Serra das Aroeiras. O commercio novo aqui creado acha-se cerca de 60 leguas ao nordeste de Caetité, 30 leguas ao sudoeste do Morro do Chapéo, 80 ao oeste da cidade da Bahia, 30 leguas ao sudeste do Commercio da Serra do Assuruá, e no alto da cordilheira da Serra do Espinhaço, que separa as aguas do Rio Verde e Paraguassú.

« A occorrencia de diamantes na Serra das Aroeiras foi descoberta no mez de Março de 1842 pelo padre

Queiroz, e até o fim do anno de 1842 a população tinha subido até 8,000 a 10,000 almas entre as quaes havia de 1,800 a 2,000 trabalhadores de diamantes propriamente ditos. Na visinhança immediata do actual commercio foi feito um serviço em um corrego rico que rendeu muitos diamantes maiores pezando mais de uma oitava, alcançando alguns o de duas oitavas. Em geral, porém, os diamantes ahi encontrados eram de fórma tão extraordinariamente irregular que mesmo no Rio de Janeiro a oitava só valia 90$000 a 100$000. Muitos destes diamantes apresentam um aspecto fundido e teriam tido uma semelhança extraordinaria com gottas de fusão mais ou menos coloridas de um forno de vidro, se não fosse que ordinariamente, não obstante todas as irregularidades de fórma, deixam perceber algumas faces christalinas.

«A occorrencia do diamante se estende cerca de 2 leguas ao Norte e 3 leguas ao Sul do Commercio, tendo a largura média de 2 leguas. Os diamantes são, pela maior parte, pequenos, sendo o seu pezo médio de meio grão apenas, mas em geral são mais regularmente formados do que os acima mencionados. A difficuldade de transporte de mantimentos no tempo das chuvas, combinada com a circumstancia que o referido serviço de corrego chegou a seu fim, causou a retirada, no principio do anno de 1843, de uma parte da população, de modo que no mez de Março deste anno só havia cerca de 3000 a 4000 pessoas, entre as quaes 700 a 800 mineiros. A producção de diamantes desde o principio é avaliada em 35,000 quilates.

«As rochas e modos de occorrencia dos diamantes na Serra das Aroeiras e no Morro do Chapéo apresentam tanta semelhança com as da Serra do Grão-Mogol

que é provavel que essas localidades pertençam á formação de itacolumite, apresentando relações muito semelhantes. Comtudo o itacolumite massiço parece ser menos desenvolvido nas duas primeiras localidades do que na ultima.

«Fóra da visinhança immediata do Commercio do Grão-Mogol são conhecidas como diamantiferas as seguintes localidades, mas não são actualmente trabalhadas, visto que os resultados até agora obtidos não têm sido bastante compensadores para prender a attenção dos garimpeiros que se acham preoccupados com outros logares.

Estas localidades são:

Burity Quebrado, na vertente oriental da Serra do Grão-Mogol e cerca de 5 leguas ao Norte do Commercio do Grão Mogol.

Cabeceiras do Corrego da Onça, na vertente occidental da Serra do Grão-Mogol e cerca de 7 leguas ao Norte do Commercio do Grão-Mogol.

Curral de Pedra, na vertente oriental da Serra do Peixe Brabo, e cerca de 14 leguas ao Norte do Commercio do Grão-Mogol.

Serrinha Nova, uma parte da cordilheira principal da Serra do Espinhaço entre as aguas do Rio Verde e Rio Pardo e cerca de 20 leguas ao Norte do Commercio do Grão-Mogol.

Boqueirão das Barreiras, na vertente occidental da Serra do Salto, que pertence á mesma cordilheira, entre as aguas do Rio das Rans e o Rio de Contas, e cerca de 50 leguas ao Norte do Commercio do Grão-Mogol.»

Pondo de parte a versão sempre confusa da legenda de Muribeca, essa nota dá passo por passo a historia

evidentemente veridica das primeiras descobertas de diamantes no territorio bahiano. A primeira, em Santo Ignacio e feita por faiscadores de ouro do Gentio, trouxe um grande influxo de garimpeiros experimentados vindos em grande parte de Grão-Mogol. O grande pulo dahi para o Morro do Chapéo, passando por terrenos que foram depois reconhecidos como diamantiferos, foi provavelmente determinado pela existencia de uma estrada para a capital, passando por este logar que já era um pequeno centro de creadores de gado, creado freguezia em 1838. Dahi, a marcha do descobrimento tomou caminho de volta em rumo de sudoeste para a Chapada Grande, depois crismada Chapada Velha, para a Serra das Aroeiras indo assim pelo alto e vertente occidental da Serra do Espinhaço. A nota traz a historia até Março de 1843, com a marcha dos descobrimentos estacionados na Serra das Aroeiras. Cerca de um anno mais tarde houve as primeiras descobertas na vertente oriental da mesma Serra no rio Mucugê, cuja historia já é bem conhecida; seguindo a marcha por esta vertente por Chique-Chique, Andarahy, Lençóes e outras localidades até fechar o circuito no Morro do Chapéo, donde tinha partido, na região que tomou o nome de Chapada Diamantina.

São Paulo, 4 de Março de 1906.

Orville A. Derby.

D. JOÃO VI (*)

(CURIOSIDADES HISTORICAS)

Um leitor e amigo do *Paiz*, residente na Bahia, illustre sabedor da nossa historia, possue uma preciosa collecção de autographos, entre os quaes algumas cartas que se referem aos preparativos da viagem, á partida e á estada de D. João VI no Brazil. «Como possam interessar—escreve-nos elle—aos que pretendam concorrer ao premio que offerece o *Instituto Historico Brazileiro* á melhor *memoria* apresentada sobre esse periodo, offereço ao *Paiz* a cópia junta, promettendo enviar outras, podendo garantir que procurarei melhor annotal-as, apesar do pouco tempo que me sobra para distrair em assumptos dessa natureza.»

A carta que em seguida publicamos e que é interessantissima está, como os nossos leitores verão, annotada pelo nosso illustre e gracioso collaborador, de modo a pôr em plena luz os personagens a que nella se faz referencia. Acreditamos que somos fieis interpretes dos sentimentos dos leitores do *Paiz*, agradecendo ao nosso illustre collaborador o magnifico presente que por nosso intermedio lhes faz.

—

(*) Foi publicado n' *O Paiz* de 15 de Julho de 1906.

«Amigo Manoel Ignacio (1) — Cuidado em não mostrar *a tout le monde*—Já lhe tenho escripto e sempre o farei, pois sou seu amigo e tenho toda certeza e provas de que é meu; eu vou por ora passando bem, logro muito bôa saude, e soffro unicamente os incommodos de pretendentes que são menores que os de Lisboa, pois ao menos os secretarios de Estado não moram no fím do mundo e ainda que algum more mais distante, vem sempre á secretaria e ha occasião de falar-lhe.

Muito tenho lamentado aqui a sua falta para analysarmos esta *Côrte dos balaios* e uma celebre espera que se faz todas as noites no paço até chegarem as pessoas reaes, que se compõem do principe pai (2) e filho (3), do infante (4), da infanta, (5) casada com o infante (6) de Hespanha almirante-general, moço galante, bella figura, amigo de José Machado Pinto (7); disse que se compunham as pessoas reaes daquellas nomeadas, porque a rainha (8) não é desta sociedade, sai com um Mona (9) conhecido por V.—Condessa do Real Agrado

(1) ***Manoel Ignacio da Cunha Menezes***, visconde do Rio Vermelho, senador do Imperio pela então provincia da Bahia, onde nasceu e prestou relevantes serviços á causa da independencia e na administração publica, gozando de grande prestigio e importancia em seu tempo.

(2) D. João VI.

(3) D. Pedro I.

(4) D. Miguel de Bragança.

(5) D. Maria Thereza.

(6) D. Pedro Carlos de Bourbon, que era sobrinho de D. Carlota, a doida, e casou em 1810, no Rio de Janeiro, com a infanta D. Maria Thereza contra a vontade de sua tia e sogra. Falleceu em 1812 e com bons fundamentos ha supposição de ter sido assassinado, por ordem de D. Carlota, pelos embaraços que os inglezes lhe crearam á pretensão do throno de Hespanha.

(7) José Machado Pinto, almoxarife na Bahia.

(8) D. Maria I (a piedosa), rainha de Portugal, pelo fallecimento de seu pai D. José I em 1777, foi a primeira mulher que nesse paiz teve o sceptro real. Era casada com D. Pedro, seu tio, e em 1º de Março de 1792 entregou a administração do reino a D. João, seu filho, por ter fallecido o primogenito D. José, em 1787, e pelo seu grave estado de alteração mental.

(9) Não podemos penetrar na accepção em que é empregado o termo, porque usaram-no, tambem, para exprimir pessoa feia ou que andava sempre junta com outra.

(10, a infanta doida (11) com outra que tal, a princeza viuva (12) com a bella dama filha do Lavradio, e a Carlota (13) com toda comitiva dos pequenos, e parece tudo anda em divorcio. Vejo nos meus dias a confusão de Babel, aqui não ha ordem, tudo trabalha em contestações de autoridades; immensos almirantes, vice-almirantes, chefes de esquadra, etc. Soldo está na tinta, e com razão, pois a esquadra portugueza deve chamar-se esquadra subtil.

O estado-maior é hoje estado infinito, tambem nada de soldo, só o cobram aquelles que estão em algum exercicio, mas a magistratura que tem sempre exercicio não vê real; aqui só em salitre para Carlota fazer agua fresca anda por quatro mil cruzados annuaes e o mais á proporção; bestas mil e tantas.

Vamos aos habitos, já se não querem no Rio, agora tudo é commendador, ha casaca e farda onde não cabe mais nada, são verdadeiramente taboletas de ourives, cheias de placas, finalmente é commendador um Manoel Luiz que no governo do Lavradio tocou fagote em um regimento e no theatro, e foi alcoviteiro do mesmo Lavradio; e no governo do conde de Rezende era capitão de ordenanças, e o seu bobo na occasião de tomar o café depois de jantar, e além de commendador é brigaderio e moço da camara e apesar de tudo ainda é emprezario e dono do theatro, e em dias de beneficio ainda quando ha motim por bilhete elle apparece a dar as providen-

(10) Não tivemos elementos para verificar a quem se refere.

(11) D. Mariana Victoria, filha da rainha, viuva do infante de Hespanha, D. Gabriela e mãi do infante D. Pedro Bourbon.

(12) D. Maria Francisca, viuva do principe do Brazil D. José, herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, que falleceu, aos 27 annos, em 21 de Setembro de 1788, a irmã da rainha.

(13) D. Carlota Joaquina, infanta de Hespanha, filha de Carlos VI, foi rainha de Portugal, por ter se casado com D. João VI, em 25 de Abril de 1785 e viveu sempre em casa separada do seu marido, tendo em sua companhia alguns filhos e o infante D. Miguel.

cias e ouve xufa tremendissima; deste lote ha muitos commendadores, que ainda vão á Alfandega ajudar os seus caixeiros a procurar fardos; tudo aquillo que se respeitava e com que se premiavam as pessoas de alta nobreza, e áquelles que se punham proximos a essas pessoas, pelos seus relevantes serviços, está muito ridiculizado; d'aqui vem apparecerem immensos pasquins como o da porta da casa do Sr. Manoel Luiz que vai transcripto:

Quem desejar
Ser commendador,
Toque fagote
Ou seja tambor.

Entram as baronias tambem a pôr-se no mesmo estado; quem me diria que eu havia vêr o Targini (14) commendador, e conselheiro! Isto já era coisa milagrosa, ser então o Sr. barão, é para mim annuncio do fim do mundo, conhecendo eu em Lisboa e em que estado! Não escapou o Sr. barão de S. Lourenço e teve mais de um; é um delle:

Por seres ladrão
Saiste barão,
Teu furto se esconde
Sairás conde.

Depois da baronia entrou a rubricar certos papeis do erario com as duas letras B. L., sem pôr o Santos do S, teve mais um:

(14) F. Targini, visconde de S. Lourenço, foi thesoureiro mór, director supremo da fazenda e do erario que delapidou e por isso foi preso.

O bom ladrão no Calvario
Deu cabo de Jesus-Christo;
O bom ladrão no erario
Dá cabo de tudo isto.

Não obstante emendar a mão accrescentando a letra S que lhe faltava, teve o Sr. barão outro presente:

O bem sabido ladrão
Deu cabo de Jesus-Christo;
O bem sabido ladrão
Dá cabo de tudo isto.

Um Sr. Azevedo (*) que tambem é commendador da Torre e Espada do rancho dos fieis vassallos, que por amisade ao principe o acompanhava e que é já conselheiro, e que tem o mais que tudo que é ser almoxarife do Paço, tambem mereceu a attenção ao respeitavel publico, e como a materia pertencia ao verbo *surripio* não pôde deixar de entrar o Sr. barão de S. Lourenço:

O Azevedo rouba o Paço
O Targini rouba o erario;
E o principe bem satisfeito
Vai caminhando ao Calvario.

Morreu o Sr. conde de Linhares (15) e durou

(*) Acreditamos tratar do fundador do Museu Nacional.

(15) D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, fez parte do primeiro ministerio organizado no Brazil e occupou a pasta da marinha e fazenda, onde sua acção foi decisiva e benefica. Deve-se em grande parte todos os melhoramentos iniciados no seu tempo. Falleceu no Rio de Janeiro e gozava de pouca sympathia de D. Carlota que o tratava por *Torbelino*, Dr. *Trapalhada* e Dr. *Barafunda*.

O Correio Braziliense criticou muito o emprego da locução *noisque* que fazia esse ministro nos decretos e cartas regias, por ser do francez *pois que* e não ter sido usada por classico algum.

doente unicamente tres dias, e assim devia ser, morreu do mesmo modo com que criava juntas; foi o seu medico, aquelle Dr. Bernardo que casando com uma das senhoras da familia dos Velhos e tendo um dinheirão, ainda é medico, tudo por avareza e é verdadeiramente um *Monsieur Guilhotin*; creio que se ha de lembrar deste doutor, que foi hospede de meu irmão e que estivemos na sua armação junto com o Matheus. No dia do enterro do Sr. Linhares, appareceu pregado na porta da rua um quarto de papel em ar de escripto para alugar a casa, e isto fazia com que acudisse a ver-se se era realmente signal de alugar a casa, e lia-se então:

« Amigo do principe e da Nação?... »

Os filhos assentaram que era um elogio a seu pai e deixaram o bilhete alguns dias sem reflectirem nos pontinhos, appareceu por baixo esta interrogação.

De que Nação?

No mesmo dia do enterro do Sr. Linhares teve o Sr. conde de Aguiar (16) um mimoso convite e foi em meia folha de papel de Hollanda pregada na sua porta, com letras muito grandes.

Creados para morrer quando morreu o Sr. Linhares estava S. A. na ilha chamada do Governador, teve grande sentimento e derramou suas lagrimas; nesse mesmo dia partiu logo para a ilha o lord Strangford (17) e eu estive com elle em um quarto no Paço, onde se acham os officiaes empregados nas ordens, em que elle veio esperar o escaler e vi derramar immensas

(16) D. Fernando José de Portugal, conde de Aguiar, governou a Bahia como capitão general de 1788 até 1792 e como vice-rei o Rio de Janeiro de 1801 a 1806, foi o encarregado da pasta do reino no primeiro ministerio.

(17) Strangford, enviado extraordinario e minisrro plenipotenciario da Inglaterra, acompanhou as côrtes para o Brazil e exerceu ascendencia paternal em todos os seus negocios.

lagrimas e desde então não tem largado o principe um só dia; ainda estando S. A. na ilha mandou passar a pasta do Sr. Linhares ao Sr. conde das Galvêas, (18) e receioso que este se escusasse, escreveu-lhe um bilhete todo de sua letra, pedindo-lhe muito aquelle favor; a tanto tem chegado o principe pela sua nimia bondade! Fez-lhe o obsequio de aceitar e, apesar de estar tambem doente, e talvez dure pouco, com molestia de nervos e com continua febre, tudo causado pelos excessos de.... comtudo, torno a repetir, apesar da molestia tem feito muitos despachos que estavam na secretaria do Sr. Linhares e pela primeira vez deu logo á luz setenta e cinco despachos e foram setenta e nove escusados, e um: « Espere pela informação do governador » e anda em contestações com o Sr. infante e almirante-general da esquadra subtil, querendo que as nomeações dos intendentes de marinha pertençam á sua secretaria e não ao infante, e nem o infante tem energia para representar ao principe como deve, e nem este para resolver; o mesmo despacho de José Machado Pinto para almoxarife da Bahia, cujo decreto está lavrado e muito interessado pelo Machado o infante, o Galvêas tem por muitas vezes empatado na assignatura; são muitas as promoções para ministerio de Estado; dizem que por vontade do Sr. conde de Aguiar passará o Galvêas para a secretaria do Linhares, e o cavalheiro Araujo (19) para a do Galvêas; dizem outros que o lord Strangford quer que seja o nosso ministro que está em Londres (20) e que este é rendido pelo Calhariz que se acha em Hespanha, e outros

(18) D. João de Almeida, conde das Galvêas, substituiu em 1810 o conde de Anadia na pasta da marinha, e serviu na metropole no cargo de ministro e secretario do Estado. D. Carlota o appellidara *El Parlorino*. Tinha habitos desregrados e muito apreciava a *inversão* das leis naturaes.

(19) Antonio de Araujo Azevedo, conde da Barca.

(20) D. Domingos de Souza Coutinho, irmão do conde de Linhares.

que não é o Calhariz quem o rende, mas sim o Sr. conde dos Arcos (21) e que este é rendido pelo conde de Palma (22) que está no governo de Minas-Geraes; seja quem for o ministro que se nomear, ha de ser muito á vontade do Sr. Strangford, que não larga o principe, o que me não admira, pois é ministro de uma côrte que tem negocios a tratar, o que me espanta é ver o nuncio (23) todas as noites ferrado ao principe, só se pretende fazer alguma nova coisa sobre indulgencias; parece ter já escripto muito, do que fica escripto infira o mais. Se não morre D. Rodrigo, estava Pedro Alexandrino já despachado, e eu estou bem persuadido que até os decretos ficaram lavrados, e Pedro graduado em brigadeiro, o filho coronel de milicias, com o soldo por inteiro de capitão, e uma carta regia para se cessar e ficar sem minoria alguma um Aviso que está na secretaria desse governo; D. Rodrigo tratava-o muito bem, e o principe recebe-o com muita distincção entre todos os demais, e apesar da falta de D. Rodrigo, ha de conseguir tudo porque o principe mostra mesmo desejos de despachal-o: Luiz da Cunha Sandes, creio que brevemente irá com o seu despacho, elle consultou comsigo logo que me entregou sua carta, e eu lhe dei o parecer de que procurasse o João Ferreira S. Paio, com quem elle havia servido na junta de fazenda e que por elle conseguia tudo, e

(21) D. Marcos de Noronha Britto, 8° conde dos Arcos, que governou a Bahia de 1810 a 1818 e talvez que nenhum com mais direito ao agradecimento dos brazileiros pelos beneficios que prestou. Longo seria enumeral-os, mas basta citar a Bibliotheca Publica, Praça do Commercio, o apparecimento do Jornal *A Idade de Ouro* e a introducção da primeira machina a vapor, para que se aquilate o valor intellectual desse grande espirito naquella época. Foi o successor do conde de Linhares.

(22) D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, governou a Bahia de 1818 a 1822 em substituição do conde dos Arcos e para esse governo foi transferido de Minas Geraes. Foi trabalhador e prestou alguns bons serviços.

(23) D. Lourenço Calleppi, arcebispo de Nizibi, nuncio apostolico da Santa Sé.

creio que se não deu mal com o meu voto, aqui lhe fiz tambem um requerimento para o irmão major em que pede de passar, no seu mesmo posto, aggregado a um regimento de linha ou tenente-coronel do seu regimento com o soldo de trinta e seis mil réis; com o Linhares não duvido houvesse de conseguir, mas o Galvêas não haverá essas graças. Hoje o ultimo dia de entrudo, coisa furiosa neste paiz e amanhã principia o tempo sànto, e que bastante encommodo me dá por causa dos jejuns, mas como não se ganha a bemaveturança sem mortificações, que remedio tenho sendo a cousa que todo verdadeiro christão aspira? Divirta-se, coma os bellos perús ao fresco da sua varanda, que espero brevemente ter o gosto de lhe ajudar a comer um, pois se as esperanças bem fundadas valem de alguma coisa, e isto encaminhado por um amigo que apesar do seu Placa, se lembra do seu tempo de condiscipulo e que trata a gente com muita cordialidade, posso dizer que irei despachado: esse amigo é o Freitas (24), o carcunda que foi nosso condiscipulo e é official maior do Galvêas. Viva o senhor, a sua engeitadinha e os seus commodos.

Amigo saudoso—*Francisco Joaquim.* (25)
—Rio, 11 de Fevereiro de 1812.

(24) José Joaquim da Silva Freitas.
(25 Francisco Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, magistrado, sogro que foi do senador do Imperio e poeta Octaviano de Almeida Rosa.

O primeiro barco de vapor no Brazil

Ao general marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes) cabe a gloria de haver iniciado a navegação a vapor na Bahia.

Em 1819 o marquez mandou vir da Inglaterra uma machina e fez construir no estaleiro da Preguiça um barco movido a vapor, que fez a primeira viagem a Cachoeira, no Rio Paraguassú, a 4 de Outubro de 1819, levando a bordo o governador e capitão general Conde de Palma, o marquez e seus socios n'esta empreza e outras notabilidades sociaes nesta época

Como era de prever, o facto despertou grande enthusiasmo da população das villas de Cachoeira e S. Felix, e foi communicado em officio ao governo do Rio de Janeiro pelo governador Conde de Palma.

Foi esta a iniciação da navegação a vapor na Bahia, autorizada pelo Dec. de 13 de Agosto de 1818, que concedeu para esse fim privilegio exclusivo não só no Reconcavo, como no littoral: ella continuou durante alguns annos, até que ausentando-se Felisberto, deixou o barco de navegar, e, em consequencia de um grande temporal, foi elle á costa na enseada de Mont-Serrat, onde ficou abandonado (1).

Em 1823 foi mettido a pique e destruido pelos

(1) Brazil Historico, vol. 1.°, pag 264.

soldados do general Ignacio Madeira, por occasião da guerra da independencia. (2)

(2) Vid i do Marquez de Barbacena, por Antonio A. de Aguiar, pag 19.

João Torres.

Seguem-se os Documentos.

DECRETO DE 3 DE AGOSTO DE 1818 CONCEDENDO PRIVILEGIO PARA O ESTABELECIMENTO DA NAVEGAÇÃO POR VAPOR NAS COSTAS E RIOS DA PROVINCIA DA BAHIA

Havendo-me representado o Marechal de Campo Felisberto Caldeira Brant Pontes, o Commendador Pedro Rodrigues Bandeira, e o Capitão-mór das Ordenanças da Villa de Jaguaripe Manoel Bento de Sousa Guimarães, o projecto, que têm, de introduzirem na Provincia da Bahia no futuro anno de 1819 embarcações movidas por vapor, para navegação dos rios do seu Reconcavo, e tentarem mesmo o estabelecimento de Paquetes para esta Côrte e Pernambuco, e com o duplicado fim de augmentarem consideravelmente a industria d'aquella Provincia, e darem exemplo ás outras para a mesma introducção, requerendo-me por este respeito varias graças e isenções; e tomando em consideração a conhecida utilidade d'este invento, e os beneficios que d'elle devem resultar a este Reino, sendo empregado em muitos de seus rios, que até o presente, pelas difficuldades que se encontram na sua navegação, não prestam ao commercio, á agricultura e á civilisação aquelles proveitos que lhes são proprios, quando offerecem facil communicação aos povos e ao producto do seu trabalho:

Hei por bem deferir-lhes com o privilegio exclusivo por tempo de 14 annos, para que na supradita Provincia, e até onde chegam as suas costas de mar, e os seus rios, ninguem e só elles possam ter semelhantes embarcações, com as prerogativas de serem descarregadas immediatamente que fundearem em qualquer porto, sem esperarem o termo estabelecido por algumas administrações, e de serem consideradas como embarcações da Corôa, para que possam sahir para o alto mar sómente com o despacho dado pelo Governo, independente de quaesquer actos das estações subalternas; ficando os supplicantes obrigados a realizar este projecto no decurso de todo o anno proximo futuro, como promettem. Palacio da Real Fazenda de Santa Cruz, em 3 de Agosto de 1818.

Com a rubrica de S. Magestade.

Officina do Conde de Palma sobre a inauguração da navegação a vapor (*)

Illm.º Exm.º Sr. Tenho a honra de participar a V. Ex.ª, que no dia 4 do corrente mez de Outubro se fez o ensaio em grande da Barca de Vapor, mandada construir pelo Marechal de Campo Felisberto Caldeira Brant Pontes, o Commendador Pedro Rodrigues Bandeira, e o Capitão mór Manoel Bento Guimarães, os quaes, para esse fim, têm o Privilegio, que sua Magestade lhes concedeu. Eu mesmo assisti a este ensaio, e fui na Barca, que tomou a direcção da Villa da Cachoeira, onde chegou das oito para as nove horas da noite havendo partido desta cidade ás onze da manhã do mesmo dia. Muito me satisfez a commodidade, a elegancia, e a segurança da

(*) Archivo Publico Nacional, Rio de Janeiro.

dita Barca, devidas ao esméro de seus donos, que se empenharão em unir á novidade da Embarcação todos os commodos, e belleza admissiveis em taes vasos: o arranjo, e assento da machina e a boa disposição de todos os misteres para o serviço de embarcação, e arranjo dos passageiros junto ao seu regular andamento deve offerecer tão grande commodidade ao publico, que me parece,deverem continuar estas construcções, ainda não vistas no *Brazil;* as quaes quanto mais se aperfeiçoarem e mais habeis se fizerem os trabalhadores na manobra da Barca, e da machina, que a move, tanto mais deverão crescer as vantagens, que esta primeira nos offerece sobre os nossos antigos barcos.

Determinei-me a tomar a direcção da villa da Cachoeira não só por ver provadas em uma viagem mais longa as superiores qualidades daquella Barca, mas principalmente por hir ver o Rio da Cachoeira, em q. S. Magestade ordenou a construcção de huma Ponte; devendo-se dar principio immediatamente a uma fluctuante pelo systema moderno, que talvez possa concluir-se no limitado tempo de cinco mezes, e que possa franquear o tranzito á consideravel concurrencia de pessoas, e effeitos, que passão naquella Villa, a mais importante desta Capitania, emquanto depois se constrúe a outra com a segurança, e durabilidade recommendadas.

Desejava eu ser mais extenso e circumstanciado ácerca desta obra, mas a brevidade, com que sahe a Fragata *Successo* m'o não permitte; reservo pois para melhor occasião, dar a V Ex.ª mais clara, e miuda conta a este respeito.

Deus Guarde a V Ex.ª muitos annos. Bahia, 19 de Outubro 1819. Illm.° Ex.° Sr. Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal.— *Conde de Palma.*

Benemeritos da Agricultura, Industria e Commercio da Bahia

No intuito de satisfazer uma divida da geração presente para com a passada, que desbravando o caminho tolhido de difficuldades de toda a sorte, prepara, com seus ensinamentos e exemplos, a iniciação de culturas e industrias, que em futuro pudesse tornar esta patria, tão amada e devotada por ella, grande, forte e poderosa ante as nações do velho mundo, iniciamos esta secção, na qual daremos, em largos traços, a noticia biographica daquelles que mais concorreram, por acção e por propaganda, para o desenvolvimento entre nós da agricultura, industria e commercio. O nosso fim é concorrermos para que deste modo o exemplo dos nossos maiores fructifique, incitando ou mesmo compellindo a imaginação dos actuaes homens politicos para o cumprimento destes deveres, que não os impediam de galgar todas as posições e as desempenharem com escrupulo e zelo.

I

FRANCISCO AGOSTINHO GOMES

Nasceu nesta capital, em 4 de Julho de 1769, dedicando-se á vida ecclesiastica, a qual abandonou, por não querer falsear a sua consciencia, em vista de ter reconhecido faltar-lhe a vocação.

Apesar de não ter recebido o complemento do sacerdocio e nunca haver exercido funcção alguma desse estado, foi sempre conhecido por padre. A superioridade de seu espirito alliada a profundos conhecimentos, adquiridos por estudo assiduo, dera-lhe a denominação de sabio e a bondade de coração e simplicidade de costumes, que faziam contraste com a gravidade de modos e seriedade de caracter, o tornaram eminentemente distinguido e estimado em todo o periodo de sua vida. Teve dissabores e contrariedades, motivadas por prepostos seus, a que sua inexperiencia e pouca inclinação para negocios commerciaes obrigaram a entregar-se, no intuito de regular a continuação da opulenta casa paterna, da qual era unico successor. Não era de surprehender os prejuizos que soffreu pelo abuso de confiança e os incommodos moraes, pelos litigios que entreteve para manter a herança que recebera, pela condição que momentaneamente fôra obrigado, quando toda a sua attenção convergia para os seus estudos e as suas contemplações abstractas. Dura contingencia, a que tem de descer o altaneiro espirito preoccupado em investigações da sciencia para a triste sorte do mendigo não bater-lhe á porta. Em locubrações desta natureza é obrigado, pelos annos de 1797 e 1798, a embarcar para Lisboa, afim de desfazer as suspeitas que baixaram sobre sua pessoa e, alli conseguindo desfazel-as, merece em pouco tempo o maior conceito dos eruditos e das sociedades scientificas, voltando para a sua patria recommendado pelo então ministro de Ultra Mar, que lhe fez a apologia de cidadão prestante e apreciavel ao serviço publico.

Como o merecimento e a notoriedade nessa época não passavam despercebidos, e eram condições essenciaes

para representação dos cargos politicos, foi seu nome lembrado na urna eleitoral que escolheu os deputados da Bahia ao congresso constituinte de Portugal, no anno de 1821. O que foi este deputado diz o *Correio Braziliense*, publicado em Londres por Hyppolito da Costa Pereira, alli refugiado pelas suas idéas politicas, em prol da independencia. Os successos de 1822, que obrigaram alguns deputados brazileiros a protestar pela nullidade de seus poderes, fez com que se retirasse para Londres, por ter sido com o patriota Cypriano Barata e Luiz Paulino da França, os unicos que da Bahia partilharam deste sentimento de revolta contra o opprobrio da patria, voltando para esta depois da evacuação das tropas luzitanas. Foi eleito deputado, em 1823, á assembléa constituinte, não tomando assento, e na legislatura de 1826 a 1829. Era o nosso biographado familiar nos idiomas francez, inglez e italiano, tendo por especialidades a botanica, a mineralogia e a economia politica.

Deixou trabalhos que muito o recommendam nos ramos dessas sciencias. Á agricultura dedicou-se de 1823 em deante, já fazendo parte da sociedade de agricultura, industria e commercio e incrementando-a com as suas luzes, já tomando a si o encargo de redactor do jornal da mesma sociedade, que em breve (1834) se sentiu transformado, podendo affirmar-se ser o periodo aureo de sua existencia.

A elle se deve a introducção, entre nós, no anno de 1804, da raça do gado *Turina*, originaria da Lombardia, cuja excepcional abundancia de leite fez com que negociantes, posteriormente, importassem de Hamburgo e da França vaccas da mesma raça, e a tentativa para exploração das minas da serra da Borracha, Itapicurú

e Cachoeira, conseguindo a carta regia de 12 de Julho de 1799, que auctorizara o então governador, D. Fernando José de Portugal, a contractar com o mesmo ou com a companhia que organizasse, caso estivessem nas condições, a extracção de cobre, ferro e carvão de pedra.

A' tanta erudição, bebida na leitura de mais de 50 annos e depurada por um criterio fino e judicioso, o Sr. Francisco Agostinho Gomes reunia um coração altamente beneficente e um desejo ardente pelo engrandecimento da sua patria, que elle amara sobremodo; e daqui partiram tantas acções nobres, que aformosearam seu caracter.

Ora o vemos mandando, á sua custa, estudar na Europa a alguns mancebos menos favorecidos da fortuna, mas de applicação e esperanças, ora concorrendo para a fundação da bibliotheca publica da Bahia, á qual fez doação de muitas obras raras e preciosas, de que privara a sua mui rica, numerosa e escolhida livraria (*); ora adeantando gratuitamente quantiosas sommas para a introducção e propagação da cultura da pimenta da India; ora emprehendendo, com outros brazileiros distinctos e zelosos do bem publico, a creação de uma companhia, que tivera por objecto a fundição de cobre e ferro, descoberto nas serranias de varios districtos da comarca da Bahia, projecto este tão vasto, que cahiu sob o peso de sua propria grandeza; ora fazendo vir de Portugal e da Inglaterra differentes machinas e instrumentos apropriados para o melhoramento dos processos agricolas do paiz; ora, finalmente, o vemos abrindo a sua bolsa para quantos actcs de caridade publica e par-

(*) Realmente, ainda hoje se encontram neste estabelecimento publico innumeros livros, com o nome desse benemerito, escripto na primeira pagina.

ticular era requerida a sua generosidade e para quantas emprezas se propunham e que houvessem a mira no desenvolvimento da agricultura e no incremento da industria e riqueza da sua terra natal.

Eis o homem cuja biographia em primeiro logar publicamos no *Jornal de Noticias* retirando do pó do esquecimento, para que receba a benemerencia dos hodiernos.

Falleceu, tambem nesta capital, a 19 de Fevereiro de 1840, na casa ao largo de Nazareth, onde é hoje o *Lyceu Salesiano,* que foi de sua propriedade.

Feliz coincidencia!

II

MANUEL FERREIRA DA CAMARA BITTENCOURT SÁ

Abrimos espaço, nesta secção, para contemplar um mineiro notavel, que, pelo coração, se identificou comnosco de tal modo, a ponto de tornar-se proprietario do engenho da Ponta, em Iguape, onde fixou a sua residencia. A epoca em que se installou entre nós, não podemos fixar, porque, em 1806, o encontramos, no cargo de intendente geral das minas do Brazil, em Minas-Geraes, e por esse tempo seu pae possuia o engenho *Acarahi,* na comarca de Ilhéos, e ahi, tambem, residia o Dr. João Bittencourt Sá, seu tio.

Nasceu, na comarca de Serro Frio, em 1762, e, em 1788, recebia na universidade de Coimbra o gráo de bacharel em leis e philosophia. Foi collega de estudos do patriarcha da nossa independencia, José Bonifacio de Andrada e Silva, com quem rivalisou em erudição.

Pouco tempo depois de formado, foi escolhido socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pela apresentação da memoria sob o titulo:

« Observações feitas por ordem da Real Academia de Lisboa, acerca do carvão de pedra da freguezia da Carvoeira, em Setembro de 1789. » Com esta apresentação recommendou-se ao governo portuguez, que o escolheu para visitar as sociedades scientificas da Europa e estudar as diversas minas existentes. Esteve em França, Allemanha, Bohemia, Hungria, Succia, Noruega, Escossia, Irlanda e na Inglaterra, tendo por companheiro, nesta excursão scientifica, o grande José Bonifacio.

De volta á Lisboa, foi nomeado desembargador e intendente das minas, concorrendo nesse cargo para o desenvolvimento da mineração em seu estado natal e proporcionando-lhe grande somma de beneficios, como poderá ser verificado em sua biographia, escripta pelo Dr. J. F. Sigaud e publicada na *Revista do Instituto Historico Brazileiro*, vol. 4, de 1842.

Não nos occuparemos sinão do periodo de sua vida que dedicou á Bahia, e assim é que, em 1807, nos diz o desembargador João Rodrigues de Britto, na resposta que deu aos quesitos apresentados pelo então governador, Conde da Ponte, ao senado da camara desta cidade, sobre as causas que opprimiam o commercio e a lavoura deste paiz: «Passando ás sciencias physicas. Para se formar uma idéa da importancia, e, ao mesmo tempo, da falta que temos dos seus conhecimentos, basta comparar os antigos productos do engenho da Ponta (*) com os que delle extrahe actualmente o seu novo proprietario, o meu honrado amigo Manuel Ferreira da Camara Bittencourt Sá. Pela primeira reforma de

(*) É hoje propriedade de parentes do Sr. Francisco Vieira Tosta que ahi reside.

fornalhas (que ainda não estão perfeitas), aproveitando melhor o assucar, economisou dois terços da lenha, cuja despeza montava a mais de tres mil cruzados cada anno. Pela dos tubos da roda d'agua, conseguiu que esta lhe durasse todo o tempo da safra, poupando-lhe o serviço de setenta cavallos, que antes eram precisos para a moenda: pela da levada, convertida em canal de conducção, evitou grande numero de bois e escravos, que se occupavam no transporte das lenhas. Os mangues, que se julgavam incapazes de produzir assucar, o dão excellente.

Já se não teme falta de decoadas, nem são custosas como dantes. Não se azeda o caldo, e a qualidade de assucar está na mão do lavrador.

Aquelle de que eu falo, que pode servir de modelo aos outros, tem, em menos de tres annos, duplicado a renda do seu engenho, cujo augmento accumulado elevará progressivamente os ulteriores productos na mesma proporção. De eguaes e maiores progressos é susceptivel toda a capitania nos variados ramos de suas lavras.

Pois si aquelle, que é de todos o mais florente, recebeu um tão prompto e extraordinario melhoramento, logo que o philosopho empregou nelle as suas vistas vivificantes, quanto maior não o receberiam aquelles cuja cultura está ainda no berço, como a canella, a pimenta, cacáo, baunilha e mil outras drogas de grande uso nas cosinhas e boticas? »

A independencia do Brazil veiu encontral-o na tranquillidade do campo, onde procurava, com applicação de seus conhecimentos scientificos, tirar o maior proveito possivel da cultura e industria.

Realisada a eleição para a assembléa constituinte

de 1823, a então provincia de Minas Geraes conferiu-lhe o mandato de seu representante, por ser dos seus mais dignos e merecidos filhos. A sua reputação em todo o paiz fel-o presidente dessa reunião de aguias e patriotas, no mez de Julho. Successivamente foi eleito deputado para a legislatura de 1826 a 1829, sendo escolhido senador em Abril de 1826. Foi tambem membro do conselho de estado que teve o principe regente D. Pedro I. Sua opinião era acatada e ouvida por todos com o maior interesse, e todas as vezes que se externava sobre qualquer assumpto era sempre a que predominava. Não era só entre nós que o seu merito se impunha, mas entre os sabios Mawe, A. Saint Hilaire, Wied-Newied, Spix e Martius, que muito se admiravam do seu profundo saber e de sua variada bibliotheca, quando viajaram por este paiz.

Na preoccupação de seus trabalhos agricolas, procurou desenvolver a cultura da fructa-pão, de jaqueiras, do trigo e de diversas plantas exoticas, introduzindo em 1823 a raiz da araruta *(Maranta indica)* que trouxe do Rio de Janeiro. Sobre esta planta escreveu uma memoria, que muito concorreu para o desenvolvimento de sua cultura no Reconcavo.

Reunidos, em 1832, na villa de São Francisco, diversos lavradores, por convite do conselheiro Miguel Calmon, depois marquez de Abrantes, tratou-se da fundação da inolvidavel e benemerita *Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria da Provincia da Bahia*, o que realisado, foi eleito presidente da Sociedade.

Na direcção dos trabalhos dessa associação, foi de um devotamento e dedicação sem egual, incitando sempre, por conselhos e exemplos, os demais collegas a commungarem nas mesmas idéas de reforma da lavoura

pela introducção de novos machinismos. A agricultura deve-lhe uma serie de monographias entre as quaes, as que tratam dos machinismos e dos carneiros da raça *merinos*, e o desenvolvimento da cultura do fumo com a distribuição de sementes de *Virginia* pelos lavradores de Muritiba, S. Gonçalo, Brejões e Inhambupe; da arvore do pão, de que existia um unico exemplar, no hospicio de Jerusalém, do qual o marechal *Acciavoli*, na sua roça, ao Cabeça (*), já havia conseguido a reproducção; a importação, por intermedio da Sociedade de raças inglezas e dinamarquezas (*Airshire* e *Holstein*) de gado vaccum e de um carneiro inglez *Southdown*, e muitos outros prestimosos serviços (**). Em 13 de Dezembro de 1835 falleceu, sendo nessa época ainda presidente da *Sociedade de Agricultura*, que muito concorreu para reanimar a nossa lavoura.

Deixou um grande numero de trabalhos, publicados nas revistas da Academia de Lisboa e de Edimburgo. A sua familia deve possuir innumeros autographos de grande importancia e poderiamos citar os referentes ao *Tratado de mineralogia do Brasil*, e *A descripção physica e economica da comarca de Ilhéos*, a que diversos escriptores se referem.

Eis a util existencia do notavel e benemerito brazileiro.

(*) Que nos parece ter dado o nome á rua do Accioli.
(**) Conseguiu tambem preparar o pão com a fecula do inhame e da araruta, apresentando á Sociedade, que sobre o assumpto emittiu o seu parecer.

III

JOSÉ DA SILVA LISBOA

(Visconde de Cayrú)

Os acontecimentos da época em que nasceu o grande sabio, cujo nome encima estas linhas, presagiavam o papel saliente que havia de desempenhar nos negocios do paiz.

O Brazil e principalmente a Bahia estavam sobrecarregados de tributos, em consequencia do terremoto occorrido em Lisboa, a 1.º de Abril de 1756, e a coincidencia quiz que o campo mais vasto de seus conhecimentos fosse — a economia politica e as finanças. Administrava o Brazil, que constituia um vice-reinado, D. Marcos de Noronha, 6.º Conde dos Arcos, quando, em 16 de Julho de 1756, nesta capital, teve logar o nascimento do brazileiro que bem merecia, ao menos de seus conterraneos, o marmore ou o bronze para attestar ás gerações presente e futura os seus serviços. Mas, nem pensar nisto, si a uma unica placa de denominação das ruas não está ligado o seu nome para recordar aos posteros a sua passagem entre os vivos.

Triste ingratidão dos que não vêem no passado a melhor lição do presente, e que não reconhecem a necessidade de honrar os seus maiores para o ensinamento civico do povo por suas acções.

A antiga Assembléa provincial, em 1838, quiz, em parte, com a lei n. 46, pagar o tributo que devemos a esta memoria illustre, decretando a collocação do retrato na bibliotheca publica, até que fosse fundido um busto para substituil-o, mas isto nunca se fez e alli permanece o retrato a oleo, inaugurado, solemnemente, em 1840.

Na administração municipal do conselheiro Almeida Couto, em columnas do *Jornal de Noticias*, tivemos por mais de uma vez occasião de chamar a attenção do Conselho Municipal para a denominação das ruas, mostrando as vantagens de se aproveitarem os nomes dos filhos illustres desta terra, das datas e factos que se prendem á nossa historia como um dos meios mais faceis, que podemos, mesmo, considerar intuitivo, para o ensino da historia patria, tão desconhecida e descurada entre nós. Não calaram as nossas palavras no espirito desses legisladores do Municipio, apezar da boa vontade do intendente, que sobre o assumpto procurou ouvir a nossa opinião, tambem sustentada no « Instituto Geographico » quando apresentamos uma indicação no mesmo sentido; mas, ainda é tempo e confiamos que o actual Conselho não se recusará corresponder ao nosso appello.

Comecem por este nome, mas aproveitem o seu titulo para a denominação de uma das nossas principaes ruas do commercio, porque contamos outros illustres membros desta familia que bem merecem a mesma distincção, o que traria confusão.

A homenagem que se presta é o reconhecimento que já mereceu de todas as nações da Europa quando se utilisaram da sua obra — Direito Mercantil — para confecção de seus codigos de commercio, e o agradecimento por ter sido quem deu o primeiro passo para a nossa independencia politica.

—

A sua infancia passava-se como o seu nascimento, em meio de occurrencias notaveis, entre as quaes se salientavam a expulsão dos jesuitas, transferencia da capital para o Rio de Janeiro e a descoberta de grandes

depositos em Monte Alto. Com 16 annos de edade seguiu para Lisboa, onde terminou os seus estudos secundarios e matriculou-se em Coimbra, recebendo o gráo de bacharel em direito canonico. Antes de se formar, submetteu-se a concurso para o logar de substituto das cadeiras das linguas hebraica e grega, conseguindo ser nomeado.

Pouco tempo se demorou nesse logar, por obter ser provido na cadeira de philosophia desta cidade, regressando assim á sua patria. Aqui esteve até 1797 quando, novamente, voltou a Lisboa, sendo jubilado no logar que exercia.

Dedicava-se á advocacia e aos estudos de jurisprudencia, moral, philosophia e economia politica, para os quaes sentia grande inclinação e gosto.

O governo portuguez, achando que não devia de todo dispensal-o, nomeou-o secretario e deputado da meza de inspecção das rendas, tendo de vir aqui residir para o desempenho do cargo.

Neste logar os seus serviços foram relevantes, principalmente á agricultura e ao commercio. Em 1801, deu publicidade á primeira edição do seu tratado —Direito Mercantil, e, em 1804, aos —Principios de Economia Politica. A primeira destas obras foi um successo, podendo-se, mesmo, considerar que revolucionou o pouco que se via escripto e a comprehensão de seu valor resalta pela traducção que teve, logo após o seu apparecimento, nas linguas franceza e ingleza.

O valor de suas obras é tão manifesto que depois dellas é que vemos na Europa se preoccuparem com estes assumptos mais detidamente e apparecerem os codigos de commercio, sendo o francez, primeiro, em 1807.

A chegada de D. João VI a esta cidade proporcionou

um circulo mais largo a Silva Lisboa para expandir o seu talento e desenvolver os seus conhecimentos. Por pouco tempo aqui deteve-se o principe, mas foi o quanto bastou para conquistal-o, depois de apresentado pelo Conde da Ponte, então governador, junto de quem exercia grande influencia. Offerece as suas «Observações sobre a abertura dos portos do Brazil» e justifica de modo tão cabal que leva ao principe e aos demais da côrte a convicção da necessidade da medida lembrada. Realmente, as suas idéas foram acceitas e postas em execução, com a carta regia de 28 de Janeiro de 1808.

Tinha dominado toda aquella gente attonita e espavorida com a invasão dos francezes, em Portugal, sem orientação e conhecimento das cousas deste Paiz.

Com a abertura dos portos antevê o brazileiro patriota o caminho mais proximo para a independencia da patria, tornando-a conhecida na Europa, a que os interesses do commercio a ligariam; dando-lhe a importancia que bem merecia.

O principe reconhece o seu merecimento e julga não poder dispensar os seus serviços, levando-o em sua companhia para o Rio de Janeiro. Ahi procura justificar o procedimento da côrte com a carta regia, e escreve as « Refutações das declamações contra o commercio inglez» e as « Observações sobre a franqueza das fabricas e industrias », o que muito concorre para restabelecer a verdade entre os partidarios contrarios a esta providencia.

A influencia do illustre bahiano continúa manifesta, sentindo-se na creação de uma Junta do commercio e em favores á agricultura, fabricas e navegação. Si não bastassem as suas idéas explanadas em seus notaveis trabalhos, teriamos o testemunho do conde de Cupurica,

em carta, escripta do Rio, a Manuel Ignacio da Cunha Menezes, depois visconde do Rio Vermelho, cujo autographo possuimos, e em que diz: « *O Silva Lisboa, seu amigo, continúa muito apreciado, considerado e ouvido por todos.* »

A época da passagem de D. João VI por este paiz resente-se de sua acção bemfazeja e pode-se mesmo affirmar que o notavel brazileiro synthetisa todo o periodo governamental. Com a volta para Portugal da familia reinante entra no numero daquelles que trabalhavam pela independencia, para a qual já havia concorrido com o maior contingente.

A imprensa o tem de 1821 a 1823 e as publicações do *Conciliador do Reino Unido, Reclamações do Brazil, A Causa do Brazil, O Imperio do Brazil, O Roteiro do Brazil* e a *Atalaia* isto attestam.

Feita a independencia não conseguiu ser eleito sinão supplente de deputado por sua terra natal, porque já nesta época combatia os excessos que trazem em consequencia as revoluções e era taxado de retrogrado.

Mas, as circumstancias não quizeram que o paiz ficasse privado de suas luzes e por um acontecimento imprevisto toma parte nos trabalhos dessa assembléa constituinte, em substituição do benemerito patriota Cypriano José de Almeida Barata. Em 1826 é escolhido senador por esta então provincia.

Na constituinte e no senado representou o principio conservador, pelo que os seus serviços não echoaram nas ruas nem tiveram as glorias ephemeras da tribuna e da imprensa.

Foi o precursor da independencia, mas somente o reconhecem aquelles que lêem as suas obras e que reconhecem a importancia do commercio internacional.

D. Pedro I concedeu-lhe o titulo de visconde de Cayrú, e em 20 de Agosto de 1835 falleceu legando á posteridade um grande numero de trabalhos scientificos, bem como a firmeza de principios que nunca se modificaram ás conveniencias de momento e de partidos.

E' immortal, e o melhor dos seus monumentos são as suas obras.

Bahia, 1903.

Antonio Calmon.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1905

120.ª SESSÃO EM 19 DE MARÇO DE 1905

Presidencia do Exm. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 19 de Março de 1905, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, presentes os socios Cons. Carneiro da Rocha e João Torres, Des. Thomaz Montenegro, Cons. Filinto Bastos, Drs. Orville e Derby, e Julio da Gama, Prof. Luiz Augusto, Coronel Gonçalo de Athayde, Ferreira Braga, Eloy Guimarães e Comm. Horacio Urpia, é declarada aberta a sessão, servindo de 2.° Secretario o Coronel Athayde.

O 2.° Secretario faz a leitura da acta da sessão anterior, que é approvada.

Antes da leitura do expediente, o Sr. Presidente dá parabens ao *Instituto* pelo comparecimento, n'esta sessão, do illustrado consocio Dr. Orville e Derby, sabio geologo, de cujas luzes muito terá a lucrar o *Instituto* com a sua permanencia n'este Estado; no que é secundado pelo 1.° Secretario, que apresenta uma proposta de congratulação, que é unanimemente approvada.

O Cons. 1.° Secretario faz a leitura do expediente: Officios, do Director da Escola Commercial da Bahia, communicando a sua installação no dia 12 do corrente mez; do Presidente da Associação Commercial communicando a posse da Directoria eleita em Fevereiro; do

Coronel Gregorio Thaumaturgo, prefeito do Alto Juruá, communicando a installação d'aquelle departamento, no logar *Invencivel,* á margem direita do rio Juruá; dos 1.os Secretarios dos Institutos Historicos de Pernambuco e do Rio Grande do Norte communicando as directorias eleitas para 1905-1906; Cartas, do Prof. Gustavo Enge, de Campinas, pedindo diversos esclarecimentos sobre a Bahia para o almanach de Geographia de Gotha; do socio Julius Meili, agradecendo o diploma de socio correspondente, e pedindo apontamentos sobre as armas do Estado e da cidade da Bahia; do socio General Dr. Dionisio de Cerqueira enviando um caixote contendo varias obras sobre a historia da Republica Argentina, adquiridas em Buenos Ayres.

O 1.º Secretario dá noticia das diversas offertas de livros e mappas, já relacionadas, e que vão publicadas em appendice.

O Cons. Presidente declarou que o *Instituto* se fez representar na installação dos trabalhos da Escola Commercial, tendo elle comparecido com o 1.º Secretario; e que, por occasião do lamentavel incendio da Faculdade de Medicina, providenciou para que o *Instituto* se conservasse aberto até alta madrugada, sendo recolhidos no edificio varios apparelhos dos gabinetes, moveis e papeis do archivo da Faculdade; que tendo o nosso illustre consocio engenheiro Miguel Calmon seguido para a cidade do Recife, como representante do Estado na 2.ª Conferencia Assucareira, resolveu officiar ao Dr. Presidente do Instituto Pernambucano, communicando que o mesmo socio levava plenos poderes para representar o *Instituto*, durante a sua permanencia n'aquella cidade.

O Sr. Thesoureiro apresenta o balancete da receita e despeza do Instituto durante o anno proximo findo,

importando a receita em 5:506$333 e a despeza em 5:183$967 réis; o qual é enviado a commissão de orçamento.

Em seguida, o Cons. 1°. Secretario propõe que se lance na acta um voto de agradecimento e louvor ao Cons. Presidente pela offerta de uma estante para o salão da bibliotheca; como tambem que, tendo sido totalmente destruida a bibliotheca da «Faculdade de Medicina», o *Instituto* correspondendo ao appello da sua illustrada congregação e academicos, autorizasse a Meza a offerecer as theses e obras de Medicina, que o *Instituto* possue em duplicata.

Ambas as propostas foram approvadas.

O Dr. Julio da Gama pede a palavra e lê apontamentos que julga necessarios para o esclarecimento de certos factos, de que occupou-se a Memoria lida em sessão de 3 de Maio do anno passado sobre a Proclamação da Republica na Bahia.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. (Assignados).—*Antonio Carneiro da Rocha.*—*João Nepomuceno Torres.*—*Gonçalo de Athayde Pereira.*

121.ª SESSÃO EM 20 DE ABRIL DE 1905

Presidencia do Exm. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 20 de Abril de 1905, nesta cidade da Bahia e salão do *Instituto,* á uma hora da tarde, presentes os socios Cons.os Carneiro da Rocha e João Torres, Drs. Braz do Amaral, Cabussú e Menandro Filho, Coronel Athayde, Conego Manfredo, Capitão Ferreira Braga, Des. Montenegro, Damasceno Vieira, Luiz Filgueiras e Eloy Guimarães, é declarada aberta a sessão.

E' lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O Cons. 1°. Secretario faz a leitura do seguinte expediente: Officio do Orador Dr. Braz do Amaral pedindo uma licença de seis mezes para a viagem que pretende fazer a Europa, onde offerece os seus serviços ao *Instituto;* Carta do socio Capitão de mar e guerra Alves Camara, enviando, por intermedio do Dr. Elpidio de Mesquita, varios livros, valiosa dadiva do presidente da Sociedade de Geographia do Rio, Marquez de Paranaguá.

E' lida uma proposta de socios correspondentes, que vai á Commissão de admissão.

O Cons. Presidente communica o fallecimento do socio effectivo e fundador Eduardo Carigé, occorrido n'esta capital a 12 de Abril corrente, e propõe que se lance na acta um voto de pezar, salientando os serviços por elle prestados ás lettras patrias, o que é approvado.

O Dr. Cabussú propõe que a meza officie ás associações congeneres que se acham em relações mais estreitas com o *Instituto*, apresentando o Dr. Braz do Amaral, de cuja excursão muito terá a lucrar o *Instituto.*

O Des. Paranhos Montenegro, com a palavra, pediu informações sobre o pedido feito pelo Presidente do Instituto do Rio Grande do Norte em relação á copia de documentos existentes no Instituto sobre a revolução de 1817, especialmente sobre o Padre Miguelinho: o Cons. 1°. Secretario informou que já havia respondido ao officio do illustre Presidente d'aquelle Instituto no sentido negativo, accrescentando que o Archivo Publico da Bahia possuia grande copia de documentos que diziam respeito a revolução de 1817, sobre acontecimentos que se deram não só na Parahyba, como no Rio Grande e Ceará, se-

gundo lhe havia informado o respectivo director e nosso consocio Dr. Frederico Lisboa.

Ainda com a palavra o Cons. Secretario, e tratando da proxima sessão anniversaria, propoz que, na fórma dos estylos, fosse ella feita com a maxima economia, si bem que com a maior solemnidade, convidando-se ao Cons. Filinto Bastos, substituto do Orador, para fazer o discurso official; lembrando tambem que egualmente fosse convidado o socio Damasceno Vieira a ler uma memoria sobre o repentista bahiano Francisco Muniz Barretto, cujo primeiro centenario do seu nascimento o Instituto não poude commemorar no anno passado.

Approvada a proposta, o Sr. Damasceno declarou que, acquiescendo ao convite que acabava de fazer o *Instituto*, se encarregava de apresentar o trabalho que lhe fosse possivel.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Approvada em sessão de 14 de Maio de 1905. *Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Aloysio de Carvalho.*

—

122.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1905

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 11°. ANNIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO

Presidencia do Exm. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 3 de Maio de 1905, n'esta cidade da Bahia, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Cons.ᵒˢ Carneiro da Rocha, João Torres, Filinto Bastos e Eduardo Silva, Drs. Satyro Dias, Silva Lima, Guilherme Muniz, Cabussú, Menandro Filho, Joaquim Tanajura, Vital Soares, Constancio de Sant'Anna e

Julio Barbuda, Barão de S. Francisco, Professores Borges dos Reis, Torquato Bahia, Santos Sá e Luiz Augusto, Conegos Manfredo de Lima e Elpidio Tapiranga, Padres Dr. Samuel e Luiz da França, Coroneis Gonçalo Athayde e Affonso Pedreira, Pharm. Sant'Anna, Damasceno Vieira, Ferreira Braga, engenheiro Boccanera e Eloy Guimarães, achando-se tambem presentes o Dr. Aurelino Leal, secretario da segurança publica, Cons. Joaquim Spinola, presidente do Tribunal de Appellação, Commissões do Senado, da Camara dos Deputados, da Associação Commercial, representantes do general commandante do Districto, da imprensa e de outras associações, e grande numero de pessoas gradas, foi declarada aberta a sessão, lendo o Sr. Presidente substancioso discurso, referindo-se á data festejada e ás condições financeiras do Instituto.

Em seguida o Cons. João Torres, 1°. Secretario, leu o Relatorio dos acontecimentos havidos durante o anno social findo; depois do que leu o telegramma de felicitações enviado do Rio de Janeiro pelo presidente honorario Cons. Salvador Pires, e deu noticia da offerta feita pelo socio Barão de S. Francisco da *Fundação do Imperio Brazileiro* pelo Cons. Pereira da Silva.

Falou depois o Cons. Filinto Bastos, supplente do orador, lendo importante trabalho sobre a nacionalidade brazileira, desde os tempos coloniaes até o momento presente.

Falou por ultimo o festejado poeta Damasceno Vieira, que leu importante Memoria sobre o grande repentista bahiano Francisco Muniz Barretto, sendo applaudido pelas pessoas presentes.

Durante o acto, em sala contigua, fez-se ouvir a banda de musica do 1°. batalhão do regimento policial.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. —*Antonio Carneiro da Rocha.— João N. Torres. —Gonçalo de Athayde Pereira.*

123.ª SESSÃO EM 14 DE MAIO DE 1905

Presidencia do Exm. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 14 de Maio de 1905, n'esta cidade da Bahia e salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, presentes os socios Cons^os^. Carneiro da Rocha e João Torres, Ferreira Braga, Drs. Joaquim Tanajura e Cabussú, Aloysio de Carvalho, Coronel Athayde, Damasceno Vieira, professores Luiz Augusto, Torquato Bahia e Elias Nazareth e Eloy Guimarães, foi aberta a sessão, servindo de 2.° Secretario o supplente Major Aloysio.

E' lida a acta da sessão de 20 de Abril, que é approvada sem debate.

O Cons. 1.° Secretario procede á leitura do expediente —Carta convite da Associação dos Empregados no Commercio para o *Instituto* comparecer á inauguração do seu novo predio e bibliotheca; do Sr. Trübner, de Strasburgo pedindo informações sobre o *Instituto* para a publicação do seu Annuario —Minerva —; do Cons. Salvador Pires, declarando ter conseguido que o *Diario Official*, do Rio, o *Jornal do Brazil* e *A Noticia* continuassem a ser enviados gratuitamente; do Sr. M. Ballivian, presidente da Sociedade de Geographia de La Paz, e director da Officina de Immigração e propaganda geographica, communicando que, por Decreto de 17 de Fevereiro, foi

nomeado Ministro de Colonias e Agricultura da Republica da Bolivia; Offerta do socio Dr. Joaquim Tanajura de um pedaço de casca de palmeira, no qual o Dr. Eduardo Prado, ao passar em Villa Velha, casa do Dr. José de Aquino Tanajura, por occasião da revolta da armada de 1893 inscrevera o seguinte: *Ellis S. Powell, 30 th July 1894*, sendo esse o nome com que elle se designava na viagem pelos sertões da Bahia; do mesmo Dr. Tanajura, — fragmentos de um aerolitho, cahido em Bom Jesus dos Meiras, sertão da Bahia, em 10 de Dezembro de 1903; idem do Cons. Filinto Bastos, de uma assignatura d'*A União*, do Rio de Janeiro, a contar de Janeiro do corrente anno; Carta do notavel escriptor sueco Dr. Göran Björkman, propagandista da litteratura latina, agradecendo o diploma de socio correspondente, a qual é do theor seguinte e escripta em portuguez:

« Stockolmo, 24 de Março de 1905. Illm. e Exm. Sr. João Nepomuceno Torres, 1.° Secretario do Instituto Historico da Bahia.

Achando-me de posse do diploma que V. Ex. se dignou de enviar-me em 27 de Dezembro ultimo, tenho a honra de exprimir-lhe e pedir-lhe communique aos seus dignos collegas, — collegas que desde hoje lisonjeio-me de chamar tambem meus — o profundo reconhecimento com que acceito tão precioso testemunho de sympathia para com um modesto admirador da intellectualidade Brasileira. Poucos, de facto, são ainda os serviços que tenho feito ás lettras d'esta grande Nação, porta-bandeira futuro da America Latina.

Gósto por isso de ver n'esta nova distincção, entretanto, um applauso ao fiel campeão que sou do espirito latino na « Ultima Thule ». Em todo caso ser-me-ha um novo incentivo para continuar a minha propaganda de romancista, encetada já ha uns vinte annos.

Com a maior estima e consideração tenho a honra de me subscrever de V. Ex. servidor, reverente e obrigadissimo.

Göran Bjorkman.

E' lida a proposta para socios effectivos do Comm. José Alves Ferreira, José de Sá, presidente da Associação Commercial, e do Dr. Clodoaldo de Andrade, medico, todos residentes na Capital.

Havendo a Commissão de admissão, dado o respectivo parecer, é o mesmo lido, e fica sobre a meza para ser votado na sessão seguinte.

Pelo Cons. Presidente foi declarado que a presente sessão foi convocada para o fim especial da eleição da Meza e das Commissões, e não tendo comparecido numero legal de socios para funccionar em Assembléa Geral, ficava a eleição adiada para o proximo domingo.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.—*Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres. Gonçalo de Athayde Pereira.*

124.ª SESSÃO EM 21 DE MAIO DE 1905

Presidencia do Exm. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 21 de Maio de 1905, n'esta cidade da Bahia, e salão do *Instituto,* á uma hora da tarde, presentes os socios Cons.os Carneiro, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Manoel Jeronymo Gonçalves e Joaquim Tanajura, Conego Manfredo, Padres Luiz da França e Samuel de Almeida, Comm. Horacio Urpia, Coronel Affonso Pedreira Professores Torquato Bahia, Luiz Augusto, Santos Sá e Elias Nazareth, Damasceno Vieira e Capitão Ferreira

Braga, é declarada aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o Coronel Athayde.

São lidas e approvadas as actas das sessões dos dias 3 e 14 de Maio corrente.

O Cons. 1.º Secretario procede á leitura dos pareceres da commissão de admissão, e, em escrutinio secreto, são approvados socios effectivos, o Dr. Clodoaldo de Andrade, Comm. José Alves Ferreira e José de Sá; e socios correspondentes, Comm. Antonio Padula, litterato, residente em Napoles, Eduardo Poirier de Mezieres Toledo, diplomata, residente em Valparaiso, e o jornalista Sergio Cardoso, residente na cidade de Santo Amaro.

Declarando o Cons. Presidente que ia se proceder á eleição da Meza Administrativa e das Commissões, são recebidas 17 cedulas, que, apuradas, dão o seguinte resultado:

Para Presidente—Cons. Antonio Carneiro da Rocha.

Vice-Presidentes—Dr. Satyro de Oliveira Dias e Engenheiro Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Secretarios—Cons. João Nepomuceno Torres e Dr. Isaias de Carvalho Santos.

Supplentes—Major Aloysio de Carvalho e Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.

Supplente—Cons. Filinto J. Ferreira Bastos.

Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.

Commissão de Admissão de Socios—Eloy de Oliveira Guimarães, Dr. Guilherme Muniz de Aragão e Coronel Gonçalo de Athayde.

Fundos e Orçamento—Dr. Alfredo Cabussú, Comm. Horacio Urpia e Coronel Manoel Francisco Gonçalves.

Redacção da Revista e Estatutos—Cons. João Ne-

pomuceno Torres, Professor Torquato Bahia e Conego Manfredo de Lima.

Manuscriptos e Documentos—Dr. Egas Moniz B. de Aragão, Cons. Filinto Bastos e Engenheiro Silio Boccanera.

Geographia e Historia—Dr. Francisco de Goes Calmon, Professor Antonio Borges dos Reis e Pharm. Luiz Filgueiras.

Estatistica e Demographia—Dr. Antonio Pacifico Pereira, Prof. Elias Nazareth e Dr. Joaquim Tanajura.

Topographia e Archeologia—Dr. Julio da Gama Engenheiros João Pimenta Bastos e Affonso da Cunha Maciel.

Philatelia, Numismatica e Ceramica— Francisco Ferraro, Dr. Constancio de Sant'Anna e Capitão Manoel R. Querino.

Mappas, Retratos e Cartas Geographicas—Dr. Julio Calasans, Dr. Joaquim Pires Muniz e Professor Santos Sá.

Biographias—Dr. Manoel J. de Souza Brito, Dr. Guilherme Rebello e Damasceno Vieira.

Concluidas a votação e apuração, o Cons. Presidente declarou empossados, na forma dos Estatutos, os socios presentes que foram eleitos, publicando-se pela imprensa o resultado da votação.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.—*Antonio Carneiro da Rocha.— João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

125.ª SESSÃO EM 23 DE JULHO DE 1905

Presidencia do Cons. Carneiro da Rocha

Aos 23 de Julho de 1905, n'esta cidade da Bahia e salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, presentes os socios Cons.os Carneiro da Rocha e João Torres, Drs. Isaias Santos e Eduardo Caldas Brito, Coronel Gonçalo Athayde, Capitão Ferreira Braga, Damasceno Vieira, Padre Luiz da França, Gonçalves Neves, Eloy Guimarães, Horacio Urpia e Professores Luiz Augusto e Elias Nazareth, foi declarada aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario faz a leitura do expediente: Officios do Drs. Intendente Municipal e Secretario do Interior agradecendo a communicação da eleição da Meza Administrativa; Idem do Secretario do Interior dando noticia da reunião do Congresso Brazileiro de Expansão Economica, que se reunirá na Capital Federal, e convidando o *Instituto* a se fazer representar; telegramma do Dr. Presidente do *Instituto* do Rio Grande do Norte enviando congratulações pela memoravel data do dia Dous de Julho; Carta de D. Clemente Barahona Vega, de Santiago do Chile, agradecendo o diploma de socio, e enviando varias publicações suas para a bibliotheca do *Instituto;* carta do amanuense Professor Agostinho Cajaty offerecendo o seu ordenado do mez de Março do corrente anno, na importancia de 66$600, como auxilio á festa anniversaria do dia 3 de Maio.

As offertas constam do Appendice.

São lidos, o parecer da commissão de admissão favoravel á proposta para socio correspondente do Dr. José Pereira Rego Filho, residente no Rio de Janeiro, e

o projecto de orçamento da receita e despeza para o corrente anno financeiro, apresentado pela commissão de orçamento, os quaes ficam sobre a meza para serem votados na sessão seguinte.

Em seguida é submettido á votação, e é approvado, o parecer da commissão de orçamento sobre as contas do Sr. Thesoureiro.

«A commissão de fundos e orçamento examinou a escripturação e as contas da gestão durante o anno de 1904, do *Instituto Geographico e Historico da Bahia,* apresentadas pelo Sr. Thesoureiro Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, mostrando ser a receita de Rs. 5:506$333, e a despeza de Rs. 5:183$967, constando um saldo de 322$366, que passa para o exercicio de 1905, achou-as conforme a escripturação, julgando-as merecedoras de approvação da assembléa.

Sala das sessões do *Instituto Geographico e Historico da Bahia,* 20 de Julho de 1905. (Assignados) *A. Cabussú.—Horacio Urpia.—Manoel Francisco Gonçalves.*

Receita:

Joias de socios e remissão	130$000
Mensalidades de socios.	1:493$000
Subvenção federal	3:333$333
Donativos	550$000
	5:506$333

Despeza:

Despezas geraes	556$710
Commissão ao cobrador.	289$800
Compra de livros	50$000

Ordenados	1:266$000
Juros ao Banco Auxiliar	2:700$000
Ao Sr. Thesoureiro por adeantamento .	321$457
	5:183$967

Está conforme, o guarda-livros — *João Joaquim dos Santos Sá*, 18 de Março de 1905».

O Cons. Presidente faz a apresentação do socio correspondente Dr. Eduardo Augusto de Caldas Brito, que compareceu á esta sessão, a quem felicita em nome do *Instituto* pelos seus trabalhos já publicados na *Revista*; ao que responde agradecendo o Dr. Caldas Brito. Nada mais havendo, levanta-se a sessão. Approvada a 27 de Agosto.—*João Nepomuceno Torres*.—*Isaias de Carvalho Santos*.—*Gonçalo de Athayde Pereira*.

126.ª SESSÃO EM 27 DE AGOSTO DE 1905

Presidencia do Cons. João Torres

Aos 27 de Agosto de 1905, n'esta cidade da Bahia e salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, presentes os socios Cons. João Torres, Drs. Isaias Santos, Alfredo Cabussú e Constancio de Sant'Anna, Padre Dr. Samuel de Almeida, Conego Manfredo de Lima, Coronel Gonçalo de Athayde, Engenheiro Boccanera, Gonçalves Neves, Capitão Ferreira Braga, Horacio Urpia e professor Luiz Augusto, o Cons. 1°. Secretario declara aberta a sessão no impedimento do Cons. Presidente, que não poude comparecer, e convidou para o 2.° Secretario o coronel Athayde; sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Dr. 1.º Secretario procede á leitura do expediente: Officio do Secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 12 Julho, communicando a decisão tomada em sessão de 25 de Fevereiro de 1904, que riscou do numero de seus socios correspondentes o Sr. Antonio Cabreira, e ao mesmo tempo protestando contra a publicação de uma brochura em que o mesmo Cabreira se representa como socio da referida Academia.

Officio do Director da Officina de Permuta Internacional de Publicações da cidade de Lima, communicando a installação da mesma repartição no Ministerio de Fomento, d'aquella capital, e convidando o *Instituto* a iniciar relações de permuta.

É lido o parecer da commissão de admissão favoravel á proposta para socio correspondente do Dr. José Pereira Rego Filho, residente na cidade do Rio de Janeiro, que é approvado em escrutinio secreto, e acclamado socio.

Em seguida, procede-se a votação do projecto de orçamento da receita e despeza para o corrente anno de 1905, elaborado pela Commissão de orçamento, que é approvado, depois das explicações dadas pelo Cons. Presidente, e pelo Dr. Cabussú, o qual é do theor seguinte.

Receita:

Art. 1.º A Receita do *Instituto Geographico* e *Historico da Bahia*, para o corrente anno de 1905, é orçada em reis, 22:810$000.

§ 1.º Subvenção atrasada, a receber-se do Thesouro do Estado, saldo . .	15:000$000
§ 2.º Subvenção federal do corrente anno	5:000$000
§ 3.º Idem, municipal, atrasada . .	1:000$000
§ 4.º Idem, para o corrente anno . .	250$000

§ 5.º Mensalidades de 130 socios effectivos	1:560$000
§ 6.º Joias de socios, Remissão e Donativos.	$
	22:810$000

Despeza:

Art. 2.º A despeza do mesmo *Instituto* é orçada em réis. 21:537$819.

§ 1.º Juros da hypotheca ao Banco Auxiliar devidos até 31 de Dezembro ultimo.	7:586$719
Juros, idem, durante o corrente anno .	2:750$000
Amortisação da mesma hypotheca . .	2:750$000
§ 2.º Para pagamento de diversas contas	5:850$300
§ 3.º Impressão da *Revista*. . . .	1:000$000
§ 4.º Despezas Geraes, inclusive o seguro do predio, agua e asseio . .	500$800
§ 5.º Gratificação ao Amanuense . .	500$000
§ 6.º Ordenado do porteiro	600$000
§ 7.º Porcentagem ao Cobrador 15 °/₀ .	$
	21:537$819

Bahia e Sala das Sessões do *Instituto*, em 20 de Junho de 1905.— (Assignados) *A. Cabussú.—Manoel Francisco Gonçalves.—Horacio Urpia.*

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Approvada em 5 de Novembro de 1905.— *Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.— Constancio Luiz de Sant'Anna.*

127.ª SESSÃO EM 5 DE NOVEMBRO DE 1905

Presidencia do Cons. Carneiro da Rocha

Aos 5 de Novembro de 1905, n'esta cidade da Bahia e salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Carneiro da Rocha e João Torres, Drs. Alfredo Cabussú e Constancio de Sant'Anna, professor Luiz Augusto, Horacio Urpia, Eloy Guimarães e Francisco Braga, é declarada aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

Serviu de 1.º Secretario o Dr. Constancio de Sant'Anna.

O expediente constou do seguinte: Officio do Conselho executivo do Centro Operario da Bahia enviando um exemplar do Relatorio do anno social findo em Setembro ultimo; Idem do 1.º Secretario do *Instituto* de Protecção e Assistencia á Infancia da Bahia enviando a relação da Junta Administrativa eleita para o biennio de 1905 a 1907; Idem do 2.º Secretario do Centro Espirita Religião e Sciencia communicando a posse dos funccionarios eleitos por occasião do 8.º anniversario do mesmo Centro, e enviando a *Revista*, publicada.

São lidas duas propostas para socios effectivos e correspondentes, as quaes vão á Commissão respectiva.

O Cons. Presidente communica ao *Instituto* que no dia 5 de Setembro ultimo falleceu na cidade do Rio de Janeiro o illustrad osocio honorario Cons. Carlos Augusto de Carvalho, notavel jurisconsulto e consultor do Ministerio das Relações exteriores, e propõe que se lançasse na acta um voto de pezar, o que é approvado.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Approvada em 11 de Março de 1906.—*Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Silio Boccanera.*

OFFERTAS EM 1905

Além dos Jornaes, foram enviadas á bibliotheca do *Instituto*, pelas respectivas redacções, durante o anno de 1905, as seguintes Revistas:

A Semana (Bahia), anno 1.°, 1905.

O Commercio (Bahia), anno 1.°, 1905.

O Correio Academico (Bahia), anno 1.°, 1905.

Boletim Salesiano (Bahia), anno 4.°, 1905.

Revista Spirita (Bahia), ns. 1 a 4, 1905.

Gazeta Medica da Bahia, vols. 36 e 37 (1904-1905).

Nova Cruzada (Bahia), Junho de 1901 a 1905.

Revista Policial da Bahia, anno 1.°, 1905.

Revista Biographica da Bahia, ns. 1 a 4, 1905.

Ad Lucem (Bahia), ns. 12 a 19, anno 3.°.

Revista da Academia Cearense, vol. 9.°, 1904.

Revista do Instituto Historico do Ceará, 1.° e 2.° Trimestres de 1905.

Boletins do Museu Goeldi (Pará), vol. 4.°, 1904.

Revista do Instituto Historico do Rio Grande do Norte, n. 1, vol. 3.°, 1905.

Revista do Instituto Archeologico Pernambucano, n. 60, vol. XI.

Revista Agricola de Sergipe, anno 1.°, 1905.

Annaes do Brazil (Rio), vol. 1.°, 1905.

Revista Militar do Exercito, anno VII, 1905.

Revista Maritima Brazileira (anno 24-25), 1905.

Revista Commercial e Financeira (Rio), 1905.

Revista do Instituto Historico de S. Paulo, vol. 9.° 1904; *Idem do Museu Paulista*, vol. 6.°, 1904; *Idem do Centro de Sciencias e Lettras de Campinas*, n. 8, 1905.

Revista da Sociedade Scientifica de S. Paulo, ns. 1 e 2, 1905.

Boletins de Agricultura do Estado de S. Paulo, 1905.

Revista do Archivo Publico Mineiro (Julho a Dezembro de 1904 e Janeiro a Junho de 1905).

Revista do Instituto Polytechinico Brazileiro, vols. 27 e 28.

O Archivo (revista historica de Cuyabá), anno 1.°, 1905.

O Oriente Portuguez (India), vol. 2.°, 1905.

Anales do Museu do Mexico, Tomo XI, 1905.

Idem do Museu do Uruguay, vol. 2.°, e a «Flora do Uruguay», vol. 5.°, 1905.

Revista Franco-Italiana, vol. 6.°, 1905.

Boletins del Ministerio de Fomento (Perú), 1904 e 1905; *Idem do Corpo de Engenheiros do Perú*, 1904 e 1905.

Revista del Ministerio de Colonias y Agricultura (Bolivia), ns. 1 a 3, 1905.

Boletins da Sociedade de Geographia de Lima (Perú), 2.° a 3.° trimestres de 1904; *Idem da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie 23.ª, 1905; *Idem da Sociedade de Geographia Italiana* (vols. 5.° e 6.°, 1904 e 1905); *Idem da Sociedade de Geographia de Madrid*, vols. 46 e 47 (1904 e 1905); *Idem das Sociedades de Geographia de Paris*, de Bordeaux, do Havre, de Genebra, de La Paz (Bolivia), de New York e de Washinghton (1905).

Pelo Museu do Mexico: El Mexico Desconocido, com gravuras, 2 vols., por Carl Lumholtz.

Pela Oficina Nacional da Bolivia: Censo da população da Bolivia, vol. 2.°.

Pelo Dr. Director da Bibliotheca Nacional (Rio): Conferencia Internacional sobre a tuberculose; 9 pacotes

de publicações procedentes do estrangeiro; Annaes da Bibliotheca, vol. 26, 1904.

Pela Sociedade Nacional de Agricultura (Rio): A Lavoura, anno 8.° 1904 e 1905; O Assucar e o alcool na Bahia, pelo Engenheiro Miguel Calmon; A Lavoura, numero commemorativo da exposição de apparelhos a alcool.

Pela Secretaria da Viação e Agricultura (Bahia): Boletins (1904 e 1905); Monographias Agricolas (Dr. Carlos Travassos), vol. 2.°; O Brazil na Exposição de S. Luiz em 1904, 6 exemplares; Regulamento para as florestas do Estado; Breve Noticia do Estado da Bahia.

Pelo Dr. Director do Archivo Publico Nacional: Publicações do Archivo, vol. 4.°, 1903; Catalago da bibliotheca do mesmo Archivo.

Pela Secretaria do Tribunal de Appellação da Bahia: Relatorio dos trabalhos e Arestos do Tribunal, apresentado em sessão de 7 de Fevereiro de 1905.

Pelo Dr. Presidente do Tribunal de Conflictos da Bahia: Relatorio apresentado ao Governador do Estado em Fevereiro de 1904.

Pela Secretaria da Camara dos Deputados da Bahia: Mensagens á Assembléa Geral pelo Dr. José Marcellino de Souza, em 1905.

Pela Secretaria do Governo do Estado de Matto-Grosso: Vias de communicação de Matto-Grosso.

Pela Inspectoria Geral de Hygiene da Bahia: Annuario de Estatistica Sanitaria da cidade da Bahia, em 1904.

Pela Directoria da Associação Commercial da Bahia: Relatorio da Directoria em 1905.

Pelo Dr. Director da Bibliotheca Nacional (Rio):

Medalha commemorativa do lançamento da pedra fundamental da bibliotheca-15-8-1905.

Pela Bibliotheca do «Centro Academico Onze de Agosto»: Conferencia sobre o Jury, pelo Dr. Raphael da Silva.

Pelo socio General Dr. Dionisio E. de Castro Cerqueira: Historia de San Martin, por Bartholomeu Mitre, 4 vols.; Historia de Belgrano; e da Independencia Argentina, por Mariano Pelliza, 5 vols.; Ensaio Historico da Defesa de Buenos-Ayres, por Bustamante; Historia Argentina, por Luiz Domingues, 1870; Documentos relativos á Independencia Argentina, vols. 1.° e 4.°

Pelo socio Dr. Manoel Luiz do Rego: Historia da America, de Rocha Pombo; Lutas com os Hollandezes no Brazil, pelo Barão de Porto Seguro.

Pelo socio Dr. Felix Gaspar: Commissão do Madeira (Pará e Amazonas), pelo Conego Francisco Bernardino (1874-75).

Pelo socio Dr. Vicente Ferrer de Barros W. e Araujo: A Cultura Academica (Recife), vol. 2.°, 1905; Seitas Protestantes em Pernambuco, 1905.

Pelo socio Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires: A Mineração-Riquezas mineraes, memoria pelo offertante em S. Luiz, 1904.

Pelo Cons. Dr. Cincinato Pinto da Silva: Indice alphabetico das leis da provincia da Bahia, pelo padre Rocha Vianna; Apontamentos para o Direito Internacional, por Antonio Pereira Pinto, 2 vols.; Compilação das Leis de Sergipe (1835 a 1880) por Candido Franco, 2 vols.; Relatorio apresentado á Faculdade de Medicina da Bahia, pelo Dr. Virgilio Damasio; Colonisação do Brazil, relatorio, pelo Cons. João C. de Menezes Souza; Etude sur la representation proportionelle au Bresil,

par le Baron d'Ourem; Relatorio de W. Milnor Roberts sobre o rio de S. Francisco; Reforma do Ensino primario, parecer do Dr. Ruy Barbosa.

Pelo socio Dr. Manoel Barata: A Jornada de Francisco Caldeira Castello Branco, Fundação da cidade de Belém; Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelo Dr. J. B. de Lacerda.

Pelo socio Dez. Thomaz Montenegro: Questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina, pelo Cons. Costa Barradas, vol. 2.°.

Pelo socio contra-almirante Antonio Alves Camara: Catalago da bibliotheca da Marinha, organisado segundo o systema decimal pelo Capitão-tenente Santos Porto; Exposição dirigida ao Presidente da Republica do Brazil por José Daniel Colaço (Tanger, 1898).

Pelo Sr. Rodolpho Theophilo: Variola e Vaccinação no Ceará, pelo offertante.

Pelo socio Philéas Lebesgue: Le Portugal litteraire d'aujourd'hui; Histoire d'un Mort; Les Folles verveines.

Pelo socio João Perdigão de Oliveira: Almanak do Ceará para 1905; Catalogo dos jornaes e revistas do Ceará de 1824 a 1904.

Pela «Secretaria do Lyceu de Artes e Officios da Bahia»: Relatorio do Lyceu de 1903 a 1904.

Pelo socio Dr. J. Ignacio Tosta: Conferencia Assucareira do Recife, 1 vol.; Discursos proferidos nas sessões de inauguração e encerramento da Conferencia; e Relatorio sobre o Banco de Credito da Lavoura, da Bahia, pelo offertante.

Pelo socio Tenente-coronel Raymundo C. Alves da Cunha: Experimento de cura da malaria com o esanopheles na Amazonia, pelo Dr. Romulo Peretti; Chronica de Igarapé-Miry, pelo Tenente-coronel Agostinho M. de

Oliveira; O Brazil na Exposição de S. Luiz, em 1904; Boletim Mensal de Estatistica da cidade de Belém, anno 1.º, ns. 1 a 9, 1905; Os Mosquitos do Pará, Memorias do Museu, 1905.

Pela Smithsonian Institution de Washinghton: Memoria da Secção Oriental e Americana da Sociedade de Ethnographia de Paris; Boletins das Sociedades de Geographia de Neuchatel, de Anvers, de Bruxellas e de Marselha; Annual Report da Smithsonian em 1902 e 1903, e do Museu Nacional de 1901 e 1902.

Pelo socio major Rogociano Teixeira: Collecção dos Diarios Officiaes dos mezes de Janeiro a Abril de 1905; O Brazil Actual, Algumas Paginas, O Problema Naval, Do Rio a Buenos Ayres, trabalhos de Arthur Dias; O Brazil e o Mundo; A Questão da vaccina pelo Dr. Baqueira Leal; A Dictadura Republicana e o Positivismo, por Teixeira Mendes; A bandeira nacional, idem; A questão da bandeira, por Miguel Lemos.

Pelo socio D. Clemente Barahona Vega: Corona funebre del Doctor Adolpho Murillo; El Brasil en la exposicion internacional de Mineria e Metalurgia (1894-1895); Acayaca (romance del Brasil) version castelhana; Los cantos del sabiá; Breves anotaciones sobre el Brasil; Trovas e modinhas brazileiras, e outros trabalhos do offertante.

Pelo Dr. Nelson de Senna: Contos Sertanejos; A Edade de Pedra no Brazil, pelo offertante.

Pelo Dr. João Baptista de Castro Rodrigues (Rio): Sua these sobre a tentativa.

Pelo socio General Dr. Paula Guimarães: As Minas do Brazil, pelo Dr. Calogeras, 3 vols.

Pelo socio J. J. Biedma: Chronica Historica del Rio Negro de Patagones (1774-1834), pelo offertante.

Pelo socio Barão de Studart: Documentos para a historia de Martim Soares Moreno, colligidos e publicados pelo offertante; Duas Memorias do Jesuita Manoel Pinheiro, pelo offertante.

Pelo Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, prefeito do Alto Juruá: Primeiro relatorio apresentado ao Ministro da Justiça em 1905.

Pelo Dr. José Cardozo da Cunha: Memorial do Promotor Publico; Manual dos Juizes Preparadores do Estado da Bahia.

Pelo Sr. Gabriel Vianna: Dois livros contendo retalhos de jornaes inglezes e annuncios sobre a revolta da armada em 1893 contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

Pelo major Dr. Barbosa Nunes: Fragmentos historicos da Republica Brazileira, pelo offertante.

Pelo Dr. A. Santos Lucas: Quelques mots sur les mathematiques en Portugal.

Pelo socio Alfredo Ferreira Rodrigues: Almanak Litterario do Rio Grande do Sul para 1906.

Pelo Sr. Joaquim Nabuco Linhares (Bello Horisonte): Mudança da Capital-Apontamentos Historicos, pelo offertante.

Pelo Sr. Ferreira da Hora: O Commentario (revista) 3.ª serie, 1905.

Pela Secretaria da Faculdade de Direito do Recife: Revista Academica da Faculdade, anno XII, 1905.

Pelo Sr. Antonio Vianna: Cintra Pinturesca, ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, 1 vol.

Pelo Dr. J. F. de Assis Baptista: Cultura dos Campos.

Pelo General Raymundo Tello Mendoza (Caracas): Glorias á la Patria (1904); Ligeiros Rasgos del Gene-

ral Juan Vicente Gomez; Comentarios a los Mensages del General Cipriano Castro; La isla de Patos; Viaje e Documentos del General Cipriano Castro, 5 vols.; Intimidades, 2 vols.; Venezuela ante el conflicto con las potencias aliadas, 2 vols.; Invasiones de Colombia e Venezuela, em 1901 a 1903; e outros trabalhos.

Pelo Engenheiro Francisco Gomes de Oliveira: O grande attlas commercial do mundo, 1 vol. encad.

Pelo socio Comm. Horacio Urpia: Mappa da America do Sul, publicado em 1825 por Spix e Martius.

Pelo socio Barão de S. Francisco: Historia da Fundação do imperio Brazileiro, pelo Cons. João M. Pereira da Silva, 6 vols.

Pelo socio Cons. Filinto Bastos: *A União* (Rio de Janeiro), uma assignatura desde o 1.° numero (1905); e revistas da sociedade Elleno-Latina, de Roma.

Pelo professor José Cyrino dos Santos: uma grande pelle de onça.

Pelo academico Terentillo de Britto, em nome de seu pae, o coronel Febronio de Britto: um arco, 2 flechas, e um pequeno banco de madeira, pertencentes á uma tribu das margens do rio *Trombetas* (Amazonas).

Pelo socio Dr. Isaias Santos: 3 moedas de nickel e 2 cedulas paraguayas.

Pelo socio Dr. Eduardo de Caldas Brito: 2 medalhas commemorativas da exposição de apparelhos a alcool em 1903 na cidade do Rio de Janeiro.

Pelo socio Cons. João Torres: Assignatura do *O Malho* de 1905, 48 fasc.; Almanak Garnier (Rio) para 1906, anno IV; Almanak de Pernambuco para 1906; Almanak d'*O Malho* para 1906; Almanak Luso Brasileiro para 1906.

SUMMARIO DO N. 31

	PAGS.
O Repentista Moniz Barretto—pelo socio Damasceno Vieira.	3
Discurso do Presidente do Instituto—Cons. Antonio Carneiro da Rocha.	27
Discurso do Orador do Instituto—Cons. Filinto Bastos . .	35
Relatorio do 1.° Secretario do Instituto—Cons. João N. Torres.	49
Bahia—Espirito Santo, Memoria pelo Dr. Braz do Amaral.	59
Os Artistas Bahianos—pelo socio Manoel R. Querino. . .	93
Memoria historica e descriptiva do municipio de S. João do Paraguassú—pelo socio Gonçalo de Athayde Pereira.	117
Os primeiros descobrimentos de diamantes no Estado da Bahia—pelo socio Orvile A. Derby.	143
D. João VI—(transcripção do *Paiz* de 15 de Julho de 1906).	153
O primeiro barco de vapor no Brazil—pelo Cons. J. Torres.	163
Benemeritos da Agricultura, Industria e Commercio da Bahia pelo socio—Dr. Antonio Calmon	167
Actas das sessões em 1905	183
Offertas em 1905	200

MESA ADMINISTRACTIVA EM 1905

Presidente—Cons. Antonio Carneiro da Rocha.
1.º Secretario—Cons. João N. Torres.
2.º Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos.
Orador—Dr. Braz do Amaral.
Thesoureiro—Capitão Francisco G. Ferreira Braga.

REDACÇÃO DA REVISTA

Cons. João Nepomuceno Torres.
Professor Francisco Torquato Bahia.
Monsenhor Manfredo Alves de Lima.

Toda a correspondencia relativa á *Revista* bem como a remessa de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do «Instituto», á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus).

11 4.37 15